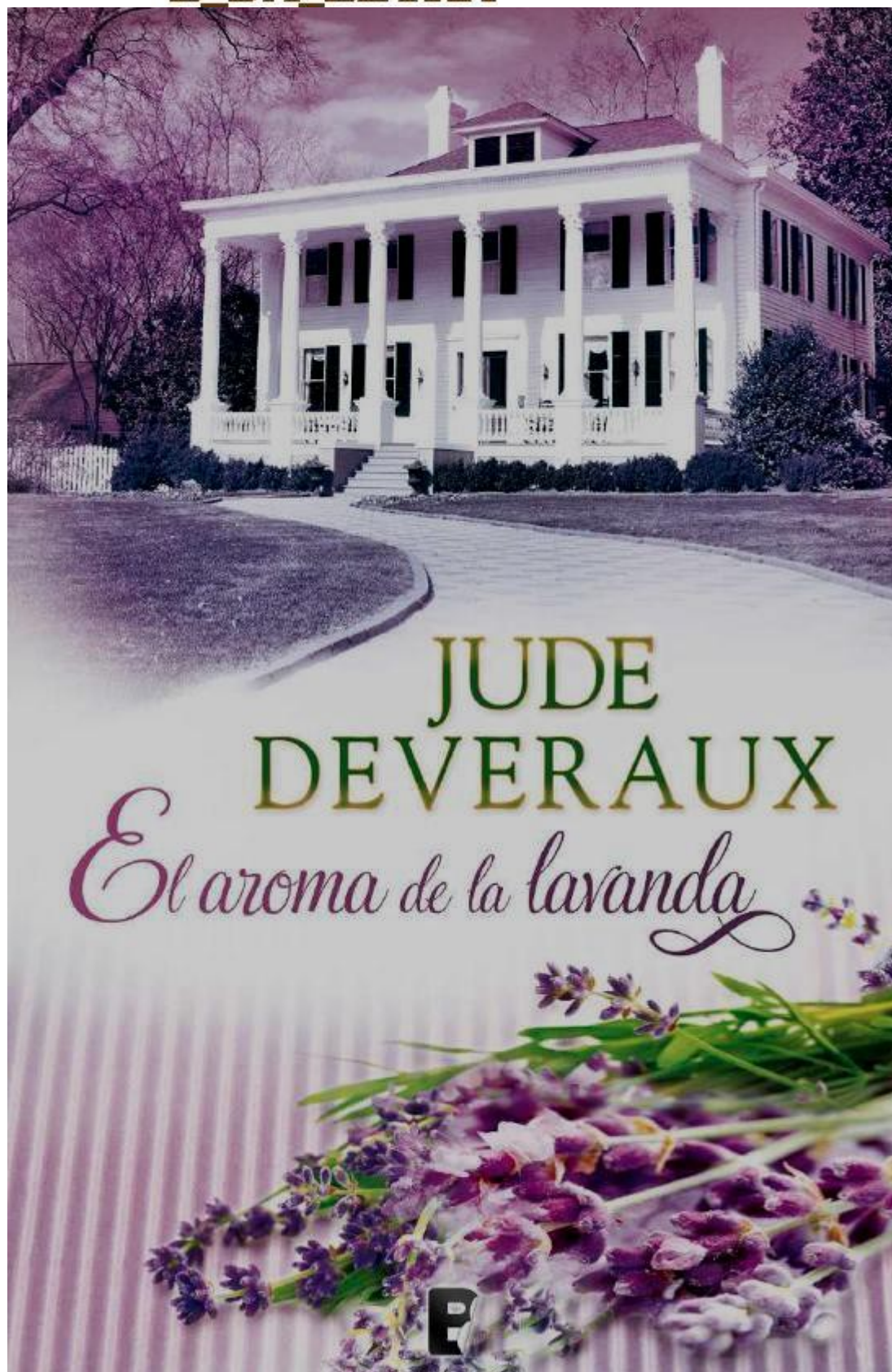




É DA LETRA



JUDE
DEVERAUX

El aroma de la lavanda

P



O AROMA DE LAVANDA

JUDE DEVERAUX

Tradução da Paula Vicens

O AROMA DE LAVANDA

JUDE DEVERAUX

Tradução da Paula Vicens

SINOPSE

Jocelyn Minton é uma mulher dividida entre dois mundos. Sua mãe cresceu em um mundo de escolas particulares e chás da tarde, mas ela se casou com um faz-tudo local. Depois que sua mãe morre, quando Joce tinha cinco anos, seu pai torna-se a casar com alguém de sua classe social e Joce torna-se uma estranha de repente ... até que ela conhece a senhorita Edi, 60 anos mais velha que ela, mas uma alma gêmea.

Após a morte de Miss Edi, Jocelyn herda todos os seus bens materiais, que incluem pistas para um mistério que remonta a 1941, e ela vai para morar em um lugar, localizado em uma pequena cidade da Virgínia, lugar que Joce nunca tinha ouvido falar. Mas, por causa do passado notório de sua benfeitora, os moradores sabem sobre Joce, e planejam seu futuro, incluindo com quem vai se casar. Mas Jocelyn tem suas próprias idéias sobre os homens e segredos que ninguém quer saber.

Prólogo

—Helen? —perguntou quem estava ao outro extremo da linha Telefônica—. Helen Aldredge?

Se o tivessem perguntado, Helen haveria dito que fazia tanto tempo que não ouvia o Edilean Harcourt que não tinha reconhecido sua voz. Mas a tinha reconhecido. Tinha ouvido aquela elegante e régia entonação em contadas ocasiões, todas elas relevantes entretanto. Dado quem a chamava, Helen não particularizou que seu nome de casada era Connor.

—Senhorita Edi? É você?

—Que boa memória!

Helen visualizou à mulher tal como a recordava: alta, magra, erguida, com o cabelo escuro impecavelmente penteado. Ia sempre vestida com objetos da melhor qualidade, de uso atemporal. Devia andar perto dos noventa já, a idade do pai da Helen, David.

—Tenho uma boa ascendência —disse, e imediatamente desejou haver-se mordido a língua. Seu pai e a senhorita Edi tinham estado prometidos, mas quando Edilean retornou da Segunda guerra mundial, seu querido David estava casado com a mãe da Helen, Mary Alice Welsch. O trauma tinha sido tal que tinha deixado a velha casona que tinha pertencido à família durante gerações ao folgado de seu irmão, partiu-se da cidade que levava o nome de sua antepassada e nunca se casou. Inclusive na atualidade, alguns dos mais velhos habitantes do Edilean se referiam a Grande Tragédia e seguiam vendo com maus olhos à mãe da Helen. O que David e Mary Alice faziam tinha suposto o fim da linha direta da família Harcourt, a família fundadora. Posto que Edilean, Virginia, estava tão perto da Williamsburg colonial, a perda de descendentes diretos de pessoas que se acotovelaram com o George Washington e Thomas Jefferson tinha sido para eles um tremendo golpe.

—Sim, a tem —disse a senhorita Edi sem duvidá-lo um instante—. De fato, tão convencida estou de suas capacidades que me decidi a te pedir ajuda.

—Ajuda? —perguntou-lhe Helen com cautela. Toda sua vida tinha ouvido a respeito das disputas e a raiva geradas pelo acontecido em tempos de seu pai. Supostamente não teria que haver-se informado, porque sempre se comentava em sussurros, mas Helen era curiosa por natureza. sentava-se em um extremo do alpendre, jogava às bonecas e escutava.

—Sim, querida. Ajuda —disse a senhorita Edi com uma condescendência que fez que lhe subissem as cores—. Não vou pedir te que asse uma centena de bolachas para a venda da igreja, assim tire-lhe o da cabeça.

—Eu não... —começou a defender-se Helen, mas se calou. Estava junto à pia da cozinha e via seu marido, James, trabalhando em excesso com o novo manjedoura para os pássaros. «Alguém teria que declarar ilegal a aposentadoria dos homens», pensou por milésima vez. James ficaria furioso por culpa do manjedoura, não cabia dúvida, e seria ela quem teria que suportar sua diatribe. Quando antes se

ocupava de centenas de empregados de vários estados, agora não tinha mais que a sua mulher e um filho maior a quem dar ordens. Em mais de uma ocasião Helen tinha ido procurar ao Luke ali onde estivesse para lhe pedir que passasse uma tarde com ele. Ao Luke o fazia graça e a mandava a fritar aspargos.

—Está bem —disse—. No que posso te ajudar?

Dava igual a não tivesse falado com aquela mulher desde fazia, quanto? Vinte anos?

—Hão-me dito que fica menos de um ano de vida Y... —interrompeu-se para ouvir a exclamação da Helen—. Por favor, não me compadeça. Ninguém quis nunca tanto deixar este mundo como eu. vivi muito. Mas ao me inteirar de que ficava um ano me pus a pensar no que ainda me falta por fazer nesta vida.

Helen sorriu para ouvir aquilo. Talvez a senhorita Edi já não vivesse na cidade que levava o nome de seu tataro-o-que-fora avó, mas tinha deixado rastro ali. Se a cidade seguia existindo, era graças a ela.

—Fez muitíssimo pelo Edilean. Há...

—Sim, querida, sei que paguei algumas costure e redigido cartas e armada animação quando queriam nos tirar nossos lares. Fiz todo isso, mas foi fácil. Solo tive que pôr dinheiro e fazer ruído. O que não tenho feito ainda é corrigir algumas equívocos que cometi quando era jovem.

Helen esteve a ponto de gemer. «Aí vai», pensou. A grande historia a respeito de como sua mãe, Mary Alice, tinha-lhe roubado o noivo à senhorita Edi ao final da Segunda guerra mundial. Pobre Edi, maldita Mary Alice. O mesmo outra vez.

—Sim, sei...

—Não, não —disse a senhorita Edi, interrompendo-a novamente—. Não estou falando do que seus pais fizeram quando os dinossauros vagavam pela Terra. Isso é água passada. Falo de agora, do presente. O que então aconteceu trocou o presente.

Com o cenho franzido, Helen deixou de olhar como seu marido a empreendia a patadas com o manjedoura porque não conseguia que se mantivera em pé.

—Refere-te a que, se meu pai se casou contigo, umas quantas vistas seriam distintas —aventurou pausadamente.

—Talvez —disse Edi, mas parecia divertida—. O que sabe aproxima de 14 de novembro de 1941?

—Justo antes do ataque ao Pearl Harbor? —inquiriu Helen com cautela.

—Deduzo que apesar de sua afeição a escutar as conversações alheias quando foi menina não o ouviu tudo, verdade?

Helen soltou uma gargalhada a seu pesar.

—Não, não o ouvi tudo. Edi, por favor, quer me dizer de uma vez do que vai tudo isto? Meu marido está a ponto de entrar em casa para almoçar, assim tenho pouco tempo.

—Quero que venha aqui, a Florida, a ver-me. Parece-te que suportará estar longe de seu marido tanto tempo?

—Está aposentado. Poderia me mudar a viver contigo.

A senhorita Edi soltou uma risita seca.

—De acordo. Mas não diga a ninguém aonde vai nem a quem verá. Tenho algumas costureiras das que devo falar contigo e temos que encontrar a maneira de que faça o que deve fazer. Eu correrei com todos os gastos, é óbvio... a menos que não esteja interessada, claro.

—Uma viagem grátis? me inteirar de segredos? Estou mais que interessada. Como nos organizamos?

—Enviarei toda a informação sobre a viagem a minha casa e pode recolhê-la ali. Como está esse bonito teu filho?

Helen duvidou. Devia lhe dar a resposta que dava a todo mundo? Quase ninguém sabia pelo que tinha passado realmente Luke durante os últimos anos, mas Helen deduziu que, de algum modo, Edi sabia.

—Vai recuperando pouco a pouco. esconde-se nos jardins próximos à cidade e cava. Não quer falar com ninguém de seus problemas, nem sequer comigo.

—E se lhe troco a vida?

—Para bem ou para mau? —perguntou-lhe Helen, mas tinha toda sua atenção. Seu único filho sofria e ela não sabia como lhe ajudar.

—Para bem. Bom, será melhor que lhe dê de almoçar a seu marido. Não o esqueça: não lhe fale com ninguém de mim. As passagens chegarão amanhã às dez, assim recolhe-os e logo me chame. Quando chegar aqui haverá alguém te esperando no aeroporto.

—De acordo. —A porta traseira se abria.

—Maldita porcaria! —ouviu que resmungava James—. Deveria escrever ao fiscal geral a respeito desse traste inútil.

Helen pôs os olhos em branco.

—Isso farei —sussurrou—. Tenho que te deixar.

A senhorita Edi pendurou. Estava sentada ao lado do telefone e ficou olhando-o um momento. Logo se serve de suas duas fortificações para incorporar-se. As pernas lhe doíam tanto esse dia que tivesse querido deitar-se e não voltar a levantar-se jamais. aproximou-se coxeando a grande caixa que havia em cima da banquetta do piano e pensou nas fotos que continha e nas coisas que tinham passado a todos fazia tanto tempo.

Tirou um livro verde magro: seu anuário do último ano de instituto. O curso de 1937. Não o fazia falta abri-lo porque sabia de cor e se alegrava de não ter

estado no Edilean, Virginia, durante os últimos anos. Sentia falta do lugar, sentia falta das árvores e a mudança das estações, mas não lhe teria gostado de ver envelhecer a seus amigos, nem ver seus nomes em uma lápide. Quem houvesse dito que os últimos sobreviventes foram ser ela e David e Mary Alice? E Pru... mas ela não contava. Quase todos outros tinham morrido, alguns recentemente, outros fazia muito. A pobre Sara tinha morrido em... Edi não recordava a data mas sabia que tinha sido fazia uma eternidade.

Deixou o livro e olhou a cajita em que estavam as fotos de todos eles, mas não a abriu. Esse dia se sentia pior do habitual e estava segura de que o médico se equivocava: não ficava nem um ano; embora se alegrava disso, porque a dor de suas velhas pernas cheias de cicatrizes ia de mal em pior. Os dias em que conseguia levantar-se da cama, era com muita dificuldade e, se não o conseguia, pedia a seu alegre enfermeira o ordenador portátil e se passava todo o dia conectada a Internet. Que coisa tão magnífica! Graças a Internet podia encontrar muitíssimas coisas.

Inclusive tinha procurado à família do David e se inteirou de que seu irmão maior tinha sobrevivido à guerra. Tinha vivido o bastante para ter um negócio bem-sucedido. Várias vezes tinha estado a ponto de chamar à família, mas a dor que sabia que sentiria a tinha detido. Além disso, duvidava que tivessem ouvido falar dela. David tinha morrido semanas depois de conhecer-se.

Enquanto Edi ia para a cozinha, pensou no Jocelyn. como sempre, o simples feito de pensar na jovem lhe aliviou a dor e lhe relaxou a mente.

Tinha sido Alexander McDowell, o homem cuja vida estava na medula de todos os segredos e as penas, quem tinha posto ao Edi em contato com a moça.

—Seus avós, os Scovill, eram íntimos amigos meus —lhe havia dito com sua voz rouca atrás de toda uma vida de fumante—. Mandaram a sua formosa filha, Claire, às melhores escola. Em sua festa de posta de comprimento lhe fizeram onze proposições de matrimônio. Entretanto, não se casou até os trinta e três, e escolheu para fazê-lo ao encarregado de manutenção do clube de campo.

A senhorita Edi tinha passado por muito em sua vida para ser uma esnobe.

—Que classe de pessoa era?

—Bom para ela. Folgazão, logo que sabia ler e escrever, mas bom para ela. Tiveram uma filha, Jocelyn, e poucos anos depois a formosa Claire morreu.

Talvez tinha sido pelo nome, Claire, ou possivelmente porque naquela época Edi estava em uma encruzilhada vital. Tinha passado sua vida trabalhista viajando com o doutor Brenner, cuja fortuna familiar lhe permitia trabalhar sem cobrar, assim viajava pelo mundo emprestando ajuda aí onde fazia falta. dizia-se que se uma bomba tivesse cansado, o doutor Brenner teria reservado um vôo antes de que explorasse. A verdade era que Edi era quem se ocupava das reservas, e que

sempre ia com o médico. Assim, quando ele se aposentou, ela também. Devia voltar para o Edilean para viver naquela casona com seu irmão, que a aborrecia mortalmente? Convinha-lhe viver tranqüilamente de sua pensão e suas economias e escrever, talvez, suas memórias? Outra perspectiva aborrecida.

Quando Alex McDowell, um homem ao que conhecia desde que ambos eram uns pirralhos, ofereceu-lhe o trabalho de administrar sua fundação e ocupar-se da neta de seus amigos, Edi aceitou.

—Não sei como é a menina —lhe havia dito Alex nnaquele tempo—. naquele tempo—. Pode que tenha as luzes de seu pai, por isso eu sei. Da morte de sua mãe vivia com os avós. À morte destes, Jocelyn, que assim se chama a garota, ficou sob a custódia de seu pai.

—Não lhe terá feito mal, verdade? —tinha perguntado imediatamente a senhorita Edi.

—Não. contratei a alguns investigadores privados e não me apresentaram nenhum relatório no que se diga nada parecido, mas seu pai tornou A...

—Voltado para que? —tinha-lhe perguntado Edi bruscamente.

Alex se tinha rido.

—É pior do que imagina. tornou-se a casar com uma mulher que tem duas filhas, as gema idênticas, e vão de moto todas.

A senhorita Edi fechou um instante os olhos pensando naquele nome... Claire... e nas motos.

—... Boca Camundongo —dizia Alex.

—Perdoa, mas não te estava escutando...

—Tenho uma casa na mesma urbanização em que vive a pequena Jocelyn com seu pai e as Astras, como as chama ela. Um de meus detetives falou com ela.

—Falou com um desconhecido? —espetou-lhe Edi.

De novo Alex se Rio.

—Não trocaste nada, verdade? Asseguro-te que não estavam a sós. Estavam na carreira da NASCAR.

—Onde?

—Me acredite: você não gostaria. Edi, o que te perguntava é se te importaria viver em Boca Camundongo. Viveria a três casas da filha do Claire e trabalharia para mim velando por ela.

Se tivesse sido qualquer outra pessoa, Edi teria reprimido seu entusiasmo. Mas Alex era um velho amigo de confiança.

—eu adoraria —lhe havia dito—. Realmente estaria encantada.

—Acredito que o clima quente da Florida será bom para suas pernas.

—Não ter que retornar ao Edilean para que me compadeçam por ser uma solteirona será o que melhor vai sentar a minhas pernas.

—Você, uma solteirona? Sempre te verei como uma garota de vinte e três, a mulher mais formosa de...

—Te cale ou dedurarei ao Lissie.

—Quer-te tanto como eu —havia dito ele precipitadamente—. Assim me dê sua direção e te mandarei todo o necessário.

—Obrigado. Muitíssimas obrigado.

—Não. Graças a ti. Desde não ser por ti...

—Sei. Dá um beijo a todos de minha parte.

Tinha pendurado o telefone, sorrindo de orelha a orelha. Acreditava firmemente nas portas que se fecham e se abrem. A porta com o doutor Brenner se fechou e se haveria uma nova.

Já fazia muitos anos disso. Agora Jocelyn Minton era a luz da vida da senhorita Edi: a filha que não tinha tido; o coração do lar que não tinha forjado.

Sempre que a jovem conseguia escapar da pequena universidade em que trabalhava como uma mula por um salário irrisório, subia ao carro e partia a casa. Depois da visita de rigor a seu pai e a sua madrasta, ia direta a casa do Edi. As duas se abraçavam, verdadeiramente contentes de ver-se. Jocelyn era a única pessoa que não se sentia intimidada pelo aspecto severo do Edi. De pequena a abraçava igual. Chamava-a «minha salvadora». «Sem ti não sei como teria sobrevivido a minha infância», estava acostumado a dizer.

Edi sabia que aquilo era um exagero. Ao fim e ao cabo, a gente não morre por falta de livros. De fato ninguém morre por estar apanhado em uma casa com um pai, uma madrasta e duas meio-irmãs que consideram os rallies de caminhões o mais delicioso do mundo... embora haja mais de um tipo de morte.

O certo era que seu encontro tinha sido o melhor que podia haver acontecido a ambas. Edi só levava quatro meses vivendo na preciosa casa que Alex tinha comprado quando viu pela primeira vez à menina com sua família. A casa do Jocelyn tinha pertencido a seus avós e, ao morrer sua mãe, ela a tinha herdado. Não era difícil chegar à conclusão de que o dinheiro o tinham gasto rapidamente.

A senhorita Edi viu os pais, vestidos de couro, e às muito altas as gema embelezadas com apenas o justo para que não fora ilegal. Detrás ia Jocelyn, atrás. Pelo comum levava um livro e o cabelo loiro sobre a cara, mas aquela primeira vez Edi pôde lhe jogar uma boa olhada e apreciar a inteligência de seus olhos muito azuis. A menina não era tão bonita como tinha sido sua mãe, da que tinha visto fotos, mas tinha algo que a atraía: talvez o queixo quadrado com uma muito leve covinha recordou a outra pessoa com o queixo quadrado a que tinha querido com toda sua alma tempo atrás; possivelmente foi o modo em que a menina parecia ser consciente de que era diferente daqueles com quem convivia.

Ao princípio a senhorita Edi se fez a encontradiza em duas ocasiões para falar com a garota: a primeira na biblioteca, onde se passaram meia hora comentando a saga da Narnia e se apresentaram quando já se foram; na segunda, Edi passou dando um passeio por diante de casa da menina, que estava fora dando voltas em bicicleta.

—Quando era menina jogávamos a rayuela —disse.

—Que jogo é esse?

—Se tiver um giz lhe ensino isso.

Edi esperou enquanto Jocelyn entrava em procurar um giz. naquela época ao Edi bastava com um fortificação para caminhar, mas todos aqueles anos de pé enquanto se ocupada do doutor Brenner e sua equipe lhe tinham prejudicado a musculatura das pernas e sabia que não demoraria muito em ver-se obrigada a usar duas fortificações, logo andarilho, logo... Não gostava de pensar naquilo.

Notou que alguém a observava e, ao dá-la volta, viu o pai do Jocelyn. Levava uma chupeta de couro dessas que alguns homens de sua geração estavam acostumada usar. Por isso parecia ia cheio de tatuagens e não se barbeava desde fazia dias. Trabalhava em uma moto e não parava de lhe dar ao acelerador para que fizesse mais ruído. Se os vizinhos tinham deixado de queixar-se não era porque fora um dos proprietários da urbanização; de não ter sido mais que isso, o teriam jogado. Mas Gary Minton era o encarregado de manutenção e quem ia em plena noite quando um váter se entupia e a água alagava o banho. Também era quem tirava um pirralho do fundo da piscina ou subia a uma árvore para baixar a algum menino aterrorizado, em comparação com o qual o ruído de umas quantas motos não tinha nenhuma importância. Mas olhava ao Edi como se avaliasse a conveniência de que sua filha estivesse com ela. Edi se deu a volta: melhor teria feito em perguntar-se se à menina convinha estar com ele.

Jocelyn não demorou nada em retornar com o giz e Edi lhe ensinou a riscar o desenho da rayuela no meio-fio de cimento, a lançar a pedra e a ir à pata agarre. O jogo adorou.

Ao cabo de uns quantos dias, Edi abriu a porta de casa e se encontrou a pobre pequena esquelética e mau vestida sentada nos degraus dianteiros, chorando. Não sentiu saudades.

—Sinto-o —disse a pequena, e se levantou de um salto—. Não queria... —Parecia não saber o que dizer.

Edi viu a esquina de uma mala de plástico debaixo de um arbusto de hibisco e supôs que a menina queria escapar de casa.

Esse dia Edi a reteve a propósito em sua casa quase três horas. Falaram de livros e do projeto de ciências para a escola. A intenção do Edi era lhe dar uma lição ao pai: queria que se preocupasse. Deveria ter emprestado mais atenção e sabido onde andava sua filha.

Enquanto Edi acompanhava a casa ao Jocelyn, ia pensando em que, quando os angustiados pais abrissem aliviados a porta, entregaria-lhes um bem prezado. Entretanto, para seu assombro, o pai e a madrastra nem sequer se precaveram da ausência da pequena. Pior ainda: quando lhes contou o acontecido, não se preocuparam nem lhes surpreendeu. Jocelyn fazia o que queria e eles não tinham nem idéia do que era.

Essa noite Edi chamou o Alex para lhe contar que a situação da menina era pior do que ele acreditava.

—É tremendamente inteligente e adora aprender. Teria que lhe haver visto a cara quando lhe pus música do Vivaldi. É como ter ao Shakespeare vivendo com os parvos do povo. Falei-te dessas duas repugnantes meio-irmãs que tem?

—Sim, mas conta-me o outra vez —lhe disse Alex.

O fim de semana seguinte, como Edi esperava que acontecesse, a menina passou pela rua tentando aparentar que o fazia casualmente. Pediu-lhe que entrasse e logo chamou a seu pai e lhe perguntou se podia ajudá-la em um projeto que se trazia entre mãos. Que não lhe perguntasse de que projeto se tratava nem sobre a duração do mesmo deveu confirmar a má impressão que lhe tinha causado de entrada.

—Sim —disse o pai por telefone—. ouvi falar de você e sei onde vive. Claro, Joce pode ficar em sua casa. Se tiver você um montão de livros estará encantada. É igualita que sua mãe.

—Então, pode ficar toda a tarde? —perguntou-lhe Edi, mais seca do habitual inclusive. Tentava dissimular o desagrado crescente que lhe causava o homem.

—Claro. Que fique. Iremos ao rally, assim voltaremos tarde. Né! Pode passar aí a noite, fique a Arrumado a que isso adorará.

—Possivelmente o faça. —Pendurou.

Jocelyn ficou essa noite. De fato, desfrutaram tanto de estar juntas que a menina não partiu até no domingo seguinte pela tarde. Quando se ia se voltou, correu para o Edi e a abraçou pela cintura.

—É a pessoa mais amável, mais preparada e mais maravilhosa que conheci jamais!

Edi, que tinha tentado manter-se a distância, não pôde evitar lhe devolver o abraço.

A partir de então Jocelyn tinha passado os fins de semana e quase todos os dias festivos em casa do Edi. Eram duas pessoas sós que se necessitavam e que estavam muito contentes de haver-se encontrado. Faziam vida juntas; saíam os sábados, foram à igreja os domingos e passavam o momento sentadas em silêncio no jardim.

Quanto ao pai, a quem Edi tinha julgado de entrada como descuidado, descobriu que queria a sua filha tanto como tinha querido à mãe e que solo desejava que Jocelyn fora feliz.

—Não posso lhe dar o que lhe teria dado sua mãe de ter vivido —lhe contou—, mas ao melhor você sim. Joce pode ir a sua casa sempre que quiser e, se necessitar você algo, diga-me isso Jogou uma olhada a sua mulher e às gêmeas que lhe esperavam no carro—. Elas são como eu e nos levamos bem, mas Joce é... distinta.

Edi sabia o que era sentir-se diferente, e Jocelyn estava tão desconjurado em sua casa como ela o tinha estado algumas vezes ao longo de sua vida.

Os anos com o Jocelyn tinham sido os mais felizes de sua existência. Tinha sido maravilhoso ensinar a uma jovem mente e lhe mostrar o mundo. Quando a família foi ao Disney World, Edi se levou ao Jocelyn a Nova Iorque, à ópera. Enquanto que suas irmãs vestiam calças curtas minúsculas para ensinar aquelas pernas tão largas, Jocelyn ficava o colar de pérolas de duas vias do Edi.

O verão que Joce cumpriu dezesseis, ela e Edi visitaram juntas Londres, Paris e Roma. A viagem foi duro para o Edi, porque entre as pernas e a idade ficava sem forças, mas Jocelyn se passou dias passeando por aquelas cidades e as fotografando. Pelas noites intercambiavam novas por velhas anedotas.

Em Londres, Edi mostrou ao Joce onde tinha conhecido ao David (sem lhe dizer o sobrenome), o homem ao que tinha amado e a quem tinha perdido.

—Solo houve um homem para mim e foi —lhe disse, olhando o edifício de mármore branco onde se conheceram.

Jocelyn já tinha escutado a história uma dúzia de vezes mas nunca se cansava de ouvi-la. «Um amor.» «Um amor para sempre.» «Um amor eterno.» Eram expressões que se repetiam uma e outra vez. «lhe espere dizia Edi—. Espera essa classe de amor», advertia-lhe, e Jocelyn estava de acordo com ela. Um amor verdadeiro.

Além disso do prazer de passar tempo juntas, à medida que se fazia maior, Jocelyn foi ajudando ao Edi com as obras benéficas que administrava. Investigava e às vezes inclusive viajava para as ver. Em três ocasiões descobriu fraudes e, a consequência disso, travou amizade com um par de homens da delegacia de polícia da polícia local.

O que Edi nunca lhe havia dito era que o dinheiro que lhe dava não era dele. Ocultava cuidadosamente que aquele dinheiro procedia do Alexander McDowell, do Edilean, Virginia. Em todos seus anos de amizade, nunca mencionou ao Alex nem essa cidade.

Quando Jocelyn começou a ir a uma pequena universidade próxima, Edi se sentiu perdida sem ela. Ao princípio, a garota estava tão ocupada com o trabalho

de fim de semana e tudo o que tinha que fazer para estar ao dia nos estudos que não podia sequer chamá-la por telefone. mandavam-se correios eletrônicos e chateaban com freqüência, porque Edi adorava as novas tecnologias, mas não era o mesmo.

Quando a jovem levava seis meses na universidade, a senhorita Edi começou a lhe pagar os estudos para que não tivesse que passar todo o tempo ali. Fez isso sem que soubessem o pai nem as «Astras», como chamavam as duas às loiras gêmeas. Edi não acreditava que seu pai tivesse nenhum inconveniente, mas não queria correr o risco. Sobre tudo, não queria arriscar-se a que as meio-irmãs lhe dessem uma facada; embora a gente estava acostumada dizer quão bonitas eram as garotas, ao Edi não o pareciam. apresentaram-se várias vezes em sua casa quando Jocelyn não estava e se dedicaram a olhá-lo tudo como tentando avaliar seu valor. Ao Edi caíam tão mal como bem lhe caía Jocelyn.

A garota obteve a licenciatura em literatura inglesa e conseguiu um trabalho a meia jornada em sua faculdade como professora anexa. Graças a um amigo da senhorita Edi conseguiu um emprego como autônoma que consistia em ajudar aos autores a investigar a respeito das biografias que escreviam. Joce era estupenda em ambos os trabalhos e gostava sobre tudo passar o dia na biblioteca entre um montão de expedientes antigos.

Quando Edi se deu conta de que a dor que notava no peito era devido a algo mais que à idade, começou a preocupar-se com o futuro da garota. Se morria e o deixava tudo à moça, como tinha intenção de fazer, não lhe cabia dúvida de que as Astras fariam todo o possível por tirar-lhe Edi quería dejarle a Jocelyn mucho más que sus bienes materiales. Quería legarle un futuro. No. Lo que quería realmente era dejarle una familia. La chica se había pasado casi toda la vida conviviendo con gente mayor: primero con sus abuelos, luego con ella. Edi había tenido en cuenta todo cuanto sabía acerca de Jocelyn y luego había pasado mucho tiempo y trabajado duro para saber lo que necesitaba que le diera.

Edi queria lhe deixar ao Jocelyn muito mais que seus bens materiais. Quería lhe legar um futuro. Não. O que queria realmente era lhe deixar uma família. A garota se passou quase toda a vida convivendo com gente maior: primeiro com seus avós, logo com ela. Edi tinha tido em conta tudo que sabia a respeito do Jocelyn e logo tinha passado muito tempo e trabalhado duro para saber o que necessitava que lhe desse.

Fechou a tampa do álbum e foi para a cozinha. O que lhe teria deixado para jantar a enfermerita? Certamente algum prato que incluía a palavra «taco». Sorriu quando ouviu a caminhonete da partilha noturna no caminho de entrada que ia recolher o pacote para a Helen.

Abriu a geladeira e pensou que o melhor de todo aquilo era que não estaria por aí quando Jocelyn se inteirasse de que lhe havia... Bom, não mentido

exatamente, mas sim que tinha omitido um montão de coisas a respeito de si mesmo. Como à garota gostava tanto lhe fazer perguntas sobre sua larga vida, havia-lhe flanco soslayar a verdade, embora o tinha conseguido.

Tirou a grande salada que lhe tinha deixado a enfermeira e a pôs na mesa. Jocelyn não se alegraria quando se inteirasse de certas coisas, mas tinha fé em que tentaria encontrar a resposta a tudo.

Sonriendo, pensou que seu plano de vida para o Jocelyn excluía a essas duas muito altas e muito fracas meio-irmãs que foram por aí virtualmente em couros. Que aquelas dois se feito «famosas», um término que Edi detestava, dizia muito sobre o mundo moderno.

Jocelyn não sabia que Edi estava à corrente, mas tinha renunciado a uma estupenda proposta para ocupar-se de sua anciã amiga e Edi queria recompensá-la por isso. O que desejava lhe entregar à garota era a verdade, mas não se limitaria a contar-lhe tudo, queria que investigasse, que ganhasse trabalhando, algo para o que tinha verdadeiro talento.

—E, por favor, me perdoe —sussurrou. Era seu desejo mais fervente: que a jovem lhe perdoasse o ter guardado tantos segretos durante tanto tempo—. Fiz uma promessa. Jurei-o —murmurou—, e o cumpri.

Começou a redigir mentalmente a carta que anexaria a seu testamento.

Capítulo 1

Jocelyn se jogou uma última olhada no espelho do hotel. «Já está —pensou—. chegou o momento.» O instinto lhe dizia que ficasse outra vez a camisola e se metesse na cama. O que dariam na HBO1 durante o dia? Haveria HBO naquele hotel?

Inspirou profundamente, voltou a olhar-se no espelho e se quadrou de ombros. O que haveria dito Edi se a tivesse visto tão funda? Solo de pensar nela lhe encheram os olhos de lágrimas. Piscou para as conter. Tinham passado quatro meses do funeral e seguia sentindo falta da seu amiga, tanto que algumas vezes era incapaz de funcionar. Diariamente desejava chamar o Edi e lhe contar algo que lhe tinha passado, e diariamente voltava a cair na conta de que já não estava.

«Posso fazer isto —se disse contemplando sua imagem—. Real e verdadeiramente posso fazê-lo.»

la vestida de um modo muito conservador, com saia e uma blusa branca de algodão bem engomada, precisamente como lhe havia dito Edi. sujeitou-se o cabelo castanho claro, comprido até os ombros, com uma cinta elástica, e logo que ia maquiada.

Tudo que sabia a respeito do Edilean, Virginia, era que seu amiga se criou ali, assim Jocelyn não queria apresentar-se em jeans com um Top e escandalizar aos da zona.

Agarrou as chaves do carro, sua grande mala negra e foi para a porta. Essa noite dormiria em sua própria casa, uma casa que nunca tinha visto e da que nunca tinha ouvido falar até que o advogado lhe disse que a tinha herdado.

Fazia uns dias tinha estado sentada no despacho do advogado, em Boca Camundongo, Florida, vestida inteiramente de luto e com as pérolas que lhe tinha dado Edi. Tinham passado meses do funeral, mas o testamento dizia que terei que proceder a sua leitura em primeiro de maio. De ter morrido a princípios de junho teriam tido que esperar onze meses para lê-lo, mas havia falecido enquanto dormia justo a princípios de ano, de modo que Jocelyn tinha tido tempo para o duelo antes de confrontar o conteúdo do documento. Sentado a seu lado estava seu pai e, ao outro lado deste, sua madrastra. Perto estavam as Astras, Belinda e Ashley, mais conhecidos como Bell e Ash. Graças aos esforços infatigáveis de sua mãe tinham chegado a ser modelos de passarela, e os meios de comunicação estavam encantados com isso de que fossem as duas idênticas. Levavam dez anos sendo capa das revistas mais lidas. Viajavam por todo mundo e participavam dos desfiles de todo desenhista havido e por haver. Quando desfilavam pela passarela, as quinceañeras as seguiam com os olhos e a boca aberta, maravilhadas, e os homens, fossem da idade que fossem, observavam-nas luxuriosos.

Apesar do famosas que se feito, em opinião do Jocelyn, as Astras não tinham trocado desde que eram as três umas meninas. De pequenas, às gêmeas adoravam inventar-se coisas que supostamente ela lhes tinha feito e contar-lhe a sua mãe. Louisa a olhava incrédula e dizia: «Já verá quando chegar seu pai.» Quando Gary Minton voltava, limitava-se a sacudir a cabeça e fazer o possível para não meter-se no esfregão. Seu objetivo na vida era passar-lhe bem, não fazer de árbitro de suas três filhas. refugiava-se na oficina da garagem seguida por sua mulher e suas duas enteadas, enquanto que Jocelyn se ia a casa do Edi.

—O que te deixou a velha bruxa? —perguntou-lhe Bell estirando o pescoço para o final da fileira de assentos.

Ao Joce nunca havia flanco distinguir às gêmeas. Bell era a mais preparada, a líder, enquanto que Ash era mais calada e fazia tudo o que sua irmã queria que fizesse, o que pelo general era dizer algo desagradável e jocoso. Ash estava acostumado a manter-se à margem.

—Seu amor —lhe respondeu Jocelyn, negando-se a olhá-la.

Bell ia por seu terceiro marido e sua mãe insinuava que aquele matrimônio estava a ponto de fracassar. «Pobrecita —dizia—. Os homens simplesmente não entendem a minha pequena.» «O que não entendem é que cria que pode seguir tendo aventuras estando casada», murmurava entre dentes Joce.

«O que há dito?», perguntava-lhe Louisa, como se estivesse a ponto de acrescentar: «Já verá quando seu pai volte.» A mulher não entendia que suas «pequenas» estavam a ponto de cumprir os trinta e que seus quinze minutos de fama se aproximavam de seu fim. Na semana anterior Joce tinha lido que duas garotas de dezoito eram «as novas Bell e Ash».

Jocelyn não lhes invejava a fama, nem o dinheiro que, por isso parecia, tinham dilapidado. Para ela eram como sempre: umas mal-humoradas ciúmas de todos, que desdenhavam a qualquer que não estivesse no castiçal. De meninas tinham uma inveja tremenda dela porque passava muito tempo em casa desse velho morcego». Se negavam a acreditar que Edi não lhes desse bolsas cheias de dinheiro todas as semanas. «Se não te der nada, então por que vai?» «Porque eu gosto de — repetia infatigável Jocelyn—. Não. Porque a quero.» «Ah», respondiam elas com retintín, como se soubessem tudo.

Joce lhes fechava a porta de sua habitação nos narizes ou, melhor ainda, ia a casa do Edi. Mas Edi se foi para sempre e tinham convocado ao Jocelyn à leitura de seu testamento. O advogado, um homem que parecia mais velho que Edi, entrou por uma porta lateral e pareceu surpreso de que estivessem ali os cinco.

—Haviam-me dito que solo viria a senhorita Jocelyn —disse, olhando-a, e logo se voltou para seu pai em busca de uma explicação.

—Eu, bom... —disse Gary Minton. Os anos tinham sido amáveis com ele e seguia sendo um homem bonito. O cabelo negro com uma pincelada de cinza nas têmporas e as sobrancelhas escuras faziam que parecesse mais jovem do que era em realidade.

—Ocupamo-nos do que nos incumbe —disse sua mulher. Era como se os anos que a cara do Gary não delatava os delatasse a sua. O sol, o tabaco e o vento lhes tinham curtido a pele e parecia uma múmia ressecada.

—Não lhes importa que tenhamos vindo, verdade? —disse-lhe Bell ronronando ao advogado.

As gêmeas levavam umas minissaias quase inexistentes e tinham as pernas tão estiradas que quase tocavam o escritório. O decote do Top lhes chegava à cintura.

O senhor Johnson as olhou por cima dos óculos, franzindo um pouco o cenho. notava-se que lhes tivesse gostado de lhes dizer que se tampassem. Olhou outra vez ao Jocelyn, com seu conjunto negro liso, a blusa branca engomada e o colar de pérolas, e lhes sorriu brevemente.

—Se a senhorita Jocelyn o passar, podem ficar.

—OH, já te digo! —exclamou Ash—. A «senhorita» Jocelyn, a universitária... vai ler nos um livro?

—Estou segura de que alguém deveria ler lhes repôs isso Jocelyn sem apartar os olhos do advogado—. Podem ficar. De todos os modos vão inteirar se.

—Em tal caso... —Olhou os documentos—. Basicamente, Edilean Harcourt o deixou a você, Jocelyn Minton, tudo.

—Quanto é isso? —perguntou imediatamente Bell.

O senhor Johnson se voltou para ela.

—Não me corresponde dizer mais. O que a senhorita Jocelyn lhes conte é coisa dela, mas eu não direi nada. Agora, se me desculparem, tenho trabalho que fazer. —Agarrou da mesa uma pasta marrom selada com cinta e a tendeu a Isto Jocelyn contém toda a informação. Tome o tempo que queira para ler os documentos.

Como seguia de pé, Jocelyn se levantou sua vez.

—Obrigado —lhe disse agarrando a pasta—. Os lerei depois.

—Sugiro-lhe que as leia quando estiver sozinha, em privado. Edilean escreveu algumas costure que acredito que pretendia que solo você visse.

—O deixou tudo? —perguntou Ash, caindo por fim na conta do que se havia dito—. E nós, o que? Visitávamos a velha a três por quatro.

Na cara do senhor Johnson se desenhou um leve sorriso.

—Como pode haver me esquecido? —tirou-se uma chave do bolso e abriu uma gaveta do escritório—. Lhes deixou isto.

Tendeu-lhes duas pequenas bolsas de cetim azul que pareciam conter jóias.

—OH! —exclamaram Bell e Ash ao uníssonos—. Para nós? Que amável! Não tinha por que. Não esperávamos nada, de fato.

Com seus rostos fotografados até não poder mais iluminados, abriram as bolsitas e logo olharam ao advogado, consternadas.

—O que são? —Ash esvaziou a bolsita na palma de sua mão. Continha umas vinte pedras negras, algumas com esculpido de esmeralda, outras, de diamante—. O que são? Nunca tinha visto pedras assim.

—São diamantes negros? —perguntou Bell.

—Em certo modo, sim —respondeu o senhor Johnson e, logo, sem deixar de sorrir, aproximou-se da porta, em cuja soleira se deteve com uma mão no queixo. Voltando-se apenas, fez- uma piscada ao Jocelyn e abandonou a habitação.

Joce teve que fazer um esforço para manter a seriedade. Os «diamantes negros» que a senhorita Edi tinha legado a suas meio-irmãs eram em realidade partes de carvão.

Não disse nenhuma palavra quando se foram do despacho. sentou-se no assento traseiro do carro de caminho a casa, escutando ao Bell e Ash, sentadas a seu lado, expor as pedras à luz fazendo dramalhões, elogiando sua beleza e comentando como as fariam engastar.

Jocelyn olhava todo o momento pelo guichê para dissimular a risada. Que a senhorita Edi tivesse deixado a suas ciúmas e avaras meio-irmãs umas partes

de carvão era uma brincadeira que avivava sua saudade. Edi tinha sido de uma vez para ela mãe, avó, amiga e mentora.

Joce viu no espelho retrovisor que seu pai franzia o cenho. dava-se conta de que sabia o que eram as «pedras» e que temia a fúria das Astras quando se inteirassem. Mas lhe dava igual. Planejava haver-se ido muito antes de que aquelas dois o descobrissem. Já tinha a bagagem no porta-malas do carro e, assim que chegassem a casa, partiria a seu trabalho na universidade.

Quando chegou a seu pequeno apartamento abriu a pasta que continha o testamento do Edi. Tinha tentado ser forte para o que pudesse conter, mas não estava preparada para ver o sobre escrito com aquela letra que tanto apreciava.

«Para meu Jocelyn», punha.

Abriu-o com as mãos trementes, tirou a carta e ficou a lê-la.

Meu queridíssima Jocelyn:

Prometo não me pôr sentimental. Não sei se tiverem acontecido dias ou meses desde meu falecimento, mas conhecendo o branda de coração que é, certamente segue chorando minha morte. Sei muito bem o que é perder às pessoas que uma ama. tive que agüentar ver como a maioria de meus seres queridos foram morrendo. Eu era virtualmente quão última ficava.

Agora, vamos ao grão. A casa de Boca não é minha, assim como tampouco o é a maior parte do mobiliário. Estou segura de que terão transladado seu conteúdo e o terão tirado leilão. Mas não se preocupe, carinho, o melhor que tinha, ou seja, tudo o que tirei do Edilean Manor, voltará para lugar de que procedia.

Jocelyn deixou de ler.

—Edilean Manor? —perguntou em voz alta.

Nunca tinha ouvido falar daquele lugar. Passada a confusão inicial, sentiu-se traída. Tinha passado quase toda sua vida com o Edi, viajado com ela, conhecido a muita gente de seu passado e ouvido centenares de anedotas a respeito de sua época com o doutor Brenner. Mas Edi nunca lhe tinha mencionado Edilean Manor. Tinha que ter sido importante se o lugar levava seu nome... ou se lhe tinham posto esse nomeie a sua velha amiga por essa mansão.

Jocelyn seguiu com a leitura.

Sei, carinho. Está doída e furiosa. É como se estivesse te vendo, com o cenho franzido. Conte-te muitas coisas a respeito de minha vida, mas nunca te mencionei Edilean, Virginia. Como deduzirá pelo incomum de seu nome, a cidade «pertencia» a minha família... ou ao menos assim acreditávamos. Faz séculos, um antepassado meu chegou de Escócia com uma esposa elegante e um carregamento de ouro. Comprou um grande terreno perto do Williamsburg, Virginia, desenhou a

praça do povo e lhe pôs o nome de sua esposa. Segundo a lenda familiar, ela era de uma classe social muito superior. Seu pai se negou a permitir que se casasse com uma moço de quadras e ele se fugiu com a garota e um montão de dinheiro do progenitor. Ninguém soube se a raptou ou se ela partiu por própria vontade.

Estou segura de que a verdade é muito menos romântica, mas Angus Harcourt construiu uma grande casa de tijolo lá por 1770, que foi o lar de minha família até que eu rompi a tradição. Se meu pai me deixou a casa foi sozinho porque meu irmão Bertrand não podia dirigir dinheiro. Se tinha dez centavos comprava algo que valia um quarto de dólar.

Cresci convencida de que viveria no Edilean Manor com o David Aldredge, o homem com quem estava prometida, e que me ocuparia de uma descendência forte e saudável. Mas, olhe por onde, o destino dirige nossas vidas. Neste caso, uma guerra o trocou tudo e trocou a todos. Quando me parti do Edilean, deixei a meu irmão vivendo na casa, embora o mantive estritamente vigiado. Bertrand morreu faz muito, assim que a casa leva anos vazia.

Querida Jocelyn, deixo-te uma casa da que nunca ouviste falar em uma cidade que tive o cuidado de não te mencionar nunca.

Jocelyn deixou de ler pela segunda vez, com o olhar perdido. Uma casa construída em 1770 perto do Williamsburg? Jogou uma olhada a seu pequeno e insípido apartamento. Era o melhor que podia permitir-se com seu salário. Uma casa inteira! E antiga!

Prosseguiu a leitura.

Há algo mais que devo te dizer. Recorda o bem que me dava predizer na igreja os quais faziam bom casal e os quais não durariam nem seis meses juntos? te lembre de que acertava sempre. Estou segura de que recorda também que aprendi por experiência a não me misturar em sua vida privada... assim que foi o bastante major para tê-la, claro. Mas como agora já não tenho que ver como te zanga, vou dizer te algo: o homem perfeito para ti vive no Edilean. É o neto de dois amigos com os que ia eu ao instituto: Alex e Lissie McDowell. Já não vivem, mas seu neto se parece tanto ao Alex que é como voltar a lhe ver de jovem. Em uma de minhas visitas ao Edilean... sim, carinho, ia ali às escondidas... o contei ao Alex. partiu-se o peito. eu adorei vê-lo rir outra vez, porque houve dias nos que nada lhe divertia. Sua esposa, Lissie, foi uma Santa com ele. Espero voltar a vê-los ambos em um lugar melhor.

Jocelyn levantou a cabeça da carta. Um homem para ela? A idéia lhe fez graça e lhe deu raiva ao mesmo tempo. Em duas ocasiões tinha tentado Edi emparelhá-la com jovens da igreja, e as duas vezes se negou a sair para jantar com

eles sequer. Eram aborrecidos e duvidava que algum deles tivesse tido uma idéia criativa em toda sua vida. Não lhe havia dito por que os rechaçava, mas Edi tinha intuído o que ocorria.

—Beber cerveja não é esporte olímpico —havia dito tranqüilamente, e logo se foi.

Joce se tinha posto de todas as cores. Duas semanas antes, Edi tinha ido de carro a casa do Jocelyn e a tinha encontrado fora com duas jovens moteros tomando cerveja. Por muito que gostasse do balé, às vezes tendia à vida que levava sua família.

—Como minha mãe —disse em voz alta. Logo voltou a ler.

Chama-se Ramsey McDowell e é advogado. Asseguro-te entretanto que é muito mais que isso. Meu último conselho é que lhe dê ao jovem a oportunidade de te demonstrar que te convém. Recorda que jamais me equivoco nestas coisas.

Quanto à casa, há nela alguns móveis, mas não muitos, e tem dois inquilinos. trata-se de filhas de famílias às que conheço há muitos anos. Sara cresceu no Edilean, assim pode te ajudar a encontrar o que necessitar. Tess é nova na zona, mas eu conhecia sua avó mais do que tivesse querido.

Isso é tudo, carinho. Sei o que fará o mais conveniente com o que te deixo. Lamento que minha ama de chaves já não esteja ali, mas a pobre era mais velha que eu. Tenho um jardineiro que possivelmente possa te ajudar no que te faça falta.

Desejo-te toda a sorte do mundo e, por favor, recorda que estarei velando por ti toda a vida.

Jocelyn demorou toda a tarde em recuperar-se da leitura daquela carta. O que punha era tão próprio do Edi que lhe parecia estar com ela na habitação. dormiu com a carta na mão.

À manhã seguinte tinha a cabeça tão cheia de tudo o que tinha aprendido durante as últimas vinte e quatro horas que logo que conseguia concentrar-se. Em seu trabalho como professora anexa já não estava cômoda porque tinha tido uma aventura de um ano de duração com outro anexo. Quando tinham que colaborar, lhe punha má cara do outro lado da mesa, o que ela encontrava verdadeiramente molesto.

Tinha sido seu terceiro noivo. Tanto ele como os dois anteriores eram perfeitamente adequados para ela mas, ao final, não tinha querido levar adiante a relação com nenhum. Jocelyn sabia que isso era por culpa da senhorita Edi, que lhe tinha falado a respeito de um homem de que tinha estado apaixonada e que tinha morrido na Segunda guerra mundial... um verdadeiro amor. E isso precisamente queria ela.

«Era-o tudo para mim», estava acostumado a dizer Edi em um tom que solo usava quando falava dele.

Quão único tinha de seu apaixonado era uma foto em que ia de uniforme, em um marco dobro, junto à cama. Era um jovem tremendamente arrumado, com o cabelo castanho claro e o queixo quadrado. O marco era oval e, na outra metade, havia uma foto do Edi com sua uniforme do exército feminino. Era tão jovem e tão bonita! debaixo da foto do David havia uma mecha fina do cabelo dela, moreno, e o loiro dele mesclados. Edi agarrava o porta-retratos e sussurrava «David», olhando-o com os olhos frágeis.

Ao longo dos anos, Joce lhe tinha ido insistindo para que lhe desse detalhes, mas Edi solo lhe dizia que era um jovem que tinha conhecido durante a guerra: uma experiência de cuja brutalidade davam fé suas cicatrizes.

Mas ao final Jocelyn se inteirou de algo a respeito dele. chamava-se David Aldredge e ele e Edi estavam prometidos e foram casar se. A morte do David na guerra tinha quebrado seus planos.

—Não sente saudades que não se atrevesse a mencionar Edilean — sussurrou Jocelyn.

Para ela, o amor da senhorita Edi por aquele homem era uma espécie de lenda, o arquétipo do amor que desejava para si e que, até o momento, não tinha sido capaz de encontrar. Edi nunca se inteirou, mas Joce tinha convivido duas vezes com jovens e tinha sido bastante feliz. Era agradável ter a alguém com quem voltar para casa, com quem falar sobre o dia e com quem rir do que tivesse acontecido. Mas quando aqueles homens tinham começado a falar de alianças e de hipoteca e de meninos, Jocelyn tinha saído correndo. Não sabia o que faltava em suas relações, mas faltava... e esperaria até que não faltasse.

Agora Edi o tinha trocado tudo. Essa noite leu os documentos legais atentamente e agarrou a chave que havia no pacote. Levava os assuntos legais a escrivaninha McDowell, Aldredge e Welsch, do Edilean, Virginia.

O sobrenome Aldredge chamou sua atenção. Ainda viviam ali os descendentes do David, o noivo do Edi?

Em uma carta anexa lhe dizia que, quando chegasse ao Edilean, passasse-se pelo escritório e que ali a poriam à corrente das questões financeiras. Assinava a carta Ramsey McDowell.

Jocelyn sacudiu a cabeça.

—Alguma vez te rende, verdade? —disse.

Mas o certo era que Edi sempre tinha razão a respeito dos casais da igreja. Muitas vezes Jocelyn a tinha pilhado olhando a um casal jovem cujos membros estavam mais interessados o um no outro que no que dizia o pastor. Logo contava a ela, e só a ela, o que pensava. «É verdadeiro amor», dizia algumas vezes,

embora não freqüentemente. «Não é mais que sexo», havia dito em uma ocasião, e Jocelyn se pôs-se a rir. As duas vezes tinha estado no certo.

—Ramsey McDowell —disse, e olhou o número de telefone que tinha incluído o advogado na carta; era seu número particular.

Não eram mais que as sete. Levada por um impulso, marcou-o em seu móvel. Responderam à terceiro sinal.

—Sim?

Tinha uma voz bonita, profunda e suave. «Como de chocolate», pensou.

—Senhor McDowell?

—Para mim esse é meu pai, mas suponho que sim. É você a senhorita Minton?

Jocelyn titubeou. Como sabia?

—Tenho identificador de chamadas. Não posso viver sem ele —disse McDowell—. Já sabe como somos os advogados. Temos que espantar às massas com artimanhas. Virá você logo?

—Não sei —respondeu Joce, divertida por seu senso de humor—. Isto me pilhou despreparada. Não tinha ouvido falar do Edilean, Virginia, até que li o testamento, assim ainda estou um pouco desconcertada.

—Alguma vez lhe falou de nós? Saiba que somos o pueblecito maior da Virginia. Ou a grande cidade mais pequena? Nunca me lembro do que diz nosso prefeito que somos. me pergunte o que precisa saber e o contarei tudo. OH! Um momento! Tenho que grampear um fralda. Já está, feito. Agora, o que o conto de nós?

—Um fralda? Está você casado? —Disse-o em um tom muito eloqüente e, quando ele duvidou na hora de responder, fez uma careta.

—Meu sobrinho. Tenho uma irmã muito fértil que tem filhos como pipocas. Tirou-me a língua e o menino lhe deu uma patada. que leva no ventre... e o que leva em braços. me perdoe, senhorita Minton, mas tenho que agarrar o telefone em outra habitação antes de que minha irmã me atire algo à cabeça.

Joce sorria enquanto esperava escutando os passos, logo uma porta fechando-se e, por último, silêncio.

—Bom, estou no que se supõe que é a biblioteca de casa e a sua inteira disposição. Figurativamente falando, claro. me diga o que posso fazer por você.

—Em realidade não sei. Não sabia que a senhorita Edi fora proprietária de uma casa, muito menos de uma cidade.

—De fato, teve que nos concedê-la liberdade em 1864 Y...

—Três —disse Joce sem pensá-lo, e logo desejou haver-se calado—. Perdão, dizia-me você?

—Já... 1863, a Proclamação de Emancipação. Sabe você que dia?

—Em 1 de janeiro —disse ela com cautela, insegura de se isso lhe valeria que a tachasse de sabihonda ou algo pior.

—Em 1 de janeiro de 1863. Bem, senhorita Minton. Parece-me que você e eu vamos levar nos bastante bem. —Disse-o em um tom distinto, já não zombador a não ser a séria—. Que deseja saber?

—Não sei por onde começar. Quero sabê-lo tudo a respeito da casa, do povo, da população. Tudo.

—vai ser um pouco comprido falar de todo isso por telefone. Proponho-lhe que venha ao Edilean e que nos sentemos a falar frente a frente. O que lhe parece se jantarmos e falamos de todo isso em profundidade? Digamos que na próximo sábado, às oito?

Jocelyn conteve a respiração. Solo faltavam oito dias.

—Não sei se teria chegado ainda.

—Mando-lhe um carro?

—Eu, bom... não, não faz falta. Tenho carro. —E de repente lhe perguntou—: Me alcançará o dinheiro para reparar o telhado?

—Uma mulher prática. Isso eu gosto. Não posso lhe dizer a quantidade exata que lhe legou a senhorita Edi, mas lhe asseguro que lhe alcançará para trocá-lo inteiro se assim o desejar.

Joce sorriu. Não suportava a idéia de assumir a responsabilidade de manter uma casa muito antiga sem dispor dos meios para isso.

—Senhorita Minton, por que duvida você? Estão-a esperando Edilean, que é um bonito povo, e uma casa magnífica. Além disso, a colonial Williamsburg fica a um tiro de pedra. Que mais pode desejar?

ia dizer lhe que o que precisava era tempo, mas não o fez. Aquele foi para ela um desses estranhos momentos que se dão na vida. Soube de repente o que ia fazer: ia trocar de vida. Da morte do Edi, Jocelyn não tinha feito nem a mais mínima mudança. Seguiu no mesmo trabalho apesar de que já não gostava, com a mesma rotina, no mesmo apartamento escuro e insípido. Seus amigos a compadeciam porque não tinha casal. Estavam falando já de entrevistas às cegas. O verdadeiramente diferente em sua vida era que seu melhor amiga já não estava. Se voltava para casa voltava para casa «de seu pai», com as motos fora, NASCAR na televisão dentro e os olhares de desdém de sua madrastra. Pobre Jocelyn, não tem nada nem a ninguém!

Era sexta-feira. Se deixava o trabalho à manhã seguinte disporia de vários dias para fazer tudo o que tinha que fazer, como fechar a chave de passagem da água Y...

—Transfiro-lhe algum dinheiro? —perguntou-lhe o advogado, que pelo visto tinha interpretado que seu silêncio se devia a necessidades econômicas—. Não,

espere, não é uma boa idéia. Teria que me dar seu número de conta e não deve fazer isso. Tudo o que sabe de mim é que sou... —duvidou.

—Advogado?

—Pois sim, em efeito. A escória deste mundo. Passamo-nos anos na faculdade aprendendo a espoliar às pessoas. Que tal se lhe mando um cheque?

—Tenho o suficiente. O que passa é que este é um grande passo.

—Se conhecer a data da Proclamação de Emancipação, então gosta da história. Assim não está ansiosa por ver uma casa construída no século XVIII? Sem cordões de veludo... pode bisbilhotar até no último rincão. Sabe que os estábulos foram reformados recentemente? E há uma adega intacta. Acredito além que na água-furtada há baús cheios de roupa antiga e diários.

—Senhor McDowell, parece-me que não seguiu sua vocação. Teria que estar viajando pelo país em um carromato, vendendo azeite de serpente.

—Não. Azeite de serpente, não. Vendo o Elixir Dourado da Senhorita Edi. É feito de arco íris com um pingo de pó dourado de duende. Padre qualquer doença, garantido. você tem noivo?

—Que efeito sortirá nele o elixir? —Joce sorria.

—Não, a sério. Tem noivo?

—Não desde que me pediu que me casasse com ele e saí correndo espavorida.

—Ah.

Joce desejou haver-se guardado o comentário.

—Quero dizer... Não foi exatamente assim. É um homem muito agradável e eu não tenho nada em contra do matrimônio, mas...

—Não faz falta que me explique isso. A última noiva que tive me levou a uma joalheria e tiveram que me tirar dali em ambulância.

—Uma alma geme-a.

—Isso parece. me diga, o que tem que esse jantar?

—Possivelmente não deva reservar mesa ainda —lhe recomendou Joce —, se por acaso não chego a tempo.

—Quem há dito nada de reservas? Pensava mas bem em um prato de massa e um bom vinho servidos sobre uma toalha estendida no chão de sua nova casa do século XVIII. À luz das velas. Com morangos e chocolate fundido de sobremesa.

—OH, meu Deus! Vai você a ser um problema, verdade?

—Isso espero. Eu gosto das garotas que sabem de história. E eu gosto dessa foto dela que me mandou a senhorita Edi o ano passado. Segue tendo esse biquíni vermelho?

Ao Jocelyn lhe escapou uma gargalhada.

—A deu na metade dos homens de nossa paróquia. Quando cumpri os vinte e seis se estar ainda casada, acreditei que a pegaria nas árvores com um telefone de contato.

—Quando a tiraram? —perguntou-lhe ele, com um certo temor.

Joce sabia o que queria saber em realidade: quantos anos tinham passado após.

—De fato, faz algum tempo —lhe disse com malícia—. Assim que nos veremos dentro de uma semana?

—Aí estarei —lhe respondeu, em um tom muito menos otimista.

Jocelyn cortou a comunicação e começou a fazer uma lista mental que começava por «ir ao ginásio cada dia desta semana». A foto em biquíni a tinham tomado aquele mesmo verão, mas quem sabia o que tinha passado debaixo da roupa durante o inverno?

Assim que aquele era Ramsey McDowell, disse-se levantando-se e começando a revolver em seu armário. Ao dia seguinte iria ao escritório do professor titular e demitiria. Sabia que não lhe importaria: havia quatro candidatos para cada posto do campus.

ficou quieta com uma mão na roupa. Ao melhor agora poderia escrever um livro. Uma obra histórica. Talvez pudesse escrever a história do povo do Edilean. Começaria escocês que roubou a um homem seu ouro e a sua formosa filha e fugiu a selvagem a América. Como era Edilean em 1770? Já postos, como era na atualidade?

Ao cabo de dez minutos já tinha procurado Edilean no Google. A história da cidade era como lhe tinha escrito Edi. Tinha-a baseado um escocês chamado Angus Harcourt, que tinha construído uma grande casa para sua bela esposa, e logo se dedicou a cultivar hectares de terra. Mas sua mulher estava sozinha, assim tinha desenhado as ruas de um pueblecito com oito pequenas zonas ajardinadas. No centro tinha plantado um carvalho, ou melhor dizendo uma bolota gasta do imóvel de seu pai. Ao longo dos séculos a árvore tinha sido replantado três vezes, mas cada vez a partir de um galho do original.

Jocelyn leu que nos anos cinqüenta «seu» Edilean Harcourt tinha mantido uma batalha legal de quatro anos de duração porque o estado da Virgínia pretendia desalojar aos residentes, porque mais de 20.000 hectares do entorno foram ser declaradas reserva natural.

«Obrigado a que a senhorita Edi, como a chamam todos, ganhou o pleito, o pequeno povo do Edilean sobreviveu. Não se permite a construção de mais casa, mas as que o conformam estão conservadas de tal modo que visitá-lo é quase como retroceder no tempo —leu Joce—. Na população há várias lojas que atraem turistas do Williamsburg, mas a jóia da coroa é Edilean Manor, construída pelo Angus Harcourt em 1770, onde vivem ainda seus descendentes. Por desgracia, nem a mansão nem os jardins estão abertos ao público.»

—Me alegre —disse Jocelyn, aproximando-se da tela para ver as fotos. Pareceu-lhe ver um letreiro na fachada de uma das coquetes casas brancas. Seria o escritório do Ramsey? Viveria no mesmo edifício onde trabalhava? Tinha-lhe perguntado se tinha noivo, mas teria ele noiva?

Pulsou o botão que punha «Edilean Manor». Aí estava. A fachada era simétrica: dois pisos, cinco janelas grandes, tudo de tijolo. A cada lado uma asa de uma só planta com um pequeno alpendre.

—Aí vivem meus inquilinos, suponho —disse, assombrada de ser a proprietária daquela casa tão antiga.

Cinco minutos depois estava tirando-o todo do armário como um tornado. desfaria-se de tudo o que já não usava e logo veria o que ficava. Ao cabo de quinze minutos, jogou uma olhada ao armário, virtualmente vazio.

—Vou às compras —disse.

Durante os dias que seguiram não parou um momento, preparando a partida para seu novo estilo de vida.

Por fim estava no Williamsburg. Eram as onze da manhã de um sábado, hora de deixar o hotel. Tudo que possuía estava em seu Mini Cooper e se dispunha a ver «sua casa» pela primeira vez. Não sabia se estava eufórica ou morto de medo. Uma nova cidade, um estado distinto, gente nova... entre a que se contava o homem com o que tinha uma entrevista aquela mesma noite.

«Você pode», disse-se de novo, e abriu a porta do hotel.

Capítulo 2

Sujeitava a folha impressa do MapQuest com uma mão enquanto conduzia. As indicações eram singelas: sair do Williamsburg pela auto-estrada Cinco, que levava a todas as plantações; passados uns quilômetros, chegaria à estrada do McTern. A menos de cinco quilômetros tinha que tomar à direita pela estrada do Edilean e atravessar a população, ao outro extremo da qual estava sua nova casa.

Não lhe custou encontrar a estrada do McTern, mas acreditou haver-se equivocado porque passava por um bosque de aspecto tão antigo como a formação da Terra. Tinha lido que Edilean estava em uma reserva natural, mas não esperava que fora um bosque como aquele.

Apartou-se quando um grande caminhão negro no que dois homens levavam um bote de pesca com dois motores a adiantou a toda velocidade. Fizeram-lhe um gesto com a mão para lhe dar as obrigado por lhes deixar via livre.

A estrada do Edilean estava bem sinalizada e se alegrou de que estivesse em boas condições de manutenção. Preocupava-lhe um pouco que fosse um caminho de cascalho com marcas de rodadas no centro.

A um quilómetro e meio da população, o bosque dava passo a carvalhos, haja e sicómoros. Soube sem que o dissessem que acabava de entrar nas terras que em outra época tinham pertencido a uma rica plantação.

Quando chegou ao Edilean parou um momento para jogar uma olhada. A página Web não o fazia justiça. Era a metade de grande do que parecia nas fotos, mas o dobro de bonita. Os enormes salgueiros das calçadas davam sombra a toda a zona de estacionamento. Não havia nem um só edifício de nova construção, e as casas antigas estavam em um estado de conservação inmejorable.

A igreja ficava à esquerda. Girou à direita levada por um impulso, para passar pelo centro do povo. Queria ver as zonas ajardinadas que tinha desenhado a primeira Edilean. Queria ver aquele velho carvalho.

Girou logo à esquerda e enfiou pelo Lairdton, a rua principal. Joce se tinha dado conta de que quase todas as ruas levavam nomes de origem escocesa. Se a rua central era Lairdton, então tom tinha que ser a antiga maneira de referir-se a town, «população». portanto, Angus Harcourt tinha chamado a rua Laird's Town. Supôs que no século XVIII, a moço de quadras Angus Harcourt se havia autoproclamado laird, «latifundiário ou chefe» de um clã, e queria que a gente soubesse que todo aquilo lhe pertencia.

Jocelyn viu uma sorveteria que parecia tirada de um set cinematográfico, e uma loja de livros usados.

—Uma mina de ouro! —exclamou em voz alta. Os livros descatalogados eram uma das coisas que mais gostava deste mundo.

Viu uma pequena loja de comestíveis e a uma mulher que levava uma saia larga e um cinturão com borlas, lenço na cabeça e camiseta de batik.

—Vem do Woodstock? —murmurou Jocelyn.

Havia uma loja de móveis antigos e vários comércios mais.

No centro, dentro de um grande círculo de erva, havia um carvalho enorme. Meia dúzia de bancos aproveitavam sua sombra, em um dos quais dois adolescentes se estavam beijando enquanto uns meninos riam deles.

As duas últimas casas, escondidas detrás das árvores, eram as que saíam nas fotos de Internet. Grandes e brancas, resultavam acolhedoras. Uma mulher varria o alpendre de uma e, assim que acreditou saber quem era Jocelyn, deixou a vassoura e a olhou.

Jocelyn estava tão absorta olhando à mulher que a ponto esteve de não ver a curva do final do Lairdton. Um letreiro rezava: «Tam Way.» Olhou pelo retrovisor e viu que a mulher já não estava no alpendre. Certamente tinha entrado

na casa para difundir a notícia. O que diria? Diria que a forasteira tinha chegado para fazer-se carregado da casa de sua querida senhorita Edi?

Conduziu devagar pela estrada. Solo havia três casas pelo caminho e, a menos que se equivocou em suas pesquisas, antes formavam parte da plantação do Edilean Manor. Viu que as casas tinham partes antigas mas que as tinham remodelado e ampliado ao longo dos anos.

Quando chegou a umas colunas de pedra virtualmente cobertas de hera soube que tinha alcançado seu destino. Em uma delas, em uma plaqueta de mármore, viu as suficientes letras para deduzir o que punha.

«É aqui», pensou, e enfiou o atalho. Havia tantas árvores e tão grandes que não via a casa absolutamente, assim que lhe ocorreu que ao melhor o que tinha visto eram fotos de antes de que se desmoronasse. Sabia pelas investigações feitas na universidade que alguém tem que ler a letra pequena do pé de foto para saber se uma casa ainda existe.

de repente se abriu um claro e aí estava a casa, exatamente como nas fotos. Tinha visitado muitas casas antigas, assim imediatamente se deu conta de que estava em perfeito estado. Havia casas de menos de um ano que não estavam tão bem conservadas como aquela. As janelas, as venezianas e o canelone estavam impecáveis.

A ambos os lados se estendiam as duas asas com seu próprio alpendre e, por um momento, Joce esteve tentada de chamar as portas e pedir permissão para entrar. Uma idéia absurda.

Sem deixar de olhar a casa, de observar cada centímetro de fachada, desembarcou do carro e abriu o porta-malas para tirar a mala. Foi atirando dela enquanto subia os degraus de madeira do alpendre dianteiro.

Tirou a chave do bolso de sua jaqueta, meteu-a na velha fechadura e, quando a acionou, o coração lhe pulsava rapidamente.

—Olá! Há alguém? —perguntou enquanto abria a porta que, por seu aspecto, era a original e tinha pelo menos duzentos anos de antigüidade. Deixou a grande mala negra na porta e entrou. Seus saltos ressonaram sobre o chão de madeira nu.

Estava no vestíbulo que, como ela esperava, cruzava de parte para parte a casa. À direita havia duas portas fechadas e, a sua esquerda, a cada lado da escada, outras dois, também fechadas. Esperava que não tivessem feito reforma e que, detrás daquelas portas, houvesse habitações amplas em lugar de cuartuchos habilitados pelos proprietários ao longo dos séculos.

A escada era magnífica. Estava segura de que o corrimão era de mogno. Olhou para o piso de acima e viu mais leva fechadas... como no vestíbulo, não havia nem um só móvel.

Foi até o final do grande espaço deserto e olhou pela janela. Fora havia umas árvores enormes, certamente tão velhos como o edifício. Lhe deu vontade de passear baixo aquelas árvores e sentar-se em uma das cadeiras de ferro pintadas de branco.

Enquanto olhava, uma jovem saiu da direita da casa com o que parecia um vestido envolto em uma toalha e um mesa de costura. Joce piscou. Teria viajado no tempo? Quem costurava ainda? Quem ia por aí com uma mesa de costura com agulheiro na tampa? Tinha mandado Edi ao Joce a um lugar onde o tempo não avançava?

Sorriu ao pensá-lo. Logo ficou séria. Apesar de que tinham acontecido meses da morte de seu amiga, ainda não estava preparada para esquecê-la. Não haveria mais e-mais divertidos, nem mais conversações telefônicas de horas de duração. Já não havia uma Edi a cuja casa ir correndo sempre que tivesse ocasião. Não voltariam a sentar-se juntas com uma taça de chá fumegante para compartilhar todas suas preocupações, medos e êxitos. Nunca voltaria a ouvir aquelas palavras tão familiares: «Não é de minha incumbência, claro, mas se eu estivesse em seu lugar...»

Joce conteve as lágrimas e jogou uma olhada às portas fechadas que davam ao grande vestibulo e logo à mulher que se sentou à sombra de uma árvore. Tinha que ver as habitações, conseguir provisões e inteirar-se de se havia alguma cama para passar a noite. Entretanto, voltou a olhar à mulher e isso pôde mais.

Teve que usar sua chave para abrir a porta traseira. Saiu ao ar fresco da primavera e se aproximou da jovem. Estava tão concentrada na costura que não se dava conta de que alguém lhe aproximava, assim teve tempo de olhá-la com atenção. Era bastante jovem, de pouco mais de vinte anos, a viva imagem da inocência, com o rosto oval e uma pele de porcelana. No cabelo castanho destacavam mechas douradas naturais e levava um vestido que parecia tirado de um desenho do Kate Greenaway.

Joce não queria sobressaltá-la, assim que a saudou.

—Olá! —gritou-lhe desde certa distância.

Entretanto, a moça seguiu costurando sem levantar a cabeça. Até que Jocelyn não esteve ao meio metro não viu que levava auriculares. Sonriendo, correu a cadeira que havia ao outro lado da mesa e se sentou.

—Olá —disse a jovem, absolutamente assustada. tirou-se os auriculares e apagou o iPod.

—Me deixe adivinhar —disse Joce—. É Enya.

A garota lhe piscou os olhos um olho e sorriu.

—OH, já sei! Parece que não tenha quebrado um prato na vida, assim tenho que pôr música sacra. —Tendeu-lhe o auricular e pôs outra vez a música: ZZ Top a todo volume—. Tenho uma mãe hippie —disse—. Meu pai é médico e muito

conservador, mas a minha mãe gosta do rock duro e o põe tão forte como pode... quando meu pai não está em casa, claro.

—Não se queixam os vizinhos?

—Alguém se queixou, mas minha mãe lhe preparou um Margarida e, quando meu pai chegou a casa, encontrou-as às duas dançando. Já não voltou a haver queixa.

Joce soltou uma gargalhada, sem deixar de olhar à moça.

—De cara, parece-te com sua mãe ou a seu pai?

—A minha tia avó Lissie. Isso me hão dito, ao menos. Usou seus encantos para apanhar ao homem mais rico do povo, teve meia dúzia de filhos e logo se dedicou a gastar todo o dinheiro de seu marido.

Jocelyn dissimulou que reconhecia aquele nome, Lissie. Assim se chamava a mulher que Edi lhe tinha mencionado em sua carta.

—Eu gosto dessa mulher. É para ti esse vestido que costura?

—Meu deus, não! Não posso me permitir um vestido como este. — Levantou o objeto para que Joce a visse. Era azul meia-noite com um complicado desenho de contas e pedraria no corpo. Várias réstias de contas se soltaram—. Lhe disse que tomasse cuidado. Adverti-lhe que nada de entrevistas à luz da lua nem quedas no assento traseiro do carro. Este vestido vale um potosí. Disse-lhe que o tratasse com cuidado. Mas me fez conta? Claro que não!

—Por isso parece foi um queda de primeira.

—Isso acredito. apresentou-se em minha porta às seis da manhã para me dizer que «tinha» que arrumar-lhe para esta noite. Suponho que o queda não foi com seu marido.

Joce Rio.

—É meu inquilino?

—OH, perdão! Não me apresentei. Sou Sara Shaw —disse—. Vivo neste lado e Tess Newland vive aí.

—Eu sou...

—Todo o povo sabe quem é. Todos lhe estão esperando do amanhecer.

—A mulher da loja de comestíveis se ficou me olhando.

—Minha mãe. Já me chamou para me dizer que vinha de caminho.

—E a mulher que estava varrendo o alpendre?

—Minha tia Helen. chamou a mamãe e comunicava, porque mamãe me estava chamando. Imagino que a estas horas o xerife comprovou seu número de matrícula.

Jocelyn não soube o que dizer.

—Gosta de um pouco de chá gelado? —perguntou-lhe Sara—. Acabo de prepará-lo.

—eu adoraria, mas...

—Solo se for bastante doce? —perguntou-lhe a garota levantando-se. Enrolou o vestido na toalha e logo o deixou na mesita branca.

Joce notou que se ruborizava.

—Não se preocupe. Estamos acostumados aos ianques por aqui.

—Tenho bastante pouco de ianque. Sou da Florida. —Joce seguiu a Sara para a casa—. Está ao sul daqui.

—Já... —disse-lhe a outra por cima do ombro—. Me parece que o de ser sulista é tanto um estado mental como um lugar de procedência. E não há muita gente do Norte que se muda a Florida?

Joce não pôde evitar sorrir. Tinham chegado à porta de malha esta asa. Uma vez mais se parou a olhar a casa. Não tinha janelas de formas estranhas nem habitações salientes, nem nada do que em términos modernos faz que uma casa seja interessante. Edilean Manor era um edifício singelo e, entretanto, tão formoso como posso ser uma casa.

Sara entrou na frescura de sua moradia diante do Joce. Estavam em uma cozinha com o mesmo aspecto que tinha em 1965 quando a tinham instalado, bem conservada mas, certamente, intacta após.

—Isto é formica? Isto é...?

—Um Avocado —lhe adiantou Sara, olhando a geladeira verde—. Pessoalmente, opino que ao Smithsonian lhe interessaria esta cozinha: poderiam transladá-la tal qual a um museu.

Joce, que estava olhando a grande pia branca que havia sob a janela, esteve de acordo. A cozinha não era o bastante antiga para ter encanto. Era simplesmente feia.

—Acredito que me queixarei ao caseiro —disse Sara.

—Deveria fazê-lo —disse Joce, olhando o velho forno. Fazia jogo com a geladeira.

Ergueu a cabeça de repente.

—Né, um momento! Seu caseira sou eu.

Sara soltou uma gargalhada. Tirou uma jarra da geladeira cheia de chá gelado.

—demoraste o teu em cair na conta...

—Ainda não assimilei a idéia de que sou a proprietária desta casa. Nem sequer a vi toda por dentro.

—Já terá tempo de explorá-la. Também há uns quantos edifícios antigos no imóvel, embora possivelmente já sabe. —Sara lhe indicou com um gesto a mesa cromada encostada à parede. A superfície do tabuleiro era vermelha, com cadeiras também cromadas e com o assento e o respaldo vermelhos a jogo.

Joce se sentou e olhou como Sara servia dois copos de chá e punha o que pareciam bolachas caseiras em um prato.

—Sei muito pouco. Tudo isto me resulta novo —disse—. Ainda me estou recuperando de...

—Da morte da senhorita Edi? —perguntou-lhe com doçura Sara.

Joce assentiu com a cabeça.

—Conhecia-a? —perguntou-lhe.

—Não, nunca a vi. Mas ouvi falar muito dela.

—Seriamente? —Tomou um grande sorvo de chá. Não se tinha dado conta de quão sedenta estava. Logo se comeu uma bolacha em dois bocados. Quando lhe fincou o dente à segunda, viu que Sara a estava olhando assombrada—. O sinto. É que estive conduzindo uma eternidade sem me lembrar de comer. —A verdade era que a noite anterior estava tão nervosa que não tinha podido jantar e que essa manhã se saltou o café da manhã.

—Pois miúda desorientação! —Sara não disse mais. Simplesmente foi à geladeira, tirou uma terrina de algo, agarrou alface, maionese e pão. Pô-lo tudo sobre a encimera e lhe ensinou o pacote de pão—. Olhe! É pão ianque. Em casa não entra outro.

—Leva abacaxi?

Sara a olhou sem entender.

—Em casa, na Florida, tudo leva abacaxi... ou coco.

Sara soltou uma gargalhada.

—Vale, basta de tópicos. É que Edilean está tão perto do Williamsburg que compartilhamos algo mais que turistas. Acreditam que o fritamos tudo.

—Não é assim?

—Não desde que nos inteiramos da existência disso que chamam «colesterol». —Pôs o sanduíche em um prato.

—Não é necessário que faça isto —lhe disse Joce—. Posso me alimentar por minha conta.

—Tem muitas coisas que aprender de nós os sulistas. Alimentamos às pessoas. Levamo-lo no DNA. Importa-te se tirarmos isto fora para que possa terminar o acerto do vestido?

—Encantada.

Joce agarrou o copo e o prato e seguiu a Sara até a mesa de fora. Quando se tiveram sentado e Sara voltava a ter o vestido no regaço e a agulha enhebrada, tomou o primeiro bocado.

—Preparaste-o você?

O sanduíche, de salada de frango com trocitos de uva e maçã, estava delicioso. Parecia um prato de degustação caro.

—Não. A salada é coisa de minha mãe. Está segura de que morrerei de fome vivendo sozinha. Ou pior: que comerei coisas que não são de cultivo biológico. Ela cria os frangos e as maçãs são de nossas macieiras.

Joce olhou o sanduíche dúbio.

—Conhecia este frango?

Sara se encolheu de ombros.

—Aos três anos aprendi a não pôr nomeie a nada vivo que houvesse por casa... exceto a minhas irmãs. Lhes pus nome, mas ainda não acabaram na panela.

Joce quase se engasgou.

—Não me faça falar! Sejam como são suas irmãs, as minhas o superam.

—Seriamente? Minhas duas irmãs se graduaram no Tulane summa cum sentencie. As duas se casaram uma semana depois de terminar os estudos, com médicos, é obvio. As duas ficaram grávidas uma semana depois de casar-se. E chegaram vírgenes de noite de bodas.

Joce tomou um sorvo de chá e olhou a Sara com cara sombria.

—Não há cor. Minhas irmãs são em realidade meio-irmãs: as gema idênticas, bonitas, loiras naturais e muito altos. Sabe como me chamam? Cindy.

—Cindy? —Sarà pôs uns olhos como pratos—. Não será por...

—Bingo. É o diminutivo da Cinderela. Para elas sou como a Cinzenta.

Sara não estava disposta a ceder o título tão facilmente.

—Tenho quatro sobrinhas e sobrinhos perfeitos, dois de cada. Jamais esquecem dizer por favor nem obrigado.

—ouviste falar do Bell e Ash?

—As modelos? Claro. A semana passada saíram na capa de... Não! —Sara conteve o fôlego—. Não pode ser. São suas irmãs?

—Minhas meio-irmãs.

—Você ganha. Ou perde, não sei... Parece-me que chamarei a minhas irmãs para lhes dizer que estou encantada de que sejam minhas. —Olhou ao Joce inquisitiva—. Como o suporta?

—Me as acerto. —encolheu-se de ombros—. Acredito que não o teria suportado de não ser pelo Edi. Ela me salvou. —Olhou o sanduíche—. Falando do Edi, disse-me que viveste aqui sempre.

—No povo, não nesta casa.

—Claro —disse Joce com cautela, e logo mastigou enquanto pensava um modo educado de tirar colação o tema que lhe interessava—. Conhece um tal Ramsey McDowell?

—É obvio! —disse Sara, sem levantar os olhos da costura.

—Como é?

—Bonito, brilhante, sofisticado. Exatamente, o que quer saber dele?

—Então suponho que deve tratar-se de um rompecorazones.

Sara demorou um pouco em responder e, quando o fez, foi com certa cautela.

—Tem quebrado uns quantos corações, sim.

—Alguma vez o têm quebrado a ele?

Sara levantou a cabeça.

—É melhor que te advirta que Ramsey é minha primo, assim que lhe devo certa lealdade familiar. Tenho que te conhecer muito mais do que te conheço para lhe contar isso tudo dele.

—É que esta noite deve jantar e eu gostaria de ter um pouco mais de informação que a que tirei de nossa única conversaço. Pelo visto é...

—Rans vai vir? Esta noite? O que tem feito para consegui-lo?

—Nada que eu saiba. Leva toda a papelada da casa, assim suponho...

—Isso é trabalho, e o trabalho o faz no despacho. O que tem feito para que venha a sua casa?

—Bom... Não sei... Além de saber lhe dizer a data da Proclamação de Emancipação.

—Isso foi. A Rans adora a gente inteligente, e adora a história. —Sara agarrou um carretel de linho da caixa e enhebró novamente a agulha—. Por isso as garotas colocam a pata com minha primo.

—A que te refere?

—Acreditam que é como outros e que o põem as minissaias. Gosta, sim, mas gosta mais um bom cérebro. Além disso, Tess acabou com a teoria das saias curtas. Pode lhe perguntar o que gosta das mulheres, de comer ou do que seja ao Tess. Conhece-o melhor que eu.

—Tess? Ah, claro! O outro inquilino. O que tem ela que ver com o Ramsey... Rans?

—Lhe organiza a vida. —Quando Joice franziu o cenho, Sara sacudiu a cabeça—. Não, não nesse sentido. Leva o despacho e é tão boa nisso que tende a lhe dirigir a vida. Se receber um buquê de flores de Rans por seu aniversário, provavelmente as terá escolhido e mandado Tess.

—Ah! É uma dessas secretárias... Está meio apaixonada por ele? A isso refere?

Sara sorriu.

—Diz que não o suporta, e o diz freqüentemente.

—Em tal caso, por que trabalha para ele? por que vive aqui, no Edilean?

Sara se encolheu de ombros.

—Não tenho nem idéia. Tess é para mim um mistério, e sei que o é também para Rans. Mas quando ele faz algo que não gosta, o faz saber.

—O que tem ela que ver com o das saias curtas?

—Terá que ser Rans quem te conte essa história.

—Sabe? Acredito que tenho lido em alguma parte que na primeira entrevista com um homem não deve lhe perguntar o que têm em comum sua secretária e as minissaias.

Sara soltou uma gargalhada.

—Seguro que tem razão, mas Rans sempre soube rir de si mesmo. Escuta, isto é simplesmente uma advertência, mas quando conhecer ao Tess, não a trate de secretária e não lhe pergunte nada do da saia curta. Isso a põe doente.

—Vale. —Jocelyn apartou o prato vazio. Começava a estar um pouco esmagada por tudo o que tinha que aprender.

Foi como se Sara intuísse o que pensava.

—Fará-o bem. Todos sentimos curiosidade, isso é tudo. Mas devo te advertir que neste povo todos (todos os que vivem aqui, claro) quererão que lhes fale da senhorita Edi.

—Entendo-o. Os do povo devem havê-la querido muito.

—Querido? A verdade é que há muito pouca gente aqui ainda viva que a conhecesse. À exceção da tia Mary Alice, é óbvio, mas ela não podia querê-la muito, não?

—Não sei. por que não podia sua tia Mary Alice querer ao Edi?

—Acreditava que foram amigas. Não conhece a trágica história de amor da senhorita Edi?

Joce suspirou.

—Até faz uns dias te haveria dito que sabia tudo dela, mas me dei conta de que não a conhecia tanto. Nunca me mencionou Edilean, Virginia, nem esta casa. Sei que estive profundamente apaixonada por um jovem daqui que morreu durante a Segunda guerra mundial.

—Morreu? O que vai! A pequena Mary Alice Welsch se deixou fecundar e teve que casar-se com ela. Quando a senhorita Edi retornou da guerra, encontrou-se com o homem ao que amava casado com outra.

Jocelyn se sentia novamente traída. Aquela não era a história que lhe tinha contado Edi. O grande amor, o profundo amor pelo David Aldredge não tinha acabado com seu falecimento. terminou-se com umas bodas de pênalti. Não era estranho que Edi nunca mencionasse Edilean. Não era estranho que mentisse a respeito da morte de seu amado. Melhor sua morte que sua traição!

Tentou dissimular tudo o que pôde seus sentimentos para que Sara não o notasse.

—Não passou todo isso faz muitos, muitos anos? —perguntou-lhe—. Falas disso como se tivesse acontecido ontem.

—Isto é Virginia. Aqui não esquecemos. Minha avó estava acostumada me contar histórias da Guerra de Secessão. Sabia quem amava a quem e a quem tinham deixado plantado. Agora eu conto história de outra guerra. Em qualquer caso, ouvi a história da senhorita Edi um milhar de vezes. A família Harcourt fundou o povo, possuía a casa maior, a praça foi obra dela e todo isso. Inclusive quando perderam a maior parte de sua fortuna, seguiram sendo a família mais importante.

Durante a Segunda guerra mundial, os McDowell eram muito mais ricos mas não tinham tanto prestígio.

Joce apurou sua taça e tentou unir as peças da história.

—Assim Edi voltou da guerra... da Segunda guerra mundial com as pernas destroçadas, e se encontrou ao homem a quem amava casado com outra?

—Assim é.

—O que fez?

—A casa e todo o dinheiro que ficava da família estava em nome do Edi, mas deixou a propriedade em mãos de seu irmão menor. Não sei o que faria com o dinheiro. Minha tia avó Lissie estava acostumado a dizer que Bertrand não era o bastante homem.

—O que queria dizer com isso? Que não subia a escada montado a cavalo a meia-noite?

—Vamos... Não deixe que o que tem de ianque aflore à superfície.

—Perdão —disse Joce, mas sorria—. Tenho lido muitas novelas românticas.

—Não o temos feito todas? Como ia dizendo, a senhorita Edi retornou e viu que lhe tinham roubado a seu noivo. Deixou a casa em mãos do ocioso de seu irmão e partiu do povo. Mas não antes de ter feito que no MAW redigissem um contrato de quarenta e cinco páginas que seu irmão teve que assinar. Pode que estivesse doída, mas não era estúpida.

—No MAW?

—Assina-a de advogados do povo: McDowell, Aldredge e Welsch.

«Aldredge», pensou Jocelyn.

—Sempre os mesmos nomes —disse logo—. me Diga, aqui ninguém vai se viver longe de seu povo natal como fazem o resto dos americanos?

—O resto o fazem, mas nós não.

Jocelyn assentiu.

—Vale. Os turistas, os forasteiros... vão e vêm, mas todos ficam. O que lhe passou ao irmão do Edi?

—Morreu enquanto dormia, faz anos. A tia Lissie dizia que era um homem capaz de não fazer absolutamente nada e convencer-se de que isso era trabalhar.

—Acredito que deveria ter tido um encontro com ele.

—Assim que nos conhecemos soube que você e eu tínhamos muito em comum.

Sorriram-se: duas mulheres que se entendiam. Logo houve um silêncio e Joce olhou para os campos circundantes. Ainda não se feito à idéia de que se converteu em proprietária. Voltou a olhar a casa, contemplando sua simples e perfeita beleza, e um calafrio lhe arrepiou o pêlo dos braços.

Ainda não se assimilou o fato de que a mulher que lhe tinha feito virtualmente de mãe tivesse omitido muito a respeito de sua vida ou lhe tivesse mentido diretamente. Jocelyn tinha vivido com a idéia do «amor perfeito» que Edi tinha sentido por um soldado cansado em batalha desde que lhe tinha falado daquilo sendo ela uma menina. De fato, guiou-se pela imagem daquele amor, tinha sido sua vara de medir todas suas relações. Quando um homem ia a sério com ela, Jocelyn se perguntava se era esse o homem ao que amava com a mesma paixão com que Edi tinha amado ao David. Nenhum homem, nenhum sentimento que Joce tivesse tido se aproximou nem de longe à idéia do «verdadeiro amor» que Edi lhe tinha inculcado. E acabava de inteirar-se de que o grande amor do Edi era um assunto acidentado sem mais: David a tinha deixado plantada por outra.

—assim, o que vais fazer com a casa? —perguntou-lhe Sara, tirando a de seu ensimismamento—. A venderá? Dividirá-a em apartamentos?

Joce não se deixou enganar pela desenvoltura com que lhe formulou a pergunta, como se o assunto não fora com ela. «Assim a isso se deve este recebimento tão generoso», disse-se. Haveria- dito alguém a Sara que fizesse o necessário para inteirar-se do que planejava fazer a herdeira da senhorita Edi com a velha casa?

—Quanto crie que poderia tirar por estes velhos tijolos?

Esperava que Sara se riera, mas não o fez. Manteve a cabeça encurvada e seguiu costurando contas.

—Sara —disse então Joce—. Sou uma apaixonada da história. Desde que deixei a escola me dediquei a ajudar às pessoas a investigar o passado.

Sara a olhou com frieza.

—Seria uma formosa estalagem. Serviço de cama e café da manhã.

—Isso não está feito para mim. Sou mas bem introvertida. Posso falar com uma só pessoa de uma vez; me ponha entre desconhecidos e me fechamento em minha concha.

Sara ficou olhando, evidentemente esperando que dissesse algo que pudesse contar aos do povo. Joce se imaginou as linhas telefônicas paralisadas. Não pôde sustentar o olhar a Sara.

—Não sei o que farei. Seriamente que não. Edi me deixou a casa e suponho que algum dinheiro, mas não tenho nem idéia de quanto. —Não queria falar mais de si mesmo. Já havia dito bastante. Tinha muitas coisas na cabeça para poder pensar com clareza, e certamente não estava disposta a lhe contar a ninguém seu plano de escrever sobre o Edi—. Sabe de algum trabalho?

—Tess agarrou o último bom que ficava no povo.

Joce olhou para o extremo mais afastado da casa, para a outra asa. As portas e as janelas estavam fechadas.

—Falando de trabalho, você a que te dedica? Além da arrumar vestidos, quero dizer.

—A isso dedico —disse Sara, e cortou o fio—. O que mais faço é ajustar vestidos para senhoras que comprem uma talha M e logo não cabem nela quando vão ficar os. Sara se encogiu de ombros.

—Consegue ganhar a vida com isso?

Sara se encolheu de ombros.

Joce estava segura de que fazia algo mais para ganhá-la vida mas que não queria lhe dizer do que se tratava. Esperava que não fora algo ilegal, que Sara não estivesse cultivando maconha no horta traseiro. Assim que o teve pensado, perguntou-se se todos os proprietários se sentiam como ela. O que faria se as banheiras perdiam água? O que se havia térmites? Edi tinha mencionado a existência de um jardineiro. Quanto cobrava de salário? Olhou a casa e se perguntou onde dormiria aquela noite. Havia alguma cama?

Sara tirou um móvel de sua mesa de costura, abriu-o e olhou a hora.

—Tenho que ir. Este vestido tem que estar outra vez em mãos de sua proprietária antes de que chegue a casa o marido. —Enrolou apressadamente o vestido na toalha—. Poderia me entrar isto? —Indicou-lhe com um gesto os pratos e o mesa de costura.

—Claro. Se confiar em mim...

—Não só confio em ti mas sim inclusive é possível que eu goste. Até logo —lhe gritou enquanto corria para a casa.

Jocelyn ficou ali sentada, olhando a casa e tentando tirar algum sentido a tudo o que tinha ouvido desde que tinha entrado no despacho do advogado.

Em uma ocasião, quando tinha dezesseis anos, tinha chegado do instituto e em casa não estavam as Astras (nem a mãe nem as irmãs), porque tinham saído. A casa estava silenciosa. Seu pai, solo na garagem, trabalhava em uma das motos. ficou-se na porta olhando-o. Quase nunca estavam juntos eles dois. Sua «nova família», como Joce a considerava, consumia todo seu tempo e toda sua energia.

—Irá a casa da senhorita Edi? —tinha-lhe perguntado ele.

—Claro. Estamos lendo ao Thomas Hardy. —Sabia que não teria nada que dizer daquilo. Gary Minton não era dado à meditação.

—Ouça, carinho... —disse-lhe quando ela passou a seu lado—. Espero que não viva sozinho para ela. Espero que vivas também para ti.

Gostou que a chamasse «carinho», mas não emprestou atenção ao que lhe dizia. como sempre, no único que pensava era em ir-se antes de que as Astras voltassem. O ruído que colocavam e suas exigências governavam a casa, a seu pai, governavam-no tudo. Às vezes parecia que, com sua presença, suas meio-irmãs controlavam o universo.

Olhou o relógio. Faltavam horas para que Ramsey McDowell chegasse, mas queria ver a casa e tomar-se seu tempo para arrumar-se. comprou-se um vestido perfeito para um pícnic em uma casa antiga. «Minha casa», pensou, sorridente.

Capítulo 3

Luke observava enquanto a nova proprietária do Edilean Manor saía da casa e caminhava pela grama para ir sentar se com a Sara. Sabia como se sentia aquela mulher. Sara era um ímã para a gente, tinha-o sido desde menina. Sempre se preocupava e sempre tinha tempo para escutar os problemas de outros. Sabia que em boa parte a razão pela que as mulheres a chamavam para que lhes arrumasse a roupa era porque queriam falar com ela.

O verão anterior, um dia que ele e suas primos Charlie, Rans e Sara estavam jantando no Williamsburg, Charlie lhe havia dito que abrisse uma consulta e cobrasse por todas as horas que se passava escutando os problemas da gente.

—Não poderia estudar tantos anos —tinha respondido Sara.

—Quem há dito nada de estudar? —tinha-lhe respondido Rans—. Simplesmente, abre o gabinete. Luke lhe arrumará isso ou lhe pintará isso ou o que faça falta.

—E você redigirá um contrato e lhe fará pagar mais do que ganhe em um ano —tinha objetado Luke.

—Se começarem a discutir me parto —havia dito Sara—. Quero um jantar tranqüilo e agradável, sem brigas de galos de briga.

Quando os três homens estiveram calados e parecia que assim seguiriam, Sara tinha cabeceado.

—Venha, adiante. Empreendam a golpes. Dá no mesmo para mim. Charlie, me peça outro destes.

—Está segura? Nunca agüentaste a bebida.

—Então um de vós vai ter que me sujeitar o cabelo enquanto vomito e outro terá que me levar a carro.

Luke se tinha tirado vinte e cinco centavos do bolso olhando ao Ramsey.

—Cara, eu lhe sustento o cabelo. Cruz, você a leva nas costas. Pesa muito para mim.

—Os dois são uns inapresentáveis —havia dito Sara, mas renda-se.

Naquele momento, Luke tirava fio às folhas da cortadora de grama com a pedra de afiar enquanto olhava pela ventanita redonda do muro de tijolo.

encontrava-se no que tinham sido os estábulos da velha casa, em sua maior parte ruídos fazia muito.

Enquanto o velho Bertrand tinha vivido ali, a casa se foi mantendo por ordem da senhorita Edi, mas os edifícios anejos tinham cansado no abandono.

—No contrato não especificou que terei que ocupar-se de sua manutenção? —perguntou- Luke ao Ramsey—. Referiu à casa e aos terrenos não?

—Crie que fui eu quem redigiu o contrato em 1946?

—Vale. Seu pai, então.

—Ele tinha um ano.

—Fosse quem fora, ocupar-se disto é tua coisa —disse Luke quando voltou para o Edilean e viu o estado em que se encontravam os edifícios exteriores.

—Talvez teria que haver ficado você para mantê-lo tudo em bom estado —lhe espetou Ramsey, sem deixar-se amedrontar pela fúria de sua primo—. Talvez não deveria te haver partido ao outro extremo do mundo para fazer o que for que haja te tornado tão cascarrabias.

Luke abriu a boca para replicar, mas o pensou melhor.

—Vete. Vete a fazer o que for que tenha que fazer em seu despachito e deixa que eu me ocupe disto —disse finalmente.

Demorou meses em restaurar os velhos edifícios. Reconstruiu sozinho parcialmente os estábulos, mas o fez usando materiais da época em que a casa tinha sido construída. Desenterrou os antigos tijolos, inclusive abriu um poço que tinham cegado com tijolos fabricados à mão, cozidos quando Edilean Manor era o centro da plantação.

Foi um trabalho duro. Trabalho físico que naquela época ao Luke convinha. Desfrutou de trabalhar a sós. Na casa já não vivia ninguém, porque o velho Bertrand tinha morrido. Um ama de chaves se passava por ali diariamente, mas era tão velha que logo que podia subir as escadas. Quando Luke a viu andando pela casa com dificuldade, muito fraco para fazer nada, tomou cartas no assunto. Conseguiu-lhe uma rádio e uma poltrona e a instalou na sala de estar. Quando Ramsey, que levava as questões legais do imóvel para a senhorita Edi, viu o que tinha feito, disse que lhe escreveria para lhe contar que sua ama de chaves devia ser posta de patinhas na rua. Mas Rans olhava de uma maneira muito significativa ao Luke porque ambos sabiam que à família da mulher o fazia falta o dinheiro, assim não a despediram e Luke se fez cargo de seu trabalho. Reparou a casa e, quando chegou o mobiliário, foi ele quem se ocupou de distribuí-lo. Um sábado, com ajuda dos primos, cerveja e pizza, tinha bastado para subir os móveis maiores ao primeiro piso.

A casa era basicamente do Luke desde fazia anos. Ele reparava o telhado e tirava as pombas mortas do canelone. Ele tinha reconstruído a chaminé depois de que um raio a destruía.

Quando lhe disseram que a senhorita Edi tinha morrido e legado a casa a uma garota que nunca tinha estado ali, lhe deu vontade de incendiá-la. Melhor isso que deixar-lhe a alguém que não apreciasse o que tinha.

—Talvez é historiadora —lhe havia dito Ramsey—. Possivelmente seja arquiteta... ou construtora. Não sabemos a que se dedica.

Ao Luke não gostava que sua primo defendesse a essa desconhecida que ia tomar posse do que a maioria considerava o coração do Edilean. Toda sua vida tinha ouvido dizer às pessoas que, se Edilean Manor era destruído, o povo não duraria nem um ano. Pelo contente que Ramsey estava com a herdeira, Luke deduziu que algo tramava.

Um dia, depois do trabalho, foi visitar o Tess. Lhe abriu mas não o convidou a entrar.

—O que se traz entre mãos com a nova proprietária? —perguntou a bocajarro, sem necessidade de especificar a quem se referia.

Tess era uma mulher de poucas palavras.

—Edilean Harcourt lhe mandou uma foto dela. Em biquíni.

Luke o entendeu tudo imediatamente. Conhecia sua primo. Rans planejava uma jogada. Adorava Edilean quase tanto como ele.

—Entendo —disse.

Tess se apartou e abriu a porta mosquiteira.

—Gosta de uma cerveja?

—eu adoraria.

A nova proprietária já tinha chegado e Luke a observava falar com a Sara, sentadas as dois no jardim. Era bonita mas não espantoso, um pouco mais alta que a média, com mechas loiras como as que o sol do verão faz sair naturalmente. perguntou-se se seriam naturais ou se se passava horas na barbearia para ter aquele aspecto.

No vestir era tão antiquada como Sara. Aquilo lhe fez graça. A Sara adorava levar vestidos de manga larga inclusive em pleno verão. Sabia que a favoreciam. Era bonita e delicada como uma flor. Com um Top vermelho e jeans tinha um aspecto estranho.

De ter tido à mão uma câmara, lhes teria tirado uma foto às dois. Ali estava Sara, com seu vestidito escrupuloso, a costura no regaço e, frente a ela, aquela mulher desconhecida com uma roupa que parecia tirada da Alicia no País das Maravilhas. Pareceu-lhe que a diadema era um detalhe perfeito.

«Uma repipi dissimulada», disse-se. A essa classe de garota lhe tinha legado Edi sua casa. A uma solteirona, ou pouco lhe faltava para sê-lo, que certamente se dedicaria por inteiro ao Edilean Manor. Sem dúvida se esforçaria por

encontrar móveis do período exato. Ao cabo de uns meses teria convertido aquilo em um museu.

Formou-se uma opinião a respeito de como era aos poucos minutos de havê-la visto. Desde não ter sido por sua mãe, haveria-lhe dito que se ia. «Que Ramsey se dela encarregue —pensou—. Que goteje encanto e a conquiste.» Provavelmente faria como sempre: encontraria-lhe algum defeito e a deixaria plantada. Mas e se o tiro lhe saía pela culatra? E se lhe rompia o coração e ela punha a casa em venda?

«Sim —pensou, sorrindo para si—. É possível que queira vendê-la.»

Parecia-lhe estar ouvindo sua mãe, assim que ficou onde estava, nos antigos estábulos, observando a Sara e à nova proprietária.

Sabia que algo se forjava desde que sua mãe se apresentou em sua porta às seis da manhã com um prato de crêpes de arándanos talheres com um guardanapo.

—O que tem feito papai esta vez para que me traga este café da manhã? —tinha-lhe perguntado sorridente.

O pai do Luke se aposentou fazia um ano e, após, trazia para sua mãe de cabeça dando voltas pela casa.

—Nada. Hei-lhe dito que se fora a uma exposição de tratores.

—Sozinho? Sem ti?

—Se por acaso lhe pergunta isso, tenho uma dor de cabeça espantosa. Já não posso mais. A garota da senhorita Edi chega hoje e quero que me prometa que será amável com ela. —Enquanto o dizia, esquentava as crêpes para seu filho e lhe limpava a cozinha sem deixar de trastejar.

—O que é o que quer que faça esta vez? —resmungou Luke—. Levá-la para jantar? Lhe ensinar os arredores? É muito logo para ir aos parques aquáticos, assim tenho que levá-la a um concerto de pífano e tambor?

—Quero que a deixe tranqüila. É do Ramsey.

Luke pôs uns olhos como pratos.

—Não, não o fará —disse Helen, lhe plantando diante as crêpes—. Não vais tomar te isto como uma provocação. Já falou com Rans e lhe gosta.

—Não perde o tempo, verdade? Conforme ouvi, viu sua foto em biquíni antes de falar com ela.

—Assim são os homens... —disse Helen, lhe tirando importância.

—Somos assim? —Luke tinha a boca enche.

—Entende-me? Sei amável com ela e manten afastado. te limite a te ocupar do jardim.

—E se eu gosto?

Era um homem feito e lhe dava quão mesmo sua mãe ficasse de parte do primo, mas não podia evitar sentir-se traído.

—Você não gostará. Educou-a a senhorita Edi, assim que gosta dos homens com smoking, não os que... —Olhou os jeans gastos e a camiseta suja do Luke—. Te ficou claro?

—Como a água —disse ele. Quão último queria era um problema de saias—. Que Ramsey fique. Que devam viver ao Edilean Manor e tenham uma dúzia de pirralhos. A mim que me importa?

Mas agora via a Sara e à outra... Como se chamava? Jocelyn. Um nome antiquado que lhe pegava. Enquanto as olhava a ambas, começava a trocar de opinião a respeito dela. ria com facilidade, freqüentemente. Dissesse o que dissesse, a Sara interessava. De fato, Sara levava a maior parte da conversação, o que não era habitual. O normal era que Sara fora a que escutava.

Luke a viu olhar duas vezes para a casa com uma mescla de amor e incredulidade, como se a esmagasse o fato de que fora dela. Mas isso era impossível, não? Certamente a senhorita Edi lhe havia dito que lhe deixava aquilo.

A cuchilla da cortadora estava tão afiada para cortar salsichão, mas ele seguia nos estábulos, as observando às dois. Abriu uma garrafa de água e bebeu um pouco, apoiado na parede, olhando pela janela. Se partia, veriam-no, e não queria que o fizessem. Sara sabia que estava ali, mas não o tinha chamado para que conhecesse a nova proprietária. Isso queria dizer que mantinham uma conversação séria de garotas.

De repente, Sara se levantou de um salto e se levou correndo o vestido que estava costurando a sua casa. Luke encontrou muito significativo que deixasse sua prezado mesa de costura em mãos da desconhecida: a Sara gostava.

A garota ficou ali sentada um momento. Logo recolheu os pratos sujos e o mesa de costura e os levou a sua parte da casa. Por isso Luke sabia, não a tinha percorrido por inteiro. No piso de acima havia uma cama com lençóis limpa e travesseiros novos. Sua mãe a tinha feito o dia antes. Ao ir-se esta, Luke tinha subido e visto os sabões que tinha deixado para o Jocelyn, assim como as toalhas recém lavadas. Se a realeza tivesse visitado Edilean, não a teriam tratado com mais mímico.

Luke não sabia por que todo aquilo lhe dava tanta raiva, mas assim era. O que sabiam daquela mulher? Além de que tinha bom aspecto em biquíni, claro.

Quando Jocelyn entrou na casa, Luke saiu dos estábulos e recolheu as ferramentas. Sua caminhonete estava estacionada detrás e jogou dentro sem olhares as pás e as tesouras de podar. Se saía e tinha algo que lhe dizer a respeito de... a respeito de nada, diria-lhe que se ia.

Meteu-se no veículo, arrancou e conduziu para o atalho de detrás da propriedade: a saída de serviço. Logo, levado por um impulso, girou para a parte dianteira da casa.

Justo quando chegava à grade de entrada, Ramsey a cruzou ao volante de sua Mercedes negro e lhe bloqueou a saída. Quão único queria Luke era partir, mas viu que Ramsey não queria deixá-lo passar. Quando sua primo baixou o guichê, tirou a cabeça pela da caminhonete.

—Já a viu?

—A quem?

—Ao fantasma da senhorita Edi. Sabe perfeitamente a quem. Já a viu?

—Pode.

—Que aspecto tem?

—Mau. Realmente mau. É tão feia que tive que olhá-la através de um espelho —lhe disse Luke.

—Tanto? —disse Ramsey—. Me esperava isso. Estava um pouco preocupado por... nada. Não estava absolutamente preocupado.

—Quer fazer o favor de apartar esse traga gasolina daí para que possa ir ?

—Necessito que me ajude —lhe confessou Ramsey—. A tia Ellie há dito que Sara estava com o Jocelyn, assim quero que diga a Sara que a entretenha vinte minutos enquanto o monto tudo.

—Enquanto monta... o que? Do que me fala? De um castelo de foguetes?

—Pode —disse Ramsey com um sorriso—. Sabe que virei e que trarei o jantar, mas não quero que me veja descarregando o carro e colocando-o tudo na casa. Né!, já sei. Irei eu a falar com o Jocelyn e você o prepara tudo. Sabe esfriar o champanha... não?

—Coloca-o no riacho —lhe disse Luke dando marcha atrás. Que demônios acontecia com todo mundo naquele povo? Primeiro sua mãe lhe pedia que se mantivera afastado daquela mulher e logo Ramsey queria que lhe fizesse de mordomo.

Quando chegaram à zona de cascalho dianteira, estacionaram ao lado do Mini Cooper do Jocelyn e saíram dos veículos. Ramsey ia com calças negras, camisa branca e gravata azul. tirou-se esta última e a lançou ao assento dianteiro de seu carro.

—Miúdo dia! Queria ter estado aqui faz uma hora, mas o velho Segal quase me tira de gonzo. Ele e seu filho voltam a estar brigados, assim que o pai trocou outra vez o testamento.

Ramsey abriu a porta do porta-malas, tirou uma grande cesta de pícnic e logo olhou para as janelas do piso de acima.

—Não estará nos olhando, verdade?

—por que me pergunta isso? É evidente que você sabe mais que eu a respeito dela.

—Que demônios te passa? —disse-lhe Ramsey—. discutiste com sua última noiva?

—Isso não me aconteceu nunca nem me passará. Pode me dizer por que te interessa tanto essa mulher?

—Porque acredito que pode ser a definitiva.

—Outra vez não! —resmungou sua primo.

—Esta garota aconteceu a maior parte de sua vida com a senhorita Edi. Assiste ao balé os fins de semana. Touca o piano e sabe dançar uma valsa. E além disso tem cérebro.

—Isso significa que é alguém a quem poderá exibir perfeitamente no clube de campo e nas funções benéficas do Williamsburg.

—Se te referir a que me alegro de conhecer uma mulher educada, que dá a casualidade de que também é bonita, sim.

Luke jogou uma olhada às janelas.

—Parece-me que deveria ir conhecer a.

Ramsey soprou.

—Certamente lhe daria um susto de morte... ou se deprimiria por quão mau cheira.

—A muitas garotas assim gosta dos meninos maus.

—Não te faça ilusões, menino mau. me dê uma pausa. Simplesmente, vê com a Sara. Bate na porta e lhe diga que mantenha ocupada ao Jocelyn vinte minutos. Chamarei o timbre quando estiver tudo preparado. Pode fazer isso?

Luke ia dizer lhe que não era Sara a que estava em casa a não ser Jocelyn, mas se conteve. Sua mãe lhe tinha pedido que fora amável com a nova proprietária. Não lhe havia dito nada a respeito de voltar louco ao Ramsey. De fato, o que mais gostava no mundo ao Luke era fazer zangar a sua primo.

—Claro —lhe disse, tentando parecer de mau humor apesar de que sorria interiormente.

Jocelyn olhou o relógio da mesinha e viu que ainda faltava meia hora para que Ramsey chegasse. Estava tão nervosa como uma adolescente em sua primeira entrevista. Ao ir-se Sara, fazia um rápido percurso pela casa e comprovado que as habitações seguiam intactas. Como lhe havia dito Edi, os móveis eram da casa da Florida. Não havia adornos, só prateleiras e armários vazios. Em três das habitações havia um tapete e quatro ou cinco boas peças antigas de mobiliário, mas nada mais. A cozinha seguia como nos anos cinqüenta, um pouco melhor que a da Sara mas não muito. Gostou da grande pia e a mesa de pinheiro, mas o forno teria estado melhor recostado e talher de flores.

depois de jogar uma olhada curiosa a toda a casa, tinha subido a mala e se arrumou para sua entrevista.

Tinha-lhe encantado encontrá-la cama disposta com os lençóis limpa e toalhas e jaboncitos no banheiro. Não sabia quem lhe tinha preparado aquele recebimento, mas tinha vontades de lhe dar as obrigado.

Deu-se uma larga ducha, lavou-se o cabelo e o secou. Tirou da mala seu vestido novo de algodão branco com puntilla no desço da saia. Era perfeito para aquela noite. Em bata, pôs a esquentar a prancha de viagem e eliminou com ela todas as rugas do algodão. Edi tinha sido muito puntilosa com isso de que a roupa estivesse bem engomada. Não confiava nos gêneros inarrugables, nem sequer nos de ponto. «distingue-se a uma senhora pela qualidade da roupa que fica e por quão bem a cuida», estava acostumado a dizer.

Quando teve terminado de vestir-se pensou: «E agora o que?» O único que lhe ocorreu foi ir ver se Sara havia tornado. Tinha deixado os pratos e o mesa de costura em seu vestíbulo, assim podia ir devolver se os —Eres la nueva propietaria. —Fue una afirmación no una pregunta.

Poucos minutos depois estava no apartamento da Sara, que tinha deixado aberta a porta traseira. Não tinha retornado. Jocelyn ia deixar os pratos quando bateram na porta principal. Duvidou um momento se responder. Ao fim e ao cabo, estava em casa da Sara, embora fora também dela.

Abriu a porta e se encontrou com um homem alto de cabelo escuro. Levava jeans e uma camiseta suja. Estava claro que não se barbeou desde fazia vários dias. Entretanto, nenhuma daquelas coisas o afeaba. Tinha os olhos verdes e um nariz que solo podia ser descrita como Patricia; os lábios carnudos e bem definidos; o queixo bem formado. Sara havia dito que era «bonito» e o era.

—É a nova proprietária. —Foi uma afirmação não uma pergunta.

Tinha uma voz profunda e rica em matizes, exatamente como por telefone, e estava segura de não ter visto nunca a um homem que lhe resultasse tão atrativo.

—Sim, o sou. É Ramsey?

—Ramsey? meu deus, não! É advogado. Tenho pinta de advogado?

—OH! —disse ela, decepcionada. Apartou o olhar para tentar dissimular o muito que a atraía—. Não, acredito que não tem pinta disso. Deves vê a Sara? Não está.

—Já sei. Vi-a ir-se.

Jocelyn voltou a olhá-lo. Seguia na porta, sem mover-se.

—Então, se sabia que não estava, por que bateste na porta?

—Sou o jardineiro, Luke Connor. —Estava-a olhando atentamente, como se tentasse entendê-la.

—Pois vá...! Não pode te entremeter desta maneira Y..

—Não te irrite —lhe disse Luke, fechando a porta a suas costas.

—Esta não é minha casa e acredito que não deveria estar aqui.

—Sim que o é.

—Que é... o que?

—Sua casa.

—Sim, tecnicamente, mas esta parte a tem Sara Shaw alugada. Ela...

—É minha prima —disse ele por cima do ombro, indo para a cozinha.

Jocelyn ia lhes pisando os talões.

—Se for o primo da Sara... é irmão do Ramsey?

Ele abriu a geladeira e tirou uma cerveja. apoiou-se na encimera e a olhou dos pés à cabeça, de um modo que ao Jocelyn nunca tinha gostado. Assim olhavam às mulheres os homens que se sabiam bonitos, porque acreditavam que lhes pertenciam... se lhes gostava.

—O que tem que ti e do velho primo Rans? Há algo entre vós?

Jocelyn se apartou um passo. A atração que tinha sentido em um princípio por ele se estava esfumando.

—Não é teu assunto, mas não lhe vi nunca. Sara me há dito que é sua primo e, se você também o for, então suponho que está aparentado com o Ramsey.

—Estou-o. Sara, Rans, Charlie, Ken e eu somos primos. Temos os mesmos bisavôs.

Havia em sua atitude algo que não gostava. ria dela, mas não tinha nem idéia do que estava fazendo para despertar sua hilaridade. Por isso parecia, todos os do povo estavam aparentados.

—E a irmã do Ramsey? Também é tua prima?

Luke pareceu desconcertado.

—Claro que o é. É... —calou-se de repente porque se deu conta de que se estava burlando dele: não tinha incluído a todos os primos na lista. Frequentemente tinha visto que a gente que não é do Sul ri quando menciona aos parentes—. É...?

—Como me pergunta se for ianque, lhe...

—O que vais fazer me? —perguntou-lhe, levantando as sobrancelhas com interesse.

—Cortarei-te os casulos das roseiras. Não sei. Como se castiga a um jardineiro?

Olhou-a de um modo que a fez ruborizar-se.

—É a pergunta mais interessante que me têm feito em todo o dia.

Ao Jocelyn aquele homem caía cada vez pior. Consultou o relógio.

—Tenho que ir —lhe disse—. fiquei com alguém.

—Já, com Rans. Está aí partindo o lombo, criando um mundo de conto de fadas para os dois.

—Que amável por sua parte me arruinar a surpresa.

—Se te interessar o que penso: é uma perda de tempo.

Olhou-o de cima abaixo com absoluto desdém.

—Então suponho que um pacote de seis cervejas e uma bolsa de batatas fritas é sua idéia do que terá que contribuir a uma entrevista.

—De nachos. eu adoro os nachos, sobre tudo os azuis. A garota se apresenta com uma bolsa de nachos azuis e um pacote de seis cervejas Samuel Adams e não falha.

—Suponho que o encontra gracioso.

—Estou sendo honesto, simplesmente.

—É como muitos dos homens que conheci, e aos que não quis voltar a ver. —Foi até a porta traseira, abriu-a e saiu, mas lhe cortou o passo.

—Ainda não pode ir. Rans há dito que chamaria o timbre quando estivesse tudo preparado.

—Mandou-te para que me retivera?

—Não é tão tolo. Mandou-me a lhe dizer a Sara que te entretivera, mas se esqueceu que me perguntar se estava em casa. por que não se sinta e fica quieta para que não te enrugue esse vestido novo tão bonito? vou preparar me um sanduíche. Ofereceria-te um, mas Rans trouxe comida suficiente para o meio povo, assim é melhor que agora não coma.

Jocelyn estava ao final do mostrador de formica da Sara, valorando o que fazer, se ficar ali agüentando que aquele tipo seguisse rendo-se dela por não sabia o que ou se partir e danificar a surpresa ao Ramsey. Decidiu que preferia pilhar ao Ramsey com as mãos na massa a ficar com aquele indivíduo.

Voltou-se no preciso instante em que Luke ia deixar os ingredientes do sanduíche em cima do mostrador, golpeou-lhe a mão com o braço involuntariamente, e o bote de mostarda lhe caiu em cima. Um reguero amarelo descendeu pelo peitilho de seu vestido branco.

—Tem-no feito a propósito —lhe espetou—. foi com intenção.

—Não. —Luke parecia verdadeiramente causar pena pela situação—. De verdade que não foi a propósito. —A sorrisita e a atitude que tinha tido desde sua chegada se esfumaram—. O sinto. Seriamente que sim.

Jocelyn agarrou um trapo limpo do ralo que havia em cima da pia e o umedeceu.

—Vamos, deixa que te ajude —lhe disse Luke.

Ela se separou o vestido do peito enquanto pensava como voltar para a casa e trocar-se sem que a visse Ramsey. Havia-lhe dito que disporia o jantar no chão. Se a tinha disposto no chão do vestibulo, teria que passar forzosamente a seu lado... o que significava que teria que conhecê-la com o vestido manchado de mostarda.

—Que demônios faz?

Jocelyn e Luke se voltaram para a porta traseira, onde havia um homem que tinha que ser Ramsey. Era uns cinco centímetros mais baixo que Luke e um pouco mais gordo, mas tinha o mesmo cabelo negro, os mesmos olhos verdes e o queixo e o nariz virtualmente iguais. Eram dois homens realmente bonitos.

Olhou ao Ramsey e logo ao Luke, e viu que este último estava inclinado para ela com um pano úmido. apartou-se imediatamente.

—Jogou-me a mostarda em cima —disse, olhando ao Ramsey.

Luke ensinou as Palmas, conciliador.

—foi um acidente. Juro-o. Tua é. —Sem baixar os braços, saiu da habitação.

Jocelyn ouviu se abrir e fechá-la porta de entrada.

—Está bem? —perguntou-lhe Ramsey.

—Claro. De verdade. Estou bem mas tenho um aspecto lamentável. Queria estar pelo menos apresentável quando nos conhecêssemos.

—Está estupenda! —Disse-o com tanto entusiasmo que a fez sorrir.

—Que amável.

—Não sou amável. Sou advogado, recorda? Que tal se formos a sua casa, à parte principal, refiro-me, e comemos algo. Tem fome?

—Estou faminta.

Foram até a porta principal e ele a abriu. Quando Jocelyn passou a seu lado, disse-lhe:

—Desculpo-me por minha primo. Luke é... —encolheu-se de ombros, como se não tivesse palavras para descrevê-lo.

—Não passa nada —disse Joce—. Todos temos família.

—Por desgraça, eu tenho mais que a maioria.

Quando saíam viu o Luke partir a toda velocidade em uma velha caminhonete amolgada que lhe recordou os veículos que via perto de casa de seu pai de menina. Por isso ela sabia, Luke Connor pertencia à classe de homens contra a que Edi a tinha prevenido sempre. Pior: pertencia à classe de homens pela que a doce, elegante e educada mãe do Jocelyn tinha cansado tão baixo. Uma vez casados, Gary Minton fazia todo o possível por ser o que a refinada família de sua esposa queria que fosse, mas um mês depois de morta já voltava a levar calças de couro, costeletas e a conduzir uma Harley.

—Seguro que está bem? —perguntou-lhe Ramsey—. Tanto te alterou Luke?

—Claro que não —disse Jocelyn, voltando para a realidade. Sorriu—. Deixa que me troque e estarei perfeitamente.

—Esta noite seu mais mínimo desejo é uma ordem para mim. —Ramsey lhe fez uma reverência.

—Então, amável senhor, me levem a castelo para que possa me polir para você.

Ramsey sorriu, ofereceu-lhe o braço e foram juntos para a entrada principal do Edilean Manor.

Capítulo 4

—É uma verdadeira maravilha —disse Jocelyn, e o pensava realmente.

Apreciava todas as moléstias que Ramsey se tomou para preparar o jantar. Tinha estendido uma velha colcha branca no chão do vestibulo e disposto dois almofadões amaciados, um a cada lado. O jantar consistia em macarrão com molho de tomate e manjerição, pão e salada.

—As hortaliças são da mãe da Sara?

—Claro. Se comprar tomates em lugar de usar os seus acredito que poria um piquete às portas de meu escritório.

A baixela do Limoges, com um dos desenhos que mais gostava, harmonizava com uma cristaleria que tinha que ser da Williamsburg colonial, soprada a emano ao modo do século XVIII.

Ramsey, recostado no almofadão, frente a ela, estava à luz das velas incluso mais bonito. O certo é que a punha um pouco nervosa. Sua absoluta perfeição despertava nela o desejo de ser a sua vez perfeita.

—por que há tão poucos móveis na casa? —perguntou-lhe. sentou-se erguida—. Não queria parecer ambiciosa, mas resulta estranho que uma casa em que viveram tantas gerações esteja tão vazia. Haveria dito que estaria abarrotada até os batentes de adornos vitorianos.

—Em uma palavra? Bertrand —disse Ramsey. comeu-se a massa e tomava vinho branco—. Não sei muito do tema, para falar a verdade, porque era meu pai quem pessoalmente se encarregava dos assuntos do Edi, mas sempre murmurava entre dentes quando se mencionava ao Bertrand. Acredito que tinha um problema com os cavalos.

—Seu pai apostava?

Ramsey a olhou para ver se lhe estava tirando o sarro.

—Perdão. É meu senso de humor. Assim Bertrand apostava nas carreiras.

Ramsey a olhou por cima do bordo da taça.

—Algum problema tinha. Ao menos isso acredito eu. Não cheguei a conhecer o Edi, mas pelo que ouvi que ela, sempre me pareceu estranho que lhe

permitisse vender quase tudo o que havia na casa. Lembrança que quando era menino vi um caminhão enorme na porta.

—Passava por essa grade tão estreita?

—Deus, não! Nenhum caminhão passa entre essas colunas. A caminhonete do Luke chocou mais de uma vez com elas.

Ramsey tomou um sorvo de vinho e logo se levantou para retirar os restos de massa e salada. Joce quis ajudá-lo, mas lhe ordenou que ficasse sentada, assim esperou enquanto ele levava os pratos à cozinha. Quando retornou, trazia um traste que parecia uma fondue.

—Minha irmã me assegurou que isto é estupendo para fundir chocolate. Diz que concebeu a seu segundo filho a noite que a compraram. —Olhou-a—. Perdão. É uma anedota pouco afortunada para nossa primeira entrevista.

—Está perdoado, mas solo se me contar o do caminhão da mudança.

—Ah, vale. Tiveram que estacionar na estrada e usar uma caminhonete pequena para ir trasladando os móveis até o caminhão. Era sábado, assim que o meninos voltávamos loucos aos da mudança. Metíamos-nos no caminhão, na casa, inclusive nos escondíamos nos armários que deviam transportar. Por pouco nos jogam no lago.

—O que diziam seus pais? Não era perigoso que fizessem essas coisas?

—Estavam justo aí, olhando-o tudo, e os adultos que não tinham podido dever olhar nos pagavam para que fôssemos cada hora a sua casa a contar-lhe tudo. Sara era a mais rápida porque ia em bicicleta, assim que ela fazia de mensageira. Sabe? Sigo acreditando que não repartia o dinheiro a partes iguais. Parece-me que ficava com a maior parte.

—Os primos... —disse Joce, sorrindo—. Todos para um, um para todos.

Ramsey partiu em partes o chocolate, jogou-os no recipiente e ficou a remover.

—Suponho. Passávamo-nos isso bem de meninos, mas agora encontro isto um pouco cansativo. Aí tem o de hoje, sem ir mais longe. Peço-te desculpas por...

Joce não queria ouvir nenhuma só palavra mais a respeito do Luke e a mostarda.

—O que se levavam na caminhonete?

—Tudo o de valor.

—O sofá amarelo, as mesitas auxiliar, o armário grande, as quatro cadeiras do comilão... Tudo estava em casa do Edi, na Florida. Acredito que leiloaram tudo o que não se pôde trazer aqui.

—Eu sei de boa tinta.

—E o dinheiro...?

—Basta. Não quero falar mais de negócios esta noite. Terá que ir a meu escritório na segunda-feira pela manhã para que lhe conte isso tudo.

—Há alguns assuntos imprevistos a respeito da casa, equivoco-me?

Ramsey sacudiu a cabeça.

—Não tente me tirar nada. Não direi nenhuma palavra.

—Está bem. —Joce tomou um sorvo de vinho—. Assim Edi se levou todos os móveis valiosos e deixou os que não valiam nada a seu irmão para que os vendesse e pagasse as dívidas de jogo.

—Minha mãe dizia que acreditava que a senhorita Edi usava a seu irmão para organizar uma grande venda de garagem. Assim lhe dava algo que fazer ao mesmo tempo que salvava seu dinheiro.

—Isso teria sido muito próprio dela.

—Já está! —disse Isto Ramsey está em seu ponto. Toma um. —Tendeu-lhe uma caixa de pontas agudas—. Crava. —Abriu um recipiente morangos—. Logo inunda-o no chocolate.

Joce seguiu suas instruções.

—Delicioso. Parece-me que já estou grávida.

Como Ramsey guardava silêncio, levantou os olhos.

—Perdoa, outra vez este meu senso de humor...

—Não, se eu gosto. É que não estou acostumado a que as mulheres bonitas saibam brincar.

—Não lhes faz falta. Basta-lhes ficando sentadas e ponto.

—O que quero dizer... —Ramsey sorriu—. Estou ficando como um idiota e é precisamente porque esta noite não quero colocar a pata.

Jocelyn se limpou o chocolate do queixo.

—Comigo não a está colocando. Né! Obrigado por me preparar o dormitório.

—O dormitório?

—Já sabe. Os lençóis, o sabão, todo isso. Teria que ter acontecido a noite em outra parte se não me tivesse preparado isso.

—Sinto muito, mas não fui eu. Certamente foi alguma das senhoras da igreja.

—Já que tiraste o tema, vi uma igreja quando chegava ao povo. Edi e eu íamos a missa todos os domingos.

—A igreja —disse Ramsey, como se nunca tivesse ouvido falar dela—. Se assistir a missa no domingo minha mãe encontrará tão perfeita que irá comprar nos as alianças.

—Tão mau seria?

—Brinca? Tenho trinta e dois anos e sigo sem filhos.

—O que tem que sua irmã e seus outros irmãos?

—Solo somos ela e eu, e minha mãe não está satisfeita com a prole do Viv. Também quer que eu tenha filhos.

Pelo modo em que a olhava, Jocelyn duvidava entre deitar-se em seus braços e pôr o de patinhas na rua.

—Uso o número doze de anel e quero um diamante rosa esculpe esmeralda de quatro quilates.

—Diz-lhe isso a minha mãe e sou homem morto —resmungou Ramsey.

—Sara costura vestidos de noiva? Se o fizer, tenho algumas ideias a respeito de como deve ser o meu.

Ramsey soltou uma gargalhada.

—Não, a sério. Parece-te que a mãe da Sara poderia conseguir as suficientes rosas brancas para encher a igreja?

—Já vale! —Ramsey seguia rendo-se—. A sério. É melhor que não falemos disto ou minha mãe conseguirá de algum jeito inteirar-se e se apresentará na porta. Se tivesse ideia de pelo que estou passando... —interrompeu-se—. O que me interessa é ouvir coisas a respeito de ti e a senhorita Edi.

—Fomos almas gêmeas —disse Jocelyn.

Dispunha-se a lhe contar a história de sua vida mas se conteve. Se o contava toda a primeira noite, do que fariam na seguinte entrevista? E esperava que houvesse uma segunda entrevista, porque Ramsey gostava.

—Está bem —disse este—. te Guarde por agora os segredos. Já lhe tirarei isso. —levantou-se do almofadão e se despezou.

Sob a camisa lhe marcava a musculatura de peito e braços. Joce não era capaz de deixar de olhá-lo. Quando ele se deu conta de que o fazia, voltou a cabeça, envergonhada.

—Joga golfe? —perguntou-lhe Ramsey.

—A que?

—Ao golfe. Joga?

—Não.

—Ao tênis?

—Sinto muito. Tampouco ao tênis. antes de que me pergunte isso, tampouco nado muito bem e não sei jogar bridge. Os clubes não vão.

—Então, o que você gosta de fazer? Não, espera. Não me diga isso. Deixa que o adivinhe. Algo tem que fazer além de sonhar em suas bodas.

—Não muito.

Ramsey ficou a esfregar os pratos, sorrindo, e esta vez Joce lhe ajudou.

—Como imagina ao noivo?

—Loiro, de olhos azuis —disse ela sem duvidá-lo um instante.

Ramsey se pôs a rir.

—Me tenho merecido isso. —Pôs os pratos na mesa grande da cozinha e olhou a seu redor—. vais ter que reformá-la.

Penduravam do teto três lâmpadas nuas e a luz deslumbrava, lhe dando a todo um ar fantasmagórico.

—Como pode sugerir sequer que reforme esta cozinha? —exclamou com fingido horror.

—Que tal uma ilha com encimera de mármore em lugar desta mesa? —perguntou-lhe, olhando-a—. E uma pia nova, é obvio.

Joce olhou a pia e sentiu remorsos pela idéia de trocá-lo. Era grande, com dois enormes seios, um zócalo alto de porcelana na parte posterior e um escorredor a cada lado.

—Tenta averiguar se sei cozinhar? —Sem lhe dar tempo a responder, acrescentou—: Não sei. Edi teve uma senhora trabalhando para ela durante vinte anos que preparava uns pratos deliciosos. Em casa de meus pais, em troca, bom... quanto menos fale disso, melhor. Mas sei fazer confeitaria.

—Confeitaria?

—Foi um projeto da escola. Edi me deixou usar sua cozinha. Inclusive usei uma manga pastelera.

—Bem! —disse ele, embora não parecia muito convencido.

ficaram calados e Jocelyn dissimulou um bocejo. Tinha sido um dia muito comprido.

—Será melhor que vá —sugeriu Ramsey—. Se faz tarde. Posso te recolher amanhã para ir à igreja?

—Se você e eu chegamos à igreja juntos emparelharão de por vida. —Era uma brincadeira, mas ele não sorriu.

—Coisas piores há.

—Sim, é certo. —Evitou olhá-lo aos olhos—. Que tal se nos encontrarmos ali? Às dez, de acordo?

—Se te saltar a catequese, coisa que eu estou acostumado a fazer, sim.

—Você gosta de te levantar tarde?

—Trabalho até tarde. Ainda ficam três horas de papelada esta noite.

—Sério?

—Sim.

—Posso te ajudar?

Ele pareceu desconcertado, como se não soubesse se ela seguia brincando.

—Obrigado, mas não. Temos um importante caso de divórcio entre mãos e estou tentando encontrar um dinheiro que se perdeu. Como pode um homem permitir-se pagar à vista uma casa de três milhões de dólares se solo ganhar sessenta dos grandes ao ano? Ao menos, isso é o que quer saber sua mulher.

—Não sou boa em assuntos monetários, mas posso... realizei muito trabalho de investigação, assim se alguma vez necessita ajuda nisso, diga-me isso

—Déjalo así todo y yo ya lo recogeré mañana. Tienes que irte a trabajar y avanzar todo lo que puedas para poder ir a la iglesia mañana.

—Ou confeitaria —disse Ramsey, sorrindo—. Não esqueçamos a confeitaria.

—Nunca a esquecimento —disse Joce, com um sorriso forçado.

Ramsey foi agarrar um prato para guardá-lo, mas não lhe deixou.

—Deixa-o assim tudo e eu já o recolherei amanhã. Tem que ir a trabalhar e avançar tudo o que possa para poder ir à igreja amanhã.

—Obrigado. —Parecia não saber que mais dizer—. Então, veremo-nos na igreja?

—Se consegue te levantar.

Ramsey foi para a porta e ela o seguiu. Abriu-a e ficou quieto. Por um momento, Joce acreditou que a beijaria, mas saiu ao alpendre.

—Obrigado por tudo. Me gostou de muito —lhe disse.

—Sim. —Ramsey baixou os degraus—. A mim também.

Jocelyn fechou a porta e se apoiou nela. Que demônios lhe passava? Tinha uma entrevista romântica com o homem ideal, o homem que segundo Edi seria o amor de sua vida, e conseguia danificá-la. Não sabia como, mas a tinha quebrado. Certamente suas brincadeiras desgracioso sobre o matrimônio não tinham contribuído a seu êxito. O surpreendente era que não tivesse saído correndo. O que lhe havia dito por telefone? Que a última vez que uma mulher lhe tinha falado de matrimônio tinham tido que chamar uma ambulância.

Consultou o relógio. As nove e meia. Apesar do cedo que era estava bocejando. Ao melhor o problema era que estava esgotada. Conhecer gente nova, uma casa e ter uma entrevista em um só dia era muito para qualquer.

Deixou os pratos na mesa, apagou as espantosas luzes da cozinha e foi para as escadas para ir-se à cama. Quando passava por diante da porta traseira ouviu um estalo. O coração lhe subiu à garganta. Havia alguém na porta! Alguém tentava entrar!

Onde tinha o móvel? Vamos. Ou estava na planta baixa? Não conseguia lembrar-se. Tinham conectado a linha Telefónica? Com o agitação não tinha comprovado se havia telefone.

Alguém empurrou a porta e ela se pegou à parede, com o coração desbocado. Agachando-se, passou por debaixo da janela até a porta, para que o intruso não a visse. Se conseguia chegar à porta principal antes que ele, escaparia.

Viu uma sombra e logo uma silhueta à luz da lua. Era um homem alto de cabelo escuro. Era...

Endireitou-se. Era Ramsey. Certamente tinha esquecido algo. Agarrou o pomo da porta e a abriu de repente.

Era Luke.

—O que faz?

Pareceu mais surpreso de vê-la que ela de vê-lo ele.

—Comprovo as portas —disse—. pensei que não te lembraria das fechar com chave, assim...

—Sara deixa a porta aberta. Tenho suposto que este povo era um desses nos que ninguém fecha as portas.

—Não te faça ilusões. —Retrocedeu um passo—. Olhe... sinto muito. Todas as luzes estavam apagadas e pensei que te tinha deitado.

—Estava observando a casa?

—Isso. É meu trabalho, recorda? Não lhe falaram que mim? Ou segue zangada pelo da mostarda?

Joce abandonou sua atitude hostil.

—Não, já sei que foi um acidente. Quer passar e tomar uma taça de chá?

—Contigo e com o Ramsey?

—Como se não soubesse o que faz dez minutos que se foi.

Com um sorriso torcido, entrou. A colcha e os candelabros seguiam no chão, assim como a ollita de chocolate e umas quantas morangos.

—Jogaste-lhe?

—Não, não lhe joguei. Tinha que ir-se casa a trabalhar.

Luke se inclinou, colocou o dedo no chocolate e o chupou.

—Lógico. Suponho que por isso foi a casa do Tess depois de te deixar.

Joce se deteve e o olhou. Luke, com a panela nas mãos, passava um morango pelo fundo.

—Fez o que?

—ir ver sua secretária. Ao Tess. Vive na porta do lado. Ela dirige sua vida.

—Já me hão isso dito. Mas... segue aí?

—Claro. —Olhou-a aos olhos—. Quem te falou que o Tess? Rans não, certamente.

—A que te refere? —Foi para a cozinha—. Vamos —disse por cima do ombro—, e traz isso se quiser.

—Obrigado. —Seguiu-a, com o cabo da panela elétrica arrastando pelo estovado acostumado a—. Acredito que ao melhor manhã você e eu poderíamos falar do que quer fazer com o jardim.

—Não tenho nem idéia de jardinagem. —la abrindo as portas das despensas, procurando uma bule ou bolsitas de chá ou algo.

—Isto do chá é um problema para ti. De verdade que não quero te incomodar. Comerei algo de caminho a casa. Há uns quantos restaurantes de comida rápida nos subúrbios do Williamsburg, afastados da auto-estrada. Não ficam longe daqui. A um par de horas como muito.

Joce não pôde evitar rir.

—Vale, lhe sente-se disse, e ele obedeceu. Agarrou a marmita com a massa que tinha demasiado da velha geladeira e a meteu em um arcaico microondas.

—por que crie que Rans não me há dito nada de sua secretária? — Tentava aparentar que não lhe importava, e o tinha chamado por seu apodo para dar a impressão de que tinha uma relação mais íntima com ele.

—Suponho que não conheceste ainda ao Tess —disse Luke, levantando-se e indo para as despensas. estirou-se para agarrar um prato e logo tirou faca e garfo de uma gaveta.

Jocelyn não tinha cuidadoso dentro dos armários, assim não sabia onde estavam as coisas.

—Não, não a vi, mas me falaram que ela.

—foi Sara? Contou-te o do vestido vermelho?

—Que demônios passa com essa mulher e seu vestido? —perguntou-lhe ela, abrindo o microondas.

—Está segura de que quer ouvi-lo?

—Já sou mayorcita. Acredito que o suportarei. O que aconteceu a secretária e o vestido?

Luke agarrou de suas mãos o recipiente de massa, verteu o conteúdo no prato e deixou este na mesa.

—Quer um pouco?

—Não, obrigado. Acabo de jantar. Com o Ramsey, recorda?

—Ah, sim. passastes tão pouco tempo juntos que quase me tinha esquecido de sua entrevista. Porque era uma entrevista, não?

Joce não se tomou a moléstia de lhe responder. serve-se vinho em um copo e tomou um sorvo.

—Perdão mas não fica mais —se desculpou. Entretanto, Luke deduziu pelo tom que não o lamentava absolutamente.

por que a punha aquele homem de um humor tão péssimo? devia-se seu estado de ânimo a que Ramsey lhe tinha feito acreditar que foram pelo bom caminho e logo se foi à casa do lado com outra mulher?

Luke se levantou, abriu a geladeira e tirou uma cerveja.

—Realmente se sente como em sua casa aqui.

—Passo muito tempo aqui, assim será melhor que te acostume para mim. —Provou a massa—. Está bastante boa. Preparou-a Rans? Sempre foi bom cozinheiro. Inclusive prepara bolos de lombriga. Deveria lhe pedir que lhe conte isso.

—Antes ou depois de que você me fale do vestido vermelho?

—Ah, isso! —disse Luke com a boca enche—. Tess não se toma bem que lhe dêem ordens. Faz seu trabalho como cria conveniente e ponto. Nada mais é de sua incumbência.

—Não nos passa isso a todos? —perguntou-lhe Joce, sentando-se em uma cadeira, ao outro lado da mesa, frente a ele.

—Não até tal ponto. Mas Rans sempre foi manhoso, como dizemos por aqui.

—Entendo —disse Jocelyn com um sorriso forçado—. Sabe cozinhar e é manhoso. Que mais vais dizer me? Que antes era uma mulher?

—Não que eu saiba —disse Luke com cara de inocente—. Te há dito que quer sê-lo? ouvi que há clínicas realmente boas para a mudança de sexo, mas arrumado a que o velho Rans conhece um montão.

Ao Joce lhe escapou a risada.

—É horrível. Venha, me conte a história.

Luke comeu um par de bocados antes de começar.

—Em realidade foi tão singelo como isto: Rans disse ao Tess que não gostava como ia vestida.

—E ela não se tirou o que levava, a que não?

—Isso fazem as secretárias das escrivatinhas de advogados da Florida? Se for assim, estou no estado equivocado.

Joce esgotou os olhos.

—Não... Não se tirou nada. Foi justo depois de que começasse a trabalhar no MAW. É o despa...

—Já sei o que é. Segue.

—Pois sim que te inteiraste que muitas coisas. Bom, a questão é que Tess só levava ali seis semanas, mas já tinha endireitado o despacho. Tinha despedido de duas secretárias e conseguido que as duas que ficavam trabalhassem a sério. Foi uma revelação para minha primo Rans. Uma mulher que merecia o salário que lhe pagavam.

—Sabe que falas assim dele?

—O que te há dito de mim?

—Alegra-me dizer que não falamos que ti em toda a noite.

—Em uma hora e meia. —Luke fez uma floritura no ar com o garfo—. Me parece, tecnicamente falando, que isso não é uma noite inteira. Não é mais que uma hora e meia. Uma entrevista bastante curta, verdade? Se eu sair com uma garota...

—Já sei. Faz o amor em cima dos nachos azuis. Segue me contando a história do Ramsey.

—Fazer o amor sobre um leito de nachos. Pois é algo que não provei alguma vez. Provaste-o você?

—O que eu tenha provado não é de sua incumbência. O que fez Ramsey?

—Não fez nada. Fala muito mas na hora de atuar... Vale, deixa de me olhar assim. De todos os modos, todos os homens do despacho estavam contentes com o Tess, em todos os aspectos. Quero dizer... É inteligente e chamativa. Há-te dito quem te tenha falado dela que tira de costas?

—Não —repôs Joce, simples e sinceramente.

—Está muito bom. Às vezes, quando caminha pela grama, tenho que apagar a colhedora e me sentar a olhá-la. Seja como for, Rans não estava contente com o que tinha. Como é habitual nele, queria mais. Sempre quer mais. Chamou-a a seu escritório para uma «avaliação» e lhe disse que fazia um trabalho excelente, mas que não estava de tudo satisfeito com seu modo de vestir. Não gostava dos jeans nem as camisetas e detestava as botas jeamas. Disse-lhe que queria que começasse a ir vestido a trabalhar, que se tinha acabado o de levar calças.

Jocelyn se apoiou no respaldo, com uns olhos como pratos.

—Que diabos fez ela?

—Ficar um vestido. Fica mais pão de alho?

Jocelyn se levantou e lhe alcançou a cesta.

—Sara me há dito que era muito curto e você me há dito que vermelho. Assim, como era o vestido?

—Esse dia eu não estava no povo, assim não cheguei a vê-lo, mas... Um momento. —Se arrellanó na cadeira e tirou o telefone móvel de uma fundita que levava no quadril—. O levo sempre em cima porque sou bombeiro voluntário. —Pulsou uns quantos botões—. Ah, aqui está. Esta me enviou isso minha primo Kent. É a «W» do MAW.

Jocelyn agarrou o telefone para ver a foto. Era de uma mulher com um vestido vermelho diminuto, mais curto que os mais curtos das Astras, com os lados abertos até a cintura. Tinha a cara volta, assim não lhe via, mas seu cabelo comprido castanho avermelhado lhe caía em grossos cachos de cabelo pelas costas. Além disso, tinha um corpo magnífico.

—Já vejo —disse Joce, lhe devolvendo o móvel.

—Sim, isso disseram todos esse dia: «Já vejo.» O pior foi que Rans recebeu a visita de alguns empilhados do Williamsburg que viram o Tess dessa guisa. Ken diz que tomaram bastante bem. ficaram com a boca aberta e Tess lhes disse que ao Ramsey não gostava de seu modo habitual de vestir, que lhe havia dito que

ficasse um vestido e isso tinha feito ela. depois daquilo Rans foi o branco de muitas brincadeiras.

—E suponho que Tess leva o que lhe dá a vontade.

—Tess faz o que quer e ninguém lhe sugere sequer que faça outra coisa.

—Por isso Ramsey foi a vê-la depois de me deixar.

—É o que está acostumado a fazer —disse Luke. Sustentou em alto o cabo da ollita do chocolate—. Te importaria conectar isto?

Ela procurou uma tomada elétrica e, ao não encontrar nenhuma, tirou um prolongador de uma gaveta e o conectou no casquilho da lâmpada do teto. O cabo ficava feio, mas servia.

—Quer? —perguntou-lhe Luke inundando um morango no chocolate.

Joce negou com a cabeça. perguntava-se o que estaria fazendo Ramsey na porta do lado.

—Está pensando no velho Rans?

Como ela não respondia, seguiu lhe fazendo perguntas.

—Que relação há entre você e minha primo? É uma dessas que bebem os ventos por ele? Planeja ser a senhora McDowell para fim de ano?

—Não. Não «bebo os ventos» por ele. Que expressão tão antiquada! Já te terminaste esses morangos? É tarde e eu gostaria de me deitar. Amanhã tenho que ir a missa.

—Recolherá-te Rans?

De repente, ao Jocelyn começou a lhe desgostar aquela conversação. Não queria entrar na igreja ao dia seguinte e que houvesse gente olhando-a como se soubesse que a tinham visitado dois homens em uma só noite. Mais importante ainda, não queria ver-se envolta no que fora que se traziam entre aqueles mãos duas primos. Era evidente que pelo único que interessava ela ao Luke era pelas cuidados que Ramsey lhe dispensava.

—Sabe? Acredito que já te hei dito mais que suficiente a respeito de minha vida privada. Parece-me que, se for seguir trabalhando aqui, você e eu deveríamos deixar claras algumas costure. de agora em diante eu mesma fecharei os fechos de casa, assim não vais ter que rondar por aqui às tantas da noite.

—São as tantas para ti?

Joce ignorou sua pergunta.

—Segundo, eu gostaria que não colocasse os narizes em minha vida. Isto é um povo pequeno e se você e eu começamos... —Fez um gesto com a mão abrangendo a cozinha quase às escuras e a eles dois—. Simplesmente, acredito que não é conveniente que isto volte a dar-se.

—Claro. —Luke se levantou—. Perdoa que te tenha incomodado.

Jocelyn não tinha pretendido ser tão seca, e certamente não queria ganhá-la antipatia de alguém que trabalhava para ela, de alguém a quem veria diariamente; mas pensava que era melhor não dar pé a falatórios.

Seguiu-o até a porta traseira, disposta a fechar o fecho assim que partisse. Ele se deteve na soleira.

—me diga, senhorita Minton —lhe disse muito formal—. teve uma entrevista com minha primo esta noite, mas me pergunto o que diria se eu lhe pedisse que saísse comigo.

Joce retrocedeu um passo.

—Luke, parece um homem agradável, e pelo pouco que vi do jardim trabalha bem, mas não acredito que você e eu... Bom, quero dizer... Não somos...

—Entendo. —apartou-se a franja e lhe fez uma antiquada inclinação de cabeça—. boa noite, senhorita Minton. —Baixou os degraus e desapareceu na escuridão.

Jocelyn fechou a porta, correu o fecho e se apoiou nela. «Miúdo dia!», pensou. Muitas coisas e muito precipitadas.

Subiu a sua habitação e voltou a sorrir quando viu a cama feita. Ao dia seguinte, na igreja, teria que inteirar-se da quem devia aquele gesto de bem-vinda para agradecer-lhe Luke, por su parte, había mentido acerca de lo de comprobar si había cerrado las puertas para poder entrar en su casa en plena noche, y luego se había zampado la comida que Ramsey había preparado.

Intento conter-se mas não pôde. Olhou pela janela para o caminho de entrada. O carro do Ramsey seguia ali, assim ainda estava com o Tess. Com a espantosa Tess.

Lavou-se a cara, aplicou-se nata, ficou a camisola e se meteu na cama. Seu primeiro pensamento foi para o Luke. Não era tão inocente como para não saber que tudo o que tinha feito aquela noite formava parte de uma dessas competições entre homens pelas mulheres. Luke a tinha feito sentir-se como uma fêmea de cervo com dois veado em zelo brigando por ela. Atando cabos, dava-se conta de que Ramsey e Luke levavam competindo por tudo toda a vida.

Agora ela era o novo troféu. Nuevecita no povo, não conhecia nada nem a ninguém e era a proprietária da «grande casa». Sim senhor!, era o prêmio gordo.

Sabia que Luke participava da luta; a questão era se Ramsey também. Dos dois, Ramsey era o que mais gostava. tomou-se muitas moléstias para lhe preparar o jantar e criar um rincão romântico naquela inóspita e solitária casa.

Luke, por sua parte, tinha mentido a respeito do de comprobar se tinha fechado as portas para poder entrar em sua casa em plena noite, e logo se escondeu a comida que Ramsey tinha preparado.

Por isso ela sabia, Ramsey era dos que dão e Luke dos que tomam.

Quando já se estava ficando dormida, pensou no que Luke havia dito ao partir. Não lhe tinha pedido a sério que saíssem. Imaginava na barra de um bar, rendo com suas cinquenta primos a respeito de como lhe tinha surrupiado a garota ao Ramsey. «O velho Rans nem sequer o viu vir —lhe parecia lhe ouvir dizer—. Me lancei e a roubei diante dos narizes.»

Aquela idéia lhe resultou tão perturbadora que golpeou o travesseiro e ficou olhando fixamente ao teto. Se Ramsey «ganhava», comportaria-se exatamente da mesma maneira em um coquetel? Imaginava no clube de campo, levantando o copo de uísque de malte e dizendo a um grupito de homens: «E assim foi como ganhei novamente a minha primo.»

Quando ouviu o carro do Ramsey arrancar e afastar-se, disse-se: «Hei aí outro problema.» Não gostava que aquela Tess tivesse um trato tão íntimo com o Ramsey. Essa noite, quando Luke lhe tinha ensinado a foto da garota, havia-se posto ciumenta. Ciumenta! Que absurdo! Ciumenta de quem? De um homem ao que acabava de conhecer? De um homem que podia havê-la estado utilizando ou não em alguma estúpida competição com sua primo?

Quando o carro se foi, Joce notou que se relaxava... e isso lhe deu ainda mais rabia. Estava tensa porque um homem ao que acabava de conhecer estava no apartamento de outra?

«Vale, Jocelyn —se disse—. Necessita vida própria. antes de pensar sequer em um homem, precisa ter sua própria vida.»

A habitação estava tranqüila e acabou por dormir.

Capítulo 5

—coloquei a pata —disse Ramsey assim que Tess lhe abriu a porta—. Me Mato por lhe dar boa impressão e o danifico. Ela brincava e eu me fiquei ali olhando-a como um pasmarote, como se não a entendesse.

—Cobrareis-te por isso —disse Tess—. Como horas extra.

—Dá-me igual. —sentou-se na poltrona da sala de estar—. Veio, fresa recubiertas de chocolate. Preparei-o tudo porque queria de verdade que acreditasse... Não sei o que esperava conseguir, mas não o obtive.

—Queria que acreditasse que, apesar de viver em um povo minúsculo, é um homem de mundo. Assim que quem te conseguiu todo isso?

—Minha mãe e Viv. —Levantou o olhar para ela—. por que crie que não fui eu?

—Porque logo que sabe comer como é devido. Preparou-lhe a massa de sempre?

—Claro. O que outra coisa ia preparar lhe? É o único que sei cozinhar...

—Voltou a olhá-la-se pode saber que demônios leva?

—Ponho-me isso para dormir —disse Tess, olhando a camisola de seda branca com a bata de encaixe a jogo.

—Bom, pois vístete.

—Se isto puser e é muito para ti, sugiro-te que não te presentes em minha casa em plena noite nunca mais.

—Cobrar-me horas extra por me pôr? —perguntou-lhe Ramsey asperamente.

—Não, mas não me dê idéias.

—Tem algo de beber?

—Muitas coisas, mas não tomará nenhuma. Tem que conduzir até sua casa, não o esqueça. Além disso, espero companhia.

—De quem?

—De tua primo.

—Como é Luke, eu...

—O que? vais proibir me lhe ver? Luke é mais bonito que você e não está jogando barriga de estar todo o dia sentado em um despacho. Começa a me parecer mais preparado que você.

Ramsey olhava o chão.

—Te case com ele. Oxalá o fizesse. —Calou um instante antes de acrescentar—. Essa mulher eu gosto.

—Qual? —Tess se sentou frente a ele. Tinha um uísque na mão e lhe deu um sorbito sem deixar de olhá-lo.

—Já sabe qual. Jocelyn. Protegida-a da senhorita Edi.

—Ah, essa! É ela ou é seu casa o que você gosta? Aos do Williamsburg seguro que gostariam que vivesse em uma casa própria de um Pai Fundador. Inclusive pode que lhe dessem mais trabalho. Isso te reportaria mais ganhos.

—Às vezes é muito graciosa. Ja, ja. Parto-me de risada. —levantou-se e se aproximou da vitrine do fundo—. Silêncio, solo vou tomar um pouco de tônica. Tem gelo?

—Já sabe onde está a cozinha.

—Certamente sabe como conseguir que um homem se sinta bem recebido.

—Se o convidar, sim... —gritou-lhe enquanto ele se metia na cozinha.

Ao cabo de um momento reapareceu com uma terrina cheia de gelo.

—Detesto sua cozinha. É pior que a da Sara. Pior que a do Joce.

—Então me reforma isso apartou-se o cabelo da cara.

—E? Anoto-o em conceito de gastos? Ao melhor se fosse meu amante...

—Olhou-a por cima do copo. Nunca a tinha visto em camisola. Estava mais bonita do habitual... se isso era possível.

—Se me olhar assim te jogo. Pensando-o bem, por que não vai a casa de uma vez?

Ramsey voltou a sentar-se, com o olhar perdido.

—Conheço-a.

—O que?

—Conheço-a, ao Jocelyn. Nunca o hei dito a ninguém mas o avô estava acostumado a me deixar ler as cartas que intercambiavam ele e a senhorita Edi.

—Trata-se de um desses segredos ou disputas familiares ou alguma dessas tolices sulinas relacionadas com sua mãe e todos outros?

—Minha mãe era do Oregon. E não, não houve nenhuma disputa familiar na geração de meus pais. O que seja que ocorresse foi em tempos de meus avós. como sempre, mesclas as coisas no que se refere a este povo.

—Te vou cobrar uma hora mais por esse comentário. me diga que problema tem e não esqueça que o relógio corre. Leíste umas quantas cartas. Que mais?

—A senhorita Edi era uma apaixonada do gênero epistolar. Acredito que se blefava com gente de todo o mundo. Uma dessas pessoas era meu avô. Ele a visitou várias vezes e me parece que minha avó estava um pouco ciumenta. Dizia que punha qualquer desculpa para voar a Florida e passar uns dias com o Edi.

—E? —apressou-lhe Tess—. me Poderia contar isso rápido? Já te hei dito que tenho uma entrevista.

—São as dez da noite, tudo está fechado e, além disso, vai em camisola. Para que fica...? —ficou mudo—. Ah!

—Sabe? Parece-me que deveria te sentar com sua irmã para que te dê um bate-papo a respeito de como se fabricam os bebês. Ou ao menos a respeito do que a gente pratica para fabricá-los.

—Intento te dizer algo que para mim é importante, algo que não lhe contei jamais a ninguém... e te burla?

—Pedi-te eu que viesse esta noite a me contar com cabelos e sinais sua desastrosa entrevista com essa finório?

—Conhece-a?

—Não, mas a vi, e Luke me falou que ela.

—É a ele a quem esperas?

—Estou esperando à equipe de futebol do instituto.

—Sabe uma coisa, Tess? um pouco da educação do Jocelyn não te viria mau.

—Se fosse educada como ela não te teria deixado entrar esta noite para que me desse a tabarra com sua nova noiva.

—Aí está! Não é minha noiva e, se não me montar isso melhor que esta noite, nunca o será.

Tess voltou a encher o copo e se sentou novamente frente a ele.

—Já vejo que não me liberarei de ti até que tenha chorado o bastante no copo e desembuchado.

—Que boa idéia! Tem uma cerveja?

—Luke guarda um pacote de seis em minha geladeira.

Ramsey levantou os braços, frustrado, logo se levantou e foi à cozinha. Como não retornava à sala de estar, Tess foi a seu encontro.

—O que quer de minha geladeira? Não há nada para comer.

—Tem ovos.

—Porque Sara me trouxe isso. Têm a casca azul —acrescentou dúbia.

—São de ameraucana.

—Do que?

—As ameraucanas são a raça de galinhas que cria a família da Sara. Põem ovos azuis e verdes —lhe explicou pacientemente Ramsey, tirando o cartão de ovos da geladeira e um pacote de manteiga da mesma marca que o pão de molde: Shaw Farms—. Estou morto de fome. Quer torrado e ovos mexidos?

—Não era essa massa quão único sabia cozinhar?

—Saber fazer ovos mexidos não é saber cozinhar.

Ramsey a olhou enquanto tirava uma frigideira de uma despensa. Os Natais anteriores lhe tinha comprado uma bateria inteira, com suas panelas e suas frigideiras. Um mês antes, como ainda não a tinha desembalado, tirou-a de seu pacote, lavou as peças e as guardou. Os outro do escritório davam de presente ao Tess costure de considerável valor em agradecimento por tudo o que fazia por eles, mas Ramsey lhe comprava as que sabia que lhe faziam falta. Mas claro, ele era o único que tinha estado em seu apartamento e visto do que carecia. Quase todos seus presentes tinham sido para a cozinha: facas, pratos, copos e pequenos eletrodomésticos. Segundo Luke, Ramsey o usava como desculpa para ir ao apartamento do Tess, mas não era certo. Queria que estivesse cômoda e, além disso, queria que ficasse no Edilean, por pequeno que fora o povo. Da chegada da jovem sua vida ia como uma seda, e o melhor era que tinha uma amiga com a que falar. Uma verdadeira amiga, não alguém da família. Se algo terei que reconhecer era que, ouvisse o que ouvisse, Tess mantinha a boca fechada. Podia lhe contar suas intimidades sabendo que jamais as revelaria a ninguém.

—E bem? Quer ovos ou não?

—Desfarei-me antes de ti se como um pouco?

—Sim —lhe assegurou Ramsey com um sorriso torcido—. O que pensará seu galã quando chegar e me encontre aqui?

—Que quer que faça algo do trabalho —disse sentando-se a mesita encostada à parede.

—Vale, pois não me diga isso. —Partiu os ovos em uma terrina, bateu-os com um garfo e os jogou na frigideira quente.

—Terá que reconhecer que tem um ego inquebrável. Diga-te o que te diga, segue acreditando que quero estar contigo.

—Tess... Você goste ou não, somos amigos. —Procurou uma colher de madeira em uma gaveta—. Lhe fazem falta uns agarradores e uns quantos trapos de cozinha. Comprarei-lhe isso no Williams-Sonoma.

Tess cabeceou.

—Quem te crie que sou? Sua tia solteirona, da que tem que te ocupar? Quer fazer o favor de me contar o que seja quer me contar e logo partir? Tenho...

—Sim, já sei, uma entrevista com alguém misterioso que ainda não apareceu apesar de que são mais das dez. —Repartiu os ovos mexidos em dois pratos e lhe pôs um diante—. Come —lhe ordenou que—. Diria que está emagrecendo.

—Com o sexo se queimam um montão de calorias. Falando do qual, suponho que não o terá feito com sua pequena Alicia.

—Alicia?

—Luke diz que se veste como a menina da Alicia no País das Maravilhas.

—Quando lhe viu?

—Faz um par de horas. Ciumento?

Ramsey soprou.

—Do Luke? Brinca? Em qualquer caso, como ia dizendo, meu avô me deixou ler as cartas da senhorita Edi quando era um pirralho. Escrevia muitas coisas sobre essa menina chamada Jocelyn Minton a que estava virtualmente criando.

—Deixa que o adivinhe: apaixonou-te por ela pelas cartas e agora quer que seja sua mulher e viver felizes e comer perdizes. Bem! Agora que já está tudo dito, pode ir.

—Te termine os ovos. —Ramsey se levantou—. Não sei por que tem que ser tão cínica contudo.

—Talvez é porque me passado o santo dia entre advogados. acabei vendo o mundo como um pleito inacabável.

—A meu modo de ver, ajudo às pessoas.

—Já, igual a fez com o divórcio dos Berner? Os dois sabemos que esse homem escondeu seus ganhos para evitar que sua mulher o deixasse sem branca. Comprou-lhe essa grande casa que não podia permitir-se solo para agradá-la e ela não parou de lhe dar a lata. Se tivesse um pinga de consciência diria a ela que não

conseguirá nada e que tem que ganhá-la vida. Mas não, graças a sua astúcia vai ficar com tudo e lhe ficarão as dívidas. Quando conseguir refazer-se já será um setentón.

—Ao melhor não é um bom exemplo do modo em que ajudo às pessoas.

—E o que o é?

—O que me diz da senhorita Edi?

—Uma velha rica que pagava uma fortuna a sua escrivantina. É um herói, sim! Está aqui para me pedir que te ajude a intimar com a nova proprietária da casa? Para que? Para te casar com ela? Para ter uma tórrida aventura?

—A que se deve sua hostilidade para ela?

Tess apartou o prato vazio.

—Não sei, talvez é porque dois... não um a não ser dois homens vieram hoje a ver-me e não pararam que falar dela. Qual é seu segredo? Vi-a e não é precisamente um bellezón. Não ouvi tampouco que seja brilhante, assim, o que tem que tanto vos cativa?

Ramsey a estava olhando com a boca aberta.

—Está ciumenta do Jocelyn, verdade que sim?

Tess se levantou.

—Acabou-se. Quero que vá. Para sua informação, não estou ciumenta nem dela nem de ninguém. Se lhes quisesse a ti ou ao Luke poderia lhes ter.

Ramsey soprou.

—Conheço-te muito bem para me pôr romântico contigo. Este é seu problema? Que um homem chega às tantas e não fica prendado por sua beleza?

—Tem uma mente doentia, sabia? —Foi com grande rapidez até a porta e a abriu—. Vete a casa. Já.

—Está bem. Sinto muito. Pensava que ia passar uma noite estupenda com o Jocelyn, mas...

—Mas o que? —perguntou-lhe impaciente, enquanto sustentava a porta.

—Ficamos sem tema de conversação.

Aquilo fez que a raiva do Tess se esfumasse. Se de algo era capaz Ramsey McDowell era de conversar. Não pôde evitar sorrir.

—Perguntaste-lhe o que planejava fazer agora que é uma forasteira em um povo no que todo mundo não só se conhece mas sim está aparentado? Suas primos tiveram que casar-se fora daqui ou teriam engendrado idiotas. Perguntaste-lhe a respeito de seus planos de futuro?

—Não. Eu não me exponho isso assim. Edilean é meu lar, assim... —Levantou a cabeça—. Gosta de preparar confeitaria.

—Confeitaria. Em sua primeira entrevista com ela sozinho te inteiraste que isso, de que gosta de preparar confeitaria?

—Não sou um completo imbecil. falamos que outras coisas.

—Do que?

—Para que saiba, falamos que matrimônio.

Tess fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

—Não entendo como pôde aprovar a carreira de advogado. Tem a cabeça oca.

Ramsey estava na porta e Tess se dava conta de que o apartamento lhe estava enchendo de mosquitos, mas também sabia que se não lhe dava um conselho não se iria.

—Cria uma necessidade imperiosa de confeitaria.

—Que demônios...?

—Subida algo para o que faça falta confeitaria imediatamente e que solo ela possa prepará-la.

—Como vai ser a confeitaria uma necessidade imperiosa?

—Não sei. Fala com sua irmã. Os meninos e os pastelitos vão da mão. Que Viv se ocupe disso. E, de agora em diante, o conte a quem é menos a mim seus problemas amorosos. Entendido?

—Pode que sim.

Tess viu que lhe tinha dado algo sobre o que pensar, assim que o empurrou para fora e fechou a porta.

«Um sábado de noite. Isto é uma noite de sábado em um pueblecito», pensou. Enquanto fingia esperar a um homem que se atrasava, tinha que tratar com um chefe apaixonado que não sabia o que lhe dizer a sua nova noiva.

—Que demônios espera que faça? —resmungou—. Agarrar o da mão, escutá-lo e logo aconselhá-lo a respeito de como conquistá-la?

Como ia fazer o? Não tinha nem idéia de como era essa tal Jocelyn Minton. Sabia que a Sara gostava e que Luke estava fascinado por ela, mas isso era tudo.

O certo era que, por isso Tess sabia dela, aquela mulher não gostava. Ao melhor Ramsey tinha razão ao dizer que estava ciumenta. Mas não estava ciumenta pelo motivo que ele acreditava. Tess tinha lido os documentos legais no despacho do Ramsey e sabia que ao Jocelyn o tinham dado tudo. Sendo menina a tinha apadrinhado uma rica anciã que ao morrer tinha deixado quanto tinha. Aquilo parecia uma história de Dickens.

Se estava ciumenta era porque Jocelyn tinha recebido muito enquanto que ela não tinha recebido nada. ficou-se órfã de pequena e a tinha criado uma avó para a que o ódio formava parte da pirâmide alimentara e insistia em lhe servir uma ração diária. «Arruinaram-me a vida —estava acostumada dizer a avó—. Edilean Harcourt e todos outros me privaram dela. Poderia ter feito algo, sido alguém, mas este povo acabou com tudo o que tinha. Desde não ter sido pelo que me fizeram,

agora você e eu seríamos ricas. Viveríamos rodeadas de luxos. Os McDowell e os Harcourt. Eles me roubaram isso tudo.»

Tess sacudiu a cabeça para não ouvir a raiva da velha. Estava-lhe devolvendo tudo que tinha recebido dela, lhe proporcionando comida, roupa e alojamento, assim por que seguia acoossando-a mentalmente aquela voz dela?

Colocou os pratos na máquina de lavar pratos, apagou a luz do teto e se foi a sua habitação. tirou-se a bata e a camisola de seda branca, cujos encaixes lhe picavam, e ficou a camiseta folgada que estava acostumado a levar para dormir. pôs-se a camisola e a bata quando tinha visto chegar ao Ramsey em carro. Pelo que Luke lhe tinha contado tinha deduzido que Jocelyn e Ramsey não se levariam bem.

Enquanto Ramsey jantava com a nova proprietária, Luke tinha ido ver a outra vez. «Nunca lhe sai nada bem quando fica nervoso», havia-lhe dito, apoiando as largas pernas na mesita e tomando um gole da garrafa de cerveja.

Luke nunca lhe tinha feito presentes práticos como Ramsey. De fato, nunca lhe tinha agradável nada. Tess tinha a sensação de que quando Luke Connor dava de presente a uma mulher algo mais que isso margarida significava muito.

Quando se teve ido, Tess se perguntou se tinha ido avisar a de que provavelmente a entrevista do Ramsey seria um fracasso e de que em tal caso os dois sabiam que este se passaria depois por seu apartamento. A decepção unida à proximidade do Tess seria mais do que Ramsey poderia resistir.

Assim que se preparou a seu modo para a chegada do Ramsey ficando aquele conjunto que lhe havia flanco uma semana de salário e maquiando-se um pouco.

Ainda não sabia por que o tinha feito. Tinha sido porque, antes da chegada do Jocelyn, era dela de quem todo mundo falava no povo?

Tess tinha fingido não saber como tinha arrumado o do jantar, mas o certo era que três mulheres lhe tinham contado com tudo detalhe o que Ramsey estava fazendo. «Sua mãe me pediu emprestada a colcha.» «Viv me pediu emprestados os melhores candelabros que tenho, já sabe, os que me deixou minha mãe.»

Quando chegou na sábado sabia exatamente quais eram os planos do Ramsey para essa noite. E tudo para uma mulher a que nunca tinha visto.

Aquela tarde Tess tinha estado no jardim traseiro, contemplando-o com pesar porque não ia ser mais solo dele, da Sara e do Luke. Eles três formavam um bom grupo porque nenhum se metia na vida dos outros. Sabiam como proteger a intimidade de outros. E aquilo se tinha acabado porque a nova proprietária ia apoderar do jardim e da casa e tudo seria distinto.

Quando Tess voltava para a casa a tinha visto pela primeira vez caminhado pela erva para o apartamento da Sara, com o mesa de costura. Que Sara lhe tivesse crédulo a aquela sua mulher prezado mesa de costura tinha sido para ela

outra bofetada. Certamente a ela Sara nunca o tinha deixado. Embora, para ser justa, tinha que reconhecer que era bastante possível, inclusive provável que, no caso de emergência no MAW (um pouco tão catastrófico quanto Ken não fora capaz de encontrar suas notas para o tribunal ou que a fotocopadora se entupisse) tivesse que ir-se correndo ao despacho e se deixasse o mesa de costura atirado sob a chuva.

Minutos depois, Luke tinha saído da oficina, obviamente de mau humor porque nem sequer a tinha visto, e isso que estava a menos de um metro. Tinha-o observado subir a sua caminhonete e logo, em vez de sair por detrás como de costume, girar à esquerda e ir para a parte dianteira da casa.

Tess se tinha ficado olhando como Jocelyn caminhava pela grama. Levava um vestido branco que uma monja tivesse podido ficar perfeitamente, e sem uma só ruga. sentaria-se alguma vez?

Tinha deslocado a toda pressa sem poder evitá-lo para a parte dianteira da casa para ver o que acontecia. Luke e Ramsey estavam no caminho, discutindo como sempre. Recém chegada ao Edilean, desgostava-lhe a maneira em que aqueles dois se passavam a vida tentando superar o um ao outro, mas já se acostumou. Ouvia o que diziam embora não o fazia falta. Sabia que alguém lhe estava dizendo ao outro o que fazer e que este estava negando-se a fazê-lo.

Tinha-lhe surpreso que Luke fora ao apartamento da Sara e batesse na porta. Tinha que saber que Sara não estava.

Ficou-se sob as árvores, observando ao Luke falar com a nova proprietária e depois entrar na casa virtualmente à força. Se tivesse tentado fazer aquilo com ela o tivesse jogado a empurrões. «Interessante», tinha pensado.

Ao cabo de uns minutos Ramsey fazia sonar a campainha que pendia em um lado da casa. Fazia muito que tinham instalado um timbre, mas aos da família pelo visto gostavam das coisas antiquadas, assim usavam a campanita sempre que podiam.

Ao não obter resposta, Ramsey tinha entrado na grande casa e Tess se escondeu mais entre as árvores. Ouviu a porta traseira e supôs que Ramsey tinha ido ao apartamento da Sara a procurar o Jocelyn. Não tinha tido que esperar muito. Quando Luke saiu em tromba do apartamento parecia verdadeiramente furioso. Todo mundo sabia que Luke tinha pouca resistência, mas nunca lhe tinha visto zangado com o Ramsey. Certo era que jogavam a seus jueguecitos e que adoravam aparentar que estavam furiosos, mas não o estavam. Entretanto, Luke estava realmente zangado quando se subiu à caminhonete e se partiu.

Ramsey tinha saído do apartamento da Sara com um braço sobre os ombros do Jocelyn, que levava no pulcro vestido branco o que parecia uma mancha de mostarda. Tess se perguntou se aquilo era obra do Luke. «Bem por ele!», havia-se dito.

Ramsey e Jocelyn tinham entrado na casa e Tess voltado para seu apartamento. Uma meia hora depois, Luke se tinha apresentado em sua porta pela segunda vez esse dia. Seguia com cara de aborrecimento.

—Segue aqui? —tinha-lhe perguntado, como sempre sem incomodar-se em especificar a quem se referia.

—Por isso eu sei, sim —lhe havia dito Tess indo para o sofá. Ele se sentou e lhe serve uma cerveja—. Se você gostar tanto, por que não lhe pede para sair?

—Hão-me dito que é para o Ramsey.

—por que diria isso alguém?

Luke se tinha ficado ali sentado sem dizer nem pio, assim Tess fez um gesto com a mão.

—Está bem, não me diga isso. Não quero saber nada. Suponho que essa velha da que todo mundo fala... Edi... está detrás de...

—A senhorita Edi. Tenha um pouco de respeito por seus maiores.

A partir daquele momento Tess tinha falado pouco, mas Luke, não. Ao princípio falou do jardim. Tinha-lhe contado que queria uma grama a tom com a casa, mas que não sabia se lhe gostaria ou não.

Enquanto ele o contava tudo do Jocelyn, desde sua maneira de vestir até a cor de seu cabelo, Tess apertava a mandíbula. Era aquilo outra competição com sua primo ou algo mais?

Tinha-lhe posto diante uma terrina de nachos. Ao cabo de uma meia hora, ele se tinha partido e Tess soube instintivamente que Ramsey se passaria por seu apartamento depois de deixar ao Jocelyn... fora isso quando fosse.

Se desmaquilló e se estudou a pele no espelho de aumento. Satisfeita de não ver-se nenhuma pinga pior que o dia antes, ficou nata e se meteu na cama. Que idiota era Ramsey! Como podia ir um homem a sua casa de noite sem que todo o povo se inteirasse? Ao menos um homem distinto dos dois que tinham estado em seu apartamento, porque eram da família», como se dizia no povo. Às vezes lhe parecia estar trabalhando para a máfia.

«Vale!», disse-se. Que se ocupassem de alguém que não fora ela. Que prestassem atenção a essa Jocelyn e a deixassem em paz.

Enquanto se ia ficando dormida, Tess se perguntou se a tal Jocelyn sabia que seu casal daquela noite se passou por sua casa depois da entrevista. Sabia que Luke tinha estado ali pela tarde?

Descarregou um murro de raiva no travesseiro. Jocelyn tinha herdado a casa enquanto que ela... o que tinha? Ainda não sabia.

«Confeitaria —pensou justo antes de dormir—. Pode haver algo mais tonto? Ao melhor Ramsey e ela são iguais.»

Capítulo 6

Jocelyn levava sozinho dez minutos na igreja e já queria colocar a mala no carro e partir do povo. Todos eram encantados com ela, mas lhe parecia ouvir o que se perguntavam a todo volume. O principal era: «O que fará?», refiriéndose, claro, a sua preciosa casa. Era como se temessem que apresentasse uma multidão de gente na segunda-feira pela manhã.

A pequena igreja estava a arrebentar, não ficava nem um assento. Quando o pastor comentou que Deus fazia todo o possível para que a gente fosse à igreja, Jocelyn tentou não ficar tinta, mas não o conseguiu. Sabia que muitos dos presente estavam ali esse dia unicamente para vê-la.

Ocupou um assento no centro da nave, à esquerda do corredor, e quando Sara se sentou a seu lado deu vontade de abraçá-la.

—Não se preocupe, isto solo pode piorar —lhe disse esta quando o sexto casal percorria o corredor olhando ao Jocelyn.

—Não me faça rir. —Joce tentou ver se reconhecia a alguém.

A mulher da loja saudou a Sara.

—É sua mãe, verdade?

—Muito bem. Hei-lhe dito que se se sentava a seu lado e te perguntava o que opina sobre os produtos de cultivo biológico me compraria um pulverizador e orvalharia algo com inseticida.

—Surpreende-me que seja tão cruel. —Joce reconheceu a outra mulher e se aproximou da Sara—. A essa a vi no alpendre, varrendo.

—É a mãe do Luke, a que te preparou a habitação.

—Acreditava que o tinha feito Ramsey. Inclusive o agradeci.

—Não se adotaria o mérito, verdade? —perguntou-lhe Sara bruscamente.

—Não. Foi honrado. Disse-me que supunha que tinha sido coisa das feligresas. Tenho que lhe dar as obrigado.

—E ao Luke. Foi ele quem subiu a cama e o colchão ao piso de acima, e a ajudou a arrumá-lo tudo.

Jocelyn não estava segura de como se sentia ao saber que era Luke quem lhe tinha preparado a cama.

—Não sei se ao Luke gosta ou se me odiar ou se simplesmente me está usando em algum de seus jueguitos com o Ramsey.

—Provavelmente um pouco de tudo. —Sara fez um gesto com a cabeça para a gente que enchia a igreja—. Sei que lhe preocupa que não cuide

adequadamente da casa. Sua casa é muito importante para o povo. A gente tende a considerá-la um pouco dela, e estão intranquilos pelo que possa fazer com ela.

—Vendê-la tijolo a tijolo, suponho que quer dizer.

—Sabe que não pode fazer isso, verdade? Embora a ataduras, terá que oferecer-lhe em primeiro lugar ao Arquivo Nacional de Lugares Históricos.

Jocelyn tinha vontades de fazer um comentário sarcástico mas se agüentou. Nenhuma daquelas pessoas a conhecia, mas se tranqüilizou pensando que Edi sim que a conhecia bem e por isso lhe tinha deixado a casa. Decidiu trocar de tema.

—Está aqui Tess?

—Tess na igreja? —Sara soltou uma gargalhada—. Certamente o telhado voaria.

—Não sei se quero conhecê-la ou não.

—Sabe ser... mordaz. Acredito que essa é a palavra adequada.

—Uma verdadeira bruxa? —perguntou Joce baixando a voz. A música começou a soar e agarrou o cantoral.

Ramsey se sentou no banco, a seu lado.

—Perdão, chego tarde. Que página?

Jocelyn a ensinou. Esperava que agarrasse um cantoral para ele, mas se dispôs a compartilhar o seu. Tinha uma bonita voz e, por seu modo de cantar, sabia-se a letra de cor.

—Terminou o trabalho? —sussurrou-lhe Jocelyn quando voltaram a sentar-se.

—Quase tudo.

—Ajudou-te Tess? —perguntou-lhe como se nada.

—Não com o trabalho. Falei com ela de ti. —depois de desarmá-la com aquilo, emprestou atenção ao pastor.

Acabada a missa, Jocelyn se viu se separada da Sara e Ramsey, arrastada por muito gente. Todos queriam lhe dizer algo.

Convidaram-na a muitos jantares e andaimes, a unir-se a clubes e lhe deram cartões de visita. Tinham-na encurralado nas escadas do templo três mulheres do Williamsburg que lhe falavam de unir-se a alguns comitês para a conservação histórica quando Sara lhe sussurrou:

—Me dê a bolsa.

Joce seguiu olhando às mulheres enquanto acontecia o bolsito à outra. Ao cabo de uns minutos viu que Sara estava em seu carro, com a porta do acompanhante aberta, lhe fazendo gestos.

—Devo ir —disse Jocelyn—. Ficaria mais se não fora importante.

—Deixe que lhe demos um cartão para que possa nos chamar —disse uma das mulheres.

Joce agarrou os três cartões e cruzo correndo a calçada e a grama até o carro.

—Fecha a porta! Rápido! —ordenou-lhe Sara, abandonando a zona de estacionamento em uma nuvem de cascalho—. vamos pavimentar o mês que vem. Derrapar já não será tão divertido.

Jocelyn se tirou o chapéu e as forquilhas do cabelo, que lhe caiu em cascata sobre os ombros.

—foi uma experiência terrível. Os animais do zoológico não estão tão assustados como estava eu.

—As mães têm filhos e a gente necessita trabalho. As organizações benéficas necessitam voluntários e dinheiro. aberto-se a vedação.

—Não... —Joce jogou atrás a cabeça—. me Diga que não é certo.

—Sinto muito, mas o é. Tem fome?

—Sim. Podemos ir à loja para comprar algo? Não tenho comida em casa. Nem sequer tenho uma só caçarola.

—Não acredito que o da comida seja um problema, ao menos durante uns quantos dias.

—A que te refere?

—Já o verá —disse Sara sem dar mais explicações enquanto enfiava o caminho do Edilean Manor—. OH, OH.

—O que acontece?

—É Tess. Despertaram-na.

No caminho estava a espetacular Tess. A foto do móvel não o fazia justiça. Era alta e bonita, e naquele momento parecia zangada.

Sara estacionou o carro e se apeou.

—Algo vai mau? —perguntou ao Tess.

—A que hora se foi à igreja? —Tess indicou com um gesto ao Joce, que seguia no carro.

—Logo —respondeu Sara sem consultar-lhe ao Jocelyn, que saiu do carro e lhes aproximou.

Nenhuma das duas a olhou.

—começaram a vir às oito —disse Tess—. Sabiam que a maldita porta não estava fechada com chave, mas isso não impediu que chamassem à minha para me perguntar se o estava. Assim deixei a porta principal totalmente aberto, mas não bastou, entretanto. seguiram chamando à minha. —Tess olhou ao Jocelyn—. Não sei o que terá que mereça todas estas moléstias. —Tinha as pálpebras entrecerrados e a boca torcida em uma expressão desdenhosa.

—Você deve ser Tess —disse Jocelyn, com um sorriso forçado—. Sou...

—Todo mundo sabe quem é —lhe espetou a outra—. Aqui e no Williamsburg, todos sabem. É rica e poses uma grande casa. Sim, é o êxito da comarca.

—Tess, por favor —lhe rogou Sara.

—Por favor, o que? Simplesmente porque enrolou a uma velha e ficou com seu dinheiro se supõe que têm que me tirar da cama um domingo pela manhã para que lhe leve comida?

—Tess, por favor, sei amável. Nem sequer conhece o Jocelyn.

Tess olhou ao Joce de pés a cabeça e, obviamente, pareceu-lhe que não dava a talha.

—Agora que é tão rica, talvez pode te permitir te fazer algo.

Sara abriu muito os olhos mas não disse nada. Aquele comentário carregado de raiva do Tess foi mais do que podia dirigir.

Joce sorriu ligeiramente.

—É bonita, mas eu doce, assim que me levo o gato à água. Isso diz algo a respeito do que a gente valora, verdade?

Tanto Sara como Tess ficaram olhando um momento.

—Venha, não tem nada mais que dizer? —açulou-a Jocelyn sem alterar-se—. Seguro que pode fazê-lo melhor. Uma anciã me deixou dinheiro e uma casa, assim tenho que ter feito algo turvo para consegui-lo. Desde aí pode tirar um filão. Ou não é capaz?

Sara parecia a ponto de deprimir-se pelo que ouvia. atacariam-se aquelas dois? Teria que as ver-se com puxões de cabelo e arranhões?

Tess olhou ao Jocelyn com interesse.

—Onde aprendeste a responder assim?

—Suas irmãs são... —começou Sara, mas Joce levantou uma mão para lhe indicar que não seguisse.

—Escuto e aprendo —disse, e logo olhou a Sara, ignorando ao Tess—. O que é isso da comida sobre a que falavam?

—Todos os do povo querem te dar a bem-vinda, assim que lhe trazem comida —lhe respondeu Sara, como se pensasse que era um costume muito estendido—. A tia Martha, que é a mãe do Ramsey, disse-lhes que ontem não se aproximassem por aqui, assim que se apresentaram esta manhã, mas você não estava porque te tinha ido muito em breve à igreja.

—Estava em... —Jocelyn não terminou a frase. Não ia começar a lhe dizer às pessoas onde estava em cada momento do dia—. Não, não estava. Fui-me cedo.

—Assim chamaram a minha porta para me pedir permissão para entrar na casa grande —disse Tess, olhando a de pés a cabeça, como se se perguntasse quem e o que era.

—Vamos —disse Sara—. Vejamos o que lhe trouxeram.

Tess ficou no caminho, assim Sara se voltou para ela para lhe perguntar se as acompanhava.

Jocelyn olhou ao Tess. À luz do sol, sua fabulosa juba reluzia e parecia disposta a dizer que ficava fora. Recordou às Astras.

—Venha —disse—. Ao melhor Sara e eu podemos te fazer logo as raízes.

—Minha cor de cabelo é natural.

—O meu também —lhe respondeu Joce.

—Bom, pois o meu não —disse Sara—. Se forem brigar terei que chamar os primos para que dêem fé dos fatos. Se o perdem nunca me perdoarão.

Joce retrocedeu um passo para que Tess visse que era bem-vinda em sua casa. «Me vai custar um pouco que eu goste desta mulher», disse-se, olhando a Sara com nostalgia. por que não viveria outra Sara no outro apartamento? Embora talvez podia lhe buscar ao Tess um apartamento em outra parte. Em um vestuário de homens, por exemplo. Dada a pinta que tinha, ao melhor adoraria.

Jocelyn não estava preparada para o que se encontrou na cozinha. A mesa e a encimera estavam abarrotadas de marmitas.

Sara abriu a geladeira. Estava cheia de pratos e pacotes talheres de papel de alumínio: guisados, frango preparado de várias maneiras, um presunto, cestas de pão-doces, bolos, empanadas e bolsas a transbordar de produtos dos hortas.

—Não vou poder me comer tudo isto —sussurrou, esmagada pela enorme quantidade de comida.

Tess, de pé a um lado, olhava às outras dois dar voltas ao redor da mesa. Pelo visto não tinham nem idéia do que fazer com tantos mantimentos perecíveis. A situação lhe recordou o despacho. A metade do tempo aqueles homens não sabiam o que fazer. Entretanto, Tess tinha tido toda sua vida a capacidade de ver o que devia fazer-se em qualquer situação. Os advogados diziam que tinha um verdadeiro dom, um estranho talento.

Sara ficou quieta e a olhou.

—O que fazemos?

Sara não a estava olhando, mas, posto que era a proprietária da casa, Jocelyn supôs que o perguntava a ela.

—Amanhã verei o Ramsey e ao melhor se entregar um pouco de dinheiro conseguirei um congelador Y... —interrompeu-se quando viu que Sara não o tinha perguntado a ela a não ser ao Tess.

Então as olhou a ambas.

—Tem alguma outra idéia? —espetou-lhe com certa hostilidade, sem poder evitá-lo. ia estar brigando constantemente com aquela mulher?

—Sugiro que nos comamos tudo o que possamos e logo coloquemos o que caiba no carro e nos levemos isso. Terá que ficar com os pratos e as panelas porque suas proprietárias quererão recuperá-los, mas podemos doar a comida, e eu sei quem ficará. —Olhou ao Joce—. Se quer compartilhá-la, claro.

—eu adoraria. Eu gosto de muito a idéia. —Sem deixar de olhar a Sara abriu a despensa da que Luke tinha tirado um prato a noite anterior. Estava vazia. Sabia que havia um prato na máquina de lavar pratos, mas lhes fariam falta mais—. Sabem alguma das duas se tiver pratos?

—Luke está fora e ele sabe —disse Tess.

—Convidá-lo a passar para ter que lhe ouvir falar do Ramsey? —perguntou Jocelyn.

—Pilhaste-o rápido —disse Tess, surpreendida.

—Meu voto é que não convidemos a ninguém. Ocupamo-nos nós de tudo. Solo as mulheres —disse Sara, abrindo um armário de parede e tirando vários pratos—. Bertrand o vendeu virtualmente tudo. Minha mãe lhe comprou uma baixela Wedgwood preciosa.

—Dará-lhe isso quando te casar? —perguntou-lhe Tess.

Jocelyn olhou a Sara com interesse.

—Onde vou encontrar noivo? —perguntou esta—. Não saio deste povo mais que para entregar algum vestido.

—Não têm filhos as clientas? —perguntou-lhe Jocelyn.

—Nenhum que eu goste.

—Sara tem fama de ser a mulher mais suscetível do estado —comentou Tess—. Olha-a: é o sonho de qualquer homem; bonita e virginal.

—O que vai!

—É a aparência o que conta. —Tess encheu um prato de comida—. Parece inocente, e eu pareço de volta de tudo.

—E de todos —acrescentou Joce enchendo também um prato—. Perdão. Simplesmente te estou dando a razão. O que dizem de mim? Eu não pareço nenhuma das duas coisas.

—Uma esposa —disse Tess—. Parece casada com filhos. Como é possível que não tenha marido e seja mãe?

—Tess... —advertiu-lhe Sara.

—Tinha responsabilidades —lhe respondeu Joce, sentando-se à mesa—. Não podia me afastar do que... pelo que tinha na vida.

—A velha? —disse Tess.

Jocelyn se encolheu de ombros sem dizer nada. Não queria lhe falar com aquela mulher a respeito de sua vida mais do que já tinha feito.

As três, ali sentadas, rodeadas de comida, ficaram um momento em silêncio.

—Hão-me dito que prepara confeitaria —disse por fim Tess em tom aparentemente acusador... e frívolo.

Joce olhou a Sara.

—É minha impressão ou tudo o que diz tem um ponto de desagradável?

—Assim é. —Sara olhou ao Tess—. O sinto, mas é verdade. Normalmente, Tess, reservas todo seu rancor para quando fala com os homens para os que trabalha, assim... por que é assim com o Jocelyn

Tess olhou a seu redor.

—Ah... —disse Sara.

—O que significa isso? —perguntou Jocelyn—. Me estou perdendo algo?

—herdaste esta casa. herdaste... Quanto, Tess? Milhões?

—Não saberia dizê-lo.

As duas mulheres a olhavam sem pestanejar, esperando.

Tess deu uma dentada a uma pata de frango.

—Se contar a Rans que lhe hei isso dito, queimo a casa contigo dentro.

—Que bonito! —disse Joce.

—O dinheiro vai com a casa. Se ficar aqui, controla-o tudo, mas se vai, tanto a casa como o dinheiro vão parar a uma fundação.

—O Pecado Capital —disse Jocelyn—. Se for, virão forasteiros ao Edilean. Como tomarão os do povo?

—Terão que cruzar seu sangue com eles —disse Isso Tess acrescentará variedade ao sedimento genético.

—Já basta —disse Sara—. Para que saibam, Edilean é um lugar estupendo para viver.

—É-o desde que abriram o centro comercial do Williamsburg —disse Tess.

—Um centro comercial? por que ninguém me deu essa peça vital de informação?

—Porque te aconceste todo o tempo com os homens mais bonitos da aldeia —lhe espetou Tess.

—Toma! —disse Sara.

—Está ciumenta porque nós temos aos homens que você não pode ter. São todos família.

—O que há entre você e Ramsey...? —perguntou- Jocelyn ao Tess—. Vi sua foto com o vestido vermelho.

Tess sorriu levemente.

—Vá dia! Estava mais em forma que nunca e esse estúpido vai e me diz que tenho que vestir de um modo mais conservador. Acreditava que não sabia que

todos esses homens olhavam a cada passo? Se me tivesse posto vestidos, me teriam feito alguma sacanagem.

Jocelyn a interrogou com o olhar.

—Me teriam posto a rasteira para me olhar o culo enquanto me ajudavam a me levantar.

—Parece-me que exageras —disse Joce—. Certamente não...

—Pode que não, mas tivessem tido a tentação de fazê-lo, e isso era mais do que estava eu disposta a consentir.

—Vale, os homens são assim. Certamente o ensinou por sua conta.

Tess se encolheu de ombros.

—Sim. Paguei o preço de que houvesse minhas fotos penduradas em Internet. Ken queria inclui-la em um folheto da escrivania, mas sua mulher não o permitiu.

—Onde conseguiu a sua mulher? —perguntou-lhe Joce.

—Em Massachusetts —respondeu imediatamente Tess—. A comprou por correio.

—Olhe que são malotes as duas —disse Sara—. Vocês não gostam deste povo?

—E eu o que sei? —disse Joce—. Acabo de chegar. De momento, um advogado me preparou um jantar romântico no chão e se partiu ao cabo de uma hora e meia. Tenho além disso um jardineiro mal educado ao que gosta de apresentar-se em minha casa e que lhe dê de comer.

—Luke —disseram Sara e Tess ao unísono.

—Que demônios lhe passa?

Tess e Joce olharam a Sara.

—Não me olhem, que não sei. Cresci com ele, sim, mais ou menos, mas é vários anos maior e não lhe conheço bem. As estrelas de futebol do instituto não emprestam muita atenção às primitas da escola primária. Quando terminou os estudos se foi do povo Y... —Calou, encolhendo-se de ombros.

—E se dedicou a cortar grama. Parece inteligente, por que não tem um trabalho decente? —perguntou Joce.

Sara baixou a cabeça sem dizer nada.

—por que foi você professora anexa e agora nem sequer isso? —perguntou-lhe Tess—. Se a senhorita Edi não te tivesse deixado uma fortuna, onde estaria?

—É uma verdadeira fortuna? —perguntou Joce, evitando a pergunta.

—Boa pergunta. —Sara olhou ao Joce—. O que teria feito se a senhorita Edi não tivesse aparecido em sua vida?

—Confesso que não tenho nem idéia —disse Joce—. E lhes asseguro que o pensei muito.

—O que me diz de ti, Tess? —perguntou-lhe Sara—. Trabalha no MAW, mas não suporta a nenhum dos três... assim, o que você gostaria de fazer?

—Eu gostaria que uma senhora velha me deixasse milhões.

—Isso não é justo —disse Sara—. Poderia...

—Não, deixa-a falar —disse Jocelyn—. Vale. Assim se lhe deixassem uma grande casa velha e uma fortuna, o que faria todo o dia? Converteria-te em uma dama das que estão sempre de almoço?

—Deus, não! Voltaria-me louca se o fizesse. Eu...

—Você, o que? —insistiu Jocelyn—. Eu gostaria de ouvir suas fantásticas idéias.

—Não sei. Poria meu próprio negócio... —aventurou Tess.

—Que classe de negócio? —perguntou-lhe Sara.

Jocelyn a olhou inquisitivamente.

—Há algo que você gostaria de fazer, verdade? Te nota na voz.

Tess agarrou uma azeitona e chupou o cheio de pimiento.

—Viu a roupa que desenha?

—Não me havia dito que desenhasse roupa —disse Jocelyn, e parecia um pouco doída.

—Solo falei uma vez contigo. Não lhe posso haver isso dito tudo.

—Uma loja de roupas seria um negócio... —disse Joce pensativa—. Não é má idéia. E você, Tess?

—Não me olhe. Não tenho nenhuma só idéia criativa. Eu sou boa com os números e a organização.

—Tem que ser boa com os homens —lhe disse Joce—. Por isso lhe visitam tantos.

—Visitam-me tantos? —perguntou Tess, como se nunca lhe tivesse passado pela cabeça.

—Tess —lhe disse Sara—, sei sincera. Tanto Ramsey como Luke estiveram ontem em seu apartamento.

—E como demônios sabe? Hão-lhe isso dito eles, verdade? O que te há dito Ramsey de mim?

—Nada. foi Luke quem me há isso dito.

—E quando lhe viu?

—Esta manhã. Estava aí fora, cavando. Quer semear ervas aromáticas, mas agora terá que pedir permissão à proprietária antes de fazê-lo.

—Também me há isso dito —disse Tess.

As duas olharam ao Jocelyn, esperando uma reação.

—Pode fazer o que quiser com o jardim —disse esta—. A mim o que me importa?

—Agora a responsável pela casa é você —lhe recordou Tess—. Deve aos do povo, ao estado e à maioria de nosso país fazer honra a sua larga história e apreciar o que significa para o povo americano. Deveria...

Joce lhe lançou uma parte de pão e as três soltaram uma gargalhada.

Capítulo 7

—Olá —saudou Jocelyn ao Luke enquanto este levantava a pá e jogava a terra ao montão.

Ele a olhou mas não disse nada.

—O que te passa? Já não me fala?

—Falo quando tenho algo que dizer. —Recolheu uma bolsa grande de húmus e a lançou à traseira de sua caminhonete.

Joce pensou que ao melhor gostava que o deixasse sozinho, mas não partiu. Era domingo pela tarde, quase anoitecia e estava esgotada por todo o vivido durante os últimos dois dias.

—Viu toda a comida que há em minha cozinha?

—Não entrei na casa desde que me jogou ontem à noite. Tampouco fechei nenhuma porta nem nenhuma janela.

—Obrigado por não lhe dizer a Sara que você e eu estivemos sozinhos em casa ontem à noite. Sei que lhe há dito que foste ver o Tess, mas não lhe falaste que mim.

—Assim está bem que Tess tenha má reputação mas não a quer para ti.

—Parece-me que embora Tess não fizesse nada teria má reputação. Basta olhando-a para que assaltem a um pensamentos carnaís.

Luke apartou a cara imediatamente, mas ela viu que sorria.

—Vi-o! Se lhe fizerem graça minhas brincadeiras, não está tão zangado comigo.

—Viu ao Ramsey na igreja?

—Sentou-se a meu lado, pediu-me que me case com ele e aceitei.

—Felicidades. Farão bom casal. O ano que vem por esta época de quão único falarão será de cortinas.

—Se vir o futuro, pode investigar o que devo fazer?

Luke voltava a cavar.

—A que chama você fazer algo?

Joce procurou um lugar onde sentar-se e, como não encontrou nenhum, sentou-se na erva.

—A senhorita Edi... —começou.

—O que acontece ela?

—Era uma pessoa muito importante para mim.

—Todos temos pessoas que para nós são importantes.

—Sim? Quem importa a ti?

Luke sustentou uma paletada de terra um momento.

—O habitual: pais, amigos, a família. Meu avô foi muito importante para mim até sua morte.

—Já não o é? —perguntou-lhe com suavidade.

Luke sorriu apenas.

—Às vezes me parece que me importa mais agora que quando era pequeno. Eu era um pouco... Bom, de menino era um pouco obstinado.

—Um cabezota. Tem que fazê-lo tudo a sua maneira ou não o faz?

—Foi minha professora de primeiro? Essa que me tinha a metade do dia de cara à parede em um rincão.

—Não, mas estou de acordo com ela. O que me conta de seu avô?

—Era um homem solitário, gostava de fazer as coisas por si mesmo, como a mim.

—Se me está insinuando que me parta e te deixe sozinho não penso fazê-lo. Esta casa é muito grande, está muito vazia e muito... Dá igual, aqui fora se está bem. me conte sua história.

—Não há nada que contar. Meu avô e eu nos parecíamos, isso é tudo. Gostava da solidão, como a mim, assim estávamos acostumados a estar sozinhos juntos.

—Solos juntos. Essa é a perfeita descrição de como estávamos Edi e eu. Os companheiros do penetre acreditavam que estava louca porque eu gostava de passar o tempo com uma anciã com as pernas aleijadas. Estavam acostumados a inventar histórias a respeito de como tinha chegado às ter assim.

—O que lhe passava nas pernas? —perguntou Luke.

—Foi na Segunda guerra mundial. Estava em Londres, em um carro de quão muitos receberam o impacto das bombas. Seu lado do veículo voou pelos ares e ela... —Joce duvidou—. Ela se queimou. Não ficou muito de suas pernas de joelho para abaixo. —encolheu-se de ombros—. Ninguém acreditava que fora a viver. Transladaram-na de hospital em hospital esperando a que morrera, mas não morreu. A base de força de vontade não só viveu, mas sim inclusive voltou a caminhar. depois da guerra, esteve trabalhando com um médico. Viajaram juntos por todo mundo. Quando voltaram, ele estava acostumado a visitá-la freqüentemente. Era muito bom contando anedotas. Eu me passava horas escutando-o.

Fez uma pausa.

—Edi me tinha falado do doutor Brenner, tinha-o visto em muitíssimas fotos e sempre me tinha parecido que havia algo romântico entre eles. Sabia que

estava casado e que tinha duas filhas, mas mesmo assim, parecia-me que havia um grande amor não correspondido entre ambos. Ao cabo de cinco minutos de conhecer soube que não havia nada disso. Funcionavam como uma máquina bem engordurada. Ele sabia quando lhe doíam as pernas e, sem deixar de falar, levava-a a cama, agasalhava-a e lhe preparava um chá. Ela tinha as mesmas cuidados com ele. Ao final, quando lhe falhava o coração, ela se assegurava de que tomasse a medicação e não fizesse esforços. —Voltou a fazer uma pausa, tentando controlar suas emoções—. Mas a isso meninos importava um nada. Pensavam unicamente que suas pernas tinham uma «pinta estranha». Levava meias negras espessas inclusive no verão e, apesar de tudo, lhe viam as cicatrizes. À medida que foi fazendo-se major teve que usar duas fortificações.

Luke deixou de cavar para olhá-la.

—por que me olha assim?

—Aceitou esse trabalho como professora anexa em uma pequena universidade para estar perto dela, verdade?

—Não. Eu gostava da faculdade e eu gostava de meu trabalho. Fiz-o...

Luke seguia olhando-a e se deu por vencida.

—Sim, é certo, mas nunca o disse.

—E suponho que não sabia. Era muito parva para deduzi-lo, não?

Jocelyn riu um pouco.

—Certamente sabia, mas nunca falamos disso. Imagino que quando uma tem a idade do Edi sabe que há tempo de... quando... Quando a gente a que quer já não está tem tempo para fazer coisas, como ir à universidade e ter um trabalho adequado. —Olhou a casa e pensou nos antepassados do Edi que tinham vivido nela. Parecia-lhe poder ver o Edi de menina, saindo em tromba pela porta traseira.

—Assim obtive dela quanto desejava, é assim? Deixou-te esta casa e uma dinheirama.

—Não fiquei com ela porque quisesse algo dela! —levantou-se de repente—. Fiquei porque a queria. Pode que você seja incapaz de entendê-lo mas eu... —Ficou olhando—. por que me sorri assim?

—Quase te tenho feito chorar.

Jocelyn demorou um pouco em acalmar-se e ver o que tinha feito Luke.

—Trapaceiro.

—Luke Trapaceiro, assim me chamo.

Joce voltou a sentar-se e o olhou trabalhar. Tinha tirado toda a erva de um grande retângulo, tinha-a amontoado e, naquele momento, cavava a terra.

—O que faz?

—Isto se chama arejar a terra, mas em definitiva estou plantando um horta de ervas aromáticas. Perguntei-te o que devia fazer mas não me disse nada,

assim segui adiante com o projeto. Se não dar sua opinião, não tem voz nem voto em seu desenho.

—Não disse nenhuma palavra a respeito de ervas aromáticas. Ontem à noite me falou do Ramsey Y... vejamos, do Ramsey; mas não te ouvi pronunciar a palavra ervas.

—Está-me dizendo que aconteceu o dia com a Sara e Tess e nenhuma das duas te deu minha mensagem?

—Que mensagem? Hão-me dito que lhes disse, «a elas», que queria semear ervas aromáticas. Não me pareceu que estivessem me transmitindo nenhuma mensagem.

—A quem o ia perguntar? A proprietária de tudo isto é você.

—Seriamente? Põe-te a cavar em meu jardim sem que tenha voz nem voto no assunto, assim que quem é o dono do lugar?

—Vale —disse Luke, cravando a pá na terra e apoiando-se na manga—. Te atrai a idéia do horta de ervas aromáticas ao estilo do século XVIII que descida cultivar ou não? Ao melhor gostaria de um jardim de estilo vitoriano, ou com uma fonte de cristal e metal cromado no centro. Isso pegaria muito com a casa. Faça-me saber e me assegurarei de que o tenha. Não sou mais que o jardineiro e faço o que a senhora da casa me ordena que faça.

Jocelyn abriu a boca para lhe soltar algum comentário mordaz, mas não lhe ocorreu nada.

—Lhe dê as graças a sua mãe por me arrumar a habitação.

—Farei-o —disse Luke, voltando outra vez a cara para dissimular o sorriso.

—E obrigado por subir a cama.

—De nada.

ficaram calados. Jocelyn olhava os músculos que lhe marcavam sob a camiseta, e os jeans rodeados às coxas. Tinha o corpo de um homem feito ao trabalho duro ao ar livre, e não o escondia.

Teve que fazer um esforço para apartar os olhos.

—Sabe o que temos feito Sara, Tess e eu esta tarde?

—Pelo modo em que lhes riam, parece-me que fumar erva e comer chocolate.

—Parece-te que a mãe da Sara vende erva em seu loja de comestíveis?

—Se o fizer, arrumado a que é de cultivo biológico.

Joce sorriu.

—depois de comer até arrebentar, recolhemos toda a comida que ficava e a levamos a um par do Iglesias de... Não sei de onde, mas Tess nos levou de carro a toda pastilha e enchemos as mesas. foi bonito. me fale do Tess.

Luke soprou.

—Posso resumir tudo o que sei do Tess em uma só palavra: nada.

—Mas Sara me há dito que ontem foste ver a.

—Também fui verte a ti, e isso não implica que te conheça. Guardo cerveja em sua geladeira e me passo quando quero falar com ela de algo.

—De jardins?

—Sabe menos de jardins que você. Pelo general falamos do Ramsey.

—Já. Do Ramsey.

Ele a acribilló com os olhos.

—Mais vale que saiba que, faça o que faça com minha primo de agora em diante, terá que compartilhá-lo com o Tess.

—No despacho.

—Não, em todas partes. Rans... —Luke levantou uma mão em um gesto de rechaço—. Não quero falar do Ramsey e do Tess. Pregúntaselo a eles. saíste aqui fora para inteirar-se por mim das fofocas do povo?

—Queria saber o que estava fazendo em meu jardim.

Luke fez um gesto apaziguador.

—Tudo o que terá que ver está aqui.

—por que semear ervas aromáticas?

—por que não?

Jocelyn grunhiu.

—É tão mal conversador porque de menino foi um solitário ou sua incapacidade para responder qualquer pergunta é o que mantém às pessoas afastada de ti?

—As duas coisas, suponho. O que te há dito Sara de mim?

—por que crie que lhe perguntei algo?

Luke levantou uma sobrancelha.

—Vale, o perguntei. Há-me dito que é muitíssimo maior que ela, que praticava esporte no instituto e que isso é tudo o que sabe de ti.

—eu adoro essa garota, seriamente.

—Então, me mentiu?

—evitou sua pergunta. Venha, que novelo tenho que semear aqui?

—Ervas aromáticas —respondeu Jocelyn rapidamente.

—Que classe de ervas aromáticas?

—Não sei. Para as pizzas e os espaguete, suponho.

—Para as duas coisas se usa a mesma. Que mais?

—Para... Já sei. Quero lavanda.

—De que variedade?

—Não é um disparate se te disser que da variedade comestível?

—Tem bastante sentido —lhe disse Luke, agradado—. A Intermédia se considera a melhor para cozinhar. É mais conhecido como lavanda da Provenza.

—Parece-me estupendo. Pode semear um pouco neste jardim?

—Quanta quer?

—Não sei... —disse ela, duvidando.

—Quer a suficiente para macerar costelas de cordeiro e lhes dar sabor ou para assar umas quantas dúzias de bolachas? —perguntou-lhe ele paciente.

Jocelyn esgotou os olhos.

—Quero te fazer um boneco vodu e lhe cravar ramitas de lavanda.

Luke soltou uma gargalhada.

—Vamos, ensinarei onde podemos semeá-la. —Deixou a pá no chão, agarrou uma toalha da caminhonete e se secou o suor da cara.

—Quase não vi nada do jardim —disse Joce, espionando entre as árvores.

—estiveste muito ocupada...

—Não o diga!

—O que?

—Que estive muito ocupada com o Ramsey.

—ia dizer que estiveste muito ocupada conhecendo gente para passar muito momento no jardim, mas se não poder pensar mais que no Ramsey... quem sou eu para te contradizer?

—Sabe ser um plasta se lhe propuser isso.

—Nunca me havia isso dito nenhuma mulher. Minha mãe sim, e freqüentemente minhas primos e alguns de meus tios, mas as mulheres não me hão dito nunca que seja um plasta.

Jocelyn sorria.

—Tem terra na cara.

—Tire-me isso inclinou-se, aproximando-se.

Jocelyn lhe aconteceu a mão pela bochecha, mas tinha a terra pega, assim teve que esfregar-lhe —¿Mejor?

—Esta terra leva cauda?

—Te tire a camisa e lhe umedeça sugeriu ele com semblante sorridente.

Joce sacudiu a cabeça e retrocedeu.

—Tire-lhe isso você.

Luke se passou o braço pela cara e a limpou.

—Melhor?

Jocelyn ficou olhando-o. Era um homem realmente arrumado, com aquele cabelo tão negro e os olhos verdes.

—Quanto faz que não te barbeia?

—Tanto como House.

Demorou um momento em cair na conta de que se referia ao doutor House da série televisiva. Era um de seus programas preferidos. Sonriendo, seguiu-o entre as árvores.

Olhava o terreno circundante e não podia deixar de dizer-se: «Tudo isto é meu.» Quanto via lhe pertencia.

—Ensina-me os limites do imóvel?

—Encantado.

Guiou-a pelos quase trinta e três hectares que eram já de sua propriedade, o que ficava das quarenta que tinha adquirido para sua esposa raptada o escocês. Luke conhecia aquelas terras perfeitamente e lhe indicou onde estavam as antigas cabanas, o cisterna e o pombal. deteve-se em um claro e lhe disse que ali tinha estado a ferraria.

—Quando fomos meninos, devíamos escavar nesta zona e encontrávamos peças de ferro forjado. Charlie encontrou três ferraduras.

—E Sara? Encontrou ela algo?

—Era um ás para encontrar pontas de flecha. Dizia que o século XIX não lhe interessava porque era muito recente, assim não se incomodava em procurar ferraduras.

—É curioso que saiba isso dela, porque diz que logo que sabe nada de ti.

Luke sorriu apenas, logo entrou entre as árvores.

—Os velhos fornos para tijolos estavam aqui. Olhe... —e apartou alguns arbustos para lhe ensinar um muro baixo—. Amontoei estes tijolos para que visse os alicerces. —Abriu os braços—. Podem semear sua lavanda aqui dentro. O terreno é arenoso e à isso lavanda gosta. Além disso, estará a pleno sol.

—Imagino como era isto. Possivelmente possa restaurá-lo e devolvê-lo a seu estado original.

—Isso custaria muito e no Williamsburg já o têm feito melhor do que poderíamos fazê-lo nós.

Ao Joce gostou daquele «nós». Se sentiu parte de algo.

—A este sítio gosta de ter estado assim todos estes anos —disse Luke—. Gosta da gente e gosta das gerações que aconteceram por aqui. Parece-me que a casa suspirou de alívio quando o velho Bertrand morreu.

—Talvez estava contente de que não tivesse chegado a vender os pomos das portas.

—ia fazer o, mas Rans o impediu.

—Ajudou-lhe?

—Então eu não estava aqui —lhe respondeu apressadamente—. O que te parece esse sítio para sua lavanda?

—Parece-me estupendo, mas e eu o que sei? Refere-te a que essa semana estava fora ou a que não vivia por então no Edilean?

—Me diga algo mais a respeito de fazer o amor sobre um leito de nachos.

—Tomo boa nota. Basta de perguntas pessoais. Pergunto-me se Edi permitiu a seu irmão vender tantas coisas porque queria esvaziar a casa para a família que a ocupasse a seguir.

—Isso dizia Rans, mas eu acredito que quão único queria era livrar-se dos trastes velhos. Claro que o mezanino segue cheio a transbordar. Já estiveste aí acima?

—Não. Subi as escadas, mas a porta está fechada e não tenho a chave.

—Rans te dará uma quando tiverem falado da herança. —Pôs-se a andar e ela o seguiu.

—O que sabe sobre o trato sobre a casa?

—Se ficar, será todo teu. Se for, o dinheiro fica aqui.

—Isso ouvi. Não tinha que ser um segredo?

Luke se encolheu de ombros.

—Alguém o escreveu ao ditado; alguém passou a máquina o documento. Quem sabe como se divulgam as coisas?

—Parece-me que sabe exatamente como, mas também me parece que não me vais dizer isso. Habían llegado a la construcción y Joce viu que Luke tocaba el muro.

—É inteligente, verdade?

—É isso uma mudança em comparação com todas as mulheres que conhece?

Luke não lhe respondeu. Indicou-lhe um edifício baixo e alargado de tijolo que havia mais à frente.

—Eu o reconstruí.

—Parece velho.

—Obrigado. É um grato completo. Tive que desenterrar os antigos tijolos e lavá-los antes de poder usá-los.

Tinham chegado à construção e Joce viu que Luke tocava o muro.

—Foi um trabalho feito com amor, a que sim?

—Poderia dizer-se.

—Sempre quiseste ser jardineiro?

Luke a olhou de uma forma estranha. Parecia a ponto de dizer algo mas trocou de opinião.

—Não. Foi uma decisão tardia. Decidi que não há nada como trabalhar a terra. Nada dá a um homem mais agradar nem mais satisfação.

—Não é algo ancestral? Procede de uma família de lavradores?

—Não que eu saiba. Meu pai dirigia escritórios de vendas e meu avô era médico.

—Como o pai da Sara.

—Sim. —Era evidente que ao Luke agradava que soubesse—. O tio Henry trabalhou anos com meu avô, até que este se aposentou.

—Para te levar a pescar —disse Joce—. Os dois sozinhos.

—Esse era o outro avô.

—Ah.

Luke abriu a porta do edifício de tijolo e Joce viu que estavam em sua oficina. por dentro era bonito. O banco de trabalho, com suas ferramentas, estava debaixo de uma janela redonda. ficou nas pontas dos pés para aparecer e viu o perto que estavam da casa. De fato, via-se toda a parte traseira da mesma e as portas dos dois apartamentos, assim como a mesita branca a que se sentaram ela e Sara para falar.

Olhou logo ao Luke, que punha umas ferramentas em cima de um velho armário da parede oposta.

—Quando está aqui dentro vê tudo o que acontece a parte traseira de minha casa.

—Seriamente? Olhe você, nunca me tinha dado conta.

Joce ficou olhando até que ele se voltou a olhá-la a sua vez, com um sorriso torcido. Acabava de inteirar-se de outra costure sobre ele. Agora que parecia sentir-se um pouco culpado de algo que talvez ela considerava que era espiar, disse-se que devia fazer o possível para lhe tirar informação.

—Com quem estava falando hoje Tess por telefone?

Luke foi para a porta da oficina.

—Por volta das três?

Jocelyn assentiu com a cabeça.

—Com seu irmão. Fala com ele todos os domingos pela tarde, seja do que seja. Já lhe pode levar isso a um concerto de rock ou hipnotizá-la que, se for domingo, chamará a seu irmão.

—Diria-se que está ciumento.

—Você, como eu, é filha única, assim não te dá inveja a gente que tem irmãos com os que compartilhar sua vida?

—Filha única —repetiu Joce—. Que idéia tão agradável! Tenho... —interrompeu-se. Não ia contar lhe os quais eram suas meio-irmãs—. Sim, tinha um montão de fantasias a respeito de ter umas irmãs boas e carinhosas que eu gostasse.

Luke levantou uma sobrancelha.

—Tenho aberto a jaula dos grilos com essa pergunta?

—Que Ramsey nos prepare um guisado com eles —retrucou ela, lhe arrancando ao Luke uma gargalhada.

—Empanadas de lombrigas era o que fazia, com a tampa de barro. Quando tinha sete anos e Sara apenas um, estive a ponto de lhe fazer comer uma, mas sua mãe o pilhou Y... —Olhou a seu redor, para assegurar-se de que não havia perto ouvidos indiscretos—. Nenhum de nós soube nunca o que aconteceu, mas a tia Ellie, ou seja, a mãe da Sara, colocou ao Ramsey em sua casa e, quando saiu, estava verde e nunca mais voltou a preparar uma.

—Não sei se desejaria ter crescido neste povo ou se estiver contente de não havê-lo feito.

—Como era viver com a senhorita Edi? Reuniões para tomar o chá e concertos os fins de semana?

—Eu não... —Não terminou a frase. Que acreditasse que convivia com o Edi se gostava. Era muito complicado explicar que sua elegante mãe se apaixonou por um homem para quem a decoração do depósito de gasolina da Harley era arte. Era muito turbador lhe contar que sua mãe tinha morrido, que seu pai havia tornado a casar-se e que ela se criou entre gente tão diferente a ela que freqüentemente tinha a impressão de ser de outro planeta. Até que tinha conhecido ao Edi, para o Jocelyn não tinha existido outro mundo que esse.

—Você não, o que? —perguntou-lhe Luke.

ia improvisar algo como resposta quando o móvel do Luke soou. Abriu-o e respondeu com um sim em quatro ocasiões antes de tender-lhe —¿Ah, sí? —le preguntó Joce con interés—. Detesto pagar las facturas. ¿Podrías seguir haciéndolo?

—É para ti.

—Para mim? Mas quem...?

O olhar do Luke o dizia tudo: Ramsey.

—Olá —respondeu—. Vai tudo bem?

—Assim passeando pelo jardim com o Luke... —disse Ramsey—. Oxalá tivesse sabido que queria vê-lo. Te teria acompanhado eu.

—Ou poderia ter ido eu sozinha a explorá-lo. Luke trabalha para mim, esquece-o?

—Como ia esquecer o. Assino os cheques.

—Ah, sim? —perguntou-lhe Joce com interesse—. Detesto pagar as faturas. Poderia seguir fazendo-o?

—Jocelyn, seguirei contigo em tudo o que queira. Hoje, depois de missa, todo mundo falava de quão bonita estava com esse vestido rosa. Também lhes gostou do chapéu.

Luke a estava olhando fixamente, como se queria inteirar-se de absolutamente tudo o que estavam dizendo, assim que lhe deu as costas.

—Pode vir amanhã ao despacho? —perguntou-lhe Ramsey—. Podemos falar a respeito dos términos da casa.

—Tem intenção de me falar de negócios?

—Em boa parte, ao menos —disse ele, e Joce soube que estava sorrindo—. Você gostaria que almoçássemos logo?

—Está-me pedindo que saíamos?

—A menos que queira que vamos a minha casa a comer massa outra vez. Por certo, tenho que devolver a panela do chocolate ao Viv.

—Já teve o bebê?

Ramsey soltou uma gargalhada.

—Não, não o teve ainda, assim ainda não tenta voltar a ficar grávida. Quer a fondue para uma festa de um dos filhos que já tem. Quererá me acompanhar a essa festa?

—Claro. Quando será?

—na terça-feira pela tarde. Perto da uma. Recolho-te ou crie que se chegar comigo parecerá que somos casal?

—Ao melhor se formos com o Luke não se fixarão tanto em nós.

—Detesta aos meninos e as festas infantis. Melhor será que não nos acompanhe. Que tal se te passa pelo despacho às onze e vamos almoçar? Parece-te bem?

—Parece-me estupendo. Ficamos assim, pois.

Pendurou e devolveu o telefone ao Luke.

—Outra entrevista?

—Negócios, logo um almoço e, na terça-feira, uma festa em casa de sua irmã.

—Que festa? —perguntou rapidamente Luke.

—Ramsey há dito que é para um dos filhos de sua irmã. Uma festa de aniversário, talvez.

—Nenhum dos meninos cumpre anos por esta época. É... —Franziu o cenho e a olhou—. Me parece que será melhor que te peça entrevista se quiser que vá comigo ao viveiro a escolher as novelo. Que tal manhã pela tarde? Se pode te liberar de Rans depois de comer, claro.

—por que quer que vá comprar as contigo se não distinguir uma erva de outra?

—Vale. Então plantarei cicuta e beleño.

Tinha suposto que Ramsey brincava ao lhe dizer que Luke «detestava» aos meninos, mas seu comentário a fez duvidar.

—Nada que seja venenoso.

—Vejamos, me diz que não tem nenhuma preferência quanto às ervas, mas de momento já me há dito que quer lavanda e que não quer nada venenoso. O que te parece a hortelã?

—Eu gosto de —disse ela com cautela. Algo se trazia Luke entre mãos mas não sabia o que.

—Vale, quer um jardim inteiro de hortelã e solo de hortelã.

—Não todo o jardim, solo um pouco de hortelã.

—Para que saiba, a hortelã é uma das novelo mais invasivas que existem, assim se semear hortelã no jardim, não terá outra coisa que isso. portanto, quer ou não quer hortelã? Espera! vou agarrar papel e lápis porque a lista de coisas que quer e não quer é muito larga já para que a recorde inteira.

—Está bem! —exclamou ela—. Manhã pela tarde irei contigo a comprar novelo. Não sei que classe de novelo, mas o que você me diga que nos faz falta o compraremos. Para que quer que te acompanhe? Simplesmente para chatear ao Ramsey?

—Não tem que ir comigo —disse ele, baixando a voz—. Pode lhe dizer a Rans que vais ficar te toda a tarde porque não tem outra coisa que fazer ou lhe dizer que tem que ir porque vai comigo a comprar flores.

Jocelyn piscou várias vezes e sorriu.

—Tem um cérebro nesse crânio, né?

—Minha mãe opina que sim. Meu pai não está tão seguro.

—A que hora quer que saíamos?

—Às dois. Recolherei-te à porta do restaurante.

—Como sabe aonde me levará a comer?

Luke bufou.

—Ao The Trellis. Sempre leva ali às mulheres na segunda entrevista... se isto for uma entrevista, claro. Está no Williamsburg. Pedirá o especial, logo te dirá que compartilhe uma porção de bolo de chocolate com ele. É um bolo estupendo. A melhor. Mas até as duas e meia não lhes terão comido isso toda.

Voltavam a estar no lugar onde Luke ia plantar as ervas aromáticas, perto da caminhonete.

—Assim às duas digo que tenho que ir ? —perguntou-lhe Joce. Em termos gerais, aquilo gostava—. Se fosse uma pessoa menos cínica, diria que tenta me ajudar com o Ramsey.

—É minha primo —disse Luke, encolhendo-se de ombros, mas se voltou para que não o visse sorrir.

—É muito amável —lhe disse, embora sem convencimento. Amassou de um tapa um mosquito que se posou em seu braço e decidiu que já era hora de entrar em casa—. Me parece que já tive bastante por hoje. —Obscurecia—. vais trabalhar muito mais?

—Não. Recolho e parto a casa.

ia perguntar lhe onde vivia mas decidiu que era uma pergunta muito pessoal.

—Tess te deixou bastante comida para esta noite? —perguntou-lhe ele, tirando a terra das mangas com uma toalha que arrojou logo à traseira da caminhonete.

—Sim, mas tenho que comprar móveis. E me faz falta ir à loja de comestíveis.

—Não há inconveniente —lhe disse ele, colocando uma forquilha na caminhonete—. Ao melhor manhã podemos...

—Simplesmente me diga onde estão as lojas e as encontrarei —o interrompeu, indo já por volta da casa—. Até manhã às dois.

Ao cabo de um minuto já estava em casa. O silêncio era quase assustador. Naquele sítio fazia falta gente. Quando havia outra pessoa, ou várias, cobrava vida. Parecia sorrir. Mas quando estava ali sozinha, lhe dava vontade de subir correndo as escadas e encerrar-se no dormitório.

Foi à cozinha e agarrou duas laranjas de um recipiente. Na mesa estavam os pratos limpos nos que haviam lhe trazido a comida para lhe dar a bem-vinda. Sara havia dito que ao longo da semana as mulheres aconteceriam com recolhê-los e para conversar um pouco.

—Faz anos que ninguém veio a esta casa e todos morrem por vê-la por dentro —lhe tinha comentado.

Jocelyn tinha gemido, temendo um constante mudo de um lugar a outro e ter que levar a todos em uma visita guiada pela propriedade.

—Não se preocupe —a tinha tranquilizado Sara—. Vêm em grupo e não te verá obrigada a fazer quase nada.

Joce tinha sorrido fracamente.

Apagou a luz, foi ao amplo vestibulo e comprovou que as duas portas estivessem fechadas. Deixou uma lâmpada de sob consumo acesa e subiu as escadas. Ao igual a abaixo, no primeiro piso havia um corredor largo ao qual davam as habitações. A um lado estava o grande dormitório principal, com um banho enorme, enquanto que ao outro havia dois quartos, cada um com seu próprio banho.

Deu-se uma ducha, ficou nata, embainhou-se a camisola e ia já a meter-se na cama quando, instintivamente, apartou as cortinas só o necessário para jogar uma olhada pela janela. A caminhonete do Luke estava no caminho, com o motor em marcha. Estaria esperando ao Tess?, perguntou-se. inclinou-se para a lamparina e apagou a luz. Quando a habitação esteve às escuras, Luke conduziu devagar até a grade. Tinha estado esperando a que ela se deitasse.

Jocelyn tinha intenção de meter-se na cama, esperar um pouco, e logo reacender a luz e ler um momento, mas o seguinte que viu foi um raio de luz que penetrava entre as cortinas: voltava a ser de dia.

Capítulo 8

Jocelyn ficou na cama um momento, com as mãos na nuca, olhando ao teto da habitação. A casa era dela, mas desde sua chegada tinha tido escasso tempo para si mesmo.

Olhou o relógio da mesinha e viu que nem sequer eram as sete. Não tinha nada que fazer até as onze. Passaria esse tempo jogando uma boa olhada à casa, que até o momento havia visto solo por cima.

tomou banho e se vestiu rapidamente, sem se incomodar em secar o cabelo. olhou-se a cara no espelho e, depois de pensar-lhe um momento, decidiu não maquiar-se. Edi seguia a escola do Estée Lauder, que defendia que uma mulher deve ir maquiada a todas as horas. Inclusive ao final, Edi vestia com primor e ia sempre cuidadosamente maquiada.

Aquela manhã, entretanto, a voz do Edi parecia mais longínqua do habitual, e Jocelyn não quis perder tempo com as «pinturas de guerra», como estava acostumado a dizer seu pai.

Passeou-se pelo primeiro andar, vendo onde estava cada coisa. Em sua habitação era onde havia mais móveis. Na segunda havia uma cama com seu mesita de noite e nada mais. A terceira estava completamente vazia.

Ao final do corredor havia uma janela junto a uma porta. Já tinha visto que esta dava a uma escada estreita que levava até outra porta fechada com chave: a do mezanino. Recordou que Ramsey lhe havia dito que estava cheio de baús que continham roupa antiga e diários. Tinha alma de investigadora e não via a hora de ler aqueles jornais, porque se perguntava se algum continha a verdadeira história do David do Edi.

Na planta baixa entrou no salão e olhou aqueles móveis que lhe eram tão familiares. Por um momento se perdeu em suas lembranças. Ela e Edi tinham passado mais de uma tarde sentadas naquele sofá amarelo. Quando tinha feito falta lhe trocar a tapeçaria tinham acontecido um montão de tempo olhando amostras até escolher um tecido. Falavam e riam juntas Y...

Teve que sair da habitação porque as lembranças eram muito angustiantes. No comilão fariam falta uma mesa e mais sela. Havia um banho abaixo e uma salita com dois abajures e nada mais.

Entrou na cozinha, sentou-se à mesa e olhou a seu redor. adorava a pia antiga, adorava a sólida mesa de pinheiro, mas a cozinha era uma monstruosidade. Formou um quadrado com os índices e os polegares de ambas as mãos, enquadrando uma grande encimera imaginária de seis fogões e de aço inoxidável.

—Com dois fornos —disse em voz alta.

«Embora seria absurdo instalar uma cozinha tão cara», pensou. Ao fim e ao cabo, não sabia cozinhar. Não era uma verdadeira cozinheira pelo simples feito de ter preparado bolachas e confeitaria para os chás benéficos do Edi, mas o que Luke lhe havia dito a respeito de semear ervas aromáticas e a lembrança das bolachas de lavanda que estava acostumado a cozinhar a tinham feito pensar em uma cozinha e em um... bom, em um lar.

Abriu a geladeira e viu que continha ovos, leite, suco de laranja e pão. Franziu o cenho e logo sacudiu a cabeça, assombrada. Pelo visto, enquanto estava fora com o Luke na tarde anterior, alguém tinha metido todo aquilo na geladeira. Sara? Ramsey? Algo lhe dizia que não tinha sido Tess.

Usou uma das frigideiras para preparar-se ovos mexidos e torradas e comeu enquanto pensava a respeito de si mesmo. «Se tivesse dinheiro para remodelar a cozinha, como o faria? Esvaziaria-a e poria um montão de granito e focos embutidos?» Solo de pensá-lo sentiu um calafrio.

antes de que se desse conta já eram mais das dez. Tinha que vestir-se para ir à entrevista com o Ramsey.

Jocelyn tinha ouvido falar do restaurante The Trellis e sabia que era bastante exclusivo, assim que ficou as calças novas de linho bege e a blusa de ponto rosa. Pelo visto o Ramsey gostava que levasse roupa conservadora e feminina.

A mala seguia no chão, ainda ao meio desfazer. Tirou do compartimento com cremalheira da parte posterior uma foto emoldurada dela e do Edi. Era a única que tinha. Bell a tinha tirado um dia ensolarado com a câmara que lhe tinham agradável por seu aniversário.

Apesar de que, é obvio, Edi não convidava às Astras a sua casa, às duas gostava de apresentar-se por surpresa, como se pensassem que assim veriam algo que não deviam ver.

—Que sacas de passar ali tanto tempo? —estavam acostumados a lhe perguntar—. A casa é um aborrecimento e a velha uma antipática. Não há nada a fazer ali.

Nem sequer se incomodava em lhes responder... o que as tirava de gonzo. Como explicar-lhe a duas garotas que solo pensavam no modo melhor de emperiquitar-se?

Jocelyn se tinha guardado muito muito de lhes pedir a foto, porque as Astras não teriam tido jamais a gentileza de dar-lhe No melhor dos casos a teriam entregue em troca de que lhes fizesse um par de trabalhos de classe; no pior, a teriam destruído pelo simples prazer de fazê-lo. Assim tinha esperado a que as gêmeas se fossem, extraído o cartão de cor da câmara, copiado as fotos em seu portátil e devolvido o cartão a seu lugar.

Logo as Astras tinham tentado provocá-la com a foto, porque sabiam que a queria, mas Jocelyn se limitou a encolher-se de ombros e, como sabia o que fariam, tinham-na apagado da memória.

Pô-la na mesita de noite. Edi e ela estavam de pé, uma ao lado da outra, diante de uma roseira Mr. Lincoln. O vermelho escuro das rosas contrastava com o vestido branco de linho do Edi, que sorria ao Jocelyn de um modo que punha em evidência o muito que a queria, enquanto Joce lhe devolvia o sorriso com igual carinho. Quando tinha visto a foto pela primeira vez, tinha compreendido melhor por que as Astras tinham tanto ciúmes dela. Nem sequer sua mãe, que as adorava, olhava-as como Edi a estava olhando naquela fotografia.

Jogou outra olhada ao relógio, terminou de arrumar-se rapidamente e ao cabo de um segundo já baixava as escadas. Abriu a porta principal e soltou uma exclamação. Havia três mulheres ali de pé com as que esteve a ponto de chocar.

—Perdão pelo susto —disse uma.

—vais ver o Ramsey, verdade? —perguntou-lhe outra. Levava jeans e uma camiseta e parecia muito jovem para ter o cabelo cinza.

Tinha-as visto na igreja e as tinham apresentado, mas não se lembrava de como se chamavam. Por isso sabia, alguém era a mãe do Ramsey... ou do Luke.

—Sinto-o muito mas não posso ficar. Chego tarde... —disse.

—Não passa nada. Esperará-te —disse a terceira mulher—. viemos a recolher os pratos e a ver como vai. Você gostou de meu guisado de cabaça?

—Eu, né... —Jocelyn não tinha nem idéia de que prato era aquele.

—Não a curve —disse a mulher dos jeans—. Todas sabemos o que fizeram com a comida. Foi idéia do Tess, a que sim? E algo muito nobre por sua parte, garotas.

—Sim —disse a primeira. Levava o cabelo tingido de vermelho e lhe sentava bem. Pelo cilindro da cintura se notava que não se tomava a moléstia de ir ao ginásio—. Já sabemos quão nobre é Tess. —Pôs os olhos em branco ao dizê-lo e parecia disposta a tornar-se a rir.

As ouvindo falar do Tess daquele modo, Jocelyn deu graças ao Luke por não dizer que se passou por sua casa detrás ir-se Ramsey. Não queria que aquelas três pusessem os olhos em branco ao falar dela.

—Os pratos estão na mesa da cozinha —disse baixando os degraus—. Agarrem vocês mesmas e muitíssimas obrigado por tudo. Têm-me feito sentir muito bem recebida. Não sei como lhes dar as obrigado.

Abriu a porta do carro e subiu. Tirou a mão pelo guichê e as saudou enquanto cruzava a grade. As mulheres seguiam de pé na porta, olhando-a.

—Certamente já me etiquetaram como a ianque mais grosseira que se mudou jamais ao Edilean —murmurou entre dentes.

Ao cabo de uns minutos já via o despacho do Ramsey... e a ele em frente, sentado na calçada, em cima de uma colcha dobrada, com uma cesta de pícnic ao lado. Quando a viu aproximar-se levantou, ficou a colcha dobrada sobre o braço e recolheu a cesta. Jocelyn parou junto ao meio-fio e ele abriu a porta do carro, subiu e pôs as coisas detrás.

—É maior do que parece —disse, olhando o interior do carro.

—Arrumado a que o diz a todas.

—Solo a umas quantas —resmungou ele.

—E bem, aonde vamos? —perguntou-lhe ela, dobrando já em direção ao Williamsburg.

—Não —a corrigiu Ramsey—. Para a direita.

—Mas...

—Mas o que?

—Nada. É que acreditava que iríamos ao Williamsburg.

—Já o tinha pensado, mas acredito que já haverá tempo para isso. Pareceu-me melhor que podíamos passar algum tempo a sós.

—A sós... —disse ela baixinho.

—O que?

—Isso que ouvi me gostou: «A sós.»

—Dobra aí —lhe indicou Ramsey ao chegar a um pôster que punha que estavam saindo do Wilderness Park—. Ou prefere que eu conduza?

—Não. Vou bem.

—Quantas senhoras lhe visitaram esta manhã?

—Surpreendentemente, poucas. Deixei-as a três na porta ao ir. Por pouco as demolição.

—Quais eram?

Lhe olhou de esguelha.

—Vale —disse Ramsey, sorridente—. Não tem nem idéia. descreve-me isso Joce soltó una carcajada.

—Uma com o cabelo vermelho escuro tingido e não muito em forma.

—«Não muito em forma.» Que diplomática! A mãe do Ken. Não o conhece, ou sim?

—Pensava conhecê-lo hoje, mas estava fora me esperando.

—foi idéia do Tess. Há dito que todos estariam te olhando, assim, se queria falar contigo, que te levasse a outra parte.

—Ah.

—Não sei se isso é bom. O que significa esse «ah»?

—Luke me disse que Tess te dirige. De fato, dizem-no todos.

—E o faz muito bem —disse Ramsey—. Por favor, me diga que está terrivelmente ciumenta e que você gostaria de lhe arrancar o cabelo.

Joce soltou uma gargalhada.

—Perdoa mas não. É cáustica e uma ressentida, mas quase diria que eu gosto.

—Então é a segunda mulher do povo a quem gosta de Tess. A outra é Sara. As garotas do despacho lhe têm pânico. metem-se no banheiro a falar dela. Tanto é assim quando Tess tem que entrar, antes grita «Entro» e lhes dá três segundos para calar-se.

—por que a detestam? —disse Joce assombrada, com uns olhos como pratos.

—Nem idéia... —respondeu-lhe um sorridente Ramsey—. Gira e toma por esse caminho de terra. Aí está! Estaciona ao pé dessa árvore.

Estacionou ao pé de um grande carvalho e desembarcou do carro. Ramsey a imitou e logo tirou a cesta e a colcha.

—Poderá suportar outro pícnic? —perguntou-lhe.

Estavam em um lugar precioso. As árvores formavam um toldado e se ouvia um arroio ao longe.

—Se os pícnicos forem aqui, posso com um jornal.

—Vamos, então.

Ramsey ficou a caminhar e ela o seguiu pelo atalho até que chegaram a um prado cheio de flores silvestres.

Enquanto o cruzavam, Jocelyn pensou que Ramsey tinha algo importante que lhe dizer, mas que não queria fazê-lo em um lugar público como seu escritório ou um restaurante. Esperava que não fora nada que a fizesse chorar.

—Que lugar tão bonito! —disse-lhe quando ele a olhou por cima do ombro, dissimulando o que pensava.

—Um dia feio na Virginia segue sendo bom.

—Isso é uma observação científica?

—Sim. Completamente imparcial. —Caminhava de costas pelo prado, olhando-a, e o sol lhe dava no cabelo e a camisa azul—. Segue me olhando assim e não voltaremos nunca para despacho —se burlou.

—E isso por que, senhor McDowell?

Chegaram a uma fileira de árvores e ele avançou mais devagar caminhando entre eles, esperando a que o alcançasse.

—Estas árvores os plantou meu avô —lhe disse.

—Significa isso que estas terras são tuas?

—De minha irmã e minhas. Ela e seu marido construíram uma casa ao outro lado do prado.

—Planeja construir algo aqui?

—É possível —disse Ramsey. Tinham chegado a um regato com salgueiros cujos ramos pendiam sobre a água—. Você gosta do sítio?

—Muito. Onde levantará sua casa?

Brocou-a com o olhar.

—Teme que construa uma monstruosidade de cimento no centro do prado, verdade? —Estendeu a colcha à sombra, em uma parte de terra plano.

—É algo que me passou pela cabeça.

—Mais acima há um lugar onde se queimou uma velha casa. É um terreno espaçoso de árvores. Construirei-a ali e conservarei tudo isto exatamente igual. —Foi para o regato, deixou a cesta na colcha e a abriu—. Não tenho nem idéia do que contém. Tess... —calou-se.

—Tess a preparou —disse Jocelyn—. Sei. Faço-me uma idéia. Suponho que te inteiraste que o que fizemos com a comida de bem-vinda que deixaram em minha casa.

—Sim. —Ramsey sorria—. Assim é Tess. Pensa nos que são menos afortunados que ela.

Enquanto o olhava, Jocelyn voltou a perguntá-lo que havia realmente entre ele e Tess.

—Não você comece também —lhe disse Ramsey, tirando uma fatia de pão da cesta, e Jocelyn soube que se referia ao de especular a respeito dele e Tess—. Se isto for da loja da tia Ellie, pode apostar a que a metade é fibra e um quarto casca.

—Você não gosta?

—eu adoro! —exclamou ele. Logo acrescentou baixando a voz—: Mas, às vezes, quando estou fora do povo peço um sanduíche de atum com o pão branco; nada de farinha integral: pão branco. Cada vez que o faço temo que a tia Ellie entre pela porta e me solte um sermão sobre o sistema digestivo.

—Lhe diga que o pão branco está bom com tequila.

Ramsey soltou uma gargalhada.

—Inteiraste-te que muitas coisas sobre os do povo, verdade?

—De um par. —ficou de joelhos, esfregou-se as mãos e começou a esvaziar a cesta. Estava cheia de coisas que adorava: queijo brie, tostaditas, azeitonas, três classes de frutos silvestres, o que parecia patê caseiro, salada de couve e sucos—. Que maravilha!

—Suponho que Tess se fixou no que comeu ontem e o incluiu na cesta.

—Muito cientista —disse Jocelyn, pondo o conteúdo da cesta na colcha.

Tirou os pratos que encontrou no fundo. Abriu uma garrafa de suco e se dispôs a encher um copo de papel, mas lhe agarrou a garrafa. Olhou como a levava aos lábios. Gostou que unicamente apoiasse o gargalo no lábio inferior para beber.

—vais dizer me de uma vez o que morre por me dizer? —perguntou-lhe, olhando o riacho.

Ramsey a olhou incrédulo e sacudiu a cabeça.

—Me recorde que não jogue pôquer contigo jamais. O que teria que fazer para não me delatar?

—Nem idéia. O que sei é que hoje tem o olhar sério e, conforme me hão dito, que haja me trazido aqui na segunda entrevista é anômalo.

—Inconvenientes de viver em um povo no que todo mundo te conhece —repôs ele, sem sorrir—. passei meia noite em vela. Ficamos levantados meu pai e eu, e me contou o que cheguei a considerar o Grande Segredo Familiar.

—Segreto que agora vais compartilhar comigo... Tão mau é?

—Pode... —Ramsey apartou os olhos—. Depende de como lhe tome.

—Solta-o.

Ele se encheu um prato de comida e demorou o seu em lhe responder.

—A senhorita Edi e meu avô eram grandes amigos. blefaram-se até que o avô morreu. Quando eu era menino, ele me lia as cartas e, quando ele era já muito maior, as lia eu. A senhorita Edi estava acostumado a escrever muito a respeito de ti. Estava orgulhosa de sua inteligência, mas nunca mencionou o talento que tem para julgar às pessoas.

Joce o observava atentamente. Se tinha lido as cartas do Edi, então tinha que saber um montão de coisas dela, do Jocelyn. Que soubesse tanto sobre ela a impressionou. Tentou apaziguar os batimentos do coração de seu coração. ia dizer lhe um pouco verdadeiramente espantoso?

—Tem-me feito falta ser virtualmente clarividente para sobreviver às Astras.

Ramsey sorriu.

—Com meu pai seguimos sua carreira profissional —disse—, desde seu primeiro catálogo até a passarela de Melam. São tão horríveis como dizia a senhorita Edi?

—Muito pior —repôs Joce com impaciência—. Tão mau é o que vais dizer me que não encontra o modo?

—Não há dinheiro —soltou ele rapidamente.

—Não há dinheiro?

—Ontem à noite meu pai me disse que herda a casa mas nem um centímo.

—Não o entendo. Quero dizer que... não esperava uma millonada, mas Edi vivia amplamente. Sou auto-suficiente, mas esta casa terá que mantê-la.

—Já sei —disse Ramsey com um suspiro—. Eu... bom, minha família... ajudaremos-lhe nisso. Mas não há dinheiro. Quanto aos gastos da senhorita Edi... —encolheu-se de ombros.

—Desde quando carecia de ganhos?

—Foi auto-suficiente até que se mudou a Florida. A partir de então, da casa do Edilean e tudo o que fez pelo povo se ocuparam outros. Da manutenção do Bertrand também.

—Quem mantinha a casa da Florida e lhe pagava por seu trabalho benéfico ali?

—Meu avô.

—E seu avô era...?

—Alexander McDowell.

Jocelyn ficou olhando o regato, pensando nas coisas das que se inteirou durante os últimos dias.

—O marido do Lissie? —perguntou por fim, com um fio de voz.

—Falou-te dele a senhorita Edi?

—Não me disse nenhuma palavra. Se não me falou do Edilean, muito menos de seus habitantes. Não sabia que fora proprietária de uma casa enorme, não sabia... —Teve que respirar profundamente duas vezes para acalmar-se—. Edi mencionava ao Alex e Lissie McDowell na carta que me deixou com o testamento, e Sara se referiu a uma Lissie que se casou com o «homem mais rico do povo», assim atei cabos.

—Era sua tia avó —disse Ramsey com uma voz apenas audível.

—O que?

—Lissie era tia avó da Sara. casou-se com meu avô ao começo da Segunda guerra mundial e, por isso deduzi, foi então quando começou tudo.

—O que começou? —Olhou-o e notou que tinha uma expressão tensa. Odiava ter que lhe dizer aquilo.

—Vamos —disse sorridente—, te relaxe. Ontem era pobre e ainda sigo sendo-o. Que mais dá? Não esperava que Edi me recompensasse economicamente, assim não estou decepcionada.

Ramsey pareceu tão aliviado que lhe serve um copo de suco e o ofereceu.

—Preferiria que fora veio.

—Eu também. —Levantou o copo em um brinde—. Por ti, Jocelyn, a dama mais nobre que tenha existido.

Jocelyn soltou uma gargalhada.

—O que esperava, que me enchesse o saco ou que me enfurecesse com uma mulher porque não me deixou dinheiro?

—O que teriam feito as Astras?

—O que fizeram, mas bem —disse Jocelyn, e lhe contou o dos carvões que Edi fazia esculpir como pedras preciosas—. Eu já tinha voltado para trabalho quando se inteiraram e não respondi a suas chamadas telefônicas, mas me deixaram

umas mensagens incendiárias na secretária eletrônica. Escutei-os muitas vezes. Acredito que não desfrutei tanto em toda minha vida.

Ramsey a olhava e notou que seguia preocupado pela notícia que acabava de lhe dar e que ele considerava espantosa.

—Conta-me o todo —lhe pediu—. por que mantinha seu avô a uma mulher com a que não lhe unia nenhuma relação de parentesco?

—Não sei, nem meu pai tampouco. Quão único sabemos é que a família da senhorita Edi era a mais prestigiosa do povo, mas que a do Alex McDowell era a mais enriquecida. Sabemos que passou algo desagradável... espantoso, em 1941, e que a senhorita Edi ajudou a meu avô Alex, mas desconhecemos os detalhes. A senhorita Edi trabalhou quase toda a vida...

—Com queimados —completou a frase Jocelyn.

—Exato. ocupou-se de seu irmão e pagou a conservação do Edilean Manor. Quando se aposentou, mudou-se a Boca Camundongo.

—A uma casa vizinha da nossa. —Jocelyn se abraçava os joelhos, escutando-o atentamente—. Uma casa cujo proprietário era seu avô.

—Sim. Entre a manutenção de seu irmão e a conservação da casa, além de todo o dinheiro que dava aos necessitados, a senhorita Edi ficou sem um centímo. Meu avô comprou essa casa, em que ela viveu gratuitamente.

—por que não voltou para o Edilean?

—Isso forma parte do Grande Mistério. Segundo meu pai, Bertrand queria ir-se viver com ela a Florida, mas lhe disse que devia ficar aqui para ocupar-se do Edilean Manor. Devia conservá-la intacta para o futuro. Entretanto, nenhum dos dois se casou, assim não houve herdeiros.

—Assim Bertrand não se jogou a fortuna familiar.

—Não. Diz meu pai que ao Bertrand gostava que a gente acreditasse que era um ludópata que o apostava tudo aos cavalos. Pelo visto dizia que era muito melhor isso que o fato de que se inteirassem de que estavam na ruína.

—Assim Edi me deixou um legado envenenado.

—Temo-me que sim. A boa notícia é que a casa é teu e está livre de cargas, assim pode vendê-la se quiser. Poderá tirar por ela um milhão ou mais.

—Um milhão ou mais? —ficou ali sentada, com o queixo apoiado nos joelhos, olhando a água—. O que me diz do Luke? Há dito que lhe pagam o salário. Não íeis recuperar o gasto quando eu recebesse o dinheiro?

Ramsey se encolheu de ombros.

—Não ganha muito, assim que o pago de...

—De seu bolso —disse Joce com desânimo.

—Olhe, não se preocupe pelo Luke. Não é absolutamente pobre. Tem outras... fontes de ingresso.

—A que te refere?

—Não me corresponde falar a respeito dos negócios de minha primo. Simplesmente te digo que não teve uma vida fácil mas que não tem problemas econômicos.

Jocelyn compreendeu que não lhe tiraria nada mais sobre o tema.

—O que não entendo é como as arrumava Edi para viver se carecia de dinheiro. Íamos à ópera. Assistia a reuniões benéficas e sei que realizava contribuições porque todo isso o fazíamos juntas. Como podia se não tinha ganhos?

—Era seu trabalho. Meu pai criou uma fundação e a senhorita Edi a administrava. Sabia que seu filho, meu pai, teria detestado ter que ir a todas essas reuniões, assim que o encarregou a ela.

—De uma casa em Boca Camundongo? Não te parece estranho?

—Sim e não. Parece-me que o avô confiava mais na senhorita Edi que em ninguém e, como ela não queria voltar para o Edilean, onde a gente seguia considerando-a uma velha solteirona, o trato resultava conveniente. Papai diz que ela não queria conviver com seu irmão.

—Além disso, o frio não era bom para suas pernas.

—Estou seguro de que haveria um centenar de motivos. Parece-me que meu avô e a senhorita Edi o arrumaram tudo para ser felizes ambos. Segundo meu pai, ela fez um trabalho magnífico administrando a fundação.

—Gastava-se muito dinheiro em mim —disse Jocelyn com um fio de voz.

—Ontem à noite meu pai me contou que o avô e seus avós eram amigos. Acredito que por isso comprou a casa, para que vivesse perto deles.

Jocelyn suspirou.

—Outra mentira mais, ou outra omissão. Edi nunca me contou que meus avós fossem amigos de seu amigo. —Inspirou profundamente—. Quantos segretos! —Olhou-o—. Sabe todo o povo que a família Harcourt estava na miséria?

—Não. —Ramsey fez uma careta—. Era um segredo tão bem guardado que até ontem à noite nem sequer eu estava à corrente. Diz meu pai que visitava o Bertrand duas vezes ao ano e que se tomavam um conhaque de cinqüenta anos rendo-se da miséria da família Harcourt. Jocelyn, tem que compreender que eu não tinha nem idéia disto. Acreditava o que dizem os documentos que vi e que você foste herdar uns três milhões de dólares além da casa. antes de vir, perguntou-me por telefone de quanto dinheiro se tratava e te respondi o que acreditava que era certo. Nunca haveria...

Jocelyn notou a súplica, que temia que pensasse mal dele. Não o fazia, mas quis salvar o da humilhação.

—por que motivo se ocupou seu avô dela e do irmão durante tantos anos?

—Não sei. Tampouco sabe meu pai. Ontem à noite me contou que, quando seu pai lhe ensinou a contabilidade dos Harcourt, perguntou-lhe exatamente isso, mas que o avô não o disse. Diz papai que o perguntou mais de uma vez ao longo dos anos mas que o avô sempre se negou a lhe confiar o segredo. Tudo o que dizia era que Edî tinha crêdulo nele quando ninguém mais o tinha feito e que, de não ter sido assim, sua vida teria sido um inferno. Dizia que o devia tudo à senhorita Edî.

—A que se referia? Tinha-lhe avisado para que comprasse aço americano a dez centavos a ação, o preço subiu e se fez rico da noite para o dia? Talvez foi algo assim.

—Não. Não pode ter sido algo tão singelo. Em tal caso o avô teria instituído a fundação abertamente. Edî se teria convertido em uma lenda do povo e todos teriam estado de acordo em que o avô estava em dívida com ela. Mas todo se levou a cabo em segredo. Fora o que fosse que Edî fez por meu pai, foi sem que os do povo se inteirassem.

—Neste povo! Dois homens visitaram o Tess na sábado de noite e à manhã seguinte todos estavam à corrente.

—Exatamente. Mas algo passou, algo importante, e por causa disso, quando a senhorita Edî se aposentou, meu pai se ocupou dela e de seu irmão.

—Começo a acreditar que tudo o que me contou era mentira.

—Não mentia quando dizia que te queria. Escreveu-lhe ao avô que foi um presente de Deus em sua velhice, Jocelyn —disse Ramsey, inclinando-se para ela e pondo uma mão sobre a sua—. Te ajudarei. Sericamente que o farei.

—Quer dizer que fará caridade comigo como fez seu pai? É sua família a verdadeira proprietária do Edilean Manor.

—Então, Luke trabalha para mim? —disse Ramsey, com tanto regozijo que ao Jocelyn lhe escapou uma gargalhada.

—O que diria se se inteirasse de que é você quem lhe paga o salário?

—Certamente me daria um murro na cara. Tem o gancho de esquerda mais potente que vi nunca. De pequenos me pôs os olhos morados mais de uma vez.

—Como saía ele das brigas?

—Ileso —disse Ramsey—. Eu lhe ensinava a outra bochecha.

Jocelyn voltou a rir e a olhar o regato.

—Vale, terei que encontrar trabalho, pois. Né! Já sei. por que não te despede do Tess e trabalho para ti? —Quando Ramsey a olhou horrorizado, fez uma careta—. por que não? Porei-me vestidos, com a saia por debaixo do joelho, e não levarei jamais expulsa jeamas.

—Se não deixar de dizer estas coisas terei que contar-lhe ao Tess.

Jocelyn se protegeu a cara com os braços, para evitar um golpe.

—Contou-te o que me disse quando a conheci?

—Não —lhe confessou ele—, mas ouvi o que você lhe respondeu. Algo a respeito de que o mel apanha mais moscas que uma cara bonita.

—Um resumo muito acertado. —ficou a guardar as coisas na cesta, mas Ramsey não se moveu.

—Há outra coisa que tenho que te dizer.

Jocelyn voltou a sentar-se.

—Que mais? Que tenho dívidas? Por favor, não me diga que herdei dívidas e que tenho que as saldar ou os credores me levarão ao cárcere.

Ramsey a olhou assombrado.

—Os mesmos livros que Sara?

—Basicamente. Que mais tem que me dizer?

—ia guardar o segredo. —Inspirou profundamente—. A verdade é que foi minha coisa e não lhe queria dizer isso mas ontem à noite, quando me inteirei das mentiras que lhe haviam dito... Bom, não posso acrescentar nem a mentira mais inofensiva ao resto.

—Isso me convém —disse Joce, sem sorrir.

—Olhe, esta tarde te espera um retiro.

—Já sei.

—Sabe?

—Luke me contou isso. Recolherá às duas... ou ao menos se supunha que recolheria a essa hora. Disse que sempre leva às mulheres ao The Trellis para a segunda entrevista, assim íamos encontrar nos ali.

Ramsey soltou um bufido.

—Tenta que cria que sou um tipo rotineiro e que sempre me atengo ao estabelecido com «minhas garotas». A verdade é que não tenho nenhuma rotina nem muitas entrevistas. Mas não é do Luke de quem queria te falar. O retiro tem que ver com pastelitos.

—Pastelitos? Isso é um término em um jargão que desconheço?

—Não. Fui um bocazas. Quando te deixei, na sábado, fui ao apartamento do Tess.

—E lhe falou de mim. Já me há isso dito.

Ramsey a olhou de esguelha, tentando encontrar o modo de dizer-lhe

—Justo.

—Disse-lhe... —Fez um gesto de rechaço com a mão—. Dá igual por que, mas lhe disse que tinha mencionado que sabia preparar confeitaria. Assim que me disse que me convinha criar uma «necessidade imperiosa» de confeitaria.

—Uma necessidade imperiosa de confeitaria? Que demônios é isso?

—Referia-se a que podia fazer que alguém fingisse que necessitava imperiosamente dispor de confeitaria e te dissesse que você foi a única capaz de tirá-la do atoleiro.

Joce o olhou consternada.

—Parece-me que me perdi. Quem vai necessitar me a mim precisamente para preparar pastelitos?

—Digo-te a verdade?

—Não estaria mau.

—ia ser uma desculpa para que você e eu chegássemos a nos conhecer melhor, para passar mais tempo juntos. depois de nossa primeira entrevista, pareceu-me que nós...

—Tínhamo-nos ficado sem tema de conversação?

—Justo.

—Assim, quando te partiu, foi a casa do Tess para lhe pedir sua opinião como mulher a respeito do que te convinha fazer para que nos enrolássemos.

—Sim —admitiu ele mansamente—. O sinto, eu...

Jocelyn o interrompeu com um beijo nos lábios. Não foi um beijo muito apaixonado, mas sim um que lhe indicou que não estava descontente com seu modo de atuar.

—Caray. Isto foi por...? foi por te dizer a verdade?

Não queria lhe dizer por que o tinha beijado. Talvez tinha sido de alívio ao inteirar-se de que, se tinha ido ver o Tess, tinha sido unicamente para lhe falar dela. Sabia que era uma estupidez, mas, segundo Edi, Ramsey era o homem perfeito para ela e, em certo sentido, considerava-o dele.

Tendeu-se na colcha e ficou a olhar as folhas da árvore sob o que estavam.

—Me fale dessa «necessidade imperiosa de confeitaria».

Ramsey lhe aproximou.

—Preferiria falar de beijos.

—Agora não. —Olhou-o com a extremidade do olho—. Me parece que devo resolver várias coisas antes de me beijar a sério com ninguém.

Ramsey suspirou teatralmente e se tendeu na colcha, ao outro lado da cesta.

—Tess se ocupou que tudo. Do da confeitaria, quero dizer.

—Assim já antes de me conhecer sabia que me faria falta uma ocupação.

—Sim. —Ramsey apoiou a nuca nas mãos e olhou a taça da árvore—. Mas não sabia o do dinheiro. Joce, sei que certamente todos lhe hão dito que Tess é...

—Melhor dava que me advertiram que Tess é...

—Vale, lhe advertiram que Tess governa minha vida, mas não é certo. É verdade que aprendi a me fazer o parvo e assim ela faz o trabalho, porque trabalha

como uma mula, asseguro-lhe isso, mas em muitos aspectos o ignora tudo a respeito de mim. Você encabeça a lista dos aspectos que desconhece.

»Estou seguro de que tem que ver com o fato de ter ouvido falar de ti desde que era um pirralho e sei que é prematuro, mas... Jocelyn, eu gosto de muito. É inteligente e divertida, e eu adoro estar contigo. Faz-me sentir bem. Basta isso para que iniciemos uma relação?

—Sim. —sentia-se melhor com cada palavra que ele dizia. Não gostava que pensasse que estava ciumenta do Tess, mas era agradável que lhe assegurasse que não havia razão para que o estivesse.

Sentou-se e olhou dentro da cesta.

—Comeste-te todo o patê?

—limpei o prato. —ficou de lado, com a cabeça apoiada em uma mão, olhando-a com doçura e calidez.

Joce teve que fazer um esforço para apartar os olhos dele.

«É muito logo —pensou—. Muito prematuro.»

Edi dizia que as mulheres que se afeiçoam com um homem de entrada se passavam a vida lamentando que não as tivessem cortejado. Dizia que David a tinha cortejado «apaixonadamente». «Demorei muito antes de consentir em... em ser sua noiva», dizia, e sempre que o fazia se ruborizava.

Jocelyn não queria nem pensar no «apaixonado» que se tornou o noivado. Edi havia tornado da Segunda guerra mundial e se encontrou com seu querido David casado com outra.

—Me conte o da confeitaria —insistiu Jocelyn, lubrificando de queijo uma torrada.

—Desconheço os detalhes. Receberá uma chamada de alguém, certamente de minha irmã e certamente esta noite. Perguntará-te se sabe preparar confeitaria.

—vão ser para essa festa infantil a que me há convidado?

—Sim. —Ramsey aceitou a torrada que lhe oferecia.

—Viu minha cozinha?

—Claro —disse ele, com a boca enche—. Está... —Olhou-a—. Está cortada. Assim, como vais preparar confeitaria sem... sem os utensílios que fazem falta, sejam quais sejam?

—Eu acreditava que você sabia cozinhar.

—Minha irmã me ensinou a preparar a massa dessa maneira. É o único que sei cozinhar.

Jocelyn se preparou uma torrada com queijo e a comeu enquanto refletia.

—Suponho que sua irmã está fazendo isto para que seu pobre irmão solteiro se case com uma mulher a que crie rica e que vive na casa maior e antiga do povo.

—Claro. Minha mãe perdeu a esperança de que me casasse, e parece que minha irmã está a ponto de render-se também.

—Assim sou sua última oportunidade.

—A ultimísima. —Estava cada vez mais sorridente—. Me dá que está maquinando algo.

—Sabe o que se acrescenta à comida dos meninos agora?

—Tintura violeta?

—Isso está acontecido de moda. Não. acrescenta-se nata de espinafres ao chocolate. —Ramsey a olhou tão horrorizado que soltou uma gargalhada—. Soa mau, mas de fato sabe bem. Coloca abobrinha nos macarrão gratinados com queijo, cabaça nos perritos quentes... Claro que os meninos crescem se ter comido brócolis tal qual, mas tampouco importa. O caso é que sejam altos e fortes e que cheguem feitos e direitos à universidade.

—Uma geração inteira vai crescer sem saber a que sabe realmente o chocolate —disse Ramsey, a quem seguia lhe parecendo a pior ideia do mundo.

—Tem dinheiro sua irmã? Se for de sua família, tem que ser rica.

—O que? —perguntou-lhe Ramsey, incrédulo.

—Se sua irmã me tivesse chamado esta manhã e me tivesse pedido que cozinhasse umas quantas dúzias de pastelitos para uma festa infantil o teria feito grátis. Mas me tinham induzido a acreditar que acabava de herdar uma fortuna com a casa, não só esse poço sem fundo no que terei que investir tudo que possuo sozinho para manter as térmites a raia. O que me interessa saber é se sua irmã me pode permitir-se pagar isso —Vale. Tengo una oportunidad de demostrarle al mundo, y cuando digo el mundo me refiero a Edilean y sus alrededores, de qué soy capaz. Si hago un buen trabajo, a lo mejor conseguiré ganar los suficiente para mantenerme hasta... hasta...

—Sim que pode. Seu marido trabalha no Busch e vontade bastante dinheiro.

—E além disso está a fundação de seu avô.

—E está a fundação de meu avô. —Ramsey sorria—. O que está tramando essa linda tua cabecita?

—Parece-me que não quero me passar a vida preparando confeitaria, mas de momento não me ocorre que mais fazer. Sara me há dito que não há nenhum trabalho que valha a pena no Edilean.

—Não que eu saiba. A gente trabalha fora do povo ou tem seu próprio negócio. Ao melhor Sara e você poderia pôr algo juntas.

—Abrir uma loja de roupas e servir confeitaria aos clientes? Não acredito. Além disso, se me puser a sério com o dos pastelitos e ganho dinheiro...

—Terá a um inspetor de sanidade em sua porta imediatamente —disse Ramsey.

—Exato. Às vezes me esquece que é advogado.

—É um completo?

Jocelyn estava concentrada olhando a água.

—Vale. Tenho uma oportunidade de lhe demonstrar ao mundo, e quando digo o mundo refiro ao Edilean e seus arredores, do que sou capaz. Se fizer um bom trabalho, talvez conseguirei ganhar o suficiente para me manter até... até...

—Sinto-me fatal —disse Ramsey—. Fui eu quem te animou a deixar seu trabalho e te vir. Disse-te que além da casa receberia uma soma de dinheiro.

—Por favor, deixa de te sentir culpado. Posso pedir um empréstimo se fizer falta. —OuvIU uma buzina ao longe—. Que horas são?

Ramsey fez uma careta.

—Não me faz falta relógio para saber que são dois em ponto. Aonde vai com o Luke?

Jocelyn estava colocando as coisas na cesta.

—Novelo. Temos que comprar lavanda.

—Para que? —Agarrou a colcha por um extremo e Jocelyn pelo outro.

—Para fazer bolachas. Também sei as fazer.

—Certamente não parece que inteirar-se de que está sem branca te tenha alterado.

—Prefiro tomar o como um incentivo. —Quando a buzina voltou a soar, olhou-o.

—Vamos —disse ele—. Já me ocupo eu disto.

—Obrigado. —Foi para o atalho e logo se voltou a olhá-lo—. Três com vinte e cinco.

—O que?

—Isso é o que cobram em Nova Iorque por uma madalena grande. Três dólares com vinte e cinco centavos por peça.

—Pois claro —disse ele, com cara de surpresa pelo preço—. Está bem. Direi a meu cunhado que aceite. Serei seu protetor, mas se a confeitaria é um espanto me fará ficar como um parvo. E não encontrará trabalho no povo.

—Estará orgulhoso de mim —lhe assegurou enquanto voltava a soar a buzina—. As chaves de meu carro estão na cesta.

Ramsey assentiu e Jocelyn partiu correndo.

Jocelyn correu pelo prado para a caminhonete do Luke, que este tinha estacionado ao pé do carvalho, junto a seu carro. Não se apeou nem lhe abriu a porta, limitou-se a esperar com o motor em marcha. Ela pôs um pé no estribo e se sentou a seu lado. antes de que tivesse fechado a porta Luke já tinha arrancado.

—Está zangado porque estava equivocado...? —perguntou-lhe.

—Não estou zangado nem tampouco equivocado, assim por que estaria zangado se o estivesse?

—Porque Ramsey não me levou ao Williamsburg como disse que faria.

Luke se encolheu de ombros.

—Suponho que Tess lhe mandou que fora a outra parte.

Jocelyn não disse nada porque aquilo se aproximava muito à verdade. Mas Ramsey tinha querido lhe dizer coisas muito importantes e estava contente de que tivessem estado sozinhos quando o tinha feito. Em termos gerais, acreditava que tinha feito bem lhe ocultando a comoção que lhe tinha causado a notícia. Não ter dinheiro para ocupar-se da velha casa era mau, mas não algo que não pudesse confrontar. Certamente havia planos governamentais de ajuda para a conservação de um edifício tão antigo.

Estava alterada pelo que lhe tinha contado Ramsey do Edi. Pelo visto cada hora que passava se ia inteirando de alguma mentira mais. Desde menina tinha passado tanto tempo como tinha podido com aquela mulher, que lhe tinha ensinado todo o importante da vida. Jocelyn, que considerava o Edi a pessoa mais sábia do mundo, estava descobrindo que não tinha sido honesta com ela. Embora se dizia que Edi estava em seu perfeito direito de manter em segredo algumas parte de sua vida privada, doía-lhe que o tivesse feito.

—Né! —disse Luke com doçura—. por que está tão carrancuda? discutistes Rans e você?

—Não. —Jocelyn apoiou a cabeça no guichê e ficou a olhar a estrada—. Alguma vez confiaste em alguém cegamente e logo te inteiraste que essa pessoa não era nem de longe como acreditava?

—Sim. Inteiraste-te que algo sobre o Ramsey?

—Não. Quero dizer... sim. preocupa-se com a gente, verdade?

Luke a olhou de esguelha enquanto tomava a curva.

—Suponho. Do que se preocupa?

—De tudo. De todos. —ergueu-se no assento—. Aonde vamos?

—A comprar novelo, não te lembra?

—Não me posso permitir isso lhe respondeu irreflexivamente.

Imediatamente seguinte Luke estava dando a volta em redondo para voltar por onde tinham vindo.

—O que faz?

—Levo-te a casa. Logo nos sentaremos e me explicará isso que acaba de me dizer.

Ramsey não lhe havia dito que o que lhe tinha contado fora um segredo, mas ao Jocelyn parecia que simplesmente tinha sido um descuido por sua parte não fazê-lo. Fora o que fosse que tinha acontecido entre o Edi e seu avô, não tinha saído à luz em muitos anos e não acreditava que fora boa idéia arejá-lo.

—São assuntos legais —disse—. Se trata de, né... a autenticação do testamento. vou demorar muito em ter o dinheiro que me deixou Edi para me ocupar da casa, assim terei que esperar. Enquanto isso não tenho mais que minhas economias, o que não é muito. Mas Ramsey me conseguiu um trabalho em casa de sua irmã amanhã. vou preparar confeitaria, embora me parece que não tenho sequer moldes para assar. Se consigo prepará-la, tudo irá bem. Acredito... espero.

Luke estacionou no caminho de entrada do Edilean Manor, apagou o motor e deu a volta à caminhonete para lhe abrir a porta.

—Sal —lhe disse, porque ela não se movia—. A menos que queira que te leve a rastros, sal da caminhonete.

Quando obedeceu, foram até a porta de entrada e Jocelyn pinçou no bolso para tirar a chave.

—As chaves estão no chaveiro do carro, e o tem Ramsey.

Luke abriu a porta.

—Quem fecha com chave neste povo?

—Mas você disse... —Nem sequer se incomodou em terminar a frase.

Foram até a cozinha e ele correu uma cadeira da grande mesa de pinheiro e esperou a que ela se sentasse. Logo pôs uma vasilha no fogão a esquentar.

—De onde saiu? —perguntou-lhe Jocelyn.

—É de minha mãe. Hei-lhe dito que você gostava do chá e me deu uma caixa para ti. Venha, desembucha.

—A autenticação do testamento... Ramsey diz...

—Ramsey não diz nada disso, e se não deixar de me mentir gritarei. Posso gritar muito forte se me propuser isso. pratiquei esporte muitos anos.

—Não grite. —Apoiou a frente em uma mão—. por que me faz isto? Acreditava que íamos ao viveiro Y... —Foi perdendo fole até emudecer.

—Parece como se te tivesse atropelado um trem de mercadorias. — Apartou a vasilha do fogo e verteu a água quente em uma bule preciosa que Jocelyn não tinha visto nunca—. Quero saber o que te há dito minha primo para te deixar assim.

—Nada para o que mereça encaixar um gancho de direita.

—De esquerda.

—O que?

—Um gancho de esquerda. Não vou nocautear ao Ramsey, mas lhe vou cantar as quarenta. No que estaria pensando para te deixar assim? Está tão pálida como se te tivesse chupado o sangue um vampiro.

—Exagerado... Solo me falou que aspectos legais Y... —calou-se quando viu como a olhava Luke—. Está bem. Não queria que visse o muito que me tinham afetado suas palavras. De fato, deixei que acreditasse que estava contente, cheia de vida. Nada pode afundar ao Jocelyn.

—E logo subiste a minha caminhonete e parecia que...

—Já sei. Parecia que me tinha enrolado um trem, exangue. Sabe conseguir que uma garota se sinta bem, certamente.

Luke lhe pôs diante a bule, uma taça com seu pires e foi à geladeira a procurar leite.

—Agora que o deixamos claro, me conte o que passou.

—Não posso. É... é um assunto privado.

—Todo mundo sabe que vais herdar perto de três milhões de dólares. É isso o que se preocupa? Aflige-te o dinheiro?

—O que vai! —disse, e tomou um sorvo de chá—. Está bom. Deveria tomar um pouco.

—Não, obrigado. —Tirou uma cerveja da geladeira e se sentou a seu lado—. Se não estava afligida pelo dinheiro, estava-o porque não é tanto como pensava?

—Não há nem um centímo! —exclamou Jocelyn, virtualmente gritando—. Nem cinco! —tampou-se a boca. Não pretendia dizer aquilo.

—Bem. —Luke se arrellanó na cadeira—. Não há dinheiro.

—Olhe, não quero falar mais disto. Solo necessito um pouco de tempo para pensar e te peço que por favor não conte a ninguém o que acabo de te dizer.

—Crie que irei correndo a dizer-lhe a todo mundo? —Tinha o cenho tão franzido que lhe juntavam as sobrancelhas.

De repente, Jocelyn não pôde conter-se mais. tampou-se a cara com as mãos e pôs-se a chorar.

—Tranqüila —lhe disse Luke, abraçando-a para que apoiasse a cabeça em seu ombro—. Não queria te desgostar.

—Não me desgostaste. Choro pelo que me há dito Ramsey.

—Porque não há dinheiro... É isso o que te há dito?

—Sim... não. —Seguia soluçando—. Todo era mentira. Intei-rei-me que tudo o que sabia a respeito da mulher a que queria era mentira: quem era, de onde vinha, inclusive a quem amava... todo mentira. Cada palavra. por que me mentiu tanto? Não confiava em mim? Não o entendo.

Luke tirou um guardanapo de papel do servilletero que havia na mesa e a ofereceu. Ela se levantou e se soou.

—Importa-te se me preparo um sanduíche? Não me deu tempo a comer...

—Sinto muito. Estou-te monopolizando. Não o pretendia. Quando deixei ao Ramsey sentia estupendamente, mas...

—Assim que me viu te vieste abaixo —disse ele, em tom alegre.

—Não é verdade. Ramsey é... já sabe, assim não quero me desmoronar em sua presença.

—Não tenho nem idéia do que significa isso de que «já sabe». O que é Ramsey?

—Um homem que me interessa. Que me interessa de verdade.

—Já vejo. Assim quando está com ele mantém a cabeça bem alta, os olhos secos e não permite que te veja com o nariz cheia de mucos.

—Sim —disse Jocelyn, e voltou a soar-se—. Não sabia que me sentia tão mal até que me afastei que ele. É sempre muito amável comigo. Traz comida e me faz cumpridos. Diz-me que sou inteligente e divertida e que ele... —soou-se sonoramente—. Perdoa. Do que é o sanduíche?

—De presunto e queijo. Quer um?

—Tem pepinos japoneses em vinagre?

—Não sei. A geladeira é tua.

—É uma geladeira mágica, porque ainda não fui uma só vez à loja e sempre está enche.

—Isso não durará mais que esta semana, estou seguro. Todos os do povo se acostumaram a ti e nem sequer se tomarão a moléstia de te conhecer. Sobre tudo se se inteiram de que não tem dinheiro.

—Ja, ja. Não o contará, verdade?

Ele não disse nada enquanto lubrificava de mostarda quatro fatias de pão.

—se preocupa não lhe gostar da ninguém se não ser rica?

—Não quero que se inteirem de que sua querida Edi não tinha um céntimo! Não quero que pensem mal dela.

—Assim não te importa que saibam que é pobre. —Dava-lhe as costas, mas Jocelyn soube que estava sorrindo.

—Não, claro que não. —Agarrou o prato com Isto sanduíche tem uma pinta estupenda.

—Se acabar de comer com o Ramsey, como pode ter fome?

—Não podia comer a duas bochechas estando com ele, não te parece?

—Como Scarlett Ou'Hara —balbuciou ele entre dentes.

—A que te refere?

—Ao andaime. Ao Ashley gosta que tenha bom apetite.

—Ah, sim. Já me lembro. Esta mostarda está boa. De que marca é?

—Não sei. Pregúntaselo à tia Ellie. Parece-me que deveria me dizer o que Ramsey te contou e, se pensar que vou dizer uma só palavra, castigarei-te como solo sabe fazê-lo um jardineiro.

Ela sorriu por sua alusão a uma de suas primeiras conversações.

—Por onde começo, por antes ou por depois da Segunda guerra mundial?

Luke pôs uns olhos como pratos.

—Interessante. Começa por antes.

—Ramsey me contou que aconteceu algo terrível em 1941, justo antes de que entrássemos em guerra, algo que fez que Alexander McDowell lhe estivesse tão agradecido ao Edí que quando esta se aposentou a instalou em uma casa cara de Boca Camundongo e lhe encarregou que administrasse um montão de dinheiro dele. Não sou um gênio das finanças, mas inclusive eu vejo que isso não é uma coisa normal. além de obras benéficas, ela usava o dinheiro para complementar minha educação na escola pública e para ajudar ao folgazão de seu irmão. assim, o que aconteceu ele obrasse assim?

—por que me pergunta isso ?É a primeira vez que ouço tudo isto. Rans não te contou o que fez a senhorita Edí por seu avô?

—Não sabe, nem seu pai tampouco. Parece-me que a história se foi à tumba com seus protagonistas.

—O que tem essa história que ver com o dinheiro?

—Acontecesse o que acontecesse, Alex McDowell gastou muitíssimo dinheiro. Não entendo por que tanto. Faria-o por própria vontade?

—Não pretenderá dizer que a senhorita Edí o chantageava, verdade?

—Me passou pela cabeça —disse Jocelyn com um fio de voz.

—Bom, pois te tire essa idéia dessa cabecita retorcida tua —lhe recomendou Luke agarrando ambos os pratos, já vazios, e levando-os a pia—. Você não conhecia o Alex McDowell, mas eu sim. Dava-nos um medo de morte a todos de meninos, e a muitos adultos também. Dizer que era brusco é ficar curto. Gritava a seus empregados e atava curto a qualquer em quem se gastou um centavo. Se alguém tivesse tentado lhe fazer chantagem o tivesse agarrado pelo pescoço e arrojado à outra ponta da habitação.

—Entretanto, estava casado com uma mulher de aspecto tão angélico como Sara.

—Ela era tão doce como ele azedo. Ninguém compreendeu nunca que esses dois... bom, além de pelo fato de que o velho Alex adorava a sua mulher. Idolatrava-a. Venerava-a.

—Pode que fora por isso —disse Jocelyn, servindo-se outra taça de chá. Já estava frio, mas seguia sendo bom—. Se um homem me adorasse, isso contribuiria muito a que eu ignorasse seus defeitos.

—Então, te case com o Ramsey. —Luke estava junto à pia, lhe dando as costas.

—Não te parece que é um pouco logo para que me exponha isso? Não faz nem três dias que lhe conheço.

—Mentiste-lhe a respeito do que sente, a respeito do que se preocupa, inclusive a respeito de quanto come. Isso me parece um princípio de amor.

—Não lhe menti!

Luke se voltou para olhá-la.

—Vale —admitiu Jocelyn—, talvez ponho cara de valente quando estou com ele, mas isso não é mentir. Eu gosto. Tem tudo o que posso desejar de um homem.

—Te case com ele, então. É rico. Deixa que te mantenha e que mantenha esta casa. Seus problemas estarão resolvidos.

—Para que saiba, Ramsey não me pediu que me case com ele nem remotamente. Além disso, se me casasse com sempre lhe estaria agradecida. Quando me zangasse com ele por algo, não o diria porque me saberia obrigada de por vida com ele por me haver salvado, assim desenvolveria uma úlcera de estômago e certamente morreria jovem.

Luke se tomou seu tempo para digerir aquilo.

—Me alegro de que a idéia de te casar com minha primo não te tenha passado sequer pela cabeça.

—Não tive muito tempo para pensar em nada. Sabe o mais irônico de tudo? Eu não esperava que Edi me deixasse nada ao morrer. Talvez uma lembrança, mas nada mais. Participava de muitas obras benéficas, assim estava convencida de que tudo iria parar a elas. por que me tem feito isto?

—É a pergunta mais interessante que me expuseste. Sabia que não tinha dinheiro, mas te deixou uma velha casa que, confia em mim quando lhe digo isso, derrubar-se sem uma injeção de capital cada seis meses.

—Parece-me que agora mesmo não sou capaz de pensar nisto. Em qualquer momento a irmã do Ramsey me chamará por telefone para me dizer que necessita confeitaria e tenho que encontrar o modo de preparar-lhe Parece-te que esse forno funciona? —Fez um gesto com a cabeça para a espantosa cozinha.

Luke demorou um pouco em dar-se conta de que não ia falar mais daquele assunto. Não lhe importou, porque ele mesmo tinha algumas pergunta que lhe fazer a alguém e o fazia falta tempo para poder as expor adequadamente.

—Não tenho nem a mais mínima idéia —disse, girando o grande botão do aceso—. O que te propõe fazer?

—Chocolate com espinafres e, antes de que diga nada, Ramsey já me há dito o má idéia que é. Mas conseguirei que tenha sabor de glória, não se preocupe.

—Deixou-te a senhorita Edi uma varinha mágica?

—Oxalá! Hei-lhe dito a Rans que pagamento três com vinte e cinco por cada madalena, assim tenho que sair com bem desta, mas me fazem falta algumas costure que não tenho. Há uma casa de móveis por aqui perto?

Luke abriu a porta do forno e colocou dentro a mão.

—De momento segue frio. por que não pede emprestado o necessário?

—Quem vai deixar me uma pesada amasadora e uma manga pastelera?

—A igreja é Baptista, não te lembra? Aos baptistas adoram comer. Encontrará tudo que necessite nas cozinhas das mulheres deste povo. me faça uma lista e pedirei a minha mãe que lhe consiga isso tudo. Terá a cozinha bem equipada dentro de uma hora e meia.

Jocelyn se sentou à mesa, olhando-o assombrada.

—Mas se nem sequer me chamaram ainda.

Luke tirou o móvel da capa do cinturão e pulsou um botão.

—Mamãe? —perguntou—. Crie que papai estará disposto a ajudar ao Joce com um turno de pastelitos? —Fez uma pausa—. Sim, suponho. Claro, posso falar com ela. por que não os pergunta você ao Viv? —Sorria enquanto escutava a resposta—. Me parece que gostará de fazê-lo, mas tinha que lhe encarregar isso a ti. —Sorriu de brinca a orelha—. Porque um plano como esse poderia te tirar a papai de cima uma semana inteira, por isso. Vale, mas direi a ela que o há dito. Quer dizer-lhe você a papai ou o faço eu? Covarde! Estarei aí dentro de quinze minutos. —Escutou um pouco mais e deixou de sorrir—. Sim, estou-me comportando. Pregúntaselo se não me crie. —Aproximou- o telefone ao Jocelyn—. Minha mãe quer saber se me ultrapassei contigo.

—Nenhum homem deste povo se ultrapassou comigo —disse ela muito forte—. Ninguém me sugeriu nada. Cevaram-me, mas não deram o menor passo.

Luke a olhou um segundo e logo voltou a ficar ao telefone.

—Não sei —disse—. Pregúntaselo a Rans. Vale, em seguida estou aí, mas não diga nenhuma palavra a papai. Eu o contarei tudo. —Pendurou e olhou ao Jocelyn—. Do que ia isso?

—Coisas de garotas. O que te há dito sua mãe?

—Já sabia o dos três dólares com vinte e cinco. Suponho que Rans o terá contado a alguém do despacho porque já se inteirou todo o povo. Mamãe há dito que é absurdo celebrar uma festa infantil a metade de semana e servir confeitaria dessa. Quer que meu pai coloque vaza, organize uma festa por todo o alto e convide ao meio Williamsburg.

—Ao meio Williams... —Estava atônita—. O que tenho que fazer, pôr uma confeitaria?

—Se quer inteirar-se da vida da senhorita Edi e obter as respostas às perguntas que lhe têm pó feita, tem que conhecer umas quantas pessoas da zona.

Assegurarei-me de que minha mãe convide a quão velhos a conheciam. Parece-te uma boa idéia?

—A melhor. —Olhou-o agradecida.

—Voltarei a te perguntar se te parecer boa idéia quando levar suportando a meu pai uma semana.

—Tão mau é? —perguntou-lhe baixinho, disposta a lhe fazer de terapeuta.

—Espantoso! Está aposentado.

—O que quer dizer?

—Já o verá. Sugere-lhe um projeto e se crie o rei do mambo. Vai dar ordens a ti e às senhoras que ponham a tiro até que lhes amotinem.

—Às senhoras? Quem mais preparará confeitaria?

—Bem-vinda ao Edilean. —Luke lhe dedicou uma careta—. Tenho que ir. —Voltou a comprovar o estado do forno. —Está mais frio que uma gruta.

—Não posso me permitir um novo...

Luke levantou uma mão para fazê-la calar.

—Deixa que meu pai se ocupe disso. Este projeto lhe vai encantar. —Foi para a porta mas se parou e se voltou a olhá-la. —Para que saiba, Ramsey quer te fazer uma proposição. Solo leva às mulheres com as que quer casar-se ao terreno onde pretende levantar sua casa. —Luke jogou uma olhada ao vestíbulo da casa do Joce—. Ou a passar um fim de semana.

—E quantas foram as afortunadas?

Luke lhe sorriu.

—Eu gostaria de dizer que dúzias, mas solo houve uma.

—por que não se casou com ela, então?

—Não me corresponde lhe dizer isso —Haré que Luke plante ese huerto de hierbas aromáticas sin cargo alguno.

—Isso mesmo me disse Ramsey a respeito de ti.

—Y... o que lhe perguntou a respeito de mim?

Joce ia já a dizer-lhe mas fechou a boca. Se Luke não sabia que Ramsey era quem lhe pagava o salário, não seria ela quem o contasse.

—Nada.

—Bem. —Luke a repassou dos pés à cabeça—. Vê te dar uma ducha e te troque de roupa. Parece-me que te vais passar uns quantos dias preparando bolos.

Jocelyn o olhou afastar-se na caminhonete antes de fechar a porta e, por um momento, recostou-se contra ela e pensou nos últimos dias. Tinham-lhe acontecido tantas coisas que sentia um torvelinho interior. Ao cabo de um minuto correu escada acima, para o banho. olhou-se no espelho e viu que lhe tinha deslocado a sombra de olhos. Tinha tido aquela pinta a maior parte do tempo que tinha passado com o Luke. Sonriendo, meteu-se sob a ducha e pensou no que lhe

havia dito à mãe deste. De ter sido a do Ramsey se teria comportado como uma dama, mas com a do Luke podia brincar.

Uma vez tomada banho ficou uns texanos e uma camiseta. Acabava de vestir-se quando um carro chegou pelo caminho de entrada. Olhou pela janela e viu que se apeava um homem. Inclusive desde aquela distância não lhe coube dúvida que era uma versão de mais idade do Luke: bonito, com o cabelo cinza, alto, e com pinta de estar disposto a fazer negócios. Correu escada abaixo tão depressa que abriu a porta antes de lhe dar tempo a chamar.

—Assim vieste a me governar —lhe disse, muito séria.

Ele não sorriu.

—Salte do caminho esboçado e gritarei —lhe respondeu.

—E se me comporto?

—Farei que Luke plante esse horta de ervas aromáticas sem cargo algum.

Jocelyn lhe fez uma estudada reverência.

—Seus desejos são ordens para mim, OH, professor!

O homem abriu uns olhos como pratos.

—Toda minha vida tinha querido ouvir uma mulher dizer isso. Quer te casar comigo?

—Acrescentarei-te à lista —disse ela, sorrindo, já caminho da cozinha —. Vêem ver meu forno. É tão antigo que vou vender o no EBay por um milhão de dólares.

—Não é tão antigo, porque o vendi ao irmão da senhorita Edi faz quarenta anos mais ou menos.

Jocelyn se deteve.

—Vende eletrodomésticos?

—Isso fazia até faz três anos. Posso te conseguir uns descontos muito suculentos em quase tudo o que possa desejar.

—Em troca de sexo ou de dinheiro? —perguntou-lhe Joce com solenidade.

—Deixa que o pergunte a minha mulher. —Seguiu-a até a cozinha sem deixar de sorrir.

Capítulo 10

Luke demorou duas horas em conseguir que seus pais o tivessem tudo sob controle. Sua mãe se ocupou das linhas telefônicas, chamando gente de dois condados para lhes falar da festa do sábado. Conseguia que parecesse que Jocelyn acabava de chegar de Bruxelas e era uma pastelera de renome internacional.

A seu pai disse meia dúzia de palavras e o homem já estava na porta disposto a organizá-lo tudo, a todas as horas e onde fora. Estava realmente perdido sem um trabalho que fazer cinqüenta horas semanais. Luke teve bastante lhe dizendo que o velho forno do Jocelyn estava quebrado e que Jim Connor se ficou sem móvel. perguntava-se se Joce conseguiria uma da gama Wolf ou da Viking nas próximas vinte e quatro horas.

Quando partia, recordou a sua mãe que tinha que chamar o Viv, a irmã de Rans, para lhe dizer o da festa, dado que ia celebrar se em sua casa. Posto que Viv nem sequer tinha chamado ao Jocelyn, seria uma surpresa para ela inteirar-se de que aquele sábado acolheria uma festa para solo sabia Deus quantos convidados.

Foi a sua casa, ficou uma camisa recém engomada e umas calças cáqui, e logo tirou o BMW da garagem. ia ver seu avô David, e sabia que lhe tiraria mais informação ao homem se se vestia com algo que não fossem uns jeans e uma camiseta suja.

Ao avô Dave adorava lhe dizer ao Luke que não entendia por que motivo, tendo tantos estudos, não ficava roupa decente.

—Se for ser jardineiro, ao menos tenta parecer paisagista —lhe havia dito mais de um centenar de vezes.

A avó Mary Alice já podia lhe dizer a seu marido que se calasse, mas a ele dava igual. O avô Dave era da velha escola, e acreditava que alguém devia ter sempre o melhor aspecto possível.

Luke sempre se levou estupendamente com seu outro avô, o pai de seu pai, um homem do que outra gente preferia manter-se a distância. Seu eterno mau humor afastava a outros, mas não ao Luke. Sempre tinha sido do mais feliz com o avô, pescando juntos, olhando os esportes na televisão ou simplesmente indo na caminhonete. Tinha sido o avô Joe o que o tinha salvado dos castigos quando Luke se metia em confusões no instituto. O moço tinha sido sempre brioso, e detestava que lhe dissessem o que devia fazer e como fazê-lo. Seus professores queriam que obedecesse incondicionalmente, mas Luke tinha suas próprias idéias a respeito de como deviam fazê-las coisas.

Uma vez se tinha brigado com o treinador de futebol, que ameaçava expulsando-o da equipe. Seu pai se zangou tanto que o tinha mandado a sua habitação às dez da manhã e lhe havia dito que ficasse ali até que decidisse o que fazer com ele. A meio-dia, o avô Joe tinha aparecido na janela do quarto, que estava no segundo piso, subido a uma escada de mão. Sem dizer uma palavra, tinha-lhe tendido uma mão ao Luke e tinham baixado os dois para ir-se ao lago a passar o resto do dia pescando. Essa tarde, às seis, Luke voltava a estar em sua habitação. Quando seu pai retornou, não se inteirou de que seu próprio pai tinha tirado o Luke.

Sempre tinha sido igual com o avô Joe, mas não com o pai de sua mãe. além de ser médico, o avô Dave era diácono da igreja, maçom e querido por todos, mas Luke nunca tinha estado tão apegado a ele como a seu outro avô.

Tomou pela auto-estrada Cinco para o Williamsburg, logo para o Governor's Land e Two Rivers. Era um clube de campo exclusivo, com sessenta por cento do terreno aberto ao uso dos residentes. O melhor de tudo era que tinha um campo de golfe enorme no que seu pai jogava virtualmente todos os dias. Como sabia o que faria, Luke encontrou a seu avô no campo de golfe, no fossa cinco.

—Perguntava-me quando viria para ver-me —lhe disse David Aldredge olhando o Green—. Como está?

—Quem? Refere a sua filha? A minha mãe?

David golpeou a bola, que saiu voando exatamente para onde pretendia.

—Se quer jogar, isto vai alargar se muito. Podemos ir ao grão? Como é?

Quando seu avô ficou a caminhar, Luke lhe levou a bolsa de golfe. Seu avô não queria saber nada de carros elétricos nem de caddies, mas sim de jovens e saudáveis netos, para conduzir sua bolsa.

—Suponho que refere ao Jocelyn —disse.

—ouvi que assim se chama, mas como já não vivo no Edilean não me inteiro de todas as intrigas como antes. Entretanto, inteirei-me que passas muito tempo com ela. Há quem diz que inclusive passa as noites.

—A gente fala muito e diz muitas mentiras.

—Então, é Ramsey o que se deita com ela?

—Não! Rans só há... —interrompeu-se—. Me parece que alguém disse que aos avós não está permitido ridicularizar a seus netos.

—Contarei-te um segredo. O dia em que nasce o primeiro neto, dão-nos um livro de bolso no que diz que podemos lhe fazer o que nos venha em vontade só para torturar a nossos filhos.

—Não vejo a hora de lê-lo.

—A sua idade pode que já seja muito velho para ter filhos, não digamos para chegar a ter netos.

—Avô, consegue que me sinta muito melhor.

—Sempre me alegro de te fazer um favor —disse David, parando-se onde tinha aterrissado a bola—. assim, o que te pôs tão triste hoje?

Luke se meteu as mãos nos bolsos.

—Nada. Ninguém. Simplesmente me ocorreu me acontecer por aqui para verte.

David golpeou a bola com energia, mandou-a pelos ares e logo pôs-se a andar olhando a seu neto.

—Vale. me diga como é.

—Refere ao Jocelyn?

—Sim, à noiva de Rans. Como é?

—Não é... —Luke inspirou profundamente uma vez mais—. me Recorde que te dê de presente outra gravata em Natal, uma realmente espantosa. Jocelyn é agradável.

—Isso é tudo? É «agradável»? Onde está a paixão? Não lhe quer atirar isso —Eso es lo que le ha dicho a Ramsey su padre. Rams llevaba el papeleo, pero no sabía que no hubiera dinero.

—Os avós vulgares me dão desgosto.

—OH, vale! Sua geração sabe todo do sexo, mas não a minha. Para que saiba, sua avó e eu...

Luke o fez calar com um gesto.

—Nem te ocorra voltar a me contar o que fizeram você e Mary Alice Welsch. Leva contando essa mesma história cinqüenta anos.

—Quarenta —lhe corrigiu David.

—Sessenta e três.

David se apoiou no pau de golfe e olhou a seu neto.

—Vale, está bem, de acordo. O que te está reconcomiendo tanto como para que tenha deixado de cavar e vindo até o Williamsburg?

—Solo está a quinze quilômetros.

—A quinze quilômetros que não percorre muito freqüentemente —disse David golpeando a bola com precisão. Logo acrescentou em voz fica—: Já perguntou por mim?

—Não, não ainda, mas hoje estava bastante transtornada. Parece que a senhorita Edi não lhe deixou nem um centímo.

—Sei. Mantinha-a Alex. Ou, mas bem, subsidiava ao Bertrand e ao Edi dava dinheiro para dar de presente.

—Isso é o que há dito ao Ramsey seu pai. Rans levava a papelada, mas não sabia que não houvesse dinheiro.

—Sim, bom, todos convimos em lhe mentir à segunda geração. Ben poderia haver-se informado da verdade por seu pai antes de que este morrera.

—Acredito que o tentou mas que o tio Alex não a disse. —Luke olhou a seu avô insistentemente enquanto caminhavam—. Assim que qual é a verdade?

—Há algumas costure sobre as que não estou disposto a falar. Algumas costure é melhor as deixar como estão. —Levantou uma mão quando Luke tentou falar—. O que passou então não tem nada que ver com o presente.

—Além de que Jocelyn não tem um centímo.

—E? Qual de nós o tinha a sua idade?

—Tem uma casa enorme da que ocupar-se. É um poço sem fundo.

—Porque se case com o Ramsey. É rico.

—Mas... —Luke não terminou a frase.

—Mas, o que? —perguntou-lhe seu avô—. Não crie que façam bom casal? O dinheiro do Ramsey com a casa Harcourt. Não pode ser melhor.

—Não estou seguro de que a ela e Ramsey vá bem juntos.

—Por isso ouvi, parecem o um para o outro. As pérolas dela fazem jogo com as gravatas dele. Converterão essa casa em um lugar digno de ver-se. Rivalizará em perfeição com o melhor do Williamsburg.

—Perfeição. Quem quer perfeição? —Luke se meteu as mãos nos bolsos enquanto seu avô golpeava outra bola—. Certamente porão uma piscina e não deixarão que os meninos joguem nunca no lago.

—Esse lago foi sempre um foco de porcaria imunda —disse David pondo-se a andar—. Seu metro de profundidade é provavelmente de mierda de pato.

—Sim? Ao melhor o drago para usá-la como abono.

—Justo o que eu digo. Quem vai querer que seus filhos nadem em esterco?

—Nunca me prejudicou —disse Luke, carrancudo.

—Foi um inseto estranho, meu querido menino. você adorava andar por aí.

—Ao Ramsey também, de menino.

—Não. Ele simplesmente o tolerava. Ramsey ia sempre limpo e penteado. Quando você jogava no barro, saltava e te derrubava. Ramsey...

—Fazia bolos com primor.

—O que te dizia. Ele e Jocelyn são perfeitos para estar juntos. Viverão em uma formosa casa e seus filhos irão limpos e terão bons maneiras.

—por que me parece tão espantosa a perspectiva? —murmurou Luke.

—Não tenho nem idéia.

Luke olhou atentamente a seu avô.

—Está-te rendo de mim?

—A gargalhada limpa... Estou-me partindo para sua costa. Não estou seguro do tempo que faz que não me tinha divertido tanto.

—Obrigado, avô, é um grande tipo. Alegraste-me o dia.

—De nada. Sempre que querer rir de ti mesmo, diga-me isso Colocou o pau na bolsa que sustentava Luke—. Se acabou. vamos comer e teremos um bate-papo.

—Um bate-papo? Se me disser algo mais terá que me receitar antidepressivos. Além disso são mais das quatro, é muito tarde para comer.

David o olhou entrecerrando os olhos.

—Se não trocar de atitude te levarei a casa e direi a Mary Alice que está deprimido. Acostrará a perguntas até que lhe conte seus traumas infantis e lhe fale do Ingrid.

Para ouvir aquele nome, Luke empalideceu e retrocedeu um passo.

Ao cabo de um minuto David tinha conseguido que os levasse de carro um amigo golfista e voltavam para clube. Luke não disse nem mu até que estiveram sentados a uma mesa, em um rincão, e seu avô teve pedido chá, um prato de sanduíches e um par do Jack Daniel's.

—Está bem —disse—. Agora me conte o que vieste em realidade a me perguntar.

—Parece que há grandes diferencia entre o que a gente acredita que é certo a respeito da senhorita Edi e a realidade.

—Está-te refirindo à falta de dinheiro ou ao feito de que ela e eu rompêssemos nosso compromisso antes de ir à Segunda guerra mundial?

Luke olhou a seu avô com a boca aberta.

—Romperam seu compromisso? —sussurrou.

—por que se surpreendem tanto os jovens de ouvir que a gente maior também tem segretos? esqueceste que eu era o médico do povo? Nos anos sessenta houve um broto de gonorréia e eu sabia quem a tinha contagiado a quem. Nunca disse nenhuma palavra. E houve...

—Como era realmente a senhorita Edi? —perguntou-lhe Luke, interrompendo-o. Não queria saber mais a respeito da vida privada da gente do que já sabia.

—Perfeita —disse David—. Nunca levava um cabelo fora de seu sítio. Nunca dizia nada do que pudesse arrepender-se. Era forte, tinha caráter e sabia o que queria.

—Não parece que você gostasse de muito.

—Adorava-a. Quando fomos pequenitos, Alex McDowell me tirava os brinquedos até que Edi lhe deu uma porrada na cabeça com um bloco de madeira. Nunca voltou a me incomodar. Sempre foi toda uma senhora. Já sabe que dedicou a vida a ajudar aos queimados?

—Algo ouvi.

—Era mais do que imagina. juntou-se com o doutor Nigel Brenner e viajaram os dois por todo mundo. Edi se ocupava de tudo. Por duas vezes os tirou de países que se converteram da noite para o dia em zona de guerra. Em ambas as ocasiões as enfermeiras do Nigel estavam histéricas, mas Edi nunca perdeu o valor. Nunca lhe faltou tampouco o engenho, e os pôs a salvo a todos.

—Mas te casou com a avó Mary Alice —lhe disse Luke.

David sorriu.

—Com a lutadora, divertida e sexy Mary Alice Welsch. Até que Edi se foi do país, nem sequer me tinha dado conta de sua existência. Quando voltei da guerra com uma ferida no ombro pela que teria podido perder o braço, aí estava ela. Sabe qual foi sua melhor medicina?

—Se for me falar de sexo acredito vou... —advertiu-lhe Luke.

—A risada. Me fazia rir, sobre tudo conseguia que me riera de mim mesmo.

—Inclusive agora, os velhos seguem acreditando...

—Que Mary Alice me enfeitiçou e que era pouco menos que uma rameira por me haver seduzido e afastado do Edi? A ela isso adora. Eu queria contar a todo mundo a verdade, mas Mary Alice disse que adorava que a considerassem uma rouba noivos. Dizia que assim se sentia tão sexy como uma estrela de cinema.

Luke não pôde menos que rir porque dizer aquilo era muito próprio de sua avó. Era uma mulher caseira, sempre disposta a ajudar a qualquer que o necessitasse, sem nada que ver com uma rouba noivos. Sim, imaginava contente pelo fato de que a considerassem um bombom sexy.

—vais dizer me que demônios tem que ver contigo o passado do Edi ou tenho que pedir mais sanduíches?

—Trata-se dessa garota... —Luke olhou sua taça. Apenas a havia meio doido.

—Você gosta, verdade? —perguntou-lhe David, e já não se estava burlando.

—Sim, eu gosto. ficou a trabalhar em uma universidade sem nenhum prestígio só para estar perto da senhorita Edi. Tess me ensinou o currículo do Joce e com seu títulos poderia ter ido aonde tivesse querido, mas não o fez.

—Ao final de sua vida, Edi não tinha a ninguém —disse David—. Seu irmão tinha morrido, embora nunca tinham estado muito unidos, assim não tinha a ninguém.

—por que vivia em Boca Camundongo? por que não voltou para o Edilean?

—Não estou seguro, mas suponho que a gente daqui sabia muitas coisas dela. Vinha freqüentemente e fez muito pelo povo, como estou seguro que sabe. Mas preferia viver na Florida.

Luke olhou a seu avô.

—O que aconteceu 1941?

David se arrellanó no assento com uma expressão impenetrável.

—Há coisas sobre as que é melhor não falar. Dá igual quantas vezes me peça isso. Não vou contar te essa história.

—Pois acredito que tem algo que ver com a atualidade. A senhorita Edi mentiu ao Jocelyn, ou ao menos lhe ocultou um montão de coisas. me daria igual,

mas Joce está destroçada. Por isso eu sei, teve uma vida de porcaria. Não sei muito, mas me parece que a senhorita Edi era a única coisa boa nela. E agora resulta que a mulher lhe tem feito a tarefa de lhe deixar esta velha casa e nem um centímo para mantê-la. A senhorita Edi poderia ter investido parte do dinheiro da fundação do Alex McDowell para criar um legado para uma casa histórica, mas não o fez. E se se esforçou tanto para que Joce não se inteirasse da existência do Edilean, por que lhe deixou a casa? Nada disto tem sentido.

David demorou para responder.

—A Edi que eu conhecia tinha um bom motivo para tudo o que fazia, e me parece que queria que seu Jocelyn descobrisse que razão a induziu a fazer o que fez.

—Não comece outra vez a te colocar comigo. Não é «meu» Jocelyn.

David ignorou o aborrecimento de seu neto.

—Tem lido as cartas do Edi ao Alex?

—Cartas? —perguntou Luke, em um tom que deixava claro que nunca tinha ouvido falar delas.

—Sim, cartas. Alex e Edi se blefaram durante a guerra e depois. Ramsey tem que as ter.

Luke pensou naquilo um momento. Se havia cartas do Edi e Alex, então Luke estava seguro de que Ramsey as tinha lido... e tinha guardado o segredo. Não era estranho que andasse detrás do Jocelyn com tanto entusiasmo. Cestas de pícnic, fresa com chocolate, chateando ao Tess para lhe pedir conselho... De repente algumas costure cobravam sentido. A mãe do Luke estava acostumado a visitar freqüentemente ao Alex McDowell. Teria lido ela as cartas? Teriam maquinado os dois um plano para que Jocelyn e Rans acabassem juntos?

Olhou a seu avô.

—E você, o que?

David lhe fez um gesto à garçonete para pedir a conta.

—E eu, quanto o que?

—Cartas —lhe disse Luke—. Lhes blefavam você e a senhorita Edi?

—Fizemo-lo durante uma temporada —disse David em um tom apenas audível.

Luke olhou fixamente a seu avô enquanto assinava a nota e se levantava para ir-se. Ele ficou sentado.

A contra gosto, David voltou a sentar-se.

—Vale, está bem. Sim, escrevemo-nos várias vezes mas...

Luke estudou a cara de seu avô.

—A avó Mary Alice não sabe, verdade?

—OH, sabe perfeitamente, mas me fez jurar que as queimaria e isso fiz.

Luke pôs cara larga.

—Por acaso não queimaria outras cartas, verdade?

—Não. Sua avó perdoava algumas costure, mas a punha doente que a comparassem com o Edi. ficou a meu lado enquanto eu jogava uma a uma as cartas às chamas.

Luke olhou o prato. David guardou silêncio.

—Entretanto... —disse David.

—Entretanto, o que?

—A verdade é que essas cartas do Edi não eram muito interessantes. Solo contava onde estava e o que fazia durante a guerra. Eram mais superficiais que esclarecedoras. Mas as histórias que mandava ao Alex... bom, eram farinha de outro costal.

—Refere às cartas que tem Ramsey?

—Não, não a essas. Falo-te das histórias que escrevia enquanto se recuperava das queimaduras. Contou ao Alex a verdade a respeito do que tinha feito durante a guerra e tudo sobre o tal David de quem se apaixonou.

—Tem-nas? —Ao Luke brilhavam os olhos.

—Sim e não. —David fez uma pausa—. Já sabe como era Alex nos últimos tempos. Eu as li acidentalmente e acredito que é possível que algumas fossem destruídas. Guardei todas as que encontrei.

—Onde estão?

—Em um caixa de segurança que minha mulher não sabe que tenho.

—Quando podemos as tirar?

David olhou a seu neto.

—Te reúna comigo manhã às dez. Iremos ao Richmond.

—Tem a caixa de segurança nada menos que no Richmond?

—Dá as obrigado que não a contratei em Nevada. Veremo-nos aqui e iremos juntos.

—Não vejo a hora.

—Não vamos pescar, mas talvez podemos ir juntos em carro — comentou David, e Luke soube que aquilo era uma alusão a seu avô Joe. Nunca lhe tinha ocorrido que seu avô Dave pudesse estar ciumento.

—Pois talvez pode me dar algum conselho a respeito de como conseguir que uma garota lutadora me considere algo mais que seu melhor amigo.

Naquele preciso instante duas garotas muito macacas se aproximaram e, quando viram o Luke, riram bobamente, puseram-lhe ojitos.

—por que tenho a impressão de que não terá nenhum problema para conseguir isso sem minha ajuda? Venha, acompanho-te à caminhonete.

—vim no carro.

—Se chegar ou seja que estava tão interessado em me tirar informação te teria feito pagar a ti a conta. me diga, no que anda seu pai?

Luke soltou uma gargalhada.

—Está resolvendo um problema de bolos. —ia seguir mas seu avô lhe fez calar com um gesto.

—Já me contará isso amanhã pelo caminho. Esta noite a intriga não me deixará dormir.

—E você pode me contar por que romperam seu compromisso você e a senhorita Edi.

Estavam no estacionamento e, de repente, Luke olhou a seu avô com carinho. Sabia por experiência o repentinamente que a gente pode morrer.

—Não me olhe assim. Vete! —ordenou-lhe David—. Até manhã.

—Obrigado —lhe disse Luke subindo ao carro, mas antes lhe apertou o ombro a seu avô.

Capítulo 11

—Não quero ver outra madalena em toda minha vida —disse Sara lhe dando voltas a uma e tentando adorná-la com uma rosa de açúcar glasé.

—E eu que houvesse dito que você gostaria de fazer isto —comentou Tess, que estava fazendo uma grande margarida em cima da sua.

—você gosta porque isto é melhor que trabalhar com advogados —lhe disse Sara—. Me desagrada a desordem. Desagrada-me este aroma e nem sequer eu gosto do açúcar.

—Não tem por que ficar —lhe disse Jocelyn. Estava junto à grande e bonita cozinha que Jim, o pai do Luke, tinha-lhe instalado uns dias antes. Já a tinham usado tanto que tinha deixado de ser nova.

—Vete! —disse Jim a Sara entrando do vestibulo, carregado de bolsas do loja de comestíveis—. Vete a costurar esses vestidos para senhoras que comem de mais.

Sara deu a madalena ao Tess e saiu da cozinha virtualmente à carreira.

Jim fiscalizou os pastelitos da mesa e das encimeras como se fora um inspetor governamental.

—Passado o exame? —perguntou Joce.

—Têm boa pinta, mas me parece que Luke é quem pode pôr objeções porque sabe mais que eu de flores.

Tess deixou a grande surripia pastelera que sustentava e sacudiu os braços. Poucos eram os que sabiam a força que fazia falta para espremer a manga pastelera cheia de polido pelas finas boquilhas para criar desenhos.

—vou escrever uma novela negra. A assassina será uma decoradora profissional de bolos. Ninguém suspeitará dela porque o assassinato terá requerido uma grande força física. Quem vai pensar que uma dama que decora bolos tem a força de dez homens nos braços? —disse.

Jim agarrou um bolo com aspecto de joaninha. O corpo era vermelho com topitos negros e a cara também negra. Tess lhe tinha acrescentado uns ojitos brancos, uma naricita vermelha e um grande sorriso. Tinha criado deste modo uma tartaruga verde com as patas e a cabeça de caramelo de chocolate. Entretanto, sua obra professora era um simpático pintinho amarelo e sorridente com os olhos fechados e as alitas desdobradas, que parecia disposto a levantar o vôo.

—Deveria te dedicar a este negócio —sugeriu Jim, enquanto agarrava um bolo com florecitas rosa e amarelas com o centro branco.

—Não —disse Tess, alargando a sílaba—. Só valho para estar rodeada de homens mandões. —Agarrou um pastelito e o olhou—. O que te parece? Intento que seja um besouro?

—Parece-me que tente o que tente te sairá bem —lhe respondeu o homem olhando ao Jocelyn, que estava penetrando um turno de espinafres troceadas. Já levavam dias fazendo bolos e a surpresa tinha sido quão boa era Tess decorando-os.

O primeiro dia, Jim se tinha posto ao mando. Nem ele nem Joce tinham encontrado ao Luke no jardim, assim tinham ido de carro a sua casa para tomar emprestada sua caminhonete. Jocelyn sentia curiosidade por ver onde vivia, mas solo tinha visto o exterior da moradia. Não era uma casa grande, mas tinha um amplo alpendre na parte dianteira e era bonita. Não sabia como esperava que fora, mas não fazia falta ser um perito para ver que aquela casa valia muito dinheiro. As janelas, de madeira de muita qualidade, tinham cristais dobre. O telhado era de piçarra. Olhou por um lado e viu que detrás havia um fabuloso jardim.

Quando olhou ao Jim, ele a estava observando.

—Por isso vejo não tinha estado aqui nunca —lhe disse pulsando as teclas numéricas para abrir a porta da garagem.

—Não. Dizem no povo que estive?

—Neste povo se diz de tudo. —Quando a porta se abriu, acrescentou—: Se levou o carro.

—Luke tem uma caminhonete e, além disso, um carro?

Jim a brocou com os olhos, mas não lhe respondeu.

—Foi-se ao Williamsburg a ver seu avô.

—Tinha entendido que seu avô morreu.

—Isso te disse, verdade?

—Sim —disse com cautela Joce enquanto subia à caminhonete. Havia algum segredo sobre o avô do Luke?

—Suponho que foi a ver o outro avô, ao pai de minha mulher.

—Ah. —Joce não acrescentou nenhum comentário. Como suspeitava, diante da caminhonete havia três motos: uma Funda cheia de barro, uma velha Indian e uma Kawasaki vermelha de estrada.

Queria inteirar-se de mais costure sobre o Luke, mas Jim não parecia disposto a lhe dizer nada de seu filho. De fato, o homem não parecia disposto a dizer nada de nada, assim estiveram um momento calados.

—Não quer me dizer do que vai tudo isto dos bolos, verdade?

—Não tenho nem idéia —disse Jim—. Luke me disse que queria organizar uma festa por todo o alto para na sábado em que venderia confeitaria a vinte e cinco dólares a peça... ou por aí. Pareceu-me bem. Que classe de equipamento te faz falta?

—Da classe que não custa um duro —respondeu impulsivamente.

—Que tal se lhe vendo prazos e não começa a pagar até dentro de um ano e meio?

—Para poder me fazer uma oferta assim tem que ter vendido a alma ao diabo.

Jim soltou uma risita.

—Pior: a devo aos armazéns.

—O que outra costure esperas quando carrega dezesseis toneladas?2 —lhe perguntou Jocelyn, mais séria que uma batata.

Jim tirou a caminhonete da garagem sorrindo de orelha a orelha.

—Qualquer capaz de citar ao Tennessee Ernie Ford é meu amigo da alma. O que me diz de uma cozinha de seis fogões com engoma de assar e dois fornos?

—De quantas BTUs?3

—Seiscentas como mínimo.

—Não sente saudades que fosse bom em seu trabalho. Isto é como o porno para as mulheres.

Levou-a a um armazém dos subúrbios do Richmond e a apresentou a um centenar de homens. A todos tinha ensinado o ofício e todos seguiam em dívida com ele. Jim tinha sido o gerente regional de todo o sudeste dos Estados Unidos e sempre tinha aumentado sua cota anual de vendas pelo menos quatro por cento.

O que podia lhe conseguir ao Jocelyn eram eletrodomésticos com alguma tara. Todos tinham alguma amolgadura inapreciável, mas nenhum cliente teria querido pagar por eles o que valiam. Conseguiu-lhe deste modo uma geladeira enorme amarelo pálido com um ligeiro defeito de cor.

—Parece de manteiga —foi o comentário do Jocelyn.

—Esse é o problema —disse Jim—. Hoje em dia a gente não quer nem ouvir falar de manteiga. Solo pensam em alface. —Disse-o de um modo que lhe fez graça.

Quando chegaram ao Edilean Manor havia carros no atalho de entrada.

—Minha mulher está fazendo todo o possível para livrar-se de mim —disse Jim—. Ao melhor você e eu podemos pôr um negócio juntos.

—Um negócio de que tipo?

—Ainda não sei, mas se me ocorre algo lhe direi isso.

—O que tem que o Luke? Os dois poderiam...

—Mataríamos-nos a primeira semana. Gosta de trabalhar sozinho.

—Mas não pode tirar muito dinheiro da jardinagem. Não sou agente imobiliária mas essa casa que tem vale o seu.

—Solo necessita tempo para lambeiras feridas. —Jim desembarcou da caminhonete—. Estará bem. Gosta de muito, sei. Faz muito que não o via tão animado.

Jocelyn ficou na caminhonete vendo como Jim entrava em sua casa. Luke desanimado? O que o fazia desgraçado? Nunca lhe tinha parecido que estivesse «desanimado».

Ao cabo de um momento a mulher do cabelo vermelho que a tinha visitado no dia anterior saiu, abriu o porta-malas de seu carro e tirou uma amasadora enorme. Joce saiu correndo da caminhonete do Luke.

—Deixa que te ajude a levá-la. —Agarrou-a por debaixo e logo agarrou outra caixa que a mulher lhe tendia.

—Conhecemo-nos na igreja, mas não estou segura de que me recorde. Sou Mavis...

—A mãe do Ken.

—Isso. —Pareceu agradada de que soubesse—. Onde estivestes Jim e você?

—De compras. Trarão-o todo manhã.

—Ja! Se conhecer o Jim Connor as coisas chegarão em qualquer momento. Já há um homem dentro desconectando o tubos do gás. É verdade que vais abrir uma confeitaria no Edilean e a vender por correio a todo os Estados Unidos?

Jocelyn demorou um momento em assimilar o que acabava de lhe dizer.

—Não. Nada eu gostaria menos que preparar confeitaria o resto de minha vida. De fato, estou pensando em escrever a história do Edilean. ouvi tantos segredos suculentos que acredito que deveria compartilhá-los com o mundo.

Mavis lhe dedicou um pálido sorriso e foi para a casa a toda pressa.

—Eu em seu lugar não o diria a ninguém, a não ser que queira que alguém jogue arsênico no bolo que vás comer lhe —disse isso por cima do ombro.

Jocelyn a seguiu e entraram na casa. «Interessante», pensou. Era evidente que seu comentário tinha feito branco em um ponto sensível.

Mavis tinha razão. Os eletrodomésticos chegaram ao cabo de duas horas, e Jim já estava carrancudo e perguntando como podiam demorar tanto em fazer um simples trabalho.

—Não se alegraram quando se aposentou? —sussurrou- Joce ao Tess.

—A verdade é que choravam. Tirava o melhor deles.

—Como você de seus advogados.

Tess se encolheu de ombros e empurrou uma bandeja giratória.

—Importa-lhes que lhes ajude? Às vezes estou até o coque de papelada. Seria interessante fazer algo distinto.

—Não sei a envergadura que vai ter a tarefa, mas me parece que vou necessitar toda a ajuda possível.

Mais tarde pensou que oxalá nunca houvesse dito aquilo. Ao princípio, algumas feligresas se passaram para ver o que faziam, e alguma que outra tinha tentado decorar um pastelito, mas com o Tess e Jim dando ordens, não tinham demorado para ir-se.

—Já vê o que tenho que suportar —lhe ouviu dizer Jocelyn à mãe do Luke a uma daquelas mulheres enquanto se foram as duas.

Ao final, os únicos na cozinha eram Tess, Jim e Jocelyn. Esta última assava os bolos e os metia na geladeira. Logo Tess os decorava. Jim se assegurava de que as duas tivessem todo o necessário e se ocupava de lavar os utensílios. Tess viu em seguida que não gostava das bolsas de papel encerado, assim Jim lhe buscou em Internet bolsas de tecido. Também encarregaram mangas pasteleras, boquilhas, glasé de cores e pregos para fazer flores, todo o qual chegou em uma caixa enorme que continha também um DVD explicativo a respeito de como usar todo aquele material. Tess o olhou em seu reprodutor portátil e em seguida foi como se o tivesse feito toda a vida. Ao cabo de pouco havia rosas de glasé por toda parte.

Tarde, o segundo dia, Ramsey se apresentou com uma maleta cheia de papéis e uma lista de perguntas para o Tess. A maioria começavam por: «Onde está...?»

Tess estava criando asas de mariposa sobre papel encerado. Quando se endureceram as separou do papel, juntou-as e as colocou em cima dos pastelitos.

—Não sei —disse ao Ramsey—. Pede a uma das garotas que procure o que não encontra. Já terminaram o curso para aprender a ler?

—Tess... isto não tem graça. Tenho que estar no tribunal amanhã às nove e não sei o que foi que a declaração.

—Ninguém a gravou? —perguntou levantando a cabeça.

—Claro que a gravaram. Quando a transcreveram a... —interrompeu-se—. Por favor, me diga que não segue na cinta.

—Eu não lhes hei dito às garotas que a transcrevessem, assim, a menos que o fizesse você, a declaração segue na cinta. E é provável que inclusive na grabadora. Espero que comprovasse as pilhas. Assegurou-te de que as ruedecitas estivessem girando?

—Tenho que ir —disse Ramsey. Pelo tom, estava a ponto de lhe dar um desmaio. Quando passou junto ao Jocelyn se deteve, como se pensasse que devia fazê-lo e lhe dizer algo.

—Vete! —disse-lhe ela—. Comprova a grabadora. Faz o que tenha que fazer.

Correndo já pelo vestibulo gritou:

—Amanhã, Tess. Quero-te no despacho amanhã pela manhã. Quero que me acompanhe ao tribunal.

Ouviram fechá-la porta principal.

Joce, que revolia algo em uma chaleira, voltou-se para dirigir seu olhar ao Tess.

—Chateia-me te perder, mas se lhe necessitam no trabalho...

—Não tenho intenção de voltar para esse despacho até que Ramsey McDowell e seus sócios me ofereçam um aumento de salário.

—E um choche —disse Jim da porta.

—E uma cozinha nova —rematou Jocelyn, e logo olhou ao Tess—. Vale, nada de cozinha nova. O que me diz de um cartão de crédito da assinatura e quatro semanas pagas de férias?

—Isso eu gosto. —Tess sorria enquanto contemplava um precioso pastelito em forma de besouro—. Embora ao melhor o deixo e dedico a isto.

Dizia-o em brincadeira, mas Jim e Jocelyn se olharam de um modo significativo.

Eram as quatro em ponto da véspera da festa e Jocelyn estava tão cansada que não se tinha em pé.

—O que vão comer os adultos? —perguntou então Jim.

—Acreditava que haveria comida para eles.

—Sim, a há. Viv contratou um catering. Mas o que tem que os bolos? Ou das bolachas. Suponho que preferirão algo que não leve um dedo de açúcar.

—Que tal flores comestíveis?

Os três se voltaram e viram o Luke na porta, com uma grande caixa de madeira cheia de flores.

—Onde estiveste? —espetou-lhe Joce—. Levamos dias sem verte o cabelo. O que estiveste fazendo?

Os outros dois a olharam porque parecia zangada.

—Me alegro de saber que me sentiu falta de —disse tranqüilamente, deixando a caixa em um extremo da mesa.

—Perdoa. Eu, né... —Jocelyn não sabia o que dizer, mas estava envergonhada de ter tido aquele logo—. É que nos teria vindo bem sua ajuda, isso é tudo.

—Por isso ouvi, as três estão fazendo um trabalho estupendo. Assim... Papai, quais decoraste você?

—Que lhe dêem! O meu é dirigir. Onde estiveste? Com meu sogro nessa luxuosa casa, em sua luxuosa urbanização jogando em seu luxuoso campo de golfe?

Luke olhou ao Jocelyn.

—Você não adora a família?

—A tua sim, a minha não —disse ela rapidamente, lhe arrancando uma gargalhada.

—Poderia apartar essa suja caixa dos bolos? —o djo Tess.

—Não está suja. De fato... —Agarrou uma preciosa capuchina e a comeu —. Estas flores não só estão podas mas sim são comestíveis.

Jocelyn o olhou com uns olhos como pratos.

—Flores —sussurrou—. Como as flores de abobrinha fritas.

—Exato —lhe disse Luke sorridente.

—Isso é uma coisa ianque? Flores fritas? —perguntou Jim—. E nos acusam os sulistas de fritá-lo tudo.

—Não as fritaremos —particularizou Luke—. Só adornaremos com elas os bolos dos adultos. —Olhava ao Jocelyn intensamente, como se tratasse de lhe transmitir algum pensamento.

—Não as tem!

—Sim que as tenho. Na caminhonete.

—Temos que adivinhar o que têm nessa caminhonete? —perguntou Tess, mas Jocelyn já tinha saído correndo e Luke a seguia.

Os quatro se amontoaram na traseira da caminhonete enquanto Luke desatava uma lona. Debaixo havia duas cestas de vime cheias de bolsas de celofane cheias de ramitas seca de cor lilás.

Jocelyn ficou um momento sem fala.

—Fará-me falta um... —disse por fim.

Luke apartou mais a lona para desentupir um morteiro de mármore de uns trinta e cinco centímetros de diâmetro, com uma grande emano.

Joce soltou um grito e jogou os braços ao pescoço espontaneamente.

—Trouxeste-o! É fantástico! Obrigado, obrigado, obrigado!

Tess e Jim ficaram olhando-os aos dois.

—Será melhor que vá fazendo a lista de convidados para as bodas —lhe sussurrou Tess, mas Jim não respondeu. De fato, tinha o cenho franzido.

—Está bem —disse por fim—. Querem me dizer vós dois o que é isto? Parece um instrumento do Merlín. ides converter isso em ouro?

De repente Joce se sentiu incômoda e se separou do Luke.

—conseguiu lavanda, e isto é um morteiro com sua maça para amassá-la. Poderei preparar bolachas de lavanda. São perfeitas para os chás.

—Estupendo! —exclamou entusiasmada Tess—. Quando vamos A... —O modo em que Luke a olhou a fez calar—. Sonha muito bem, mas acredito que será melhor que vá ver que problema tem Rans. Se não encontrar essa cinta vai perder o caso. Verei o que posso fazer para ajudá-lo.

—E eu pareço pó —disse Jim—. Sou muito velho para isto. Estarei aqui amanhã a primeira hora para lhes ajudar a levá-lo tudo a casa do Viv, assim não lhes deitem tarde. —Olhou com carinho a seu filho.

Tirou-se as chaves do carro do bolso, subiu ao veículo e se foi. Tess partiu a seu apartamento.

—Isto foi por algo que hei dito? Talvez teria que haver tomado banho —perguntou Luke quando estiveram sozinhos.

—Renunciei a entender às pessoas deste povo na hora de ter chegado. Entra e conta-me o tudo. E, de passagem, vais semear as ervas aromáticas gratuitamente. Ou talvez pagará o trabalho seu pai.

—Esse miserável? O que vai! O que te disse para que tenha que fazer meu trabalho grátis?

—Levei-me muito bem. Embora seu pai adora que lhe digam «sim».

—Não o haverá dito, verdade? —gemeu Luke—. Quando tinha seis meses, mamãe e eu fizemos o trato de que nunca, nunca lhe diríamos que sim, e cumprimos o juramento. Por favor, me diga que não o estragaste.

—Seis meses... —repetiu Joce sorrindo e entrando de novo na cozinha. Não havia nem um centímetro que não estivesse talher dos pastelitos mais formosos imagináveis: flores, insetos e bichinhos. Perto de uma dúzia tinham desenhos de sapatos de salto e vestidos.

—Vejamos... são estes da Sara?

—Bingo. Queria que preparasse uns quantos bolos em forma de sapatos de salto, mas teria sido muito chato.

—E estes? Tem-nos feito você? —Levantou um pastelito em forma de cara de perrito, marrom e branco.

—foi coisa do Tess.

—Do Tess! Da mesma Tess que trabalha para o Ramsey? Da Tess que desdenha todo o brega e o sentimental?

—Quão mesma viu e meia. Parece-me que seu pai quer montar um negócio com ela.

Luke se sentou em uma cadeira, olhando-a fixamente.

—Meu pai e Tess... Se os dois forem uns mandões! adoram lhe dizer a todo mundo o que deve fazer e como fazê-lo. Meu pai nunca se leva bem com

ninguém a quem não possa lhe dar ordens. E Tess mais ou menos igual. Dirige o despacho do Ramsey como um almirante da Armada.

Joce se encolheu de ombros.

—Não tenho nem idéia de como podem trabalhar juntos, mas o fazem. Teria que vê-los colaborar. São como uma maquinaria bem engordurada. Se ao Tess lhe termina o glasé azul não diz nem pio, mas quando volta a estirar o braço para agarrar a manga pastelera está outra vez enche.

—Meu pai? Lhe prepara o glasé?

—E lhe preenche as mangas. Ao segundo dia, ele e Tess se passaram duas horas navegando por Internet e encarregaram um montão de mangas pasteleras e bolsas Y... bom, de tudo.

—Oxalá tivesse estado aqui para vê-lo.

—E onde estava? —perguntou-lhe Joce, lubrificando de manteiga uns moldes de papel.

—Me deixe fazê-lo —lhe disse Luke—. Não quero que meu pai me ponha em evidência.

Enquanto se lavava as mãos, contemplou o desdobramento de confeitaria. Era realmente bonita e com um aspecto muito profissional.

—Estou esperando —lhe disse Joce.

—Perdoa. É que me fiquei embevecido olhando-o tudo.

—Não, o que quero dizer é que estou esperando a que me conte onde estiveste.

—Bom, mamãe... —disse, como se se estivesse dirigindo a sua imaginária progenitora.

Joce não o Rio a brincadeira.

—Vale. Como faço isto? —perguntou-lhe ele.

Lhe ensinou a usar a espátula para encher os moldes e a colocar a bandeja no forno e pôr o temporizador.

—Temos que colocar tudo isto nas caixas que seu pai encarregou, assim pode falar enquanto o fazemos.

—por que crie que a senhorita Edi não te falou alguma vez do Edilean?

—Não sei —disse Joce, e notou a dor com que o dizia—. Me contou muitas coisas sobre sua vida. Poderia escrever um livro sobre os anos que passou com o doutor Brenner, mas não me disse nenhuma só palavra sobre o povo no que se criou.

—Alguma vez te falou de sua infância?

—Contou-me que tinha crescido em um pueblecito do Sul, nada mais. Dizia que sua vida não tinha começado até conhecer o David. E, até que cheguei, acreditava que David tinha perdido a vida na Segunda guerra mundial. Foi Sara quem

me disse que ele a enganou. Edi voltou da guerra com as pernas destroçadas e o homem ao que amava se casou com uma qualquer a que tinha deixado grávida.

—É um modo de vê-lo —disse Luke, colocando uma dúzia de pastelitos em uma caixa.

—O que quer dizer? É como se pensasse que hei dito uma coisa horrível. Solo repito o que me contaram.

—As intrigas do Edilean! Onde o ponho? —Levantou a caixa de bolos.

—Parece-me que as deixaremos no vestíbulo. Necessito espaço para trabalhar com o morteiro.

—Suponho que sabe que há máquinas para isso.

—Claro, mas quem quer uma? Eu não.

Viu que ao Luke tinha gostado daquela resposta, porque saiu ao vestíbulo com a caixa, voltou com o morteiro e logo trouxe as cestas de lavanda.

—Parece-me que tem algo que me dizer mas que não te atreve —disse Joce—. Venha, solta-o.

—Se pudesse te dedicar ao trabalho que quisesse, qual seria?

—Biógrafa.

Luke a olhou, surpreso.

—Quando ia ao instituto, Edi dizia que seu amigo queria escrever a biografia de uma tia avó sufragista, mas que não tinha nem idéia de como realizar a investigação. Não sabia acessar às fontes.

—Às fontes —disse Luke, sem deixar de empacotar bolos—. Cartas, documentos inéditos... essa classe de coisas?

—Exatamente. Passei-me as férias de Páscoa com a mulher e foi uma semana estupenda. Pinçamos nos baús e revolvemos nos mezaninos de alguns familiares.

—Escreveu o livro?

—Sim mas não —disse Joce. Soou o temporizador do forno e tirou os bolos—. O escreveu, mas não encontrou quem o publicasse, assim solo o leu a família. Mas isso é o de menos. O fantástico foi investigar e pinçar e inteirar-se de coisas da vida daquela pessoa. Nesse caso, a mulher descobriu que quão único tinha feito sua avó tinha sido convidar às sufragistas a tomar o chá em sua casa, porque quando seu marido se inteirou se acabou tudo. Mesmo assim, eu adorei.

»Logo Edi me animou a escrever a uns quantos editores e pude fazer trabalhos de investigação para outros livros. Não me pagavam muito, mas me apaixonava.

—Sobre quem você gostaria de escrever?

—Bom... —Jocelyn duvidou, fazendo provisão de valor para dizer o pensei em escrever sobre o trabalho do Edi com o doutor Brenner. Morreu faz alguns anos, mas sua mulher tem todas as cartas que escreveu ao Edi, e me disse que

estaria encantada de me emprestar isso Entretanto, acredita que quero escrever a respeito de seu marido, não de seu ajudante. Isso pode ser problemático.

—E se eu te dissesse que tenho o ponto de partida de uma história que a senhorita Edi escreveu a respeito de suas aventuras de guerra e que me deu isso o David que você crie que a deixou plantada?

—O que? —Jocelyn levantou a cabeça do morteiro—. O muito imbecil lhe escrevia enquanto ela estava no hospital com as pernas em carne viva?

Luke tragou e esperou um momento antes de responder.

—Está bem. vamos deixar as coisas claras. vais ter que deixar de repetir as mentiras que neste povo dão por certas. O David que você crie que deixou plantada ao Edilean Harcourt é meu avô, e a «qualquer» a que deixou grávida é minha avó... com o que o bebê resultante é minha mãe.

—OH! —disse Jocelyn, deixando cair em uma cadeira—. Seu avô a cortejou «apaixonadamente» e logo...

—antes de que diga nada mais, parece-me que deveria saber que havia outro David, ao que mataram durante a Segunda guerra mundial.

—Outro David? —sussurrou Jocelyn—. Edi estava apaixonada por dois homens que se chamavam igual?

—passei dois dias com meu avô Y...

—Vive? O David do Edi vive ainda?

—E tanto! Segue casado com a Mary Alice, e continuam enamoradíssimos. Ele me contou a primeira parte da história que a senhorita Edi mandou a um amigo. Não a tenho lido, mas o avô diz que conta o que lhe aconteceu.

Jocelyn não podia apartar os olhos dele.

—Se não te der pressa amassando essa lavanda nos passaremos aqui toda a noite e nunca terminaremos as bolachas.

—Quero ver essa história agora mesmo —sussurrou Jocelyn.

—Não. —Luke foi contundente—. Se eu posso esperar para lê-la, você também. vamos terminar tudo isto, a lhe tirar um benefício e logo me lerá isso enquanto semeio esse jardim.

Devagar, Jocelyn se levantou e seguiu socando.

—Quero que me conte absolutamente tudo o que sabe, sem te deixar nem um só detalhe.

—Não é muito, e tive que jogar golfe com o avô Dave para me inteirar do que acabo de te dizer. Aborreço o golfe.

—Mas você adora pescar.

—Não comece outra vez a te colocar comigo! —exclamou Luke, gritando quase. Logo disse—: Perdão. Levo dois dias agüentando o ciúmes de meu avô.

—Do que te inteiraste?

Luke ficou silencioso um momento.

—por que é tão importante para ti?

—Não sei. Às vezes me parece que toda minha vida foste uma mentira.

Mas embora tenha sido verdade, não o entendo. Até que conheci o Edi tinha a meus avós e o avô estava acostumado a passar-se horas me falando de minha mãe. Não era partidário de adoçar os fatos. A avó o brigava porque me falava como se fora uma pessoa adulta.

»Seja como for, minha mãe se passou a vida em escolas privadas. Tocava o piano o bastante bem para dar concertos. Era bonita, inteligente e popular. Tinha dúzias de admiradores, mas rechaçou todas as proposições de matrimônio. A avó dizia que chegou a acreditar que não se casaria alguma vez. E sabe o que fez?

—Nem idéia.

—Apaixonou-se perdidamente do encarregado de manutenção do clube de campo do que meu avô era sócio. Ele tinha deixado os estudos e não havia tornado a abrir um livro jamais. Vivia em um barracão de uma só habitação e gastava até o último centímo que tinha em suas motos. Meus avós fizeram quanto lhes ocorreu para que o deixasse, mas minha mãe lhes disse que partiria de casa se não lhe davam sua bênção... e um lugar onde viver.

Jocelyn fez uma pausa enquanto vertia o pó de lavanda na mesa e media os ingredientes para as bolachas.

—Naquela época minha mãe tinha já quase trinta e três anos e os avós sabiam que não a fariam trocar de idéia. renderam-se e fingiram estar encantados de que sua formosa filha se casasse com o de manutenção. Inclusive atuaram como se não lhes importasse que os recém casados se mudassem com eles. Meu avô conseguiu a meu pai um trabalho na companhia de seguros e ele ia trabalhar todos os dias, mas era um desastre. Isso sim, não cabia dúvida de que amava a minha mãe.

—E isso era o importante —disse Luke.

—Sim, mas... Meus avós não criticavam nunca a meu pai, mas sei o que opinavam dele. Em qualquer caso, quatro anos depois de que meus pais se casassem nasci eu e, cinco anos mais tarde, minha mãe morreu de um aneurisma. Quando tinha nove anos os avós faleceram em um acidente de carro Y..

—Solo ficou seu pai.

—Sim —disse, olhando as bolachas—. E voltava a ser como antes. Nada de gravata. Nada de tentar trabalhar de nove a cinco. Os avós me deixaram a casa e o pouco dinheiro que havia o administrava o advogado da família. Quando cumpri os doze não ficava nem um centímo. —Jocelyn sorriu—. Então conheci o Edi e minha vida deixou de ser tão solitária.

—Vale —disse Luke—. É capaz de cozinhar enquanto escutas?

—Está-me perguntando se posso fazer bolachas e escutar ao mesmo tempo a história do Edi? Trouxeste-a?

—Tenho o primeiro capítulo.

—Está narrada em capítulos como uma novela?

—Isso parece. —Luke suspirou—. Não brincava quando te hei dito que o avô está ciumento. O avô Dave era o médico do povo, assim conhecia todos e estava sempre rodeado de gente. Se íamos a uma festa de Natal, a metade do povo fazia penetra para lhe ensinar um furúnculo ou uma verruga, com a esperança de obter conselho médico grátis.

—E como você foi um solitário te mantinha afastado da multidão —disse Jocelyn.

—Exatamente. Assim, agora que o avô Joe morreu e o avô Dave está aposentado, quer...

—Que passe mais tempo com ele.

—Isso. Assim por isso estive uns dias fora. A avó Mary Alice queria me dizer umas quantas coisas, também, portanto...

—Chantagearam-lhe para que ficasse em sua casa. Quanto engordaste?

—Nem um grama. Passei-me o santo dia caminhando pelo maldito campo de golfe com a bolsa do avô nas costas. Pesa uma tonelada.

—O que lhe tiraste?

Luke se levantou, foi agarrar a jaqueta que tinha deixado em uma cadeira e tirou um maço de papéis dobrado em dois do bolso. Eram folhas de papel velhas e amareladas, com os borde gastos.

Jocelyn se sentou diante dele, com uma terrina grande de massa tinta de lavanda nos braços.

—É a história?

—O primeiro capítulo. Pelo visto quando a senhorita Edi estava no hospital recuperando-se das queimaduras escreveu isto e o mandou a seu amigo Alex McDowell.

—O homem cujo dinheiro administrava ela. O homem que lhe fez um juramento que ninguém quer nos dizer em que consistiu. Têm lido estes papéis muitas pessoas?

—Não acredito. O tio Alex os entregou a meu avô faz muitos anos. O avô os leu e permaneceram após em uma caixa de segurança, no Richmond.

Joce olhou as folhas que tinha Luke sem deixar de amassar.

—Onde está o resto?

—Meu avô me entregará capítulo por capítulo. Temo-me que vou ter que jogar mais ao golfe com ele.

—Leve-lhe isso a pescar, ou a dar um passeio em uma de suas motos.

—Como sabe...? Ah! Você e papai agarrastes emprestada minha caminhonete. Quando gostar de dar um passeio de moto, diz-me isso.

—Claro.

Luke não pareceu dar-se conta do reacia que era a ir de moto.

—Você lê que eu preparo as bolachas. —Quando ele abriu a boca, ordenou-lhe—: Espera um minuto! tive uma idéia terrível e quero te pedir sua opinião.

—Já eu gosto.

—Uma vez preparei uns bolos para um dos eventos benéficos do Edi: chamam-se Margarida porque a massa está aromatizada com tequila e o polido é de suco de lima e tequila. Parece-te que deveria me atrever com eles para a festa do Viv?

—Tem os ingredientes?

Joce abriu uma despensa e apartou um montão de bolsas de papel. Detrás havia duas garrafas de tequila e um montão de limas.

—Não sabia como tomaria seu pai, assim que pedi ao Tess que me trouxesse isso às escondidas.

—Não o diremos. Podemos chamá-los bolos de lima e já está. Podemos tomar um traguito?

Sorridente, Joce serve dois chupitos de tequila e lhe ofereceu um.

—Lista?

—Acredito que sim.

Luke começou a ler.

Capítulo 12

Londres, Inglaterra, 1944

—Clare! —O capitão Owens chamou a seu sargento, que estava apoiado no jipe com o olhar perdido. Ao não obter resposta, agitou a mão diante de sua cara sem conseguir tampouco reação alguma.

—Que demônios ocorre a este homem? —perguntou-lhe ao cabo, que estava de pé ao outro lado do veículo.

—É por ela —disse o cabo Smith, lhe tirando o cigarro dos lábios ao David Clare. estava-se consumindo e ameaçava chamuscando-o.

—Por quem? —perguntou o capitão com impaciência—. Às vezes estes homens parecem não dar-se conta de que estamos em guerra.

O cabo lhe deu uma última imersão ao cigarro do Clare e depois assinalou com a cabeça para o grande edifício que tinham em frente. Era formoso, mas uma quarta parte tinha ficado reduzida a escombros. De pé, nos degraus, estava o general Austin, uma espécie de bulldog que pelo visto opinava que terei que falar tão depressa, de um modo tão sucinto e em voz tão alta como fora possível. Era conhecido por fazer aflorar as lágrimas aos olhos de homens feitos e direitos com suas ordens. Os soldados jogavam a um jogo que chamavam «Pior que Austin». O que prefere, primeira linha de fogo ou quinze minutos com Austin? Tortura ou Austin? O último ano tinham cunhado um eslogan: «Melhor que Austin.» Lançavam a ordem quando foram iniciar uma carga. «Isto é melhor que Austin», diziam antes de pôr a baioneta.

O baixo e robusto general estava vociferando a três jovens oficiais, e o sargento Clare o olhava fixamente, como em transe.

—Por Austin? —disse o capitão com desagrado—. Está paralisado por culpa de Austin? OH, demônios! Terá que procurar a outro para conduzir o carro do bastardo. Clare! Vêem comigo.

O sargento Clare não se moveu.

—Não é por culpa do general —disse o cabo Smith— É por culpa dela!

O capitão Owens se voltou justo quando «ela» saía de detrás de uma coluna e sorriu. Ah, sim. Ela, a senhorita Edilean Harcourt, a secretária do general. A Intocável. A mulher que despertava a luxúria de todo o exército mas a que nenhum homem tinha tido o valor de aproximar-se. Corria o rumor de que suas pernas mediam um metro e se comentava muito o que faria um homem com umas pernas como essas.

Fossem quais fossem suas fantasias, nenhum tinha sido objeto de outra coisa que não fora um sorriso do Edilean Harcourt... não por falta de empenho. Tinham provado todos seus truques para conquistá-la: do cavalheiro inglês de elegante acento que lhe tinha sussurrado que era da realeza, até um soldado americano dos subúrbios de Los Anjos; todos o tinham tentado.

Flores, doces, poemas de amor, inclusive tinham pendurado uma noite na fachada uma pancarta que rezava: «Senhorita Edi, quero-te.» Tudo inútil.

Tinha sido um jogo muito divertido para os homens que levavam algum tempo naquele destino ver os recém chegados cair rendidos quando viam pela primeira vez ao Edilean Harcourt. Um palmo mais alta que o general, de uma beleza

Patricia, os homens não podiam lhe tirar os olhos de cima. A frase mais comum pronunciada pelos novatos era: «É uma deusa.»

Quando um novato tinha tido essa «visão», o dinheiro começava a trocar de mãos. Apostavam sobre o número de dias que transcorreriam até que recebesse o «olhar mortal» da senhorita Edi, e sobre o que faria o pobre para conquistá-la. Sabiam que o general ficava com os bombons que lhe enviavam e arrojava as flores pela janela porque padecia febre do feno. Quanto às médias, todo mundo sabia que todas as garotas do escritório do general levavam meias perfeitas.

Assim que o capitão Owens sacudiu a cabeça e fechou os olhos um momento. Outro homem tinha cansado sob seu feitiço.

—Quanto tempo leva assim? —perguntou-lhe ao cabo.

—Desde ontem, acredito que não dormiu esta noite, que esteve deitado olhando o teto.

—Bem —disse o capitão com sarcasmo—. Justo o que necessito. enviaram ao Clare aqui especialmente para que conduza o carro de Austin. Conduziu a outro general através do fogo inimigo sem uma vacilação. foi proposto para uma medalha e Austin quer a ele.

O cabo olhou ao David Clare. Era um homem jovem, alto, de cabelo loiro escuro e olhos azuis, e seguia de pé em estado comatoso desde que tinha visto a mulher no alpendre.

—Parece capaz de correr sob as bombas por ela.

—Já, bom, nós também o faríamos, embora essa possivelmente se limitaria a passar por cima de nossos cadáveres.

—Já vejo, senhor, que decidiu você considerá-la a Rainha de Gelo.

—Melhor isso que recordar as rosas que roubei de uma casa incendiada e que me lançou à cabeça Coração de Pedra Austin.

—Entendo, senhor.

—E você o que? —perguntou o capitão, apoiando-se no jipe, tirando um cigarro e lhe oferecendo outro ao cabo.

—Seda de pára-quedas —disse, acendendo o cigarro do capitão e depois o seu—. O roubei de intendência, me arriscando a um conselho de guerra —acrescentou. Depois olhou de esguelha ao capitão.

—Não se preocupe. Ninguém informa dos delitos que se cometem em nome da senhorita Harcourt.

Fumaram em silêncio, apoiados no jipe, com o silencioso e pasmado sargento Clare entre ambos. Ao cabo de um momento o general Austin pareceu cansar-se de lhes gritar aos pobres oficiais e baixou as escadas. como sempre, seguia a curta distância a senhorita Harcourt. Formavam um casal chocante: ela alta, magra, elegante; ele baixo, grosso e vulgar. dizia-se que quando Austin tinha dezesseis anos um juiz lhe tinha dado a escolher entre o cárcere ou o Exército. Também se dizia que

o general havia dito que o Exército era exatamente igual a uma guerra entre bandas, mas com melhor comida, e que tinha pisoteado a todos os que se haviam interposto em seu caminho para o topo. Fizesse o que tivesse feito para chegar a sua posição, era um verdadeiro ás para a guerra.

O cabo e o capitão ficaram firmes quando viram que o general lhes aproximava. Owens desejou haver-se levado a sargento Clare dali. Austin lhe jogaria a culpa da incapacidade do Clare ao que tivesse mais perto, e isso significava que a jogaria a ele.

Mas subestimava ao sargento Clare. Quando viu aproximar-se do general, voltou em si e lhe abriu a porta do passageiro.

Por muito que o general se queixasse, era cortês com a senhorita Harcourt. antes de que ela chegasse tinha estado trocando de secretária cada três meses. A dois as tinham mandado a casa ao bordo da crise nervosa. Os homens diziam: «As bombas não as assustam, mas Austin as manda ao hospital.»

Tinham-lhe atribuído à senhorita Harcourt fazia um ano. Circulava uma história, uma que contavam aos novatos recém fracassados com suas flores e seus doces, a respeito da primeira vez que o general lhe tinha gritado à senhorita Edi. Ninguém conhecia os detalhes, mas diziam que se ergueu em toda sua estatura, cuidadoso ao general e dito que queria falar com ele em privado. Quando se fechou a porta todo mundo pegou a orelha, mas a senhorita Harcourt falou em voz baixa. Solo alcançaram para ouvir coisas como «abuso», «nunca mais se atreva» e «respeito».

Durante o último ano tinham ido adornando o sucesso até convertê-lo em lenda. Se rumoreaba que, quando a senhora Austin conheceu a senhorita Harcourt, abraçou-a com mais força que a seu marido e esteve mais pendente da comodidade de quão jovem da sua própria ou a dele.

Fora qual fora a verdade, o general Austin tratava à senhorita Harcourt com a máxima cortesia. sentou-se no assento traseiro e esperou pacientemente a que ela ocupasse o dianteiro. Enquanto o sargento subia ao carro, lhe entregou uma pasta.

—Deveria você ler isto —disse.

O capitão e o cabo olharam como o general agarrava a pasta e a abria.

—Escuta —disse o capitão ao Clare, de forma que solo lhe ouvisse—, é melhor que a esqueça, não pode conquistá-la.

O sargento Clare lhe lançou ao capitão um olhar que ele já havia visto muitas vezes antes e que significava que ninguém a tinha conquistado porque ninguém o tinha tentado.

O sargento Clare arrancou o jipe e manobrou entre os numerosos veículos e pessoas que o rodeavam.

—De onde é você? —perguntou-lhe à senhorita Harcourt.

—Acredito que deveria estar atento à estrada.

David deu um par de volantazos para evitar um buraco, passando entre um homem com muletas e duas preciosas garotas, quase por cima dos pés do homem e roçando com o jipe as saias das mulheres, tão largo. O homem levantou uma muleta e lhe insultou, e as duas garotas chiaram. No assento traseiro, o general Austin levantou a vista dos papéis que tentava ler e sorriu com malícia. Não havia nada que gostasse mais que ver um homem fazer uma loucura por sua secretária.

—Do Sul —disse David—, noto por seu acento que é do Sul.

Edi não se incomodou em lhe responder.

—E de onde do Sul? —insistiu David— Da Lousiana? Não, isso fica muito ao sul. —Olhou-a de cima abaixo, sorteando um buraco—. Não, não a vejo compartilhando uma mesa cheia de caranguejos fervidos. É mais de prata e porcelana a China.

Edi assinalou a estrada, depois teve que agarrar-se ao salpicadero para evitar sair disparada por cima deste quando David pisou bruscamente o freio. No assento posterior, o general cravou os talões no chão do carro, mas não disse nada.

David esperou enquanto um caminhão cruzava a estrada por diante deles.

—Da Georgia —sugeriu—, talvez Savannah. —Olhou ao Edi esperando uma resposta, mas ela permaneceu em silêncio—. Eu sou de Nova Iorque. —Pisou no acelerador, deixando apenas uns centímetros entre o jipe e a traseira do caminhão—. Ali conduzo um táxi e tenho uma pequena oficina. Posso reparar virtualmente qualquer peça de um motor. —Como a estava olhando, quase chocou com outro veículo do qual baixavam quatro oficiais britânicos. Salpicou-os ao pisar em um atoleiro e lhe gritaram obscenidades.

—Sargento —disse Edi com a mandíbula apertada—. Devo insistir em que deixe de falar e olhe por onde vai. Leva você a um passageiro muito importante.

—Eu a cuido, não se preocupe.

—Não é para mim a quem deve cuidar! —exclamou—. É ao general. Leva você ao general a bordo.

—Ele? —disse David, olhando pelo retrovisor ao general, que levantou a pasta para ocultar seu rosto—. É de Nova Iorque. Em Manhattan o tráfico é pior que aqui. Mas você parece nervosa.

—Não o estou —lhe espetou ela lhe assinalando um grande caminhão que tinham diante e outro que vinha de frente pela direita.

—Já o vejo, estou nisso —disse David, dando um acelerón para adiantar o caminhão que ia diante. Durante vários segundos foram diretos para o caminhão que vinha de frente pelo outro sulco. Edi se aferrou à porta e ao bordo do cristal do guichê. David se desviou bruscamente um segundo antes de estelar se contra o

caminhão, que ia cheio de soldados que aclamaram seu arrojo. David fez soar a buzina, saudando com a mão ao passar.

—Viu?, comigo está a salvo —lhe disse.

Edi lhe dedicou um olhar de desprezo. Ouviu um som afogado do general, sospechosamente parecido a uma gargalhada. Mas quando se voltou para ele, tinha a pasta aberta diante da cara.

—Da Virginia —disse David—. É você da Virginia, a velha pátria do T. J., isso.

—Sei quem é T. J. —disse ela—. É Thomas Jefferson.

—É você professora?

—Não, cultivo taxistas de Nova Iorque no pátio traseiro —se burlou ela.

—Tem um mau dia, não?

—Não, não o tinha até que lhe conheci.

—A mim? Assim é você uma dessas virginianas presunçosas, verdade? Muito orgulhosa por ser da terra dos Pais Fundadores⁴ e essa classe de coisas. Bem, não a culpo por orgulhar-se de sua terra, mas acredito que não deveria nos olhar com desdém a nós, pobres ianques.

—O fato de que seja da Virginia não tem nada que ver com o desgosto que você me provoca. É você o pior condutor que conheci.

—Mau condutor? —perguntou ele incrédulo—. Jamais tive um acidente. Algum pára-lama amolgado e possivelmente um ou dois radiadores destroçados, mas nada que possa considerar um autêntico acidente.

No assento traseiro do jipe, o general Austin deixou a pasta e começou a observar a sua secretária e a sua novo chofer como se se encontrasse em um autocine.

—Quase enrola a um homem com muletas, quase choca com um caminhão, quase se estrela contra um carro com quatro oficiais britânicos e quase provoca que dois caminhões carregados de soldados choquem —lhe espetou ela zangada.

—Abusa você da palavra «quase», não lhe parece? Sabe ou não sabe que «de um quase não morreu ninguém»? Assim é você da Virginia. Eu tinha razão!

—Desde onde eu seja não é assunto dele. Seu trabalho é olhar a estrada!

—Prefiro olhá-la a você. Tem noivo?

—Sim! —exclamou ela— Estou casada e tenho dois meninos.

—Talvez eu conduza um pouco rápido, mas você não diz a verdade. Falaram-me de você quando me disseram que o general Austin queria que trabalhasse para ele. Quer saber o que me disseram?

Edi se aferrou ao jipe olhando à frente, sem dizer nada.

David se inclinou tanto para ela que pôs a cara a escassos centímetros. Inclusive naquela postura, manobrou com o jipe entre dois caminhões e uma motocicleta com sidecar.

—Disseram-me que bastava com uma dúzia de rosas e uma grande caixa de bombons para que um homem consiga algo de você.

Apoderou-se do Edi tal cólera que foi lhe dar um bofetão. David, sujeitando o volante com a mão esquerda, agarrou-a com a direita e lhe beijou a palma.

Ela se soltou de um puxão e lhe olhou como se queria matá-lo.

—O que vai! —disse ele—, não disseram isso. Mas não é agradável que lhe mintam, a que não? As mentiras podem ferir.

Edi voltou a cabeça para ele um momento, logo olhou novamente a estrada.

—Sim, sou da Virginia e não tenho noivo.

—Obrigado, senhora. —Jogou uma olhada ao general pelo retrovisor. Não estava seguro, mas ao David pareceu que o velho bulldog sorria.

Capítulo 13

—Bem —disse Jocelyn cortando o sándwich do Luke em diagonal, como lhe gostava. Tinha tirado do forno a última bandeja de bolachas de lavanda. Era uma da madrugada e estava nervosa e cansada, mas não podia sentar-se. Sabia sem necessidade de que Luke o dissesse que tinha fome, assim que lhe tinha preparado um sándwich de presunto e queijo, servido uns nachos azuis e servido uma cerveja.

Ele murmurou as obrigado quando lhe pôs diante o prato.

—Que generosa para ser meu avô um monstro! Ela estava apaixonada pelo David Clare.

—Ela não o suportava.

—Já —disse Luke com a boca enche—. Faz uns sândwiches muito maus, sabia?

—A esta hora da madrugada todo me sai mau.

—Certo. —Luke se escondeu o resto do sândwich e apurou a cerveja—. É melhor que vá. Precisa dormir um pouco. Amanhã é o grande dia.

Como Jocelyn não dizia nada, olhou-a.

—Está bem?

—Não, a verdade é que não. Tudo acontece muito rápido.

Luke deixou o prato e lhe pôs as mãos nos ombros para sentá-la em uma cadeira.

—Me diga o que se preocupa.

—Acredito que a gente quer que seja como Edi: uma grande dama, a senhora da mansão. Acredito que têm umas expectativas de futuro para mim que não me vejo capaz de satisfazer.

—Provavelmente esteja no certo.

Lhe olhou.

—Não deveria me dizer que são minhas imaginações e que ninguém espera nada de mim?

—Prefiro te dizer a verdade. Amanhã todo Edilean estará em casa do Viv e todos lhe estarão observando e comparando com...

—Consegue que me sinta pior ainda.

—Sentiria-se melhor se te dissesse que está fazendo um grande trabalho?

—Quem pode assegurar isso?

—Sabe o preocupada que estava esta cidade quando se soube que a senhorita Edi tinha legado Edilean Manor a uma desconhecida, que tinha deixado esta antiga casona a uma mulher solteira, sem filhos. Tínhamos medo de que te apresentasse com... —Fez um gesto evasivo com a mão.

—Com tatuagens e piercings?

—Pior. Com idéias para fazer «melhoras».

—Que quisesse cromo e fontes de cristal...

—Sim. —Torceu a cara em uma careta—. Cromo e fontes de cristal. —Tomou as mãos do Edi entre as suas—. É fantástica. Ponha seu vestido da Alicia com uma cinta no cabelo e todos lhe encontrarão maravilhosa.

Luke lhe sorria de modo que a induziu a aproximar-se o Desejava que a abraçasse. Mas ele se apartou e Jocelyn se ergueu imediatamente.

—À cama! —disse-lhe—. Tem que dormir para estar fresca amanhã.

—Sim, claro —duvidou ela—. Sozinho falta que se esfriem as bolachas e já estará.

—Estou seguro de que papai virá cedo para te ajudar.

Joce se levantou bocejando.

—Você virá, verdade?

—Brinca? Tenho que ir de carro ao Williamsburg para recolher a meus avós e levá-los a festa. morrem por te conhecer.

—por que?

—É a mulher que vai ocupar o lugar da senhorita Edi. É obvio que querem te acontecer revista.

Jocelyn gemeu.

—Fará-o bem, agora vete à cama.

—Mas tenho que... —Olhou a cozinha.

—A cozinha está bem como está. vou fechar a casa. O que precisa é dormir.

Ela não se dava conta de quão cansada estava até que subiu o primeiro degrau. Quando chegou ao piso de acima, sorriu ao Luke, saudou-o levemente com a mão e entrou no dormitório.

Apesar do exausta que estava, tomou banho, lavou-se o cabelo e ficou uma camisola limpa. Quando se meteu na cama, pensamentos e imagens giravam em sua mente como em um caleidoscopio. Quase podia ver o Edi de jovem, perseguida por todo o exército. Mas ao parecer um só homem tinha podido atravessar sua geada couraça: o sargento David Clare. O David ao que amava mais que a si mesmo.

Jocelyn ouviu um ruído abaixo e supôs que Luke seguia fechando portas, talvez empacotando bolachas.

«Dois homens estupendos», pensou. Havia dois homens bonitos em sua vida e nenhum dos dois tinha tentado beijá-la sequer. Se tinha beijado ao Ramsey tinha sido por iniciativa própria. Certamente não lhe tinham pendurado uma pancarta na fachada com uma declaração de amor.

Capítulo 14

O «pátio traseiro» da irmã do Ramsey consistia em perto de vinte mil metros quadrados de cuidado jardim, atendido diariamente por quatro jardineiros dos quais só um falava inglês. Havia mesas sob as árvores, todas com néveas toalhas e servidas por pessoal de uniforme. Os convidados pareciam tirados diretamente de um catálogo do Talbots: os homens com flamejantes americanas e calças. As mulheres com blusa e saia de linho e chapéu com a asa levantada; os meninos tão

limpos como seus pais e as meninas com vestidos de algodão. O lugar emprestava a dinheiro e etiqueta do Velho Moderado.

—Diverte-te? —sussurrou- Sara ao Jocelyn

—Em comparação com o que? naufragando ou caindo por uma greta do gelo? —disse-lhe disimuladamente.

—Ao menos suas bolachas me darão muito trabalho. Amanhã me chamarão para alargar uma dúzia de vestidos.

Sonriendo, Jocelyn entregou a um homem de cabelo cinza uma bolacha adornada com três capuchinas.

—Ficam bolos de lima? —perguntou ele.

—Sinto muito, terminaram-se.

—Acreditava que ninguém cartório o sabor do licor? —sussurrou-lhe Sara, fazendo sorrir ao Jocelyn—. vamos descansar um pouco. Viu a casa do Viv?

—Não vi nada nem me deixaram falar com ninguém —se queixou Joce—. De fato, cada vez que um homem de aparência agradável me aproxima, um de suas milhares de primos me separa dele. Ramsey está tão ocupado falando com os peixes gordos do Williamsburg que não cruzei nenhuma palavra com ele, e pelo visto Luke está roubando as novelo do jardim. Além disso, as feligresas têm algo que me consultar cada vez que um homem de menos de cinquenta anos me aproxima mínimamente.

—Vamos dentro e falaremos —disse Sara, tomando a da mão e afastando a das mesas.

Cruzaram a grama, o pátio e as cristaleiras de um comprido e estreito estufa mobiliado com uma mesa e cadeiras de vime branco. A tapeçaria dos almofadões era vários estampados de cor branca e azul.

—Bonito —disse Jocelyn.

—Isto é o que se pode obter com bom gosto e tanto dinheiro como faço falta. Sabe que hoje levaste ao Viv ao sétimo céu, verdade? Todo mundo está entusiasmado com a festa.

—Apresentaram-me isso entre um centenar mais de pessoas. Se não estivesse tão grávida, não estou segura de que pudesse reconhecê-la se voltar a vê-la.

—Não se preocupe. Ela te conhece e conhece sua confeitaria. Essas bolachas moradas deixaram às senhoras das obras benéficas tão impressionadas que lhe pedirão que te encarregue do bufei de outra festa que se celebra a semana que vem.

—Eu não quero me dedicar ao catering —disse Joce categórica.

—Já sei, mas eles não. Vamos acima a ver os dormitórios.

—Não deveríamos pedir permissão antes de bisbilhotar?

Sara apareceu pela janela.

—Quatro anciões vêm para aqui e acredito que lhe buscam.

—Vamos! —disse Jocelyn e saiu correndo. Seguiu a Sara pelas escadas traseiras e percorreram o corredor.

—Menino, menino, menino —foi dizendo Sara à medida que passavam por diante as habitações—. O cabeça de família. —Abriu uma porta—. A habitação de convidados. Sente-se.

Agradecida, Jocelyn se sentou em uma grande poltrona de couro enquanto que Sara se tombou na cama.

—Bem, o que há entre você e Rans? —perguntou-lhe.

—Tem-me feito subir para inteirar-se da última fofoca?

—É obvio. Pensava que queria sua receita das bolachas bêbadas de bourbon?

—São de tequila.

—Dá igual. Então o que? O que há entre vós?

—Não sei. Hei-te dito que lhe vi hoje, mas não falamos. É algo assim como um político, não?

—Conhece todo mundo e todo mundo lhe conhece ele. É sua forma de fazer negócios. Então, até que hora ficou Luke em sua casa ontem à noite?

—Não sei, fui à cama —disse Joce, olhando a Sara para ver o que diria, mas permaneceu em silêncio—. me Diga, já me consideram atada com um dos dois?

—Acredito que Rans é o principal candidato a pretendente.

—Que interessante! —exclamou Joce com frieza.

—Você não gosta da idéia?

—Tenho curiosidade por saber se o século XXI chegou a esta cidade. pode-se saber o que passou com a paixão, com o noivado, com os homens que se esforçavam por te conquistar? O que foi que os presentes, das pancartas, da condução perigosa solo para chamar a atenção de uma?

—Não sei que livro estiveste lendo, mas quero que me o Prestes.

—Nenhum —disse Jocelyn, que não queria contar o que Luke lhe tinha lido—. Com quem sai Luke?

—Com ninguém —disse Sara, lacônica—. Vive sozinho e não sai com ninguém.

Jocelyn esperou a que Sara continuasse, mas não o fez.

—Isso é tudo? por que cada vez que menciono ao Luke todo mundo se fecha em banda? É um fugitivo da justiça?

—Em certo modo —disse Sara, olhando ao chão.

—Tem algo que me contar, não é assim?

—Nada importante, sozinho... —Sara não terminou a frase.

—conheceste a um homem.

—Sim! —disse Sara—. Joanne Langley nos apresentou.

—E ela quem é?

—É a agente imobiliária local. Às vezes me custa recordar que você não viveste sempre aqui.

—Acredito que é o melhor completo que me têm feito nunca —disse Jocelyn secamente—. Bem, me fale dele.

—É alto, loiro e rico. É obvio que o de rico não tem importância, mas...

—Não vais desprezar o por isso. Conta-me o tudo.

—Chama-se Greg Anders. Recentemente comprou uma casa situada nos subúrbios do povo. Em realidade a parte antiga dessa casa era a moradia do capataz do Edilean Manor.

—Um capataz... Vá panorama! E não te atreva a me tachar de ianque!

—De acordo —disse Sara com um sorriso.

—Como é?

—até agora solo saímos uma vez, mas é encantador e inteligente Y... e a solidão que emana dele me fez desejar...

—Adotá-lo?

—Em realidade, me casar com ele e ter três filhos. Ontem comprei um exemplar de La Noiva Moderna.

—Meu deus! Não vai muito depressa?

—Sim, acredito que sim. Sabe por que? Acredito que é o destino.

—Como é isso?

—Já conhece o Joanne... Não, não a conhece. É a celestina do povo. Se estiver solteira e vai a ela para encontrar piso fica para te buscar casal. Sua cunhada se dedica a organizar bodas, assim...

—Então, onde intervém o destino em seu caso?

—Greg me escolheu. Joanne e ele comeram juntos e falaram comprido momento. Lhe falou das muitas mulheres solteiras que há por aqui Y...

—E me incluiu?

—Não —disse Sara. Depois se deu conta e retificou—: Seguro que o fez. Jocelyn decidiu ignorar aquele deslize.

—Então, no que se apoiou Greg para te escolher? Em fotos? Se for assim o entendo. —Sara levava flores na juba loira e um vestido de suave algodão em tons bolo com capullitos de rosa bordados no corpete.

—Não, Joanne não tinha fotos, somente lhe falou de algumas mulheres. Como Greg é um homem de negócios, primeiro sugeriu ao Tess, mas Greg disse que acreditava que não gostaria de andar com uma mulher que se passa a vida rodeada de advogados.

—Ao melhor Joanne contou a verdade sobre o Tess. Que tem... Como diríamos? Uma personalidade algo difícil.

Sara sorriu.

—Pode que tenha razão. Seja o que seja o que lhe disse, o agradeço, porque lhe pediu meu telefone e me chamou. Passamo-lo realmente bem. Falamos interminavelmente de tudo. Não te ria, mas se interessou inclusive por meus trabalhos de costura. Diz que deveria abrir uma loja. —Sara fez uma pausa—. Sei que é logo, mas realmente acredito que talvez seja o adequado.

—Fantástico. —Jocelyn suspirou—. Beija bem?

—É inmejorable. —Sara olhou ao Joce—. Já sei que Ramsey é minha primo, mas como o faz?

—OH, estupendamente —disse Joce—. Beija realmente bem e não pode apartar suas mãos de mim.

As palavras do Joce pareceram gostar de muitíssimo a Sara, que começou outra vez a falar. Um ruído proveniente da planta baixa as distraiu, entretanto. Parecia que tinha passado algo, porque os meninos gritavam.

—Que demônios foi isso? —perguntou Joce levantando-se de um salto e correndo para a janela para olhar ao jardim.

Se se tivesse despertado essa manhã e tivesse pensado o que era quão pior podia lhe passar, a resposta teria sido: «Que se pressentem as Astras.» Abaixo, rodeada por todos os convidados da festa, como uma rainha a que todos tivessem estado esperando, estava uma das Astras. como sempre, seguiam-na meia dúzia de parasitas falando por telefone e também uma mulher alta, esquelética, com os maçãs do rosto muito marcados e o pescoço de girafa, que estava de pé junto a ela.

—Aí estão —sussurrou Sara—, ou uma delas, ao menos.

—É Bell —disse Jocelyn apoiando-se na parede e golpeando-se repetidamente a cabeça contra esta—. Teria que haver insistido a Rans para que lhes escrevesse lhes explicando que não tenho dinheiro, somente uma casa velha que cai a pedaços. Teria...

—Quem é toda essa gente que a rodeia? —perguntou Sara.

—Seu séquito. Gastam seu dinheiro antes de que ela ganhe.

—Alguém parece... —Sara pôs uns olhos como pratos, observando mais atentamente a cena que se desenvolvia abaixo—. Que o céu nos atira! É-o! —disse sem fôlego. Logo olhou ao Jocelyn—. O sinto. —Posou sua mão no braço de seu amiga—. por que não vamos daqui sem que nos vejam? Escapulimo-nos pela porta da garagem, agarramos o carro e nos largamos. Assim não terá que vê-la.

—eu adoro a idéia. Guíame, sigo-te —disse Joce, correndo detrás da Sara—. Como se inteirou desta festa?

—Edilean tem uma página Web. Não a viu?

—Suponho que a seção de eventos me passou. Além disso, acredito que eu sozinho me inteiro do que a gente quer que me inteire.

Jocelyn seguiu a Sara escada abaixo tão rápido que deu um tropeção.

—Vamos! —disse Sara, agachando-se. As duas deram a volta a grande ilha da cozinha para chegar à porta.

Jocelyn nunca tinha visto reagir daquela maneira ante a idéia de conhecer as Astras. Normalmente a gente brigava por aproximar-se das modelos. Mas Sara lhe estava evitando ao Joce um encontro que seria indubitavelmente desagradável. Que boa amiga era!

Ainda agachada, Sara alcançou e girou o pomo da porta da garagem... e se topou de frente com um menino de uns cinco anos que lhe sorriu com insolência.

—Mamãe! Encontrei-a! —gritou a viva voz.

—Espera a ver seu próximo presente de aniversário Jamie Barnes, pequeno delator! —disse Sara.

—Mamãe!, a tia Sara me chamou...

Sara lhe tampou a boca com a mão.

—Se o disser te arrependerá —lhe sussurrou ao ouvido.

—Aqui está! —disse Vivian, a alta e grávida irmana do Ramsey.

—Mamãe! A tia Sara há dito...

—Sim, sei, carinho. Você não parava de tagarelar e ela te ameaçou. Já que na sábado que vem Sara lhes vai fazer de babá a ti e a seu irmão, lhe deveria pensar isso duas vezes antes de acusá-la.

O menino ficou pálido.

—Tia Sara, comi duas de suas bolachas e eram os melhores. —Dito isto, saiu da garagem correndo e se perdeu de vista.

—Jocelyn —disse Viv—. Você e eu logo que tivemos tempo para falar e não pude te agradecer esta festa tão estupenda. Que surpresa tão agradável foi me inteirar de que sua irmã é...!

—Meio-irmã —disseram Jocelyn e Sara ao uníssonos.

—Perdão. me inteirar de que sua meio-irmã é uma das famosas gêmeas. Pediu-nos que lhe busquemos porque não se pode ficar muito momento. —Viv sorriu assinalando para trás com o braço para lhes indicar o caminho através da cozinha até o jardim. Não tinha intenção das deixar escapar.

—E, Sara —disse Viv quando saíam da casa—, Ingrid veio com ela. Estou tão contente! Possivelmente agora as coisas se arrumem.

Jocelyn era capaz de andar unicamente porque Sara e Viv foram detrás dela. A gente se apartou sorrindo carinhosamente, comparando com o olhar à alta, muito magro e extremamente maquilada Bell e ao Jocelyn. Bell levava um par de grandes triângulos de pele que deixavam ao descoberto a parte esquerda de sua cintura e a perna direita nua desde o meio coxa. Seu cabelo era uma entupida massa de extensões e um menino poderia ter usado seus pendentos para jogar aos aros.

Em comparação com a gente que a rodeava, vestida de forma tão conservadora, era como um anúncio de néon em uma noite escura. Algumas das

mulheres tentavam parecer escandalizadas, mas Bell estava tão radiante que seu aborrecimento não era autêntico.

—Querida —disse Bell quando teve ao Jocelyn a seu lado. Depois se inclinou exageradamente, como se Joce fora meio metro mais baixa que ela, e a beijou em ambas as bochechas. Quando se ergueu, disse—: Que aspecto tão doce tem! Parece uma menina de quatorze anos. eu adoro sua cara lavada, sem maquiagem.

Joce sabia que aos extasiados observadores Bell lhes parecia uma irmã que a adorava. Aí estava ela, uma superestrella, voando desde quem sabe onde solo para assistir a fiestecita de sua irmã. Joce não se atrevia a abrir a boca porque sabia que o que lhe sairia seria: «O que quer?»

Mas nem Bell nem Ash se ficaram nunca sem palavras.

—Imagina que surpresa quando Ingrid mencionou que seu marido trabalhava no Edilean Manor? Que pequeno é o mundo!, verdade? E quando vi uma foto dela, pensei que verdadeiramente pareciam o um para o outro. Sou assim de romântica. Quando Ingrid disse que havia uma grande festa no Edilean este fim de semana e vi que você te encarregava do catering com essas bolachas moradas tuas, soube que tinha que vir a te dar meu apoio. me diga. —Bell agitou suas artificialmente espessas pestanas—. Suponho que já não põe infusão de maconha nas bolachas de chocolate, ou sim?

Três pessoas deixaram a bolacha. Uma mulher lhe tirou o bolo a seu filho.

Ao Jocelyn não lhe ocorria nada que dizer além de insultá-la ou chegar às mãos.

—Bem, querida Cindy —disse Bell—. Tenho que ir, mas Ingrid ficará uns dias para estar com seu marido. Espero que possa dispensá-lo do trabalho em seu jardim. Ah, por certo, Ash e eu lhe trouxemos um presente.

Tirou uma cajita de veludo azul, mas Jocelyn sabia o que continha, assim não o agarrou. Foi Sara quem agarrou a caixa e a abriu. As Astras tinham engastado os carvões esculpidos do Edi em latão para fazer um colar e uns pendentos. Eram uma obra professora da breguice.

—Espero que os desfrute tanto como o temos feito Ash e eu. —Bell lançou ao Jocelyn dois beijos no ar e se foi flutuando para uma multidão de jovencitas que eram apenas capazes de controlar seus chiados.

Quando a multidão se afastou detrás do Bell, Sara olhou as jóias que sustentava e lhe perguntou:

—É carvão?

Mas Jocelyn só emprestava atenção à mulher que Bell tinha detrás, a sua esquerda, a que tinha visto de acima. Não era tão alta como Ash e Bell, nem se dava tantos ares, mas solo pela postura de seus ombros se deduzia que era modelo.

la maquiada de forma que parecesse que não levava maquiagem e vestia com simplicidade, embora provavelmente sua roupa custava o que Jocelyn ganhava em um ano.

—Você deve ser Ingrid —acertou a dizer por fim, e a mulher lhe sorriu.

—Peço-te desculpas pela apresentação. Bell pode às vezes não ser a pessoa mais amável do mundo, mas o arrumou para que eu pudesse estar aqui hoje. Sua festa é encantadora. —Olhou ao Vivian, que estava ao lado do Jocelyn—. Olá Viv. Está aqui?

—Se lhe romper de novo o coração, eu... —advertiu-lhe Viv, mas seu marido lhe aconteceu o braço pelos ombros e assinalou com a cabeça para a cerca posterior.

—Isto é assunto deles dois —disse—. Deixa que Luke se arrume com sua esposa. Vamos, guardei-te algumas dessas bolachas moradas.

Quando se foram, Sara, Jocelyn e Ingrid estavam sozinhas.

—Vejo-lhe —disse Ingrid, e lhe iluminou o rosto com um sorriso. Foi correndo para as árvores floridos da parte posterior da propriedade.

Jocelyn se deu a volta e viu o Luke olhando ao Ingrid, imóvel, com o rosto inexpressivo. Quando o alcançou, rodeou-lhe o pescoço com seus largos braços e o beijou na boca.

Jocelyn demorou um momento em reagir, mas depois se voltou para a Sara.

—Agora o entendo tudo. Mantiveram-me ocupada com o Luke, que está casado, para que não visse outro homem mais que ao que escolheram para mim: Ramsey. —voltou-se e foi para a parte dianteira da casa, onde estava seu carro.

—Joce! —chamou-a Sara indo atrás dela—. me lhe Deixe explicar isso —¿Se ha terminado media?

—Não há nada que explicar —disse Jocelyn quando Sara a alcançou—. Os do povo me emparelharam com o Ramsey e sua primo casado Luke me manteve ocupada enquanto ele se dedicava a seus negócios. funcionou perfeitamente. Nunca tinha visto um plano melhor. escolheram seus meninos também meu vestido de noiva?

—Jocelyn, por favor —a chamou Sara, mas Joce não se deteve.

Demorou dez minutos em chegar a casa. Quando teve entrado fechou a porta, foi até a parte traseira e fechou também as duas portas. Comprovou inclusive que as janelas estivessem fechadas com fecho. Não queria que ninguém entrasse sem sua permissão.

Seu impulso era fazer a mala e ir-se, mas sabia que devia acalmar-se e pensar o que ia fazer a partir de então. Uma coisa era receber uma carta de uma querida amiga lhe dizendo que conhecia homem perfeito para ela e outra muito

distinta encontrar-se em uma cidade rodeada de desconhecidos que tinham estado planejando seu futuro.

Jocelyn não levava em casa mais de vinte minutos quando chamaram educadamente à porta. apareceu pela janela lateral e não lhe surpreendeu ver o Ramsey e Luke.

Seu primeiro impulso foi lhes dizer que se fossem e não voltassem mais, mas em lugar de fazê-lo abriu a porta.

—Nós gostaríamos de nos explicar —disse Ramsey.

—Não há nada que explicar —respondeu Jocelyn.

—Podemos entrar?

—É obvio —disse ela, apartando-se e deixando-os passar à sala de estar.

Sentaram-se um ao lado do outro no sofá amarelo da senhorita Edi. Jocelyn colocou uma cadeira em frente deles. Ramsey levava seu perfeito traje com o que pretendia demonstrar que era um jovem e prometedor homem de negócios, enquanto que Luke ia em jeans e camiseta.

—Como está sua esposa? —perguntou-lhe Jocelyn a este último.

—Muito bem —disse ele sorrindo—. Lhe gostaram de suas bolachas moradas.

—Terminou-se meia?

—Mas bem um quarto.

—Querem deixá-lo já? —exclamou Ramsey—. Jocelyn, minha primo e eu viemos para te explicar algumas costure que acredito que interpretaste mal.

—Como quais?

—Nossas intenções.

—Intenções? —perguntou Jocelyn—. Não tenho nem idéia do que quer dizer.

—Já te hei dito que estaria furiosa —disse Luke, apoiando-se no respaldo do sofá.

—que minha primo se apresentou como o que não é não quer dizer que eu o tenha feito —disse Ramsey, e era o advogado quem falava—. Eu sempre fui honesto e claro a respeito de minhas intenções para ti.

—O que seriam...?

—O que quer dizer? —perguntou Ramsey, que não tinha entendido a pergunta.

—Ela quer saber o que pretende fazer —disse Luke—. Se tiver intenção de te casar com ela ou de lhe pôr uma loja, como pretende fazer com a Sara seu novo noivo.

Ramsey se voltou para olhar a sua primo.

—Tudo isto é tua culpa. por que não lhe disse que estava casado?

—Alguma vez saiu o tema —disse Luke, depois olhou ao Jocelyn—. Tem cerveja?

—Para ti não —lhe respondeu Jocelyn com fingida doçura—. por que não a pede a sua esposa? Ou somente te envia cheques para que possa viver a todo trapo realizando um trabalho de pouca subida?

Luke ficou vermelho de raiva, mas Ramsey tratou de dissimular um sorriso.

—Joce tem seu telefone. por que não nos esperas fora? Melhor ainda, por que não vai a casa e nos deixa sozinhos?

Luke, sem dizer uma palavra, foi levantar se.

—Me diga Ramsey, o que é o que tanto desejava? A mim ou minha casa?

Luke a olhou, piscou várias vezes e voltou a sentar-se.

—Como pode dizer algo assim? Eu gosto desde inclusive antes de te conhecer,

—E que casal tão perfeito fazemos! O dinheiro dos McDowell com a terra dos Harcourt. Eu não levo o sobrenome mas possuo a casa. Vi a toda essa gente a que fazia a bola hoje. Pensa com quanto estilo poderia recebê-los aqui. Não pensa te apresentar às eleições, ou sim?

Luke deixou escapar uma risita afogada.

—Aí te pilhou.

Jocelyn se voltou para ele jogando faíscas.

—E você me mantiveste ocupada para que não pudesse conhecer outro homem enquanto Ramsey estava trabalhando. foi tudo muito inteligente, muito bem feito.

—Joce, não foi assim —começou Ramsey.

—Não? No segundo pícnic me falou das cartas de seu avô que tinha lido. Que história tão comovedora! Fez-me acreditar que estava apaixonado por mim desde que era uma menina. Mas, é obvio, depois dessa revelação não te voltei a ver durante vários dias.

—Acredito que lhes vou deixar sozinhos —disse Luke.

—OH não, não o fará! —espetou-lhe Joce, assim que se sentou de novo.

—Olhe, eu nunca me tenho feito passar pelo que não sou. Sou seu jardineiro, isso é tudo. O tema de minha vida privada nunca surgiu entre nós.

—Não vou incomodar me em responder a isso. Os jardineiros não... não se interessam tanto por seus patronas como você o tem feito por mim. É como meu pai, com sua lábia, seus Harleys e sua afeição pelas garotas que não sabem nem abrir um livro.

—Como você...? —Luke estava escandalizado—. Crie que sou como seu pai?

—Uma fotocópia, E, por certo, é sua primo quem te paga o salário.

—Sei —disse Luke. Ainda lhe notava na cara a impressão que lhe tinham causado as palavras do Jocelyn—. Todas as semanas lhe inflo a fatura.

—por que...? —começou a dizer Ramsey.

—Fora! —gritou-lhes Jocelyn—. Fora de minha casa os dois agora mesmo. Não quero voltar a lhes ver... nunca mais.

—Jocelyn —disse Luke, enquanto ela tentava serenar-se—, peço-te perdão pelo que seja que pense que te tenho feito, mas o jardim necessita...

—Fora de meu jardim —disse ela—. Não te aproxime nem a ele nem a mim.

—Mas precisa cuidados, necessita...

—Estou segura de que encontrarei a um menino de secundária que queira cortar a grama.

—Jocelyn... —disse Ramsey, suplicante—. Não está sendo justa comigo. Sei que sua meio-irmã foi uma autêntica serpente hoje, e estou seguro de que está desgostada por tudo isto, mas eu não tenho feito nada para merecer que me jogue de sua vida. O que tenha feito Luke para te induzir a acreditar que estava... —Olhou a sua primo—. Que demônios estiveste fazendo para que se zangou tanto ao descobrir que está casado? Se a houver meio doido, vou A...

—Eu não sou propriedade de ninguém! —gritou Jocelyn, levantando-se e olhando-os a ambas—. Não sou uma parte de terra pelo que possam lutar e talvez ganhá-lo. Ou, neste caso, que um possa mantê-lo para o outro. Eu sou...

—Joce, por favor —disse Ramsey—. Se Luke se tomou muitas confianças não é minha culpa, não tome comigo.

—por que não vais ver o Tess e conta a ela seus problemas?

Luke soltou uma risita e Jocelyn o fulminou com o olhar.

—E você pode ir com sua mulher. Agora, fora os dois!

Capítulo 15

Jocelyn levantou a cabeça para olhar pela janela. Terei que cortar outra vez a grama e parecia que algum coelho se estava comendo os... o que fossem os arbustos que cresciam no lateral da casa. Uma manhã teria jurado que ouvia as térmites comendo-a parede, mas tinha resultado que eram Sara e seu noivo fazendo-o... outra vez.

Voltou a olhar a mesa de desenho com o tabuleiro inclinado que tinha comprado e seus papéis. Não era precisamente o que poria na casa o dia que pudesse, mas de momento não podia permitir-se outra coisa.

Fazia muito em seis semanas, desde que jogasse ao Ramsey e ao Luke de sua vida. Primeiro tinha ido a um banco do Williamsburg e tinha pedido um empréstimo hipotecário de cinqüenta mil dólares. A seu entender ia necessitar essa quantidade para viver enquanto se esforçava ao máximo por escrever uma biografia que pudesse lhe interessar a alguma editorial. Esteve tentada de escrever algo a respeito do Thomas Jefferson, já que as obras sobre aquele tema se vendiam bem, mas seu coração não lhe pedia isso. Queria escrever sobre o Edi.

Jocelyn sabia por experiência que nenhuma editorial lhe daria um adiantamento a uma escritora que não tinha publicado nada, assim tinha que encontrar outras formas de manter-se enquanto escrevia. Para pagar a hipoteca, passava as manhãs no Williamsburg recolhendo informação do século XVIII para um novelista muito famoso que preparava uma trilogia ambientada na Guerra da Independência dos Estados Unidos.

Pelas tardes e de noite trabalhava no livro do Edi. Tess lhe havia dito que não sabia que Luke estivesse casado. De fato, tinha-lhe contado que ela e Ramsey tinham tido uma briga colossal sobre o tema, porque lhe havia dito que tudo o que ocorria em sua família era sozinho assunto dele.

Tess jurava que, de havê-lo, sabido o haveria dito ao Joce.

—Detesto a maneira que têm neste povo de esconder seus sujos secretitos. Alguém deveria me haver dito ou haver dito a ti que estava casado.

Tess estava tão furiosa que Joce sentiu desejos de afastar-se dela, mas logo lhe deu a chave do apartamento de cobertura e se passou dias revisando cada caixa e cada baú. Até onde ela podia afirmar, levaram-se todas as coisas de valor e só ficavam milhares de livros de contabilidade. Possivelmente algum dia pudesse fazer algo com eles, mas o que tinha esperado encontrar era um jornal no que alguém confessasse ter matado a alguém, de modo que depois da biografia pudesse escrever sobre isso e fazer-se milionária.

—Então cria sua própria história —disse Tess—. Expõe um assassinato e logo inventa quem o cometeu e por que.

Parecia fácil, mas Joce já o tinha tentado e não tinha sido capaz. Lhe gostava de ler sobre acontecimentos reais e pessoas reais. Sobre isso queria escrever.

—A senhorita Edi —disse Tess, tampando-os ouvidos com as mãos—. ouvi tantas coisas a respeito dessa mulher que, se visse seu fantasma de pé na entrada, simplesmente lhe diria que se fora.

—Se a vir, por favor lhe peça que me diga o que tenho que fazer —disse Joce com pessimismo.

Era uma noite mais das que Tess passava na cozinha do Joce preparando confeitaria. depois da festa em casa do Viv, (o Desastre, como a chamava Joce), Tess tinha aceito outros dois caterings. O pai do Luke, Jim, dizia que era a melhor

negociante que tinha visto nunca. Não tinha deixado a ninguém nem sequer sugerir o que ia se servir em sua própria festa. Expôs sua proposta de um modo tão autoritário que se limitaram a assentir a tudo o que disse.

Após, com a ajuda do Jim, Tess tinha servido a comida de uma dúzia de festas infantis e de reuniões de senhoras. E todo o tinha preparado na cozinha do Joce, que, enquanto trabalhava em seu livro via caixas de bolachas maravilhosamente decoradas e bolachas saindo pela porta de sua casa.

Quanto a Sara, o cem por cem de seu tempo o dedicava a seu novo noivo e seus planos para a loja de roupas. Sara somente falava do que Greg dizia, fazia ou pensava. «Greg diz que deveríamos...» era o princípio obrigado de todas suas frases.

Amanhã, tarde e noite, Joce e Tess ouviam o ruído que armavam com sua forma enérgica de fazer o amor. Ao princípio lhes resultava embaraçoso, depois se converteu em motivo de risada. Ao cabo de um par de semanas era tão habitual que quão único faziam era olhar-se e adivinhar onde o estavam fazendo. Mas tudo acabou repentinamente uma noite.

—Na cozinha —disse Joce.

—Não, é na despensa —disse Tess.

Joce aguçou o ouvido.

—Tem razão... Vá, agora vão à sala de estar.

—Sara deveria esperar a que os arranhões do tapete nos joelhos lhe cicatrizassem antes de fazê-lo aí de novo. Ela... —Tess se interrompeu porque Jim estava de pé na entrada com uma caixa de provisões. Não disse nada, simplesmente deixou a caixa no chão e se foi.

Assombradas, as duas mulheres agarraram copos de cristal e os apoiaram contra a parede. Sabiam que Jim ia ao apartamento da Sara e queriam ouvir o que lhe diria. Mas, desgraçadamente, Jim falou em voz tão baixa que não se inteiraram de uma só palavra. Quando retornou à cozinha, Joce e Tess estavam ocupadas na mesa, com cara de inocência. Fora o que fora o que Jim havia dito a Sara, nunca mais ouviram ruídos de cópula através das paredes.

Mais tarde, Tess disse:

—Não sei se estiver contente pelo silêncio ou se me sentir uma miserável.

—Eu tampouco —conveio Joce.

Durante as primeiras duas semanas depois do Desastre, enquanto Tess assava, Joce escrevia cartas e correios eletrônicos e fazia chamadas. A viúva do doutor Brenner estava tão contente de que Joce fora a escrever uma biografia de seu marido (Joce tinha renunciado a lhe dizer a verdade) que enviou caixas de papéis suficientes para encher meio caminhão do UPS. Mas ao Joce custava manter-se acordada enquanto os lia. O doutor Brenner tinha que ter sido um grande médico,

mas era um cronista espantoso. Talvez encontrava cotadas várias mortes em um dia mas sem explicação do como ou o porquê. Começou a enviar mais solicitações de informação. Escreveu às embaixadas americanas em países onde o doutor tinha trabalhado. Em duas ocasiões lhe responderam que a versão oficial era que nenhum médico americano tinha trabalhado nunca em seu país.

Enquanto esperava, Joce escrevia tudo o que recordava das histórias do Edi enquanto esteve com o Brenner. Levava sempre um bloco de papel de notas e escrevia quando se atravessava.

Enquanto investigava e escrevia, pensava no Luke. Não no que havia dito a ela a não ser na história que lhe tinha lido enquanto cozinhava. Ao Joce tinha encantado ouvir falar do Edi e seu David, o condutor do jipe a quem tinha menosprezado ao princípio e ao que tinha acabado por amar tanto. Mas como tinha sido? O que os tinha unido para chegar a apaixonar-se? Joce esperava que não somente a proximidade e as paixões desatadas pela guerra. Tinha a esperança de que tivessem chegado a conhecer-se para amar-se real e verdadeiramente.

Desejava fervientemente ficar em contato com o avô do Luke e lhe perguntar pelo resto da história, mas não tinha ânimos para fazê-lo. Não acreditava que fora a lhe contar a ela, uma desconhecida, aquela história; sobre tudo depois de ter jogado a seu neto.

Pensar na história a induziu a procurar o general Austin em Internet. Viu que tinha sido condecorado muitas vezes e se mencionava a um filho que tinha recebido uma condecoração póstuma em nome de seu pai. Joce não confiava muito em que sua família recordasse a uma secretária da época da guerra, mas lhe escreveu perguntando se tinham ouvido falar da senhorita Edilean Harcourt.

Quatro dias depois, Joce recebeu um entusiasta correio eletrônico do William Bill Austin, o neto do general Austin. Em lhe dizia que estava escrevendo uma biografia de seu avô e que sim, que conhecia a senhorita Harcourt, embora não muito. «Ensinarei-te o meu se você me ensinar o teu», escreveu.

O problema era que o que ela sabia do general Austin estava tirado de um relato escrito pelo Edi, no que fazia uma descrição do general tão pouco favorecedora que duvidava de que a seu neto gostasse de ouvi-la. Assim que lhe respondeu que o que ela tinha a respeito da senhorita Edi se referia a sua vida depois da guerra e que ia ser lhe de pouca ajuda para sua biografia. Entretanto, pediu-lhe por favor que lhe deixasse ver o que ele tinha a respeito do Edi.

Bill lhe respondeu que em algumas cartas se mencionava à senhorita Harcourt, mas que ainda não as havia transcrito, assim seguiam metidas em caixas e não lhe ia entregar os originais. «Meu transcritora era minha ex-noiva. Terei que contratar a uma, o que não me posso permitir, ou me buscar uma nova noiva que saiba escrever a máquina, ou lhe pedir a meu ex que se case comigo. Se tivesse uma moeda de três caras a lançaria.»

Joce comprou cola e pegou três moedas de vinte e cinco centavos, cada uma de um estado distinto, formando uma pirâmide. A enviou sem sequer uma nota. Dois dias mais tarde recebeu um correio do Bill. Ele e sua ex-noiva teriam podido comprar uma casa com o dinheiro que a família dela estava soltando para as bodas. «As bodas me entreterá durante semanas, e logo está a lua de mel. Meu trabalho na biografia fica posposto indefinidamente. Não sei se lhe agradecer isso ou te odiar.»

—Eu tampouco —murmurou Joce.

Voltou a centrar-se no que podia encontrar sobre o doutor Brenner. Duas vezes teve um golpe de sorte com gente que os recordava a ele e ao Edi. Quando encontrou a uma babá que tinha trabalhado para ele, conduziu até Ohio e se passou três dias tomando notas do que a mulher recordava. Mas solo tinha trabalhado seis meses para o Brenner e recordava à senhorita Edi como alguém «terrorífico». «Era a mulher mais fria do mundo. Não tinha coração», disse, e Joce teve que fazer um esforço para não lhe jogar a bronca à anciã.

Agora, ao levantar a vista da mesa de trabalho que tinha instalado na salita, não sabia se render-se ou dar-se cabaçadas contra a parede.

—Pode-te a saudade, verdade?

Rapidamente, Joce baixou a vista a seus papéis.

—Pelo Edi? —perguntou ao Tess, que estava de pé na entrada—. Sim, jogo muito de menos. Eu gostaria que a gente tivesse podido vê-la como eu a via.

—Não refiro a ela a não ser a ele.

—OH, refere ao Ramsey. Está em Boston. ouvi que é devido a que perdeu um caso importante aqui. Acredito que o caso Berner ou um pouco parecido. Assim tinha que ocupar-se de alguns assuntos. Mas não, não posso dizer que lhe sinta falta de. Em realidade não passamos juntos muito tempo. Talvez quando retornar... —disse Jocelyn encolhendo-se de ombros.

—Pode te enganar, adiante, mas não me engana. E não siga deixando a porta aberta com a esperança de que apareça —disse, fechando-a.

Joce apoiou a cabeça nas mãos. Sim, sentia falta da o Luke cada minuto do dia. Fazia o possível para demonstrar que trabalhava muito para sentir falta da ninguém, mas não era certo.

Sentia falta de sua risada, a forma que tinha de escutá-la, a maneira que tinha de compreender algo que lhe dissesse. O primeiro que fazia pela manhã e quão último fazia de noite era olhar pela janela. Queria ver seu caminhão, suas ferramentas, queria lhe ver ele.

—Esse homem não te convém —murmurava. Não ia ser como sua mãe e escapar com um homem ao que tivesse que acabar mantendo. Queria a um homem como Ramsey, capaz de cuidar dela.

Mas o sentido comum não conseguia que tivesse saudades menos ao Luke. Apesar de tudo o que Sara lhe tinha contado a respeito dele e seu... seu... Logo que podia pensar no término e muito menos dizer «esposa». Luke estava com sua esposa. Ingrid levava no Edilean quase seis semanas e Jocelyn supunha que eram um casal feliz. Provavelmente estavam vivendo uma segunda lua de mel.

Mas, apesar de suas boas intenções, cada vez que Joce subia ao carro, seus pensamentos voavam para o Luke e Ingrid. Tentava obrigar-se a pensar em seu livro, mas sua mente voltava por seus roteiros.

Obviamente, Luke e sua mulher tinham estado separados por culpa do trabalho do Ingrid. Mediante algumas discretas indagações, Joce averiguou que, por isso se sabia, Luke levava sem ver sua esposa perto de um ano quando se apresentou naquela espantosa festa.

Fora qual fora a causa da separação e o tempo que tivesse durado, não era assunto do Joce. Luke Connor era somente um homem ao que tinha tratado uns quantos dias e com o que tinha mantido várias conversações. Isso era tudo. Havia tornado com sua esposa e certamente era completamente feliz. Duvidava que se lembrasse dela sequer.

Um ruído a sua direita fez olhar para a porta. Alguém tinha deslizado uma sobre de cor nata por debaixo desta. levantou-se, recolheu o sobre e viu que levava seu nome escrito. Continha um convite a comer do doutor David Aldredge.

—David Aldredge —disse em voz alta—. O primeiro amor do Edi.

Era provavelmente o homem ao que mais desejava conhecer do mundo. O tinham famoso na festa do Viv, mas não tinham tido ocasião de falar. Da festa não tinha tido valor para ficar em contato com ele. O certo era que tinha feito um esforço por se manter-se separada da gente do Edilean. Perguntavam muito. Queriam saber o que tinha passado entre ela e Ramsey, e inclusive perguntavam sobre o Joce e Luke.

—Pareciam bons amigos —diziam, e logo esperavam a que Jocelyn lhes contasse todos os detalhes de sua vida privada. Ela se limitava a sorrir e se afastava.

Mas agora David Aldredge queria encontrar-se com ela. Sua direção de correio eletrônico constava na nota e, cinco minutos depois, ela tinha aceito.

Ao dia seguinte, no Williamsburg, quando chegou a casa do doutor Aldredge, ao princípio lhe surpreendeu que fora pequena e estivesse muito perto da moradia contígua. Possivelmente, ao ter acontecido tanto tempo no Edilean e no Williamsburg, esperava algo mais antigo, com mais historia.

Chamou o timbre e tentou acalmar-se enquanto esperava a que abrissem a porta. Estaria zangado com ela por jogar a seu neto de casa? Ou estava mais interessado no passado longínquo? Teria que escutar alguma espantosa história sobre o que Edi lhe tinha feito e pelo que se colocou na cama de outra

mulher? Tinha perto de noventa anos. Iria em cadeira de rodas, com um tubo de oxigênio no nariz?

Quando abriu a porta apareceu um arrumado homem de cabelo cinza, Jocelyn esteve a ponto de lhe dizer que tinha ido ver seu pai.

—É você o David... do Edi? —perguntou-lhe, sem dissimular quão surpreendida estava por seu aspecto.

Lhe dedicou um deslumbrante sorriso e disse:

—Acaba de me alegrar o dia. Não, mas bem a semana. Estou impaciente por lhe falar de ti ao Jim.

Jocelyn Rio.

—Tinham-me falado do ciúmes do avô, doutor Aldredge, mas não sabia que se transmitiam de geração em geração.

—OH sim. transmitem-se aos descendentes... e aos ascendentes. Não quero nem pensar o que aconteceria Luke tivesse um filho. —E ao dizê-lo-a olhou de cima abaixo.

—Devo tomar esse olhar como um test de fertilidade? —espetou-lhe Jocelyn.

David piscou um momento e depois sorriu.

—Jim me disse que tinha você um fino senso de humor, mas acredito que ficou curto. Não quer entrar? Minha mulher se esfumou toda a tarde, assim temos intimidade para falar. Por certo, me chame Dave ou, como os do povo, doutor Dave.

Logo que Joce pôs um pé dentro da casa soube por que a tinha comprado David. Toda a parte frontal era de cristaleiras e dava a um pequeno porto precioso, que parecia saído de um conto, com navios de pesca, barcos a motor e os embarcaderos que entravam no rio James.

—Caray! —foi o único que pôde dizer.

—nós gostamos de —disse o doutor Dave, obviamente agradado de que ela o encontrasse formoso.

A planta baixa da casa era uma habitação diáfana, com zona de estar, de café da manhã e cozinha sem divisões. A um lado havia um comilão transformado em salita para ver a televisão e biblioteca. O alpendre dianteiro, acristalado e com cómodos móveis de vime, era pelo que parecia a zona a que mais uso davam.

Soube que não tinha errado em sua hipótese quando viu uma mesa preparada para dois no alpendre. Os pratos faziam jogo com os guardanapos e as toalhas individuais, assim deduziu que alguém se tomou algumas moléstias,

—Teria que ter perguntado que comida prefere mas...

—Luke lhe contou isso tudo de mim —disse ela.

—Não. —O médico a olhou surpreso—. Meu neto certamente me atiçaria na cabeça com um de meus paus de golfe se soubesse que te convidei a vir. Está convencido de que pode resolver todos seus problemas por si mesmo.

—E você não o crie?

—Eu não acredito que ninguém possa resolver seus problemas sozinho. E você que pensa?

—Eu não sei —respondeu com cautela—. Nunca me tinha exposto isso até agora, mas suponho que não. Cresci muito unida à senhorita Edi e ela me ajudou a resolver todos os problemas que tive.

—Ah, claro. Agora, vamos a isso —disse o doutor Dave levantando a tampa de uma grande sopeira que havia no centro da mesa—. Você gosta da vichyssoise?

—Eu gosto, mas solo a que está feita com batatas de cultivo ecológico. Ao médico lhe escapou uma risita.

—passaste uma temporadita com o Ellie...

—Não, com sua filha e o resto de parental. —Ao pensar na Sara, não pôde evitar ficar tinta.

—Assim Sara tem um novo noivo, né? São um poquito ruidosos, não? Jocelyn tomou uma colherada de sopa. Estava deliciosa.

—Jim lhe pôs fim.

—Minha mulher me contou isso e me jogou da habitação quando comecei a rir. Jim sempre foi um pouco dissimulado. Não compreendo por que minha filha se casou com ele.

Joce sabia que estava brincando, mas não gostou do comentário. Jim Connor tinha sido muito bom com ela.

—Talvez porque é um homem que se preocupa com a gente e a cuida e sempre está disponível para ajudar onde lhe necessite.

—Já vejo —disse o médico, sentando-se e tomando uma colherada de sopa—. De tal pau, tal lasca.

—O que significa isso?

—Que Luke e seu pai são muito parecidos. Por isso meu neto se levava tão bem com seu outro avô. Eu oferecia uma viagem ao Disney World e Joe passar dois dias em um navio fedorento. Eu sempre perdia.

—Decepcionou-lhe que Luke não estudasse medicina? —perguntou ela.

—por que? Não —disse Dave, como se nunca lhe tivesse ocorrido essa idéia. levantou-se para ir tirar uns pãozinhos do forno—. Mary Alice me arrancará a pele a tiras se me esquece isto. Solo Henry, o pai da Sara, quis ser médico. O resto fez o que quis.

Jocelyn partiu um pãozinho, lubrificou-o de manteiga e provou um bocado.

—Então, que ocorreu entre você e a senhorita Edi?

—A gente não sabe, mas rompemos antes de ir à guerra.

Jocelyn o olhou perplexa.

—Mas eu acreditava...

—Todo mundo acreditava que nos casaríamos, inclusive nós. O pedi, disse que sim e lhe pus o anel no dedo. Mas umas semanas mais tarde bombardearam Pearl Harbor e tudo trocou.

—Ou talvez as coisas trocassem pelo que ocorreu antes, aquele mesmo ano.

Esta vez foi David quem se surpreendeu.

—Vejo que indagaste.

—Sei que Alexander McDowell manteve ao Edi quando se aposentou, e suponho que seu dinheiro pagou meus estudos universitários. por que ia fazer algo assim?

—Quer um pouco mais de sopa?

—eu adoraria.

—Também tenho sanduíches. Pepino, atum, salada de frango e salada de ovo. te sirva você mesma —disse, deixando uma bandeja grande na mesa.

—De acordo. —Jocelyn lhe fincou o dente a um sanduíche de atum—. Ocorreu algo no Edilean na época do ataque ao Pearl Harbor, em sete de dezembro de 1941, e, por essa causa, um montão de coisas trocaram.

—Por favor me diga que não vais escavar até descobrir o que aconteceu.

—Sinto-o mas o farei.

O médico suspirou.

—Os jovens sempre querem inteirar-se dos segredos de família.

—Querem que os conte a gente que já sabe —disse Jocelyn.

—O doutor Dave Rio entre dentes.

—Sabia que fazia bem lhe pedindo a Mary Alice que nos trouxesse um bolo de chocolate do The Trellis.

—Quer dizer uma bomba dessas de nove capas de chocolate? Não são um mito urbano?

—São reais, e tenho um. Agora me diga, o que é o que mais te interessa saber?

—Neste momento estou intrigada por 1944.

—A história do Edi. —O doutor Dave retirou as terrinas vazias da mesa, lhe indicando ao Jocelyn com um gesto que não se movesse de onde estava—. Assim leíste a história que dava ao Luke.

—Algo assim. Em realidade, Luke me leu isso.

Dave deixou os pratos na ilhota da cozinha e se voltou devagar para ela.

—O que quer dizer com isso de que lhe leu isso?

Joce se levantou e se passeou olhando os quadros das paredes. A menos que se equivocasse, eram obras originais procedentes de diversas partes dos Estados Unidos.

—Porque estava assando os pastelitos para essa... essa festa, e ele me leu isso. —Custou-lhe tanto pronunciar a palavra que teve que tomar ar um par de vezes. Desde onde tinha tirado Bell? Desde Melam, de Londres, de Paris? Solo para lhe arruinar ao Jocelyn a primeira incursão social na comunidade que agora era a sua. Entre a carga de trabalho da festa e a odiosa cena do Bell, Joce não tinha podido falar com ninguém sobre o Edie aquele dia, apesar de que tinha sido seu principal objetivo. Esse e ganhar dinheiro.

—Quem mais havia com vós? —perguntou o doutor Dave.

—Estávamos sozinhos os dois —disse Joce. Depois lhe olhou carrancuda—. Não terá estado a gente dizendo que Luke e eu...

—Não, não ouvi nada, e isso que graças ao correio eletrónico, as mensagens de texto e o telefone, minha mulher e eu nos inteiramos de tudo o que ocorre nesta cidade. Assim que você e meu neto estavam sozinhos em sua casa, você assando bolachas e ele te lendo.

—Sim —disse ela, perplexa—. Há algo que me escapa? vulnerarei algum tabu do Sul? Sara continua me chamando ianque, e Tess... Bem, quem sabe o que pensa Tess?

—Não —lhe disse com doçura Dave—. Não fez nada incorreto. É que é um aspecto de meu neto que desconhecia. É um solitário.

—Um solitário? —disse Joce—. Está casado. Esqueceste-o?

O doutor Dave se tomou seu tempo para levantar a tampa do pé para bolos. Debaixo estava o fantástico bolo de chocolate.

—Você não gostaria de inteirar-se da verdade sobre o matrimônio do Luke?

—Não é meu assunto —repôs Joce com tensão—. Sei que reagi de uma forma exagerada quando me inteirei e, dado o estado de meu jardim nestes momentos, deveria ter mantido a boca fechada. Mas houve mais traição nos últimos meses do que posso suportar. Inclusive se não lhes interessa mais que como amiga, os homens casados não revistam sentar-se em sua cozinha uma noite atrás de outra Y... —Inspirou profundamente—. O que seja. Por acaso não te faz falta trabalho como cortador de grama, verdade? Pagamos com pastelitos.

—Não —disse o doutor Dave sorrindo—. Noite detrás noite, né? —Deu-lhe um prato com uma parte de bolo de sete centímetros e meio de grossura—. Talvez te dure o que demorarei para te explicar o matrimônio de meu neto.

—Sabe ele que lhe diz estas coisas às pessoas?

—Luke não sabe nenhuma palavra do que vou contar te.

—Ah, então vale —disse ela, e se meteu na boca a primeira colherada do delicioso bolo—. Sou toda ouvidos.

—Luke vivia e trabalhava em... —Dave fez um gesto com a mão—. No Norte, dá igual onde. O que importa é que conheceu uma alta, flacucha e bonita garçonete e uma coisa levou a outra. Seis semanas depois, lhe disse que estava grávida. A história não tem nada de novo, verdade?

—É a mais velha do mundo —conveio Jocelyn.

—A diferença é que meu neto se implicou. Luke o Bom. Luke o Honorável. casou-se com ela. Disse-me que a garota gostava e que o amor chegaria. E, o mais importante, disse que não ia abandonar ao menino que ela esperava. —Olhou sua ração de bolo—. Eu fui o único que teve o valor de lhe sugerir que esperasse e que se fizesse uma prova de paternidade. —Olhou de novo ao Jocelyn—. Luke esteve a ponto de não querer voltar para ver-me. Eu o digo brincando, mas me dói. —Fez uma pausa—. De todos os modos, depois das bodas passaram a lua de mel em Nova Iorque. Ali queria ir Ingrid, e Luke fizesse algo pela mulher que estava grávida de seu filho. Solo levavam ali um dia quando um fotógrafo deu ao Ingrid seu cartão e lhe pediu que fora a fazer-se algumas fotos. Ingrid pensou que era uma brincadeira, mas Luke tomou a sério e a animou a ir. É obvio a acompanhou à sessão fotográfica. —Fez uma pausa para tomar um bocado de bolo—. As fotos saíram tão bem que o fotógrafo lhes pediu permissão para as ensinar. Total, que Luke e Ingrid acabaram ficando em Nova Iorque duas semanas. Em resumo, Ingrid se tinha feito famosa da noite para o dia. Já sabe como vai isto. Querem a garotas o mais jovens possível.

—Sei mais do que quisesse do mundo da moda —disse Jocelyn.

—Luke tinha que voltar para seu trabalho, mas Ingrid lhe rogava que ficasse com ela. Acredito que Luke pensou que todo aquilo não ia realmente a sério, que algum dia ela ensinaria as fotos de modelo a seus filhos.

—E ela não quis voltar com ele?

O doutor Dave cravou o garfo no bolo.

—Não, oxalá. Pode que seja estúpida mas, quando lhe convém, é muito lista. Fez as malas e disse que se ia com ele, que lhe queria o suficiente para renunciar a tudo por ele. Somente queria fazer um último trabalho. Luke, é obvio, consentiu. Como ia negar se? Assim que ela foi sozinha à última sessão de fotos enquanto Luke ficava no hotel e trocava os bilhetes de volta.

»Quando voltou a vê-la foi no hospital. Tinha perdido o bebê e dizia que era tão desgraçada que queria matar-se. É obvio, Luke não podia deixá-la sozinha, e estava tão mal que não a podia subir a um avião.

—O que aconteceu? —perguntou Joce.

—Ao final, Luke ficou em Nova Iorque com ela. Vivia e trabalhava na cidade.

—Fazia de jardineiro em Nova Iorque?

—Meu neto sabe fazer um montão de coisas mas, faça o que faça, detesta fazê-lo em uma cidade. Viveram juntos uns dezoito meses. Depois, um dia, por acaso, Luke se inteirou de que Ingrid não tinha abortado espontaneamente. Seu último «trabalho» em Nova Iorque tinha sido ir abortar.

—Luke teve que sentir-se... —Joce não tinha palavras para expressá-lo.

—Estava desolado pelo bebê, pela perda de... de tudo em sua vida. Retornou ao Edilean e começou a agarrar trabalhos de jardinagem. Seu avô paterno lhe tinha deixado uma velha casa e a reformou. Depois se dedicou ao Edilean Manor. —Olhou ao Jocelyn—. Até onde eu sei, meu neto levava sem saber nada do Ingrid quase dois anos.

—por que não se divorciam?

—Se ela preenchesse os papéis, estou seguro de que Luke seria feliz de assiná-los, mas não é o tipo de homem que apresenta a uma mulher os papéis do divórcio.

—Mas agora estão juntos outra vez.

—Posso confiar em ti?

—Quer saber se contarei a toda a cidade o que me diga?

—Exatamente, isso quero saber. Às vezes é bom estar rodeado de gente que conhece de toda a vida, mas outras é espantoso. Desde o começo Luke evitou falar com ninguém de seu desastroso matrimônio. Acredito que ficou simplesmente mudo por haver-se apaixonado por uma pessoa tão... —encolheu-se de ombros.

—Desalmada? Egoísta? Sei como é. convivi com dois dessas.

—O que não sabe é como sou eu.

—Refere a sua relação com a Mary Alice Welsch?

Dave sorriu e lhe pareceu ver o Luke com quarenta anos mais.

—Não, não refiro a isso. Refiro-me a que contratei a um detetive privado para que investigasse o tão oportuno aborto do Ingrid. Levou-lhe meses encontrar a clínica aonde abortou e logo me assegurei de que meu neto encontrasse os papéis «por acaso».

—Se Luke se inteirou de que fez isso... —Joce suspirou.

—Suponho que te dá conta da confiança que estou depositando em ti.

Ela se apoiou no respaldo da cadeira.

—Está-me contando isto porque encontraste algo mais, não é assim?

—Sim. —levantou-se, abriu uma gaveta de uma mesa, extraiu uma grossa pasta e tirou dela um grande sobre—. Ontem recebi isto do mesmo detetive que averiguou o do aborto. Explica por que tornou Ingrid.

Ela agarrou o sobre, mas não o abriu.

—Espero que não me esteja pedindo que lhe diga o que seja que ponha aqui.

—Não, não. Tudo sairá nos periódicos bastante logo. O que quero dizer é que o tempo que passou Luke contigo... —Levantou a mão quando ela foi falar—. Sim, sei que solo foram uns dias, mas não lhe tinha visto tão feliz em anos. Inclusive jogou comigo ao golfe.

—Você sabe que aborrece o golfe, verdade?

—Sim. —Dave soltou uma risita—. E joga fatal.

—Então, por que...?

—É que Luke acostumava a passar muito tempo com seu outro avô, assim que minha pequena vingança... OH, dá no mesmo, vejamos. —Tirou um montão de papéis amarelados da pasta e ao Joce lhe iluminaram os olhos—. Sabe o que é?

Como uma cobra hipnotizada pelo som de uma flauta, ela se inclinou para os papéis, disposta a agarrá-los.

O doutor Dave os apartou e voltou a colocá-los na pasta.

—Se conseguir que meu neto volte a sorrir, dou-te a segunda parte.

—Tem-nos lido? —Sua voz era um sussurro.

—Ah, sim! Eu gosto sobre tudo quando derrapam e o carro, de barriga para baixo, cai em um rio. Edi tem que... OH, bom, não acredito que te interesse.

—Sim que me interessa, mas...

—Mas o que?

—Ramsey. Joguei-os aos dois, a ele e ao Luke.

—É curioso que mencione ao Ramsey, porque há novos casos em Massachusetts e parece que vão durar semanas.

—Meu deus! —Estava horrorizada—. Você lhe enviou ali, não é certo? Realmente estou sendo utilizada como um objeto. Quer-me para seu neto, verdade?

—Sou muito velho para pensar em um futuro tão longínquo. Agora mesmo quero fazer quanto esteja em minha mão para apartar a meu neto dessa ambiciosa pequena buscadora de ouro com a que se casou. E quero que acrescente estas histórias ao livro que está escrevendo sobre o Edi.

—Como sabe...? Dá igual.

—O mensageiro de Correios —disse ele—. Os remetentes, uma busca em Internet e foi fácil deduzir o que estava fazendo.

—Juro que não entendo por que Edi queria ir-se desta cidade —disse ela com sarcasmo.

—Por isso ouvi, encaixa bem nela. Você gosta que a gente saiba quem é e viver na Grande Casa.

—Que classe de médico é? Psiquiatra?

—Médico de cabeceira —disse ele, procurando na pasta.

—Por favor, me diga que não tem nada mais para ler. Uns novos Cilindros do mar Morto, possivelmente?

—Melhor ainda. Ah, aqui está! É a receita do guisado de frango de minha filha.

—Guisado de frango?

—Isso. Prepara-o, congela-o e ten a ponto. Quando conseguir que Luke se sinta tão desgraçado que volte a cavar fossas em seu jardim, poderá alimentá-lo.

—O que faz é arejar o terreno... por que me olha assim?

—Lhe sente falta de, verdade?

—Em realidade, estive tão ocupada que não tive tempo sequer... — Calou ao ver que ele estava sorrindo—. Sabe uma coisa? É tão incordioso como ele.

—Me tomo como um completo. Recorda: congela o guisado e ten a ponto.

Capítulo 16

Jocelyn despertou tarde à manhã seguinte. Entre as histórias do doutor Dave e o bolo de chocolate, tinha estado amodorrada o resto do dia e a tinha vencido o sonho logo.

Opunha-se a algumas costure que havia dito o médico apesar de saber que tinha razão. Sentia falta da o Luke...e se alegrava tanto de saber que era desventurado!

tomou banho, vestiu-se e logo olhou o sobre que o doutor Dave lhe tinha dado no dia anterior. Tinha lido seu conteúdo a noite anterior, na cama, e nenhuma só palavra a tinha surpreso o mais mínimo. Ingrid tinha tido uma aventura com um rico mestre casado de Nova Iorque e alguns jornalistas se inteiraram. Se a esposa o descobria e pedia o divórcio, ele o perderia tudo, porque o dinheiro era da mulher e tinha assinado um contrato prematrimonial que não era muco de peru.

Ingrid havia tornado com seu marido com a esperança de que o rico amante de Nova Iorque acalmasse a sua rica e zangada esposa.

—Pobre Luke —disse Jocelyn, recolhendo o cabelo em uma rabo-de-cavalo, sem poder apagar o sorriso de sua cara. Dizia-o mas não sentia que Luke fora um pobre homem absolutamente. Talvez a visitasse, talvez pudesse...

ficou quieta porque lhe pareceu ouvir algo fora, possivelmente um caminhão. Mas quando olhou pela janela, viu que se tratava do Greg, o noivo da Sara. Não cabia dúvida de que foram trabalhar na loja de roupas. Por isso Sara lhes havia dito dele, parecia ter uma conta bancária sem limite, porque tinha comprado a loja de móveis usados da esquina do McDowell com o Lairdton.

Joce olhou a Sara e Greg da janela de sua habitação, e teve que fazer um esforço para não invejá-los. Não tinha sido uma idiota? A sua chegada ao povo dois

homens tinham entrado em sua vida. Tinha-os jogado aos dois e não tinham feito nenhum esforço para recuperar seu favor.

—Muito para um «noivado apaixonado» —comentou em voz alta.

Abaixo, a cozinha estava vazia. Era segunda-feira pela manhã e Tess não estava preparando o catering de nenhuma festa. Joice não sabia como as arrumava para trabalhar a jornada completa e servir a comida de até quatro festas os fins de semana. É obvio, Jim a ajudava; mas apesar de tudo era muito trabalho.

Joice tomou um pouco de leite com uma madalena integral e logo ficou a trabalhar, apesar de que seu trabalho era cada vez mais lhe frustrar. Esteve tentada de escrever um correio eletrônico ao Bill Austin para lhe pedir se podia visitá-lo e fazer fotocópias das cartas nas que seu avô falava da senhorita Edi. Levaria uma dessas fotocopadoras pequenas, para não ter que mover de lugar cartas. Prometeria-lhe que... Como lhe ocorria freqüentemente ultimamente, divagou sobre o que podia fazer, ou o que desejava, e constatou o fato de que o que fazia era dar-se contra um muro em sua biografia do Edi.

Recordou a história que o doutor Dave lhe tinha esfregado pelos narizes: um carro derrubado, um resgate. O que tinha ocorrido?

Voltou a subir ao piso de acima e agarrou a pequena fotografia emoldurada que tinha sido a posse mais apreciada do Edi. O dia de sua morte, Jocelyn a tinha pego disimuladamente da mesita de noite e a tinha metido debaixo da blusa. Naquele momento supunha que tudo que Edi possuía iria parar a obras de caridade, assim queria conservar aquela lembrança de seu amigo.

Recordava perfeitamente a primeira vez que lhe tinha perguntado ao Edi sobre o cabelo trancado. Tinha ao redor de dez anos e toda a curiosidade do mundo.

—Agora custa lhe entendê-lo havia dito Edi—. Hoje em dia há homens com o cabelo comprido até a cintura, mas então levavam os lados da cabeça barbeados a navalha. Entretanto, David não se cortou o cabelo desde fazia semanas, de modo que pude lhe agarrar uma mecha e trançá-lo com o meu.

—De que cor tinha os olhos? —tinha perguntado Joice, olhando a fotografia em branco e negro.

—Tão azuis como os teus —lhe tinha respondido Edi, sorrindo—. E tinha uma covinha no queixo, como você.

—Como o de minha mãe —havia dito Jocelyn.

—Os queixos como a teu som um rasgo hereditário.

—Meu avô dizia que seu queixo era como o nosso mas que seus outros quatro queixos o cobriam.

Edi tinha sorrido.

—Tivesse-me gostado de estar aqui então, e ter conhecido a sua mãe e a seus pais.

—Me alegro de que viesse a me resgatar. Sou como um desses pacientes teus queimados, solo que minhas cicatrizes são internas.

Edi tinha cuidadoso assombrada ao Jocelyn.

—Às vezes diz coisas tremendamente soube.

Como faziam freqüentemente, sorriram-se em perfeita sintonia.

Jocelyn levantou a vista da foto e se afastou de suas lembranças para olhar pela janela. Deixou a foto e se aproximou mais ao cristal. Viu o que lhe pareceu a parte traseira da caixa de uma caminhonete: a caminhonete do Luke. Tinha-a estacionado onde estava acostumado a trabalhar, no horta de ervas aromáticas.

Levantou-se devagar e olhou o que levava. Edi se tivesse horrorizado, mas os jeans eram novos. Os tinha vendido Sara, que os tinha conseguido em grandes quantidades. Também levava uma camisa rosa escuro. Era muito formal? Devia trocar-se? O que podia ficar? Um Top atado ao pescoço? Algo com lentejoulas e borlas?

Rendo-se de si mesmo, correu escada abaixo e foi à cozinha para sair pela porta traseira. antes de fazê-lo, entretanto, correu ao congelador, agarrou uma ração de guisado de frango e a meteu no microondas. «Assim estará a ponto», disse-se enquanto saía.

—Olá —saudou o Luke, que movia a terra a paletadas.

—Isto parece um desastre —lhe comentou ele—. Olhe os hierbajos que crescem aqui. Estão tão arraigados que terei que queimá-los.

—Com seu mau humor? —perguntou ela, muito séria.

—Com um lança-chamas —disse ele, ainda com o cenho franzido. Logo deixou a pá no chão e a olhou—. Estou casado, sinto não te haver perguntado se te parecia bem. Por alguma estúpida razão acreditava que era seu jardineiro, não seu noivo. Toda a cidade acreditava que tinha vindo aqui a te casar com o Ramsey. foram unir se finalmente as famílias McDowell e Harcourt.

»Não sabia que não pudesse falar contigo pelo fato de estar casado. Se necessitar que lhe recorde isso, isso é tudo o que fiz. Sinto muito, vivo só e algumas vezes me parece que todo mundo nesta cidade é de minha família. Assim do que podíamos falar? De nossa infância? De como nos banhávamos nus em seu lago?

»Assim podem me executar por falar com uma mulher que não era minha esposa. Algema a que, por certo, fazia tanto tempo que não tinha visto que apenas a reconheci.

»E agora todos estão zangados comigo. Meu pai está meio apaixonado por ti, minha mãe tão furiosa que não quis me convidar para jantar em toda a semana... assim estou a mercê do Ingrid e o microondas! A congregação enviou ao pastor a me dar um bate-papo sobre a infidelidade e a corrupção de menores: ao melhor se referia ao Ingrid, porque graças a quantidades enormes de botox, parece que tenha quatorze anos.

»Assim vim a cavar. Ninguém no povo me deixa me aproximar de seu jardim, mas eu preciso trabalhar a terra. Você molesta?

—Você gosta do guisado de frango?

—Guisado de frango? —perguntou-lhe ele, atônito.

—Com cenouras e molho Worcestershire. Tenho a receita de sua mãe.

—Joce levantou a mão—. Se começar a gritar, não comerá.

Luke tirou a pá da terra e a deixou na traseira da caminhonete.

—por que tenho a sensação de estar sendo vítima de um complô?

—Bem-vindo ao clube —disse Joce—. Seu avô me está utilizando para te afastar de... quero citá-lo com exatidão... «essa ambiciosa pequena buscadora de ouro com a que se casou». Sim, isso disse!

—Não deveria guardar o segredo do que te haja dito o avô?

—É possível ter segredos nesta cidade? —perguntou ela enquanto se aproximavam da casa—. Acreditava que havia uma lei que os proibia. Guardas um segredo e lhe metem no cárcere. Por outra parte, suas primos guardaram o segredo de que estava casado tão bem que nem sequer Tess sabia. ouvi que esteve lhe gritando tanto e tão alto ao Ramsey que tiveram que voltar a pintar o despacho.

Ele a olhou perplexo.

—Parece-me que leva vivendo muito tempo no Edilean.

—Mas você retornou de onde estivesse fazendo o que estivesse fazendo... —Joce olhou a seu redor, se por acaso havia alguém perto. Depois baixou a voz—. No Norte.

—De que diabos está falando?

—Sabia que quando memorar tem um tic na sobrancelha direita?

—Não, é de fome.

—Seja do que seja, você e todos outros ocultastes um grande segredo sobre ti. E refiro a outro segredo, não ao feito de que esteja casado.

—Ao de que sou solteiro —disse ele abrindo a porta e sustentando-a para que passasse.

—Não me diga que por fim tiveste o valor de lhe pedir o divórcio.

—A anulação. Não passamos suficiente tempo juntos para chamá-lo matrimônio.

—E ela te enganou —lhe disse Joce com suavidade—. Pensava que te casava com uma classe de mulher e resultou ser outra coisa. —Evitou educadamente dizer a verdade: que tinha usado seu embaraço para obrigá-lo a casar-se com ela e logo tinha abortado.

—Sim —disse Luke—. Mas talvez deveria havê-lo tentado com mais afinco, talvez...

—Assim que ela retornou para ver se podiam voltar a tentá-lo?

—Mais ou menos.

Joce lhe ofereceu uma cerveja.

—E como vai?

Luke torceu a boca.

—Não muito bem. por que já não está furiosa comigo?

—Seu avô me disse que, se falava contigo, daria-nos a segunda parte da história do Edi.

—Essa é a única razão?

—A única. Como estou segura de que sabe, intento escrever um livro sobre o Edi, mas não encontro muita informação. Necessito essas histórias.

—Então, é sozinho por trabalho?

—Solo por trabalho —disse ela, mas estava sonriendo.

—Suponho que a história que quer ler deve ser muito romântica.

—É obvio. Quero me inteirar do que fez Edi. Sempre supus que era virgem.

—por que? Feriram seu David em suas partes?

—Não podia lhe perguntar isso. Lavaste-te as mãos?

—Não. É realmente o guisado de frango de minha mãe? —perguntou-lhe, lavando-lhe Luke estaba apoyado en el fregadero con la cerveza en la mano. La dejó y se le acercó sin decir palabra.

—É-o se realmente segue esta receita, mas talvez omitiu algum ingrediente secreto. Talvez teria que lhe haver posto algumas floresça de borraja.

—Está-te fartando dos pastelitos?

Joce pôs os olhos em branco.

—Seu pai e Tess estão falando de abrir uma confeitaria no povo. Entre a loja de roupas exclusiva da Sara e a confeitaria do Tess, Edilean, vai se converter no Soho.

—É uma piada muita pouco graciosa.

—Talvez as Astras e Ingrid poderiam fazer algumas faça a sessão fotográficas aqui, posando lânguidamente na traseira de sua caminhonete com um Armani. Seria um grande cenário. por que me olha assim?

—Pode deixar ao Ingrid em paz? acabou-se.

—Não, não se acabou. Ainda está casado até que tenha um papel que diga o contrário.

—Importa-te? —perguntou ele.

—Não, é obvio que não. —Tirou o guisado de frango do microondas com uma manopla e o serve em um prato.

—Beijou alguma vez ao Ramsey?

—Diria que isso não é teu assunto —disse Joce.

—Tenho meus motivos para perguntá-lo.

—Sim, lhe beijei pelo menos um milhar de vezes e foi uma magnífica experiência.

Luke estava apoiado na pia com a cerveja na mão. Deixou-a e lhe aproximou sem dizer uma palavra.

—Deixa que agarre uns pratos Y...

Luke lhe levantou o queixo e a beijou. Foi um beijo doce e suave, mas ao Jocelyn fraquejaram as pernas e, quando ele se apartou, tinha o coração desbocado e desejava lhe rodear o pescoço e continuar beijando-o.

—Entende-o agora? —perguntou-lhe ele, afastando-se.

—Se entender o que?

—O que há entre você e eu. por que meu avô te convidou a comer a sua casa. por que enviaram ao Ramsey fora da cidade. por que Ingrid retornou a minha vida.

—Quer estar com ela?

—Preciso me separar legalmente dela. Que continue com suas próprias batalhas com o peixe gordo de Nova Iorque.

—Sabe algo dele?

—Acreditava que pensava que ela havia tornado comigo por um desamor? Casei-me com ela porque estava grávida de meu filho e ela... —Tinha o olhar perdido—. Não quero reviver isso. logo que no MAW arrumem a papelada, anulará-se o matrimônio e vou iniciar um «apaixonado noivado».

—Apaixonado, né? —perguntou ela, rendo—. E como vai começar? —disse caminhando para ele.

—Começaremos por não nos tocar até que já não esteja casado. E até que não te assegure de que não sou como seu pai.

—O que?

—Você disse que era como seu pai.

—Sei —disse Joce, apartando-se dele—. Mas...

—Não há mas que valha. Começaremos de novo. Que arteiro plano urdiram você e meu avô para me obrigar a fazer o que ele quer que faça?

—Primeiro, tem que tomar classes de golfe —disse ela lhe servindo uma enorme ração de guisado de frango e verduras em um prato.

—Como? —perguntou Luke, horrorizado.

—Solo umas quantas, vinte ou assim. Logo nos entregará a segunda parte da história.

—E o que tem que fazer você?

—Passar a inspeção de todos seus parentes. Convencer ao povo de que sou digna da casa que crie dela. Estar à altura da senhorita Edi. Ser...

—De acordo, o safado. E como pensa fazê-lo?

—Você o que crie?

Olhou-a com tanto desejo que Jocelyn notou um sufoco.

—O que está passando? —perguntou Tess da entrada—. Pretendem fazer a competência a Sara? Tomem cuidado com os arranhões dos tapetes e com as lascas.

—Está falando do que acredito que está falando? —perguntou Luke, muito dissimulado.

—Imagine o que queira —disse Tess, sonriéndole ao Jocelyn.

—Necessita a cozinha? —perguntou-lhe Joce. Luke se tinha comido sozinho meia ração.

—Não —disse Tess— Venho a lhes dar um presente.

—E quem sabe que estamos juntos na cozinha? —perguntou Joce.

—Sabem todos os que viram ao Luke em sua caminhonete dirigindo-se para aqui.

—O que significa que sabe todo o povo —disse Luke, que pelo visto já o supunha.

—E que presente é? —perguntou Joce.

—Ah... sim. —Tess saiu ao vestíbulo um momento e retornou com uma grande cesta de pícnic com um laço na asa.

—É tua coisa e do Jim? —perguntou Joce sorrindo.

—por que ia ser nossa coisa? —perguntou Tess.

—Porque os dois usam sua cozinha, ela corre com todos os gastos e você e o agarrado de meu pai ficam com os benefícios —sentenciou Luke.

—Ah, por isso! —Tess se encolheu de ombros—. Mas não, é do doutor Dave. —Pôs a mão no respaldo da cadeira do Luke—. Como é que Jim e seu sogro não se suportam? Se Jim for um encanto. Não o entendo... —Fez uma pausa e deu um tapinha ao Luke nas costas—. Está bem?

—Ninguém tinha chamado nunca a seu pai «encanto» —disse Jocelyn—. Luke e sua mãe se aliam contra o pobre homem.

Luke grunhiu e seguiu comendo.

—Meu avô...

Um segundo depois, Luke e Jocelyn se olharam. Acabavam de cair na conta de quem tinha enviado a cesta de pícnic. Imediatamente se equilibraram sobre o Tess. Luke se levantou tão rápido que derrubou a cadeira.

A pobre Tess abriu uns olhos como pratos e foi correndo para a porta de entrada.

—A cesta! —gritou-lhe Jocelyn—. Deixa-a!

Tess se agachou para deixá-la no chão e, sem deixar de correr, saiu dando uma portada.

Joce e Luke esvaziaram a cesta a duas mãos. Tiraram pacotes de queijo, uma barra de pão francês, recipientes de salada e um recipiente térmico. No fundo,

dentro de uma bolsa de plástico, estavam as amareladas folhas que Joce tinha visto em casa do doutor Dave.

Ela e Luke as agarraram ao mesmo tempo e logo se olharam.

—Temos que ser sensatos com isto —disse Luke.

—Estou de acordo —disse Joce, sacudindo a cabeça afirmativamente mas sem soltar as páginas.

—A comida fora. Você os, eu cavo.

—Perfeito —disse ela, sujeitando as páginas com uma mão e colocando de novo a comida na cesta com a outra.

Quando tudo esteve em seu sítio, Luke a olhou entreabrindo as pálpebras.

—Tem que as soltar —disse.

—Não, você tem que as soltar.

—Vejam, quando vais terminar seu livro? —perguntou-lhe Luke, lhe dando conversação, como se tivesse intenção de ficar ali todo o dia sem soltar o manuscrito.

—Assim que me solte e possamos ler isto!

Luke não pôde reprimir um sorriso.

—De acordo, mas não te afaste de minha vista —lhe disse, soltando as folhas.

—Acredito que poderei suportá-lo —disse ela lhe sugiram.

Luke sorriu de brinca a orelha, agarrou a cesta, cruzou a cozinha e se fez com o prato de guisado de sua mãe que não se terminou.

Dez minutos depois estavam fora, com a comida pulverizada a seu redor. Luke se sentou em uma ponta da toalha vermelha e branca que seu avô tinha incluído no pícnic e comeu enquanto Joce abria reverentemente as velhas páginas.

—Está preparado? —perguntou-lhe.

Ele afirmou com a cabeça.

—Deixa de falar e lê!

Jocelyn baixou a vista para as páginas e começou.

Capítulo 17

Londres, 1944

—Senhor, com todos os respeitos, declino esta missão —disse Edí, com o olhar à frente e as costas reta, de pé, diante do escritório do general Austin.

—Harcourt —disse ele com paciente intolerância—, isto é uma guerra e você vai fazer o que lhe mande, como todos. Se mando dois soldados a casa do

doutor Jellicoe, a gente os verá e suspeitarão dele. portanto, quero que você, uma mulher, vá com minha chofer e entregue esta revista ao doutor Jellie. Expliquei-me com suficiente clareza?

—Perfeitamente —disse Edi—. Mas não estou de acordo com a pessoa a que envia. Uma das outras mulheres, Delores talvez, levaria a cabo esta tarefa melhor que eu.

—Delores é tola. Bastaria com que cravassem uma roda para que ficasse histérica. Necessito a alguém que não perca os nervos em uma situação de estresse.

—Poderia lhe enviar a revista por correio.

O general Austin se arrellanó e juntou as mãos.

—por que se opõe exatamente a esta missão em particular? Tem medo? É você muito covarde para fazer algo que nossos moços fazem diariamente?

Edi não respondeu. Tinha demonstrado sua valentia em cada bombardeio. Sempre era a última em ir ao refúgio porque antes se assegurava de que todas as outras mulheres do escritório estivessem a salvo.

—Qual é o motivo? —ladrou o general Austin.

—Possivelmente, senhor, poderia me enviar com outro chofer, ou poderia ir por minha conta. Você sabe que freqüentemente viajo sozinha pela campina inglesa.

—Outro chofer? Está-me dizendo que põe reparos a esta missão porque não gosta do sargento Clare?

Edi calou de novo.

O general Austin se levantou, foi até a janela e logo se voltou e a olhou como se não pudesse acreditar o que ela acabava de dizer.

—Não gosta, Harcourt? você crie que a todos esses homens daí fora que se enfrentam ao fogo inimigo gritando «Melhor que Austin» gostam de eu? Maldita seja! Não gosta nem a minha mulher! Não acredito que gostar ou desgostar tenha capacidade em uma guerra. —Gritava tanto que era um milagre que os cristais não se rompessem.

—Não, senhor —disse Edi.

—De acordo, Harcourt. Faça a bagagem para uma noite e fique um vestido bonito. É você uma garota que sai ao campo com seu noivo soldado. Parará a ver um velho amigo de um amigo, o doutor Sebastian Jellicoe, e lhe dará uma revista. Esta não será a história que correrá por aqui, mas é o que vai você a fazer. Tem alguma pergunta? Há algo que não lhe agrade desta missão?

Edi não ia deixar se intimidar. Seguiu em postura de firmes mas, quando falou, foi dizer:

—Sim, senhor, tenho uma pergunta. Do que se trata em realidade?

O general Austin se tomou um momento para responder.

—Em circunstâncias normais não o diria, mas o doutor Jellie é um professor retirado, de Oxford acredito, e sabe mais que ninguém neste mundo de vocabulário. Enviamo-lhe documentos secretos que precisamos decifrar. O problema é que acreditam que pode ter sido descoberto. O professor é bom interpretando o papel de ancião avoadado muito senil inclusive para dar-se conta de que estamos em guerra, mas alguém tem descoberto o engano e tememos por sua vida. A revista leva uma mensagem cifrada. Ele saberá que é meu. Diz que se vá com você e Clare. logo que vocês dois o tragam aqui, enviaremos ao Jellie aos Estados Unidos. Responde isto a sua pergunta? Acredita que Delores poderia fazê-lo?

—Sim, o entendo senhor, e Delores não seria de utilidade.

—Muito bem, agora vá. Clare a recolherá amanhã pela manhã às nove. Esteja aqui às sete e lhe darei mais instruções.

Quinze minutos mais tarde, Edi estava em seu diminuto apartamento fazendo a mala. Ao dia seguinte planejava levar um vestido de corte tão sério que, em comparação, o uniforme pareceria desenvolto. As outras mulheres falavam constantemente de tirá-los rígidos uniformize e ficar vestidos bonitos, mas Edi opinava que os homens não necessitavam que os animassem, assim ia bem tampada.

Tinha alguns vestidos bonitos, mas não pensava ficar os até que ela e o odioso sargento Clare estivessem fora da vista dos soldados.

depois de colocar os vestidos e a roupa interior em uma pequena mala já estava lista para ir-se. Se passava por cima o fato de que ia compartilhar a missão com o detestável David Clare, Edi tinha que admitir que lhe resultava... bom, excitante. Sair desse escritório cheia de fumaça, longe do eterno mau humor do general... Ir-se ao campo, ver árvores. Quase o estava desejando.

Em seus escassos dias livres não fazia como as outras garotas, que corriam ao sítio mais próximo onde vendessem bebidas e houvesse música alta. Não, Edi procurava alguém que a levasse e se ia à campina inglesa a passar o dia. Ou, se tinha a sorte de livrar do general, ficava vários dias fora. Passeava, sentava-se sob as árvores e contemplava as vacas pastar. Ver aquilo que tentavam preservar a ajudava a compreender por que liberavam uma guerra.

Tinha passado a noite em uma granja de vez em quando. Não tinha demorado para aprender a mentir dizendo que era viúva de guerra e que seu marido tinha sido inglês. A gente era suspicaz com uma formosa mulher americana que viajava sozinha; mas sendo uma viúva que queria ver o país de seu defunto marido, abria-lhe as portas e lhe brindava amigos. Quando retornava ao escritório do general Austin depois de passar um fim de semana fora, trazia uma lista de nomes que a gente lhe tinha dado. Queriam saber o paradeiro de seus filhos e filhas. Embora era ilegal, Edi utilizava sem sentir-se culpado os contatos do general Austin e seus créditos para fazer averiguações a respeito dos nomes de sua lista. A primeira vez

que se aproveitou irregularmente de sua proximidade a ele, o general Austin soube ao cabo de apenas uma hora o que estava fazendo. Nada lhe escapava. Mas se limitou a soprar, seu particular gesto de aprovação, e depois a carregou com mais trabalho. Era um pequeno preço em troca da possibilidade de ajudar a gente que tinha sido tão amável com ela. Em duas ocasiões que foi incapaz de encontrar aos filhos de seus conhecidos lhe deu os nomes ao general. Em ambos os casos ele averiguou seu paradeiro. A um jovem o tinham matado na Itália e o outro estava ferido em um hospital francês.

Quando acabou de fazer a mala, Edi ferveu um ovo, esquentou umas torradas no fogão elétrico de sua habitação e tentou ler os documentos que havia trazido do escritório. Mas seu pensamento voltava para a missão. Se o general Austin queria que fora com um homem, isso significava que o perigo era muito maior do que confessava.

—O que lhe tem feito ao resmungão de Austin para que o obrigue a levar isto? —perguntou- o médico ao David Clare apertando os parafusos de inserção na larga férula que lhe estava colocando na perna.

David estava sentado em uma mesa de operações, em camiseta e cueca, enquanto o médico lhe colocava uma espantosa braçadeira de aço em torno da perna esquerda.

—Não se inteirou que vou com o Harcourt?

O médico ficou com a boca aberta de assombro, depois a fechou.

—Não funcionará, nunca a conseguirá, sobre tudo levando isto.

David olhou as tiras de aço que envolviam sua perna e fez uma careta. Haviam-lhe dito que Austin era um bastardo, mas não se precaveu de até que ponto até essa manhã cedo. A noite anterior, um assistente lhe havia dito que tinha que levar ao Edilean Harcourt à campina inglesa. ia visitar a esposa de um amigo do general. Tinham matado a seu marido e o general queria lhe apresentar à viúva suas condolências pessoalmente... «Pessoalmente» mandando para isso a sua secretária.

—OH, espere! Hã-me dito que lhe entregue isto. —O ajudante lhe tinha tendido um sobre dos que revistam conter um convite.

—O que é? —tinha perguntado David.

—Não estou seguro, mas acredito que um convite para o baile de oficiais do mês que vem. Se retornar com vida, pode assistir. O ano passado a senhorita Harcourt levava um vestido azul elétrico que... —O homem tinha sacudido a cabeça para expressar-se—. Eu em seu lugar a guardaria bem; não poderá entrar sem convite.

—Guardarei-a como um tesouro —tinha assegurado David metendo-lhe debaixo da camisa.

David e Edi foram passar a noite fora e voltar para dia seguinte. David solo lhe pedia ao céu que aqueles dois dias fossem tão bons como a idéia que deles se feito.

Mas essa manhã um ajudante listillo lhe havia dito que tinha que apresentar-se ante o capitão Gilman, um médico, imediatamente. É obvio a essas alturas todo mundo em Londres e provavelmente meia a França sabia que o sargento Clare ia estar a sós com a senhorita Harcourt durante dois dias completos.

David teria que ter suposto que havia gato encerrado. O médico lhe havia dito que o general opinava que um soldado em perfeito estado físico viajando pelo país levantaria suspeitas. por que não estava no fronte?

—Poderia estar de licença —disse David—. Não lhe ocorreu isso ao general?

O médico o olhou incrédulo.

—Pretende você que lhe explique os segredos do pensamento de Austin o Bulldog?

O capitão tinha contínuo dizendo que o general Austin pensava que seria melhor que o sargento Clare parecesse incapacitado para lutar, assim tinha que lhe colocar na perna uma férula de aço, da parte superior da coxa até o tornozelo. No joelho levava uma dobradiça redonda de uns dez centímetros com uns estranhos parafusos que se podiam afrouxar ou apertar com uma chave Allen.

Dez minutos depois, David estava sobre a mesa de operações e o médico lhe estava ajustando a férula na perna.

—Não perca isto —lhe disse, lhe mostrando a pequena ferramenta em forma de «L»—. Se a perder, a única maneira de lhe tirar isto será com uma serra para metais.

Levava umas almofadinhas entre a pele e o aço, gastas e desfiadas, com a manta de algodão que me sobressaía em algumas partes.

—Não encontrou uma pior? —perguntou David—. Uma um pouco mais velha, um pouco mais feita pó.

—Não. —O médico sorriu torcidamente—. É quão pior tínhamos, da passada guerra.

—Da Guerra Civil ou da dos franceses e os índios?

—Da Guerra das Duas Rosas —disse um soldado inglês que passava por ali—. Provavelmente a forjaram à mão. Arrumado a que há cota de malha aí debaixo.

—Doarei-a a um de seus museus! —gritou-lhe David ao homem que se afastava—. Um desses que salvamos para vós!

Ouviu-se a risada do inglês ao longe.

—Bem —disse o médico—. Vejamos que tal caminha você com isto.

David se deu a volta na mesa e, com cuidado, pôs um pé no chão e logo o outro. Assim que deu um par de passos com a férula se deu conta de que era pior do que tinha pensado. Pesava, apertava-lhe e a dobradiça se dobrava sozinho a metade do que o fazia seu joelho.

—Que diabos...! —disse David levantando a perna rígida. Não podia dobrar o joelho mais que uns centímetros.

—Sinto-o —se desculpou o médico, mas estava sorrindo. Nenhum soldado se compadecia do homem que ia passar dois dias com a senhorita Harcourt. Inseriu a chave Allen nos três parafusos da dobradiça e os girou aproximadamente o meio centímetro, afrouxando-a. David pôde flexionar o joelho.

—Isto é um asco —disse David, tentando caminhar.

—Dê obrigado de que não a necessita realmente —disse uma voz a suas costas.

—Deus me libere dos santarrões! Quer ficar esta você costure? OH, perdão, reverendo! Não pretendia... —Não sabia como desculpar-se.

O reverendo sorria.

—Hão-me dito costure piores que «santarrão». Acredito que há um carro lhe esperando fora e uma jovem a que tem que ir recolher.

—Sim —resmungou David.

Amaldiçoava a férula e especialmente ao general Austin por obrigá-lo a levar aquele maldito artefato. Um dos homens disse que era como um cinturão de castidade: David tinha que levá-la para que o general estivesse seguro de que não tocaria a sua apreciada secretária.

Todos esperavam uma réplica mordaz do David, algo como que a perna não era a parte de seu corpo que planejava usar, mas não disse nada. Não queria dizer alguma inconveniência e que chegasse para ouvidos da senhorita Harcourt.

Foi impossível embutir-se nas calças de sua uniforme, assim que o médico lhe deu umas calças duas talhas maiores. Sujeitos com o cinturão, ficavam muito franzidos na cintura. «O ideal para causar boa impressão à mulher mais bonita do mundo», pensou.

David esteve a ponto de deprimir-se quando viu o carro que lhes tinha enviado o general. Era um velho Chrysler e, pelo som do motor, muito velho. perguntou-se se não o teriam fabricado o mesmo ano que a férula.

Custou-lhe vários intentos arrancá-lo. Desejou ter tido meio-dia para trabalhar no motor, mas não o tinha. Quando conseguiu arrancá-lo, comprovou que inclusive a direção estava mau. Para cúmulo, o carro era inglês, com o volante à direita, com o que tudo estava ao reverso de como ele estava acostumado. Em resumo, conduzir aquele carro era um perigo.

Lhe estava esperando de pé no meio-fio e pôde sentir os olhares dos homens sobre eles.

A senhorita Harcourt tinha um aspecto mais estirado que de costume incluso. recolheu-se o cabelo escuro e o levava tão tirante que quase parecia pintado. O traje de lã era tão rígido que parecia de madeira. A seus pés havia uma maletita marrom e agarrava a carteira de pele negra que levava a ombro como se de uma caixa forte cheia de jóias se tratasse.

—Bonito dia, não lhe parece, senhorita Harcourt? —disse ele, lhe abrindo a porta dianteira do passageiro.

Quando ela abriu a porta traseira e subiu ao carro, David ouviu uma gargalhada que parecia saída da garganta de cem homens, mas não olhou.

Era difícil conduzir com a larga férula na perna. Engrenar para trocar de marcha lhe doía. As almofadinhas já lhe tinham deslocado para um lado e o aço lhe roçava a pele. Se tivesse tido sentido comum, teria estacionado a um lado da estrada para colocar-lhe. Mas olhou à senhorita Harcourt pelo espelho retrovisor. Pela expressão daquela bonita cara, parecia pensar que ele ia fazer algo espantoso, assim apertou os dentes e tentou ignorar a dor.

—Hão-me dito que conhece o caminho —lhe disse, olhando-a pelo retrovisor.

Ela assentiu levemente com a cabeça e esse foi o único signo de que o tinha ouvido.

—Parece-lhe que poderia me dar indicações?

—Quando for necessário, farei-o.

No assento traseiro do carro, Edi ia sentada muito erguida. Essa mesma manhã lhe tinha sugerido novamente ao general Austin o de ir por sua conta a casa do doutor Jellicoe. Podia simular como sempre ser uma viúva de guerra e viajar sozinha. Mas a resposta do general não podia ter sido mais direta: «Não.» Não tinha gritado nem dado explicações. Pelo modo em que o disse compreendeu que certamente naquela missão havia mais em jogo do que lhe tinha contado. E se reafirmou na idéia de que, se queria que a acompanhasse um homem, isso significava que havia perigo. O general lhe havia dito como de passada que debaixo do assento traseiro do velho carro havia meia dúzia de fuzis M1 e suficiente munição para acabar com um batalhão.

Depois Austin lhe tinha dado a revista: o número de 15 de maio de 1944 da revista Teme, com um retrato do Alexander Fleming na capa. Era de fazia várias semanas, mas ela não o tinha lido.

—Dê-lhe ao Jellie.

O general Austin lhe deu um maço de dinheiro inglês e um mapa. Para encontrar ao doutor Jellicoe era essencial um mapa. As estradas inglesas seguiam as rotas medievais de carros e animais. Se na rota havia uma árvore ou uma colina ou a casa de alguém, o carro dava um rodeio para sortear o obstáculo. Confine-as se apoiavam em riachos ou rochas ou algo que uma pessoa pudesse identificar. Assim

que as estradas se desviavam, giravam e rodeavam pontos de referência que fazia tempo que tinham desaparecido. Em tempos de paz, havia indicadores por toda parte. Se alguém chegava a um cruzamento de oito caminhos, os sinais eram a única forma de saber por qual tomar. Mas em tempos de guerra, como medida de precaução, tinham eliminado a maior parte dos indicadores. Sem um mapa ou um guia experiente, ninguém encontrava nada.

Edi estudava o mapa para manter a mente se separada da forma de conduzir do Clare. Entretanto, aquele dia conduzia com mais cautela. Não corria, não se incorporava ao tráfego como uma flecha e, o melhor, não fazia comentários sarcásticos sobre tudo.

Passou uma hora com o mapa, fazendo um esboço mental. Se se perdiam queria saber por onde ir.

Em quando à revista, tinha quase medo de abri-la. Com a mesma reverência que se se tivesse tratado de uma bíblia do Gutenberg, foi passando as páginas. Leu que a penicilina do doutor Fleming logo estaria disponível para a população em geral e que uma americana, Kathleen Kennedy, casou-se com o futuro duque do Devonshire.

O que mais lhe interessava era ver se havia alguma marca na revista, algo no texto ou nos márgenes. Mas até onde ela alcançava a ver, não havia nada.

—É interessante a revista? —perguntou-lhe David, olhando-a pelo espelho retrovisor.

Edi continuou em silêncio.

—Será uma viagem muita comprido se ninguém fala —disse o sargento Clare do assento dianteiro.

—Não vejo a necessidade de manter uma conversação intrascendente —repôs Edi. Via o perfil do David e tinha o cenho franzido. «Deixa-o —pensou—, que se zangue tudo o que queira.» Solo tinha que entregar a revista ao Jellicoe. Depois, na viagem de volta, o doutor iria com eles. Isso levantaria uma barreira mais entre ela e o odioso David Clare.

Continuaram em silêncio e, ao redor da uma do meio-dia, começou a garoar. O sargento Clare tirou o carro da estrada e tomou por um caminho de cascalho.

—O que faz? —perguntou Edi, alarmada—. Algo vai mau?

Ele deteve o carro diante de uma casa com um pôster que rezava: «Comida caseira e chás.» David apoiou o braço no respaldo do assento e se voltou a olhá-la.

—Senhorita Harcourt, deve você ser tão disciplinada que se treinou para não comer, mas eu sou humano e necessito comida.

—Sim, é obvio —disse ela, evitando olhá-lo aos olhos. Segundo seus cálculos, chegariam a casa do doutor Jellicoe por volta das oito da noite. O general Austin havia dito que o doutor não sabia que foram.

—Se se inteira, esconderá-se —havia dito o general—. O elemento surpresa é importante.

Embora Edi o tinha perguntado, não lhe havia dito como persuadir ao doutor Jellicoe para que fora com ela e o sargento Clare... Embora, não se supunha que a revista se encarregaria de convencê-lo?

Quando saíram do carro, Edi viu que ao sargento Clare lhe acontecia algo, mas não tinha intenção de lhe perguntar por que coxeava e parecia dolorido. Se lhe tivessem ferido em ação, ela o teria sabido através do escritório do general, ou seja que se estava ferido era porque tinha tropeçado com algo ou, mais provavelmente, estrelado um veículo contra algo.

Ela levava a mala e a carteira quando entraram no restaurante, que era em realidade a sala de estar de uma casa de campo grafite de rosa que se usava como salão de chá.

—OH, querido! —exclamou uma mulher gordinha de aspecto agradável logo que viu o sargento Clare coxeando—. Lhe feriram. Sinta-se aqui e me deixe que lhe traga o que necessite. Aqui está o menu e eu sou a senhora Pettigrew. Tomar tempo para decidir o que querem. —Saiu da habitação, deixando ao Edi e David sentados a uma das quatro mesas. Eram os únicos clientes.

Edi se sentiu momentaneamente culpado. Talvez a razão pela que o general Austin tinha enviado ao sargento Clare com ela era porque o tinham ferido.

—Feriram-lhe? —perguntou, parapetada depois do menu.

—Sim, me feriu seu condenado geral —resmungou David—. Acredita que as batatas estarão boas?

Dado que o menu consistia basicamente em pratos a base de batata, Edi não se incomodou em lhe responder. Procurou com os olhos à mulher para que tomasse nota, mas não a via por nenhuma parte.

—Acredito que vou... —Edi se calou porque não queria dizer que ia ao serviço.

—Vá, pedirei por você —disse ele, carrancudo—. A menos que queira alguma coisa que não sejam batatas.

Edi tinha passado suficiente tempo com o general Austin para saber quando um homem procura guerra e, se o sargento Clare não parava de lhe falar naquele tom, ia dar. Já tinha suficiente com a responsabilidade de assegurar-se de que chegavam a seu destino e entregavam a revista sem ter que discutir além com um mal educado. Por isso tinha podido observar, o sargento Clare oscilava entre dois estados: perigosamente fanfarrão ou zangado. Quando retornasse, explicaria-lhe

detalladamente ao general Austin o que opinava do homem com o que a tinha enviado.

Levantou-se da cadeira, agarrou a bolsa e fez ameaça de agarrar a carteira, mas pensou que se ia com ela ao serviço chamaria muito a atenção. Não acreditava que ao sargento Clare lhe houvessem dito nada e queria que continuasse em sua ignorância.

Esteve um momento no serviço. Era o quarto de banho de uma casa normal, com cortinas rosa estampadas e jaboncitos decorativos em um bote de cristal. Aquela habitação tão encantada era a razão pela que se afastava tão freqüentemente como podia de Londres e dos soldados e de tudo o que lhe recordasse a guerra. tomou seu tempo lavando-a cara, pintando-os lábios, soltando o cabelo para escovar-lhe e voltar a recolher-lhe El coche dio un bandazo debido a un bache y patinó.

Quando retornou à mesa, a comida já estava servida. Era deliciosa. Umas batatas enormes com manteiga caseira, vitela muito tenra, guisada durante horas, e feijões verdes que certamente provinham do horta e que tinham recolhido aquela mesma manhã.

Nem ela nem o sargento falaram muito. Solo fizeram um par de comentários sobre a chuva, que parecia a ponto de parar.

depois de comer, David foi coxeando até o carro, e enquanto mantinha aberta a porta dianteira do acompanhante para ela, disse-lhe:

—Viria-me bem que se sentasse diante para me indicar o caminho.

Ela o ignorou novamente, abriu a porta traseira e subiu ao carro.

—Uma coisa que posso dizer de você é que não se dá por vencida facilmente, a que não? —comentou ele subindo ao carro, lutando com a perna esquerda dura.

—Quer retornar à estrada por favor? Temos que girar uns cinco quilômetros mais adiante.

—Está já disposta a me dizer aonde vamos e o que estamos fazendo?

—O general Austin quer que o presente minhas condolências à viúva de um amigo dele.

—Sim, isso ouvi —disse ele. Justo nesse instante foi como se o céu se abrisse. Chovia muito. David pôs em marcha os limpador de pára-brisas, mas não funcionavam bem. O estrondo da chuva era tão forte que tinham que gritar para ouvir-se.

—Conhece a estrada pela que temos que girar?

Ela ia dizer que não, mas não quis lhe dar essa satisfação.

—Tenho um mapa —disse.

—Assim não sabe você nada —gritou ele, limpando o bafo da lua dianteira com a manga da camisa—. Deveríamos parar e esperar a que descampe. Este carro não é o mais adequado para estas estradas.

—Não —disse Edi do assento traseiro—. Temos que chegar sem falta A... —Quase escapou «a casa do doutor Jellicoe», mas se mordeu a língua.

O carro deu um inclinação brusca devido a um buraco e patinou.

—Insisto em que deveríamos parar —disse David—. Não vejo por onde vou.

—Então caminharemos se for preciso —disse Edi bruscamente.

O que ocorria a aquele homem? Tanto lhe preocupava um pouco de chuva? Agarrou a mala de pele do assento e a abriu para assegurar-se de que levava a revista. Passasse o que acontecesse, não queria que se molhasse. O que fora que contivera tinha que ser preservado a toda costa.

Mas, quando abriu a maleta, dentro solo encontrou seu bloco de papel de notas, dois lápis, uma pluma e o mapa. Incrédula, tirou-o tudo. A revista não estava. Voltou-o a colocar tudo e procurou no assento. teria se cansado fora a revista? ficou engatinhando e olhou sob o assento dianteiro, no chão, no bagageiro.

—O que está fazendo? —gritou-lhe o sargento Clare por cima do ruído da chuva.

Ela se inclinou para diante, aproximando a boca a sua orelha.

—Onde está a revista?

—Que revista?

—A revista Teme! —gritou-lhe—. Onde está?

—O que lhe ocorre? —respondeu-lhe também a voz em grito, com a mão sobre a orelha—. Não sei o que foi que sua revista. Demorava tanto em voltar do banho que me aborrecia, assim que me pus a lê-la. Ao melhor me deixei isso na cadeira, não sei. Comprarei-lhe outra.

Nunca em sua vida Edi se deixou levar pelo pânico, mas naquele momento o pânico a atendeu.

—Temos que voltar! —uivou—. Agora! Já! Dê a volta e retorne! Temos que recuperar essa revista!

—Acalme-se... —David viu a cara do Edi e soltou uma imprecação—. por que não me há dito que era importante?

—Não é seu trabalho saber nada! —gritou-lhe. Se não tivesse estado conduzindo lhe tivesse estrangulado com suas próprias mãos—. Sabia que era você um incompetente. Roguei-lhe ao general que me acompanhasse outra pessoa. Mas não, tinha-me que enviar com você! Assim me crie: quando sairmos desta, se é que saímos, vou solicitar que o submetam a um conselho de guerra.

—Quer fazer o favor de voltar a sentar-se e agarrar-se bem? —disse David em um tom que lhe deixou bem claro que estava tão zangado como ela. Logo

girou em redondo, a tal velocidade que derraparam pela escorregadia e enlameada estrada. O velho carro esteve a ponto de impregnar-se, mas o motor tossiu um par de vezes e continuou avançando. David acelerou, dando inclinações bruscas pela estrada, até que conseguiu controlar o veículo.

Na parte traseira, Edi se viu lançada a um lado do carro, logo ao outro. Tentou agarrar-se aos braços dos assentos mas, quando se aproximava de um, o carro se inclinava para o lado oposto e o perdia. golpeou-se a cabeça duas vezes contra a porta, e a metade da forquilha lhe soltaram. Alguém esteve a ponto de lhe dar em um olho.

Levantando o cascalho, David parou o carro diante da casa de campo onde tinham comido.

—Espere aqui. Eu...

—Vá-se ao inferno! —disse ela, saindo do carro sob a intensa chuva.

Havia um pôster de «Fechado» na janela e a porta estava trancada. Edi ficou a esmurrá-la e a gritar sob a chuva. David tentou lhe dizer algo e se foi coxeando à parte posterior da casa procurando outra porta. Voltou ao cabo de um momento.

—encontrou algo? —gritou ela, com a chuva escorregando por sua cara, a roupa empapada e o cabelo caindo em grenhas ao redor do rosto.

—Nada, está fechado.

—Tem que haver algo que possamos fazer. Rompa a janela.

—O que?

—Que rompa a janela, entre e procure a puñetera revista!

—Supõe-se que é uma missão secreta! —gritou ele.

—Tem uma idéia melhor? —vociferou ela.

—Sim. Poderíamos... —David não disse nada mais porque a porta principal se abriu e a senhora Pettigrew apareceu.

—Entrem —disse—. Estão empapados.

Edi virtualmente empurrou ao David para apartá-lo assim que entraram no restaurante.

—Viu uma revista? —espetou-lhe à mulher.

—OH sim!, Teme. Não a vemos muito freqüentemente por aqui. Eu gostei o dos Cavendish e os...

—Onde está? —perguntou-lhe Edi sem olhares.

David interveio.

—É que lhe prometeu a revista a seu tio e por minha culpa nos deixamos isso. Tem-na você?

—Não, o sinto, mas não a tenho. —A senhora Pettigrew sorria—. Tenho alguns números do Country Life. Talvez seu tio queira um par.

—Não —disse David antes de que Edi tivesse tempo de abrir a boca—. Nessa revista há um artigo sobre sua primo e a necessita.

—Bom, então acredito que o senhor Farquar tem alguns números atrasados de Teme. Talvez tenha esse.

—Nós queremos nossa exemplar —disse Edi com os dentes apertados—. O que passou com ele?

—Agarrou-o Aggie.

—Agarrou-o Aggie —disse Edi em apenas um sussurro.

—Aggie Trumbull. Trabalha para mim dois dias à semana. Não me alcança para lhe pagar muito, mas lhe permito ficar com coisas que os clientes esquecem. —Olhou ao Edi com recriminação—. Como velhas revistas. Normalmente às pessoas não lhe importa.

David se preparou a impedir que Edi atacasse à mulher.

—Onde podemos encontrar a tal Aggie?

—Foi-se a casa. Vive com seu avô. Se voltarem dentro de três dias, estará aqui e poderemos lhe perguntar pela revista. Estou segura de que a agarrou para seu avô. adora ler.

—Três dias —disse Edi—. Três dias?

—Podemos ir a casa de seu avô a procurar a revista —disse David—. Pode nos dizer onde vive?

—A três povos —disse a senhora Pettigrew—, mas com esta chuva nunca chegarão de carro. A ponte está semianegado com toda esta chuva, e nesta época do ano o rio baixa crescido. Não, é melhor que fiquem aqui um par de noites e esperem. Eu posso lhes hospedar. Querem uma habitação ou dois?

De novo, David se interpôs entre o Edi e a mulher.

—Não, não necessitaremos nenhuma habitação. Talvez você possa nos desenhar um mapa para chegar a casa do avô do Aggie. E, se não ser muita moléstia, poderia nos preparar um pouco de comida para levar?

—Já aconteceu a hora da comida —disse ela, e não parecia disposta a mover um dedo.

—Pois chá, jantar e algo para tomar o café da manhã —disse Edi com frieza—. Lhe compraremos toda a comida que tenha. Desenha-nos o mapa?

—Estarei encantada —disse a senhora Pettigrew—. Em um minuto lhes trago vários pratos preparados. —Saiu da habitação.

Edi dirigiu ao Dave um olhar assassino.

—Não me olhe assim. foi culpa dela, por não me dizer do que ia isto —protestou ele em voz baixa para que não o ouvisse a senhora Pettigrew—. Se me houvesse dito que essa ditosa revista continha algum tipo de segredo, eu haveria...

—Que, sargento Clare? Não teria bisbilhotado em minha carteira? Não me teria roubado a revista nem a teria deixado em uma cadeira onde qualquer

pudesse agarrá-la? Se a segurança de nossos países dependesse de você, teríamos perdido esta guerra faz anos.

—Se você não fora uma esnobe estirada que pensa que sabe tudo e que ninguém mais no mundo tem cérebro, não estaríamos nesta situação.

—Esnobe? Chama você esnobismo a proteger um alto secreto? Assim o considera?

—Alto secreto? Desde quando uma secretária se faz cargo da segurança de um alto secreto?

—Quando é necessário.

—Para consolar a uma viúva? Atualmente há milhares de viúvas Y... —calou-se e a olhou—. Não há nenhuma viúva, verdade? Isto é algo completamente diferente e nem você nem esse vocinglero geral seu ao que lhe faz a bola me hão dito nada. Maldita seja! —disse David—. Se trata de algo perigoso, não é certo?

—Não é de sua incumbência. Você é sozinho o chofer.

—E você é sozinho a secretária! —exclamou ele a um milímetro de sua cara.

—OH, queridos! —ouve-se a voz da mulher da entrada—. Me temo que provoquei uma pequena discussão entre os dois. Serão dez libras com seis —acrescentou.

—Dez libras? —Edi estava escandalizada. Era uma fortuna—. Acredito que não...

—Parece-me bem —disse David, tirando sua carteira—. Me pode dar o mapa agora?

—É obvio, querido —repôs ela sem olhar ao Edi. Deu- um papel ao David, que ele agarrou sem olhá-lo.

—Ajudaria-lhes com os pacotes mas há um pouco de umidade aí fora assim... —foi dizendo cada vez em voz mais baixa, até que finalmente saiu da habitação.

Em uma das mesas havia seis grandes caixas brancas, cada uma maça com barbante formando uma asa.

—Acredito que o tem feito a propósito —disse Edi—. Acredito que tinha estas caixas preparadas e esperava a que voltassem os americanos bobos e pagassem uma fortuna por elas. Deme o mapa.

—Não nesta vida —disse David, agarrando quatro caixas. ia agarrar as outras dois, mas Edi lhe adiantou.

—Agora quero o mapa.

—Não —disse ele enquanto abria a porta e saía correndo. Deixou as caixas no assento traseiro do carro e sustentou aberta a porta do acompanhante para o Edi. Chovia tanto que logo que via o carro, assim não quis perder tempo discutindo com ele. Além disso, queria o mapa

Sentou-se no assento de diante, pôs as caixas atrás e esperou a que ele subisse ao carro. David colocou a perna rígida dentro e logo teve que retorcer todo o corpo para colocar a outra.

Ela tirou um lenço da bolsa e se secou a cara.

—O que lhe passou na perna? disparou-se você mesmo?

—Se não fora você uma mulher eu...

—O que me faria? —perguntou ela, entreabrindo as pálpebras.

—Não use esse tom comigo e não me tente. —Deu uma portada e passou vários minutos tentando arrancar o velho carro.

—Pensava que era você capaz de arrumar qualquer motor.

—Deram-me este traste esta manhã. Nem sequer vi o motor. —Quando arrancou, suspirou aliviado e saiu do estacionamento.

—Me deixe ver o mapa —disse Edi.

David colocou a mão debaixo da camisa e o tirou. Estava empapado, mas a tinta não se correu.

—Dez libras por isso —balbuciou ela, indignada—. Vá até a igreja, gire à direita e logo continue até a granja Trumbull. Parece suficientemente fácil como para que inclusive você possa chegar.

David lhe dirigiu um olhar que lhe indicou que pisava em terreno pantanoso e que era melhor que tomasse cuidado.

Capítulo 18

—Bem —disse Jocelyn quando acabou de ler. comeram-se quase todo o conteúdo da cesta. Luke se tinha escondido além disso uma grande ração de guisado de frango—. Não é um grande começo para o amor, verdade?

—eu gosto... —disse Luke. Estava convexo sobre a toalha com as mãos debaixo da cabeça—. Que mais quer?

—Não sei, uma conexão mental. Suponho que acreditava que Edi e seu David tinham cuidadoso para o outro extremo de uma habitação, seus olhos se encontraram e se apaixonaram de repente e sem remissão. Pensava que teriam ido jantar e que teriam falado e descoberto que eram exatamente iguais em tudo. Mas esse homem...

—O que acontece esse homem?

—Não parece como ela... Não sei como dizê-lo para não parecer uma esnobe. Não parece de sua classe. Ela é educada, provém de uma antiga linhagem de, bom, da alta sociedade, mas esse homem é...

—O que? São como o jardineiro e a senhora da mansão?

—vais começar outra vez com isso?

—Eu gostaria de —disse ele com doçura, olhando-a de cima abaixo
Ela não pôde controlar-se e lhe aproximou. Então ele rodou sobre si mesmo e ficou de pé.

—Há algo nesta história que não me quadra —disse, agarrando a pá.

—O que é?

—Não sei, mas há algo em todo este assunto que me desconcerta. O tio Alex e a senhorita Edi, o fato de que você conhecesse a senhorita Edi, tudo. Algo me ronda a cabeça. Tenho a sensação de que nos escapa algo.

—Eu não lhe vejo o mistério —disse Joce—. Meus avós e Alexander McDowell eram amigos; por isso ele comprou a casa de Boca Camundongo e por isso Edi se mudou ali.

—Suponho que sim. Mas há algo estranho. Alex McDowell não tinha amigos. Era um resmungão viciado no trabalho. E você sabe como é Edilean. Todo mundo se inteira de tudo. A última vez que tive que jogar golfe com meu avô lhe perguntei quando e onde se feito amigo de seus avós o tio Alex. Sua resposta foi que, por isso ele sabia, Alex raramente saía da cidade.

—E durante a Segunda guerra mundial? —perguntou Joce—. Meu avô fabricava cascos e viajou a Europa várias vezes. Talvez se conhecessem então.

—O tio Alex não foi à guerra. Tinha uma minusvalia que o manteve afastado dela, assim que ficou nos Estados Unidos e se dedicou a mover dinheiro.

—Era banqueiro? —perguntou-lhe Joce.

Luke não lhe respondeu; estava concentrado cavando. Assim começou a recolher o pícnic e pôs a apreciada história em cima da cesta.

—vou datilografar isto.

—O ordenador tem bateria?

—Pois claro —disse ela sorrindo—. Vale, tirarei-o aqui fora.

Quando se levantou viu que havia algumas novelo em uma caixa de cartão na traseira do caminhão do Luke.

—O que tem aí?

—Algumas novelo que encontro pelos arredores. Estava acostumado a haver jardins pela zona e algumas novelo sobreviveram.

lhe pareciam más ervas.

—Assim se vai andando por aí e vê uma planta, reconhece o que é e sabe arrancá-la sem matá-la.

—Sim —disse ele. Parecia divertido.

—Volto em seguida —disse ela sorrindo.

Assim que teve entrado na casa e fechado a porta, Luke agarrou o móvel e chamou a seu avô.

—Olá, Luke! —disse o doutor Dave—. Acabo de fazer um fossa em um.

—Parabéns —disse Luke rapidamente—. Te importa se for esta noite? Quero falar contigo de uma coisa.

—Da mentira que contei ao Jocelyn sobre que no segundo capítulo havia um acidente de carro?

—Não —disse Luke, alargando a sílaba—. Essa mentira em particular não me mencionou isso. É sobre outro assunto. Quem sabe melhor em que assuntos andava metido o tio Alex?

—Eu diria que era sua mulher.

—Alguém vivo.

—Suponho que eu.

—Deixou algum jornal o tio Alex?

—Os jornais são de papel e o papel é caro —disse o doutor Dave—. por que não vem agora e jogamos alguns fossas enquanto falamos?

—Eu gostaria de muito, mas Joce vai tirar seu ordenador e escreverá enquanto eu trabalho.

—Bem, me alegro.

—Eu também —disse Luke—. Tenho que te deixar, já vem.

—Assim não quer que se inteire do que quer me contar esta noite?

—Acrescenta-o aos segredos que lhe contou de mim e terá um carregamento completo.

Dave se estava rendo quando Luke pendurou.

—Está carrancudo —disse Joce—. Não falava com um amigo?

—Era meu avô. Sempre discutimos.

—O avô com o que ninguém se levava bem era seu melhor amigo e o doutor Dave, ao que todo mundo quer, fica frenético.

—Pilhaste-o.

—Crie que é tua culpa ou dela?

—Dela.

—por que será que já sabia a resposta antes de perguntar? —sentou-se na erva e abriu o portátil.

—Escreve muito rápido?

—Muito rápido, e depois me passo duas horas com o corretor ortográfico porque todas as palavras têm enganos. E você o que? Sabe escrever a máquina?

Lhe dedicou um de seus olhares que significavam que a encontrava graciosa; depois voltou a olhar a terra.

—E do que falaste com seu avô?

—De nada importante. Quer que vá esta noite para jantar a sua casa.

—Isso está bem —disse Joce, e depois o olhou com atenção, mas ele estava inclinado sobre a pá e não o viu—. Não conheço sua avó.

—Não? —Foi ao caminhão para agarrar um restelo.

—É simpática?

—Muito.

—Parece-me que é muito diferente do Edi, a que sim?

—me pareceu isso, mas solo coincidi com a senhorita Edi uma vez.

—Sério? Haveria dito que a tinha tratado mais. Como seu avô escolheu a outra mulher em lugar da ela, supunha que teria tido muita curiosidade por conhecê-la. Eu em seu lugar tivesse querido ver...

Luke deixou de cavar.

—Não posso te convidar a vir comigo —disse exasperado—. Tenho... assuntos que tratar com meu avô e não posso te levar.

—Entendo-o —disse Jocelyn—, e te asseguro que não te estava insinuando que me levasse. Na vida me ocorreria me convidar a casa de alguém. Estava simplesmente te perguntando por seus avós. Conheço muito a seu pai e passei tempo com sua mãe, que foi muito amável comigo, e seu avô foi fantástico. Hei-te dito que o dia que me convidou a comer foi ao The Trellis e comprou bolo de chocolate para a sobremesa? Ele...

—Às sete! —exclamou Luke—. Recolherei às sete. vais escrever e deixará de me dar a lata?

—Com muito gosto —disse Jocelyn inclinando a cabeça para que não a visse sorrir. Como o tinha sentido falta de!

—No que crie que andarão colocados os homens? —perguntou-lhe Mary Alice depois da sobremesa. Luke e seu avô se colocaram no estudo e seguiam ali.

Desde que tinham chegado, Jocelyn se havia sentido fascinada pela mulher que se casou com o homem com o que Edi tinha estado prometida. Ninguém era tão extraordinário como Edi, em opinião dela, mas saltava à vista a atração entre o doutor Dave e Mary Alice. Ela era doce e encantadora, e parecia que sua única meta na vida fora agradar a seu marido e a seu neto. Durante tudo o jantar esteve daqui para lá, indo a três por quatro à cozinha para assegurar-se de que todos tinham o melhor que podia lhes oferecer.

Fisicamente não se parecia absolutamente ao Edi. Mary Alice era baixa, llenita e afável. Edi tinha sido alta, magra e elegante. Se a uma ficava o colar de pérolas incluso para estar em casa, a outra ia cômoda com um pulôver de lã.

—Não tenho nem idéia —disse Jocelyn—. Luke está estranho desde... — Calou antes de dizer que Luke se comportou de um modo estranho desde que lhe tinha lido a segunda parte da história do Edi.

Sabia por experiência que no Edilean nada perdia intensidade com o passado do tempo. A gente podia envelhecer, mas as histórias e os segredos seguiam tão afrescos como cinqüenta anos atrás. Com isto em mente, decidiu que era melhor não mencionar ao Edi e ficou a falar da obra de jardinagem do Luke. Entretanto, quando Mary Alice apartou o olhar, Jocelyn abandonou também o tema. Haveria algum secreto no Edilean sobre isso também?

Mais tarde, quando voltavam para casa na caminhonete, Joce perguntou ao Luke do que tinha estado falando tanto momento com seu avô.

—Perdoa que te tenha deixado sozinha, mas tínhamos coisas das que falar.

—Isso é o que acabo de dizer. Quero saber do que falastes.

—De novelo —disse Luke rapidamente—. Quer plantar um jardim e me pediu que o eu faça.

—Claro, por isso tão secreto. Como eu não sei nada de novelo, tem que me ocultar isso tudo.

—Não queríamos preocupar-se. O que te pareceu minha avó?

—Não tínhamos absolutamente nada que nos dizer e está levantando a sobancelha.

Luke a tocou.

—De acordo. —Suspirou— Queria falar com o avô de minhas dúvidas sobre tudo isto. Por razões que pode imaginar, não menciono à senhorita Edi diante da avó. E antes de que me diga que poderia falar com ele em outro momento, tenho que te recordar que estive trabalhando e não quero me passar o santo dia conduzindo uma bolsa de golfe.

Jocelyn observou que o extremo de sua sobancelha seguia levantado. Embora estivesse dizendo a verdade, não estava dizendo toda a verdade.

Luke e Jocelyn foram por um atalho da reserva natural que rodeava Edilean. Ele ia diante e ela o seguia, ambos carregados com as mochilas nas que Luke tinha metido tudo o que poderiam necessitar em caso de que, por exemplo, estalasse uma tormenta.

Fazia dois dias que tinham estado em casa dos avós do Luke, e tinham acontecido a maior parte do tempo juntos.

O primeiro dia Joce tinha repassado todo o fato da biografia e lhe tinha contado ao Luke quão decepcionada estava dos aborrecidos escritos do doutor Brenner.

—Não poderei lhes tirar muito. Inclusive os dias em que sei a ciência certa que lhes dispararam não anotou mais que o caminho percorrido, sem mencionar nenhum perigo.

—E como sabe que lhes dispararam?

—Pelos dados históricos e o que a senhorita Edi me contou —disse Joce —, e cotejando as datas com o país no que estavam nesse momento.

—Tem que investigar mais a fundo —disse Luke—. Alguém em alguma parte tem que saber algo. verificaste os nomes das outras pessoas citadas nas cartas?

Joce tinha tirado uma parte de papel do montão que tinha no escritório para lhe ensinar os nomes que mencionava em seus jornais o doutor Brenner.

—Levavam um guia?

—Não sei —disse Joce—. Acredito que Edi mencionou um guia alguma vez. Charles algo.

—por aí vai bem —disse Luke—. Encontra-o, ou encontra algum familiar dele. Alguém saberá quem som.

O dia seguinte o passou ela no jardim.

Finalmente tinham ido à estufa a comprar as novelo e Luke dizia que mandaria a fatura ao Ramsey.

—Não se preocupe, vai deduzir cada penique de seus impostos porque é um jardim histórico.

—Como vai você? —perguntou Jocelyn.

—A quem?

—A meu prometido, já que você está «pilhado».

—Não por muito tempo —disse Luke, sorridente.

Ela teria querido lhe fazer perguntas sobre o Ingrid e a anulação e sobre um montão de coisas pessoais, mas se agüentou. limitou-se a lhe devolver o sorriso.

—Esta é bonita, vamos agarrar umas quantas —disse.

—São híbridos modernos. O que queremos está aí.

As novelo que gostavam ao Luke pareciam más ervas e logo que tinham flores.

—Cheira isto —disse ele, sustentando uma planta com pelusilla cinza esverdeada sob seu nariz.

—Cheira de maravilha.

—Seus híbridos modernos não cheiram. Solo se podem olhar e quase nenhum é comestível.

—As rosas se podem cheirar e comer —disse Jocelyn, orgulhosa se soubesse.

—Isso me recorda que necessitamos algumas rosas silvestres.

Ela não sabia a que planta se referia, mas estava aprendendo que, se era uma que gostava ao Luke, seguro que tinha mais folhas que flores.

—Rosas silvestres...

—Sim, dão uns bagos grandes em outono com as que se pode fazer geléia.

—OH, estupendo! —murmurou Joce—. Farei geléia. Já estou impaciente.

Agora estavam na reserva, caminhando pelos atalhos que Luke parecia conhecer muito bem. Ela tinha querido levar um mapa das rotas de excursionismo, mas lhe havia dito que as tinha percorrido tantas vezes que podia lhe desenhar o mapa. Levava-a a um sítio que gostava de muito. Ali comeriam e leriam a terceira parte da história do Edi.

Durante os dois dias anteriores, Luke tinha falado freqüentemente pelo móvel, sem lhe dizer quase nunca com quem. Desde que tinham acontecido a tarde em casa de seus avós, parecia decidido a não lhe contar nada mais, por muito que quera lhe tirar informação. Joce se dava conta de que algo o tinha preocupado e quera saber o que.

—Não sei o que é, mas algo me tem mosca —lhe confessou ele—. Há algo em tudo isto que soa a falso, isso é tudo.

—Não entendo a que te refere. Edi se apaixonou por um homem ao que mataram na Segunda guerra mundial. O que tem isso de estranho?

—Não é isso o estranho —disse Luke—, a não ser o que passou muitos anos depois. Alex McDowell dizia que estava em dívida com o Edi por algo e que quera saldar essa dívida.

—Em dívida por que? —perguntou Joce.

—É inútil que tente me tirar este segredo porque o desconheço, e ninguém me quer contar isso. A outra noite tentei de novo que o avô me contasse isso mas não quis. Disse que o único que me faz falta saber é que Alex se considerava em dívida com ela.

—Assim, quando se retirou com solo uma pequena pensão para viver, proporcionou-lhe uma casa em um clima quente e um trabalho para o que era muito competente. Parece que era um homem de honra e pagou sua dívida.

—Mas por que em Boca Camundongo? —perguntou Luke—. por que não em Miami? Ou em Muito bicha? Ou em algum lugar do Arizona?

—por que não no Weeki Wachee para que pudesse ver as sereias cada dia? por que não ia ser em Boca Camundongo? É um lugar fantástico e Alex tinha amigos ali.

—Sim, seus avós. Chamei o Ramsey e disse que nunca tinha ouvido seu avô mencionar a ninguém chamado Scovill, mas tampouco lhe tinha ouvido mencionar à senhorita Edi, assim não foi de nenhuma ajuda.

—Perguntou por mim?

Luke soltou uma risita.

—Acredito que sim. Também mencionou a meu avô. Depois disse que nos perseguiria com uma arma se... Bom, não posso repetir o que disse diante de uma dama.

—Uma vez mais, me trata como a um objeto. Pela forma de atuar da gente se diria que tinha que me casar com o Ramsey para que se cumprisse algum tipo de profecia.

—Talvez solo para reparar o que alguns consideram uma injustiça. Todo mundo pensou sempre que a família mais rica deve unir-se com a linhagem mais antiga.

—Mas eu não estou aparentada com o Edi. Herdei a casa porque não tinha a ninguém mais a quem deixar-lhe —Que preferirías vivir en la calle a hacer eso.

Como Luke não dizia nada, Joce o olhou fixamente.

—Ronda-te alguma idéia, verdade?

—Quero ver as cartas do general Austin a sua esposa.

—Bill Austin está de lua de mel ou possivelmente nem sequer se casou ainda, não sei. O que sei é que não nos deixarão tirar as de onde estão.

Luke se voltou e começou a caminhar de retorno pelo atalho.

—Mas não as tem o neto?

—claro que sim. Ele... —disse Joce lhe olhando—. Não, não as tem. A esposa do general Austin ainda vive, assim que as tem ela. Crie que poderia lhe pedir que nos enviasse isso?

—Não, eu não, mas meu avô sim que poderia. Poderia lhe expor o assunto a sua maneira e conquistá-la para consegui-lo.

—Seria muito interessante ver o que põem —disse Joce—. Possivelmente não haja nada, mas a melhor fala nelas de quando Edi voltou depois de sua relação com o David Clare. Né, isso que ouço é água?

—Sim, uma cascata e um lago, gelado e formoso. —Luke continuou caminhando.

—Conhece muito bem este sítio, verdade?

—Caminhava muito por aqui quando era menino. Acredito que isto foi o que despertou meu interesse pelas novelo. Estava acostumado a passear pelos atalhos com uma guia de flora silvestre na mão, tentando memorizar todos os nomes.

—Como se chama esta? —perguntou-lhe ela, inclinando-se sobre um arbusto de flores vermelhas.

—Uma Penstemon... e não me pergunte por nenhuma mais, não sou um guia turístico.

—Não. É um jardineiro do que me hão dito que não tem por que preocupar-se com o dinheiro. Não obtinha os ganhos de sua esposa modelo, verdade?

—Você o que crie?

—Que preferiria viver na rua a fazer isso.

—Conhece-me um pouco, né?

—Vou conhecendo —disse ela.

—E o que sabe de mim até agora?

O perguntou como se não lhe desse importância, mas Joce notou que enrijecia os ombros.

—Sei que se alguém quer saber algo de ti tem que lhe tirar isso com tenazes. Não te abre facilmente.

—E isso é bom ou mau? —perguntou ele.

—Eu o considero bom —disse ela—, porque estou aprendendo a te dirigir para que me conte seus segredos.

Ele parou de caminhar e se voltou a olhá-la.

—Isso crie?

—Ah, sim! Já sei tudo o que terá que saber de ti, exceto alguns detalhes, como por exemplo por que nunca me deixa entrar em sua casa, por que você e Ramsey são tão competitivos, por que não me disse que estava casado e o que estão tramando você e seu avô em realidade. Além disso, sei tudo.

—E eu sei que é capaz de dar a lata a um homem até um extremo inconcebível para inteirar-se do que quer saber —disse ele.

Jocelyn esteve segura de que o dizia sorrindo.

Quando Luke saiu do caminho, seguiu-o. Chegaram a uma pequena cascata que caía em um riacho que desembocava a sua vez em um lago. Era formoso e plácido e dava a sensação de que ninguém tivesse estado ali jamais. Luke sabia exatamente onde deixar as mochilas: em um pequeno oco detrás de umas rochas.

—estiveste aqui muitas vezes, verdade?

—Um milhão —disse Luke—. Quando era menino vinha aqui para me afastar das expectativas de meu pai e da vigilância constante de minha mãe.

—Veio com o Ingrid?

—Nunca —disse ele.

—Não encontrou calçado de montanha de desenho?

—Não encontrou a ninguém que queria estar a sós com ela em um atalho de um parque natural. —Olhava ao Jocelyn com doçura.

Tornou-se a seus braços e se beijaram. A boca do Luke se posou brandamente na sua, vacilante ao princípio, mas depois com paixão. Por sua forma de abraçá-la e apertá-la contra si, soube que a desejava. Se pelo Jocelyn tivesse sido, fariam o amor naquele formoso lugar, mas ele a apartou.

—Não posso.

—Isso não é o que diz seu corpo —disse ela com a voz rouca.

—Não, quero dizer que não acredito que tenha direito. Este assunto sobre o... do matrimônio. Tenho que solucioná-lo primeiro. E, quanto a nós, quero que nos conheçamos bem, quero...

—Não quer te equivocar de novo —disse Jocelyn. Ele não respondeu, mas ela soube que isso era o que queria dizer.

Uns minutos depois estavam tombados na erva, à borda da água. Luke tirou de sua mochila a seguinte parte da história da senhorita Edi. Seu avô a tinha dado a noite anterior.

—Quer ler você ou o faço eu? —perguntou.

—Lê você —disse Jocelyn, enlaçando os dedos detrás da cabeça e preparando-se para escutar.

Capítulo 19

Inglaterra, 1944

Chovia tanto que era difícil inclusive ver a ponte. Quando o fizeram, ambos contiveram a respiração. O rio, muito crescido, estava a ponto de transbordar uma ponte que não parecia capaz de suportar o peso de uma bicicleta, muito menos o de um pesado carro.

—É arte precolombino —disse Dave, freando e limpando o pára-brisa para olhar à frente.

—Da Alta Idade Média —disse Edi—. Olhe os pilares de pedra que há em ambos os extremos. São...

—Faça o favor de me ajudar. Se for me dar uma classe de história, joga-a do carro.

Ela pensou que era um farol, mas como não estava completamente segura se calou.

David apoiou o braço no respaldo do assento e avançou marcha atrás com o velho carro.

—vou cruzar a ponte à carreira, pode que o cruzemos ou que derrapemos e caíamos por um lado, provavelmente derrubando. Está preparada?

Edi se abraçou e assentiu.

—Ou, pensando-o melhor... por que não se baixa e me espera?

—Se alguém mais puser em dúvida meu valor, tirarei um dos fuzis que levamos atrás e lhe dispararei.

David lhe piscou os olhos o olho.

—Os fuzis que levamos atrás... —sussurrou—. Conduzo um antigo tanque. Arrumado a que este traste foi usado no Sarajevo.

Apesar da situação, Edi sorriu levemente. A Primeira guerra mundial tinha estalado em 1914, quando o arquiduque Francisco Fernando da Austria e sua

esposa foram assassinados no Sarajevo. Parecia que, apesar de sua aparente estupidez, o sargento Clare sabia um pouco de história.

Jocelyn conteve o fôlego enquanto ele subia até o topo de uma pequena colina. Apertou o acelerador, colocou a primeira, levantou a embreagem sem soltar o freio e a seguir se lançaram para a velha ponte dentro de uma nuvem de barro e água. Edi não via nada. O pára-brisa ficou talher em poucos segundos e o limpador de pára-brisas se negava a tentar apartar o barro.

Soube que tinham alcançado a ponte quando ouviu os baixos do carro golpear a madeira. Era um som apagado que, de um modo absurdo, recordou-lhe o conto As três cabras macho Gruff.⁵

Quando pisaram de novo a estrada, deixando a ponte atrás, ambos soltaram um grito de triunfo.

E então viram a vaca. A chuva tinha limpo o barro do pára-brisa o bastante para que pudessem ver algo. Cruzando perezosamente a estrada, como se tivesse todo o tempo do mundo, havia uma enorme vaga branca e negra.

—Sujeite-se! —gritou David, tentando esquivá-la com uma manobra arriscada. Até esse momento lhe tinha dado igual amolgar aquele traste, mas se se estrelavam contra uma vaca desse tamanho podiam sair feridos.

O carro golpeou o sebo do bordo da estrada e girou sobre si mesmo duas vezes antes de ficar encarado para a ponte. David lutava com o grande volante, mas a férula lhe impedia de mover o joelho. Quando o girava, tinha que inclinar-se para o Edi, lutando por manter a embreagem pisada para tentar frear o carro. Finalmente, a embreagem, o freio e o barro juntos foram muito tanto para ele como para o velho carro, que deu uma volta de sino. Edi caiu de cabeça e o veículo patinou sobre o teto e caiu ao rio, debaixo da ponte que acabavam de cruzar com êxito.

Ambos ficaram aturdidos, incapazes de assimilar o que acabava de passar. David tinha sangue em um lado da cabeça e Edi o braço direito ferido.

—Tem que sair —lhe disse ele.

Ela estava no teto do carro derrubado, mas David seguia ao volante, cabeça abaixo. Jocelyn seguiu seu olhar e viu que a água estava subindo a seu redor. Quão único a continha eram os guichês do carro, que estavam subidas... mas isso não duraria muito.

—Sim —acertou a dizer. Estava atordoada e não sabia muito bem o que acontecia—. Abrirei o guichê e sairemos nadando. —Estava satisfeita de ser capaz de dar-se conta do que terei que fazer.

—Sabe nadar? —perguntou-lhe ele.

—Sim, bastante bem —respondeu. Já pensava com mais clareza—. E você?

—Era da equipe de natação do instituto —disse ele, e lhe dedicou a sorrisita que ela já tinha visto várias vezes.

—Bem, então. Preparado? Temos que sair assim que eu baixe o guichê.

—Ouça Harcourt —lhe disse ele docemente—. Me pode fazer um favor? Dará-me um beijo antes de ir-se?

—Um beijo? Parece-lhe com você que este é momento para...? —calou-se de repente quando se deu conta do que ele havia dito: quando «ela» se fora; não ele, solo ela—. O que lhe ocorre?

—É esta ditosa férula. Má sorte. É de aço e se entupiu, não posso sair.

Edi olhou a água que os rodeava e a chuva que seguia caindo com força. Em poucos minutos estariam completamente inundados, a pressão arrebentaria os guichês e se afogariam.

Custou-lhe dar a volta para ficar de barriga para cima e chegar às pernas do Luke, mas o fez. Tinha o pé entupido sob os pedais esmagados do carro, e havia outra peça de metal enganchada em sua pantorrilha.

—Mova a perna, dobro o joelho e tire-a. Tem-na rota?

—Não, mas levo uma férula de aço. Tem você que ir-se, não há tempo que perder. Tem que...

—Cale—lhe ordenou ela—. Como posso lhe tirar este traste?

—Não pode, não tem força suficiente. Tenho a perna sujeita com aço Y...

—Por uma vez em sua vida, deixe de falar! —gritou-lhe—. Como o Quito a férula?

—No bolso levo uma chave Allen. É...

—Já sei o que é uma chave Allen... —Pela primeira vez se deu conta de que ao Luke sangrava o braço direito e não podia metê-la mão no bolso. Lhe colocou em cima e tratou de encontrar a chave. No fundo do bolso encontrou a pequena ferramenta.

Acabava de agarrá-la quando o guichê traseiro arrebentou e o carro começou a encher-se de água.

—Há três parafusos na dobradiça do joelho —disse David—. Deveria ir-se. Deme a chave e saia daqui.

Como o carro estava de barriga para baixo, o último espaço que ia se encher era aquele onde tinha o pé apanhado David, cuja cabeça entretanto estava ao mesmo nível teto. Inclusive se conseguia liberá-lo, afogaria-se antes de poder sair do carro.

Edi, semiarrodillada no teto para alcançar a perna da calça da calça do David, o arregaçou e tentou encontrar os parafusos da dobradiça para afrouxá-los. Encontrou um, girou-o e cedeu. A água lhe lambia as pernas.

Olhou para baixo e a cabeça do David estava quase inundada. Ele se inclinava quanto podia, mas não podia mover-se muito por culpa do enorme volante que tinha diante.

Edi respirou profundamente, meteu-se debaixo da água, olhou ao David e se tocou os lábios. Ele demorou um momento em dar-se conta do que tentava fazer. Insuflou-lhe ar na boca e voltou a subir para a férula.

Afrouxou o segundo parafuso, voltou a enchê-los pulmões e baixou a dar ire ao David.

O terceiro parafuso resistia e acreditou que não poderia afrouxá-lo. Já ficavam escassos centímetros de ar no carro. inundou-se novamente para dar mais oxigênio ao Luke e este a insistiu por gestos a que saísse do veículo. Ela negou com a cabeça sem perder um momento.

Teve que apoiar a cabeça no teto, tomar ar e logo baixar para afrouxar o último parafuso. Quando a dobradiça cedeu, empurrou a perna do Luke e esta se moveu. Estava livre.

Edi desceu para a cara do David para lhe dizer que a ajudasse a tirá-lo, mas tinha os olhos fechados e estava sem sentido. impulsionou-se com as pernas para alcançar o teto e respirar, mas o carro estava cheio de água, não ficava ar.

Os pulmões lhe doíam. Alcançou por cima do David a manivela do guichê e a girou. Custava-lhe movê-la. Notava o esgotamento em seus braços e como ia a cabeça. Mas a baixou o que lhe pareceu suficiente para tirá-lo.

Como flutuava na água, pôde empurrá-lo para o guichê até que a corrente do rio o arrastou. Edi esteve a ponto de deixar-se levar pelo pânico quando o corpo do David desapareceu, mas a corrente também a arrastou a ela também para cima.

Quando chegou à superfície respirou profundamente e a água voltou a tragar-lhe A seguinte vez que ascendeu, procurou o David e o viu enredado nas raízes de uma árvore, a escassos metros dela. Tinha os olhos fechados, mas pelo menos sua cabeça estava fora da água.

Tentou nadar para ele, mas a corrente a empurrava em direção oposta.

—Agarre-se a isso! —ouviu que lhe dizia uma voz. voltou-se e viu uma viga metálica a poucos centímetros de sua cabeça, sujeita a algo, embora não via que nem tampouco quem lhe falava. Fizeram-lhe falta três intentos para agarrar-se à viga com ambas as mãos.

—Lhe ajude a ele! —gritou-lhe à pessoa invisível que a tinha salvado—. Ali!

Edi se apoiou na barra metálica com ambos os braços, passou-se a mão pela cara para apartar a água dos olhos e viu alguém com um casaco verde na borda. Por sua postura, com as costas encurvada, parecia um velho, mas fez uma demonstração de força arrastando ao David pelo pescoço da camisa e pescando-o como a um grande peixe.

Edi lutava com o cabelo e a chuva para ver o que acontecia, mas não se atrevia a soltar-se da viga. voltou-se para a esquerda e viu que formava parte da

ponte; possivelmente a usavam as barcas para cruzar o rio. Devagar, começou a bracejar para impulsionar-se e tentar alcançar o extremo da ponte e a terra firme.

Enquanto avançava se perguntava o que estaria fazendo o homem com o sargento Clare. Acreditaria o ancião que estava morto e não faria nada para salvá-lo? Se conseguia chegar a seu lado poderia usar com ele algumas técnicas modernas de salvamento e talvez lhe tirar a água dos pulmões para que não morrera.

—Vamos! —gritou um homem—. Outro pequeno esforço e estará em casa.

A dor nos braços a estava matando, tremia de frio e cansaço, mas olhou para cima e viu o sargento Clare ali de pé. A chuva era tão intensa e a névoa tão espessa que pensou que talvez estava vendo um fantasma. Tinha morrido e seu espírito retornava para ajudá-la a cruzar o enfurecido rio?

—Vamos Harcourt! —gritou ele—. Pode consegui-lo! Atiraria-me a salvá-la mas estou muito ferido. Terá que fazer algo por você mesma esta vez. Não pode depender sempre de mim para salvá-la!

—Você? —acertou ela a dizer—. Que você...! —Possuiu-a tal fúria que começou a agitar as largas pernas com mais força. Mas apesar da raiva e da renovada energia se estava rendendo. Em lugar de aproximar-se, a ponte parecia afastar-se.

Piscou para limpá-los olhos, mas lhe nublava a vista.

A seguir sentiu um forte braço que a rodeava.

—Já a tenho —lhe disseram ao ouvido—. Está a salvo, solte isso e venha comigo.

Ela obedeceu. Separou os braços do metal, rodeou-lhe o pescoço e apoiou a cabeça contra ele. Sentiu como a arrastava fora da água e logo outro par de mãos sobre ela.

—Está morta? —ouviu perguntar a um homem.

—Não —disse o sargento Clare. Levava-a em braços, arrastando a perna por culpa da fêrula que ainda levava sujeita. Lhe tinha afrouxado a dobradiça do joelho, mas não a tinha tirado.

—Como tem o braço? —acertou a sussurrar ao recordar que lhe tinha estado sangrando.

—Não sei se me dói mais o braço ou a perna. O dilema me impede de me deprimir.

—Bem —disse ela, acurrucándose contra ele. Fechou os olhos e dormiu.

Quando despertou, Edi estava em uma cama, sobre um fofo colchão, e entrava o sol pela janela. Doía-lhe a cabeça e tinha o braço dolorido, mas não se encontrava muito mal. Olhou a seu redor. A habitação era pequena, com papel pintado de flores e duas camas. A outra cama estava sem desfazer, coberta com um velho edredom e grossas almofadas. Havia um velho armário grande encostado a

uma parede e um penteadeira na oposta. Na de em frente se abria uma janela com cortinas de encaixe.

Quando tentou sentarse enjoou um pouco, mas em seguida lhe passou. Ouviu que chamavam brandamente à porta e depois entrou o sargento Clare com uma bandeja na mão esquerda. Levava o braço direito em tipóia.

—Está acordada —lhe disse, sorrindo, e teve que fazer um esforço para que a bandeja não lhe caísse.

—Me deixe... —disse Edi, com intenção de levantar-se da cama. Então se precaveu de que solo levava posta a combinação de raíom cor pêssago e voltou a tampar-se rapidamente—. Onde está minha roupa?

—Na cozinha, seca e esperando-a —disse David, deixando a bandeja ao pé da cama. Depois se ergueu e flexionou o braço—. Pode deixar de me olhar como se estivesse a ponto de atacá-la. É muito tarde para o recato.

Edi seguia com os lençóis até o pescoço.

—O que quer dizer com isso?

Ele se sentou na outra cama, tomou uma torrada e começou a comer-lhe Edi grunó.

—Se não querer a comida, levarei-me isso.

—Necessito algo que me pôr —disse ela.

David se levantou a contra gosto, foi ao armário e tirou uma camisa de homem. Era enorme e estava muito velha, mas Edi a agarrou e colocou os braços nas mangas. Quando esteve tampada, inclinou-se para a bandeja e se serve uma taça de chá.

—Me conte o que aconteceu —disse—. Onde estamos? Quando podemos ir daqui a procurar a revista?

—Que resposta quer que lhe dê primeiro?

—Todas —disse ela.

—Tivemos o acidente ontem e agora estamos em casa do Hamish Trumbull.

Edi ficou com uma parte de torrada na boca, sem mastigar.

—Pelo visto a senhora Pettigrew estava tão segura de que não conseguiríamos cruzar a ponte que chamou um vizinho para que dissesse ao Hamish que baixasse ao rio a nos salvar.

—Mas se você cruzou o rio —disse Edi, ofendida—. Se não tivesse sido por essa vaca...

—Que, por certo, é do Hamish.

—Se não tivesse sido por sua vaca o teríamos conseguido.

—Obrigado —disse David—. Isso mesmo disse ao Hamish mas não me acreditou. Diz que nos passamos a ponte e caímos ao rio cabeça abaixo. Diz que sou o pior condutor que viu nunca.

—Teria que ter atropelado sua vaca —disse Edi com a boca enche.

—O mesmo penso eu. me deixe que lhe sirva o chá. —David usou o braço esquerdo e a mão direita para dirigir a bule, com a perna rígida.

—E o que passa com a revista? —perguntou Edi.

—Aggie, a neta, tem-na, e ninguém sabe onde está.

Edi grunhiu.

—Que idade tem que anda por aí sem supervisão?

—Tem dezesseis anos e a vai carregar. Disse-lhe à senhora Pettigrew que se ia a casa do avô e ao avô que tinha que trabalhar. Quando aparecer se pode preparar.

—E quanto tempo teremos que esperar a que volte de onde seja que esteja?

—«Teremos» —repetiu David levantando-se da cama e indo para a janela—. Sabe?, Hamish é um pouco antiquado e tive que lhe dizer algumas mentirijillas sobre nós.

Como não disse mais e seguia olhando pela janela, Edi começou a atar cabos.

—Há-lhe dito que estamos casados, não é assim?

—Era isso ou ter que dormir no celeiro. Sinto muito, mas entre um colchão fofo e a palha...

Ela se lembrou de como a tinha tirado da água no dia anterior e não lhe pareceu justo que não dormisse em uma cama.

—De acordo, então estamos casados. Y...?

David se voltou para ela com chispitas nos olhos.

—Nem o sonhe, soldado.

—que não chora... —David cruzou a habitação arrastando a perna e se sentou na outra cama—. Parece que Aggie a Desaparecida estará de volta depois de amanhã. Esperemos que se presente com a revista.

—Não há dito ao Hamish...?

—Não lhe hei dito nada a esse ancião. A senhora Pettigrew inventou uma mentira sobre a revista, que assegura que é uma espécie de veículo de espionagem e que o resultado da guerra depende de que a recuperemos. Ela... por que me olhe assim? me diga por favor que isso não é certo.

—Não sei —murmurou ela, e se terminou a torrada.

—Quero que me conte até a última palavra do que sabe, e nem lhe ocorra não me contar isso absolutamente tudo.

Ela demorou uns quatro minutos em lhe contar o que sabia, que não era muito.

—Assim tem que lhe entregar a revista a esse homem...

—Ao doutor Sebastian Jellicoe.

—E logo temos que levá-lo a Londres para que possam enviar o de volta à segurança de Minnesota... ou de algum outro lugar dos Estados Unidos. Correto? —perguntou David.

—Isso é o que me disseram.

—Mas o mapa para chegar ao lugar onde vive está no carro que agora mesmo se encontra no fundo de um rio transbordado.

Edi se apoiou no cabecero.

—Memorizei o mapa.

—Fez o que?

—Enquanto você conduzia o carro, queixando de que ninguém queria falar com você, eu ia atrás memorizando o mapa. Queria encontrar as marcas na revista e as memorizar também, mas não encontrei nada.

—Me queixando? —disse David, recalcando a palavra—. Se você tivesse estado sofrendo tanto como eu, também se tivesse queixado.

—O que lhe passou na perna? —perguntou-lhe Edi, recordando como se inundou sob a água para afrouxar os parafusos e como o tinha beijado para lhe dar ire.

Por um momento seus olhares se encontraram e ele parecia estar pensando no mesmo, mas logo subiu a perna da calça da calça.

—Seu general, esse Satã para o que trabalha, decidiu que um homem ileso viajando pela Inglaterra levantaria muitas suspeitas, assim que me deixou inválido.

Edi olhou a parte central da fêrula e a dobradiça que conhecia tão bem e, sem poder evitá-lo, pôs-se a rir.

—Não lhe vejo a graça —disse David—. Tenho ampolas em toda a perna onde me roça Y... Quer parar de rir?

—Acredito que o fez para me proteger —disse Edi, renda-se ainda—. É como um velho sultão. Considera-nos, as mulheres que trabalhamos para ele, seu harém.

David deixou a um lado seu aborrecimento.

—Sim, tem às mulheres mais formosas.

—A metade são idiotas —disse Edi—. Contratei a uma que escrevia cem palavras por minuto sem enganos, mas o velho Bulldog a jogou porque era feia. Disse que não sobreviveria às bombas e às mulheres feias.

David soltou uma gargalhada.

—Não será uma que trabalha para o coronel Osborne, verdade?

Edi assentiu.

—Pode tirar mais trabalho que três das garotas de Austin.

—Exceto você.

—Exceto eu— conveyo Edi—. Mas me atraso tentando me ocupar de todas elas. Um dia quase me caiu em cima um telhado porque alguém voltou correndo a procurar o pintalábios. Disse-lhe que a pólvora era a melhor sombra de olhos que havia e que teria para dar e tomar se não se apressava. E sabe o que? Tomou com convicção!

—Não o diz a sério.

—Muito a sério. Conhece o Lenny...?

—Varrer? —David abriu uns olhos como pratos—. O vi tirando pólvora de alguns projéteis. Não seria para...?

—Era-o.

Rendo, David se deslocou para trás na cama e apoiou a perna em cima.

—Vale. Assim que quão único podemos fazer é esperar a que Aggie apareça e confiar em que tenha a revista. Enquanto isso, acredito que Hamish quer nos ter ocupados.

—E isso o que significa?

—Esta manhã me teve no celeiro... —Apartou a cara e ao Edi pareceu que se ruborizou.

—No celeiro, fazendo o que?

—Recorda a vaca?

—Irei à tumba recordando a essa vaca —disse Edi—. O que passa com ela?

—É toda uma fêmea.

—OH —disse Edi sorrindo—. Lhe teve ordenhando.

—E tirando o esterco com um forquilha.

Ela o olhou.

—Como pôde, com um braço em tipóia e a perna assim? Pode movê-la?

—Não. Acredito que a dobradiça se oxidou.

—Teremos que tirar a disse Edi—. Ao melhor este homem tem uma chave Allen.

—Não —disse David com tristeza—. Nenhuma chave Allen encaixa, nada encaixa. Estava no celeiro às quatro da manhã porque parece ser que é quando as vacas necessitam que as ordenhem e terá que limpar o chão aos cavalos. provei com todas as ferramentas que tem o velho, e nenhuma serviu. Os parafusos estão colocados profundamente no aço e oxidados. Nada pode com eles. Não teria você por acaso...? Sabe...?

—Se souber o que.

—Sabe se guardou a pequena chave Allen depois de...

—Salvar sua vida? Não —disse Edi—. Não me ocorreu guardá-la. Suponho que estava muito ocupada com a janela e a água e todo isso.

—Supunha-o, mas tinha que perguntar-lhe —A menos que sepa ordeñar uma vaca y limpiar establos, creo que no hay nada que pueda hacer.

Do exterior da habitação chegou uma potente voz:

—Clare! Está você aí?

David pôs os olhos em branco.

—Acredito que prefiro voltar para frente e não tratar com este velho. Austin é um céu comparado com ele.

—Levantarei-me e verei o que posso fazer para ajudar —disse Edi.

—É melhor que lhe advirta que acredito que espera que você cozinhe.

Edi ficou pálida e se tampou de novo.

—Não sei cozinhar.

—Não sabe cozinhar?

—Não me venha com essas! —disse ela bruscamente—. Me criei em uma casa com cozinheira, não sei preparar nada. Serviam-me a comida em bandeja, não sei nem preparar um chá.

—De verdade? —disse David, com um sorriso cada vez mais radiante.

—O que lhe resulta tão divertido, sargento Clare?

—Que eu sim que sei cozinhar.

—Sabe cozinhar? —disse ela, assombrada.

—E agora quem cai nos estereótipos? Minha mãe é italiana. Eu sei cozinhar. Olhe, por que não lhe dizemos que você está ferida e tem que ficar em cama assim que eu cozinharei?

—E quem ordenhará a vaca?

—Esqueça-o! Hamish o fará; faz-o quando não estamos nós.

—Assim serei uma pobre e débil mulher que logo que pode se ter em pé, é assim? Tenho que ficar na cama sem fazer nada?

—A menos que saiba ordenhar uma vaca e limpar estábulos, acredito que não há nada que possa fazer.

—Pois resulta que cresci montando a cavalo.

—É obvio —disse David—. A cozinha é pouco para você mas é empregada de quadras.

—Certamente, é você o homem mais insuportável que conheci em minha vida —disse Edi.

Ele se levantou e a olhou indo para a porta.

—E você, senhorita Edilean Harcourt, é a mulher mais formosa, inteligente, resolvida e valente que conheci jamais. E, por certo, quero me casar com você. —Saiu da habitação deixando ao Edi com a boca aberta.

—É você uma calamidade, sabia? —disse David, examinando as ampolas das Palmas do Edi—. Como lhe ocorreu fazer todo esse trabalho?

—Não sei —disse ela encolhendo-se de ombros—. Me sentava bem fazê-lo. Estou tão cansada de estar encerrada ouvindo as máquinas de escrever todo o dia! Eu gosto de estar ao ar livre.

Estavam na cozinha da casa do Hamish Trumbull e havia uma diferença como da noite ao dia entre o aspecto que tinha e o que tinha tido pela manhã. Apesar de queixar-se de que Edi tinha trabalhado muito, David se tinha passado o dia limpando a cozinha, esfregando todos os armários por dentro e todos os cacharros. Tinha cheio a cesta de lenha e mantido acesa a velha estufa todo o dia enquanto cozinhava. A habitação estava esquentada e cheirava estupendamente.

—Não é que você tenha estado sentado precisamente —disse ela, com uma careta de dor enquanto lhe examinava as mãos.

—Não, mas tive ajuda —disse ele muito sério, e o absurdo da situação os fez estalar em gargalhadas.

—Onde está ele? —perguntou Edi, refiriéndose ao Hamish, quando se acalmaram.

—Deixei-o rendido batendo manteiga —disse David, tomando um pouco e estendendo-a sobre suas ampolas.

—Manteiga? Sabe você fazer manteiga?

—É obvio. Como acredita que se faz?

—Bombeando a cauda da vaca acima e abaixo —disse ela.

David se Rio.

—Vale, não sou granjeiro, mas sei o que terá que fazer uma vez que os ingredientes estão na cozinha. Prove isto. —Colocou uma colher de madeira em uma caçarola que estava fervendo sobre um fogão e a aproximou dos lábios ao Edi. Quando ela foi agarrar a, apartou-a.

—Delicioso —disse ela—. Nunca tinha provado nada igual. O que é?

—Molho Alfredo para a massa.

—Para ao que?

—Os espagete —disse ele—. Vocês os americanos chamam a toda a massa espagete. Lista para comer?

Ela se levantou devagar. Essa manhã tinha registrado o armário da habitação que compartilhavam e tinha encontrado umas calças de homem que quase foram bem. Foram bem de comprimento mas eram tão largos de cintura que teve que fazer um buraco mais em um velho cinturão para que não lhe caíssem. Ela e David se riram um momento de levar ambas as calças muito grandes.

Edi tinha passado o dia fora e David dentro. Os dois se deram conta em seguida do péssimo estado em que se encontrava a granja. Com todos os homens jovens e fortes no fronte, a maioria das granjas estavam descuidadas, mas aquela o estava mais do habitual.

Aquela manhã Edi tinha visto o Hamish pela primeira vez, e em lugar do velho resmungão que David lhe havia descrito, encontrou-o triste.

—Não lhe pergunte nada —lhe tinha sussurrado ao David—. Não poderei suportar a resposta. —Havia tanta gente com histórias espantosas a respeito da perda de seus seres queridos que Edi já não queria ouvir nenhuma mais.

—De acordo —disse David.

Edi encontrou o velho abrigo que caía a pedaços e servia como galinheiro e agarrou alguns ovos. depois de tomar o café da manhã, começou a limpar o exterior. Como dizia David, quando era menina não tinha pisado na cozinha mas gostava dos estábulos e todo aquilo que tinha feito ao Edilean Manor virtualmente auto-suficiente.

Quando entrou na casa para comer, a cozinha estava reluzente e David acabava de tirar o pão do forno. Sorriu agradecida de que tivesse feito todo aquilo com um braço em tipóia e a perna rígida.

depois de comer a empreendeu com o galinheiro. Um dos postes da cerca que rodeava o jardim se cansado arrastando consigo parte da cancela. Se alguma raposa queria entrar, nada o impediria. O vento soprava e Edi queria levantar o poste antes de que começasse a chover de novo.

Estava cavando o buraco e tratando de agüentar o poste quando chegou David correndo a sua estranha maneira e se apoderou dele e o sujeitou enquanto ela o cravava. Logo, juntos, puseram pedras ao redor para fixá-lo.

—Tenho que voltar —disse ele, levantando a voz por cima do vento, que era cada vez mais forte—. Não fique muito tempo aqui fora.

—Não o farei —lhe respondeu ela. Entretanto uma vez que teve entrado, agarrou uma forquilha e começou a limpar o galinheiro. Por seu aspecto, não o tinham limpo em um par de anos. Aquilo não era bom para as galinhas nem para a gente que as comia.

Não se deu conta de que tinha as mãos ulceradas até que teve terminado. Tinha amontoado o esterco fora do galinheiro e miserável duas balas de palha fresca do celeiro até ali. Procurou umas luvas no celeiro mas não encontrou, assim continuou trabalhando com as mãos nuas. Quando o sol começou a baixar, tinha avançado muito no celeiro, tanto reparando como limpando esterco.

Não era consciente de quão cansada estava até que entrou na casa e se sentou. David lhe lançou um olhar e foi ocupar se dela. Abriu-lhe as mãos, as lavou e depois as lubrificou com manteiga para lhe aliviar a dor das ampolas.

—Né, não... Não durma —ordenou quando ela quase ficou dormida na cadeira—. Antes tem que comer.

—Parece minha mãe.

—Me tomarei como um completo. —David lhe pôs diante um enorme prato de massa caseira com molho de nata—. Quero que o coma tudo e que se beba o leite. Precisa repor forças.

—Sim, senhor. —Estava tão cansada que nem sequer podia manter-se erguida na cadeira. Fez-lhe graça pensar no que sua mãe diria se visse sua filha nesse momento.

—Que tal se compartilhar o motivo desse sorriso? —sugeriu-lhe David enquanto se servia um prato.

—Estava pensando em minha família.

—Me fale disso. Granjeiros ricos, equivoco-me?

—Eram-no. Mas a riqueza se esfumou. Possuíamos um povo inteiro, mas...

—Mas o que?

—Não importa, parece que fizesse um século. Isto está realmente bom. pensou alguma vez em abrir um restaurante?

—E você pensou em visitar Nova Iorque? Há um restaurante italiano em cada esquina.

—Acredita que se encontra bem? —sussurrou Edí, fazendo um gesto com a cabeça para a porta fechada do dormitório do Hamish.

—Pelos roncos, acredito que esteve dormindo todo o dia. Ou pode que alguém tenha estado lançando amadurecidas dentro dessa habitação.

—É você muito mau —disse Edí sonriendo—. O pobre homem está esgotado. Não esqueça que nos salvou a vida a ambos.

—Já! —disse David—. Sabe como me reanimou?

—Vi-o tirá-lo da água e me lembro que tinha a esperança de que não tivesse morrido.

—Deu-me um pisão no estômago.

—O que?

—Assim —disse David, e golpeou o chão com sua perna boa—. Pom! Quase me afoguei porque comecei a vomitar água e a comida da senhora Pettigrew.

Edí tentava não rir, mas não o podia evitar.

—E nos perguntávamos por que Aggie não quer estar em casa...

—Se vivesse com ele, alistaria-me no Exército... embora fora uma garota de dezesseis anos.

—Vamos, não é tão mau.

—Não se aconteceu o dia aqui dentro com ele. Deveria lhe haver ouvido queixar-se da forma como trabalhava você no abrigo das galinhas.

—No galinheiro.

—Como?

—Não importa. O que dizia de mim?

David negou com a cabeça, incrédulo.

—Disse... —Baixou a voz—. Há dito que se tivesse uma esposa com umas pernas como as suas não estaria em casa esfregando o chão... ao menos não com uma faxineira.

—Não há dito isso.

—Juro-o —disse David com a mão sobre o coração—. Pretendia sair a ajudá-la, mas o tirei que a cabeça.

—E como?

—Ensinei-lhe o punho olhando-o a sua descarnada e velha cara.

Edi se partia, tampando-a boca para amortecer as gargalhadas.

—Então quem é pior, você ou ele?

—Espero que eu, mas ele teve mais anos para aprender.

Quando David viu que ao Edi os olhos lhe fechavam, agarrou-a das mãos e a levantou. Estiveram um instante muito perto um do outro. A atitude relaxada desapareceu de repente; ambos estavam em guarda.

—Tenho água quente para você —disse David voltando-se para a pia, rompendo a tensão—. Lave-se até onde possa, ou dispa-se e eu lhe sustentarei uma toalha.

Edi Rio de novo, a tensão tinha desaparecido.

—Não obrigado, acredito que solo me lavarei a cara e as mãos e deixarei o resto para quando tiver uma banheira. Estou muito cansada para me preocupar de quão suja estou.

—Eu gosto das mulheres com sabor a terra.

—Acredito, David Clare, que lhe gostam de todas mulheres.

—Isso crie? Pois nisso se equivoca por completo. De acordo, você lave-se e eu revisarei o varal. Não tenha pressa.

Edi não demorou muito em lavar-se. Dizia a verdade quando afirmava que não lhe importava ir suja. deu-se um pouco de água em cara, pescoço e axilas, foi ao dormitório e fechou a porta.

Quando se despia, olhou as duas camas. Era extraordinário o que dez horas de duro trabalho físico podiam lhe fazer a uma pessoa. Se fazia dois dias lhe houvessem dito que tinha que passar a noite na mesma habitação que um soldado, haveria dito que preferia dormir em uma pedra sob a chuva. Mas naquele momento lhe parecia natural que David, não o sargento Clare a não ser «David», dormisse na mesma habitação.

Na cadeira, ao pé da cama, havia uma camisola limpa. Edi soube que David o tinha posto aí para ela. Certamente era do Aggie. Estava tão limpo e Edi tão suja que esteve a ponto de não ficar o embora acabou por fazê-lo. Retirou os lençóis e as mantas da cama mais próxima à porta e ficou dormida em um instante.

Quando despertou, a habitação estava às escuras e algo tinha sacudido a cama. Ao princípio lhe entrou o pânico. Tinha que ir ao refúgio anti-aéreo! Devia encontrar às garotas e as levar ali!

—Tranqüila —lhe disse David—. Sou eu, volte a dormir.

Ela se apoiou nos cotovelos, tentando ver na escuridão.

—Acenda a luz.

—Não há luz. Recorda? Não há eletricidade.

—OH, vale...! —deitou-se de novo—. A granja do Hamish.

—Isso é —disse ele com doçura—. Volte a dormir.

Isso fez, mas se desvelou novamente porque algo voltou a golpear a cama. sentou-se.

—Perdão —se desculpou David—. É esta maldita férula e que as camas estão muito juntas. Quando conseguir me dar a volta deixarei de golpear sua cama. Agora volte a dormir.

Esta vez ela estava completamente acordada.

—Poderia trazer um quinquê?

—Para que?

—Quero ver sua perna.

Houve um momento de silêncio até que David falou.

—Que tentador. A perna está bem.

—Acredito que amanhã eu cozinharei e você ordenhará a vaca e recolherá os ovos.

—Você ganha.

Um momento mais tarde voltava para a habitação com um quinquê. Ia sem camisa e sem sapatos; solo levava aquelas calças que lhe vinham grandes.

Deixou o quinquê no chão, entre as duas camas.

—E agora o que? —disse.

—Tire-lhe lhe ordenou Edi. levantou-se da cama, foi ao armário e tirou a velha camisa que se pôs pela manhã em cima da roupa interior. A julgar pela talha, Aggie era mais baixa e estava mais cheia que Edi, com o que a camisola ficava excessivamente curto e os suspensórios lhe caíam quando se movia.

—Eu gosto desta camisola —comentou David, desabotoando-os calças.

—Cale-se ou contarei ao Hamish a verdade sobre nós e terá que dormir no chão da cozinha.

—Está-me ameaçando com um castigo tão severo se não me Quito as calças estando sozinha em uma habitação com a mulher mais formosa do mundo? A mulher com a que tenho intenção de...

—Pare —disse ela, mas sorria.

Como David lutava para baixá-los calças por cima da pesada férula, ela os agarrou pelos baixos e atirou deles. Ele tentou brincar, mas ela estava muito

horrorizada pelo que via para sorrir. O aço lhe tinha aberto feridas na perna. As velhas almofadinhas se cansado quase todas; as correias que sujeitavam o artefato se deslocaram até converter sua perna em uma massa de ampolas e úlceras sangrantes.

—Amo ao general Austin —disse David.

—Mo ouvirá por ter feito isto, pode estar seguro —disse ela, com a boca apertada em um gesto de raiva—. Fique aqui, vou ver o que posso fazer para lhe limpar isto.

—Sou todo dele, neném —disse ele. apoiou-se nos almofadões e ficou dormido imediatamente.

Quando despertou, Edi estava sentada em uma cadeira da cozinha, com uma bacia de água quente na mesinha de noite, tentando lhe lavar as feridas e enfaixar-lhe —No está mal, pero he oído cosas peores.

—Isto dói, verdade? —perguntou-lhe com doçura.

—Não muito.

Edi sabia que mentia. E ela que acreditava que tinha as mãos mau! Não podia imaginar sequer pelo que tinha passado ele esse dia com aqueles bordos afiados cravando-se o na carne.

Foi ao armário, tirou outra camisa velha e a cortou em tiras.

—As ampolas e esses cortes se pegaram ao aço, assim que isto lhe vai doer, mas vou envolver o metal com estas tiras para que não se o chave tanto. Acredita que poderá agüentá-lo?

—Farei o possível.

Edi começou e, ao ver como apertava a mandíbula, compreendeu o muito que lhe doía e quis lhe distrair.

—Me conte algo de sua família. Tem algum irmão ou irmã?

—Tenho oito. Eu sou o segundo, mas... —Inspirou para lutar contra a dor—. Bannerman, que tem um ano mais que eu, cuida-nos de todos. É o melhor, ele... —David se interrompeu quando o aço se levou uma tira de pele.

Edi pensou que seria melhor que falasse ela.

—Meu irmão Bertrand é a pessoa mais preguiçosa do mundo —disse.

—Ah, sim? até que ponto?

—Quando tinha três anos e viu seus presentes sob a árvore de Natal, disse: «Quem me vai abrir isso?»

David soltou uma gargalhada.

—ouvi coisas piores.

—Quando tinha seis anos, meu pai lhe comprou uma bicicleta e o tirou para lhe ensinar a montar.

—E?

—Bertrand o fazia muito bem. Meu pai correu detrás dele, agüentando-o, e meu irmão mantinha perfeitamente o equilíbrio. Mas quando o soltou, a bicicleta se parou. Bertrand perguntou por que. Quando meu pai lhe disse que tinha que pedalar, deixou a bicicleta atirada na rua e nunca mais voltou a montar.

David fez uma careta de dor quando lhe limpou um dos cortes, mas não estava tão tenso.

—Não está mau, mas ouvi coisas piores.

—Quando tinha doze anos, meus pais nos levaram a um restaurante. Era a primeira vez que íamos a um e meu pai pediu bifes para nós. Quando trouxeram o de meu irmão, olhou-o e perguntou como ia comer se o Meu pai lhe ensinou a cortar o bife e logo a mastigá-lo. Meu irmão chamou o garçom e lhe pediu um prato de purê de batatas.

—De acordo —disse Isso David está melhor, mas ouvi coisas um pouco piores.

—Quando tinha dezesseis anos, minha mãe o arrumou para que seu amado filho fora a um baile com uma garota muito bonita. Tinha que recolhê-la a seis da tarde. Às seis e meia Bertrand estava sentado na sala de estar e meu pai lhe perguntou por que não tinha ido a sua entrevista. Meu irmão disse:

—Porque ela ainda não me veio a recolher.

David se Rio.

—Todo isso é mentira, a que sim?

—É a pura verdade.

—E como sobrevive? O que faz? Como conseguiu passar na escola?

—Meu irmão é um jovem brilhante. Na escola alguém lhe dizia de que livro falavam e aos cinco minutos podia debater amplamente sobre ele. Gosta de estar sentado e falar. —Escorreu uma tira de tecido—. E mexericar. Conhece todo o povo e todos lhe contam seus segredos.

—Suponho que não foi à guerra.

—Não apto, pés planos. —Quando Edi empurrou com cuidado outra tira de tecido, David gemeu de dor—. Quer ouvir mais?

—Sim —disse ele, com os dentes apertados—. Sabe um pouco de Austin? Algo mesquinho e suculento?

—Não, só lhe contarei coisas do Bertrand. Quer ouvir como faltou a suas próprias bodas?

David a olhou com os olhos como pratos.

—Me conte.

—Minha mãe o arrumou tudo. Bertrand viu a garota, disse que era adequada e isso foi suficiente para as duas, tanto para minha mãe como para a garota.

—Casavam-se fortuna e sobrenome, não é assim?

—Já lhe hei dito que não havia dinheiro; mas sim, estava a linhagem — disse Edi—. Minha mãe estava iludida e passou meses planejando as bodas mais perfeita que o povo tivesse visto. Meu pai teve que hipotecar nossa velha casa. Na tarde anterior à celebração, meu pai foi à habitação de seu filho para ter um bate-papo sobre a noite de bodas.

—A noite de bodas... —David suspirou—. Esta anedota é a que mais eu gosto das que me contou. Possivelmente seja quão melhor ouvi em toda minha vida.

—Ninguém sabe exatamente o que lhe disse meu pai, mas todo mundo ouviu o Bertrand gritar por única vez em sua vida. Exclamou: «Tenho que fazer o que?»

David se pôs-se a rir.

—Agora sim que tira o sarro. É a pior historia que ouvi jamais. O que aconteceu?

—Bertrand ficou em casa ao dia seguinte e nada nem ninguém conseguiu que se movesse.

—E sua prometida?

—ficou plantada no altar, pobrecita. Sua família se sentiu tão humilhada que seis meses depois se transladaram a Atlanta.

—O que disse seu irmão para explicá-lo?

—Nada. Por isso eu sei, nunca mencionou esse dia. O que façam outros jamais lhe importou.

—E sua mãe?

—depois daquilo desistiu de tentar controlar a vida de seu filho, e meu pai disse que isso quase compensava o gasto das bodas.

A essas alturas David já se estava rendo e Edi tinha terminado com as vendagens. Soube por seu olhar que já estava o suficientemente cômodo para dormir. Tampou-o com um edredom e se meteu em sua própria cama.

—boa noite —lhe disse ele com um suspiro.

Edi sorriu e voltou a dormir.

Capítulo 20

Jocelyn se estava rendo quando Luke acabou de ler.

—ouvi tantas coisas do Bertrand que oxalá o tivesse conhecido.

—Teria-lhe encantado.

—Sério? —sentia-se adulada.

—Deixa a porta aberta e a gente entra e sai de sua casa todo o dia. Dá de comer a tudo o que se deixa cair e sempre tem tempo para escutar a todo

mundo. Sim, acredito que você e Bertrand tivessem sido uns grandes companheiros de piso.

—Eu não sou assim —disse Jocelyn—. Sou...

—É como? Mais como a senhorita Edi? Como a descreve aquela enfermeira, tão fria e sem coração?

—Tenho que lhe mandar a essa mulher uma cópia desta história e ver se segue pensando que Edi não tinha coração. —Por um momento, Joce ficou calada, sentada com as costas muito reta, abraçando-as joelhos com os olhos fixos na água—. Pensar que Edi teve que perdê-lo... Ali estava ela, na guerra, rodeada de homens que faziam loucuras por ela, e ela esperando o Verdadeiro Amor, e quando o encontrou...

—Mataram-no. E depois a feriram ela gravemente. Pergunto-me se esse acidente foi a causa de que não se casasse e tivesse filhos.

—Quer dizer que crie que não podia os ter?

—Não sei. Eram muito graves as queimaduras?

—Para o final, eu a ajudava a vestir-se. As cicatrizes foram dos joelhos para baixo. Não acredito que o fogo a alcançasse mais acima. Disse-me que fazia muito frio esse dia, assim que todo mundo ia muito abrigado e dois soldados se atiraram em cima dela com seus grossos casacos. Se não tivessem feito isso, o fogo se teria espargido, porque estava empapada de gasolina.

—Atiraram-se em cima dela... —Luke sacudiu a cabeça—. E David já tinha morrido por então.

—Sim. Ela contava que gritava seu nome no hospital. Estiveram-na trasladando de hospital em hospital enquanto esperavam sua morte.

—Não acreditavam que fora a viver?

—Não —disse Joce—. A gasolina e o fogo, inclusive a lâ dos casacos dos homens, causaram-lhe uma grave infecção. Teve febre alta durante semanas. Acredito que o general Austin interveio para que a trasladassem aos Estados Unidos apesar de que já não trabalhava para ele.

—Deixou-o? Crie que lhe disse que já não agüentava mais seu mau caráter?

—Não sei. Não o perguntei porque ela nunca insinuou que fora um homem difícil. Solo dizia que quando sofreu as queimaduras seguia na Inglaterra mas já não trabalhava para Austin. Não sei o que estaria fazendo. Suponho que estava no Exército ou tivesse voltado para casa, ao Edilean.

—Teria tornado? —perguntou Luke.

—por que o pergunta?

—por que ia querer voltar para o Edilean? O que lhe esperava aqui? Uma velha casa que custa um montão manter e um irmão que bate recordes de preguiça?

—E seu muito feliz avô —disse Joce.

—Sim, meu feliz avô que rompeu com o Edi o dia depois de que Pearl Harbor fora atacado.

—Contou-te seu avô alguma vez por que romperam seu compromisso?

—Sim. Quando fomos ao Richmond contou que foi porque se deram conta de que não tinham nada que descobrir um do outro —disse Luke—. O avô assegura que, quando tanto ele como Edi viram que morriam de vontades de ir à guerra, souberam que suas vidas perfeitas não eram tão perfeitas depois de tudo. A senhorita Edi lhe disse ao avô que teriam que ter estado desolados porque o futuro que sempre tinham esperado ia trocar, mas que entretanto não o estavam. Diz o avô que lhe devolveu o anel, deram-se a mão e riram juntos, contentes ambos de ter acabado com o compromisso.

—Mas nunca o contaram a ninguém.

—Toda a cidade se entristeceu. A guerra era suficiente motivo de tristeza. Edi e David tinham estado juntos toda sua vida.

Joce se voltou a olhar ao Luke, convexo na manta, com as mãos detrás da cabeça.

—Me alegro de não te conhecer de toda a vida —lhe disse.

Luke pareceu a ponto de lhe agarrar a mão mas não o fez.

—Jocelyn, acredito... —interrompeu-se e se deitou de novo na manta—. Ainda pensa que sou como seu pai?

—por que se preocupa tanto que dissesse isso?

—Quem quer ser como o pai de sua noiva?

O antiquado da expressão «sua noiva» a fez estremecer.

—O que mais me chama a atenção da história do Edi, no que acredito que mais nos parecemos ela e eu, e também minha mãe, é em que pelo visto-nos atren os homens que... —Não soube que mais dizer,

—Que não são advogados? —sugeriu-lhe Luke—. Sua mãe se apaixonou por um manitas, a senhorita Edi de um mecânico de carros, e agora você gosta do jardineiro.

Ela percebeu sua irritação.

—Luke... Não pretendia dizer isso.

—Lista para ir ? —levantou-se.

Ela o imitou.

—Está zangado comigo?

—Por me dizer que eu... o que? Que você gosta apesar do que sou? E se fosse médico como meu avô? Você gostaria mais então?

—Não, mas poderia me permitir comprar móveis para essa casa tão enorme —lhe respondeu sorrindo.

Luke não sorria.

—Assim que se trata de dinheiro. logo que Rans retorne à cidade jogará em seus braços porque é rico.

—Não era mais que uma brincadeira —disse Joce—. Nunca me casaria com um homem só pelo dinheiro.

—Está segura? Talvez quer a minha primo pela vida que pensa que pode te dar. Férias, babá para seus filhos, talheres de prata. É isso o que considera importante?

Quando se voltou para ir-se, lhe pôs a mão no braço e disse:

—Nada disso me interessa. Se por mim fora, viveria em um rancho de duas habitações e escreveria enquanto os meninos dormem a sesta. Mas Edi me deixou esta casa, assim que eu...

—A senhorita Edi! Não pensa em outra coisa? Solo te interessa sua vida, não a nossa?

—Claro que não! Penso em minha própria vida, mas, segundo Edi, Ramsey era perfeito para mim. —Imediatamente depois de dizer aquilo, tampou-se a boca com a mão.

—Ela disse... o que?

Joce agarrou a mochila e começou a colocar coisas dentro.

Luke a agarrou por braço e a obrigou a olhá-lo.

—Me diga agora mesmo do que está falando. Quando te falou ela do Ramsey?

—Na carta que me deixou com suas últimas vontades. Você não a conhecia, mas era muito boa formando casais. Segundo ela havia um homem no Edilean perfeito para mim.

Luke lhe soltou o braço e deu um passo atrás.

—Minha primo Ramsey.

—Sim. Mas não te conhecia. Ela...

—E juraria que tampouco conhecia o Ramsey —quase gritou Luke—. Quão único sabia dele era que tem dinheiro e os quais eram seus antepassados. Não te ocorreu alguma vez que foi parte do trato entre o Alexander McDowell e a senhorita Edi? Talvez tentava lhe dar as graças ao tio Alex lhe entregando a seu descendente a velha mansão que ele tinha cobiçado toda sua vida.

—Isso é uma estupidez.

—Agora que leva vivendo aqui algum tempo, realmente não o crie possível?

—Não sei. —Joce se tampou os ouvidos com as mãos—. Não quero ouvir nada mais.

Ante seu mutismo, ela baixou as mãos e o olhou. Luke parecia esperar que ela dissesse algo, mas não lhe ocorria nada que lhe responder.

—Tem intenção de dedicar por completo sua vida à senhorita Edi? — perguntou-lhe Luke—. Vive em sua casa e te dedica a escrever sobre ela e a ler sobre ela. Parece que solo pensa nela. Te vais casar com um homem ao que não ama somente porque ela te disse que devia fazê-lo?

—Não —disse Joce—. O está tergiversando tudo. Além disso, não me pediu que me case com ele.

—Mas vai fazer o —disse Luke—, e sabe. Vamos?

—Sim —disse ela. Mas não desejava ir-se. Queria ficar e discutir o assunto com o Luke. Tinha sido um dia maravilhoso, no que a maior parte da história de amor se desvelou, mas tudo tinha terminado em uma briga, e nem sequer estava segura de como tinha começado.

ia retificar, a lhe dizer que não, que não queria ir-se, mas estalou um raio e retumbou um trovão e lhes caiu em cima um toró. Instintivamente, Jocelyn olhou o refúgio, mas Luke tirou os impermeáveis das mochilas e ajudou ao Joce a ficar o sua com uma mão enquanto se protegia a cabeça com o outro.

—Temos que ir daqui —disse—. Pode andar?

—Claro.

—Não te separe de mim.

Suas largas pernas lhe imprimiam um ritmo que lhe custava seguir, mas o fazia. Quando chegaram à caminhonete, Luke lhe abriu a porta para que subisse e correu até o outro lado.

—Quer me escutar? —disse-lhe Joce enquanto ele arrancava o motor—. Não vou casar me com ninguém. Sinto falar tanto do Edi e oxalá não te tivesse contado o que me escreveu.

Ele não a olhava, mas assentiu com a cabeça; depois tirou o carro do estacionamento e uns minutos depois estacionava no caminho de entrada do Edilean Manor.

—Quanto tempo pensa seguir zangado comigo? —Jocelyn estava ao bordo das lágrimas.

de repente, Luke apoiou o braço no respaldo do assento, sujeitou-a pela nuca e a beijou profunda e longamente, com mais paixão da que Jocelyn houvesse jamais experiente.

Quando a soltou, apoiou a cabeça no guichê, com os olhos fechados.

—Esquece ao Ramsey —disse Luke—. Se parece muito a ti e acabarão lhes odiando.

Quando ela sentiu que ele lhe aproximava de novo, abriu os olhos, preparada para voltar a beijá-lo, mas ele abriu a porta e lhe disse:

—Entra e date um banho quente. Tenho que me ausentar da cidade uns dias, mas quando voltar conseguiremos que o avô nos dê a continuação da história.

—De acordo. —desembarcou da caminhonete e entrou na casa.

Capítulo 21

A manhã seguinte era sexta-feira e Jocelyn estava sentada na cozinha tomando um chá quando entrou Tess.

—O que faz aqui? —disse Tess, indo para a geladeira—. Miúdo susto me deste.

—Que eu saiba, vivo aqui.

—OH, vá! Miúdo humor! Brigaste-lhes Luke e você?

—Não, claro que não —disse Joce, mas lhe doía a cabeça.

Tinha dormido mau. As palavras do Luke, sua raiva, inclusive seu inexplicada parte do povo a preocupavam.

—Ramsey volta hoje —disse Tess—. Seu avião aterrissa no Richmond às dez da manhã, assim suponho que aparecerá por aqui na hora de comer. Ontem à noite me chamou e me perguntou por ti e pelo Luke

—por que não me chamou? Se quer saber coisas de mim teria que me perguntar isso diretamente.

—Está de um humor de cães esta manhã. por que discutiram Luke e você?

—Provavelmente por culpa do Ramsey —disse Sara da entrada—. Luke e Ramsey se estiveram brigando desde que nasceram. Agora têm ao Joce para brigar por ela.

—Não sou uma... —Jocelyn tinha pronunciado aquelas palavras tantas vezes que não podia voltar a fazê-lo.

—Me vou fazer uns ovos mexidos. Alguém quer? —disse Sara enquanto tirava da geladeira um cartão de ovos da granja de sua família.

—Sim, claro —disse Tess—. Melhor que faça muitos porque Jim virá em seguida. Sabe o muito que come.

Jocelyn se sentou no centro da cozinha, olhando às outras duas mulheres transportar, e se lembrou do que havia dito Luke a respeito de que sua casa sempre estava aberta para todos. O que tinha isso de mau? Que ele tivesse sua casa fechada a cal e canto não significava que a sua tivesse que está-lo.

—por que está tão triste? —perguntou-lhe Sara—. E onde está Luke?

—por que será que do primeiro momento em que pus um pé neste povo me relaciona com o Ramsey ou com o Luke? por que não posso ser eu e ponto?

Tess e Sara intercambiaram um olhar de mútua compreensão.

—por que não vem comigo ao povo a ver minha loja? —perguntou-lhe Sara—. estiveste tão ocupada com o livro que nem sequer a viu ainda.

—Você também estiveste bastante ocupada —disse Jocelyn—. Com o homem ao que amas, o novo negócio e todas as coisas maravilhosas que lhe estão passando, deve ser muito feliz.

—Vêem e passa um momento com o Greg e comigo hoje —insistiu Sara—. Em realidade não lhe conhece e é um menino estupendo.

—A culpa não é do Joce —disse Tess—. Vós dois lhes passam todo o tempo na cama ou na loja. Nenhum dos dois tem tempo para algo ou alguém mais.

—Parece-me que está ciumenta. —Sara olhou ao Tess de reajo.

—Ja! Não estou ciumenta de ninguém. É simplesmente que vós dois...

—Garotas! —ouve-se uma voz na porta e Jim entrou carregado de bolsas de comida.

Aquilo era muito para o Jocelyn: muita companhia, muito de tudo. Deixou a taça e subiu a sua habitação. Pelo menos no piso de acima estava fora do alcance da gente que entrava e saía.

Sentou-se ao bordo da cama e agarrou o porta-retratos dobro: David a um lado, uma jovem e formosa Edilean Harcourt ao outro. Invejava-a por ter sabido a que homem amava.

Quando deram uns golpecitos suaves na porta aberta, levantou os olhos e viu a Sara.

—Olá. Posso passar?

—Sim, solo estava... —Não lhe ocorria nada para explicar o que estava fazendo.

—Precisa falar com alguém?

—Sim. Não. Não sei —disse Joce—. É que...

—Homens —disse Sara—. Sempre foi assim e assim será sempre. Homens.

—Conheceu um homem e te apaixonou perdidamente dele imediatamente. O que sabe você dos problemas com os homens?

—mais do que crie e, apesar do que diz Tess, entre o Greg e eu há algo mais que sexo e negócios.

—Eu me conformaria com isso.

Sara apoiou os cotovelos na cama.

—Me conte o que lhe têm feito minhas horríveis primos e eu te darei soluções. Se a alguém conheço é a minhas primos.

—Não me disse que Luke era maior que você e que apenas o conhecia?

—É o que digo aos desconhecidos —disse Sara—. Mas acredito que agora já somos amigas. Aquele dia em casa do Viv ficou provado.

Jocelyn gemeu.

—Não me recorde isso. Bell aparecendo médio em couros e você e eu escapando pela cozinha à carreira como ladronas e a...

—Sim —disse Sara—. A você-sabe-quanto Luke. Espero que te tenha contado que se acabou. estive trabalhando com o Ken no MAW para conseguir a anulação de seu matrimônio.

—Me contou —disse isso Joce.

—Logo voltará a ser solteiro. Legalmente, nunca terá estado casado. Qual é o problema?

Jocelyn se levou a mão à frente.

—Eu sou o problema. Quão único sei é que tenho que escolher entre dois homens fabulosos mas não estou segura de si me querem ou se trata somente de uma competição masculina.

—E qual te acelera os batimentos do coração do coração ao vê-lo?

—Luke.

—Com qual deseja passar cada minuto do dia?

—Com o Luke.

—A qual vê quando imagina um lar com meninos?

—Ao Ramsey.

—OH, caramba! —disse Sara—. Tem um problema. Acredito que tem que te esclarecer e te decidir por um dos dois. Não pode seguir duvidando.

—É que nenhum me pediu... como o diria? Ir a sério.

—Luke não quer te dizer nada até que tenha a anulação.

—E Ramsey?

—Ele possivelmente retorne com um anel de compromisso. É muito teatral.

—Mas apenas o conheço!

—Interessante —disse Sara—. Me pergunto o que tivesse respondido se te houvesse dito que Luke voltava com um presente para ti.

—Onde está? Aonde foi? foi-se da cidade e nem sequer sei onde está.

Sara se sentou na cama e olhou ao Jocelyn.

—Crie que não pode decidir entre os dois homens, mas me parece que já decidiste Te levou Luke a fazer senderismo?

—Sim.

—A algum lago?

—Sim, estivemos aí acima e comemos sanduíches enquanto nos alternávamos para ler a história do Edi. Sara, deveria lê-la! É a coisa mais romântica que tenho lido em minha vida.

Sara se levantou.

—Sabe o que é romântico? A forma em que tem feito sorrir a minha primo. Luke se comporta como se nunca nada lhe afetasse, mas no fundo tem uma alma muito sensível. casou-se com uma mulher a que não amava porque estava

grávida de seu filho. Não é isso doce? Ajudou-a a começar no mundo da moda e lhe pagou... —Sara se calou.

—Sei —disse Jocelyn—. Com um aborto.

—Quem lhe contou isso?

—O doutor Dave.

—Meu deus, vai muito depressa! O doutor Dave te conta os problemas pessoais de seu neto?

—Sim. Que problema há?

Sara ficou olhando-a um momento.

—Sabe o que acredito? Acredito que é possível que esteja tão apaixonada pelo Luke que quando se foi, embora seja sozinho uns quantos dias, deprimiste-te.

—Não estou apaixonada por nenhum homem do mundo. Quanto faz que conheço o Luke? Dois meses?

—Quanto tempo passou sua preciosa Edi com o homem ao que amava?

—Dias.

—Aí o tem. Quero que te maquie um pouco, que te penteie e te recolha o cabelo com uma dessas cintas que use e que passe o dia com o Greg e comigo na nova loja. Precisa sair desta casa, da história em que te implicaste tanto, e precisa falar com alguém que não sejam minhas primos.

—É isso possível neste povo?

—Muito graciosa —disse Sara—, mas as brincadeiras não lhe servirão.

—Agarrou ao Joce das mãos e atirou dela para levantá-la—. te Arrume e vamos. Tenho tanto trabalho que não sei por onde começar.

—Não, por aí não —disse Greg Anders a Sara—. Eu iria por aqui, não por ali.

Jocelyn estava sentada no chão com as pernas cruzadas, pintando a parte inferior de uma das paredes da loja. Tinha passado horas com a Sara e Greg, olhando-os, e o único que podia dizer era que Greg o fazia desejar encontrar-se com o Luke e ir correndo para ele com os braços abertos. Como era possível que a doce Sara gostasse de semelhante mandão. Era algo que superava sua capacidade de compreensão.

A loja que estavam reformando ia ser bonita. Tinha estado cheia de móveis velhos durante muitos anos e Sara dizia que o dono era tão velho que a abria raramente e que, quando o fazia, ficava dormido.

—A gente deixava um cheque ou o dinheiro sobre o mostrador e se levava o que queriam comprar. Quando minha mãe via turistas entrar na loja, enviava a um dos dependentes a vigiar para assegurar-se de que não roubavam nada.

—E a compraste —disse Jocelyn olhando a seu redor. Era bastante grande e, uma vez grafite e com os chãos restaurados, seria deliciosa.

Quando acabavam de chegar, Greg entrou, agarrou a Sara pela cintura e a inclinou para lhe dar um beijo que Jocelyn pensou que deveria lhe haver dado em privado. Mas a Sara não parecia lhe importar.

—Jocelyn veio a ajudar —disse quando por fim acabaram de beijar-se.

Greg, enquanto mantinha a Sara agarrada estreitamente pela cintura como se quisesse que a gente soubesse que «lhe pertencia», olhou ao Joce dos pés à cabeça, avaliando-a com tanta rabugice que ela teve que fazer um esforço por não franzir o cenho.

—Assim que você é a proprietária da mansão do povo —lhe disse—. Você gostaria de vendê-la?

—Cala —lhe disse Sara sorrindo—. Acreditará que o diz a sério.

—E o digo a sério —disse Greg, olhando ao Jocelyn—. me Venda isso e a converterei em uma atração turística.

—Quer deixá-lo já? —disse Sara com uma risita tola, como se encontrasse o que dizia Greg muito divertido.

—Acredito que ficarei com a casa —disse Joce com um sorriso forçado.

—Bem, Jocelyn. —Greg soltou a Sara—. O que te pareceria pintar um pouco? Claro está, se por ser a senhora da grande mansão não é muito importante para pintar uma parede.

—Greg! —disse Sara.

—Vale, Jocelyn sabe que solo estou brincando, Verdade Joce, neném?

—Sim, claro —murmurou Joce—. Umas brincadeiras muito divertidas.

Levava perto de três horas na nova loja e Greg as tinha feito trabalhar a ambas, a ela e a Sara, até a extenuação, enquanto que ele desaparecia freqüentemente. Entrava e saía da loja a suas largas, sem lhe dizer a ninguém aonde ia nem quando ia voltar, e sem pegar golpe.

Durante seu segundo desaparecimento, Sara se aproximou do Joce, que estava pintando. Levava uma furadeira elétrica com o que montava uns grandes Marcos de carvalho que Greg tinha encarregado. Joce opinava que, se Greg era tão rico como aparentava, poderia ter contratado um carpinteiro em lugar de carregar todo o trabalho a Sara.

—Já sei que é um pouco bruto —disse Sara olhando ao Joce—, mas me faz sentir muito viva. passei a maior parte de minha vida com uma agulha na mão ou com a máquina de costurar, e minha única emoção era o que tivesse no DVD. Mas Greg está cheio de idéias e quer as pôr em prática em seguida. Se lhe tivesse proposto a um de minhas primos abrir uma loja de roupas, passou-se meses pensando se era ou não uma boa idéia. Ao Greg o comentei uma noite jantando e ao dia seguinte me disse que tinha comprado a velha loja de móveis.

—Foi muito rápido —disse Joce—. Mas talvez tivesse sido conveniente pensá-lo um pouco. vais ter clientes que venham aqui?

—Greg o tem tudo planejado. contratou uma empresa de publicidade para fazer saber a todo Richmond que estamos aqui.

—Caramba! —disse Joce—. E o que me diz do Williamsburg?

—Greg diz que Williamsburg é muito pequeno para nós. Faz falta ter amplitude de miras. Quer que vamos a Nova Iorque um par de vezes ao ano para comprar vestidos exclusivos, trazê-los e vendê-los ao dobro do que nos hajam flanco. É realmente um grande homem de negócios.

«Ou um sonhador», pensou Joce, mas não disse nada.

—Uy, aí está. Será melhor que voltemos para trabalho.

—Vi a duas senhoritas vadiando assim que me dei a volta? —disse Greg quando entrou na loja—. Lhes vou ter que baixar o salário.

—Não sabia que nos pagasse —disse Jocelyn, com mais animosidade da que pretendia.

—Vá, vá... As senhoras deveriam controlar seu mau gênio. Ouça Joce, possivelmente te interesse trabalhar aqui. Ajudaria-te a manter essa grande casa tua.

Jocelyn notou que empalidecia. Parecia que as notícias de que Edi não lhe tinha deixado dinheiro para a manutenção da casa já ia de boca em boca.

—Greg! —disse Sara, exasperada—. Era uma confidência!

—OH, de acordo! Perdoa, Joce.

Jocelyn se levantou.

—Escutem, é quase hora de comer, tenho que ir. Tess há dito que Ramsey voltava hoje e preciso lhe ver para resolver alguns assuntos legais.

—Claro —disse Greg—. ouvi que tem dois noivos e não te esclarece sobre qual prefere.

—Vale. Melhor que vá, eu... —Olhou o pincel sujo e pensou que deveria limpá-lo mas não queria seguir ali nem um minuto mais—. Te verei logo, Sara, e sua loja será muito bonita.

—Até esta noite —lhe gritou Sara, quando já saía pela porta.

—O que tenho feito? —ouviu Joce que Greg dizia—. Sozinho estava brincando.

Já na rua, Joce suspirou aliviada e virtualmente foi correndo ao despacho do Ramsey.

—Figurava-me que te veria hoje —lhe disse Tess quando entrou—. vieste para ver o Ramsey ou para fugir do odioso Greg?

—Para fugir —disse Joce—. Tenho vontades de tomar um tequila. Miúdo gilipollas! Como pode lhe gostar da Sara?

—Não acredito que ninguém tenha vivido o suficiente para responder à pergunta de por que alguém gosta a alguém. Lhe ri as piadas e seus grandiosos planos lhe parecem magníficos.

—Você crie que a gente do Richmond virá de carro até o Edilean para ir às compras?

—Não. por que não entra em meu escritório?

Joce olhou a seu redor. Nunca tinha entrado no despacho do Ramsey. Tinha passado muitas vezes por diante, mas nunca tinha estado dentro. Era uma casa antiga, possivelmente de princípios de 1900, reformada para convertê-la em uns escritórios cômodas e elegantes. A sala de espera estava mobiliada com reproduções de peças do século dezoito.

—Do Williamsburg colonial? —perguntou Joce.

—É obvio —disse Tess, indo para o fundo do edifício. Passaram por diante de dois escritórios ocupados por mulheres que levantaram a cabeça com curiosidade para ver o Joce.

—Eles estranha que tenha uma amiga —disse Tess, fechando a porta de seu escritório. Era bonito, mas de uma austeridade que Joce não tivesse podido manter muito tempo. Não havia fotos no escritório, nada pessoal em nenhuma parte. Igual a seu apartamento. Era como se não quisesse que ninguém soubesse nada de sua vida.

—E no que anda hoje metido? —perguntou Tess, sentando-se atrás do escritório e lhe oferecendo ao Joce uma das cadeiras que tinha em frente.

Ao Joce não gostava de ter o escritório de por meio, mas não o comentou.

—Refere ao Greg?

—Sim, é obvio. estive tão ocupada com o catering e você tão enfrascada em seu livro que nenhuma das duas lhe tinha emprestado atenção ao novo noivo da Sara. Agora será mais difícil.

—É verdade —disse Joce com cautela—. Está sugiriendo que façamos algo? Por isso sei, a Sara gosta. Não quererá que façamos nada.

—Quando o conheci, falei com ela para que deixasse que no MAW levássemos os aspectos legais da loja.

—O que quer dizer?

—Que lhe recordei que não tem dinheiro e que não devia assinar nada. Que deixasse a ele pagá-lo tudo e fazer-se carregado das coisas quando falhassem.

—Está segura de que a loja fracassará? —perguntou Joce.

—Acredito que se Sara abrisse um local pequeno com suas próprias criações e se relacionasse muito para selecionar a clientela, iria bem. Sara é boa no trato pessoal, mas não a vejo na Semana da Moda de Nova Iorque E você?

Jocelyn olhou ao Tess entreabrindo as pálpebras.

—O que me parece é que nem você nem eu sabemos o que é melhor para a Sara e deveríamos deixá-la viver sua própria vida.

—É uma forma de pensar —disse Tess, e apareceu à janela que havia junto à porta—. Rans tornou.

Jocelyn ficou sentada olhando ao Tess. Foi uma chama, apenas uma décima de segundo, mas tinha visto um brilho nos olhos do Tess quando viu o Ramsey que... Joce não estava segura do que significava, mas estava segura de que Tess se alegrava de vê-lo.

Voltando-se em seu assento, viu o Ramsey cruzar os escritórios a grandes pernadas diretamente para o despacho do Tess. Não se incomodou em deixar a mala nem em corresponder às saudações. Ignorou os recados telefônicos que as duas secretárias tentaram lhe dar. Em lugar disso, abriu a porta do despacho do Tess com tal ímpeto que quase golpeou ao Joce, mas não se deu nem conta.

—O que passou em minha ausência? —perguntou-lhe Ramsey.

Joce estava sentada em sua cadeira, semioculta pela porta. Olhou-os alternativamente e se deu conta de que solo tinham olhos o um para o outro. Lhe deu vontade de dançar de alegria. Era quase como se ouvisse música de gaitas de fole em sua cabeça e tivesse levantado os braços para dançar uma dança escocesa.

Com um sorriso de orelha a orelha, disse:

—Olá, Ramsey, aconteceu-lhe isso bem em Boston?

Ele se voltou a olhá-la e por um instante não soube quem era.

—Jocelyn! —exclamou logo como se fora a pessoa a que mais desejava ver neste mundo, e seguidamente a abraçou e a cobriu de beijos.

—Me sentiste falta de? tentou minha horrível primo escapar contigo?

—A qual de suas primos te refere? Tem tantos!

—Ao Luke —disse Ramsey, lhe aproximando a cara ao pescoço disposto a beijá-la.

Joce lançou um olhar fugaz ao Tess e viu que havia tornado a sentar-se depois do escritório e estava estudando com atenção uns papéis. Empurrou ao Ramsey, apartando o de si.

—Como vai ninguém a escapar comigo se estou atada a essa casa? Estava a ponto de lhe contar ao Tess que Greg Anders se ofereceu a comprar a Sabe que não tenho dinheiro para mantê-la, assim quer tirar-me a das mãos.

—Quem demônios é Greg Anders? —perguntou- Ramsey ao Tess.

—O novo noivo da Sara. comprou uma casa aqui, tem muito dinheiro e os dois vão abrir um loja de roupas de marca na velha loja de móveis.

Ramsey abriu uns olhos como pratos.

—E tudo isto passou no pouco tempo que estive fora?

—Bom... —disse Joce—. aconteceram muitas coisas desde que foi.

Olhou-a muito sério.

—Como por exemplo...

—Acredito que deixarei que Tess lhe conte —disse isso Joce, procurando agüentá-la risada com não muita fortuna—. Tenho que ir.

—vais seguir pintando? —perguntou Tess.

—Está pintando Edilean Manor? —Ramsey parecia horrorizado.

—De cor lavanda —disse Joce—. Minha cor favorita. Pensa no sol da manhã iluminando uma casa cor lavanda. Alucinante, não te parece?

—Não pode... —disse Ramsey enquanto Jocelyn fechava a porta.

Alcançou ouvir o Tess dizer:

—Estava brincando. Tenta ter um pouco de senso de humor e não faça o ridículo.

Jocelyn saiu do despacho renda-se. As secretárias a olharam com incredulidade. Provavelmente era a única pessoa que tinha saído dali renda-se.

Capítulo 22

Luke esteve fora quase duas semanas. Durante esse tempo, não a chamou nem ficou em contato com ela não. Mas Jocelyn estava bem. Sabia aonde queria ir e o que queria fazer. Pensou que aquilo tinha tido muito que ver com a forma que tinha Sara de olhar ao Greg e o brilho dos olhos do Tess ao ver o Ramsey. No amor não havia lugar para o dever. Ela teria que haver-se interessado pelo Ramsey porque Edi lhe havia dito que era o homem perfeito para ela e com essa grande casa que cuidar «devia» compartilhá-la com o Ramsey, que saberia decorá-la e mantê-la. Luke provavelmente semearia novelo em botes de maionese vazios e lhe pareceria que ficavam fantásticos.

Mas nada disso importava já. Jocelyn sabia o que lhe dizia seu coração e isso lhe dava paz.

Passou no Williamsburg a maior parte do tempo que Luke esteve fora, investigando. Um dia procurou o nome do Angus Harcourt e resultou que tinha participado da fundação do país. Não tinha sido um político, mas tinha estado aí, com muito que dizer a respeito da independência da Inglaterra.

Joce não tinha pensado muito naquele homem. Simplesmente, tinha-lhe feito graça a história que Edi tinha incluído em suas últimas vontades. Que um jovem escocês raptasse à filha do latifundiário e escapasse com ela e um carro cheio de ouro era uma história romântica, mas não se expôs o que teriam feito depois. Ela não falava a sério a respeito de escrever a história do Edilean, mas quando encontrou o nome do Angus Harcourt junto ao do Thomas Jeffersson viu as possibilidades de um livro assim.

Ordenou tudo que tinha sido capaz de encontrar sobre a época que Edi tinha passado com o doutor Brenner, passou-o a limpo e depois repassou as histórias mais recentes escritas pelo Edi. De novo se Rio com as coisas do Bertrand, assombrou-se pelo amor entre o Edi e David e, como sempre, chorou ao pensar na morte deste. «Se ao menos tivessem podido viver juntos!», pensou.

Capítulo 23

Quando o telefone soou e era Luke, Joice ficou a mão sobre o coração para aquietar seus batimentos do coração.

—Me sentiste falta de —lhe perguntou ele sem preâmbulos—, ou nem sequer te inteiraste que me tinha ido?

O que ela queria lhe perguntar era se já tinha a anulação, se era livre. Queria lhe dizer que lhe queria.

—Sim e não —lhe respondeu—. estive muito ocupada. Também conheci ao noivo da Sara e lhes ajudei a pintar a loja.

—Um menino encantador, né?

Jocelyn perdeu o controle.

—falaste com alguém antes de me chamar! —quase lhe gritou.

A gargalhada do Luke lhe deixou claro que ele tinha notado seu ciúmes.

—Não é o que pensa. A avó conheceu noivo e o contou ao avô que me contou isso. Parece-te melhor assim?

—Não muito. Falou com seu avô enquanto estava fora? —dava-se conta de que se estava comportando como um menina zangada, mas não podia evitá-lo.

—Em certo modo —disse Luke, e ela se deu conta do muito que estava desfrutando com aquilo—. Fez comigo parte da viagem, depois eu agarrei um avião. Foi enquanto viajávamos juntos que falou com a avó e esta o disse.

—Supõe-se que tenho que me sentir melhor? Onde estiveste? E não atreva a me dizer que pareço sua mãe.

—Estive em New Hampshire, logo em Londres. Deixei ao avô em New Hampshire e voei a Londres. Eis voltado faz sozinho uma hora.

—Londres? Fez algo que tem que ver com o Edi, a que sim?

—Sim. Ah! E passei por Nova Iorque também. O avô tem alguns amigos ali. Responde isto a todas suas perguntas?

—Sim, agora estou completamente satisfeita. Quando vais vir por aqui a me explicar o que estivestes fazendo você e o peralta de seu avô?

—É travesso, verdade? Boa observação.

—por que não nos vemos em sua casa? Para variar. Eu gostaria de ver como a decoraste. Cultiva orquídeas na ducha?

—Somente se levar duas semanas sem me dar um banho. Então me arranco isso da orelha esquerda. Não sei por que sempre é a esquerda e não a direita. E do umbigo...

—Basta! te economize as piadas más comigo. Quero saber o que estivestes fazendo você e seu avô duas últimas semanas.

—estivemos farejando e espiando. E de que maneira!

—Luke —disse ela em um tom metade advertência metade súplica.

—O avô foi a New Hampshire a visitar a viúva do general Austin e lhe falar docemente das cartas.

Jocelyn conteve o fôlego.

—E as conseguiu?

—Sim... —disse Luke sem muito aprumo—. Escuta, Joce, encontramos algumas costure que...

—O que?

—Que pode que lhe desgostem um pouco.

—OH, meu Deus, o que será agora!

—Não é nada mau, solo que... Jurei-lhe ao avô que não lhe contaria isso, assim tenho que manter a boca fechada. Se por mim fora, estaria aí agora mesmo com um montão de papéis...

—Que classe de papéis?

—Históricos —disse Luke rapidamente—. O avô tem que descansar hoje. Não pode levar tanto trajín. Que tal se recolho às quatro e vamos a sua casa?

—E ele estará presente quando eu veja esses papéis?

—Forma parte do trato que fizemos. Além disso, é médico.

—O que quer dizer?

—Nada —disse Luke rapidamente—, esquece que o hei dito. Vai bem às quatro ou tem que fazer de pulseira para o noivo da Sara na nova loja?

—Ramsey e eu temos uma entrevista para tirar uma licença de matrimônio à uma, assim suponho que vai bem.

—Joce? Tenho curiosidade por saber se alguma vez tem feito alguma destas brincadeiras sobre te casar com o Ramsey em presença do Tess.

—Me deixe ver... Ainda conservo a cabeça sobre os ombros, tenho ambos os braços em inclusive os pés. Não, acredito que não.

—Por fim te deste conta.

—Me poderia haver isso dito.

—O há dito você ao Ramsey e Tess? Não, deixa que o descubram por si mesmos.

—Poderia vir antes das quatro, porque seu jardim está bastante mal e necessita um repasse.

—Não tente me seduzir. Se passo dez minutos contigo, tirará-me isso tudo e o avô disse que, se lhe dizia isso sem estar ele presente, faria-me jogar golfe com ele cada dia durante um mês. Inclusive ameaçou com o sabido «não fica muito tempo de vida» com o que sempre me convence.

—Espero que não tenha herdado sua crueldade.

—Provavelmente sim, já que não te deixei ver minha casa por dentro.

Isso desconcertou ao Joce. Tirava o sarro com o de que não lhe deixasse ver sua casa, mas nem lhe tinha ocorrido que contivera nada sinistro. Ou talvez não sinistro mas estranho.

—O que... o que há em sua casa?

—Fotos de outras garotas. Tenho que te deixar, necessito um par de horas de sonho e logo tenho algumas costure que fazer. Recolherei às quatro. Por certo, a avó se escaquea, assim seremos sozinho nós três.

depois de dizer-se adeus, Jocelyn ficou com o telefone na mão pensando no que Luke lhe havia dito. o das cartas do general Austin, logo que tinha ido a Londres A... A que? Havia algo nas cartas que o tinha empurrado a ir a Londres?

Joce chamou o Tess.

—Quero me pentear... não sei como. me fazer algo que fique bem. Aonde vou?

—Assim Luke tornou. me deixe fazer uma chamada e te volto a chamar.

Dez minutos depois, Joce estava em seu carro caminho do Williamsburg para ir ao que Tess chamava uma «entrevista de emergência». «Tampouco vou feita um desastre», tinha murmurado Joce; mas não lhe importava, quão único queria era estar bonita essa tarde.

Quando Luke foi recolher a em seu carro, um BMW sedan, apeou-se e o rodeou para lhe abrir a porta.

—Caray! É fantástico! —comentou ela acomodando-se no assento de couro—. Há dito que queria que seu avô estivesse presente porque é médico. Está sendo tão amável porque vais dizer me que solo ficam seis meses de vida?

Como ele não respondia, olhou-o com dureza.

—Luke?

—A vida da gente troca —disse ele muito solene—, algumas vezes para bem e outras para mau.

—Está-me assustando.

Ele a tirou da mão.

—Perdoa por tudo este mistério, mas o prometi ao avô. Neste momento acredito que é a pessoa mais feliz do mundo. Falamos no avião e me disse quanto amava verdadeiramente à senhorita Edi. Nunca pode dizê-lo estando a avó presente, é obvio, mas a amava. Contou-me que ele e a senhorita Edi passaram toda sua

infância juntos e que se fez médico por ela. Quando viu suas pernas, retomou os estudos com o programa para os soldados americanos Y... —Luke apertou mais forte a mão do Joce—. Está distinta.

—Tess me recomendou um salão de beleza. Depilaram-me as sobrancelhas, tingiram-me e me pintaram as unhas. demoraram horas e estava tão nervosa que logo que podia agüentar sentada na cadeira.

—Não, não é isso, embora eu gosto do esmalte rosa. Vi peonias exatamente dessa cor.

Soltou-lhe a mão e a pôs de novo no volante.

—Há alguma outra diferença.

—Eu, bom, decidi que prefiro ao Ramsey.

—Ah, sim? —disse Luke como se tal coisa, mas ela viu que o extremo de sua sobrancelha se levantava. Ou seja que não era somente quando mentia que lhe ocorria aquilo, também quando experimentava uma emoção forte.

—Também eu gosto mais você que Ramsey —disse ele docemente.

—Lhe peçamos que seja nosso padrinho.

Luke Rio.

—De acordo, mas solo se ficar uma jaqueta de veludo azul celeste.

Jocelyn sentia pulsar seu coração no peito com tanta força que quase não podia respirar. Não estava segura, mas quase o tinha pedido. Ou tinha sido ela quem o tinha pedido a ele. Fora como fora, nunca tinha sido tão feliz.

Quando chegaram a casa do doutor Dave todas as luzes estavam acesas mas o que mais brilhava era sua cara. Parecia como se tivesse encontrado o Segredo da Vida.

—Realmente estou desejando que me contem os dois o que acontece.

—Acredito que primeiro deveríamos tomar um chá —disse o doutor David.

—Não o dirá a sério! —exclamaram Luke e Joce ao uníssonos, e depois se tornaram a reír.

—Dá-me vergonha lhes perguntar onde estivestes vós duas toda a tarde...

—Na barbearia —disse Joce.

—Dormindo uma sesta —disse Luke.

O doutor Dave os olhou alternativamente.

—Bem, algo passou. —Levantou a mão—. Não me contem isso, meu velho cérebro não admite mais informação. —voltou-se para o Jocelyn—. Meu neto e eu sabemos a maior parte do que vamos contar te, mas há algumas costure das que não podemos nos inteirar até que saiba quão mesmo nós. Se não querer esperar até depois do chá, sugiro que tomemos enquanto meu neto nos lê a última parte da história da senhorita Edi. Está preparada Jocelyn?

—Está quente o chá?
—Fumegante.
—Então estou preparada.

Capítulo 24

Inglaterra, 1944

—Tenho um pouco de fome —disse Hamish à hora do café da manhã, e Edi e David tiveram que dissimular um sorriso. Porque se havia algo que o homem fizesse era comer.

Ao princípio insinuou ao David que era um traidor porque preparava comida italiana estando a Itália do lado alemão.

—Se não a quiser... —disse-lhe David lhe retirando o prato, mas Hamish o tinha retido.

—Parece-me que não vou prejudicar ao mundo por me comer um prato de espaguete.

—Isto é... —David se interrompeu. Para que lhe explicar ao homem a diferença entre pizza e espagete e massa em geral? alegrou-se quando o velho se encerrou em sua habitação imediatamente depois do café da manhã.

Aquela manhã Edi tinha encontrado um estufa ruído na parte traseira da granja. Estava virtualmente talher de parra e, quando a eliminou a machetazos, encontrou o edifício acristalado. Dentro tinham maturado os tomates. A parra tinha mantido a terra quente durante o inverno e os ramos sem folhas tinham permitido que entrasse o sol.

—Beijaria-a por estes tomates —disse David, agarrando uma das preciosas bolas vermelhas da cestita que lhe tendia Edi—. A verdade é que a beijaria por algo.

Ela retrocedeu apesar de que a mesa os separava, mas estava sorrindo.

—Não sabe que sou a Intocável?

—Isso ouvi —disse David com a voz rouca, aproximando-se o Esta vez Edi não se afastou.

Mas a perna rígida do David se enganchou na esquina de uma cadeira e esteve a ponto de cair. agarrou-se ao canto da mesa e se sentou pesadamente.

—Espero que Austin se apodreça no inferno —murmurou massageando-a perna ulcerada—. Como pode um homem ligar com isto?

Como Edi não dizia nada, voltou-se. Tinha um estranho olhar.

—O que lhe ronda por essa cabecita?

Ela se arranhou a cabeça. Não se tinha incomodado em tentar arrumar o cabelo. Simplesmente o tinha deixado solto sobre os ombros e o tinha sujeito aos lados com um par de passadores do Aggie. Com a camisa muito larga, as calças muito grandes sujeitos com um cinturão e a juba escura sobre os ombros, ao David parecia que estava magnífica. Se não tivesse sido por sua perna lhe tivesse aproximado antes.

—Necessito um banho —disse Edi—. Acredito que me pegaram piolhos dos frangos.

—Vi querosene na granja Quer que o usemos?

—Não —disse Edi sorrindo—. Me banharei no rio.

—Não é uma boa idéia. Ainda está crescendo e a corrente é...

Não disse nada mais porque ouviu a porta fechando-se. Quando olhou pela janela, viu o Edi correndo. Obviamente tinha um plano e se perguntava qual seria. Quando saiu do estábulo uns minutos mais tarde, com dois cilindros de corda, soube exatamente o que pensava fazer.

—Não —disse David quando ela entrou na cozinha—. Não, não e mil vezes não. Se o tenta sairei a caminhar até que encontre um telefone e direi a Austin o que planeja fazer.

—Sabe fazer bons nós?

—Não —disse David categórico, sentando-se em uma cadeira.

—De acordo, então teremos que nos arrumar com meus. —atou-se o extremo de uma das cordas ao redor da cintura—. Bonito e forte, verdade?

David agarrou um extremo do nó e atirou. soltou-se com facilidade.

—Talvez deveria atá-la com três nós —disse Edi.

—Por favor, não o faça. —David estava ao bordo das lágrimas—. Não vale a pena. Fica um dia mais. Aggie haverá tornado, agarraremos a revista Y...

—Que tal este nó?

David atirou dos dois extremos e estava apertado.

—Perfeito —disse ela—. Usaremos este.

—E o que passa se fica apanhada aí abaixo e quer sair? —perguntou-lhe—. Leva uma faca e cortará a corda?

—Pois você sujeite-a! E não quero nenhum sermão sobre que não deveria fazê-lo. Sou uma nadadora excelente.

—Edi —disse ele, resistente a levantar-se da cadeira—, é muito nobre por sua parte, mas não quero que faça isto.

Ela se inclinou e o beijou na boca.

—Fica muito pouco tempo. E como vais fazer me o amor com essa costure na perna? vou fazer isto diga o que diga, mas agradeceria muito sua ajuda.

David estava tão assombrado pelo que ela acabava de dizer que demorou um momento em reagir. Quando se ia, agarrou-a pela boneca e a atraiu para si de forma que aterrissou em seu regaço.

Beijou-a. Primeiro com suavidade, logo com mais paixão e beijos mais profundos.

—Apaixonei-me por assim que te vi —lhe sussurrou—. Era como se te conhecesse de algum sítio, do céu talvez. Soube que foi minha e sempre o seria.

Lhe acariciou a bochecha.

—Eu te detestava.

David soltou uma risita.

—Sabe como amar a um homem.

—Perdoa, mas não sei nada disso, embora me hão dito que aprendo rápido.

O a beijou de novo, lhe acariciando o cabelo.

Então o encanto se rompeu, porque Edi se apartou para arranhar o couro cabeludo.

—Tenho algo que me corre pelo cabelo, assim vou saltar ao rio para me lavar isso e espero também agarrar a chave Allen. Está preparado?

Como ele franzia o sobrecenho e parecia que ia pedir lhe de novo que não fora, pô-lhe um dedo sobre os lábios.

—Pensa nas possíveis vantagens. Se não a encontro, porque a estas alturas poderia estar no Támesis, terá que levar essa férula o que fica de guerra.

David se apoiou na mesa da cozinha e se levantou.

—Sigo-te. —Tentava parecer jovial, mas ela percebeu o medo em sua voz.

—Vamos —brincou Edi—, já tenho o cochecito preparado.

—O cochecito —disse ele sorrindo, e saiu atrás dela.

Possivelmente o velho Hamish tivesse um carro enterrado baixo aquela desordem da granja e Edi o tinha encontrado. Possivelmente...

Todas suas esperanças se esfumaram assim que viu o Edi sair do estábulo às rédeas de um trambolho que parecia fabricado em 1890. Era uma carruagem com grandes roda detrás e as dianteiras mais pequenas, um boléia acolchoado na parte frontal e uma espécie de plataforma para ir de pé detrás. O velho cavalo do Hamish estava enganchado a ele com muitas correias de couro e o próprio Hamish estava tão agradado que quase sorria.

—Sabe dirigi-lo, verdade? —perguntou ao Edi, que parecia como se tivesse nascido sentada em uma calesa.

Levara um látigo comprido na mão e o fez estalar por cima da cabeça do cavalo, logo lhe deu vários golpecitos e o animal se moveu rapidamente em um círculo perfeito.

—Ah, sim —disse Hamish—; sabe conduzir.

—Tenho um centenar de troféus em casa —disse ela—. OH, olhe como gosta!

Referia-se ao cavalo, não ao David que já estava voltando para a casa.

—Sim que gosta de —disse Hamish, acariciando amorosamente o focinho do animal—. Ganhou muitas carreiras em sua época, e se lembra. Segundo os militares é muito velho para ser útil, mas ainda tem muito que oferecer.

—Não demoraremos —disse Edi—. David me atará à ponte e eu mergulharei até o carro para recolher algumas costure. Talvez podemos lhe tirar esse horrível artefato da perna.

—Não o necessita, verdade? —disse Hamish.

Edi sorriu. Aquele homem era velho, mas não tolo.

—Vamos —chamou o David—. Hamish ajudará a subir atrás. Terá que te sujeitar quando formos costa abaixo, mas acredito que estará bem.

—Acredita que deveríamos atá-lo? —perguntou Hamish.

—Não, não faz falta que me atem —disse David, e Edi e Hamish sorriram. Era fácil dar-se conta de que para o David o carro bem poderia ter sido um mastodonte. A seus olhos era velho e perigoso.

Posto que o velho cavalo não parava de mover-se, recordando os dias em que era jovem e rápido, foi necessária a ajuda do Hamish para subir ao David ao carro. A parte traseira era plaina e aberta, assim não servia para transportar coisas. Havia um par de asas, mas ao David custava sentar-se com a perna rígida e as agarrar.

—Para que serve este traste? Não para o transporte.

—E para que serve um carro de carreiras? —perguntou-lhe Edi enquanto Hamish assentia.

—De acordo, moça, adiante. Mas tome cuidado com o cavalo, desvia-se para a direita.

—Não se preocupe, não deixarei que o faça —disse ela. Depois estalou o látego e o cavalo saiu disparado como se tivesse divulgado um pistoletazo de saída.

Na traseira, David se pendurou dos dois braços. A sacudida fez que o aço lhe cravasse na pele e os dentes o entrechocaron.

—Tem que ir tão rápido? —gritou ao Edi, mas solo ouviu suas gargalhadas.

Ao pobre lhe pareceu que demoravam três horas em chegar ao rio, mas solo foram uns minutos. Poderiam ter ido caminhando pelo bosque, mas para o David, com a perna naquelas condições, tivesse sido uma tortura.

Viu que a água tinha baixado e já não cobria a ponte. Os pneumáticos do carro se sobressaíam. Se a água continuava baixando, ao cabo de um dia ou dois, a metade das rodas estariam ao descoberto.

Enquanto ele descia da carruagem, Edi já se estava atando uma corda ao redor da cintura. Lhe apartou as mãos e refez o nó.

—Me escute —lhe disse com doçura—. Se algo for mau e quer que te tire, tira da corda duas vezes. Se a corda se enredar e lhe precisa tirar isso tira deste cabo, vê-o? —deu-lhe um firme puxão e a corda se soltou—. Vou contar e, se está inundada mais de cinquenta e oito segundos, vou por ti. Entendido?

—Perfeitamente —disse ela, tirando-as velhas botas que tinha levado os últimos dois dias. Depois atirou da corda e a deixou cair para a ponte. A água tinha baixado e a madeira estava seca, mas seguia sem parecer seguro.

—O que está fazendo? —perguntou-lhe David.

—Não posso nadar com tanta roupa. Importa-te se me nu?

—Não sei o que responder a isso —disse ele em um sussurro, depois retrocedeu para vê-la desabotoá-la camisa e tirar-lhe Levava a mesma combinação cor pêssego que a primeira noite, quando ele a tinha despido, e nunca tinha visto nada mais formoso.

Edi deixou a velha camisa na ponte e foi tirar se o cinturão, mas o cavalo relinchou e quis ir tranquilizar o.

—Te cale! —disse David ao animal, que se acalmou imediatamente.

Sonriendo, Edi se desabotoou o cinturão e deixou cair as calças na ponte.

—Estavam equivocados —sussurrou David.

—Sobre o que? —perguntou Edi.

—Sobre suas pernas. Acredito que medem um palmo mais do que diziam.

—Não sei, nunca me medi isso. Ata-me a corda?

—Sim —disse ele, mas se aproximou com calma, percorrendo com o olhar cada centímetro do Edi.

Passou-lhe a corda pela cintura, atou o extremo ao bordo da ponte e foi procurar a outra corda à traseira da carruagem.

—Para que é?

—Se ainda fica algo no carro, tirarei-o.

—Como por exemplo sua mala?

—Sim, meus vestidos —disse, olhando as enormes calças que levava ele—. Trouxe algo que seja de sua talha sem a férula?

—Sim, mas não quero que te incomode em encontrá-lo. Se encontrar a chave Allen, estupendo; se não, todo o resto carece de importância. Entendeste-me?

—vais ser um pai magnífico —lhe comentou ela—, mas ainda tenho o meu. Se o carro estiver tão submerso tem que haver a profundidade suficiente para que me atire de cabeça, não te parece?

—Não! —quase gritou David—. Vamos à borda e entra caminhando. Não sabe... —Já não disse mais, porque ela se encarapitou ao corrimão e se mergulhou de cabeça com perfeição no rio. David agüentou a respiração esperando que emergisse e o assaltaram todo tipo de temores. teria se golpeado contra o fundo? Estaria inconsciente? estava-se subindo ao corrimão quando ela saiu.

—Está fria —disse.

—E como acreditava que estaria, como no Trópico? —disse ele, procurando dissimular quão assustado estava—. Está bem?

—Perfeitamente. Isto sinta bem, me vou lavar o cabelo. me atire esse sabão que há no assento Quer?

—Sabão! —resmungou ele. Quão único queria era acabar com aquilo e partir. Com a perna rígida, foi médio correndo médio coxeando até o carro para agarrar uma pastilha de sabão do assento. Depois a lançou. — Boa parada —disse, quando ela a apanhou ao vôo.

—Era a melhor rebatedora da equipe de beisebol de minha escola. Podia lançar a bola a três metros e mesmo assim completar uma carreira. —estava-se ensaboando o cabelo enquanto flutuava na água. deu-se a volta, olhou o carro, nadou para ele e subiu em cima.

—Me olhe —gritou.

—Sim, já te vejo.

Levara a combinação pega ao corpo, molhada e transparente, e estava de pé sobre um carro derrubado que não aparecia por cima da água. Parecia que estivesse de pé na superfície.

—Meu reino por uma câmara de fotos —sussurrou David, mas não tinha nenhuma.

—Tome cuidado, os baixos de um carro não são tão brandos como um colchão.

Ela continuou esfregando o cabelo com o sabão e logo o devolveu. Para sua vergonha, lhe caiu e teve que ir atrás dele pela ponte. Quando olhou atrás, ela tinha desaparecido e por um momento seu coração deixou de pulsar.

Esperou o que lhe pareceram minutos sem que houvesse rastro dela. Deu-lhe um puxão à corda, mas ela não o devolveu e não a tinha solto.

—Sabia que era uma má idéia —disse David—. Sabia, teria que haver o impedido, teria que havê-la obrigado A...

—A que? —disse Edi, que estava debaixo dele com uma mão em um pilar da ponte.

—Obrigado a não fazer isto.

—Tivesse-me gostado de ver como o tentava —disse ela sugestivamente—. Alcança minha mão?

David se tombou de barriga para baixo e estirou o braço até que alcançou sua mão. Edi lhe aconteceu a chave Allen, que agarrou com força. Depois se deu a volta e de barriga para cima no chão, sustentou-a um instante sobre seu peito. Uma coisa tão pequena e tão importante!

—Tenho-a, agora sobe.

Mas quando olhou, ela se tinha ido. A toda pressa, David se desabotoou as calças e os tirou, depois jogou um último olhar de ódio à férula de aço e ficou a afrouxar parafusos. Em altares do conforto, todos estavam encastrados de forma que não houvesse cabeças protuberantes que pudessem irritar a pele, mas isso era necessário utilizar uma ferramenta pouco habitual para retirar a férula.

A metade dos parafusos estavam muito fortes por culpa da água e o óxido, e um se rompeu quando o girou. Mas com sua determinação e sua raiva, por não falar de seu desejo pela senhorita Edilean Harcourt, continuou trabalhando.

Rompeu as correias e se fez alguns cortes mais ao arrancar o traste da perna, mas conseguiu separar-se o de e o lançou para o final da ponte.

Uma vez livre lhe custou manter-se de pé. Teve que dobrar o joelho uma dúzia de vezes para recuperar a mobilidade. Tinha a perna feita um desastre, com ampolas, erosões e partes de tecido pegos às feridas, mas lhe parecia fantástica.

—Livrei-me que ela! —gritou olhando ao rio, mas Edi não lhe respondeu.

Desabotoou-se a camisa, atirou-a ao chão, subiu ao corrimão e se mergulhou.

—por que demoraste tanto? —perguntou-lhe ela nadando para seus braços.

Capítulo 25

—E já está —disse David Aldredge.

—O que quer dizer com que já está? —perguntou Joce.

—É toda a história que Edi escreveu, ou ao menos tudo o que eu tenho. Alex McDowell me deixou os papéis em seu testamento, e não sei se for tudo o que tinha ou se Edi escreveu mais e se perdeu. Ao final, Alex estava bastante mal.

—Mau? —perguntou Jocelyn—. Em que sentido?

—Tinha Alzheimer. Não recordava quem era, e muito menos nada a respeito de uma história que lhe tinham enviado muitos anos antes. Entretanto... — O doutor Dave fez uma pausa enfática—. Encontrei algo interessante faz alguns anos. Já sabe como é isto. Um dia estava aborrecido, navegando por Internet, e escrevi o nome do doutor Jellie. Pois bem: isto é um extrato de uma série de livros

sobre a Segunda guerra mundial. Por isso eu sei, é o único sítio onde se menciona o nome do doutor Jellicoe Querem que lhes leia isso?

—Sim, por favor —disseram Luke e Jocelyn.

«A contribuição do doutor Sebastian Jellicoe à Segunda guerra mundial nunca foi reconhecida em vida e nem sequer depois de sua morte. Ninguém que lhe conhecesse falava de seu grande cérebro ou de como podia ver um montão de palavras desordenadas e descobrir de uma olhada o significado da mensagem. O que a gente recordava dele era seu dom para contar histórias. Podia ir à loja de comestíveis e retornar com uma história digna de ser publicada.

»Quanto a mim, que por então era um jovem e entusiasta estudante que queria aprender de um professor, a história que melhor lembrança é a de um jovem casal que provavelmente lhe salvou a vida. Corria 1944 e estava próximo o dia D. O doutor Jellie me contou que estava sentado frente à chaminé em uma fria e chuvosa noite, amodorrado em sua cadeira, quando ouviu um cavalo e a um homem destrambelhando. ficou tão desconcertado que por um momento acreditou que era Papai Noel e que o gorducho tinha se chocado com o teto de sua casa.

»Mas se tratava de dois americanos altos e bonitos que tinham percorrido a campina inglesa em plena noite na antiga carruagem de carreiras de seu velho e mal-humorado vizinho Hamish. Segundo o doutor Jellie, aquele homem não era capaz de conviver com ninguém, de modo que o tinham deixado sozinho. No povo se dizia que tinha sido em outro tempo condutor de carruagens de carreiras e que tinha ganho quase tudo até que um acidente o obrigou a deixá-lo. retirou-se à granja de seu pai e passou o resto de sua vida queixando a sua sofrida esposa e filhos.

»Mas aquela fria e chuvosa noite aparecia uma das carruagens do Hamish atirado por um cavalo quase tão velho como seu dono e conduzido por uma garota tão alta e formosa que o doutor Jellie disse que acreditou ter morrido e estar às portas do céu. Parecia Boudica cavalgando para a batalha.

»Na traseira da carruagem havia um jovem mais alto que ela mas igualmente bonito, que evidentemente detestava ir naquele carromato tanto como adorava a jovem.

»—Certamente te vingaste —lhe disse quando baixou e depois de vomitar o jantar nos arbustos.

»—Eu não gosto como conduz você e você não gosta como o faço eu. Estamos em paz —disse ela, sonriéndole ao doutor Jellie.

»Apresentou-se como Eddie e apresentou ao David. Com os anos o doutor Jellie tinha esquecido seus sobrenomes e freqüentemente me perguntei quem seriam e o que lhes ocorreu.

»Jellie lhes convidou a tomar um chá. O jovem David o seguiu ao interior da casa, mas Eddie, como boa amazona que era, antes levou o cavalo e a carruagem ao estábulo. Quando entrou, tinha o escuro cabelo úmido e a roupa pega ao corpo. Os dois homens ficaram olhando sem fala um momento.

»Ela foi primeira em romper o silêncio.

»—Trago isto para você. —Entregou-lhe um exemplar da revista Teme de fazia duas semanas.

»—E o que tenho eu que fazer com isto? —perguntou Jellie.

»—Contém uma mensagem do general Austin. Eu sou sua secretária.

»—O velho bulldog Austin. meu deus, faz uma eternidade que não o vejo! Quer dizer que ainda não lhe disparou ninguém?

»—Todo mundo tem vontades de fazê-lo —disse David—, mas ninguém se atreveu ainda.

»—Acredito que deveria ler a mensagem —o animou Eddie—. Me parece que é importante. Tem que voltar para Londres conosco.

»—Tenho que fazê-lo?

»—Parece ser que alguém se inteirou do que está fazendo por ajudar na guerra —disse David.

»—OH, todo mundo sabe! A senhora Pettigrew utiliza os envelopes para me envolver o almoço. Todos levam o selo de “Alto Secreto”.

»David e Eddie se olharam com a boca aberta.

»—Mas... —balbuciou David

»—Eu acreditava...

»O doutor Jellie olhou a revista Teme.

»—Já vi este exemplar. É o que trouxe Aggie? E vós são quão americanos a estavam procurando?

»—Não tínhamos nem idéia de que estivesse tão perto —disse Eddie—. Mas de todas formas não tivéssemos podido vir antes porque não tínhamos a revista e a necessitávamos. Tenho que insistir em que a leoa. Acredito que o que contém é vital.

»—Tolices! —disse ele—. Nunca classificam nada valioso como secreto. Esses envelopes que põem “Alto Secreto” som catálogos de sementes. Os segredos estão nas cartas de minha filha.

—Sua filha trabalha em Londres? —perguntou David.

»—Não tenho nenhuma filha.

»—Ah —disse Eddie.

»E imediatamente depois, o doutor Jellie lançou a revista ao fogo.

»David e Eddie saltaram dos assentos.

»—É para quão único serve —disse— Estou seguro de que a estas horas já a tem lido todo o povo. Vós dois causastes um grande revão lhes saindo da ponte e afundando o carro no rio.

»—Nós não... —começou a dizer David, mas se interrompeu ao ver que a revista ardia—. Me parece que viemos para nada —disse, enquanto olhava à formosa e jovem Edi de um modo que quase prendeu fogo à casa.

»—Deu-lhe Austin algo mais? —perguntou o doutor Jessie.

»—A mim não —disse Eddie—. Me entregou um mapa, que acredito que não era exato, e um maço de dinheiro. Deixei-o tudo na granja do Hamish. Tenho que ir buscá-lo?

»Justo nesse momento retumbou um trovão e o doutor Jessie disse:

»—Não, querida, acredito que isso pode esperar. —Olhou ao David e lhe perguntou—: E você o que? Deram-lhe algum papel?

»—Não. Austin obrigou a ponerne uma fêrula de aço na perna que era como um instrumento de tortura medieval Y...

»—Nenhum papel?

»David se deu uma palmada na frente.

»—Exceto o convite, nada mais.

»—Me deixe vê-la.

»—Que convite? —perguntou-lhe Eddie.

»—Um convite a um baile no que você foste levar um vestido de festa azul elétrico.

»—O baile dos oficiais. Mas não tem nada que ver com isto. Esses convites se enviam a muita gente diretamente da imprensa. —Olhou ao David tirá-la carteira do bolso traseiro e extrair o sobre. Não parecia haver-se molhado, apesar de que ela sabia que tinha estado sob a água.

»—Como demônios o manteve seco? —perguntou-lhe.

»—A gente cuida as coisas que considera importantes —disse o doutor Jessie, sonriéndole ao David.

»—Sim, senhor, faz-o.

»—Levava-o em um sobre impermeabilizado?

»—Sim —disse David, sonriéndole—. Pescamos as malas do interior do carro, no rio, e isto estava dentro da minha, tão seco como quando o pus aí.

»—Bom menino —disse o doutor Jessie levantando-se.

»Pôs o convite sobre uma mesa e abriu uma caixa que continha frascos de cristal, aparentemente bebidas alcoólicas.

»—Poderia dar boa conta de alguma dessas —disse David, indo agarrar um frasco.

»—Beba o conteúdo de um desses e sua língua se dissolverá em um borbulho muito pouco agradável.

»—David apartou a mão.

»—Agora vejamos... —argumentou Jessie—. Com qual deveria provar?

»David pôs a mão no braço do Eddie e a levou para o fogo para que Jessie tivesse um pouco de intimidade. Uma par de aromas asquerosos chegaram de onde estava o doutor.

»—Já o tenho —disse por fim—. Tenho que ir com vós dois a Londres e Austin enviará aos Estados Unidos.

»David foi o primeiro em recuperar-se.

»—Isso é tudo? Mas se nós já sabíamos! O havemos dito!

»—Os espões têm o costume de desaparecer com bastante frequência, assim é melhor que tudo conste por escrito.

»—Mas esse papel acabou no fundo de um rio.

»—Ah, mas apesar disso estava protegido. Minha hipótese é que Austin sabia que seria tão valioso para você que cuidaria muito bem dele.

»—Sim —disse David, olhando ao Eddie e sorrindo—. Muito valioso.

»—Bom, agora já está. Sugiro que durmamos bem esta noite e saíamos para Londres amanhã. Querem uma habitação ou dois?

»—Alguém —disse Eddie rapidamente, e levantou a mão esquerda para lhe ensinar o anel que levava em suas viagens pelo campo—. Estamos casados.

»—Estão-o —disse o doutor Jessie sorrindo.

»Contou-me que, à manhã seguinte, a formosa Boudica partiu na carruagem para devolver-lhe ao Hamish e uma hora depois retornou correndo colina abaixo; que nunca em sua vida tinha visto algo tão formoso como essa garota alta correndo colina abaixo para seu amado. O doutor Jessie sempre se perguntou quão diferente tivesse sido sua vida se tivesse havido uma mulher que o olhasse daquele modo, mas, olhe por onde, nunca a houve.

»Contou-me que os três tomaram o trem de volta a Londres e que nunca tinha visto duas pessoas mais apaixonadas. Solo tinham olhos o um para o outro e só queriam estar o um com o outro. Havia alguém esperando ao doutor Jessie quando chegaram a Londres e a formosa Eddie e seu amor desapareceram de sua vida e nunca mais soube deles.»

Capítulo 26

Joce estava sentada em silencio no estudo do doutor Dave, pensando no Edi e seu amado David. Sabia o que tinha passado depois. o tinham matado e ela tinha sofrido graves queimaduras.

—Isso é sozinho o princípio da história —disse Luke docemente.

—O princípio? Isso é o final.

—Não —lhe assegurou o doutor Dave—. Quando me falou do general Austin, decidi ir a New Hampshire a ver se podia conseguir as cartas.

Joce olhou ao Luke.

—Disso era do que estavam falando vós duas aquela noite no jantar?

—Sim, e por isso não queria que me acompanhasse, mas me deu tanto a lata que te deixei fazê-lo e logo resulta que feri seus sentimentos porque...

—Vós dois já parecem um matrimônio... —disse o doutor Dave—. Deixem suas diferenças para mais tarde e insígnia o as cartas.

Luke tirou uma única folha de papel da maleta de seu avô e a entregou ao Joce, que temia lê-la porque estava segura de quealaria do acidente e do que lhe tinha ocorrido ao Edi durante os dois anos que lhe custou recuperar-se.

6 de outubro de 1944

Lembra-se do Harcourt, a melhor secretaria que tive? Enviei-a a uma missão com minha chofer e acredito que fizeram mais do que lhes tinha pedido. Está grávida de quatro meses. Pu-me tão furioso que os tivesse obrigado a casar-se, mas o destinaram a outra unidade e ainda não pude encontrá-lo. Harcourt queria o traslado, mas não o darei.

18 de dezembro de 1944

Recorda ao Harcourt? Ao menino com o que se casou o mataram. Espera o bebê para a primavera, assim terei que trasladá-la depois de Natal. Graças a Deus não lhe pôs muita barriga e ainda não se deu conta ninguém. Sem ela meu escritório se virá abaixo.

21 de abril de 1945

Lembra-se do Harcourt? Acabo de me inteirar de que teve um horrível acidente onde resultou gravemente queimada. Não têm esperanças de que sobreviva. A enfermeira com a que falei disse que o menino tinha nascido morto. Não acredito que nenhuma outra perda desta guerra me tenha ferido tanto como esta. Fiz que a trasladem aos Estados Unidos para que possa morrer em casa.

Jocelyn leu os parágrafos três vezes antes de levantar a vista para o Luke e o doutor Dave.

—Um bebê...? —murmurou. E as lágrimas afluíram a seus olhos sem poder as conter—. Essa pobre mulher perdeu mais do que jamais pensei.

—Não —disse o doutor Dave tomando as mãos do Jocelyn entre as suas—, tem que agradecer-lhe a meu neto. Ele foi o único que suspeitou.

—O que foi o que suspeitou? —perguntou ela enquanto Luke lhe tendia um lenço.

—Que nada era verdade —disse Luke—. Se tivesse conhecido ao tio Alex, teria-o entendido. Dizia que devia ao Edilean Harcourt toda sua vida e queria compensá-la: lhe dar trabalho, deixá-la viver grátis em uma casa. Isso não significava nada para ele; tinha-o feito para várias pessoas que tinham trabalhado para ele toda sua vida.

—Luke... o que está tentando me dizer?

—Com a ajuda do avô, contratei a uma equipe completa de investigadores na Inglaterra e repassamos um montão de arquivos da Segunda guerra mundial.

—Para encontrar onde foi enterrado o bebê? —perguntou Joce, com um fio de voz.

—Sim e não. —sentou-se em uma turca, frente a ela—. Foi o sobrenome Clare o que me pôs sobre a pista. Recorda a passagem em que a senhorita Edi dizia que continuou chamando o David quando todo mundo pensava que ia morrer?

—Sim.

—Ao David Clare.

Joce olhou ao doutor Dave.

—Não o safado. O que é o que me escapa?

—A quem mais conhece que se chame Clare?

—Não conheço ninguém com esse sobrenome.

—Os dois homens ficaram olhando-a.

—Minha mãe se chamava Claire.

O doutor Dave e Luke se sorriram mutuamente.

—Um momento! —disse Joce—. Não estarão tentando me dizer que minha mãe...?

—Era filha do Edilean Harcourt e David Clare. Sim, era-o. Enséñaselo —disse Luke.

O doutor Dave tendeu ao Joce uns gráficos como os que ela tinha visto freqüentemente na televisão, análise de DNA. Olhou-os inexpressiva.

—Perdoa pelo secretismo, mas se o que suspeitávamos tivesse resultado não ser certo, não queríamos que sofresse —disse Dave—. Resultou fácil conseguir teu DNA e não muito difícil conseguir o do Edi. Era muito aficionada a escrever cartas e fechava umedecendo-os com saliva grande número de envelopes.

—A senhorita Edi era minha avó? —perguntou Joce com um débil sussurro.

—Ela não sabia —disse o doutor Dave—. De havê-lo sabido estou seguro de que lhe haveria isso dito. Acredito que Alex se inteirou de que estava grávida, mas ninguém mais o fez. ficou em Londres, onde ninguém a conhecia, e não

teve que responder perguntas incômodas. queimou-se sozinho um par de semanas antes de dar a luz.

—Mas o general disse que o menino tinha nascido morto.

—Figuramo-nos que isso foi o que lhe disseram. Não temos provas escritas, mas parece que Alfred Scovill estava na Europa nessa época, assinando contratos para cascos, e havia uma mulher moribunda que acabava de dar a luz um bebê. Por isso pudemos averiguar, no certidão de nascimento figuram Alfred e Frances Scovill como pais, o que é obvio não era certo, porque sua esposa estava nos Estados Unidos. Mas estávamos em guerra e havia muitos órfãos e muitas tragédias. Ninguém fazia muitas perguntas. Acredito que o senhor Scovill se levou a bebê a casa, aos Estados Unidos. Com sua mulher se mudaram a Boca Camundongo, onde ninguém os conhecia e nunca contaram a ninguém a verdade. Sua única concessão foi chamar à menina Claire pelo que dizia a moribunda.

Quando Jocelyn tentou ficar em pé, fraquejaram-lhe as pernas. Luke a abraçou para sustentá-la e a sujeitou contra si uns minutos. Mas Joce o apartou e o olhou.

—É por isso que disse que talvez me fizesse falta um médico? —Tentava brincar, mas ninguém sorria.

—Está bem? —perguntou-lhe Luke.

—Estou conmocionada, isso é tudo. Como eu gostaria que o tivesse sabido! Eu gostaria de havê-lo sabido eu quando ela estava viva para compartilhar este vínculo!

—Fez-o —disse o doutor Dave, lhe agarrando a mão—. Alex investigou a respeito de sua mãe e a gente que a adotou, e comprou uma casa perto da sua. Montou-o tudo para que ela administrasse a fundação, mas logo começou a perder a memória.

—Pelo Alzheimer —disse Jocelyn.

—Sim, o dispôs tudo através do MAW e inventou aquela historia sobre como tinha conhecido às pessoas que a adotou. Supomos que Alex tinha a intenção de deixar que Edi passasse algum tempo contigo para te conhecer e logo lhe houvesse dito a verdade. Mas Alex...simplesmente o esqueceu.

Luke se aproximou de uma mesa auxiliar e lhe preparou uma taça.

—Acredito que o necessita —lhe disse, olhando a seu avô.

Jocelyn agarrou a taça e tomou um sorvo.

—Intuo que vós dois têm algo mais que me contar. Soltem antes de que me deprima pelo que me contastes já.

—Encontramos à família do David Clare.

Ela olhou aos dois homens. Altos, inclinados sobre ela, olhavam-na como se fora a desabar-se de um momento a outro. Mas suas palavras a fizeram sentir mais longe de desfalecer que qualquer outra coisa que tivessem podido lhe

dizer. Levaria-lhe muito tempo assimilar o fato de que Edi nunca tivesse sabido a relação que as unia, mas a idéia dos familiares era assombrosa.

—Querem dizer que pode que tenha parentes com um quociente intelectual por cima de setenta, que não vivem para me menosprezar e me fazer sentir mau?

—Em realidade, acredito que isso o fazem todos os parentes —disse Luke—. Minhas primos... Ai! —queixou-se quando seu avô lhe golpeou o braço.

—Tem o número de telefone? —perguntou- o doutor Dave ao Luke.

—Pois claro, tenho-o aqui. Acredito que chamarei e logo Joce pode...

Lhe arrancou o papel das mãos.

—É minha família. Chamo eu. —Foi para o grande telefone que havia sobre o escritório do doutor Dave—. Ponho o mãos livres?

Ambos os homens assentiram.

Joce respirou profundamente duas vezes e marcou o número de Nova Iorque. Imediatamente respondeu uma voz masculina.

—Sinto incomodá-lo, senhor, mas estou procurando a qualquer relacionado com um homem chamado David Clare, que morreu durante a Segunda guerra mundial.

—À fala.

Jocelyn olhou aos dois homens encolhendo-se de ombros, perplexa.

—É você parente dele?

—Suponho que sim —disse o homem, rendo.

—Sabe algo do sargento David Clare, que serve com o general Austin, desse David Clare?

—Senhorita, não sei como lhe dizer que eu sou David Clare, e que eu servi com o velho bulldog Austin.

—Você... —disse Jocelyn, mas sua voz se apagou—. Mas se o mataram!

—Deram-me por morto, mas em realidade estive prisioneiro até o final da guerra. Posso-lhe assegurar que estou vivo, não especialmente são, mas vivo.

—Conheceu o Edilean Harcourt?

Houve uma larga pausa.

—Sim. A... mataram em 1944.

—Não, a senhorita Edi morreu o ano passado.

O homem gritou, furioso:

—Isto não me faz graça! Edilean Harcourt morreu em um incêndio quando um jipe explorou.

—Não era ela —disse Jocelyn, ao bordo das lágrimas. Estava realmente falando com o David do Edi... com seu próprio avô?—. Ela sobreviveu, sofreu umas queimaduras terríveis nas pernas, mas sobreviveu. Conheci-a quando tinha dez anos

e foi meu guia, minha mãe de acolhida... Não sei como a chamam vocês. Quando morreu, deixou-me sua antiga casa...

—Edilean Manor —murmurou ele.

—Sim, a senhorita Edi nunca se casou. Passou a maior parte de sua vida viajando pelo mundo com o doutor Brenner, ajudando-o nas catástrofes. Eles... — Joce se interrompeu e olhou ao Luke—. Acredito que está chorando —lhe disse, mas então tampouco ela pôde conter as lágrimas.

Luke lhe tirou o telefone e ouviu um homem que gritava.

—Não sei quem diabos é você para fazer chorar ao tio Dave, mas... por detrás, Luke ouviu:

—Não, não, não. É sobre o Edi; conheciam o Edi.

O zangado jovem deixou de gritar.

—Sabem algo da senhorita Edi?

—ouviu falar dela? —perguntou-lhe Luke.

—Está de brincadeira? Cresci ouvindo esse nome. O amor perdido, a única mulher a que o tio Dave amou sempre. Sabem algo dela, como por exemplo onde está enterrada? Um momento, o tio Dave quer que lhe devolva o telefone.

Luke voltou a pulsar o mãos livres para que todos pudessem ouvir.

—Quem é? —perguntou David Clare.

—Acredito que sou sua neta —disse Joce, antes de romper novamente a chorar.

Então David deu rédea solta a suas lágrimas.

O jovem ficou outra vez ao telefone.

—OH, demônios! O que acontece com todos?

Ao fundo, ouvia-se o David dizendo:

—Vêem aqui, agora, hoje. Quero verte agora mesmo.

O jovem disse:

—Parece ser que quer que venha. Se o fizer, convém que tenha um desfibrilador preparado?

—O vão necessitar os dois... —disse Luke. Depois desconectou ao alto-falante do telefone e lhe contou rapidamente a história de como Edi ficou grávida e deu a luz, mas que ninguém acreditou que fora a viver e um homem chamado Scovill adotou ao bebê.

—Está-me dizendo que o tio David teve um filho?

—Uma filha chamada Claire.

—Claire Clare —disse o jovem, divertido.

—Já vê —disse Luke, olhando ao Joce, que estava soluçando—. Claire Clare. Podemos lhe fazer uma visita? Parece-lhe bem?

—O que me pergunto é por que demônios está ainda ao telefone. Pode tomar um vôo matutino?

—Não sei —disse Luke, olhando ao Joce—. Podemos estar ali amanhã?
Ela assentiu.

—Escuta, uh... —Não sabia como se chamava.

—Eddie —disse ele, e logo fez uma pausa—. Me chamo Edward Harcourt Clare. Sou o pequeno de meus irmãos e lhe deixaram ao tio Dave escolher meu nome. Se tivesse sido uma menina me teria chamado Edilean.

Luke olhou ao Jocelyn.

—Chama-se Edward Harcourt Clare.

Joce ria e chorava ao mesmo tempo.

—De acordo —disse Luke—. me Deixe olhar os vôos e te chamo dentro de uma hora para te dizer quando vamos.

—Quando estiverem aqui não obteremos que parem de chorar —disse Edward e, depois de uma pausa, baixou a voz—. Quero te dizer que o que fazem é fenomenal. O tio Dave foi como um segundo pai para mim e todos meus irmãos. Não posso te contar agora tudo o que tem feito em nossa pequena cidade. Não está bem e não fica muito, mas ver sua própria neta... Bom, obrigado, tudo o que posso dizer é muitíssimas obrigado.

Capítulo 27

Ao final e atrás de muito discutir, David Clare decidiu que era melhor que ele fora ao Edilean em lugar de que eles fossem ver lhe ele.

—Não fica muito tempo e quero ver por fim sua casa —disse.

Pelo visto no passado o tinha proposto numerosas vezes, inclusive uma delas tinha chegado a comprar os bilhetes de avião, mas não se atreveu. Sabia que recordaria ao Edi com muita intensidade e a dor seria major do que poderia suportar.

Luke e Jocelyn passaram dois dias frenéticos preparando a casa. As mulheres da Igreja Baptista do Edilean lhes emprestaram camas, lençóis e inclusive móveis, e a mãe do Luke se encarregou do transporte. Tinha trabalhado para seu pai de modo intermitente a maior parte de sua vida e conhecia o transporte médico. Levaram ao David Clare do aeroporto do Richmond ao Edilean em ambulância. Fez rir durante toda a viagem aos dois enfermeiros de urgências que foram detrás com ele.

—Sua neta é como você —lhe disse Luke—. Conta as piores piadas do mundo à mínima ocasião.

—Vete —disse o doutor Dave—, ou conseguirá que fiquem a chorar outra vez.

O primeiro encontro entre o Joce e seu avô foi tão emotivo que nenhum dos dois pôde dizer uma palavra. Somente se olharam e se agarraram as mãos quando baixaram ao David da ambulância e o entraram no Edilean Manor.

Na sala de estar da planta baixa, onde Joce tinha realizado suas investigações, tinham disposto um dormitório para o sargento Clare. depois de descansar vinte e quatro horas pôde andar com duas fortificações... como fazia Edi ao final. E o primeiro que quis ver foi o lugar onde ela repousava.

—antes de que vamos —disse—. Haverá um sítio junto a ela para mim?

—Sim —lhe disse Jocelyn, enquanto ele se agarrava de seu braço com sua anciã emano.

Todo mundo, quer dizer, todo o povo, maravilhou-se do muito que se pareciam Joce e David. O queixo quadrado com uma covinha, a pele branca e os olhos azul escuro estavam cortados com o mesmo padrão.

—Parece-te mais a mim que ao Edi —dizia David, olhando amorosamente a sua neta—. Por desgracia, não herdaste suas pernas.

—É certo —disse Luke—. De todos os modos, eu gosto mais ossudas.

—Luke! —exclamou Joce, e David se Rio tanto que quase se engasgou.

—É como minha mãe, e a meu pai também gostava assim, tanto que tive oito irmãos e irmãs.

—O leímos —disse Joce com os olhos muito abertos—. Isso significa que tenho primos.

—Centenas deles —disse David.

—Ou seja que tenho mais que ele —disse olhando ao Luke.

—São um verdadeiro matrimônio —disse David.

A lápide da tumba da senhorita Edi era pequena.

—vamos gravar a —disse David. Logo olhou ao Luke—. Arrumado a que você, universitário, sabe onde posso encontrar um escultor.

—Saberei encontrar um.

—Universitário? —disse Joce sorrindo—. Luke trabalha para mim. Não posso lhe pagar, mas é meu jardineiro. Trabalha também para outra gente.

David olhou ao Luke, sacudindo a cabeça.

—Pode que seja velho, mas a cabeça ainda me funciona. Uma de minhas sobrinhas netas fez fila para conseguir teu livro autografado e voltou para casa mais apaixonada por ti que do livro. baixou-se tua foto e a pendurou sobre seu escritório. Quando te vi, reconheci-te imediatamente.

Jocelyn se parou, olhou ao Luke, soltou-se do braço de seu avô e começou a caminhar de volta para a casa.

—OH, OH... —disse David—. coloquei a pata? —voltou-se com ajuda dos fortificações quando Luke foi detrás o Joce.

—É um bastardo! —disse ela, quando a alcançou.

—Não pretendia te mentir, mas...

—por que não? Todo outros o têm feito. É que não fica ninguém honesto no mundo?

—Queria que me visse como sou —disse Luke—. Sinto não te haver dito que sou escritor, e que estava casado, mas o principal interesse do Ingrid por mim eram meus cheques de direitos de autor.

—Todo o povo sabia que estava casado e a que te dedicava mas ninguém me há isso dito.

—Pedi-lhes que não o fizessem.

—Assim de fácil? Simplesmente lhes disse que não mencionassem que escreve e obedeceram?

—Sim —se limitou a responder Luke.

—Bem, é maravilhoso que tenha gente que te quer tanto. A mim pessoalmente, nunca me passou. —dirigiu-se para a casa.

—Sim que a tem —disse Luke—. Eu te quero. Amei-te desde aquela primeira noite quando te derramei a mostarda em cima.

—Isso foi um acidente —disse ela, olhando-o por cima do ombro.

Luke se colocou frente a ela.

—Sim, foi, e eu gostei que fosse honesta e dissesse a verdade ao Ramsey.

—Honestas? Conhece o significado desta palavra?

—Estou-o aprendendo —disse ele—. Mas tive alguns professores que me ensinaram a ocultar a verdade. Você, Ingrid, minha família, Ramsey, inclusive a senhorita Edi.

Edi tentou esquivá-lo, mas ele continuou lhe fechando o passo. Finalmente, ela cruzou os braços sobre o peito.

—De acordo E sobre o que escreve?

—Sobre o Thomas Canon —disse ele.

Joce ficou com a boca aberta. Thomas Canon era o protagonista de uma série de livros muito populares. Estavam ambientados no século dezoito, justo antes da Revolução americana. Thomas tinha estado apaixonado por uma jovem chamada Bathsheba desde que eram meninos, mas seus pais a tinham obrigado a contrair matrimônio com um homem rico ao que não amava. Com o coração quebrado, Thomas passava livro detrás livro viajando pelo país em florações, conhecendo gente e metendo-se em uma confusão atrás de outro.

—Luke Adams —disse Joce, citando o nome do autor.

—Esse sou eu.

—Então a jardinagem...

—Sou botânico, e depois do do Ingrid estava... —encolheu-se de ombros.

—A quem lhe ocorre licenciar-se em botânica? —acrescentou Joce—. Como se pode viver da botânica? Teria que haver... —interrompeu-se, porque ele a atraiu para si e a beijou.

—Jocelyn, te quero. Sinto ter demorado tanto em dizê-lo e te haver oculto tantas coisas, mas tinha que estar seguro. Crie que poderá me perdoar alguma vez?

—Claro que pode! —disse David Clare atrás deles—. Se Edi pôde me perdoar ser um vândalo ignorante, ela pode te perdoar por fingir sê-lo.

Luke e Jocelyn lhe sorriram porque se inteiraram de que, depois da guerra, tinha convertido sua pequena garagem em uma franquía que estava presente em todo o Nordeste. Era multimilionário. E tinha posto a todos seus negócios o nome de seu querido irmão, Bannerman, morto na guerra. A mudança de nome era a causa de que Edi não se inteirou nunca de que seu David seguia com vida.

—Pode me perdoar? —perguntou Luke.

«Como não ia poder?», pensou ela, mas não o ia pôr tão fácil.

—Com uma condição. Tem que me dizer se Thomas Canon conseguirá algum dia a Bathsheba.

—Não, você também não —grunhiu Luke—. Em casa tenho uma caixa enorme cheia de cartas de meus leitores com a mesma ditosa pergunta. Não sei.

—Como que não sabe? Você criou aos personagens e você os controla.

—Algo assim.

—O que quer dizer?

David se estava rendo.

—É melhor que o deixe —disse ao Luke—. Se parece comigo, mas é exatamente igual a Edi.

—Não me pareço em nada a ela —disse Joce.

—É idêntica —disse David—. Te contou aquela vez que...?

—Espera aqui —disse Joce—. vou procurar uma grabadora. A diferença de outros, eu não acredito em meus personagens.

Quando Luke e David ficaram sozinhos, o ancião ainda ria.

—Deixa-o cru, filho.

—Sim, sei —disse Luke sorrindo.

Mais tarde, depois de jantar, quando David já se deitou, Luke e Joce se sentaram na cozinha a falar. Ela seguia um pouco distante por lhe haver oculto sua ocupação, mas Luke a estava ganhando.

—A outra noite minha mãe me contou uma história do mais estranha —lhe disse, e viu que Joce emprestava toda sua atenção à palavra história—. Foi a casa da senhorita Edi uns seis meses antes de sua morte.

—por que? —perguntou Joce.

—Não estou seguro —disse Luke—. Minha mãe nunca foi uma boa mentirosa, mas...

—A diferença de ti.

—Sim —disse Luke com um sorriso—. Disse algo sobre um segredo que necessitava uma reparação.

—Um segredo sobre o que?

—Não sei. Não me quis dizer isso mas suponho que minha mãe sabe por que Alex McDowell se sentiu em dívida com a senhorita Edi toda sua vida.

—Esse segredo? —perguntou Joce—. E sua mãe o conhece?

—Talvez. por que não o pergunta?

—Acredito que o farei.

—De qualquer modo, contou-me que ela e a senhorita Edi falaram muito sobre mim, sobre meus livros, o fracasso de meu matrimônio, o muito tempo que passo a sós com seu mal-humorado sogro. Sabe o que? Aquela vez que me escapuli de casa com o avô para ir pescar, mamãe sabia. Disse que sempre me levei melhor com a gente maior.

—Eu também... —disse Jocelyn—. Meus avós. —Jocelyn se deu conta de que não tinha tido tempo para pensar na gente a que tanto tinha amado e que nunca lhe tinha falado da adoção—. Bom, esses avós. Logo Edi. —Olhou ao Luke—. E o que me diz do Ramsey?

—Todo mundo sabe que ele e Tess...

—Não! Refiro às últimas vontades do Edi. —Joce, surpreendida, levou-se as mãos à cabeça—. Agora o entendo. Edi sabia que eu detesto que me digam com quem devo sair. Apresentou a uns quantos homens agradáveis, mas eu saía com eles odiando-os. Era antipática, não lhes ria as piadas. Algo que fizessem ou dissessem me desagradava... —Olhou de novo ao Luke—. Acredito é possível que Edi me dissesse que Ramsey era o homem que me convinha porque não queria que acabasse com ele.

Luke a olhou surpreso.

—E minha mãe me disse que me mantivera afastado de ti. Sabe que não agüento as proibições.

—Crie que ficaram de acordo? É possível que tenhamos sido manipulados?

Olharam-se.

—Não —disse Luke.

—Muito retorcido.

—Parece-me uma confabulação excessiva...

—Isso.

—Não pode ser —conveio Luke, e logo acrescentou—: Pode ficar com o Ramsey se quiser.

—Não —disse ela sorrindo; tendeu o braço por cima da mesa e pôs sua mão sobre a dele—. decidi que seguirei a tradição de minhas antepassadas e me juntarei com um homem que trabalha com as mãos.

Luke a olhou com o fogo da paixão.

—por que não vem aqui, sintase em meu regaço e deixa que te ensine quão bem sei trabalhar com as mãos?

—Sim, por favor —disse Jocelyn, levantando-se, e se tornou em seus braços.

* * *

Título original: Lavender Morning

Tradução: Paula Vicens

1.^a edição: junho 2012

© 2009 by Deveraux, Inc.

© Edições B, S. A., 2012 para o selo Vergara

Consell do Cent 425-427 - 08009 Barcelona (Espanha)

www.edicionesb.com

Depósito Legal: B.19318-2012

ISBN EPUB: 978-84-9019-158-3

1 Home Box Office. Um dos canais de televisão por cabo com mais audiência dos Estados Unidos. (N. da T.)

2 A autora se refere ao estribilho de uma das canções mais populares do Tennessee Ernie Ford: You louvem sixteen tons, what dou you get / Another day older and deeper in debt / Saint Peter dom't you call me 'cause I cão't go / I owe my soul to the company store. (N. da T.)

3 La?BTU?es a abreviatura de uma unidade inglesa de energia: British Thermal Unit. Equivale a 252 calorias e se usa principalmente nos Estados Unidos. (N. da T.)

4 Os Pais Fundadores dos Estados Unidos foram os líderes políticos que assinaram a Declaração de Independência e participaram da revolução ou na redação da Constituição uns anos mais tarde. Entre eles destacam por sua relevância histórica Benjamin Franklin, George Washington, John Adams, Thomas Jefferson, John Jay, James Madison, Thomas Paine e Alexander Hamilton. (N. da T.)

5 As três cabras macho Gruff, é um conto de fadas norueguesa no que três cabras cruzam uma ponte, sob o qual há um aterrorador trol que quer comer-lhe N. da T.)

O aroma da lavanda

JUDE DEVERAUX

~ 2 ~

Prólogo

—Helen? —perguntou quem estava ao outro extremo da linha Telefônica—. Helen Aldredge?

Se o tivessem perguntado, Helen haveria dito que fazia tanto tempo que não ouvia o Edilean Harcourt que não tinha reconhecido sua voz. Mas a tinha reconhecido. Tinha ouvido aquela elegante e régia entonação em contadas ocasiões, todas elas relevantes entretanto. Dado quem a chamava, Helen não particularizou que seu nome de casada era Connor.

—Senhorita Edi? É você?

—Que boa memória!

Helen visualizou à mulher tal como a recordava: alta, magra, erguida, com o cabelo escuro impecavelmente penteado. Ia sempre vestida com objetos da melhor qualidade, de uso atemporal. Devia andar perto dos noventa já, a idade do pai da Helen, David.

—Tenho uma boa ascendência —disse, e imediatamente desejou haver-se mordido a língua. Seu pai e a senhorita Edi tinham estado prometidos, mas quando Edilean retornou da Segunda guerra mundial, seu querido David estava casado com a mãe da Helen, Mary Alice Welsch. O trauma tinha sido tal que tinha deixado a velha casona que tinha pertencido à família durante gerações ao folgado de seu irmão, partiu-se da cidade que levava o nome de sua antepassada e nunca se casou. Inclusive na atualidade, alguns dos mais velhos habitantes do Edilean se referiam a Grande Tragédia e seguiam vendo com maus olhos à mãe da Helen. O que David e Mary Alice faziam tinha suposto o fim da linha direta da família Harcourt, a família fundadora. Posto que Edilean, Virginia, estava tão perto da Williamsburg colonial, a perda de descendentes diretos de pessoas que se acotovelaram com o George Washington e Thomas Jefferson tinha sido para eles um tremendo golpe.

—Sim, a tem —disse a senhorita Edi sem duvidá-lo um instante—. De fato, tão convencida estou de suas capacidades que me decidi a te pedir ajuda.

—Ajuda? —perguntou-lhe Helen com cautela. Toda sua vida tinha ouvido a respeito das disputas e a raiva geradas pelo acontecido em tempos de seu pai. Supostamente não teria que haver-se informado, porque sempre se comentava em sussurros, mas Helen era curiosa por natureza. sentava-se em um extremo do alpendre, jogava às bonecas e escutava.

—Sim, querida. Ajuda —disse a senhorita Edi com uma condescendência que fez que lhe subissem as cores—. Não vou pedir te que asse uma centena de bolachas para a venda da igreja, assim tire-lhe o da cabeça.

—Eu não... —começou a defender-se Helen, mas se calou. Estava junto à pia da cozinha e via seu marido, James, trabalhando em excesso com o novo manjedoura para os pássaros. «Alguém teria que declarar ilegal a aposentadoria dos homens», pensou por milésima vez. James ficaria furioso por culpa do manjedoura, não cabia dúvida, e seria ela quem teria que suportar sua diatribe. Quando antes se ocupava de centenas de empregados de vários estados, agora não tinha mais que a sua mulher e um filho maior a quem dar ordens. Em mais de uma ocasião Helen tinha ido procurar ao Luke ali onde estivesse para lhe pedir que passasse uma tarde com ele. Ao Luke o fazia graça e a mandava a fritar aspargos.

—Está bem —disse—. No que posso te ajudar?

Dava igual a não tivesse falado com aquela mulher desde fazia, quanto? Vinte anos?

—Hãõ-me dito que fica menos de um ano de vida Y... —interrompeu-se para ouvir a exclamação da Helen—. Por favor, não me compadeça. Ninguém quis nunca tanto deixar este mundo como eu. vivi muito. Mas ao me inteirar de que ficava um ano me pus a pensar no que ainda me falta por fazer nesta vida.

Helen sorriu para ouvir aquilo. Talvez a senhorita Edi já não vivesse na cidade que levava o nome de seu tática-o-que-fora avó, mas tinha deixado rastro ali. Se a cidade seguia existindo, era graças a ela.

—Fez muitíssimo pelo Edilean. Há...

—Sim, querida, sei que paguei algumas costure e redigido cartas e armada animação quando queriam nos tirar nossos lares. Fiz todo isso, mas foi fácil. Solo tive que pôr dinheiro e fazer ruído. O que não tenho feito ainda é corrigir algumas equívocos que cometi quando era jovem.

Helen esteve a ponto de gemer. «Aí vai», pensou. A grande historia a respeito de como sua mãe, Mary Alice, tinha-lhe roubado o noivo à senhorita Edi ao final da Segunda guerra mundial. Pobre Edi, maldita Mary Alice. O mesmo outra vez.

—Sim, sei...

—Não, não —disse a senhorita Edi, interrompendo-a novamente—. Não estou falando do que seus pais fizeram quando os dinossauros vagavam pela Terra. Isso é água passada. Falo de agora, do presente. O que então aconteceu trocou o presente.

Com o cenho franzido, Helen deixou de olhar como seu marido a empreendia a patadas com o manjedoura porque não conseguia que se mantivera em pé.

—Refere-te a que, se meu pai se casou contigo, umas quantas vistas seriam distintas —aventurou pausadamente.

—Talvez —disse Edi, mas parecia divertida—. O que sabe aproxima de 14 de novembro de 1941?

—Justo antes do ataque ao Pearl Harbor? —inquiriu Helen com cautela.

—Deduzo que apesar de sua afeição a escutar as conversações alheias quando foi menina não o ouviu tudo, verdade?

Helen soltou uma gargalhada a seu pesar.

—Não, não o ouvi tudo. Edi, por favor, quer me dizer de uma vez do que vai tudo isto? Meu marido está a ponto de entrar em casa para almoçar, assim tenho pouco tempo.

—Quero que venha aqui, a Florida, a ver-me. Parece-te que suportará estar longe de seu marido tanto tempo?

—Está aposentado. Poderia me mudar a viver contigo.

A senhorita Edi soltou uma risita seca.

—De acordo. Mas não diga a ninguém aonde vai nem a quem verá. Tenho algumas costure das que devo falar contigo e temos que encontrar a maneira

de que faça o que deve fazer. Eu correrei com todos os gastos, é obvio... a menos que não esteja interessada, claro.

—Uma viagem grátis? me inteirar de secretos? Estou mais que interessada. Como nos organizamos?

—Enviarei toda a informação sobre a viagem a minha casa e pode recolhê-la ali. Como está esse bonito teu filho?

Helen duvidou. Devia lhe dar a resposta que dava a todo mundo? Quase ninguém sabia pelo que tinha passado realmente Luke durante os últimos anos, mas Helen deduziu que, de algum modo, Edi sabia.

—Vai recuperando pouco a pouco. esconde-se nos jardins próximos à cidade e cava. Não quer falar com ninguém de seus problemas, nem sequer comigo.

—E se lhe troco a vida?

—Para bem ou para mau? —perguntou-lhe Helen, mas tinha toda sua atenção. Seu único filho sofria e ela não sabia como lhe ajudar.

—Para bem. Bom, será melhor que lhe dê de almoçar a seu marido. Não o esqueça: não lhe fale com ninguém de mim. As passagens chegarão amanhã às dez, assim recolhe-os e logo me chame. Quando chegar aqui haverá alguém te esperando no aeroporto.

—De acordo. —A porta traseira se abria.

—Maldita porcaria! —ouviu que resmungava James—. Deveria escrever ao fiscal geral a respeito desse traste inútil.

Helen pôs os olhos em branco.

—Isso farei —sussurrou—. Tenho que te deixar.

A senhorita Edi pendurou. Estava sentada ao lado do telefone e ficou olhando-o um momento. Logo se serve de suas duas fortificações para incorporar-se. As pernas lhe doíam tanto esse dia que tivesse querido deitar-se e não voltar a levantar-se jamais. aproximou-se coxeando a grande caixa que havia em cima da banquetta do piano e pensou nas fotos que continha e nas coisas que tinham passado a todos fazia tanto tempo.

Tirou um livro verde magro: seu anuário do último ano de instituto. O curso de 1937. Não o fazia falta abri-lo porque sabia de cor e se alegrava de não ter estado no Edilean, Virginia, durante os últimos anos. Sentia falta do lugar, sentia falta das árvores e a mudança das estações, mas não lhe teria gostado de ver envelhecer a seus amigos, nem ver seus nomes em uma lápide. Quem houvesse dito que os últimos sobreviventes foram ser ela e David e Mary Alice? E Pru... mas ela não contava. Quase todos outros tinham morrido, alguns recentemente, outros fazia muito. A pobre Sara tinha morrido em... Edi não recordava a data mas sabia que tinha sido fazia uma eternidade.

Deixou o livro e olhou a cajita em que estavam as fotos de todos eles, mas não a abriu. Esse dia se sentia pior do habitual e estava segura de que o médico

se equivocava: não ficava nem um ano; embora se alegrava disso, porque a dor de suas velhas pernas cheias de cicatrizes ia de mal em pior. Os dias em que conseguia levantar-se da cama, era com muita dificuldade e, se não o conseguia, pedia a seu alegre enfermeira o ordenador portátil e se passava todo o dia conectada a Internet. Que coisa tão magnífica! Graças a Internet podia encontrar muitíssimas coisas.

Inclusive tinha procurado à família do David e se inteirou de que seu irmão maior tinha sobrevivido à guerra. Tinha vivido o bastante para ter um negócio bem-sucedido. Várias vezes tinha estado a ponto de chamar à família, mas a dor que sabia que sentiria a tinha detido. Além disso, duvidava que tivessem ouvido falar dela. David tinha morrido semanas depois de conhecer-se.

Enquanto Edi ia para a cozinha, pensou no Jocelyn. como sempre, o simples feito de pensar na jovem lhe aliviou a dor e lhe relaxou a mente.

Tinha sido Alexander McDowell, o homem cuja vida estava na medula de todos os segredos e as penas, quem tinha posto ao Edi em contato com a moça.

—Seus avós, os Scovill, eram íntimos amigos meus —lhe havia dito com sua voz rouca atrás de toda uma vida de fumante—. Mandaram a sua formosa filha, Claire, às melhores escola. Em sua festa de posta de comprimento lhe fizeram onze proposições de matrimônio. Entretanto, não se casou até os trinta e três, e escolheu para fazê-lo ao encarregado de manutenção do clube de campo.

A senhorita Edi tinha passado por muito em sua vida para ser uma esnobe.

—Que classe de pessoa era?

—Bom para ela. Folgazão, logo que sabia ler e escrever, mas bom para ela. Tiveram uma filha, Jocelyn, e poucos anos depois a formosa Claire morreu.

Talvez tinha sido pelo nome, Claire, ou possivelmente porque naquela época Edi estava em uma encruzilhada vital. Tinha passado sua vida trabalhista viajando com o doutor Brenner, cuja fortuna familiar lhe permitia trabalhar sem cobrar, assim viajava pelo mundo emprestando ajuda aí onde fazia falta. dizia-se que se uma bomba tivesse cansado, o doutor Brenner teria reservado um vôo antes de que explorasse. A verdade era que Edi era quem se ocupava das reservas, e que sempre ia com o médico. Assim, quando ele se aposentou, ela também. Devia voltar para o Edilean para viver naquela casona com seu irmão, que a aborrecia mortalmente? Convinha-lhe viver tranqüilamente de sua pensão e suas economias e escrever, talvez, suas memórias? Outra perspectiva aborrecida.

Quando Alex McDowell, um homem ao que conhecia desde que ambos eram uns pirralhos, ofereceu-lhe o trabalho de administrar sua fundação e ocupar-se da neta de seus amigos, Edi aceitou.

—Não sei como é a menina —lhe havia dito Alex nnaquele tempo—. naquele tempo—. Pode que tenha as luzes de seu pai, por isso eu sei. Da morte de

sua mãe vivia com os avós. À morte destes, Jocelyn, que assim se chama a garota, ficou sob a custódia de seu pai.

—Não lhe terá feito mal, verdade? —tinha perguntado imediatamente a senhorita Edi.

—Não. contratei a alguns investigadores privados e não me apresentaram nenhum relatório no que se diga nada parecido, mas seu pai tornou A...

—Voltado para que? —tinha-lhe perguntado Edi bruscamente.

Alex se tinha rido.

—É pior do que imagina. tornou-se a casar com uma mulher que tem duas filhas, as gema idênticas, e vão de moto todas.

A senhorita Edi fechou um instante os olhos pensando naquele nome... Claire... e nas motos.

—... Boca Camundongo —dizia Alex.

—Perdoa, mas não te estava escutando...

—Tenho uma casa na mesma urbanização em que vive a pequena Jocelyn com seu pai e as Astras, como as chama ela. Um de meus detetives falou com ela.

—Falou com um desconhecido? —espetou-lhe Edi.

De novo Alex se Rio.

—Não trocaste nada, verdade? Asseguro-te que não estavam a sós. Estavam na carreira da NASCAR.

—Onde?

—Me acredite: você não gostaria. Edi, o que te perguntava é se te importaria viver em Boca Camundongo. Viveria a três casas da filha do Claire e trabalharia para mim velando por ela.

Se tivesse sido qualquer outra pessoa, Edi teria reprimido seu entusiasmo. Mas Alex era um velho amigo de confiança.

—eu adoraria —lhe havia dito—. Realmente estaria encantada.

—Acredito que o clima quente da Florida será bom para suas pernas.

—Não ter que retornar ao Edilean para que me compadeçam por ser uma solteirona será o que melhor vai sentar a minhas pernas.

—Você, uma solteirona? Sempre te verei como uma garota de vinte e três, a mulher mais formosa de...

—Te cale ou dedurarei ao Lissie.

—Quer-te tanto como eu —havia dito ele precipitadamente—. Assim me dê sua direção e te mandarei todo o necessário.

—Obrigado. Muitíssimas obrigado.

—Não. Graças a ti. Desde não ser por ti...

—Sei. Dá um beijo a todos de minha parte.

Tinha pendurado o telefone, sorrindo de orelha a orelha. Acreditava firmemente nas portas que se fecham e se abrem. A porta com o doutor Brenner se fechou e se haveria uma nova.

Já fazia muitos anos disso. Agora Jocelyn Minton era a luz da vida da senhorita Edi: a filha que não tinha tido; o coração do lar que não tinha forjado.

Sempre que a jovem conseguia escapar da pequena universidade em que trabalhava como uma mula por um salário irrisório, subia ao carro e partia a casa. Depois da visita de rigor a seu pai e a sua madrasta, ia direta a casa do Edi. As duas se abraçavam, verdadeiramente contentes de ver-se. Jocelyn era a única pessoa que não se sentia intimidada pelo aspecto severo do Edi. De pequena a abraçava igual. Chamava-a «minha salvadora». «Sem ti não sei como teria sobrevivido a minha infância», estava acostumado a dizer.

Edi sabia que aquilo era um exagero. Ao fim e ao cabo, a gente não morre por falta de livros. De fato ninguém morre por estar apanhado em uma casa com um pai, uma madrasta e duas meio-irmãs que consideram os rallies de caminhões o mais delicioso do mundo... embora haja mais de um tipo de morte.

O certo era que seu encontro tinha sido o melhor que podia haver acontecido a ambas. Edi só levava quatro meses vivendo na preciosa casa que Alex tinha comprado quando viu pela primeira vez a menina com sua família. A casa do Jocelyn tinha pertencido a seus avós e, ao morrer sua mãe, ela a tinha herdado. Não era difícil chegar à conclusão de que o dinheiro o tinham gasto rapidamente.

A senhorita Edi viu os pais, vestidos de couro, e às muito altas as gema embelezadas com apenas o justo para que não fora ilegal. Detrás ia Jocelyn, atrás. Pelo comum levava um livro e o cabelo loiro sobre a cara, mas aquela primeira vez Edi pôde lhe jogar uma boa olhada e apreciar a inteligência de seus olhos muito azuis. A menina não era tão bonita como tinha sido sua mãe, da que tinha visto fotos, mas tinha algo que a atraíu: talvez o queixo quadrado com uma muito leve covinha recordou a outra pessoa com o queixo quadrado a que tinha querido com toda sua alma tempo atrás; possivelmente foi o modo em que a menina parecia ser consciente de que era diferente daqueles com quem convivia.

Ao princípio a senhorita Edi se fez a encontradiza em duas ocasiões para falar com a garota: a primeira na biblioteca, onde se passaram meia hora comentando a saga da Narnia e se apresentaram quando já se foram; na segunda, Edi passou dando um passeio por diante de casa da menina, que estava fora dando voltas em bicicleta.

—Quando era menina jogávamos a rayuela —disse.

—Que jogo é esse?

—Se tiver um giz lhe ensino isso.

Edi esperou enquanto Jocelyn entrava em procurar um giz. naquela época ao Edi bastava com um fortificação para caminhar, mas todos aqueles anos de

pé enquanto se ocupada do doutor Brenner e sua equipe lhe tinham prejudicado a musculatura das pernas e sabia que não demoraria muito em ver-se obrigada a usar duas fortificações, logo andarilho, logo... Não gostava de pensar naquilo.

Notou que alguém a observava e, ao dá-la volta, viu o pai do Jocelyn. Levava uma chupeta de couro dessas que alguns homens de sua geração estavam acostumada usar. Por isso parecia ia cheio de tatuagens e não se barbeava desde fazia dias. Trabalhava em uma moto e não parava de lhe dar ao acelerador para que fizesse mais ruído. Se os vizinhos tinham deixado de queixar-se não era porque fora um dos proprietários da urbanização; de não ter sido mais que isso, o teriam jogado. Mas Gary Minton era o encarregado de manutenção e quem ia em plena noite quando um váter se entupia e a água alagava o banho. Também era quem tirava um pirralho do fundo da piscina ou subia a uma árvore para baixar a algum menino aterrorizado, em comparação com o qual o ruído de umas quantas motos não tinha nenhuma importância. Mas olhava ao Edi como se avaliasse a conveniência de que sua filha estivesse com ela. Edi se deu a volta: melhor teria feito em perguntar-se se à menina convinha estar com ele.

Jocelyn não demorou nada em retornar com o giz e Edi lhe ensinou a riscar o desenho da rayuela no meio-fio de cimento, a lançar a pedra e a ir à pata agarre. O jogo adorou.

Ao cabo de uns quantos dias, Edi abriu a porta de casa e se encontrou a pobre pequena esquelética e mau vestida sentada nos degraus dianteiros, chorando. Não sentiu saudades.

—Sinto-o —disse a pequena, e se levantou de um salto—. Não queria... —Parecia não saber o que dizer.

Edi viu a esquina de uma mala de plástico debaixo de um arbusto de hibisco e supôs que a menina queria escapar de casa.

Esse dia Edi a reteve a propósito em sua casa quase três horas. Falaram de livros e do projeto de ciências para a escola. A intenção do Edi era lhe dar uma lição ao pai: queria que se preocupasse. Deveria ter emprestado mais atenção e sabido onde andava sua filha.

Enquanto Edi acompanhava a casa ao Jocelyn, ia pensando em que, quando os angustiados pais abrissem aliviados a porta, entregaria-lhes um bem prezado. Entretanto, para seu assombro, o pai e a madrastra nem sequer se precaveram da ausência da pequena. Pior ainda: quando lhes contou o acontecido, não se preocuparam nem lhes surpreendeu. Jocelyn fazia o que queria e eles não tinham nem idéia do que era.

Essa noite Edi chamou o Alex para lhe contar que a situação da menina era pior do que ele acreditava.

—É tremendamente inteligente e adora aprender. Teria que lhe haver visto a cara quando lhe pus música do Vivaldi. É como ter ao Shakespeare vivendo com os parvos do povo. Falei-te dessas duas repugnantes meio-irmãs que tem?

—Sim, mas conta-me o outra vez —lhe disse Alex.

O fim de semana seguinte, como Edi esperava que acontecesse, a menina passou pela rua tentando aparentar que o fazia casualmente. Pediu-lhe que entrasse e logo chamou a seu pai e lhe perguntou se podia ajudá-la em um projeto que se trazia entre mãos. Que não lhe perguntasse de que projeto se tratava nem sobre a duração do mesmo deveu confirmar a má impressão que lhe tinha causado de entrada.

—Sim —disse o pai por telefone—. ouvi falar de você e sei onde vive. Claro, Joce pode ficar em sua casa. Se tiver você um montão de livros estará encantada. É igualita que sua mãe.

—Então, pode ficar toda a tarde? —perguntou-lhe Edi, mais seca do habitual inclusive. Tentava dissimular o desagrado crescente que lhe causava o homem.

—Claro. Que fique. Iremos ao rally, assim voltaremos tarde. Né! Pode passar aí a noite, fique a Arrumado a que isso adorará.

—Possivelmente o faça. —Pendurou.

Jocelyn ficou essa noite. De fato, desfrutaram tanto de estar juntas que a menina não partiu até no domingo seguinte pela tarde. Quando se ia se voltou, correu para o Edi e a abraçou pela cintura.

—É a pessoa mais amável, mais preparada e mais maravilhosa que conheci jamais!

Edi, que tinha tentado manter-se a distância, não pôde evitar lhe devolver o abraço.

A partir de então Jocelyn tinha passado os fins de semana e quase todos os dias festivos em casa do Edi. Eram duas pessoas sós que se necessitavam e que estavam muito contentes de haver-se encontrado. Faziam vida juntas; saíam os sábados, foram à igreja os domingos e passavam o momento sentadas em silêncio no jardim.

Quanto ao pai, a quem Edi tinha julgado de entrada como descuidado, descobriu que queria a sua filha tanto como tinha querido à mãe e que solo desejava que Jocelyn fora feliz.

—Não posso lhe dar o que lhe teria dado sua mãe de ter vivido —lhe contou—, mas ao melhor você sim. Joce pode ir a sua casa sempre que quiser e, se necessitar você algo, diga-me isso Jogou uma olhada a sua mulher e às gêmeas que lhe esperavam no carro—. Elas são como eu e nos levamos bem, mas Joce é... distinta.

Edi sabia o que era sentir-se diferente, e Jocelyn estava tão desconjurado em sua casa como ela o tinha estado algumas vezes ao longo de sua vida.

Os anos com o Jocelyn tinham sido os mais felizes de sua existência. Tinha sido maravilhoso ensinar a uma jovem mente e lhe mostrar o mundo. Quando a família foi ao Disney World, Edi se levou ao Jocelyn a Nova Iorque, à ópera. Enquanto que suas irmãs vestiam calças curtas minúsculas para ensinar aquelas pernas tão largas, Jocelyn ficava o colar de pérolas de duas vias do Edi.

O verão que Joce cumpriu dezesseis, ela e Edi visitaram juntas Londres, Paris e Roma. A viagem foi duro para o Edi, porque entre as pernas e a idade ficava sem forças, mas Jocelyn se passou dias passeando por aquelas cidades e as fotografando. Pelas noites intercambiavam novas por velhas anedotas.

Em Londres, Edi mostrou ao Joce onde tinha conhecido ao David (sem lhe dizer o sobrenome), o homem ao que tinha amado e a quem tinha perdido.

—Solo houve um homem para mim e foi —lhe disse, olhando o edifício de mármore branco onde se conheceram.

Jocelyn já tinha escutado a história uma dúzia de vezes mas nunca se cansava de ouvi-la. «Um amor.» «Um amor para sempre.» «Um amor eterno.» Eram expressões que se repetiam uma e outra vez. «Lhe espere dizia Edi—. Espera essa classe de amor», advertia-lhe, e Jocelyn estava de acordo com ela. Um amor verdadeiro.

Além disso do prazer de passar tempo juntas, à medida que se fazia maior, Jocelyn foi ajudando ao Edi com as obras benéficas que administrava. Investigava e às vezes inclusive viajava para as ver. Em três ocasiões descobriu fraudes e, a consequência disso, travou amizade com um par de homens da delegacia de polícia da polícia local.

O que Edi nunca lhe havia dito era que o dinheiro que lhe dava não era dele. Ocultava cuidadosamente que aquele dinheiro procedia do Alexander McDowell, do Edilean, Virginia. Em todos seus anos de amizade, nunca mencionou ao Alex nem essa cidade.

Quando Jocelyn começou a ir a uma pequena universidade próxima, Edi se sentiu perdida sem ela. Ao princípio, a garota estava tão ocupada com o trabalho de fim de semana e tudo o que tinha que fazer para estar ao dia nos estudos que não podia sequer chamá-la por telefone. mandavam-se correios eletrônicos e chateaban com frequência, porque Edi adorava as novas tecnologias, mas não era o mesmo.

Quando a jovem levava seis meses na universidade, a senhorita Edi começou a lhe pagar os estudos para que não tivesse que passar todo o tempo ali. Fez isso sem que soubessem o pai nem as «Astras», como chamavam as duas às loiras gêmeas. Edi não acreditava que seu pai tivesse nenhum inconveniente, mas

não queria correr o risco. Sobre tudo, não queria arriscar-se a que as meio-irmãs lhe dessem uma facada; embora a gente estava acostumada dizer quão bonitas eram as garotas, ao Edi não o pareciam. apresentaram-se várias vezes em sua casa quando Jocelyn não estava e se dedicaram a olhá-lo tudo como tentando avaliar seu valor. Ao Edi caíam tão mal como bem lhe caía Jocelyn.

A garota obteve a licenciatura em literatura inglesa e conseguiu um trabalho a meia jornada em sua faculdade como professora anexa. Graças a um amigo da senhorita Edi conseguiu um emprego como autônoma que consistia em ajudar aos autores a investigar a respeito das biografias que escreviam. Joce era estupenda em ambos os trabalhos e gostava sobre tudo passar o dia na biblioteca entre um montão de expedientes antigos.

Quando Edi se deu conta de que a dor que notava no peito era devido a algo mais que à idade, começou a preocupar-se com o futuro da garota. Se morria e o deixava tudo à moça, como tinha intenção de fazer, não lhe cabia dúvida de que as Astras fariam todo o possível por tirar-lhe Edi quería dejarle a Jocelyn mucho más que sus bienes materiales. Quería legarle un futuro. No. Lo que quería realmente era dejarle una familia. La chica se había pasado casi toda la vida conviviendo con gente mayor: primero con sus abuelos, luego con ella. Edi había tenido en cuenta todo cuanto sabía acerca de Jocelyn y luego había pasado mucho tiempo y trabajado duro para saber lo que necesitaba que le diera.

Edi queria lhe deixar ao Jocelyn muito mais que seus bens materiais. Queria lhe legar um futuro. Não. O que queria realmente era lhe deixar uma família. A garota se passou quase toda a vida convivendo com gente maior: primeiro com seus avós, logo com ela. Edi tinha tido em conta tudo que sabia a respeito do Jocelyn e logo tinha passado muito tempo e trabalhado duro para saber o que necessitava que lhe desse.

Fechou a tampa do álbum e foi para a cozinha. O que lhe teria deixado para jantar a enfermerita? Certamente algum prato que incluía a palavra «taco». Sorriu quando ouviu a caminhonete da partilha noturna no caminho de entrada que ia recolher o pacote para a Helen.

Abriu a geladeira e pensou que o melhor de todo aquilo era que não estaria por aí quando Jocelyn se inteirasse de que lhe havia... Bom, não mentido exatamente, mas sim que tinha omitido um montão de coisas a respeito de si mesmo. Como à garota gostava tanto lhe fazer perguntas sobre sua larga vida, havia-lhe flanco soslayar a verdade, embora o tinha conseguido.

Tirou a grande salada que lhe tinha deixado a enfermeira e a pôs na mesa. Jocelyn não se alegraria quando se inteirasse de certas coisas, mas tinha fé em que tentaria encontrar a resposta a tudo.

Sonriendo, pensou que seu plano de vida para o Jocelyn excluía a essas duas muito altas e muito fracas meio-irmãs que foram por aí virtualmente em

couros. Que aquelas dois se feito «famosas», um término que Edi detestava, dizia muito sobre o mundo moderno.

Jocelyn não sabia que Edi estava à corrente, mas tinha renunciado a uma estupenda proposta para ocupar-se de sua anciã amiga e Edi queria recompensá-la por isso. O que desejava lhe entregar à garota era a verdade, mas não se limitaria a contar-lhe tudo, queria que investigasse, que ganhasse trabalhando, algo para o que tinha verdadeiro talento.

—E, por favor, me perdoe —sussurrou. Era seu desejo mais fervente: que a jovem lhe perdoasse o ter guardado tantos segretos durante tanto tempo—. Fiz uma promessa. Jurei-o —murmurou—, e o cumpri.

Começou a redigir mentalmente a carta que anexaria a seu testamento.

Capítulo 1

Jocelyn se jogou uma última olhada no espelho do hotel. «Já está —pensou—. chegou o momento.» O instinto lhe dizia que ficasse outra vez a camisola e se metesse na cama. O que dariam na HBO1 durante o dia? Haveria HBO naquele hotel?

Inspirou profundamente, voltou a olhar-se no espelho e se quadrou de ombros. O que haveria dito Edi se a tivesse visto tão funda? Solo de pensar nela lhe encheram os olhos de lágrimas. Piscou para as conter. Tinham passado quatro meses do funeral e seguia sentindo falta da seu amiga, tanto que algumas vezes era incapaz de funcionar. Diariamente desejava chamar o Edi e lhe contar algo que lhe tinha passado, e diariamente voltava a cair na conta de que já não estava.

«Posso fazer isto —se disse contemplando sua imagem—. Real e verdadeiramente posso fazê-lo.»

la vestida de um modo muito conservador, com saia e uma blusa branca de algodão bem engomada, precisamente como lhe havia dito Edi. sujeitou-se o cabelo castanho claro, comprido até os ombros, com uma cinta elástica, e logo que ia maquiada.

Tudo que sabia a respeito do Edilean, Virginia, era que seu amiga se criou ali, assim Jocelyn não queria apresentar-se em jeans com um Top e escandalizar aos da zona.

Agarrou as chaves do carro, sua grande mala negra e foi para a porta. Essa noite dormiria em sua própria casa, uma casa que nunca tinha visto e da que nunca tinha ouvido falar até que o advogado lhe disse que a tinha herdado.

Fazia uns dias tinha estado sentada no despacho do advogado, em Boca Camundongo, Florida, vestida inteiramente de luto e com as pérolas que lhe tinha dado Edi. Tinham passado meses do funeral, mas o testamento dizia que terei que

proceder a sua leitura em primeiro de maio. De ter morrido a princípios de junho teriam tido que esperar onze meses para lê-lo, mas havia falecido enquanto dormia justo a princípios de ano, de modo que Jocelyn tinha tido tempo para o duelo antes de confrontar o conteúdo do documento. Sentado a seu lado estava seu pai e, ao outro lado deste, sua madrastra. Perto estavam as Astras, Belinda e Ashley, mais conhecidos como Bell e Ash. Graças aos esforços infatigáveis de sua mãe tinham chegado a ser modelos de passarela, e os meios de comunicação estavam encantados com isso de que fossem as duas idênticas. Levavam dez anos sendo capa das revistas mais lidas. Viajavam por todo mundo e participavam dos desfiles de todo desenhista havido e por haver. Quando desfilavam pela passarela, as quinceañeras as seguiam com os olhos e a boca aberta, maravilhadas, e os homens, fossem da idade que fossem, observavam-nas luxuriosos.

Apesar do famosas que se feito, em opinião do Jocelyn, as Astras não tinham trocado desde que eram as três umas meninas. De pequenas, às gêmeas adoravam inventar-se coisas que supostamente ela lhes tinha feito e contar-lhe a sua mãe. Louisa a olhava incrédula e dizia: «Já verá quando chegar seu pai.» Quando Gary Minton voltava, limitava-se a sacudir a cabeça e fazer o possível para não meter-se no esfregão. Seu objetivo na vida era passar-lhe bem, não fazer de árbitro de suas três filhas. refugiava-se na oficina da garagem seguida por sua mulher e suas duas enteadas, enquanto que Jocelyn se ia a casa do Edi.

—O que te deixou a velha bruxa? —perguntou-lhe Bell estirando o pescoço para o final da fileira de assentos.

Ao Joce nunca havia flanco distinguir às gêmeas. Bell era a mais preparada, a líder, enquanto que Ash era mais calada e fazia tudo o que sua irmã queria que fizesse, o que pelo general era dizer algo desagradável e jocoso. Ash estava acostumado a manter-se à margem.

—Seu amor —lhe respondeu Jocelyn, negando-se a olhá-la.

Bell ia por seu terceiro marido e sua mãe insinuava que aquele matrimônio estava a ponto de fracassar. «Pobrecita —dizia—. Os homens simplesmente não entendem a minha pequena.» «O que não entendem é que cria que pode seguir tendo aventuras estando casada», murmurava entre dentes Joce. «O que há dito?», perguntava-lhe Louisa, como se estivesse a ponto de acrescentar: «Já verá quando seu pai volte.» A mulher não entendia que suas «pequenas» estavam a ponto de cumprir os trinta e que seus quinze minutos de fama se aproximavam de seu fim. Na semana anterior Joce tinha lido que duas garotas de dezoito eram «as novas Bell e Ash».

Jocelyn não lhes invejava a fama, nem o dinheiro que, por isso parecia, tinham dilapidado. Para ela eram como sempre: umas mal-humoradas ciúmas de todos, que desdenhavam a qualquer que não estivesse no castiçal. De meninas tinham uma inveja tremenda dela porque passava muito tempo em casa desse velho

morcego». Se negavam a acreditar que Edi não lhe desse bolsas cheias de dinheiro todas as semanas. «Se não te der nada, então por que vai?» «Porque eu gosto de — repetia infatigável Jocelyn—. Não. Porque a quero.» «Ah», respondiam elas com retintín, como se soubessem tudo.

Joce lhes fechava a porta de sua habitação nos narizes ou, melhor ainda, ia a casa do Edi. Mas Edi se foi para sempre e tinham convocado ao Jocelyn à leitura de seu testamento. O advogado, um homem que parecia mais velho que Edi, entrou por uma porta lateral e pareceu surpreso de que estivessem ali os cinco.

—Haviam-me dito que solo viria a senhorita Jocelyn —disse, olhando-a, e logo se voltou para seu pai em busca de uma explicação.

—Eu, bom... —disse Gary Minton. Os anos tinham sido amáveis com ele e seguia sendo um homem bonito. O cabelo negro com uma pincelada de cinza nas têmporas e as sobrancelhas escuras faziam que parecesse mais jovem do que era em realidade.

—Ocupamo-nos do que nos incumbe —disse sua mulher. Era como se os anos que a cara do Gary não delatava os delatasse a sua. O sol, o tabaco e o vento lhe tinham curtido a pele e parecia uma múmia ressecada.

—Não lhe importa que tenhamos vindo, verdade? —disse-lhe Bell ronronando ao advogado.

As gêmeas levavam umas minissaias quase inexistentes e tinham as pernas tão estiradas que quase tocavam o escritório. O decote do Top lhes chegava à cintura.

O senhor Johnson as olhou por cima dos óculos, franzindo um pouco o cenho. notava-se que lhe tivesse gostado de lhes dizer que se tampssem. Olhou outra vez ao Jocelyn, com seu conjunto negro liso, a blusa branca engomada e o colar de pérolas, e lhe sorriu brevemente.

—Se a senhorita Jocelyn o passar, podem ficar.

—OH, já te digo! —exclamou Ash—. A «senhorita» Jocelyn, a universitária... vai ler nos um livro?

—Estou segura de que alguém deveria ler lhes repôs isso Jocelyn sem apartar os olhos do advogado—. Podem ficar. De todos os modos vão inteirar se.

—Em tal caso... —Olhou os documentos—. Basicamente, Edilean Harcourt o deixou a você, Jocelyn Minton, tudo.

—Quanto é isso? —perguntou imediatamente Bell.

O senhor Johnson se voltou para ela.

—Não me corresponde dizer mais. O que a senhorita Jocelyn lhes conte é coisa dela, mas eu não direi nada. Agora, se me desculparem, tenho trabalho que fazer. —Agarrou da mesa uma pasta marrom selada com cinta e a tendeu a Isto Jocelyn contém toda a informação. Tome o tempo que queira para ler os documentos.

Como seguia de pé, Jocelyn se levantou sua vez.

—Obrigado —lhe disse agarrando a pasta—. Os lerei depois.

—Sugiro-lhe que as leia quando estiver sozinha, em privado. Edilean escreveu algumas costure que acredito que pretendia que solo você visse.

—O deixou tudo? —perguntou Ash, caindo por fim na conta do que se havia dito—. E nós, o que? Visitávamos a velha a três por quatro.

Na cara do senhor Johnson se desenhou um leve sorriso.

—Como pode haver me esquecido? —tirou-se uma chave do bolso e abriu uma gaveta do escritório—. Lhes deixou isto.

Tendeu-lhes duas pequenas bolsas de cetim azul que pareciam conter jóias.

—OH! —exclamaram Bell e Ash ao uníssonos—. Para nós? Que amável! Não tinha por que. Não esperávamos nada, de fato.

Com seus rostos fotografados até não poder mais iluminados, abriram as bolsitas e logo olharam ao advogado, consternadas.

—O que são? —Ash esvaziou a bolsita na palma de sua mão. Continha umas vinte pedras negras, algumas com esculpido de esmeralda, outras, de diamante—. O que são? Nunca tinha visto pedras assim.

—São diamantes negros? —perguntou Bell.

—Em certo modo, sim —respondeu o senhor Johnson e, logo, sem deixar de sorrir, aproximou-se da porta, em cuja soleira se deteve com uma mão no queixo. Voltando-se apenas, fez- uma piscada ao Jocelyn e abandonou a habitação.

Joce teve que fazer um esforço para manter a seriedade. Os «diamantes negros» que a senhorita Edi tinha legado a suas meio-irmãs eram em realidade partes de carvão.

Não disse nenhuma palavra quando se foram do despacho. sentou-se no assento traseiro do carro de caminho a casa, escutando ao Bell e Ash, sentadas a seu lado, expor as pedras à luz fazendo dramalhões, elogiando sua beleza e comentando como as fariam engastar.

Jocelyn olhava todo o momento pelo guichê para dissimular a risada. Que a senhorita Edi tivesse deixado a suas ciúmas e avaras meio-irmãs umas partes de carvão era uma brincadeira que avivava sua saudade. Edi tinha sido de uma vez para ela mãe, avó, amiga e mentora.

Joce viu no espelho retrovisor que seu pai franzira o cenho. dava-se conta de que sabia o que eram as «pedras» e que temia a fúria das Astras quando se inteirassem. Mas lhe dava igual. Planejava haver-se ido muito antes de que aquelas dois o descobrissem. Já tinha a bagagem no porta-malas do carro e, assim que chegassem a casa, partiria a seu trabalho na universidade.

Quando chegou a seu pequeno apartamento abriu a pasta que continha o testamento do Edi. Tinha tentado ser forte para o que pudesse conter, mas não estava preparada para ver o sobre escrito com aquela letra que tanto apreciava.

«Para meu Jocelyn», punha.

Abriu-o com as mãos trementes, tirou a carta e ficou a lê-la.

Meu queridíssima Jocelyn:

Prometo não me pôr sentimental. Não sei se tiverem acontecido dias ou meses desde meu falecimento, mas conhecendo o branda de coração que é, certamente segue chorando minha morte. Sei muito bem o que é perder às pessoas que uma ama. tive que agüentar ver como a maioria de meus seres queridos foram morrendo. Eu era virtualmente quão última ficava.

Agora, vamos ao grão. A casa de Boca não é minha, assim como tampouco o é a maior parte do mobiliário. Estou segura de que terão transladado seu conteúdo e o terão tirado leilão. Mas não se preocupe, carinho, o melhor que tinha, ou seja, tudo o que tirei do Edilean Manor, voltará para lugar de que procedia.

Jocelyn deixou de ler.

—Edilean Manor? —perguntou em voz alta.

Nunca tinha ouvido falar daquele lugar. Passada a confusão inicial, sentiu-se traída. Tinha passado quase toda sua vida com o Edi, viajado com ela, conhecido a muita gente de seu passado e ouvido centenares de anedotas a respeito de sua época com o doutor Brenner. Mas Edi nunca lhe tinha mencionado Edilean Manor. Tinha que ter sido importante se o lugar levava seu nome... ou se lhe tinham posto esse nomeie a sua velha amiga por essa mansão.

Jocelyn seguiu com a leitura.

Sei, carinho. Está doída e furiosa. É como se estivesse te vendo, com o cenho franzido. Conte-te muitas coisas a respeito de minha vida, mas nunca te mencionei Edilean, Virginia. Como deduzirá pelo incomum de seu nome, a cidade «pertencia» a minha família... ou ao menos assim acreditávamos. Faz séculos, um antepassado meu chegou de Escócia com uma esposa elegante e um carregamento de ouro. Comprou um grande terreno perto do Williamsburg, Virginia, desenhou a praça do povo e lhe pôs o nome de sua esposa. Segundo a lenda familiar, ela era de uma classe social muito superior. Seu pai se negou a permitir que se casasse com uma moço de quadras e ele se fugiu com a garota e um montão de dinheiro do progenitor. Ninguém soube se a raptou ou se ela partiu por própria vontade.

Estou segura de que a verdade é muito menos romântica, mas Angus Harcourt construiu uma grande casa de tijolo lá por 1770, que foi o lar de minha família até que eu rompi a tradição. Se meu pai me deixou a casa foi sozinho porque

meu irmão Bertrand não podia dirigir dinheiro. Se tinha dez centavos comprava algo que valia um quarto de dólar.

Cresci convencida de que viveria no Edilean Manor com o David Aldredge, o homem com quem estava prometida, e que me ocuparia de uma descendência forte e saudável. Mas, olhe por onde, o destino dirige nossas vidas. Neste caso, uma guerra o trocou tudo e trocou a todos. Quando me parti do Edilean, deixei a meu irmão vivendo na casa, embora o mantive estritamente vigiado. Bertrand morreu faz muito, assim que a casa leva anos vazia.

Querida Jocelyn, deixo-te uma casa da que nunca ouviste falar em uma cidade que tive o cuidado de não te mencionar nunca.

Jocelyn deixou de ler pela segunda vez, com o olhar perdido. Uma casa construída em 1770 perto do Williamsburg? Jogou uma olhada a seu pequeno e insípido apartamento. Era o melhor que podia permitir-se com seu salário. Uma casa inteira! E antiga!

Prosseguiu a leitura.

Há algo mais que devo te dizer. Recorda o bem que me dava predizer na igreja os quais faziam bom casal e os quais não durariam nem seis meses juntos? te lembre de que acertava sempre. Estou segura de que recorda também que aprendi por experiência a não me misturar em sua vida privada... assim que foi o bastante major para tê-la, claro. Mas como agora já não tenho que ver como te zanga, vou dizer te algo: o homem perfeito para ti vive no Edilean. É o neto de dois amigos com os que ia eu ao instituto: Alex e Lissie McDowell. Já não vivem, mas seu neto se parece tanto ao Alex que é como voltar a lhe ver de jovem. Em uma de minhas visitas ao Edilean... sim, carinho, ia ali às escondidas... o contei ao Alex. partiu-se o peito. eu adorei vê-lo rir outra vez, porque houve dias nos que nada lhe divertia. Sua esposa, Lissie, foi uma Santa com ele. Espero voltar a vê-los ambos em um lugar melhor.

Jocelyn levantou a cabeça da carta. Um homem para ela? A idéia lhe fez graça e lhe deu raiva ao mesmo tempo. Em duas ocasiões tinha tentado Edi emparelhá-la com jovens da igreja, e as duas vezes se negou a sair para jantar com eles sequer. Eram aborrecidos e duvidava que algum deles tivesse tido uma idéia criativa em toda sua vida. Não lhe havia dito por que os rechaçava, mas Edi tinha intuído o que ocorria.

—Beber cerveja não é esporte olímpico —havia dito tranqüilamente, e logo se foi.

Joce se tinha posto de todas as cores. Duas semanas antes, Edi tinha ido de carro a casa do Jocelyn e a tinha encontrado fora com duas jovens moteros

tomando cerveja. Por muito que gostasse do balé, às vezes tendia à vida que levava sua família.

—Como minha mãe —disse em voz alta. Logo voltou a ler.

Chama-se Ramsey McDowell e é advogado. Asseguro-te entretanto que é muito mais que isso. Meu último conselho é que lhe dê ao jovem a oportunidade de te demonstrar que te convém. Recorda que jamais me equivoco nestas coisas.

Quanto à casa, há nela alguns móveis, mas não muitos, e tem dois inquilinos. trata-se de filhas de famílias às que conheço há muitos anos. Sara cresceu no Edilean, assim pode te ajudar a encontrar o que necessitar. Tess é nova na zona, mas eu conhecia sua avó mais do que tivesse querido.

Isso é tudo, carinho. Sei o que fará o mais conveniente com o que te deixo. Lamento que minha ama de chaves já não esteja ali, mas a pobre era mais velha que eu. Tenho um jardineiro que possivelmente possa te ajudar no que te faça falta.

Desejo-te toda a sorte do mundo e, por favor, recorda que estarei velando por ti toda a vida.

Jocelyn demorou toda a tarde em recuperar-se da leitura daquela carta. O que punha era tão próprio do Edi que lhe parecia estar com ela na habitação. dormiu com a carta na mão.

À manhã seguinte tinha a cabeça tão cheia de tudo o que tinha aprendido durante as últimas vinte e quatro horas que logo que conseguia concentrar-se. Em seu trabalho como professora anexa já não estava cômoda porque tinha tido uma aventura de um ano de duração com outro anexo. Quando tinham que colaborar, lhe punha má cara do outro lado da mesa, o que ela encontrava verdadeiramente molesto.

Tinha sido seu terceiro noivo. Tanto ele como os dois anteriores eram perfeitamente adequados para ela mas, ao final, não tinha querido levar adiante a relação com nenhum. Jocelyn sabia que isso era por culpa da senhorita Edi, que lhe tinha falado a respeito de um homem de que tinha estado apaixonada e que tinha morrido na Segunda guerra mundial... um verdadeiro amor. E isso precisamente queria ela.

«Era-o tudo para mim», estava acostumado a dizer Edi em um tom que solo usava quando falava dele.

Quão único tinha de seu apaixonado era uma foto em que ia de uniforme, em um marco dobro, junto à cama. Era um jovem tremendamente arrumado, com o cabelo castanho claro e o queixo quadrado. O marco era oval e, na outra metade, havia uma foto do Edi com sua uniforme do exército feminino. Era tão jovem e tão bonita! debaixo da foto do David havia uma mecha fina do cabelo dela,

moreno, e o loiro dele mesclados. Edi agarrava o porta-retratos e sussurrava «David», olhando-o com os olhos frágeis.

Ao longo dos anos, Joce lhe tinha ido insistindo para que lhe desse detalhes, mas Edi solo lhe dizia que era um jovem que tinha conhecido durante a guerra: uma experiência de cuja brutalidade davam fé suas cicatrizes.

Mas ao final Jocelyn se inteirou de algo a respeito dele. chamava-se David Aldredge e ele e Edi estavam prometidos e foram casar se. A morte do David na guerra tinha quebrado seus planos.

—Não sente saudades que não se atrevesse a mencionar Edilean — sussurrou Jocelyn.

Para ela, o amor da senhorita Edi por aquele homem era uma espécie de lenda, o arquétipo do amor que desejava para si e que, até o momento, não tinha sido capaz de encontrar. Edi nunca se inteirou, mas Joce tinha convivido duas vezes com jovens e tinha sido bastante feliz. Era agradável ter a alguém com quem voltar para casa, com quem falar sobre o dia e com quem rir do que tivesse acontecido. Mas quando aqueles homens tinham começado a falar de alianças e de hipoteca e de meninos, Jocelyn tinha saído correndo. Não sabia o que faltava em suas relações, mas faltava... e esperaria até que não faltasse.

Agora Edi o tinha trocado tudo. Essa noite leu os documentos legais atentamente e agarrou a chave que havia no pacote. Levava os assuntos legais a escrivaninha McDowell, Aldredge e Welsch, do Edilean, Virginia.

O sobrenome Aldredge chamou sua atenção. Ainda viviam ali os descendentes do David, o noivo do Edi?

Em uma carta anexa lhe dizia que, quando chegasse ao Edilean, passasse-se pelo escritório e que ali a poriam à corrente das questões financeiras. Assinava a carta Ramsey McDowell.

Jocelyn sacudiu a cabeça.

—Alguma vez te rende, verdade? —disse.

Mas o certo era que Edi sempre tinha razão a respeito dos casais da igreja. Muitas vezes Jocelyn a tinha pilhado olhando a um casal jovem cujos membros estavam mais interessados o um no outro que no que dizia o pastor. Logo contava a ela, e só a ela, o que pensava. «É verdadeiro amor», dizia algumas vezes, embora não freqüentemente. «Não é mais que sexo», havia dito em uma ocasião, e Jocelyn se pôs-se a rir. As duas vezes tinha estado no certo.

—Ramsey McDowell —disse, e olhou o número de telefone que tinha incluído o advogado na carta; era seu número particular.

Não eram mais que as sete. Levada por um impulso, marcou-o em seu móvel. Responderam à terceiro sinal.

—Sim?

Tinha uma voz bonita, profunda e suave. «Como de chocolate», pensou.

—Senhor McDowell?

—Para mim esse é meu pai, mas suponho que sim. É você a senhorita Minton?

Jocelyn titubeou. Como sabia?

—Tenho identificador de chamadas. Não posso viver sem ele —disse McDowell—. Já sabe como somos os advogados. Temos que espantar às massas com artimanhas. Virá você logo?

—Não sei —respondeu Joce, divertida por seu senso de humor—. Isto me pilhou despreparada. Não tinha ouvido falar do Edilean, Virginia, até que li o testamento, assim ainda estou um pouco desconcertada.

—Alguma vez lhe falou de nós? Saiba que somos o pueblecito maior da Virginia. Ou a grande cidade mais pequena? Nunca me lembro do que diz nosso prefeito que somos. me pergunte o que precisa saber e o contarei tudo. OH! Um momento! Tenho que grampear um fralda. Já está, feito. Agora, o que o conto de nós?

—Um fralda? Está você casado? —Disse-o em um tom muito eloqüente e, quando ele duvidou na hora de responder, fez uma careta.

—Meu sobrinho. Tenho uma irmã muito fértil que tem filhos como pipocas. Tirou-me a língua e o menino lhe deu uma patada. que leva no ventre... e o que leva em braços. me perdoe, senhorita Minton, mas tenho que agarrar o telefone em outra habitação antes de que minha irmã me atire algo à cabeça.

Joce sorria enquanto esperava escutando os passos, logo uma porta fechando-se e, por último, silêncio.

—Bom, estou no que se supõe que é a biblioteca de casa e a sua inteira disposição. Figurativamente falando, claro. me diga o que posso fazer por você.

—Em realidade não sei. Não sabia que a senhorita Edi fora proprietária de uma casa, muito menos de uma cidade.

—De fato, teve que nos concedê-la liberdade em 1864 Y...

—Três —disse Joce sem pensá-lo, e logo desejou haver-se calado—. Perdão, dizia-me você?

—Já... 1863, a Proclamação de Emancipação. Sabe você que dia?

—Em 1 de janeiro —disse ela com cautela, insegura de se isso lhe valeria que a tachasse de sabihonda ou algo pior.

—Em 1 de janeiro de 1863. Bem, senhorita Minton. Parece-me que você e eu vamos levar nos bastante bem. —Disse-o em um tom distinto, já não zombador a não ser a séria—. Que deseja saber?

—Não sei por onde começar. Quero sabê-lo tudo a respeito da casa, do povo, da população. Tudo.

—vai ser um pouco comprido falar de todo isso por telefone. Proponho-lhe que venha ao Edilean e que nos sentemos a falar frente a frente. O que lhe

parece se jantarmos e falamos de todo isso em profundidade? Digamos que na próximo sábado, às oito?

Jocelyn conteve a respiração. Solo faltavam oito dias.

—Não sei se teria chegado ainda.

—Mando-lhe um carro?

—Eu, bom... não, não faz falta. Tenho carro. —E de repente lhe perguntou—: Me alcançará o dinheiro para reparar o telhado?

—Uma mulher prática. Isso eu gosto. Não posso lhe dizer a quantidade exata que lhe legou a senhorita Edi, mas lhe asseguro que lhe alcançará para trocá-lo inteiro se assim o desejar.

Joce sorriu. Não suportava a idéia de assumir a responsabilidade de manter uma casa muito antiga sem dispor dos meios para isso.

—Senhorita Minton, por que duvida você? Estão-a esperando Edilean, que é um bonito povo, e uma casa magnífica. Além disso, a colonial Williamsburg fica a um tiro de pedra. Que mais pode desejar?

ia dizer lhe que o que precisava era tempo, mas não o fez. Aquele foi para ela um desses estranhos momentos que se dão na vida. Soube de repente o que ia fazer: ia trocar de vida. Da morte do Edi, Jocelyn não tinha feito nem a mais mínima mudança. Seguiu no mesmo trabalho apesar de que já não gostava, com a mesma rotina, no mesmo apartamento escuro e insípido. Seus amigos a compadeciam porque não tinha casal. Estavam falando já de entrevistas às cegas. O verdadeiramente diferente em sua vida era que seu melhor amiga já não estava. Se voltava para casa voltava para casa «de seu pai», com as motos fora, NASCAR na televisão dentro e os olhares de desdém de sua madrastra. Pobre Jocelyn, não tem nada nem a ninguém!

Era sexta-feira. Se deixava o trabalho à manhã seguinte disporia de vários dias para fazer tudo o que tinha que fazer, como fechar a chave de passagem da água Y...

—Transfiro-lhe algum dinheiro? —perguntou-lhe o advogado, que pelo visto tinha interpretado que seu silêncio se devia a necessidades econômicas—. Não, espere, não é uma boa idéia. Teria que me dar seu número de conta e não deve fazer isso. Tudo o que sabe de mim é que sou... —duvidou.

—Advogado?

—Pois sim, em efeito. A escória deste mundo. Passamo-nos anos na faculdade aprendendo a espoliar às pessoas. Que tal se lhe mando um cheque?

—Tenho o suficiente. O que passa é que este é um grande passo.

—Se conhecer a data da Proclamação de Emancipação, então gosta da história. Assim não está ansiosa por ver uma casa construída no século XVIII? Sem cordões de veludo... pode bisbilhotar até no último rincão. Sabe que os estábulos

foram reformados recentemente? E há uma adega intacta. Acredito além que na água-furtada há baús cheios de roupa antiga e diários.

—Senhor McDowell, parece-me que não seguiu sua vocação. Teria que estar viajando pelo país em um carromato, vendendo azeite de serpente.

—Não. Azeite de serpente, não. Vendo o Elixir Dourado da Senhorita Edi. É feito de arco íris com um pingo de pó dourado de duende. Padre qualquer doença, garantido. você tem noivo?

—Que efeito sortirá nele o elixir? —Joce sorria.

—Não, a sério. Tem noivo?

—Não desde que me pediu que me casasse com ele e saí correndo espavorida.

—Ah.

Joce desejou haver-se guardado o comentário.

—Quero dizer... Não foi exatamente assim. É um homem muito agradável e eu não tenho nada em contra do matrimônio, mas...

—Não faz falta que me explique isso. A última noiva que tive me levou a uma joalheria e tiveram que me tirar dali em ambulância.

—Uma alma geme-a.

—Isso parece. me diga, o que tem que esse jantar?

—Possivelmente não deva reservar mesa ainda —lhe recomendou Joce —, se por acaso não chego a tempo.

—Quem há dito nada de reservas? Pensava mas bem em um prato de massa e um bom vinho servidos sobre uma toalha estendida no chão de sua nova casa do século XVIII. À luz das velas. Com morangos e chocolate fundido de sobremesa.

—OH, meu Deus! Vai você a ser um problema, verdade?

—Isso espero. Eu gosto das garotas que sabem de história. E eu gosto dessa foto dela que me mandou a senhorita Edi o ano passado. Segue tendo esse biquíni vermelho?

Ao Jocelyn lhe escapou uma gargalhada.

—A deu na metade dos homens de nossa paróquia. Quando cumpri os vinte e seis se estar ainda casada, acreditei que a pegaria nas árvores com um telefone de contato.

—Quando a tiraram? —perguntou-lhe ele, com um certo temor.

Joce sabia o que queria saber em realidade: quantos anos tinham passado após.

—De fato, faz algum tempo —lhe disse com malícia—. Assim que nos veremos dentro de uma semana?

—Aí estarei —lhe respondeu, em um tom muito menos otimista.

Jocelyn cortou a comunicação e começou a fazer uma lista mental que começava por «ir ao ginásio cada dia desta semana». A foto em biquíni a tinham tomado aquele mesmo verão, mas quem sabia o que tinha passado debaixo da roupa durante o inverno?

Assim que aquele era Ramsey McDowell, disse-se levantando-se e começando a revolver em seu armário. Ao dia seguinte iria ao escritório do professor titular e demitiria. Sabia que não lhe importaria: havia quatro candidatos para cada posto do campus.

ficou quieta com uma mão na roupa. Ao melhor agora poderia escrever um livro. Uma obra histórica. Talvez pudesse escrever a história do povo do Edilean. Começaria escocês que roubou a um homem seu ouro e a sua formosa filha e fugiu a selvagem a América. Como era Edilean em 1770? Já postos, como era na atualidade?

Ao cabo de dez minutos já tinha procurado Edilean no Google. A história da cidade era como lhe tinha escrito Edi. Tinha-a baseado um escocês chamado Angus Harcourt, que tinha construído uma grande casa para sua bela esposa, e logo se dedicou a cultivar hectares de terra. Mas sua mulher estava sozinha, assim tinha desenhado as ruas de um pueblecito com oito pequenas zonas ajardinadas. No centro tinha plantado um carvalho, ou melhor dizendo uma bolota gasta do imóvel de seu pai. Ao longo dos séculos a árvore tinha sido replantado três vezes, mas cada vez a partir de um galho do original.

Jocelyn leu que nos anos cinqüenta «seu» Edilean Harcourt tinha mantido uma batalha legal de quatro anos de duração porque o estado da Virginia pretendia desalojar aos residentes, porque mais de 20.000 hectares do entorno foram ser declaradas reserva natural.

«Obrigado a que a senhorita Edi, como a chamam todos, ganhou o pleito, o pequeno povo do Edilean sobreviveu. Não se permite a construção de mais casa, mas as que o conformam estão conservadas de tal modo que visitá-lo é quase como retroceder no tempo —leu Joce—. Na população há várias lojas que atraem turistas do Williamsburg, mas a jóia da coroa é Edilean Manor, construída pelo Angus Harcourt em 1770, onde vivem ainda seus descendentes. Por desgracia, nem a mansão nem os jardins estão abertos ao público.»

—Me alegro —disse Jocelyn, aproximando-se da tela para ver as fotos. Pareceu-lhe ver um letreiro na fachada de uma das coquetes casas brancas. Seria o escritório do Ramsey? Viveria no mesmo edifício onde trabalhava? Tinha-lhe perguntado se tinha noivo, mas teria ele noiva?

Pulsou o botão que punha «Edilean Manor». Aí estava. A fachada era simétrica: dois pisos, cinco janelas grandes, tudo de tijolo. A cada lado uma asa de uma só planta com um pequeno alpendre.

—Aí vivem meus inquilinos, suponho —disse, assombrada de ser a proprietária daquela casa tão antiga.

Cinco minutos depois estava tirando-o todo do armário como um tornado. desfaria-se de tudo o que já não usava e logo veria o que ficava. Ao cabo de quinze minutos, jogou uma olhada ao armário, virtualmente vazio.

—Vou às compras —disse.

Durante os dias que seguiram não parou um momento, preparando a partida para seu novo estilo de vida.

Por fim estava no Williamsburg. Eram as onze da manhã de um sábado, hora de deixar o hotel. Tudo que possuía estava em seu Mini Cooper e se dispunha a ver «sua casa» pela primeira vez. Não sabia se estava eufórica ou morto de medo. Uma nova cidade, um estado distinto, gente nova... entre a que se contava o homem com o que tinha uma entrevista aquela mesma noite.

«Você pode», disse-se de novo, e abriu a porta do hotel.

Capítulo 2

Sujeitava a folha impressa do MapQuest com uma mão enquanto conduzia. As indicações eram singelas: sair do Williamsburg pela auto-estrada Cinco, que levava a todas as plantações; passados uns quilômetros, chegaria à estrada do McTern. A menos de cinco quilômetros tinha que tomar à direita pela estrada do Edilean e atravessar a população, ao outro extremo da qual estava sua nova casa.

Não lhe custou encontrar a estrada do McTern, mas acreditou haver-se equivocado porque passava por um bosque de aspecto tão antigo como a formação da Terra. Tinha lido que Edilean estava em uma reserva natural, mas não esperava que fora um bosque como aquele.

Apartou-se quando um grande caminhão negro no que dois homens levavam um bote de pesca com dois motores a adiantou a toda velocidade. Fizeram-lhe um gesto com a mão para lhe dar as obrigado por lhes deixar via livre.

A estrada do Edilean estava bem sinalizada e se alegrou de que estivesse em boas condições de manutenção. Preocupava-lhe um pouco que fosse um caminho de cascalho com marcas de rodadas no centro.

A um quilômetro e meio da população, o bosque dava passo a carvalhos, haja e sicómoros. Soube sem que o dissessem que acabava de entrar nas terras que em outra época tinham pertencido a uma rica plantação.

Quando chegou ao Edilean parou um momento para jogar uma olhada. A página Web não o fazia justiça. Era a metade de grande do que parecia nas fotos, mas o dobro de bonita. Os enormes salgueiros das calçadas davam sombra a toda a zona de estacionamento. Não havia nem um só edifício de nova construção, e as casas antigas estavam em um estado de conservação inmejorable.

A igreja ficava à esquerda. Girou à direita levada por um impulso, para passar pelo centro do povo. Queria ver as zonas ajardinadas que tinha desenhado a primeira Edilean. Queria ver aquele velho carvalho.

Girou logo à esquerda e enfiou pelo Lairdton, a rua principal. Joce se tinha dado conta de que quase todas as ruas levavam nomes de origem escocesa. Se a rua central era Lairdton, então tom tinha que ser a antiga maneira de referir-se a town, «população». portanto, Angus Harcourt tinha chamado a rua Laird's Town. Supôs que no século XVIII, a moço de quadras Angus Harcourt se havia autoproclamado laird, «latifundiário ou chefe» de um clã, e queria que a gente soubesse que todo aquilo lhe pertencia.

Jocelyn viu uma sorveteria que parecia tirada de um set cinematográfico, e uma loja de livros usados.

—Uma mina de ouro! —exclamou em voz alta. Os livros descatalogados eram uma das coisas que mais gostava deste mundo.

Viu uma pequena loja de comestíveis e a uma mulher que levava uma saia larga e um cinturão com borlas, lenço na cabeça e camiseta de batik.

—Vem do Woodstock? —murmurou Jocelyn.

Havia uma loja de móveis antigos e vários comércios mais.

No centro, dentro de um grande círculo de erva, havia um carvalho enorme. Meia dúzia de bancos aproveitavam sua sombra, em um dos quais dois adolescentes se estavam beijando enquanto uns meninos riam deles.

As duas últimas casas, escondidas detrás das árvores, eram as que saíam nas fotos de Internet. Grandes e brancas, resultavam acolhedoras. Uma mulher varria o alpendre de uma e, assim que acreditou saber quem era Jocelyn, deixou a vassoura e a olhou.

Jocelyn estava tão absorta olhando à mulher que a ponto esteve de não ver a curva do final do Lairdton. Um letreiro rezava: «Tam Way.» Olhou pelo retrovisor e viu que a mulher já não estava no alpendre. Certamente tinha entrado na casa para difundir a notícia. O que diria? Diria que a forasteira tinha chegado para fazer-se carregueiro da casa de sua querida senhorita Edi?

Conduziu devagar pela estrada. Solo havia três casas pelo caminho e, a menos que se equivocou em suas pesquisas, antes formavam parte da plantação do Edilean Manor. Viu que as casas tinham partes antigas mas que as tinham remodelado e ampliado ao longo dos anos.

Quando chegou a umas colunas de pedra virtualmente cobertas de hera soube que tinha alcançado seu destino. Em uma delas, em uma plaqueta de mármore, viu as suficientes letras para deduzir o que punha.

«É aqui», pensou, e enfiou o atalho. Havia tantas árvores e tão grandes que não via a casa absolutamente, assim que lhe ocorreu que ao melhor o que tinha visto eram fotos de antes de que se desmoronasse. Sabia pelas investigações feitas

na universidade que alguém tem que ler a letra pequena do pé de foto para saber se uma casa ainda existe.

de repente se abriu um claro e aí estava a casa, exatamente como nas fotos. Tinha visitado muitas casas antigas, assim imediatamente se deu conta de que estava em perfeito estado. Havia casas de menos de um ano que não estavam tão bem conservadas como aquela. As janelas, as venezianas e o canelone estavam impecáveis.

A ambos os lados se estendiam as duas asas com seu próprio alpendre e, por um momento, Joce esteve tentada de chamar as portas e pedir permissão para entrar. Uma idéia absurda.

Sem deixar de olhar a casa, de observar cada centímetro de fachada, desembarcou do carro e abriu o porta-malas para tirar a mala. Foi atirando dela enquanto subia os degraus de madeira do alpendre dianteiro.

Tirou a chave do bolso de sua jaqueta, meteu-a na velha fechadura e, quando a acionou, o coração lhe pulsava rapidamente.

—Olá! Há alguém? —perguntou enquanto abria a porta que, por seu aspecto, era a original e tinha pelo menos duzentos anos de antigüidade. Deixou a grande mala negra na porta e entrou. Seus saltos ressonaram sobre o chão de madeira nu.

Estava no vestíbulo que, como ela esperava, cruzava de parte para parte a casa. À direita havia duas portas fechadas e, a sua esquerda, a cada lado da escada, outras dois, também fechadas. Esperava que não tivessem feito reforma e que, detrás daquelas portas, houvesse habitações amplas em lugar de quartuchos habilitados pelos proprietários ao longo dos séculos.

A escada era magnífica. Estava segura de que o corrimão era de mogno. Olhou para o piso de acima e viu mais leva fechadas... como no vestíbulo, não havia nem um só móvel.

Foi até o final do grande espaço deserto e olhou pela janela. Fora havia umas árvores enormes, certamente tão velhos como o edifício. Lhe deu vontade de passear baixo aquelas árvores e sentar-se em uma das cadeiras de ferro pintadas de branco.

Enquanto olhava, uma jovem saiu da direita da casa com o que parecia um vestido envolto em uma toalha e um mesa de costura. Joce piscou. Teria viajado no tempo? Quem costurava ainda? Quem ia por aí com uma mesa de costura com agulheiro na tampa? Tinha mandado Edi ao Joce a um lugar onde o tempo não avançava?

Sorriu ao pensá-lo. Logo ficou séria. Apesar de que tinham acontecido meses da morte de seu amiga, ainda não estava preparada para esquecê-la. Não haveria mais e-mais divertidos, nem mais conversações telefônicas de horas de duração. Já não havia uma Edi a cuja casa ir correndo sempre que tivesse ocasião.

Não voltariam a sentar-se juntas com uma taça de chá fumegante para compartilhar todas suas preocupações, medos e êxitos. Nunca voltaria a ouvir aquelas palavras tão familiares: «Não é de minha incumbência, claro, mas se eu estivesse em seu lugar...»

Joce conteve as lágrimas e jogou uma olhada às portas fechadas que davam ao grande vestibulo e logo à mulher que se sentou à sombra de uma árvore. Tinha que ver as habitações, conseguir provisões e inteirar-se de se havia alguma cama para passar a noite. Entretanto, voltou a olhar à mulher e isso pôde mais.

Teve que usar sua chave para abrir a porta traseira. Saiu ao ar fresco da primavera e se aproximou da jovem. Estava tão concentrada na costura que não se dava conta de que alguém lhe aproximava, assim teve tempo de olhá-la com atenção. Era bastante jovem, de pouco mais de vinte anos, a viva imagem da inocência, com o rosto oval e uma pele de porcelana. No cabelo castanho destacavam mechas douradas naturais e levava um vestido que parecia tirado de um desenho do Kate Greenaway.

Joce não queria sobressaltá-la, assim que a saudou.

—Olá! —gritou-lhe desde certa distância.

Entretanto, a moça seguiu costurando sem levantar a cabeça. Até que Jocelyn não esteve ao meio metro não viu que levava auriculares. Sonriendo, correu a cadeira que havia ao outro lado da mesa e se sentou.

—Olá —disse a jovem, absolutamente assustada. tirou-se os auriculares e apagou o iPod.

—Me deixe adivinhar —disse Joce—. É Enya.

A garota lhe piscou os olhos um olho e sorriu.

—OH, já sei! Parece que não tenha quebrado um prato na vida, assim tenho que pôr música sacra. —Tendeu-lhe o auricular e pôs outra vez a música: ZZ Top a todo volume—. Tenho uma mãe hippie —disse—. Meu pai é médico e muito conservador, mas a minha mãe gosta do rock duro e o põe tão forte como pode... quando meu pai não está em casa, claro.

—Não se queixam os vizinhos?

—Alguém se queixou, mas minha mãe lhe preparou um Margarida e, quando meu pai chegou a casa, encontrou-as às duas dançando. Já não voltou a haver queixa.

Joce soltou uma gargalhada, sem deixar de olhar à moça.

—De cara, parece-te com sua mãe ou a seu pai?

—A minha tia avó Lissie. Isso me hão dito, ao menos. Usou seus encantos para apanhar ao homem mais rico do povo, teve meia dúzia de filhos e logo se dedicou a gastar todo o dinheiro de seu marido.

Jocelyn dissimulou que reconhecia aquele nome, Lissie. Assim se chamava a mulher que Edi lhe tinha mencionado em sua carta.

—Eu gosto dessa mulher. É para ti esse vestido que costura?

—Meu deus, não! Não posso me permitir um vestido como este. —

Levantou o objeto para que Joce a visse. Era azul meia-noite com um complicado desenho de contas e pedraria no corpo. Várias réstias de contas se soltaram—. Lhe disse que tomasse cuidado. Adverti-lhe que nada de entrevistas à luz da lua nem quedas no assento traseiro do carro. Este vestido vale um potosí. Disse-lhe que o tratasse com cuidado. Mas me fez conta? Claro que não!

—Por isso parece foi um queda de primeira.

—Isso acredito. apresentou-se em minha porta às seis da manhã para me dizer que «tinha» que arrumar-lhe para esta noite. Suponho que o queda não foi com seu marido.

Joce Rio.

—É meu inquilino?

—OH, perdão! Não me apresentei. Sou Sara Shaw —disse—. Vivo neste lado e Tess Newland vive aí.

—Eu sou...

—Todo o povo sabe quem é. Todos lhe estão esperando do amanhecer.

—A mulher da loja de comestíveis se ficou me olhando.

—Minha mãe. Já me chamou para me dizer que vinha de caminho.

—E a mulher que estava varrendo o alpendre?

—Minha tia Helen. chamou a mamãe e comunicava, porque mamãe me estava chamando . Imagino que a estas horas o xerife comprovou seu número de matrícula.

Jocelyn não soube o que dizer.

—Gosta de um pouco de chá gelado? —perguntou-lhe Sara—. Acabo de prepará-lo.

—eu adoraria, mas...

—Solo se for bastante doce? —perguntou-lhe a garota levantando-se. Enrolou o vestido na toalha e logo o deixou na mesita branca.

Joce notou que se ruborizava.

—Não se preocupe. Estamos acostumados aos ianques por aqui.

—Tenho bastante pouco de ianque. Sou da Florida. —Joce seguiu a Sara para a casa—. Está ao sul daqui.

—Já... —disse-lhe a outra por cima do ombro—. Me parece que o de ser sulista é tanto um estado mental como um lugar de procedência. E não há muita gente do Norte que se muda a Florida?

Joce não pôde evitar sorrir. Tinham chegado à porta de malha esta asa. Uma vez mais se parou a olhar a casa. Não tinha janelas de formas estranhas nem habitações salientes, nem nada do que em términos modernos faz que uma casa

seja interessante. Edilean Manor era um edifício singelo e, entretanto, tão formoso como posso ser uma casa.

Sara entrou na frescura de sua moradia diante do Joce. Estavam em uma cozinha com o mesmo aspecto que tinha em 1965 quando a tinham instalado, bem conservada mas, certamente, intacta após.

—Isto é formica? Isto é...?

—Um Avocado —lhe adiantou Sara, olhando a geladeira verde—. Pessoalmente, opino que ao Smithsonian lhe interessaria esta cozinha: poderiam transladá-la tal qual a um museu.

Joce, que estava olhando a grande pia branca que havia sob a janela, esteve de acordo. A cozinha não era o bastante antiga para ter encanto. Era simplesmente feia.

—Acredito que me queixarei ao caseiro —disse Sara.

—Deveria fazê-lo —disse Joce, olhando o velho forno. Fazia jogo com a geladeira.

Ergueu a cabeça de repente.

—Né, um momento! Seu caseira sou eu.

Sara soltou uma gargalhada. Tirou uma jarra da geladeira cheia de chá gelado.

—demoraste o teu em cair na conta...

—Ainda não assimilei a idéia de que sou a proprietária desta casa. Nem sequer a vi toda por dentro.

—Já terá tempo de explorá-la. Também há uns quantos edifícios antigos no imóvel, embora possivelmente já sabe. —Sara lhe indicou com um gesto a mesa cromada encostada à parede. A superfície do tabuleiro era vermelha, com cadeiras também cromadas e com o assento e o respaldo vermelhos a jogo.

Joce se sentou e olhou como Sara servia dois copos de chá e punha o que pareciam bolachas caseiras em um prato.

—Sei muito pouco. Tudo isto me resulta novo —disse—. Ainda me estou recuperando de...

—Da morte da senhorita Edi? —perguntou-lhe com doçura Sara.

Joce assentiu com a cabeça.

—Conhecia-a? —perguntou-lhe.

—Não, nunca a vi. Mas ouvi falar muito dela.

—Seriamente? —Tomou um grande sorvo de chá. Não se tinha dado conta de quão sedenta estava. Logo se comeu uma bolacha em dois bocados. Quando lhe fincou o dente à segunda, viu que Sara a estava olhando assombrada—. O sinto. É que estive conduzindo uma eternidade sem me lembrar de comer. —A verdade era que a noite anterior estava tão nervosa que não tinha podido jantar e que essa manhã se saltou o café da manhã.

—Pois miúda desorientação! —Sara não disse mais. Simplesmente foi à geladeira, tirou uma terrina de algo, agarrou alface, maionese e pão. Pô-lo tudo sobre a encimera e lhe ensinou o pacote de pão—. Olhe! É pão ianque. Em casa não entra outro.

—Leva abacaxi?

Sara a olhou sem entender.

—Em casa, na Florida, tudo leva abacaxi... ou coco.

Sara soltou uma gargalhada.

—Vale, basta de tópicos. É que Edilean está tão perto do Williamsburg que compartilhamos algo mais que turistas. Acreditam que o fritamos tudo.

—Não é assim?

—Não desde que nos inteiramos da existência disso que chamam «colesterol». —Pôs o sanduíche em um prato.

—Não é necessário que faça isto —lhe disse Joce—. Posso me alimentar por minha conta.

—Tem muitas coisas que aprender de nós os sulistas. Alimentamos às pessoas. Levamo-lo no DNA. Importa-te se tirarmos isto fora para que possa terminar o acerto do vestido?

—Encantada.

Joce agarrou o copo e o prato e seguiu a Sara até a mesa de fora. Quando se tiveram sentado e Sara voltava a ter o vestido no regaço e a agulha enhebrada, tomou o primeiro bocado.

—Preparaste-o você?

O sanduíche, de salada de frango com trocitos de uva e maçã, estava delicioso. Parecia um prato de degustação caro.

—Não. A salada é coisa de minha mãe. Está segura de que morrerei de fome vivendo sozinha. Ou pior: que comerei coisas que não são de cultivo biológico. Ela cria os frangos e as maçãs são de nossas macieiras.

Joce olhou o sanduíche dubio.

—Conhecia este frango?

Sara se encolheu de ombros.

—Aos três anos aprendi a não pôr nomeie a nada vivo que houvesse por casa... exceto a minhas irmãs. Lhes pus nome, mas ainda não acabaram na panela.

Joce quase se engasgou.

—Não me faça falar! Sejam como são suas irmãs, as minhas o superam.

—Seriamente? Minhas duas irmãs se graduaram no Tulane summa cum sentencie. As duas se casaram uma semana depois de terminar os estudos, com médicos, é obvio. As duas ficaram grávidas uma semana depois de casar-se. E chegaram vírgenes de noite de bodas.

Joce tomou um sorvo de chá e olhou a Sara com cara sombria.

—Não há cor. Minhas irmãs são em realidade meio-irmãs: as gema idênticas, bonitas, loiras naturais e muito altos. Sabe como me chamam? Cindy.

—Cindy? —Sarà pôs uns olhos como pratos—. Não será por...

—Bingo. É o diminutivo da Cinderela. Para elas sou como a Cinzenta.

Sara não estava disposta a ceder o título tão facilmente.

—Tenho quatro sobrinhas e sobrinhos perfeitos, dois de cada. Jamais esquecem dizer por favor nem obrigado.

—ouviste falar do Bell e Ash?

—As modelos? Claro. A semana passada saíram na capa de... Não! — Sara conteve o fôlego—. Não pode ser. São suas irmãs?

—Minhas meio-irmãs.

—Você ganha. Ou perde, não sei... Parece-me que chamarei a minhas irmãs para lhes dizer que estou encantada de que sejam minhas. —Olhou ao Joce inquisitiva—. Como o suporta?

—Me as acerto. —encolheu-se de ombros—. Acredito que não o teria suportado de não ser pelo Edi. Ela me salvou. —Olhou o sanduíche—. Falando do Edi, disse-me que viveste aqui sempre.

—No povo, não nesta casa.

—Claro —disse Joce com cautela, e logo mastigou enquanto pensava um modo educado de tirar colação o tema que lhe interessava—. Conhece um tal Ramsey McDowell?

—É obvio! —disse Sara, sem levantar os olhos da costura.

—Como é?

—Bonito, brilhante, sofisticado. Exatamente, o que quer saber dele?

—Então suponho que deve tratar-se de um rompecorazones.

Sara demorou um pouco em responder e, quando o fez, foi com certa cautela.

—Tem quebrado uns quantos corações, sim.

—Alguma vez o têm quebrado a ele?

Sara levantou a cabeça.

—É melhor que te advirta que Ramsey é minha primo, assim que lhe devo certa lealdade familiar. Tenho que te conhecer muito mais do que te conheço para lhe contar isso tudo dele.

—É que esta noite deve jantar e eu gostaria de ter um pouco mais de informação que a que tirei de nossa única conversação. Pelo visto é...

—Rans vai vir? Esta noite? O que tem feito para consegui-lo?

—Nada que eu saiba. Leva toda a papelada da casa, assim suponho...

—Isso é trabalho, e o trabalho o faz no despacho. O que tem feito para que venha a sua casa?

—Bom... Não sei... Além de saber lhe dizer a data da Proclamação de Emancipação.

—Isso foi. A Rans adora a gente inteligente, e adora a história. —Sara agarrou um carretel de linho da caixa e enhebró novamente a agulha—. Por isso as garotas colocam a pata com minha primo.

—A que te refere?

—Acreditam que é como outros e que o põem as minissaias. Gosta, sim, mas gosta mais um bom cérebro. Além disso, Tess acabou com a teoria das saias curtas. Pode lhe perguntar o que gosta das mulheres, de comer ou do que seja ao Tess. Conhece-o melhor que eu.

—Tess? Ah, claro! O outro inquilino. O que tem ela que ver com o Ramsey... Rans?

—Lhe organiza a vida. —Quando Joce franziu o cenho, Sara sacudiu a cabeça—. Não, não nesse sentido. Leva o despacho e é tão boa nisso que tende a lhe dirigir a vida. Se receber um buquê de flores de Rans por seu aniversário, provavelmente as terá escolhido e mandado Tess.

—Ah! É uma dessas secretárias... Está meio apaixonada por ele? A isso refere?

Sara sorriu.

—Diz que não o suporta, e o diz freqüentemente.

—Em tal caso, por que trabalha para ele? por que vive aqui, no Edilean?

Sara se encolheu de ombros.

—Não tenho nem idéia. Tess é para mim um mistério, e sei que o é também para Rans. Mas quando ele faz algo que não gosta, o faz saber.

—O que tem ela que ver com o das saias curtas?

—Terá que ser Rans quem te conte essa história.

—Sabe? Acredito que tenho lido em alguma parte que na primeira entrevista com um homem não deve lhe perguntar o que têm em comum sua secretária e as minissaias.

Sara soltou uma gargalhada.

—Seguro que tem razão, mas Rans sempre soube rir de si mesmo. Escuta, isto é simplesmente uma advertência, mas quando conhecer ao Tess, não a trate de secretária e não lhe pergunte nada do da saia curta. Isso a põe doente.

—Vale. —Jocelyn apartou o prato vazio. Começava a estar um pouco esmagada por tudo o que tinha que aprender.

Foi como se Sara intuiria o que pensava.

—Fará-o bem. Todos sentimos curiosidade, isso é tudo. Mas devo te advertir que neste povo todos (todos os que vivem aqui, claro) quererão que lhes fale da senhorita Edi.

—Entendo-o. Os do povo devem havê-la querido muito.

—Querido? A verdade é que há muito pouca gente aqui ainda viva que a conhecesse. À exceção da tia Mary Alice, é obvio, mas ela não podia querê-la muito, não?

—Não sei. por que não podia sua tia Mary Alice querer ao Edi?

—Acreditava que foram amigas. Não conhece a trágica história de amor da senhorita Edi?

Joce suspirou.

—Até faz uns dias te haveria dito que sabia tudo dela, mas me dei conta de que não a conhecia tanto. Nunca me mencionou Edilean, Virginia, nem esta casa. Sei que esteve profundamente apaixonada por um jovem daqui que morreu durante a Segunda guerra mundial.

—Morreu? O que vai! A pequena Mary Alice Welsch se deixou fecundar e teve que casar-se com ela. Quando a senhorita Edi retornou da guerra, encontrou-se com o homem ao que amava casado com outra.

Jocelyn se sentia novamente traída. Aquela não era a história que lhe tinha contado Edi. O grande amor, o profundo amor pelo David Aldredge não tinha acabado com seu falecimento. terminou-se com umas bodas de pênalti. Não era estranho que Edi nunca mencionasse Edilean. Não era estranho que mentisse a respeito da morte de seu amado. Melhor sua morte que sua traição!

Tentou dissimular tudo o que pôde seus sentimentos para que Sara não o notasse.

—Não passou todo isso faz muitos, muitos anos? —perguntou-lhe—. Falas disso como se tivesse acontecido ontem.

—Isto é Virginia. Aqui não esquecemos. Minha avó estava acostumada me contar histórias da Guerra de Secessão. Sabia quem amava a quem e a quem tinham deixado plantado. Agora eu conto historia de outra guerra. Em qualquer caso, ouvi a história da senhorita Edi um milhar de vezes. A família Harcourt fundou o povo, possuía a casa maior, a praça foi obra dela e todo isso. Inclusive quando perderam a maior parte de sua fortuna, seguiram sendo a família mais importante. Durante a Segunda guerra mundial, os McDowell eram muito mais ricos mas não tinham tanto prestígio.

Joce apurou sua taça e tentou unir as peças da história.

—Assim Edi voltou da guerra... da Segunda guerra mundial com as pernas destroçadas, e se encontrou ao homem a quem amava casado com outra?

—Assim é.

—O que fez?

—A casa e todo o dinheiro que ficava da família estava em nome do Edi, mas deixou a propriedade em mãos de seu irmão menor. Não sei o que faria com o dinheiro. Minha tia avó Lissie estava acostumado a dizer que Bertrand não era o bastante homem.

—O que queria dizer com isso? Que não subia a escada montado a cavalo a meia-noite?

—Vamos... Não deixe que o que tem de ianque aflore à superfície.

—Perdão —disse Joce, mas sorria—. Tenho lido muitas novelas românticas.

—Não o temos feito todas? Como ia dizendo, a senhorita Edi retornou e viu que lhe tinham roubado a seu noivo. Deixou a casa em mãos do ocioso de seu irmão e partiu do povo. Mas não antes de ter feito que no MAW redigissem um contrato de quarenta e cinco páginas que seu irmão teve que assinar. Pode que estivesse doída, mas não era estúpida.

—No MAW?

—Assina-a de advogados do povo: McDowell, Aldredge e Welsch.

«Aldredge», pensou Jocelyn.

—Sempre os mesmos nomes —disse logo—. me Diga, aqui ninguém vai se viver longe de seu povo natal como fazem o resto dos americanos?

—O resto o fazem, mas nós não.

Jocelyn assentiu.

—Vale. Os turistas, os forasteiros... vão e vêm, mas todos ficam. O que lhe passou ao irmão do Edi?

—Morreu enquanto dormia, faz anos. A tia Lissie dizia que era um homem capaz de não fazer absolutamente nada e convencer-se de que isso era trabalhar.

—Acredito que deveria ter tido um encontro com ele.

—Assim que nos conhecemos soube que você e eu tínhamos muito em comum.

Sorriram-se: duas mulheres que se entendiam. Logo houve um silêncio e Joce olhou para os campos circundantes. Ainda não se feito à idéia de que se converteu em proprietária. Voltou a olhar a casa, contemplando sua simples e perfeita beleza, e um calafrio lhe arrepiou o pêlo dos braços.

Ainda não se assimilou o fato de que a mulher que lhe tinha feito virtualmente de mãe tivesse omitido muito a respeito de sua vida ou lhe tivesse mentido diretamente. Jocelyn tinha vivido com a idéia do «amor perfeito» que Edi tinha sentido por um soldado cansado em batalha desde que lhe tinha falado daquilo sendo ela uma menina. De fato, guiou-se pela imagem daquele amor, tinha sido sua vara de medir todas suas relações. Quando um homem ia a sério com ela, Jocelyn se perguntava se era esse o homem ao que amava com a mesma paixão com que Edi tinha amado ao David. Nenhum homem, nenhum sentimento que Joce tivesse tido se aproximou nem de longe à idéia do «verdadeiro amor» que Edi lhe tinha inculcado. E acabava de inteirar-se de que o grande amor do Edi era um assunto acidentado sem mais: David a tinha deixado plantada por outra.

—assim, o que vais fazer com a casa? —perguntou-lhe Sara, tirando a de seu ensimismamento—. A venderá? Dividirá-a em apartamentos?

Joce não se deixou enganar pela desenvoltura com que lhe formulou a pergunta, como se o assunto não fora com ela. «Assim a isso se deve este recebimento tão generoso», disse-se. Haveria- dito alguém a Sara que fizesse o necessário para inteirar-se do que planejava fazer a herdeira da senhorita Edi com a velha casa?

—Quanto crie que poderia tirar por estes velhos tijolos?

Esperava que Sara se riera, mas não o fez. Manteve a cabeça encurvada e seguiu costurando contas.

—Sara —disse então Joce—. Sou uma apaixonada da história. Desde que deixei a escola me dediquei a ajudar às pessoas a investigar o passado.

Sara a olhou com frieza.

—Seria uma formosa estalagem. Serviço de cama e café da manhã.

—Isso não está feito para mim. Sou mas bem introvertida. Posso falar com uma só pessoa de uma vez; me ponha entre desconhecidos e me fechamento em minha concha.

Sara ficou olhando, evidentemente esperando que dissesse algo que pudesse contar aos do povo. Joce se imaginou as linhas telefônicas paralisadas. Não pôde sustentar o olhar a Sara.

—Não sei o que farei. Seriamente que não. Edi me deixou a casa e suponho que algum dinheiro, mas não tenho nem idéia de quanto. —Não queria falar mais de si mesmo. Já havia dito bastante. Tinha muitas coisas na cabeça para poder pensar com clareza, e certamente não estava disposta a lhe contar a ninguém seu plano de escrever sobre o Edi—. Sabe de algum trabalho?

—Tess agarrou o último bom que ficava no povo.

Joce olhou para o extremo mais afastado da casa, para a outra asa. As portas e as janelas estavam fechadas.

—Falando de trabalho, você a que te dedica? Além da arrumar vestidos, quero dizer.

—A isso dedico —disse Sara, e cortou o fio—. O que mais faço é ajustar vestidos para senhoras que comprem uma talha M e logo não cabem nela quando vão ficar os Sara se encogió de ombros.

—Consegue ganhar a vida com isso?

Sara se encolheu de ombros.

Joce estava segura de que fazia algo mais para ganhá-la vida mas que não queria lhe dizer do que se tratava. Esperava que não fora algo ilegal, que Sara não estivesse cultivando maconha no horta traseiro. Assim que o teve pensado, perguntou-se se todos os proprietários se sentiam como ela. O que faria se as banheiras perdiam água? O que se havia térmites? Edi tinha mencionado a

existência de um jardineiro. Quanto cobrava de salário? Olhou a casa e se perguntou onde dormiria aquela noite. Havia alguma cama?

Sara tirou um móvel de sua mesa de costura, abriu-o e olhou a hora.

—Tenho que ir. Este vestido tem que estar outra vez em mãos de sua proprietária antes de que chegue a casa o marido. —Enrolou apressadamente o vestido na toalha—. Poderia me entrar isto? —Indicou-lhe com um gesto os pratos e o mesa de costura.

—Claro. Se confiar em mim...

—Não só confio em ti mas sim inclusive é possível que eu goste. Até logo —lhe gritou enquanto corria para a casa.

Jocelyn ficou ali sentada, olhando a casa e tentando tirar algum sentido a tudo o que tinha ouvido desde que tinha entrado no despacho do advogado.

Em uma ocasião, quando tinha dezesseis anos, tinha chegado do instituto e em casa não estavam as Astras (nem a mãe nem as irmãs), porque tinham saído. A casa estava silenciosa. Seu pai, solo na garagem, trabalhava em uma das motos. ficou-se na porta olhando-o. Quase nunca estavam juntos eles dois. Sua «nova família», como Joce a considerava, consumia todo seu tempo e toda sua energia.

—Irá a casa da senhorita Edi? —tinha-lhe perguntado ele.

—Claro. Estamos lendo ao Thomas Hardy. —Sabia que não teria nada que dizer daquilo. Gary Minton não era dado à meditação.

—Ouça, carinho... —disse-lhe quando ela passou a seu lado—. Espero que não viva sozinho para ela. Espero que vivas também para ti.

Gostou que a chamasse «carinho», mas não emprestou atenção ao que lhe dizia. como sempre, no único que pensava era em ir-se antes de que as Astras voltassem. O ruído que colocavam e suas exigências governavam a casa, a seu pai, governavam-no tudo. Às vezes parecia que, com sua presença, suas meio-irmãs controlavam o universo.

Olhou o relógio. Faltavam horas para que Ramsey McDowell chegasse, mas queria ver a casa e tomar-se seu tempo para arrumar-se. comprou-se um vestido perfeito para um pícnic em uma casa antiga. «Minha casa», pensou, sorridente.

Capítulo 3

Luke observava enquanto a nova proprietária do Edilean Manor saía da casa e caminhava pela grama para ir sentar se com a Sara. Sabia como se sentia aquela mulher. Sara era um ímã para a gente, tinha-o sido desde menina. Sempre se preocupava e sempre tinha tempo para escutar os problemas de outros. Sabia que

em boa parte a razão pela que as mulheres a chamavam para que lhes arrumasse a roupa era porque queriam falar com ela.

O verão anterior, um dia que ele e suas primos Charlie, Rans e Sara estavam jantando no Williamsburg, Charlie lhe havia dito que abrisse uma consulta e cobrasse por todas as horas que se passava escutando os problemas da gente.

—Não poderia estudar tantos anos —tinha respondido Sara.

—Quem há dito nada de estudar? —tinha-lhe respondido Rans—. Simplesmente, abre o gabinete. Luke lhe arrumará isso ou lhe pintará isso ou o que faça falta.

—E você redigirá um contrato e lhe fará pagar mais do que ganhe em um ano —tinha objetado Luke.

—Se começarem a discutir me parto —havia dito Sara—. Quero um jantar tranqüilo e agradável, sem brigas de galos de briga.

Quando os três homens estiveram calados e parecia que assim seguiriam, Sara tinha cabeceado.

—Venha, adiante. Empreendam a golpes. Dá no mesmo para mim. Charlie, me peça outro destes.

—Está segura? Nunca agüentaste a bebida.

—Então um de vós vai ter que me sujeitar o cabelo enquanto vomito e outro terá que me levar a carro.

Luke se tinha tirado vinte e cinco centavos do bolso olhando ao Ramsey.

—Cara, eu lhe sustento o cabelo. Cruz, você a leva nas costas. Pesa muito para mim.

—Os dois são uns inapresentáveis —havia dito Sara, mas renda-se.

Naquele momento, Luke tirava fio às folhas da cortadora de grama com a pedra de afiar enquanto olhava pela ventanita redonda do muro de tijolo. encontrava-se no que tinham sido os estábulos da velha casa, em sua major parte ruídos fazia muito.

Enquanto o velho Bertrand tinha vivido ali, a casa se foi mantendo por ordem da senhorita Edi, mas os edifícios anejos tinham cansado no abandono.

—No contrato não especificou que terei que ocupar-se de sua manutenção? —perguntou- Luke ao Ramsey—. Referiu à casa e aos terrenos não?

—Crie que fui eu quem redigiu o contrato em 1946?

—Vale. Seu pai, então.

—Ele tinha um ano.

—Fosse quem fora, ocupar-se disto é tua coisa —disse Luke quando voltou para o Edilean e viu o estado em que se encontravam os edifícios exteriores.

—Talvez teria que haver ficado você para mantê-lo tudo em bom estado —lhe espetou Ramsey, sem deixar-se amedrontar pela fúria de sua primo—. Talvez não deveria te haver partido ao outro extremo do mundo para fazer o que for que haja te tornado tão cascarrabias.

Luke abriu a boca para replicar, mas o pensou melhor.

—Vete. Vete a fazer o que for que tenha que fazer em seu despachito e deixa que eu me ocupe disto —disse finalmente.

Demorou meses em restaurar os velhos edifícios. Reconstruiu sozinho parcialmente os estábulos, mas o fez usando materiais da época em que a casa tinha sido construída. Desenterrou os antigos tijolos, inclusive abriu um poço que tinham cegado com tijolos fabricados à mão, cozidos quando Edilean Manor era o centro da plantação.

Foi um trabalho duro. Trabalho físico que naquela época ao Luke convinha. Desfrutou de trabalhar a sós. Na casa já não vivia ninguém, porque o velho Bertrand tinha morrido. Um ama de chaves se passava por ali diariamente, mas era tão velha que logo que podia subir as escadas. Quando Luke a viu andando pela casa com dificuldade, muito fraco para fazer nada, tomou cartas no assunto. Conseguiu-lhe uma rádio e uma poltrona e a instalou na sala de estar. Quando Ramsey, que levava as questões legais do imóvel para a senhorita Edi, viu o que tinha feito, disse que lhe escreveria para lhe contar que sua ama de chaves devia ser posta de patinhas na rua. Mas Rans olhava de uma maneira muito significativa ao Luke porque ambos sabiam que à família da mulher o fazia falta o dinheiro, assim não a despediram e Luke se fez cargo de seu trabalho. Reparou a casa e, quando chegou o mobiliário, foi ele quem se ocupou de distribuí-lo. Um sábado, com ajuda dos primos, cerveja e pizza, tinha bastado para subir os móveis maiores ao primeiro piso.

A casa era basicamente do Luke desde fazia anos. Ele reparava o telhado e tirava as pombas mortas do canelone. Ele tinha reconstruído a chaminé depois de que um raio a destruía.

Quando lhe disseram que a senhorita Edi tinha morrido e legado a casa a uma garota que nunca tinha estado ali, lhe deu vontade de incendiá-la. Melhor isso que deixar-lhe a alguém que não apreciase o que tinha.

—Talvez é historiadora —lhe havia dito Ramsey—. Possivelmente seja arquiteta... ou construtora. Não sabemos a que se dedica.

Ao Luke não gostava que sua primo defendesse a essa desconhecida que ia tomar posse do que a maioria considerava o coração do Edilean. Toda sua vida tinha ouvido dizer às pessoas que, se Edilean Manor era destruído, o povo não duraria nem um ano. Pelo contente que Ramsey estava com a herdeira, Luke deduziu que algo tramava.

Um dia, depois do trabalho, foi visitar o Tess. Lhe abriu mas não o convidou a entrar.

—O que se traz entre mãos com a nova proprietária? —perguntou a bocajarro, sem necessidade de especificar a quem se referia.

Tess era uma mulher de poucas palavras.

—Edilean Harcourt lhe mandou uma foto dela. Em biquíni.

Luke o entendeu tudo imediatamente. Conhecia sua primo. Rans planejava uma jogada. Adorava Edilean quase tanto como ele.

—Entendo —disse.

Tess se apartou e abriu a porta mosquiteira.

—Gosta de uma cerveja?

—eu adoraria.

A nova proprietária já tinha chegado e Luke a observava falar com a Sara, sentadas as duas no jardim. Era bonita mas não espantoso, um pouco mais alta que a média, com mechas loiras como as que o sol do verão faz sair naturalmente. perguntou-se se seriam naturais ou se se passava horas na barbearia para ter aquele aspecto.

No vestir era tão antiquada como Sara. Aquilo lhe fez graça. A Sara adorava levar vestidos de manga larga inclusive em pleno verão. Sabia que a favoreciam. Era bonita e delicada como uma flor. Com um Top vermelho e jeans tinha um aspecto estranho.

De ter tido à mão uma câmara, lhes teria tirado uma foto às duas. Ali estava Sara, com seu vestidito escrupuloso, a costura no regaço e, frente a ela, aquela mulher desconhecida com uma roupa que parecia tirada da Alicia no País das Maravilhas. Pareceu-lhe que a diadema era um detalhe perfeito.

«Uma repipi dissimulada», disse-se. A essa classe de garota lhe tinha legado Edi sua casa. A uma solteirona, ou pouco lhe faltava para sê-lo, que certamente se dedicaria por inteiro ao Edilean Manor. Sem dúvida se esforçaria por encontrar móveis do período exato. Ao cabo de uns meses teria convertido aquilo em um museu.

Formou-se uma opinião a respeito de como era aos poucos minutos de havê-la visto. Desde não ter sido por sua mãe, haveria-lhe dito que se ia. «Que Ramsey se dela encarregue —pensou—. Que goteje encanto e a conquiste.» Provavelmente faria como sempre: encontraria-lhe algum defeito e a deixaria plantada. Mas e se o tiro lhe saía pela culatra? E se lhe rompia o coração e ela punha a casa em venda?

«Sim —pensou, sorrindo para si—. É possível que queira vendê-la.»

Parecia-lhe estar ouvindo sua mãe, assim que ficou onde estava, nos antigos estábulos, observando a Sara e à nova proprietária.

Sabia que algo se forjava desde que sua mãe se apresentou em sua porta às seis da manhã com um prato de crêpes de arândanos talheres com um guardanapo.

—O que tem feito papai esta vez para que me traga este café da manhã? —tinha-lhe perguntado sorridente.

O pai do Luke se aposentou fazia um ano e, após, trazia para sua mãe de cabeça dando voltas pela casa.

—Nada. Hei-lhe dito que se fora a uma exposição de tratores.

—Sozinho? Sem ti?

—Se por acaso lhe pergunta isso, tenho uma dor de cabeça espantosa. Já não posso mais. A garota da senhorita Edi chega hoje e quero que me prometa que será amável com ela. —Enquanto o dizia, esquentava as crêpes para seu filho e lhe limpava a cozinha sem deixar de trastejar.

—O que é o que quer que faça esta vez? —resmungou Luke—. Levá-la para jantar? Lhe ensinar os arredores? É muito logo para ir aos parques aquáticos, assim tenho que levá-la a um concerto de pífano e tambor?

—Quero que a deixe tranqüila. É do Ramsey.

Luke pôs uns olhos como pratos.

—Não, não o fará —disse Helen, lhe plantando diante as crêpes—. Não vais tomar te isto como uma provocação. Já falou com Rans e lhe gosta.

—Não perde o tempo, verdade? Conforme ouvi, viu sua foto em biquíni antes de falar com ela.

—Assim são os homens... —disse Helen, lhe tirando importância.

—Somos assim? —Luke tinha a boca enche.

—Entende-me? Sei amável com ela e manten afastado. te limite a te ocupar do jardim.

—E se eu gosto?

Era um homem feito e lhe dava quão mesmo sua mãe ficasse de parte do primo, mas não podia evitar sentir-se traído.

—Você não gostará. Educou-a a senhorita Edi, assim que gosta dos homens com smoking, não os que... —Olhou os jeans gastos e a camiseta suja do Luke—. Te ficou claro?

—Como a água —disse ele. Quão último queria era um problema de saias—. Que Ramsey fique. Que devam viver ao Edilean Manor e tenham uma dúzia de pirralhos. A mim que me importa?

Mas agora via a Sara e à outra... Como se chamava? Jocelyn. Um nome antiquado que lhe pegava. Enquanto as olhava a ambas, começava a trocar de opinião a respeito dela. ria com facilidade, freqüentemente. Dissesse o que dissesse,

a Sara interessava. De fato, Sara levava a maior parte da conversação, o que não era habitual. O normal era que Sara fora a que escutava.

Luke a viu olhar duas vezes para a casa com uma mescla de amor e incredulidade, como se a esmagasse o fato de que fora dela. Mas isso era impossível, não? Certamente a senhorita Edi lhe havia dito que lhe deixava aquilo.

A cuchilla da cortadora estava tão afiada para cortar salsichão, mas ele seguia nos estábulos, as observando às dois. Abriu uma garrafa de água e bebeu um pouco, apoiado na parede, olhando pela janela. Se partia, veriam-no, e não queria que o fizessem. Sara sabia que estava ali, mas não o tinha chamado para que conhecesse a nova proprietária. Isso queria dizer que mantinham uma conversação séria de garotas.

De repente, Sara se levantou de um salto e se levou correndo o vestido que estava costurando a sua casa. Luke encontrou muito significativo que deixasse sua prezado mesa de costura em mãos da desconhecida: a Sara gostava.

A garota ficou ali sentada um momento. Logo recolheu os pratos sujos e o mesa de costura e os levou a sua parte da casa. Por isso Luke sabia, não a tinha percorrido por inteiro. No piso de acima havia uma cama com lençóis limpa e travesseiros novos. Sua mãe a tinha feito o dia antes. Ao ir-se esta, Luke tinha subido e visto os sabões que tinha deixado para o Jocelyn, assim como as toalhas recém lavadas. Se a realeza tivesse visitado Edilean, não a teriam tratado com mais mímico.

Luke não sabia por que todo aquilo lhe dava tanta raiva, mas assim era. O que sabiam daquela mulher? Além de que tinha bom aspecto em biquíni, claro.

Quando Jocelyn entrou na casa, Luke saiu dos estábulos e recolheu as ferramentas. Sua caminhonete estava estacionada detrás e jogou dentro sem olhares as pás e as tesouras de podar. Se saía e tinha algo que lhe dizer a respeito de... a respeito de nada, diria-lhe que se ia.

Meteu-se no veículo, arrancou e conduziu para o atalho de detrás da propriedade: a saída de serviço. Logo, levado por um impulso, girou para a parte dianteira da casa.

Justo quando chegava à grade de entrada, Ramsey a cruzou ao volante de sua Mercedes negro e lhe bloqueou a saída. Quão único queria Luke era partir, mas viu que Ramsey não queria deixá-lo passar. Quando sua primo baixou o guichê, tirou a cabeça pela da caminhonete.

—Já a viu?

—A quem?

—Ao fantasma da senhorita Edi. Sabe perfeitamente a quem. Já a viu?

—Pode.

—Que aspecto tem?

—Mau. Realmente mau. É tão feia que tive que olhá-la através de um espelho —lhe disse Luke.

—Tanto? —disse Ramsey—. Me esperava isso. Estava um pouco preocupado por... nada. Não estava absolutamente preocupado.

—Quer fazer o favor de apartar esse traga gasolina daí para que possa ir ?

—Necessito que me ajude —lhe confessou Ramsey—. A tia Ellie há dito que Sara estava com o Jocelyn, assim quero que diga a Sara que a entretenha vinte minutos enquanto o monto tudo.

—Enquanto monta... o que? Do que me fala? De um castelo de foguetes?

—Pode —disse Ramsey com um sorriso—. Sabe que virei e que trarei o jantar, mas não quero que me veja descarregando o carro e colocando-o tudo na casa. Né!, já sei. Irei eu a falar com o Jocelyn e você o prepara tudo. Sabe esfriar o champanha... não?

—Coloca-o no riacho —lhe disse Luke dando marcha atrás. Que demônios acontecia com todo mundo naquele povo? Primeiro sua mãe lhe pedia que se mantivera afastado daquela mulher e logo Ramsey queria que lhe fizesse de mordomo.

Quando chegaram à zona de cascalho dianteira, estacionaram ao lado do Mini Cooper do Jocelyn e saíram dos veículos. Ramsey ia com calças negras, camisa branca e gravata azul. tirou-se esta última e a lançou ao assento dianteiro de seu carro.

—Miúdo dia! Queria ter estado aqui faz uma hora, mas o velho Segal quase me tira de gonzo. Ele e seu filho voltam a estar brigados, assim que o pai trocou outra vez o testamento.

Ramsey abriu a porta do porta-malas, tirou uma grande cesta de pícnic e logo olhou para as janelas do piso de acima.

—Não estará nos olhando, verdade?

—por que me pergunta isso? É evidente que você sabe mais que eu a respeito dela.

—Que demônios te passa? —disse-lhe Ramsey—. discutiste com sua última noiva?

—Isso não me aconteceu nunca nem me passará. Pode me dizer por que te interessa tanto essa mulher?

—Porque acredito que pode ser a definitiva.

—Outra vez não! —resmungou sua primo.

—Esta garota aconteceu a maior parte de sua vida com a senhorita Edi. Assiste ao balé os fins de semana. Touca o piano e sabe dançar uma valsa. E além disso tem cérebro.

—Isso significa que é alguém a quem poderá exhibir perfeitamente no clube de campo e nas funções benéficas do Williamsburg.

—Se te referir a que me alegro de conhecer uma mulher educada, que dá a casualidade de que também é bonita, sim.

Luke jogou uma olhada às janelas.

—Parece-me que deveria ir conhecer a.

Ramsey soprou.

—Certamente lhe daria um susto de morte... ou se deprimiria por quão mau cheira.

—A muitas garotas assim gosta dos meninos maus.

—Não te faça ilusões, menino mau. me dê uma pausa. Simplesmente, vê com a Sara. Bate na porta e lhe diga que mantenha ocupada ao Jocelyn vinte minutos. Chamarei o timbre quando estiver tudo preparado. Pode fazer isso?

Luke ia dizer lhe que não era Sara a que estava em casa a não ser Jocelyn, mas se conteve. Sua mãe lhe tinha pedido que fora amável com a nova proprietária. Não lhe havia dito nada a respeito de voltar louco ao Ramsey. De fato, o que mais gostava no mundo ao Luke era fazer zangar a sua primo.

—Claro —lhe disse, tentando parecer de mau humor apesar de que sorria interiormente.

Jocelyn olhou o relógio da mesinha e viu que ainda faltava meia hora para que Ramsey chegasse. Estava tão nervosa como uma adolescente em sua primeira entrevista. Ao ir-se Sara, fazia um rápido percurso pela casa e comprovado que as habitações seguiam intactas. Como lhe havia dito Edí, os móveis eram da casa da Florida. Não havia adornos, só prateleiras e armários vazios. Em três das habitações havia um tapete e quatro ou cinco boas peças antigas de mobiliário, mas nada mais. A cozinha seguia como nos anos cinqüenta, um pouco melhor que a da Sara mas não muito. Gostou da grande pia e a mesa de pinheiro, mas o forno teria estado melhor recostado e talher de flores.

depois de jogar uma olhada curiosa a toda a casa, tinha subido a mala e se arrumou para sua entrevista.

Tinha-lhe encantado encontrá-la cama disposta com os lençóis limpa e toalhas e jaboncitos no banheiro. Não sabia quem lhe tinha preparado aquele recebimento, mas tinha vontades de lhe dar as obrigado.

Deu-se uma larga ducha, lavou-se o cabelo e o secou. Tirou da mala seu vestido novo de algodão branco com puntilla no desço da saia. Era perfeito para aquela noite. Em bata, pôs a esquentar a prancha de viagem e eliminou com ela todas as rugas do algodão. Edí tinha sido muito puntillosa com isso de que a roupa estivesse bem engomada. Não confiava nos gêneros inarrugables, nem sequer nos de ponto. «distingue-se a uma senhora pela qualidade da roupa que fica e por quão bem a cuida», estava acostumado a dizer.

Quando teve terminado de vestir-se pensou: «E agora o que?» O único que lhe ocorreu foi ir ver se Sara havia tornado. Tinha deixado os pratos e o mesa de costura em seu vestibulo, assim podia ir devolver se os —Eres la nueva propietaria. —Fue una afirmación no una pregunta.

Poucos minutos depois estava no apartamento da Sara, que tinha deixado aberta a porta traseira. Não tinha retornado. Jocelyn ia deixar os pratos quando bateram na porta principal. Duvidou um momento se responder. Ao fim e ao cabo, estava em casa da Sara, embora fora também dela.

Abriu a porta e se encontrou com um homem alto de cabelo escuro. Levava jeans e uma camiseta suja. Estava claro que não se barbeou desde fazia vários dias. Entretanto, nenhuma daquelas coisas o afeaba. Tinha os olhos verdes e um nariz que solo podia ser descrita como Patricia; os lábios carnudos e bem definidos; o queixo bem formado. Sara havia dito que era «bonito» e o era.

—É a nova proprietária. —Foi uma afirmação não uma pergunta.

Tinha uma voz profunda e rica em matizes, exatamente como por telefone, e estava segura de não ter visto nunca a um homem que lhe resultasse tão atrativo.

—Sim, o sou. É Ramsey?

—Ramsey? meu deus, não! É advogado. Tenho pinta de advogado?

—OH! —disse ela, decepcionada. Apartou o olhar para tentar dissimular o muito que a atraía—. Não, acredito que não tem pinta disso. Deves vê a Sara? Não está.

—Já sei. Vi-a ir-se.

Jocelyn voltou a olhá-lo. Seguia na porta, sem mover-se.

—Então, se sabia que não estava, por que bateste na porta?

—Sou o jardineiro, Luke Connor. —Estava-a olhando atentamente, como se tentasse entendê-la.

—Pois vá...! Não pode te entremeter desta maneira Y..

—Não te irrite —lhe disse Luke, fechando a porta a suas costas.

—Esta não é minha casa e acredito que não deveria estar aqui.

—Sim que o é.

—Que é... o que?

—Sua casa.

—Sim, tecnicamente, mas esta parte a tem Sara Shaw alugada. Ela...

—É minha prima —disse ele por cima do ombro, indo para a cozinha. Jocelyn ia lhes pisando os talões.

—Se for o primo da Sara... é irmão do Ramsey?

Ele abriu a geladeira e tirou uma cerveja. apoiou-se na encimera e a olhou dos pés à cabeça, de um modo que ao Jocelyn nunca tinha gostado. Assim

olhavam às mulheres os homens que se sabiam bonitos, porque acreditavam que lhes pertenciam... se lhes gostava.

—O que tem que ti e do velho primo Rans? Há algo entre vós?

Jocelyn se apartou um passo. A atração que tinha sentido em um princípio por ele se estava esfumando.

—Não é teu assunto, mas não lhe vi nunca. Sara me há dito que é sua primo e, se você também o for, então suponho que está aparentado com o Ramsey.

—Estou-o. Sara, Rans, Charlie, Ken e eu somos primos. Temos os mesmos bisavôs.

Havia em sua atitude algo que não gostava. ria dela, mas não tinha nem idéia do que estava fazendo para despertar sua hilaridade. Por isso parecia, todos os do povo estavam aparentados.

—E a irmã do Ramsey? Também é tua prima?

Luke pareceu desconcertado.

—Claro que o é. É... —calou-se de repente porque se deu conta de que se estava burlando dele: não tinha incluído a todos os primos na lista. Frequentemente tinha visto que a gente que não é do Sul ri quando menciona aos parentes—. É...?

—Como me pergunta se for ianque, lhe...

—O que vais fazer me? —perguntou-lhe, levantando as sobrancelhas com interesse.

—Cortarei-te os casulos das roseiras. Não sei. Como se castiga a um jardineiro?

Olhou-a de um modo que a fez ruborizar-se.

—É a pergunta mais interessante que me têm feito em todo o dia.

Ao Jocelyn aquele homem caía cada vez pior. Consultou o relógio.

—Tenho que ir —lhe disse—. fiquei com alguém.

—Já, com Rans. Está aí partindo o lombo, criando um mundo de conto de fadas para os dois.

—Que amável por sua parte me arruinar a surpresa.

—Se te interessar o que penso: é uma perda de tempo.

Olhou-o de cima abaixo com absoluto desdém.

—Então suponho que um pacote de seis cervejas e uma bolsa de batatas fritas é sua idéia do que terá que contribuir a uma entrevista.

—De nachos. eu adoro os nachos, sobre tudo os azuis. A garota se apresenta com uma bolsa de nachos azuis e um pacote de seis cervejas Samuel Adams e não falha.

—Suponho que o encontra gracioso.

—Estou sendo honesto, simplesmente.

—É como muitos dos homens que conheci, e aos que não quis voltar a ver. —Foi até a porta traseira, abriu-a e saiu, mas lhe cortou o passo.

—Ainda não pode ir. Rans há dito que chamaria o timbre quando estivesse tudo preparado.

—Mandou-te para que me retivera?

—Não é tão tolo. Mandou-me a lhe dizer a Sara que te entretivera, mas se esqueceu que me perguntar se estava em casa. por que não se sinta e fica quieta para que não te enrugue esse vestido novo tão bonito? vou preparar me um sanduíche. Ofereceria-te um, mas Rans trouxe comida suficiente para o meio povo, assim é melhor que agora não coma.

Jocelyn estava ao final do mostrador de formica da Sara, valorando o que fazer, se ficar ali agüentando que aquele tipo seguisse rendo-se dela por não sabia o que ou se partir e danificar a surpresa ao Ramsey. Decidiu que preferia pilhar ao Ramsey com as mãos na massa a ficar com aquele indivíduo.

Voltou-se no preciso instante em que Luke ia deixar os ingredientes do sanduíche em cima do mostrador, golpeou-lhe a mão com o braço involuntariamente, e o bote de mostarda lhe caiu em cima. Um reguero amarelo descendeu pelo peitilho de seu vestido branco.

—Tem-no feito a propósito —lhe espetou—. foi com intenção.

—Não. —Luke parecia verdadeiramente causar pena pela situação—. De verdade que não foi a propósito. —A sorrisita e a atitude que tinha tido desde sua chegada se esfumaram—. O sinto. Seriamente que sim.

Jocelyn agarrou um trapo limpo do ralo que havia em cima da pia e o umedeceu.

—Vamos, deixa que te ajude —lhe disse Luke.

Ela se separou o vestido do peito enquanto pensava como voltar para a casa e trocar-se sem que a visse Ramsey. Havia-lhe dito que disporia o jantar no chão. Se a tinha disposto no chão do vestibulo, teria que passar forzosamente a seu lado... o que significava que teria que conhecê-la com o vestido manchado de mostarda.

—Que demônios faz?

Jocelyn e Luke se voltaram para a porta traseira, onde havia um homem que tinha que ser Ramsey. Era uns cinco centímetros mais baixo que Luke e um pouco mais gordo, mas tinha o mesmo cabelo negro, os mesmos olhos verdes e o queixo e o nariz virtualmente iguais. Eram dois homens realmente bonitos.

Olhou ao Ramsey e logo ao Luke, e viu que este último estava inclinado para ela com um pano úmido. apartou-se imediatamente.

—Jogou-me a mostarda em cima —disse, olhando ao Ramsey.

Luke ensinou as Palmas, conciliador.

—foi um acidente. Juro-o. Tua é. —Sem baixar os braços, saiu da habitação.

Jocelyn ouviu se abrir e fechá-la porta de entrada.

—Está bem? —perguntou-lhe Ramsey.

—Claro. De verdade. Estou bem mas tenho um aspecto lamentável. Queria estar pelo menos apresentável quando nos conhecêssemos.

—Está estupenda! —Disse-o com tanto entusiasmo que a fez sorrir.

—Que amável.

—Não sou amável. Sou advogado, recorda? Que tal se formos a sua casa, à parte principal, refiro-me, e comemos algo. Tem fome?

—Estou faminta.

Foram até a porta principal e ele a abriu. Quando Jocelyn passou a seu lado, disse-lhe:

—Desculpo-me por minha primo. Luke é... —encolheu-se de ombros, como se não tivesse palavras para descrevê-lo.

—Não passa nada —disse Joce—. Todos temos família.

—Por desgracia, eu tenho mais que a maioria.

Quando saíam viu o Luke partir a toda velocidade em uma velha caminhonete amolgada que lhe recordou os veículos que via perto de casa de seu pai de menina. Por isso ela sabia, Luke Connor pertencia à classe de homens contra a que Edi a tinha prevenido sempre. Pior: pertencia à classe de homens pela que a doce, elegante e educada mãe do Jocelyn tinha cansado tão baixo. Uma vez casados, Gary Minton fazia todo o possível por ser o que a refinada família de sua esposa queria que fosse, mas um mês depois de morta já voltava a levar calças de couro, costeletas e a conduzir uma Harley.

—Seguro que está bem? —perguntou-lhe Ramsey—. Tanto te alterou Luke?

—Claro que não —disse Jocelyn, voltando para a realidade. Sorriu—. Deixa que me troque e estarei perfeitamente.

—Esta noite seu mais mínimo desejo é uma ordem para mim. —Ramsey lhe fez uma reverência.

—Então, amável senhor, me levem a castelo para que possa me polir para você.

Ramsey sorriu, ofereceu-lhe o braço e foram juntos para a entrada principal do Edilean Manor.

—É uma verdadeira maravilha —disse Jocelyn, e o pensava realmente.

Apreciava todas as moléstias que Ramsey se tomou para preparar o jantar. Tinha estendido uma velha colcha branca no chão do vestibulo e disposto dois almofadões amaciados, um a cada lado. O jantar consistia em macarrão com molho de tomate e manjerição, pão e salada.

—As hortaliças são da mãe da Sara?

—Claro. Se comprar tomates em lugar de usar os seus acredito que poria um piquete às portas de meu escritório.

A baixela do Limoges, com um dos desenhos que mais gostava, harmonizava com uma cristaleria que tinha que ser da Williamsburg colonial, soprada a emano ao modo do século XVIII.

Ramsey, recostado no almofadão, frente a ela, estava à luz das velas incluso mais bonito. O certo é que a punha um pouco nervosa. Sua absoluta perfeição despertava nela o desejo de ser a sua vez perfeita.

—por que há tão poucos móveis na casa? —perguntou-lhe. sentou-se erguida—. Não queria parecer ambiciosa, mas resulta estranho que uma casa em que viveram tantas gerações esteja tão vazia. Haveria dito que estaria abarrotada até os batentes de adornos vitorianos.

—Em uma palavra? Bertrand —disse Ramsey. comeu-se a massa e tomava vinho branco—. Não sei muito do tema, para falar a verdade, porque era meu pai quem pessoalmente se encarregava dos assuntos do Edí, mas sempre murmurava entre dentes quando se mencionava ao Bertrand. Acredito que tinha um problema com os cavalos.

—Seu pai apostava?

Ramsey a olhou para ver se lhe estava tirando o sarro.

—Perdão. É meu senso de humor. Assim Bertrand apostava nas carreiras.

Ramsey a olhou por cima do bordo da taça.

—Algum problema tinha. Ao menos isso acredito eu. Não cheguei a conhecer o Edí, mas pelo que ouvi que ela, sempre me pareceu estranho que lhe permitisse vender quase tudo o que havia na casa. Lembrança que quando era menino vi um caminhão enorme na porta.

—Passava por essa grade tão estreita?

—Deus, não! Nenhum caminhão passa entre essas colunas. A caminhonete do Luke chocou mais de uma vez com elas.

Ramsey tomou um sorvo de vinho e logo se levantou para retirar os restos de massa e salada. Joce quis ajudá-lo, mas lhe ordenou que ficasse sentada, assim esperou enquanto ele levava os pratos à cozinha. Quando retornou, trazia um traste que parecia uma fondue.

—Minha irmã me assegurou que isto é estupendo para fundir chocolate. Diz que concebeu a seu segundo filho a noite que a compraram. —Olhou-a—. Perdão. É uma anedota pouco afortunada para nossa primeira entrevista.

—Está perdoado, mas solo se me contar o do caminhão da mudança.

—Ah, vale. Tiveram que estacionar na estrada e usar uma caminhonete pequena para ir trasladando os móveis até o caminhão. Era sábado, assim que o meninos voltávamos loucos aos da mudança. Metíamo-nos no caminhão, na casa, inclusive nos escondíamos nos armários que deviam transportar. Por pouco nos jogam no lago.

—O que diziam seus pais? Não era perigoso que fizessem essas coisas?

—Estavam justo aí, olhando-o tudo, e os adultos que não tinham podido dever olhar nos pagavam para que fôssemos cada hora a sua casa a contar-lhe tudo. Sara era a mais rápida porque ia em bicicleta, assim que ela fazia de mensageira. Sabe? Sigo acreditando que não repartia o dinheiro a partes iguais. Parece-me que ficava com a maior parte.

—Os primos... —disse Joce, sonriendo—. Todos para um, um para todos.

Ramsey partiu em partes o chocolate, jogou-os no recipiente e ficou a remover.

—Suponho. Passávamo-nos isso bem de meninos, mas agora encontro isto um pouco cansativo. Aí tem o de hoje, sem ir mais longe. Peço-te desculpas por...

Joce não queria ouvir nenhuma só palavra mais a respeito do Luke e a mostarda.

—O que se levavam na caminhonete?

—Tudo o de valor.

—O sofá amarelo, as mesitas auxiliar, o armário grande, as quatro cadeiras do comilão... Tudo estava em casa do Edi, na Florida. Acredito que leilaram tudo o que não se pôde trazer aqui.

—Eu sei de boa tinta.

—E o dinheiro...?

—Basta. Não quero falar mais de negócios esta noite. Terá que ir a meu escritório na segunda-feira pela manhã para que lhe conte isso tudo.

—Há alguns assuntos imprevistos a respeito da casa, equivoco-me?

Ramsey sacudiu a cabeça.

—Não tente me tirar nada. Não direi nenhuma palavra.

—Está bem. —Joce tomou um sorvo de vinho—. Assim Edi se levou todos os móveis valiosos e deixou os que não valiam nada a seu irmão para que os vendesse e pagasse as dívidas de jogo.

—Minha mãe dizia que acreditava que a senhorita Edi usava a seu irmão para organizar uma grande venda de garagem. Assim lhe dava algo que fazer ao mesmo tempo que salvava seu dinheiro.

—Isso teria sido muito próprio dela.

—Já está! —disse Isto Ramsey está em seu ponto. Toma um. —Tendeu-lhe uma caixa de pontas agudas—. Crava. —Abriu um recipiente morangos—. Logo inunda-o no chocolate.

Joce seguiu suas instruções.

—Delicioso. Parece-me que já estou grávida.

Como Ramsey guardava silêncio, levantou os olhos.

—Perdoa, outra vez este meu senso de humor...

—Não, se eu gosto. É que não estou acostumado a que as mulheres bonitas saibam brincar.

—Não lhes faz falta. Basta-lhes ficando sentadas e ponto.

—O que quero dizer... —Ramsey sorriu—. Estou ficando como um idiota e é precisamente porque esta noite não quero colocar a pata.

Jocelyn se limpou o chocolate do queixo.

—Comigo não a está colocando. Né! Obrigado por me preparar o dormitório.

—O dormitório?

—Já sabe. Os lençóis, o sabão, todo isso. Teria que ter acontecido a noite em outra parte se não me tivesse preparado isso.

—Sinto muito, mas não fui eu. Certamente foi alguma das senhoras da igreja.

—Já que tiraste o tema, vi uma igreja quando chegava ao povo. Edi e eu íamos a missa todos os domingos.

—A igreja —disse Ramsey, como se nunca tivesse ouvido falar dela—. Se assistir a missa no domingo minha mãe encontrará tão perfeita que irá comprar nos as alianças.

—Tão mau seria?

—Brinca? Tenho trinta e dois anos e sigo sem filhos.

—O que tem que sua irmã e seus outros irmãos?

—Solo somos ela e eu, e minha mãe não está satisfeita com a prole do Viv. Também quer que eu tenha filhos.

Pelo modo em que a olhava, Jocelyn duvidava entre deitar-se em seus braços e pôr o de patinhas na rua.

—Uso o número doze de anel e quero um diamante rosa esculpe esmeralda de quatro quilates.

—Diz-lhe isso a minha mãe e sou homem morto —resmungou Ramsey.

—Sara costura vestidos de noiva? Se o fizer, tenho algumas ideias a respeito de como deve ser o meu.

Ramsey soltou uma gargalhada.

—Não, a sério. Parece-te que a mãe da Sara poderia conseguir as suficientes rosas brancas para encher a igreja?

—Já vale! —Ramsey seguia rendo-se—. A sério. É melhor que não falemos disto ou minha mãe conseguirá de algum jeito inteirar-se e se apresentará na porta. Se tivesse ideia de pelo que estou passando... —interrompeu-se—. O que me interessa é ouvir coisas a respeito de ti e a senhorita Edi.

—Fomos almoçar a gema —disse Jocelyn.

Dispunha-se a lhe contar a história de sua vida mas se conteve. Se o contava toda a primeira noite, do que fariam na seguinte entrevista? E esperava que houvesse uma segunda entrevista, porque Ramsey gostava.

—Está bem —disse este—. te Guarde por agora os segredos. Já lhe tirarei isso. —levantou-se do almofadão e se desperezou.

Sob a camisa lhe marcava a musculatura de peito e braços. Joce não era capaz de deixar de olhá-lo. Quando ele se deu conta de que o fazia, voltou a cabeça, envergonhada.

—Joga golfe? —perguntou-lhe Ramsey.

—A que?

—Ao golfe. Joga?

—Não.

—Ao tênis?

—Sinto muito. Tampouco ao tênis. antes de que me pergunte isso, tampouco nado muito bem e não sei jogar bridge. Os clubes não vão.

—Então, o que você gosta de fazer? Não, espera. Não me diga isso. Deixa que o adivinhe. Algo tem que fazer além de sonhar em suas bodas.

—Não muito.

Ramsey ficou a esfregar os pratos, sorrindo, e esta vez Joce lhe ajudou.

—Como imagina ao noivo?

—Loiro, de olhos azuis —disse ela sem duvidá-lo um instante.

Ramsey se pôs-se a rir.

—Me tenho merecido isso. —Pôs os pratos na mesa grande da cozinha e olhou a seu redor—. vais ter que reformá-la.

Penduravam do teto três lâmpadas nuas e a luz deslumbrava, lhe dando a todo um ar fantasmagórico.

—Como pode sugerir sequer que reforme esta cozinha? —exclamou com fingido horror.

—Que tal uma ilha com encimera de mármore em lugar desta mesa? —perguntou-lhe, olhando-a—. E uma pia nova, é óbvio.

Joce olhou a pia e sentiu remorsos pela idéia de trocá-lo. Era grande, com dois enormes seios, um zócalo alto de porcelana na parte posterior e um escorredor a cada lado.

—Tenta averiguar se sei cozinhar? —Sem lhe dar tempo a responder, acrescentou—: Não sei. Edi teve uma senhora trabalhando para ela durante vinte anos que preparava uns pratos deliciosos. Em casa de meus pais, em troca, bom... quanto menos fale disso, melhor. Mas sei fazer confeitaria.

—Confeitaria?

—Foi um projeto da escola. Edi me deixou usar sua cozinha. Inclusive usei uma manga pastelera.

—Bem! —disse ele, embora não parecia muito convencido.

ficaram calados e Jocelyn dissimulou um bocejo. Tinha sido um dia muito comprido.

—Será melhor que vá —sugeriu Ramsey—. Se faz tarde. Posso te recolher amanhã para ir à igreja?

—Se você e eu chegamos à igreja juntos emparelharão de por vida. — Era uma brincadeira, mas ele não sorriu.

—Coisas piores há.

—Sim, é certo. —Evitou olhá-lo aos olhos—. Que tal se nos encontrarmos ali? Às dez, de acordo?

—Se te saltar a catequese, coisa que eu estou acostumado a fazer, sim.

—Você gosta de te levantar tarde?

—Trabalho até tarde. Ainda ficam três horas de papelada esta noite.

—Sério?

—Sim.

—Posso te ajudar?

Ele pareceu desconcertado, como se não soubesse se ela seguia brincando.

—Obrigado, mas não. Temos um importante caso de divórcio entre mãos e estou tentando encontrar um dinheiro que se perdeu. Como pode um homem permitir-se pagar à vista uma casa de três milhões de dólares se solo ganhar sessenta dos grandes ao ano? Ao menos, isso é o que quer saber sua mulher.

—Não sou boa em assuntos monetários, mas posso... realizei muito trabalho de investigação, assim se alguma vez necessita ajuda nisso, diga-me isso

—Déjalo así todo y yo ya lo recogeré mañana. Tienes que irte a trabajar y avanzar todo lo que puedas para poder ir a la iglesia mañana.

—Ou confeitaria —disse Ramsey, sorrindo—. Não esqueçamos a confeitaria.

—Nunca a esquecimento —disse Joce, com um sorriso forçado.

Ramsey foi agarrar um prato para guardá-lo, mas não lhe deixou.

—Deixa-o assim tudo e eu já o recolherei amanhã. Tem que ir a trabalhar e avançar tudo o que possa para poder ir à igreja amanhã.

—Obrigado. —Parecia não saber que mais dizer—. Então, veremo-nos na igreja?

—Se consegue te levantar.

Ramsey foi para a porta e ela o seguiu. Abriu-a e ficou quieto. Por um momento, Joce acreditou que a beijaria, mas saiu ao alpendre.

—Obrigado por tudo. Me gostou de muito —lhe disse.

—Sim. —Ramsey baixou os degraus—. A mim também.

Jocelyn fechou a porta e se apoiou nela. Que demônios lhe passava? Tinha uma entrevista romântica com o homem ideal, o homem que segundo Edi seria o amor de sua vida, e conseguia danificá-la. Não sabia como, mas a tinha quebrado. Certamente suas brincadeiras desgracioso sobre o matrimônio não tinham contribuído a seu êxito. O surpreendente era que não tivesse saído correndo. O que lhe havia dito por telefone? Que a última vez que uma mulher lhe tinha falado de matrimônio tinham tido que chamar uma ambulância.

Consultou o relógio. As nove e meia. Apesar do cedo que era estava bocejando. Ao melhor o problema era que estava esgotada. Conhecer gente nova, uma casa e ter uma entrevista em um só dia era muito para qualquer.

Deixou os pratos na mesa, apagou as espantosas luzes da cozinha e foi para as escadas para ir-se à cama. Quando passava por diante da porta traseira ouviu um estalo. O coração lhe subiu à garganta. Havia alguém na porta! Alguém tentava entrar!

Onde tinha o móvel? Vamos. Ou estava na planta baixa? Não conseguia lembrar-se. Tinham conectado a linha Telefónica? Com o agitação não tinha comprovado se havia telefone.

Alguém empurrou a porta e ela se pegou à parede, com o coração desbocado. Agachando-se, passou por debaixo da janela até a porta, para que o intruso não a visse. Se conseguia chegar à porta principal antes que ele, escaparia.

Viu uma sombra e logo uma silhueta à luz da lua. Era um homem alto de cabelo escuro. Era...

Endireitou-se. Era Ramsey. Certamente tinha esquecido algo. Agarrou o pomo da porta e a abriu de repente.

Era Luke.

—O que faz?

Pareceu mais surpreso de vê-la que ela de vê-lo ele.

—Comprovo as portas —disse—. pensei que não te lembraria das fechar com chave, assim...

—Sara deixa a porta aberta. Tenho suposto que este povo era um desses nos que ninguém fecha as portas.

—Não te faça ilusões. —Retrocedeu um passo—. Olhe... sinto muito. Todas as luzes estavam apagadas e pensei que te tinha deitado.

—Estava observando a casa?

—Isso. É meu trabalho, recorda? Não lhe falaram que mim? Ou segue zangada pelo da mostarda?

Joce abandonou sua atitude hostil.

—Não, já sei que foi um acidente. Quer passar e tomar uma taça de chá?

—Contigo e com o Ramsey?

—Como se não soubesse o que faz dez minutos que se foi.

Com um sorriso torcido, entrou. A colcha e os candelabros seguiam no chão, assim como a ollita de chocolate e umas quantas morangos.

—Jogaste-lhe?

—Não, não lhe joguei. Tinha que ir-se casa a trabalhar.

Luke se inclinou, colocou o dedo no chocolate e o chupou.

—Lógico. Suponho que por isso foi a casa do Tess depois de te deixar.

Joce se deteve e o olhou. Luke, com a panela nas mãos, passava um morango pelo fundo.

—Fez o que?

—ir ver sua secretária. Ao Tess. Vive na porta do lado. Ela dirige sua vida.

—Já me hão isso dito. Mas... segue aí?

—Claro. —Olhou-a aos olhos—. Quem te falou que o Tess? Rans não, certamente.

—A que te refere? —Foi para a cozinha—. Vamos —disse por cima do ombro—, e traz isso se quiser.

—Obrigado. —Seguiu-a, com o cabo da panela elétrica arrastando pelo chão acostumado a—. Acredito que ao melhor manhã você e eu poderíamos falar do que quer fazer com o jardim.

—Não tenho nem idéia de jardinagem. —la abrindo as portas das despensas, procurando uma bule ou bolsitas de chá ou algo.

—Isto do chá é um problema para ti. De verdade que não quero te incomodar. Comerei algo de caminho a casa. Há uns quantos restaurantes de comida rápida nos subúrbios do Williamsburg, afastados da auto-estrada. Não ficam longe daqui. A um par de horas como muito.

Joce não pôde evitar rir.

—Vale, lhe sente-se disse, e ele obedeceu. Agarrou a marmita com a massa que tinha demasiado da velha geladeira e a meteu em um arcaico microondas.

—por que crie que Rans não me há dito nada de sua secretária? — Tentava aparentar que não lhe importava, e o tinha chamado por seu apodo para dar a impressão de que tinha uma relação mais íntima com ele.

—Suponho que não conhecesse ainda ao Tess —disse Luke, levantando-se e indo para as despensas. estirou-se para agarrar um prato e logo tirou faca e garfo de uma gaveta.

Jocelyn não tinha cuidadoso dentro dos armários, assim não sabia onde estavam as coisas.

—Não, não a vi, mas me falaram que ela.

—foi Sara? Contou-te o do vestido vermelho?

—Que demônios passa com essa mulher e seu vestido? —perguntou-lhe ela, abrindo o microondas.

—Está segura de que quer ouvi-lo?

—Já sou mayorcita. Acredito que o suportarei. O que aconteceu a secretária e o vestido?

Luke agarrou de suas mãos o recipiente de massa, verteu o conteúdo no prato e deixou este na mesa.

—Quer um pouco?

—Não, obrigado. Acabo de jantar. Com o Ramsey, recorda?

—Ah, sim. passastes tão pouco tempo juntos que quase me tinha esquecido de sua entrevista. Porque era uma entrevista, não?

Joce não se tomou a moléstia de lhe responder. serve-se vinho em um copo e tomou um sorvo.

—Perdão mas não fica mais —se desculpou. Entretanto, Luke deduziu pelo tom que não o lamentava absolutamente.

por que a punha aquele homem de um humor tão péssimo? devia-se seu estado de ânimo a que Ramsey lhe tinha feito acreditar que foram pelo bom caminho e logo se foi à casa do lado com outra mulher?

Luke se levantou, abriu a geladeira e tirou uma cerveja.

—Realmente se sente como em sua casa aqui.

—Passo muito tempo aqui, assim será melhor que te acostume para mim. —Provou a massa—. Está bastante boa. Preparou-a Rans? Sempre foi bom cozinheiro. Inclusive prepara bolos de lombriga. Deveria lhe pedir que lhe conte isso.

—Antes ou depois de que você me fale do vestido vermelho?

—Ah, isso! —disse Luke com a boca enche—. Tess não se toma bem que lhe dêem ordens. Faz seu trabalho como cria conveniente e ponto. Nada mais é de sua incumbência.

—Não nos passa isso a todos? —perguntou-lhe Joce, sentando-se em uma cadeira, ao outro lado da mesa, frente a ele.

—Não até tal ponto. Mas Rans sempre foi manhoso, como dizemos por aqui.

—Entendo —disse Jocelyn com um sorriso forçado—. Sabe cozinhar e é manhoso. Que mais vais dizer me? Que antes era uma mulher?

—Não que eu saiba —disse Luke com cara de inocente—. Te há dito que quer sê-lo? ouvi que há clínicas realmente boas para a mudança de sexo, mas arrumado a que o velho Rans conhece um montão.

Ao Joce lhe escapou a risada.

—É horrível. Venha, me conte a história.

Luke comeu um par de bocados antes de começar.

—Em realidade foi tão singelo como isto: Rans disse ao Tess que não gostava como ia vestida.

—E ela não se tirou o que levava, a que não?

—Isso fazem as secretárias das escrivatinhas de advogados da Florida? Se for assim, estou no estado equivocado.

Joce esgotou os olhos.

—Não... Não se tirou nada. Foi justo depois de que começasse a trabalhar no MAW. É o despa...

—Já sei o que é. Segue.

—Pois sim que te inteiraste que muitas coisas. Bom, a questão é que Tess só levava ali seis semanas, mas já tinha endireitado o despacho. Tinha despedido de duas secretárias e conseguido que as duas que ficavam trabalhassem a sério. Foi uma revelação para minha primo Rans. Uma mulher que merecia o salário que lhe pagavam.

—Sabe que falas assim dele?

—O que te há dito de mim?

—Alegra-me dizer que não falamos que ti em toda a noite.

—Em uma hora e meia. —Luke fez uma floritura no ar com o garfo—. Me parece, tecnicamente falando, que isso não é uma noite inteira. Não é mais que uma hora e meia. Uma entrevista bastante curta, verdade? Se eu sair com uma garota...

—Já sei. Faz o amor em cima dos nachos azuis. Segue me contando a história do Ramsey.

—Fazer o amor sobre um leito de nachos. Pois é algo que não provei alguma vez. Provaste-o você?

—O que eu tenha provado não é de sua incumbência. O que fez Ramsey?

—Não fez nada. Fala muito mas na hora de atuar... Vale, deixa de me olhar assim. De todos os modos, todos os homens do despacho estavam contentes

com o Tess, em todos os aspectos. Quero dizer... É inteligente e chamativa. Há-te dito quem te tenha falado dela que tira de costas?

—Não —repôs Joce, simples e sinceramente.

—Está muito bom. Às vezes, quando caminha pela grama, tenho que apagar a colhedora e me sentar a olhá-la. Seja como for, Rans não estava contente com o que tinha. Como é habitual nele, queria mais. Sempre quer mais. Chamou-a a seu escritório para uma «avaliação» e lhe disse que fazia um trabalho excelente, mas que não estava de tudo satisfeito com seu modo de vestir. Não gostava dos jeans nem as camisetas e detestava as botas jeamas. Disse-lhe que queria que começasse a ir vestido a trabalhar, que se tinha acabado o de levar calças.

Jocelyn se apoiou no respaldo, com uns olhos como pratos.

—Que diabos fez ela?

—Ficar um vestido. Fica mais pão de alho?

Jocelyn se levantou e lhe alcançou a cesta.

—Sara me há dito que era muito curto e você me há dito que vermelho. Assim, como era o vestido?

—Esse dia eu não estava no povo, assim não cheguei a vê-lo, mas... Um momento. —Se arrellanó na cadeira e tirou o telefone móvel de uma fundita que levava no quadril—. O levo sempre em cima porque sou bombeiro voluntário. —Pulsou uns quantos botões—. Ah, aqui está. Esta me enviou isso minha primo Kent. É a «W» do MAW.

Jocelyn agarrou o telefone para ver a foto. Era de uma mulher com um vestido vermelho diminuto, mais curto que os mais curtos das Astras, com os lados abertos até a cintura. Tinha a cara volta, assim não lhe via, mas seu cabelo comprido castanho avermelhado lhe caía em grossos cachos de cabelo pelas costas. Além disso, tinha um corpo magnífico.

—Já vejo —disse Joce, lhe devolvendo o móvel.

—Sim, isso disseram todos esse dia: «Já vejo.» O pior foi que Rans recebeu a visita de alguns empilhados do Williamsburg que viram o Tess dessa guisa. Ken diz que tomaram bastante bem. ficaram com a boca aberta e Tess lhes disse que ao Ramsey não gostava de seu modo habitual de vestir, que lhe havia dito que ficasse um vestido e isso tinha feito ela. depois daquilo Rans foi o branco de muitas brincadeiras.

—E suponho que Tess leva o que lhe dá a vontade.

—Tess faz o que quer e ninguém lhe sugere sequer que faça outra coisa.

—Por isso Ramsey foi a vê-la depois de me deixar.

—É o que está acostumado a fazer —disse Luke. Sustentou em alto o cabo da ollita do chocolate—. Te importaria conectar isto?

Ela procurou uma tomada elétrica e, ao não encontrar nenhuma, tirou um prolongador de uma gaveta e o conectou no casquilho da lâmpada do teto. O cabo ficava feio, mas servia.

—Quer? —perguntou-lhe Luke inundando um morango no chocolate.

Joce negou com a cabeça. perguntava-se o que estaria fazendo Ramsey na porta do lado.

—Está pensando no velho Rans?

Como ela não respondia, seguiu lhe fazendo perguntas.

—Que relação há entre você e minha primo? É uma dessas que bebem os ventos por ele? Planeja ser a senhora McDowell para fim de ano?

—Não. Não «bebo os ventos» por ele. Que expressão tão antiquada! Já te terminaste esses morangos? É tarde e eu gostaria de me deitar. Amanhã tenho que ir a missa.

—Recolherá-te Rans?

De repente, ao Jocelyn começou a lhe desgostar aquela conversação. Não queria entrar na igreja ao dia seguinte e que houvesse gente olhando-a como se soubesse que a tinham visitado dois homens em uma só noite. Mais importante ainda, não queria ver-se envolta no que fora que se traziam entre aqueles mãos duas primos. Era evidente que pelo único que interessava ela ao Luke era pelas cuidados que Ramsey lhe dispensava.

—Sabe? Acredito que já te hei dito mais que suficiente a respeito de minha vida privada. Parece-me que, se for seguir trabalhando aqui, você e eu deveríamos deixar claras algumas costure. de agora em diante eu mesma fecharei os fechos de casa, assim não vais ter que rondar por aqui às tantas da noite.

—São as tantas para ti?

Joce ignorou sua pergunta.

—Segundo, eu gostaria que não colocasse os narizes em minha vida. Isto é um povo pequeno e se você e eu começamos... —Fez um gesto com a mão abrangendo a cozinha quase às escuras e a eles dois—. Simplesmente, acredito que não é conveniente que isto volte a dar-se.

—Claro. —Luke se levantou—. Perdoa que te tenha incomodado.

Jocelyn não tinha pretendido ser tão seca, e certamente não queria ganhá-la antipatia de alguém que trabalhava para ela, de alguém a quem veria diariamente; mas pensava que era melhor não dar pé a falatórios.

Seguiu-o até a porta traseira, disposta a fechar o fecho assim que partisse. Ele se deteve na soleira.

—me diga, senhorita Minton —lhe disse muito formal—. teve uma entrevista com minha primo esta noite, mas me pergunto o que diria se eu lhe pedisse que saísse comigo.

Joce retrocedeu um passo.

—Luke, parece um homem agradável, e pelo pouco que vi do jardim trabalha bem, mas não acredito que você e eu... Bom, quero dizer... Não somos...

—Entendo. —apartou-se a franja e lhe fez uma antiquada inclinação de cabeça—. boa noite, senhorita Minton. —Baixou os degraus e desapareceu na escuridão.

Jocelyn fechou a porta, correu o fecho e se apoiou nela. «Miúdo dia!», pensou. Muitas coisas e muito precipitadas.

Subiu a sua habitação e voltou a sorrir quando viu a cama feita. Ao dia seguinte, na igreja, teria que inteirar-se da quem devia aquele gesto de bem-vinda para agradecer-lhe Luke, por su parte, había mentido acerca de lo de comprobar si había cerrado las puertas para poder entrar en su casa en plena noche, y luego se había zampado la comida que Ramsey había preparado.

Intento conter-se mas não pôde. Olhou pela janela para o caminho de entrada. O carro do Ramsey seguia ali, assim ainda estava com o Tess. Com a espantosa Tess.

Lavou-se a cara, aplicou-se nata, ficou a camisola e se meteu na cama. Seu primeiro pensamento foi para o Luke. Não era tão inocente como para não saber que tudo o que tinha feito aquela noite formava parte de uma dessas competições entre homens pelas mulheres. Luke a tinha feito sentir-se como uma fêmea de cervo com dois veado em zelo brigando por ela. Atando cabos, dava-se conta de que Ramsey e Luke levavam competindo por tudo toda a vida.

Agora ela era o novo troféu. Nuevecita no povo, não conhecia nada nem a ninguém e era a proprietária da «grande casa». Sim senhor!, era o prêmio gordo.

Sabia que Luke participava da luta; a questão era se Ramsey também. Dos dois, Ramsey era o que mais gostava. tomou-se muitas moléstias para lhe preparar o jantar e criar um rincão romântico naquela inóspita e solitária casa.

Luke, por sua parte, tinha mentido a respeito do de comprovar se tinha fechado as portas para poder entrar em sua casa em plena noite, e logo se escondeu a comida que Ramsey tinha preparado.

Por isso ela sabia, Ramsey era dos que dão e Luke dos que tomam.

Quando já se estava ficando dormida, pensou no que Luke havia dito ao partir. Não lhe tinha pedido a sério que saíssem. Imaginava na barra de um bar, rendo com suas cinquenta primos a respeito de como lhe tinha surrupiado a garota ao Ramsey. «O velho Rans nem sequer o viu vir —lhe parecia lhe ouvir dizer—. Me lancei e a roubei diante dos narizes.»

Aquela idéia lhe resultou tão perturbadora que golpeou o travesseiro e ficou olhando fixamente ao teto. Se Ramsey «ganhava», comportaria-se exatamente da mesma maneira em um coquetel? Imaginava no clube de campo, levantando o copo de uísque de malte e dizendo a um grupito de homens: «E assim foi como ganhei novamente a minha primo.»

Quando ouviu o carro do Ramsey arrancar e afastar-se, disse-se: «Hei aí outro problema.» Não gostava que aquela Tess tivesse um trato tão íntimo com o Ramsey. Essa noite, quando Luke lhe tinha ensinado a foto da garota, havia-se posto ciumenta. Ciumenta! Que absurdo! Ciumenta de quem? De um homem ao que acabava de conhecer? De um homem que podia havê-la estado utilizando ou não em alguma estúpida competição com sua primo?

Quando o carro se foi, Joce notou que se relaxava... e isso lhe deu ainda mais raiva. Estava tensa porque um homem ao que acabava de conhecer estava no apartamento de outra?

«Vale, Jocelyn —se disse—. Necessita vida própria. antes de pensar sequer em um homem, precisa ter sua própria vida.»

A habitação estava tranqüila e acabou por dormir.

Capítulo 5

—coloquei a pata —disse Ramsey assim que Tess lhe abriu a porta—. Me Mato por lhe dar boa impressão e o danifico. Ela brincava e eu me fiquei ali olhando-a como um pasmarote, como se não a entendesse.

—Cobrareis-te por isso —disse Tess—. Como horas extra.

—Dá-me igual. —sentou-se na poltrona da sala de estar—. Veio, fresa recubiertas de chocolate. Preparei-o tudo porque queria de verdade que acreditasse... Não sei o que esperava conseguir, mas não o obtive.

—Querias que acreditasse que, apesar de viver em um povo minúsculo, é um homem de mundo. Assim que quem te conseguiu todo isso?

—Minha mãe e Viv. —Levantou o olhar para ela—. por que crie que não fui eu?

—Porque logo que sabe comer como é devido. Preparou-lhe a massa de sempre?

—Claro. O que outra coisa ia preparar lhe? É o único que sei cozinhar...

—Voltou a olhá-la-se pode saber que demônios leva?

—Ponho-me isso para dormir —disse Tess, olhando a camisola de seda branca com a bata de encaixe a jogo.

—Bom, pois vístete.

—Se isto puser e é muito para ti, sugiro-te que não te presentes em minha casa em plena noite nunca mais.

—Cobrarás-me horas extra por me pôr? —perguntou-lhe Ramsey asperamente.

—Não, mas não me dê idéias.

—Tem algo de beber?

—Muitas coisas, mas não tomará nenhuma. Tem que conduzir até sua casa, não o esqueça. Além disso, espero companhia.

—De quem?

—De tua primo.

—Como é Luke, eu...

—O que? vais proibir me lhe ver? Luke é mais bonito que você e não está jogando barriga de estar todo o dia sentado em um despacho. Começa a me parecer mais preparado que você.

Ramsey olhava o chão.

—Te case com ele. Oxalá o fizesse. —Calou um instante antes de acrescentar—. Essa mulher eu gosto.

—Qual? —Tess se sentou frente a ele. Tinha um uísque na mão e lhe deu um sorbito sem deixar de olhá-lo.

—Já sabe qual. Jocelyn. Protegida-a da senhorita Edi.

—Ah, essa! É ela ou é seu casa o que você gosta? Aos do Williamsburg seguro que gostariam que vivesse em uma casa própria de um Pai Fundador. Inclusive pode que lhe dessem mais trabalho. Isso te reportaria mais ganhos.

—Às vezes é muito graciosa. Ja, ja. Parto-me de risada. —levantou-se e se aproximou da vitrine do fundo—. Silêncio, solo vou tomar um pouco de tônica. Tem gelo?

—Já sabe onde está a cozinha.

—Certamente sabe como conseguir que um homem se sinta bem recebido.

—Se o convidar, sim... —gritou-lhe enquanto ele se metia na cozinha.

Ao cabo de um momento reapareceu com uma terrina cheia de gelo.

—Detesto sua cozinha. É pior que a da Sara. Pior que a do Joce.

—Então me reforma isso apartou-se o cabelo da cara.

—E? Anoto-o em conceito de gastos? Ao melhor se fosse meu amante...

—Olhou-a por cima do copo. Nunca a tinha visto em camisola. Estava mais bonita do habitual... se isso era possível.

—Se me olhar assim te jogo. Pensando-o bem, por que não vai a casa de uma vez?

Ramsey voltou a sentar-se, com o olhar perdido.

—Conheço-a.

—O que?

—Conheço-a, ao Jocelyn. Nunca o hei dito a ninguém mas o avô estava acostumado a me deixar ler as cartas que intercambiavam ele e a senhorita Edi.

—Trata-se de um desses segredos ou disputas familiares ou alguma dessas tolices sulinas relacionadas com sua mãe e todos outros?

—Minha mãe era do Oregón. E não, não houve nenhuma disputa familiar na geração de meus pais. O que seja que ocorresse foi em tempos de meus avós. como sempre, mesclas as coisas no que se refere a este povo.

—Te vou cobrar uma hora mais por esse comentário. me diga que problema tem e não esqueça que o relógio corre. Leíste umas quantas cartas. Que mais?

—A senhorita Edi era uma apaixonada do gênero epistolar. Acredito que se blefava com gente de todo o mundo. Uma dessas pessoas era meu avô. Ele a visitou várias vezes e me parece que minha avó estava um pouco ciumenta. Dizia que punha qualquer desculpa para voar a Florida e passar uns dias com o Edi.

—E? —apressou-lhe Tess—. me Poderia contar isso rápido? Já te hei dito que tenho uma entrevista.

—São as dez da noite, tudo está fechado e, além disso, vai em camisola. Para que fica...? —ficou mudo—. Ah!

—Sabe? Parece-me que deveria te sentar com sua irmã para que te dê um bate-papo a respeito de como se fabricam os bebês. Ou ao menos a respeito do que a gente pratica para fabricá-los.

—Intento te dizer algo que para mim é importante, algo que não lhe contei jamais a ninguém... e te burla?

—Pedi-te eu que viesse esta noite a me contar com cabelos e sinais sua desastrosa entrevista com essa finório?

—Conhece-a?

—Não, mas a vi, e Luke me falou que ela.

—É a ele a quem esperas?

—Estou esperando à equipe de futebol do instituto.

—Sabe uma coisa, Tess? um pouco da educação do Jocelyn não te viria mau.

—Se fosse educada como ela não te teria deixado entrar esta noite para que me desse a tabarra com sua nova noiva.

—Aí está! Não é minha noiva e, se não me montar isso melhor que esta noite, nunca o será.

Tess voltou a encher o copo e se sentou novamente frente a ele.

—Já vejo que não me liberarei de ti até que tenha chorado o bastante no copo e desembuchado.

—Que boa idéia! Tem uma cerveja?

—Luke guarda um pacote de seis em minha geladeira.

Ramsey levantou os braços, frustrado, logo se levantou e foi à cozinha. Como não retornava à sala de estar, Tess foi a seu encontro.

—O que quer de minha geladeira? Não há nada para comer.

—Tem ovos.

—Porque Sara me trouxe isso. Têm a casca azul —acrescentou dúbia.

—São de ameraucana.

—Do que?

—As ameraucanas são a raça de galinhas que cria a família da Sara.

Põem ovos azuis e verdes —lhe explicou pacientemente Ramsey, tirando o cartão de ovos da geladeira e um pacote de manteiga da mesma marca que o pão de molde: Shaw Farms—. Estou morto de fome. Quer torrado e ovos mexidos?

—Não era essa massa quão único sabia cozinhar?

—Saber fazer ovos mexidos não é saber cozinhar.

Ramsey a olhou enquanto tirava uma frigideira de uma despensa. Os Natais anteriores lhe tinha comprado uma bateria inteira, com suas panelas e suas frigideiras. Um mês antes, como ainda não a tinha desembalado, tirou-a de seu pacote, lavou as peças e as guardou. Os outro do escritório davam de presente ao Tess costure de considerável valor em agradecimento por tudo o que fazia por eles, mas Ramsey lhe comprava as que sabia que lhe faziam falta. Mas claro, ele era o único que tinha estado em seu apartamento e visto do que carecia. Quase todos seus presentes tinham sido para a cozinha: facas, pratos, copos e pequenos eletrodomésticos. Segundo Luke, Ramsey o usava como desculpa para ir ao apartamento do Tess, mas não era certo. Queria que estivesse cômoda e, além disso, queria que ficasse no Edilean, por pequeno que fora o povo. Da chegada da jovem sua vida ia como uma seda, e o melhor era que tinha uma amiga com a que falar. Uma verdadeira amiga, não alguém da família. Se algo terei que reconhecer era que, ouvisse o que ouvisse, Tess mantinha a boca fechada. Podia lhe contar suas intimidades sabendo que jamais as revelaria a ninguém.

—E bem? Quer ovos ou não?

—Desfarei-me antes de ti se como um pouco?

—Sim —lhe assegurou Ramsey com um sorriso torcido—. O que pensará seu galã quando chegar e me encontre aqui?

—Que quer que faça algo do trabalho —disse sentando-se a mesita encostada à parede.

—Vale, pois não me diga isso. —Partiu os ovos em uma terrina, bateu-os com um garfo e os jogou na frigideira quente.

—Terá que reconhecer que tem um ego inquebrável. Diga-te o que te diga, segue acreditando que quero estar contigo.

—Tess... Você goste ou não, somos amigos. —Procurou uma colher de madeira em uma gaveta—. Lhe fazem falta uns agarradores e uns quantos trapos de cozinha. Comprarei-lhe isso no Williams-Sonoma.

Tess cabeceou.

—Quem te crie que sou? Sua tia solteirona, da que tem que te ocupar? Quer fazer o favor de me contar o que seja quer me contar e logo partir ?Tenho...

—Sim, já sei, uma entrevista com alguém misterioso que ainda não apareceu apesar de que são mais das dez. —Repartiu os ovos mexidos em dois pratos e lhe pôs um diante—. Come —lhe ordenou que—. Diria que está emagrecendo.

—Com o sexo se queimam um montão de calorias. Falando do qual, suponho que não o terá feito com sua pequena Alicia.

—Alicia?

—Luke diz que se veste como a menina da Alicia no País das Maravilhas.

—Quando lhe viu?

—Faz um par de horas. Ciumento?

Ramsey soprou.

—Do Luke? Brinca? Em qualquer caso, como ia dizendo, meu avô me deixou ler as cartas da senhorita Edi quando era um pirralho. Escrevia muitas coisas sobre essa menina chamada Jocelyn Minton a que estava virtualmente criando.

—Deixa que o adivinhe: apaixonou-te por ela pelas cartas e agora quer que seja sua mulher e viver felizes e comer perdizes. Bem! Agora que já está tudo dito, pode ir.

—Te termine os ovos. —Ramsey se levantou—. Não sei por que tem que ser tão cínica contudo.

—Talvez é porque me passado o santo dia entre advogados. acabei vendo o mundo como um pleito inacabável.

—A meu modo de ver, ajudo às pessoas.

—Já, igual a fez com o divórcio dos Berner? Os dois sabemos que esse homem escondeu seus ganhos para evitar que sua mulher o deixasse sem branca. Comprou-lhe essa grande casa que não podia permitir-se solo para agradá-la e ela não parou de lhe dar a lata. Se tivesse um pinga de consciência diria a ela que não conseguirá nada e que tem que ganhá-la vida. Mas não, graças a sua astúcia vai ficar com tudo e lhe ficarão as dívidas. Quando conseguir refazer-se já será um setentón.

—Ao melhor não é um bom exemplo do modo em que ajudo às pessoas.

—E o que o é?

—O que me diz da senhorita Edi?

—Uma velha rica que pagava uma fortuna a sua escrivainha. É um herói, sim! Está aqui para me pedir que te ajude a intimar com a nova proprietária da casa? Para que? Para te casar com ela? Para ter uma tórrida aventura?

—A que se deve sua hostilidade para ela?

Tess apartou o prato vazio.

—Não sei, talvez é porque dois... não um a não ser dois homens vieram hoje a ver-me e não pararam que falar dela. Qual é seu segredo? Vi-a e não é

precisamente um bellezón. Não ouvi tampouco que seja brilhante, assim, o que tem que tanto vos cativa?

Ramsey a estava olhando com a boca aberta.

—Está ciumenta do Jocelyn, verdade que sim?

Tess se levantou.

—Acabou-se. Quero que vá. Para sua informação, não estou ciumenta nem dela nem de ninguém. Se lhes quisesse a ti ou ao Luke poderia lhes ter.

Ramsey soprou.

—Conheço-te muito bem para me pôr romântico contigo. Este é seu problema? Que um homem chega às tantas e não fica prendado por sua beleza?

—Tem uma mente doentia, sabia? —Foi com grande rapidez até a porta e a abriu—. Vete a casa. Já.

—Está bem. Sinto muito. Pensava que ia passar uma noite estupenda com o Jocelyn, mas...

—Mas o que? —perguntou-lhe impaciente, enquanto sustentava a porta.

—Ficamos sem tema de conversação.

Aquilo fez que a raiva do Tess se esfumasse. Se de algo era capaz Ramsey McDowell era de conversar. Não pôde evitar sorrir.

—Perguntaste-lhe o que planejava fazer agora que é uma forasteira em um povo no que todo mundo não só se conhece mas sim está aparentado? Suas primos tiveram que casar-se fora daqui ou teriam engendrado idiotas. Perguntaste-lhe a respeito de seus planos de futuro?

—Não. Eu não me exponho isso assim. Edilean é meu lar, assim... —Levantou a cabeça—. Gosta de preparar confeitaria.

—Confeitaria. Em sua primeira entrevista com ela sozinho te inteiraste que isso, de que gosta de preparar confeitaria?

—Não sou um completo imbecil. falamos que outras coisas.

—Do que?

—Para que saiba, falamos que matrimônio.

Tess fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

—Não entendo como pôde aprovar a carreira de advogado. Tem a cabeça oca.

Ramsey estava na porta e Tess se dava conta de que o apartamento lhe estava enchendo de mosquitos, mas também sabia que se não lhe dava um conselho não se iria.

—Cria uma necessidade imperiosa de confeitaria.

—Que demônios...?

—Subida algo para o que faça falta confeitaria imediatamente e que solo ela possa prepará-la.

—Como vai ser a confeitaria uma necessidade imperiosa?

—Não sei. Fala com sua irmã. Os meninos e os pastelitos vão da mão. Que Viv se ocupe disso. E, de agora em diante, o conte a quem é menos a mim seus problemas amorosos. Entendido?

—Pode que sim.

Tess viu que lhe tinha dado algo sobre o que pensar, assim que o empurrou para fora e fechou a porta.

«Um sábado de noite. Isto é uma noite de sábado em um pueblecito», pensou. Enquanto fingia esperar a um homem que se atrasava, tinha que tratar com um chefe apaixonado que não sabia o que lhe dizer a sua nova noiva.

—Que demônios espera que faça? —resmungou—. Agarrar o da mão, escutá-lo e logo aconselhá-lo a respeito de como conquistá-la?

Como ia fazer o? Não tinha nem idéia de como era essa tal Jocelyn Minton. Sabia que a Sara gostava e que Luke estava fascinado por ela, mas isso era tudo.

O certo era que, por isso Tess sabia dela, aquela mulher não gostava. Ao melhor Ramsey tinha razão ao dizer que estava ciumenta. Mas não estava ciumenta pelo motivo que ele acreditava. Tess tinha lido os documentos legais no despacho do Ramsey e sabia que ao Jocelyn o tinham dado tudo. Sendo menina a tinha apadrinhado uma rica anciã que ao morrer tinha deixado quanto tinha. Aquilo parecia uma história de Dickens.

Se estava ciumenta era porque Jocelyn tinha recebido muito enquanto que ela não tinha recebido nada. ficou-se órfã de pequena e a tinha criado uma avó para a que o ódio formava parte da pirâmide alimentara e insistia em lhe servir uma ração diária. «Arruinaram-me a vida —estava acostumada dizer a avó—. Edilean Harcourt e todos outros me privaram dela. Poderia ter feito algo, sido alguém, mas este povo acabou com tudo o que tinha. Desde não ter sido pelo que me fizeram, agora você e eu seríamos ricas. Viveríamos rodeadas de luxos. Os McDowell e os Harcourt. Eles me roubaram isso tudo.»

Tess sacudiu a cabeça para não ouvir a raiva da velha. Estava-lhe devolvendo tudo que tinha recebido dela, lhe proporcionando comida, roupa e alojamento, assim por que seguia acoassando-a mentalmente aquela voz dela?

Colocou os pratos na máquina de lavar pratos, apagou a luz do teto e se foi a sua habitação. tirou-se a bata e a camisola de seda branca, cujos encaixes lhe picavam, e ficou a camiseta folgada que estava acostumado a levar para dormir. pôs-se a camisola e a bata quando tinha visto chegar ao Ramsey em carro. Pelo que Luke lhe tinha contado tinha deduzido que Jocelyn e Ramsey não se levariam bem.

Enquanto Ramsey jantava com a nova proprietária, Luke tinha ido ver a outra vez. «Nunca lhe sai nada bem quando fica nervoso», havia-lhe dito, apoiando as largas pernas na mesita e tomando um gole da garrafa de cerveja.

Luke nunca lhe tinha feito presentes práticos como Ramsey. De fato, nunca lhe tinha agradável nada. Tess tinha a sensação de que quando Luke Connor dava de presente a uma mulher algo mais que isso margarida significava muito.

Quando se teve ido, Tess se perguntou se tinha ido avisar a de que provavelmente a entrevista do Ramsey seria um fracasso e de que em tal caso os dois sabiam que este se passaria depois por seu apartamento. A decepção unida à proximidade do Tess seria mais do que Ramsey poderia resistir.

Assim que se preparou a seu modo para a chegada do Ramsey ficando aquele conjunto que lhe havia flanco uma semana de salário e maquiando-se um pouco.

Ainda não sabia por que o tinha feito. Tinha sido porque, antes da chegada do Jocelyn, era dela de quem todo mundo falava no povo?

Tess tinha fingido não saber como tinha arrumado o do jantar, mas o certo era que três mulheres lhe tinham contado com tudo detalhe o que Ramsey estava fazendo. «Sua mãe me pediu emprestada a colcha.» «Viv me pediu emprestados os melhores candelabros que tenho, já sabe, os que me deixou minha mãe.»

Quando chegou na sábado sabia exatamente quais eram os planos do Ramsey para essa noite. E tudo para uma mulher a que nunca tinha visto.

Aquela tarde Tess tinha estado no jardim traseiro, contemplando-o com pesar porque não ia ser mais solo dele, da Sara e do Luke. Eles três formavam um bom grupo porque nenhum se metia na vida dos outros. Sabiam como proteger a intimidade de outros. E aquilo se tinha acabado porque a nova proprietária ia apoderar do jardim e da casa e tudo seria distinto.

Quando Tess voltava para a casa a tinha visto pela primeira vez caminhado pela erva para o apartamento da Sara, com o mesa de costura. Que Sara lhe tivesse crédulo a aquela sua mulher prezado mesa de costura tinha sido para ela outra bofetada. Certamente a ela Sara nunca o tinha deixado. Embora, para ser justa, tinha que reconhecer que era bastante possível, inclusive provável que, no caso de emergência no MAW (um pouco tão catastrófico quanto Ken não fora capaz de encontrar suas notas para o tribunal ou que a fotocopidora se entupisse) tivesse que ir-se correndo ao despacho e se deixasse o mesa de costura atirado sob a chuva.

Minutos depois, Luke tinha saído da oficina, obviamente de mau humor porque nem sequer a tinha visto, e isso que estava a menos de um metro. Tinha-o observado subir a sua caminhonete e logo, em vez de sair por detrás como de costume, girar à esquerda e ir para a parte dianteira da casa.

Tess se tinha ficado olhando como Jocelyn caminhava pela grama. Levava um vestido branco que uma monja tivesse podido ficar perfeitamente, e sem uma só ruga. sentaria-se alguma vez?

Tinha deslocado a toda pressa sem poder evitá-lo para a parte dianteira da casa para ver o que acontecia. Luke e Ramsey estavam no caminho, discutindo como sempre. Recém chegada ao Edilean, desgostava-lhe a maneira em que aqueles dois se passavam a vida tentando superar o um ao outro, mas já se acostumou. Ouvia o que diziam embora não o fazia falta. Sabia que alguém lhe estava dizendo ao outro o que fazer e que este estava negando-se a fazê-lo.

Tinha-lhe surpreendido que Luke fora ao apartamento da Sara e batesse na porta. Tinha que saber que Sara não estava.

Ficou-se sob as árvores, observando ao Luke falar com a nova proprietária e depois entrar na casa virtualmente à força. Se tivesse tentado fazer aquilo com ela o tivesse jogado a empurrões. «Interessante», tinha pensado.

Ao cabo de uns minutos Ramsey fazia sonar a campainha que pendia em um lado da casa. Fazia muito que tinham instalado um timbre, mas aos da família pelo visto gostavam das coisas antiquadas, assim usavam a campanita sempre que podiam.

Ao não obter resposta, Ramsey tinha entrado na grande casa e Tess se escondeu mais entre as árvores. Ouviu a porta traseira e supôs que Ramsey tinha ido ao apartamento da Sara a procurar o Jocelyn. Não tinha tido que esperar muito. Quando Luke saiu em tromba do apartamento parecia verdadeiramente furioso. Todo mundo sabia que Luke tinha pouca resistência, mas nunca lhe tinha visto zangado com o Ramsey. Certo era que jogavam a seus jueguecitos e que adoravam aparentar que estavam furiosos, mas não o estavam. Entretanto, Luke estava realmente zangado quando se subiu à caminhonete e se partiu.

Ramsey tinha saído do apartamento da Sara com um braço sobre os ombros do Jocelyn, que levava no pulcro vestido branco o que parecia uma mancha de mostarda. Tess se perguntou se aquilo era obra do Luke. «Bem por ele!», havia-se dito.

Ramsey e Jocelyn tinham entrado na casa e Tess voltado para seu apartamento. Uma meia hora depois, Luke se tinha apresentado em sua porta pela segunda vez esse dia. Seguia com cara de aborrecimento.

—Segue aqui? —tinha-lhe perguntado, como sempre sem incomodar-se em especificar a quem se referia.

—Por isso eu sei, sim —lhe havia dito Tess indo para o sofá. Ele se sentou e lhe serve uma cerveja—. Se você gostar tanto, por que não lhe pede para sair?

—Hão-me dito que é para o Ramsey.

—por que diria isso alguém?

Luke se tinha ficado ali sentado sem dizer nem pio, assim Tess fez um gesto com a mão.

—Está bem, não me diga isso. Não quero saber nada. Suponho que essa velha da que todo mundo fala... Edi... está detrás de...

—A senhorita Edi. Tenha um pouco de respeito por seus maiores.

A partir daquele momento Tess tinha falado pouco, mas Luke, não. Ao princípio falou do jardim. Tinha-lhe contado que queria uma grama a tom com a casa, mas que não sabia se lhe gostaria ou não.

Enquanto ele o contava tudo do Jocelyn, desde sua maneira de vestir até a cor de seu cabelo, Tess apertava a mandíbula. Era aquilo outra competição com sua primo ou algo mais?

Tinha-lhe posto diante uma terrina de nachos. Ao cabo de uma meia hora, ele se tinha partido e Tess soube instintivamente que Ramsey se passaria por seu apartamento depois de deixar ao Jocelyn... fora isso quando fosse.

Se desmaquilló e se estudou a pele no espelho de aumento. Satisfeita de não ver-se nenhuma pinga pior que o dia antes, ficou nata e se meteu na cama. Que idiota era Ramsey! Como podia ir um homem a sua casa de noite sem que todo o povo se inteirasse? Ao menos um homem distinto dos dois que tinham estado em seu apartamento, porque eram da família», como se dizia no povo. Às vezes lhe parecia estar trabalhando para a máfia.

«Vale!», disse-se. Que se ocupassem de alguém que não fora ela. Que emprestassem atenção a essa Jocelyn e a deixassem em paz.

Enquanto se ia ficando dormida, Tess se perguntou se a tal Jocelyn sabia que seu casal daquela noite se passou por sua casa depois da entrevista. Sabia que Luke tinha estado ali pela tarde?

Descarregou um murro de raiva no travesseiro. Jocelyn tinha herdado a casa enquanto que ela... o que tinha? Ainda não sabia.

«Confeitaria —pensou justo antes de dormir—. Pode haver algo mais tonto? Ao melhor Ramsey e ela são iguais.»

Capítulo 6

Jocelyn levava sozinho dez minutos na igreja e já queria colocar a mala no carro e partir do povo. Todos eram encantados com ela, mas lhe parecia ouvir o que se perguntavam a todo volume. O principal era: «O que fará?», refiriéndose, claro, a sua preciosa casa. Era como se temessem que apresentasse uma multidão de gente na segunda-feira pela manhã.

A pequena igreja estava a arrebentar, não ficava nem um assento. Quando o pastor comentou que Deus fazia todo o possível para que a gente fosse à

igreja, Jocelyn tentou não ficar tinta, mas não o conseguiu. Sabia que muitos dos pressente estavam ali esse dia unicamente para vê-la.

Ocupou um assento no centro da nave, à esquerda do corredor, e quando Sara se sentou a seu lado deu vontade de abraçá-la.

—Não se preocupe, isto solo pode piorar —lhe disse esta quando o sexto casal percorria o corredor olhando ao Jocelyn.

—Não me faça rir. —Joce tentou ver se reconhecia a alguém.

A mulher da loja saudou a Sara.

—É sua mãe, verdade?

—Muito bem. Hei-lhe dito que se se sentava a seu lado e te perguntava o que opina sobre os produtos de cultivo biológico me compraria um pulverizador e orvalharia algo com inseticida.

—Surpreende-me que seja tão cruel. —Joce reconheceu a outra mulher e se aproximou da Sara—. A essa a vi no alpendre, varrendo.

—É a mãe do Luke, a que te preparou a habitação.

—Acreditava que o tinha feito Ramsey. Inclusive o agradeci.

—Não se adotaria o mérito, verdade? —perguntou-lhe Sara bruscamente.

—Não. Foi honrado. Disse-me que supunha que tinha sido coisa das feligresas. Tenho que lhe dar as obrigado.

—E ao Luke. Foi ele quem subiu a cama e o colchão ao piso de acima, e a ajudou a arrumá-lo tudo.

Jocelyn não estava segura de como se sentia ao saber que era Luke quem lhe tinha preparado a cama.

—Não sei se ao Luke gosta ou se me odiar ou se simplesmente me está usando em algum de seus juegucitos com o Ramsey.

—Provavelmente um pouco de tudo. —Sara fez um gesto com a cabeça para a gente que enchia a igreja—. Sei que lhe preocupa que não cuide adequadamente da casa. Sua casa é muito importante para o povo. A gente tende a considerá-la um pouco dela, e estão intranquilos pelo que possa fazer com ela.

—Vendê-la tijolo a tijolo, suponho que quer dizer.

—Sabe que não pode fazer isso, verdade? Embora a ataduras, terá que oferecer-lhe em primeiro lugar ao Arquivo Nacional de Lugares Históricos.

Jocelyn tinha vontades de fazer um comentário sarcástico mas se agüentou. Nenhuma daquelas pessoas a conhecia, mas se tranqüilizou pensando que Edi sim que a conhecia bem e por isso lhe tinha deixado a casa. Decidiu trocar de tema.

—Está aqui Tess?

—Tess na igreja? —Sara soltou uma gargalhada—. Certamente o telhado voaria.

—Não sei se quero conhecê-la ou não.

—Sabe ser... mordaz. Acredito que essa é a palavra adequada.

—Uma verdadeira bruxa? —perguntou Joce baixando a voz. A música começou a soar e agarrou o cantoral.

Ramsey se sentou no banco, a seu lado.

—Perdão, chego tarde. Que página?

Jocelyn a ensinou. Esperava que agarrasse um cantoral para ele, mas se dispôs a compartilhar o seu. Tinha uma bonita voz e, por seu modo de cantar, sabia-se a letra de cor.

—Terminou o trabalho? —sussurrou-lhe Jocelyn quando voltaram a sentar-se.

—Quase tudo.

—Ajudou-te Tess? —perguntou-lhe como se nada.

—Não com o trabalho. Falei com ela de ti. —depois de desarmá-la com aquilo, emprestou atenção ao pastor.

Acabada a missa, Jocelyn se viu se separada da Sara e Ramsey, arrastada por muito gente. Todos queriam lhe dizer algo.

Convidaram-na a muitos jantares e andaimas, a unir-se a clubes e lhe deram cartões de visita. Tinham-na encurralado nas escadas do templo três mulheres do Williamsburg que lhe falavam de unir-se a alguns comitês para a conservação histórica quando Sara lhe sussurrou:

—Me dê a bolsa.

Joce seguiu olhando às mulheres enquanto acontecia o bolsito à outra. Ao cabo de uns minutos viu que Sara estava em seu carro, com a porta do acompanhante aberta, lhe fazendo gestos.

—Devo ir —disse Jocelyn—. Ficaria mais se não fora importante.

—Deixe que lhe demos um cartão para que possa nos chamar —disse uma das mulheres.

Joce agarrou os três cartões e cruzo correndo a calçada e a grama até o carro.

—Fecha a porta! Rápido! —ordenou-lhe Sara, abandonando a zona de estacionamento em uma nuvem de cascalho—. vamos pavimentar o mês que vem. Derrapar já não será tão divertido.

Jocelyn se tirou o chapéu e as forquilhas do cabelo, que lhe caiu em cascata sobre os ombros.

—foi uma experiência terrível. Os animais do zoológico não estão tão assustados como estava eu.

—As mães têm filhos e a gente necessita trabalho. As organizações benéficas necessitam voluntários e dinheiro. aberto-se a vedação.

—Não... —Joce jogou atrás a cabeça—. me Diga que não é certo.

—Sinto muito, mas o é. Tem fome?

—Sim. Podemos ir à loja para comprar algo? Não tenho comida em casa. Nem sequer tenho uma só caçarola.

—Não acredito que o da comida seja um problema, ao menos durante uns quantos dias.

—A que te refere?

—Já o verá —disse Sara sem dar mais explicações enquanto enfiava o caminho do Edilean Manor—. OH, OH.

—O que acontece?

—É Tess. Despertaram-na.

No caminho estava a espetacular Tess. A foto do móvel não o fazia justiça. Era alta e bonita, e naquele momento parecia zangada.

Sara estacionou o carro e se apeou.

—Algo vai mau? —perguntou ao Tess.

—A que hora se foi à igreja? —Tess indicou com um gesto ao Joce, que seguia no carro.

—Logo —respondeu Sara sem consultar-lhe ao Jocelyn, que saiu do carro e lhes aproximou.

Nenhuma das duas a olhou.

—começaram a vir às oito —disse Tess—. Sabiam que a maldita porta não estava fechada com chave, mas isso não impediu que chamassem à minha para me perguntar se o estava. Assim deixei a porta principal totalmente aberto, mas não bastou, entretanto. seguiram chamando à minha. —Tess olhou ao Jocelyn—. Não sei o que terá que mereça todas estas moléstias. —Tinha as pálpebras entrecerrados e a boca torcida em uma expressão desdenhosa.

—Você deve ser Tess —disse Jocelyn, com um sorriso forçado—. Sou...

—Todo mundo sabe quem é —lhe espetou a outra—. Aqui e no Williamsburg, todos sabem. É rica e poses uma grande casa. Sim, é o êxito da comarca.

—Tess, por favor —lhe rogou Sara.

—Por favor, o que? Simplesmente porque enrolou a uma velha e ficou com seu dinheiro se supõe que têm que me tirar da cama um domingo pela manhã para que lhe leve comida?

—Tess, por favor, sei amável. Nem sequer conhece o Jocelyn.

Tess olhou ao Joce de pés a cabeça e, obviamente, pareceu-lhe que não dava a talha.

—Agora que é tão rica, talvez pode te permitir te fazer algo.

Sara abriu muito os olhos mas não disse nada. Aquele comentário carregado de raiva do Tess foi mais do que podia dirigir.

Joce sorriu ligeiramente.

—É bonita, mas eu doce, assim que me levo o gato à água. Isso diz algo a respeito do que a gente valora, verdade?

Tanto Sara como Tess ficaram olhando um momento.

—Venha, não tem nada mais que dizer? —açou-lou-a Jocelyn sem alterar-se—. Seguro que pode fazê-lo melhor. Uma anciã me deixou dinheiro e uma casa, assim tenho que ter feito algo turvo para consegui-lo. Desde aí pode tirar um filão. Ou não é capaz?

Sara parecia a ponto de deprimir-se pelo que ouvia. atacariam-se aquelas dois? Teria que as ver-se com puxões de cabelo e arranhões?

Tess olhou ao Jocelyn com interesse.

—Onde aprendeste a responder assim?

—Suas irmãs são... —começou Sara, mas Joce levantou uma mão para lhe indicar que não seguisse.

—Escuto e aprendo —disse, e logo olhou a Sara, ignorando ao Tess—. O que é isso da comida sobre a que falavam?

—Todos os do povo querem te dar a bem-vinda, assim que lhe trazem comida —lhe respondeu Sara, como se pensasse que era um costume muito estendido—. A tia Martha, que é a mãe do Ramsey, disse-lhes que ontem não se aproximassem por aqui, assim que se apresentaram esta manhã, mas você não estava porque te tinha ido muito em breve à igreja.

—Estava em... —Jocelyn não terminou a frase. Não ia começar a lhe dizer às pessoas onde estava em cada momento do dia—. Não, não estava. Fui-me cedo.

—Assim chamaram a minha porta para me pedir permissão para entrar na casa grande —disse Tess, olhando a de pés a cabeça, como se se perguntasse quem e o que era.

—Vamos —disse Sara—. Vejamos o que lhe trouxeram.

Tess ficou no caminho, assim Sara se voltou para ela para lhe perguntar se as acompanhava.

Jocelyn olhou ao Tess. À luz do sol, sua fabulosa juba reluzia e parecia disposta a dizer que ficava fora. Recordou às Astras.

—Venha —disse—. Ao melhor Sara e eu podemos te fazer logo as raízes.

—Minha cor de cabelo é natural.

—O meu também —lhe respondeu Joce.

—Bom, pois o meu não —disse Sara—. Se forem brigar terei que chamar os primos para que dêem fé dos fatos. Se o perdem nunca me perdoarão.

Joce retrocedeu um passo para que Tess visse que era bem-vinda em sua casa. «Me vai custar um pouco que eu goste desta mulher», disse-se, olhando a Sara com nostalgia. por que não viveria outra Sara no outro apartamento? Embora

talvez podia lhe buscar ao Tess um apartamento em outra parte. Em um vestuário de homens, por exemplo. Dada a pinta que tinha, ao melhor adoraria.

Jocelyn não estava preparada para o que se encontrou na cozinha. A mesa e a encimera estavam abarrotadas de marmitas.

Sara abriu a geladeira. Estava cheia de pratos e pacotes talheres de papel de alumínio: guisados, frango preparado de várias maneiras, um presunto, cestas de pão-doces, bolos, empanadas e bolsas a transbordar de produtos dos hortas.

—Não vou poder me comer tudo isto —sussurrou, esmagada pela enorme quantidade de comida.

Tess, de pé a um lado, olhava às outras dois dar voltas ao redor da mesa. Pelo visto não tinham nem idéia do que fazer com tantos mantimentos perecíveis. A situação lhe recordou o despacho. A metade do tempo aqueles homens não sabiam o que fazer. Entretanto, Tess tinha tido toda sua vida a capacidade de ver o que devia fazer-se em qualquer situação. Os advogados diziam que tinha um verdadeiro dom, um estranho talento.

Sara ficou quieta e a olhou.

—O que fazemos?

Sara não a estava olhando, mas, posto que era a proprietária da casa, Jocelyn supôs que o perguntava a ela.

—Amanhã verei o Ramsey e ao melhor se entregar um pouco de dinheiro conseguirei um congelador Y... —interrompeu-se quando viu que Sara não o tinha perguntado a ela a não ser ao Tess.

Então as olhou a ambas.

—Tem alguma outra idéia? —espetou-lhe com certa hostilidade, sem poder evitá-lo. ia estar brigando constantemente com aquela mulher?

—Sugiro que nos comamos tudo o que possamos e logo coloquemos o que caiba no carro e nos levemos isso. Terá que ficar com os pratos e as panelas porque suas proprietárias quererão recuperá-los, mas podemos doar a comida, e eu sei quem ficará. —Olhou ao Joce—. Se quer compartilhá-la, claro.

—eu adoraria. Eu gosto de muito a idéia. —Sem deixar de olhar a Sara abriu a despensa da que Luke tinha tirado um prato a noite anterior. Estava vazia. Sabia que havia um prato na máquina de lavar pratos, mas lhes fariam falta mais—. Sabem alguma das duas se tiver pratos?

—Luke está fora e ele sabe —disse Tess.

—Convidá-lo a passar para ter que lhe ouvir falar do Ramsey? —perguntou Jocelyn.

—Pilhaste-o rápido —disse Tess, surpreendida.

—Meu voto é que não convidemos a ninguém. Ocupamo-nos nós de tudo. Solo as mulheres —disse Sara, abrindo um armário de parede e tirando vários

pratos—. Bertrand o vendeu virtualmente tudo. Minha mãe lhe comprou uma baixela Wedgwood preciosa.

—Dará-lhe isso quando te casar? —perguntou-lhe Tess.

Jocelyn olhou a Sara com interesse.

—Onde vou encontrar noivo? —perguntou esta—. Não saio deste povo mais que para entregar algum vestido.

—Não têm filhos as clientas? —perguntou-lhe Jocelyn.

—Nenhum que eu goste.

—Sara tem fama de ser a mulher mais suscetível do estado —comentou Tess—. Olha-a: é o sonho de qualquer homem; bonita e virginal.

—O que vai!

—É a aparência o que conta. —Tess encheu um prato de comida—. Parece inocente, e eu pareço de volta de tudo.

—E de todos —acrescentou Joce enchendo também um prato—. Perdão. Simplesmente te estou dando a razão. O que dizem de mim? Eu não pareço nenhuma das duas coisas.

—Uma esposa —disse Tess—. Parece casada com filhos. Como é possível que não tenha marido e seja mãe?

—Tess... —advertiu-lhe Sara.

—Tinha responsabilidades —lhe respondeu Joce, sentando-se à mesa—. Não podia me afastar do que... pelo que tinha na vida.

—A velha? —disse Tess.

Jocelyn se encolheu de ombros sem dizer nada. Não queria lhe falar com aquela mulher a respeito de sua vida mais do que já tinha feito.

As três, ali sentadas, rodeadas de comida, ficaram um momento em silêncio.

—Hão-me dito que prepara confeitaria —disse por fim Tess em tom aparentemente acusador... e frívolo.

Joce olhou a Sara.

—É minha impressão ou tudo o que diz tem um ponto de desagradável?

—Assim é. —Sara olhou ao Tess—. O sinto, mas é verdade. Normalmente, Tess, reservas todo seu rancor para quando fala com os homens para os que trabalha, assim... por que é assim com o Jocelyn

Tess olhou a seu redor.

—Ah... —disse Sara.

—O que significa isso? —perguntou Jocelyn—. Me estou perdendo algo?

—herdaste esta casa. herdaste... Quanto, Tess? Milhões?

—Não saberia dizê-lo.

As duas mulheres a olhavam sem pestanejar, esperando.

Tess deu uma dentada a uma pata de frango.

—Se contar a Rans que lhe hei isso dito, queimo a casa contigo dentro.

—Que bonito! —disse Joce.

—O dinheiro vai com a casa. Se ficar aqui, controla-o tudo, mas se vai, tanto a casa como o dinheiro vão parar a uma fundação.

—O Pecado Capital —disse Jocelyn—. Se for, virão forasteiros ao Edilean. Como tomarão os do povo?

—Terão que cruzar seu sangue com eles —disse Isso Tess acrescentará variedade ao sedimento genético.

—Já basta —disse Sara—. Para que saibam, Edilean é um lugar estupendo para viver.

—É-o desde que abriram o centro comercial do Williamsburg —disse Tess.

—Um centro comercial? por que ninguém me deu essa peça vital de informação?

—Porque te aconceste todo o tempo com os homens mais bonitos da aldeia —lhe espetou Tess.

—Toma! —disse Sara.

—Está ciumenta porque nós temos aos homens que você não pode ter. São todos família.

—O que há entre você e Ramsey...? —perguntou- Jocelyn ao Tess—. Vi sua foto com o vestido vermelho.

Tess sorriu levemente.

—Vá dia! Estava mais em forma que nunca e esse estúpido vai e me diz que tenho que vestir de um modo mais conservador. Acreditava que não sabia que todos esses homens olhavam a cada passo? Se me tivesse posto vestidos, me teriam feito alguma sacanagem.

Jocelyn a interrogou com o olhar.

—Me teriam posto a rasteira para me olhar o culo enquanto me ajudavam a me levantar.

—Parece-me que exageras —disse Joce—. Certamente não...

—Pode que não, mas tivessem tido a tentação de fazê-lo, e isso era mais do que estava eu disposta a consentir.

—Vale, os homens são assim. Certamente o ensinou por sua conta.

Tess se encolheu de ombros.

—Sim. Paguei o preço de que houvesse minhas fotos penduradas em Internet. Ken queria inclui-la em um folheto da escrivania, mas sua mulher não o permitiu.

—Onde conseguiu a sua mulher? —perguntou-lhe Joce.

—Em Massachusetts —respondeu imediatamente Tess—. A comprou por correio.

—Olhe que são malotes as duas —disse Sara—. Vocês não gostam deste povo?

—E eu o que sei? —disse Joce—. Acabo de chegar. De momento, um advogado me preparou um jantar romântico no chão e se partiu ao cabo de uma hora e meia. Tenho além disso um jardineiro mal educado ao que gosta de apresentar-se em minha casa e que lhe dê de comer.

—Luke —disseram Sara e Tess ao unísono.

—Que demônios lhe passa?

Tess e Joce olharam a Sara.

—Não me olhem, que não sei. Cresci com ele, sim, mais ou menos, mas é vários anos maior e não lhe conheço bem. As estrelas de futebol do instituto não emprestam muita atenção às primitas da escola primária. Quando terminou os estudos se foi do povo Y... —Calou, encolhendo-se de ombros.

—E se dedicou a cortar grama. Parece inteligente, por que não tem um trabalho decente? —perguntou Joce.

Sara baixou a cabeça sem dizer nada.

—por que foi você professora anexa e agora nem sequer isso? —perguntou-lhe Tess—. Se a senhorita Edi não te tivesse deixado uma fortuna, onde estaria?

—É uma verdadeira fortuna? —perguntou Joce, evitando a pergunta.

—Boa pergunta. —Sara olhou ao Joce—. O que teria feito se a senhorita Edi não tivesse aparecido em sua vida?

—Confesso que não tenho nem idéia —disse Joce—. E lhes asseguro que o pensei muito.

—O que me diz de ti, Tess? —perguntou-lhe Sara—. Trabalha no MAW, mas não suporta a nenhum dos três... assim, o que você gostaria de fazer?

—Eu gostaria que uma senhora velha me deixasse milhões.

—Isso não é justo —disse Sara—. Poderia...

—Não, deixa-a falar —disse Jocelyn—. Vale. Assim se lhe deixassem uma grande casa velha e uma fortuna, o que faria todo o dia? Converteria-te em uma dama das que estão sempre de almoço?

—Deus, não! Voltaria-me louca se o fizesse. Eu...

—Você, o que? —insistiu Jocelyn—. Eu gostaria de ouvir suas fantásticas idéias.

—Não sei. Poria meu próprio negócio... —aventurou Tess.

—Que classe de negócio? —perguntou-lhe Sara.

Jocelyn a olhou inquisitivamente.

—Há algo que você gostaria de fazer, verdade? Te nota na voz.

Tess agarrou uma azeitona e chupou o cheio de pimiento.

—Viu a roupa que desenha?

—Não me havia dito que desenhasse roupa —disse Jocelyn, e parecia um pouco doída.

—Solo falei uma vez contigo. Não lhe posso haver isso dito tudo.

—Uma loja de roupas seria um negócio... —disse Joce pensativa—. Não é má idéia. E você, Tess?

—Não me olhe. Não tenho nenhuma só idéia criativa. Eu sou boa com os números e a organização.

—Tem que ser boa com os homens —lhe disse Joce—. Por isso lhe visitam tantos.

—Visitam-me tantos? —perguntou Tess, como se nunca lhe tivesse passado pela cabeça.

—Tess —lhe disse Sara—, sei sincera. Tanto Ramsey como Luke estiveram ontem em seu apartamento.

—E como demônios sabe? Hão-lhe isso dito eles, verdade? O que te há dito Ramsey de mim?

—Nada. foi Luke quem me há isso dito.

—E quando lhe viu?

—Esta manhã. Estava aí fora, cavando. Quer semear ervas aromáticas, mas agora terá que pedir permissão à proprietária antes de fazê-lo.

—Também me há isso dito —disse Tess.

As duas olharam ao Jocelyn, esperando uma reação.

—Pode fazer o que quiser com o jardim —disse esta—. A mim o que me importa?

—Agora a responsável pela casa é você —lhe recordou Tess—. Deve aos do povo, ao estado e à maioria de nosso país fazer honra a sua larga história e apreciar o que significa para o povo americano. Deveria...

Joce lhe lançou uma parte de pão e as três soltaram uma gargalhada.

Capítulo 7

—Olá —saudou Jocelyn ao Luke enquanto este levantava a pá e jogava a terra ao montão.

Ele a olhou mas não disse nada.

—O que te passa? Já não me fala?

—Falo quando tenho algo que dizer. —Recolheu uma bolsa grande de húmus e a lançou à traseira de sua caminhonete.

Joce pensou que ao melhor gostava que o deixasse sozinho, mas não partiu. Era domingo pela tarde, quase anoitecia e estava esgotada por todo o vivido durante os últimos dois dias.

—Viu toda a comida que há em minha cozinha?

—Não entrei na casa desde que me jogou ontem à noite. Tampouco fechei nenhuma porta nem nenhuma janela.

—Obrigado por não lhe dizer a Sara que você e eu estivemos sozinhos em casa ontem à noite. Sei que lhe há dito que foste ver o Tess, mas não lhe falaste que mim.

—Assim está bem que Tess tenha má reputação mas não a quer para ti.

—Parece-me que embora Tess não fizesse nada teria má reputação. Basta olhando-a para que assaltem a um pensamentos caruais.

Luke apartou a cara imediatamente, mas ela viu que sorria.

—Vi-o! Se lhe fizerem graça minhas brincadeiras, não está tão zangado comigo.

—Viu ao Ramsey na igreja?

—Sentou-se a meu lado, pediu-me que me case com ele e aceitei.

—Felicidades. Farão bom casal. O ano que vem por esta época de quão único falarão será de cortinas.

—Se vir o futuro, pode investigar o que devo fazer?

Luke voltava a cavar.

—A que chama você fazer algo?

Joce procurou um lugar onde sentar-se e, como não encontrou nenhum, sentou-se na erva.

—A senhorita Edi... —começou.

—O que acontece ela?

—Era uma pessoa muito importante para mim.

—Todos temos pessoas que para nós são importantes.

—Sim? Quem importa a ti?

Luke sustentou uma paletada de terra um momento.

—O habitual: pais, amigos, a família. Meu avô foi muito importante para mim até sua morte.

—Já não o é? —perguntou-lhe com suavidade.

Luke sorriu apenas.

—Às vezes me parece que me importa mais agora que quando era pequeno. Eu era um pouco... Bom, de menino era um pouco obstinado.

—Um cabezota. Tem que fazê-lo tudo a sua maneira ou não o faz?

—Foi minha professora de primeiro? Essa que me tinha a metade do dia de cara à parede em um rincão.

—Não, mas estou de acordo com ela. O que me conta de seu avô?

—Era um homem solitário, gostava de fazer as coisas por si mesmo, como a mim.

—Se me está insinuando que me parta e te deixe sozinho não penso fazê-lo. Esta casa é muito grande, está muito vazia e muito... Dá igual, aqui fora se está bem. me conte sua história.

—Não há nada que contar. Meu avô e eu nos parecíamos, isso é tudo. Gostava da solidão, como a mim, assim estávamos acostumados a estar sozinhos juntos.

—Solos juntos. Essa é a perfeita descrição de como estávamos Edi e eu. Os companheiros do penetre acreditavam que estava louca porque eu gostava de passar o tempo com uma anciã com as pernas aleijadas. Estavam acostumados a inventar histórias a respeito de como tinha chegado às ter assim.

—O que lhe passava nas pernas? —perguntou Luke.

—Foi na Segunda guerra mundial. Estava em Londres, em um carro de quão muitos receberam o impacto das bombas. Seu lado do veículo voou pelos ares e ela... —Joce duvidou—. Ela se queimou. Não ficou muito de suas pernas de joelho para abaixo. —encolheu-se de ombros—. Ninguém acreditava que fora a viver. Transladaram-na de hospital em hospital esperando a que morrera, mas não morreu. A base de força de vontade não só viveu, mas sim inclusive voltou a caminhar. depois da guerra, esteve trabalhando com um médico. Viajaram juntos por todo mundo. Quando voltaram, ele estava acostumado a visitá-la freqüentemente. Era muito bom contando anedotas. Eu me passava horas escutando-o.

Fez uma pausa.

—Edi me tinha falado do doutor Brenner, tinha-o visto em muitíssimas fotos e sempre me tinha parecido que havia algo romântico entre eles. Sabia que estava casado e que tinha duas filhas, mas mesmo assim, parecia-me que havia um grande amor não correspondido entre ambos. Ao cabo de cinco minutos de conhecer soube que não havia nada disso. Funcionavam como uma máquina bem engordurada. Ele sabia quando lhe doíam as pernas e, sem deixar de falar, levava-a a cama, agasalhava-a e lhe preparava um chá. Ela tinha as mesmas cuidados com ele. Ao final, quando lhe falhava o coração, ela se assegurava de que tomasse a medicação e não fizesse esforços. —Voltou a fazer uma pausa, tentando controlar suas emoções—. Mas a isso meninos importava um nada. Pensavam unicamente que suas pernas tinham uma «pinta estranha». Levava meias negras espessas inclusive no verão e, apesar de tudo, lhe viam as cicatrizes. À medida que foi fazendo-se major teve que usar duas fortificações.

Luke deixou de cavar para olhá-la.

—por que me olha assim?

—Aceitou esse trabalho como professora anexa em uma pequena universidade para estar perto dela, verdade?

—Não. Eu gostava da faculdade e eu gostava de meu trabalho. Fiz-o...

Luke seguia olhando-a e se deu por vencida.

—Sim, é certo, mas nunca o disse.

—E suponho que não sabia. Era muito parva para deduzi-lo, não?

Jocelyn riu um pouco.

—Certamente sabia, mas nunca falamos disso. Imagino que quando uma tem a idade do Edi sabe que há tempo de... quando... Quando a gente a que quer já não está tem tempo para fazer coisas, como ir à universidade e ter um trabalho adequado. —Olhou a casa e pensou nos antepassados do Edi que tinham vivido nela. Parecia-lhe poder ver o Edi de menina, saindo em tromba pela porta traseira.

—Assim obtive dela quanto desejava, é assim? Deixou-te esta casa e uma dinheirama.

—Não fiquei com ela porque quisesse algo dela! —levantou-se de repente—. Fiquei porque a queria. Pode que você seja incapaz de entendê-lo mas eu... —Ficou olhando—. por que me sorri assim?

—Quase te tenho feito chorar.

Jocelyn demorou um pouco em acalmar-se e ver o que tinha feito Luke.

—Trapaceiro.

—Luke Trapaceiro, assim me chamo.

Joce voltou a sentar-se e o olhou trabalhar. Tinha tirado toda a erva de um grande retângulo, tinha-a amontoado e, naquele momento, cavava a terra.

—O que faz?

—Isto se chama arejar a terra, mas em definitiva estou plantando um horta de ervas aromáticas. Perguntei-te o que devia fazer mas não me disse nada, assim segui adiante com o projeto. Se não dar sua opinião, não tem voz nem voto em seu desenho.

—Não disse nenhuma palavra a respeito de ervas aromáticas. Ontem à noite me falou do Ramsey Y... vejamos, do Ramsey; mas não te ouvi pronunciar a palavra ervas.

—Está-me dizendo que aconteceu o dia com a Sara e Tess e nenhuma das duas te deu minha mensagem?

—Que mensagem? Hão-me dito que lhes disse, «a elas», que queria semear ervas aromáticas. Não me pareceu que estivessem me transmitindo nenhuma mensagem.

—A quem o ia perguntar? A proprietária de tudo isto é você.

—Seriamente? Põe-te a cavar em meu jardim sem que tenha voz nem voto no assunto, assim que quem é o dono do lugar?

—Vale —disse Luke, cravando a pá na terra e apoiando-se na manga—. Te atrai a idéia do horta de ervas aromáticas ao estilo do século XVIII que descida cultivar ou não? Ao melhor gostaria de um jardim de estilo vitoriano, ou com uma fonte de cristal e metal cromado no centro. Isso pegaria muito com a casa. Faça-me saber e me assegurarei de que o tenha. Não sou mais que o jardineiro e faço o que a senhora da casa me ordena que faça.

Jocelyn abriu a boca para lhe soltar algum comentário mordaz, mas não lhe ocorreu nada.

—Lhe dê as graças a sua mãe por me arrumar a habitação.

—Farei-o —disse Luke, voltando outra vez a cara para dissimular o sorriso.

—E obrigado por subir a cama.

—De nada.

ficaram calados. Jocelyn olhava os músculos que lhe marcavam sob a camiseta, e os jeans rodeados às coxas. Tinha o corpo de um homem feito ao trabalho duro ao ar livre, e não o escondia.

Teve que fazer um esforço para apartar os olhos.

—Sabe o que temos feito Sara, Tess e eu esta tarde?

—Pelo modo em que lhes riam, parece-me que fumar erva e comer chocolate.

—Parece-te que a mãe da Sara vende erva em seu loja de comestíveis?

—Se o fizer, arrumado a que é de cultivo biológico.

Joce sorriu.

—depois de comer até arrebentar, recolhemos toda a comida que ficava e a levamos a um par do Iglesias de... Não sei de onde, mas Tess nos levou de carro a toda pastilha e enchemos as mesas. foi bonito. me fale do Tess.

Luke soprou.

—Posso resumir tudo o que sei do Tess em uma só palavra: nada.

—Mas Sara me há dito que ontem foste ver a.

—Também fui verte a ti, e isso não implica que te conheça. Guardo cerveja em sua geladeira e me passo quando quero falar com ela de algo.

—De jardins?

—Sabe menos de jardins que você. Pelo general falamos do Ramsey.

—Já. Do Ramsey.

Ele a acribilló com os olhos.

—Mais vale que saiba que, faça o que faça com minha primo de agora em diante, terá que compartilhá-lo com o Tess.

—No despacho.

—Não, em todas partes. Rans... —Luke levantou uma mão em um gesto de rechaço—. Não quero falar do Ramsey e do Tess. Pregúntaselo a eles. saíste aqui fora para inteirar-se por mim das fofocas do povo?

—Queria saber o que estava fazendo em meu jardim.

Luke fez um gesto apaziguador.

—Tudo o que terá que ver está aqui.

—por que semear ervas aromáticas?

—por que não?

Jocelyn grunhiu.

—É tão mal conversador porque de menino foi um solitário ou sua incapacidade para responder qualquer pergunta é o que mantém às pessoas afastada de ti?

—As duas coisas, suponho. O que te há dito Sara de mim?

—por que crie que lhe perguntei algo?

Luke levantou uma sobrancelha.

—Vale, o perguntei. Há-me dito que é muitíssimo maior que ela, que praticava esporte no instituto e que isso é tudo o que sabe de ti.

—eu adoro essa garota, seriamente.

—Então, me mentiu?

—evitou sua pergunta. Venha, que novelo tenho que semear aqui?

—Ervas aromáticas —respondeu Jocelyn rapidamente.

—Que classe de ervas aromáticas?

—Não sei. Para as pizzas e os espaguetes, suponho.

—Para as duas coisas se usa a mesma. Que mais?

—Para... Já sei. Quero lavanda.

—De que variedade?

—Não é um disparate se te disser que da variedade comestível?

—Tem bastante sentido —lhe disse Luke, agradado—. A Intermédia se considera a melhor para cozinhar. É mais conhecido como lavanda da Provenza.

—Parece-me estupendo. Pode semear um pouco neste jardim?

—Quanta quer?

—Não sei... —disse ela, duvidando.

—Quer a suficiente para macerar costelas de cordeiro e lhes dar sabor ou para assar umas quantas dúzias de bolachas? —perguntou-lhe ele paciente.

Jocelyn esgotou os olhos.

—Quero te fazer um boneco vodu e lhe cravar ramitas de lavanda.

Luke soltou uma gargalhada.

—Vamos, ensinarei onde podemos semeá-la. —Deixou a pá no chão, agarrou uma toalha da caminhonete e se secou o suor da cara.

—Quase não vi nada do jardim —disse Joce, espionando entre as árvores.

—estiveste muito ocupada...

—Não o diga!

—O que?

—Que estive muito ocupada com o Ramsey.

—ia dizer que estiveste muito ocupada conhecendo gente para passar muito momento no jardim, mas se não poder pensar mais que no Ramsey... quem sou eu para te contradizer?

—Sabe ser um plasta se lhe propuser isso.

—Nunca me havia isso dito nenhuma mulher. Minha mãe sim, e freqüentemente minhas primos e alguns de meus tios, mas as mulheres não me hão dito nunca que seja um plasta.

Jocelyn sorria.

—Tem terra na cara.

—Tire-me isso inclinou-se, aproximando-se.

Jocelyn lhe aconteceu a mão pela bochecha, mas tinha a terra pega, assim teve que esfregar-lhe —¿Mejor?

—Esta terra leva cauda?

—Te tire a camisa e lhe umedeça sugeriu ele com semblante sorridente.

Joce sacudiu a cabeça e retrocedeu.

—Tire-lhe isso você.

Luke se passou o braço pela cara e a limpou.

—Melhor?

Jocelyn ficou olhando-o. Era um homem realmente arrumado, com aquele cabelo tão negro e os olhos verdes.

—Quanto faz que não te barbeia?

—Tanto como House.

Demorou um momento em cair na conta de que se referia ao doutor House da série televisiva. Era um de seus programas preferidos. Sonriendo, seguiu-o entre as árvores.

Olhava o terreno circundante e não podia deixar de dizer-se: «Tudo isto é meu.» Quanto via lhe pertencia.

—Ensina-me os limites do imóvel?

—Encantado.

Guiou-a pelos quase trinta e três hectares que eram já de sua propriedade, o que ficava das quarenta que tinha adquirido para sua esposa raptada o escocês. Luke conhecia aquelas terras perfeitamente e lhe indicou onde estavam as antigas cabanas, o cisterna e o pombal. deteve-se em um claro e lhe disse que ali tinha estado a ferraria.

—Quando fomos meninos, devíamos escavar nesta zona e encontrávamos peças de ferro forjado. Charlie encontrou três ferraduras.

—E Sara? Encontrou ela algo?

—Era um ás para encontrar pontas de flecha. Dizia que o século XIX não lhe interessava porque era muito recente, assim não se incomodava em procurar ferraduras.

—É curioso que saiba isso dela, porque diz que logo que sabe nada de ti.

Luke sorriu apenas, logo entrou entre as árvores.

—Os velhos fornos para tijolos estavam aqui. Olhe... —e apartou alguns arbustos para lhe ensinar um muro baixo—. Amontoei estes tijolos para que visse os alicerces. —Abriu os braços—. Podem semear sua lavanda aqui dentro. O terreno é arenoso e à isso lavanda gosta. Além disso, estará a pleno sol.

—Imagino como era isto. Possivelmente possa restaurá-lo e devolvê-lo a seu estado original.

—Isso custaria muito e no Williamsburg já o têm feito melhor do que poderíamos fazê-lo nós.

Ao Joce gostou daquele «nós». Se sentiu parte de algo.

—A este sítio gosta de ter estado assim todos estes anos —disse Luke—. Gosta da gente e gosta das gerações que aconteceram por aqui. Parece-me que a casa suspirou de alívio quando o velho Bertrand morreu.

—Talvez estava contente de que não tivesse chegado a vender os pomos das portas.

—ia fazer o, mas Rans o impediu.

—Ajudou-lhe?

—Então eu não estava aqui —lhe respondeu apressadamente—. O que te parece esse sítio para sua lavanda?

—Parece-me estupendo, mas e eu o que sei? Refere-te a que essa semana estava fora ou a que não vivia por então no Edilean?

—Me diga algo mais a respeito de fazer o amor sobre um leito de nachos.

—Tomo boa nota. Basta de perguntas pessoais. Pergunto-me se Edi permitiu a seu irmão vender tantas coisas porque queria esvaziar a casa para a família que a ocupasse a seguir.

—Isso dizia Rans, mas eu acredito que quão único queria era livrar-se dos trastes velhos. Claro que o mezanino segue cheio a transbordar. Já estiveste aí acima?

—Não. Subi as escadas, mas a porta está fechada e não tenho a chave.

—Rans te dará uma quando tiverem falado da herança. —Pôs-se a andar e ela o seguiu.

—O que sabe sobre o trato sobre a casa?

—Se ficar, será todo teu. Se for, o dinheiro fica aqui.

—Isso ouvi. Não tinha que ser um segredo?

Luke se encolheu de ombros.

—Alguém o escreveu ao ditado; alguém passou a máquina o documento. Quem sabe como se divulgam as coisas?

—Parece-me que sabe exatamente como, mas também me parece que não me vais dizer isso. Habían llegado a la construcción y Joce viu que Luke tocaba el muro.

—É inteligente, verdade?

—É isso uma mudança em comparação com todas as mulheres que conhece?

Luke não lhe respondeu. Indicou-lhe um edifício baixo e alargado de tijolo que havia mais à frente.

—Eu o reconstruí.

—Parece velho.

—Obrigado. É um grato completo. Tive que desenterrar os antigos tijolos e lavá-los antes de poder usá-los.

Tinham chegado à construção e Joce viu que Luke tocava o muro.

—Foi um trabalho feito com amor, a que sim?

—Poderia dizer-se.

—Sempre quiseste ser jardineiro?

Luke a olhou de uma forma estranha. Parecia a ponto de dizer algo mas trocou de opinião.

—Não. Foi uma decisão tardia. Decidi que não há nada como trabalhar a terra. Nada dá a um homem mais agradar nem mais satisfação.

—Não é algo ancestral? Procede de uma família de lavradores?

—Não que eu saiba. Meu pai dirigia escritórios de vendas e meu avô era médico.

—Como o pai da Sara.

—Sim. —Era evidente que ao Luke agradava que soubesse—. O tio Henry trabalhou anos com meu avô, até que este se aposentou.

—Para te levar a pescar —disse Joce—. Os dois sozinhos.

—Esse era o outro avô.

—Ah.

Luke abriu a porta do edifício de tijolo e Joce viu que estavam em sua oficina. por dentro era bonito. O banco de trabalho, com suas ferramentas, estava debaixo de uma janela redonda. ficou nas pontas dos pés para aparecer e viu o perto que estavam da casa. De fato, via-se toda a parte traseira da mesma e as portas dos

dois apartamentos, assim como a mesita branca a que se sentaram ela e Sara para falar.

Olhou logo ao Luke, que punha umas ferramentas em cima de um velho armário da parede oposta.

—Quando está aqui dentro vê tudo o que acontece a parte traseira de minha casa.

—Seriamente? Olhe você, nunca me tinha dado conta.

Joce ficou olhando até que ele se voltou a olhá-la a sua vez, com um sorriso torcido. Acabava de inteirar-se de outra costure sobre ele. Agora que parecia sentir-se um pouco culpado de algo que talvez ela considerava que era espiar, disse-se que devia fazer o possível para lhe tirar informação.

—Com quem estava falando hoje Tess por telefone?

Luke foi para a porta da oficina.

—Por volta das três?

Jocelyn assentiu com a cabeça.

—Com seu irmão. Fala com ele todos os domingos pela tarde, seja do que seja. Já lhe pode levar isso a um concerto de rock ou hipnotizá-la que, se for domingo, chamará a seu irmão.

—Diria-se que está ciumento.

—Você, como eu, é filha única, assim não te dá inveja a gente que tem irmãos com os que compartilhar sua vida?

—Filha única —repetiu Joce—. Que idéia tão agradável! Tenho... —interrompeu-se. Não ia contar lhe os quais eram suas meio-irmãs—. Sim, tinha um montão de fantasias a respeito de ter umas irmãs boas e carinhosas que eu gostasse.

Luke levantou uma sobrancelha.

—Tenho aberto a jaula dos grilos com essa pergunta?

—Que Ramsey nos prepare um guisado com eles —retrucou ela, lhe arrancando ao Luke uma gargalhada.

—Empanadas de lombrigas era o que fazia, com a tampa de barro. Quando tinha sete anos e Sara apenas um, esteve a ponto de lhe fazer comer uma, mas sua mãe o pilhou Y... —Olhou a seu redor, para assegurar-se de que não havia perto ouvidos indiscretos—. Nenhum de nós soube nunca o que aconteceu, mas a tia Ellie, ou seja, a mãe da Sara, colocou ao Ramsey em sua casa e, quando saiu, estava verde e nunca mais voltou a preparar uma.

—Não sei se desejaria ter crescido neste povo ou se estiver contente de não havê-lo feito.

—Como era viver com a senhorita Edi? Reuniões para tomar o chá e concertos os fins de semana?

—Eu não... —Não terminou a frase. Que acreditasse que convivia com o Edi se gostava. Era muito complicado explicar que sua elegante mãe se apaixonou

por um homem para quem a decoração do depósito de gasolina da Harley era arte. Era muito turbador lhe contar que sua mãe tinha morrido, que seu pai havia tornado a casar-se e que ela se criou entre gente tão diferente a ela que freqüentemente tinha a impressão de ser de outro planeta. Até que tinha conhecido ao Edi, para o Jocelyn não tinha existido outro mundo que esse.

—Você não, o que? —perguntou-lhe Luke.

ia improvisar algo como resposta quando o móvel do Luke soou. Abriu-o e respondeu com um sim em quatro ocasiões antes de tender-lhe —¿Ah, sí? —le preguntó Joce con interés—. Detesto pagar las facturas. ¿Podrías seguir haciéndolo?

—É para ti.

—Para mim? Mas quem...?

O olhar do Luke o dizia tudo: Ramsey.

—Olá —respondeu—. Vai tudo bem?

—Assim passeando pelo jardim com o Luke... —disse Ramsey—. Oxalá tivesse sabido que queria vê-lo. Te teria acompanhado eu.

—Ou poderia ter ido eu sozinha a explorá-lo. Luke trabalha para mim, esquece-o?

—Como ia esquecer o. Assino os cheques.

—Ah, sim? —perguntou-lhe Joce com interesse—. Detesto pagar as faturas. Poderia seguir fazendo-o?

—Jocelyn, seguirei contigo em tudo o que queira. Hoje, depois de missa, todo mundo falava de quão bonita estava com esse vestido rosa. Também lhes gostou do chapéu.

Luke a estava olhando fixamente, como se queria inteirar-se de absolutamente tudo o que estavam dizendo, assim que lhe deu as costas.

—Pode vir amanhã ao despacho? —perguntou-lhe Ramsey—. Podemos falar a respeito dos términos da casa.

—Tem intenção de me falar de negócios?

—Em boa parte, ao menos —disse ele, e Joce soube que estava sonriendo—. Você gostaria que almoçássemos logo?

—Está-me pedindo que saíamos?

—A menos que queira que vamos a minha casa a comer massa outra vez. Por certo, tenho que devolver a panela do chocolate ao Viv.

—Já teve o bebê?

Ramsey soltou uma gargalhada.

—Não, não o teve ainda, assim ainda não tenta voltar a ficar grávida. Quer a fondue para uma festa de um dos filhos que já tem. Quererá me acompanhar a essa festa?

—Claro. Quando será?

—na terça-feira pela tarde. Perto da uma. Recolho-te ou crie que se chegar comigo parecerá que somos casal?

—Ao melhor se formos com o Luke não se fixarão tanto em nós.

—Detesta aos meninos e as festas infantis. Melhor será que não nos acompanhe. Que tal se te passa pelo despacho às onze e vamos almoçar? Parece-te bem?

—Parece-me estupendo. Ficamos assim, pois.

Pendurou e devolveu o telefone ao Luke.

—Outra entrevista?

—Negócios, logo um almoço e, na terça-feira, uma festa em casa de sua irmã.

—Que festa? —perguntou rapidamente Luke.

—Ramsey há dito que é para um dos filhos de sua irmã. Uma festa de aniversário, talvez.

—Nenhum dos meninos cumpre anos por esta época. É... —Franziu o cenho e a olhou—. Me parece que será melhor que te peça entrevista se quiser que vá comigo ao viveiro a escolher as novelo. Que tal manhã pela tarde? Se pode te liberar de Rans depois de comer, claro.

—por que quer que vá comprar as contigo se não distinguir uma erva de outra?

—Vale. Então plantarei cicuta e beleño.

Tinha suposto que Ramsey brincava ao lhe dizer que Luke «detestava» aos meninos, mas seu comentário a fez duvidar.

—Nada que seja venenoso.

—Vejamos, me diz que não tem nenhuma preferência quanto às ervas, mas de momento já me há dito que quer lavanda e que não quer nada venenoso. O que te parece a hortelã?

—Eu gosto de —disse ela com cautela. Algo se trazia Luke entre mãos mas não sabia o que.

—Vale, quer um jardim inteiro de hortelã e solo de hortelã.

—Não todo o jardim, solo um pouco de hortelã.

—Para que saiba, a hortelã é uma das novelo mais invasivas que existem, assim se semear hortelã no jardim, não terá outra coisa que isso. portanto, quer ou não quer hortelã? Espera! vou agarrar papel e lápis porque a lista de coisas que quer e não quer é muito larga já para que a recorde inteira.

—Está bem! —exclamou ela—. Manhã pela tarde irei contigo a comprar novelo. Não sei que classe de novelo, mas o que você me diga que nos faz falta o compraremos. Para que quer que te acompanhe? Simplesmente para chatear ao Ramsey?

—Não tem que ir comigo —disse ele, baixando a voz—. Pode lhe dizer a Rans que vais ficar te toda a tarde porque não tem outra coisa que fazer ou lhe dizer que tem que ir porque vai comigo a comprar flores.

Jocelyn piscou várias vezes e sorriu.

—Tem um cérebro nesse crânio, né?

—Minha mãe opina que sim. Meu pai não está tão seguro.

—A que hora quer que saíamos?

—Às dois. Recolherei-te à porta do restaurante.

—Como sabe aonde me levará a comer?

Luke bufou.

—Ao The Trellis. Sempre leva ali às mulheres na segunda entrevista... se isto for uma entrevista, claro. Está no Williamsburg. Pedirá o especial, logo te dirá que compartilhe uma porção de bolo de chocolate com ele. É um bolo estupendo. A melhor. Mas até as duas e meia não lhes terão comido isso toda.

Voltavam a estar no lugar onde Luke ia plantar as ervas aromáticas, perto da caminhonete.

—Assim às duas digo que tenho que ir ? —perguntou-lhe Joce. Em termos gerais, aquilo gostava—. Se fosse uma pessoa menos cínica, diria que tenta me ajudar com o Ramsey.

—É minha primo —disse Luke, encolhendo-se de ombros, mas se voltou para que não o visse sorrir.

—É muito amável —lhe disse, embora sem convencimento. Amassou de um tapa um mosquito que se posou em seu braço e decidiu que já era hora de entrar em casa—. Me parece que já tive bastante por hoje. —Obscurecia—. vais trabalhar muito mais?

—Não. Recolho e parto a casa.

ia perguntar lhe onde vivia mas decidiu que era uma pergunta muito pessoal.

—Tess te deixou bastante comida para esta noite? —perguntou-lhe ele, tirando a terra das mangas com uma toalha que arrojou logo à traseira da caminhonete.

—Sim, mas tenho que comprar móveis. E me faz falta ir à loja de comestíveis.

—Não há inconveniente —lhe disse ele, colocando uma forquilha na caminhonete—. Ao melhor manhã podemos...

—Simplesmente me diga onde estão as lojas e as encontrarei —o interrompeu, indo já por volta da casa—. Até manhã às dois.

Ao cabo de um minuto já estava em casa. O silêncio era quase assustador. Naquele sítio fazia falta gente. Quando havia outra pessoa, ou várias,

cobrava vida. Parecia sorrir. Mas quando estava ali sozinha, lhe dava vontade de subir correndo as escadas e encerrar-se no dormitório.

Foi à cozinha e agarrou duas laranjas de um recipiente. Na mesa estavam os pratos limpos nos que haviam lhe trazido a comida para lhe dar a bem-vinda. Sara havia dito que ao longo da semana as mulheres aconteceriam com recolhê-los e para conversar um pouco.

—Faz anos que ninguém veio a esta casa e todos morrem por vê-la por dentro —lhe tinha comentado.

Jocelyn tinha gemido, temendo um constante mudo de um lugar a outro e ter que levar a todos em uma visita guiada pela propriedade.

—Não se preocupe —a tinha tranquilizado Sara—. Vêm em grupo e não te verá obrigada a fazer quase nada.

Joce tinha sorrido fracamente.

Apagou a luz, foi ao amplo vestíbulo e comprovou que as duas portas estivessem fechadas. Deixou uma lâmpada de sob consumo acesa e subiu as escadas. Ao igual a abaixo, no primeiro piso havia um corredor largo ao qual davam as habitações. A um lado estava o grande dormitório principal, com um banho enorme, enquanto que ao outro havia dois quartos, cada um com seu próprio banho.

Deu-se uma ducha, ficou nata, embainhou-se a camisola e ia já a meter-se na cama quando, instintivamente, apartou as cortinas só o necessário para jogar uma olhada pela janela. A caminhonete do Luke estava no caminho, com o motor em marcha. Estaria esperando ao Tess?, perguntou-se. inclinou-se para a lamparina e apagou a luz. Quando a habitação esteve às escuras, Luke conduziu devagar até a grade. Tinha estado esperando a que ela se deitasse.

Jocelyn tinha intenção de meter-se na cama, esperar um pouco, e logo reacender a luz e ler um momento, mas o seguinte que viu foi um raio de luz que penetrava entre as cortinas: voltava a ser de dia.

Capítulo 8

Jocelyn ficou na cama um momento, com as mãos na nuca, olhando ao teto da habitação. A casa era dela, mas desde sua chegada tinha tido escasso tempo para si mesmo.

Olhou o relógio da mesinha e viu que nem sequer eram as sete. Não tinha nada que fazer até as onze. Passaria esse tempo jogando uma boa olhada à casa, que até o momento havia visto solo por cima.

tomou banho e se vestiu rapidamente, sem se incomodar em secar o cabelo. olhou-se a cara no espelho e, depois de pensar-lhe um momento, decidiu

não maquiar-se. Edi seguia a escola do Estée Lauder, que defendia que uma mulher deve ir maquiada a todas as horas. Inclusive ao final, Edi vestia com primor e ia sempre cuidadosamente maquiada.

Aquela manhã, entretanto, a voz do Edi parecia mais longínqua do habitual, e Jocelyn não quis perder tempo com as «pinturas de guerra», como estava acostumado a dizer seu pai.

Passeou-se pelo primeiro andar, vendo onde estava cada coisa. Em sua habitação era onde havia mais móveis. Na segunda havia uma cama com seu mesita de noite e nada mais. A terceira estava completamente vazia.

Ao final do corredor havia uma janela junto a uma porta. Já tinha visto que esta dava a uma escada estreita que levava até outra porta fechada com chave: a do mezanino. Recordou que Ramsey lhe havia dito que estava cheio de baús que continham roupa antiga e diários. Tinha alma de investigadora e não via a hora de ler aqueles jornais, porque se perguntava se algum continha a verdadeira história do David do Edi.

Na planta baixa entrou no salão e olhou aqueles móveis que lhe eram tão familiares. Por um momento se perdeu em suas lembranças. Ela e Edi tinham passado mais de uma tarde sentadas naquele sofá amarelo. Quando tinha feito falta lhe trocar a tapeçaria tinham acontecido um montão de tempo olhando amostras até escolher um tecido. Falavam e riam juntas Y...

Teve que sair da habitação porque as lembranças eram muito angustiantes. No comilão fariam falta uma mesa e mais sela. Havia um banho abaixo e uma salita com dois abajures e nada mais.

Entrou na cozinha, sentou-se à mesa e olhou a seu redor. adorava a pia antiga, adorava a sólida mesa de pinheiro, mas a cozinha era uma monstruosidade. Formou um quadrado com os índices e os polegares de ambas as mãos, enquadrando uma grande encimera imaginária de seis fogões e de aço inoxidável.

—Com dois fornos —disse em voz alta.

«Embora seria absurdo instalar uma cozinha tão cara», pensou. Ao fim e ao cabo, não sabia cozinhar. Não era uma verdadeira cozinheira pelo simples feito de ter preparado bolachas e confeitaria para os chás benéficos do Edi, mas o que Luke lhe havia dito a respeito de semear ervas aromáticas e a lembrança das bolachas de lavanda que estava acostumado a cozinhar a tinham feito pensar em uma cozinha e em um... bom, em um lar.

Abriu a geladeira e viu que continha ovos, leite, suco de laranja e pão. Franziu o cenho e logo sacudiu a cabeça, assombrada. Pelo visto, enquanto estava fora com o Luke na tarde anterior, alguém tinha metido todo aquilo na geladeira. Sara? Ramsey? Algo lhe dizia que não tinha sido Tess.

Usou uma das frigideiras para preparar-se ovos mexidos e torradas e comeu enquanto pensava a respeito de si mesmo. «Se tivesse dinheiro para

remodelar a cozinha, como o faria? Esvaziaria-a e poria um montão de granito e focos embutidos?» Solo de pensá-lo sentiu um calafrio.

antes de que se desse conta já eram mais das dez. Tinha que vestir-se para ir à entrevista com o Ramsey.

Jocelyn tinha ouvido falar do restaurante The Trellis e sabia que era bastante exclusivo, assim que ficou as calças novas de linho bege e a blusa de ponto rosa. Pelo visto o Ramsey gostava que levasse roupa conservadora e feminina.

A mala seguia no chão, ainda ao meio desfazer. Tirou do compartimento com cremalheira da parte posterior uma foto emoldurada dela e do Edi. Era a única que tinha. Bell a tinha tirado um dia ensolarado com a câmara que lhe tinham agradável por seu aniversário.

Apesar de que, é obvio, Edi não convidava às Astras a sua casa, às duas gostava de apresentar-se por surpresa, como se pensassem que assim veriam algo que não deviam ver.

—Que sacas de passar ali tanto tempo? —estavam acostumados a lhe perguntar—. A casa é um aborrecimento e a velha uma antipática. Não há nada a fazer ali.

Nem sequer se incomodava em lhes responder... o que as tirava de gonzo. Como explicar-lhe a duas garotas que solo pensavam no modo melhor de emperiquitar-se?

Jocelyn se tinha guardado muito muito de lhes pedir a foto, porque as Astras não teriam tido jamais a gentileza de dar-lhe No melhor dos casos a teriam entregue em troca de que lhes fizesse um par de trabalhos de classe; no pior, a teriam destruído pelo simples prazer de fazê-lo. Assim tinha esperado a que as gêmeas se fossem, extraído o cartão de cor da câmara, copiado as fotos em seu portátil e devolvido o cartão a seu lugar.

Logo as Astras tinham tentado provocá-la com a foto, porque sabiam que a queria, mas Jocelyn se limitou a encolher-se de ombros e, como sabia o que fariam, tinham-na apagado da memória.

Pô-la na mesita de noite. Edi e ela estavam de pé, uma ao lado da outra, diante de uma roseira Mr. Lincoln. O vermelho escuro das rosas contrastava com o vestido branco de linho do Edi, que sorria ao Jocelyn de um modo que punha em evidência o muito que a queria, enquanto Joce lhe devolia o sorriso com igual carinho. Quando tinha visto a foto pela primeira vez, tinha compreendido melhor por que as Astras tinham tanto ciúmes dela. Nem sequer sua mãe, que as adorava, olhava-as como Edi a estava olhando naquela fotografia.

Jogou outra olhada ao relógio, terminou de arrumar-se rapidamente e ao cabo de um segundo já baixava as escadas. Abriu a porta principal e soltou uma exclamação. Havia três mulheres ali de pé com as que esteve a ponto de chocar.

—Perdão pelo susto —disse uma.

—vais ver o Ramsey, verdade? —perguntou-lhe outra. Levava jeans e uma camiseta e parecia muito jovem para ter o cabelo cinza.

Tinha-as visto na igreja e as tinham apresentado, mas não se lembrava de como se chamavam. Por isso sabia, alguém era a mãe do Ramsey... ou do Luke.

—Sinto-o muito mas não posso ficar. Chego tarde... —disse.

—Não passa nada. Esperará-te —disse a terceira mulher—. viemos a recolher os pratos e a ver como vai. Você gostou de meu guisado de cabaça?

—Eu, né... —Jocelyn não tinha nem idéia de que prato era aquele.

—Não a curve —disse a mulher dos jeans—. Todas sabemos o que fizeram com a comida. Foi idéia do Tess, a que sim? E algo muito nobre por sua parte, garotas.

—Sim —disse a primeira. Levava o cabelo tingido de vermelho e lhe sentava bem. Pelo cilindro da cintura se notava que não se tomava a moléstia de ir ao ginásio—. Já sabemos quão nobre é Tess. —Pôs os olhos em branco ao dizê-lo e parecia disposta a tornar-se a rir.

As ouvindo falar do Tess daquele modo, Jocelyn deu graças ao Luke por não dizer que se passou por sua casa detrás ir-se Ramsey. Não queria que aquelas três pusessem os olhos em branco ao falar dela.

—Os pratos estão na mesa da cozinha —disse baixando os degraus—. Agarrem vocês mesmas e muitíssimas obrigado por tudo. Têm-me feito sentir muito bem recebida. Não sei como lhes dar as obrigado.

Abriu a porta do carro e subiu. Tirou a mão pelo guichê e as saudou enquanto cruzava a grade. As mulheres seguiam de pé na porta, olhando-a.

—Certamente já me etiquetaram como a ianque mais grosseira que se mudou jamais ao Edilean —murmurou entre dentes.

Ao cabo de uns minutos já via o despacho do Ramsey... e a ele em frente, sentado na calçada, em cima de uma colcha dobrada, com uma cesta de pícnic ao lado. Quando a viu aproximar-se levantou, ficou a colcha dobrada sobre o braço e recolheu a cesta. Jocelyn parou junto ao meio-fio e ele abriu a porta do carro, subiu e pôs as coisas detrás.

—É maior do que parece —disse, olhando o interior do carro.

—Arrumado a que o diz a todas.

—Solo a umas quantas —resmungou ele.

—E bem, aonde vamos? —perguntou-lhe ela, dobrando já em direção ao Williamsburg.

—Não —a corrigiu Ramsey—. Para a direita.

—Mas...

—Mas o que?

—Nada. É que acreditava que iríamos ao Williamsburg.

—Já o tinha pensado, mas acredito que já haverá tempo para isso. Pareceu-me melhor que podíamos passar algum tempo a sós.

—A sós... —disse ela baixinho.

—O que?

—Isso que ouvi me gostou: «A sós.»

—Dobra aí —lhe indicou Ramsey ao chegar a um pôster que punha que estavam saindo do Wilderness Park—. Ou prefere que eu conduza?

—Não. Vou bem.

—Quantas senhoras lhe visitaram esta manhã?

—Surpreendentemente, poucas. Deixei-as a três na porta ao ir. Por pouco as demolição.

—Quais eram?

Lhe olhou de esguelha.

—Vale —disse Ramsey, sorridente—. Não tem nem idéia. descreve-me isso Joce soltó una carcajada.

—Uma com o cabelo vermelho escuro tingido e não muito em forma.

—«Não muito em forma.» Que diplomática! A mãe do Ken. Não o conhece, ou sim?

—Pensava conhecê-lo hoje, mas estava fora me esperando.

—foi idéia do Tess. Há dito que todos estariam te olhando, assim, se queria falar contigo, que te levasse a outra parte.

—Ah.

—Não sei se isso é bom. O que significa esse «ah»?

—Luke me disse que Tess te dirige. De fato, dizem-no todos.

—E o faz muito bem —disse Ramsey—. Por favor, me diga que está terrivelmente ciumenta e que você gostaria de lhe arrancar o cabelo.

Joce soltou uma gargalhada.

—Perdoa mas não. É cáustica e uma ressentida, mas quase diria que eu gosto.

—Então é a segunda mulher do povo a quem gosta de Tess. A outra é Sara. As garotas do despacho lhe têm pânico. metem-se no banheiro a falar dela. Tanto é assim quando Tess tem que entrar, antes grita «Entro» e lhes dá três segundos para calar-se.

—por que a detestam? —disse Joce assombrada, com uns olhos como pratos.

—Nem idéia... —respondeu-lhe um sorridente Ramsey—. Gira e toma por esse caminho de terra. Aí está! Estaciona ao pé dessa árvore.

Estacionou ao pé de um grande carvalho e desembarcou do carro. Ramsey a imitou e logo tirou a cesta e a colcha.

—Poderá suportar outro pícnic? —perguntou-lhe.

Estavam em um lugar precioso. As árvores formavam um toldado e se ouvia um arroio ao longe.

—Se os pícnicos forem aqui, posso com um jornal.

—Vamos, então.

Ramsey ficou a caminhar e ela o seguiu pelo atalho até que chegaram a um prado cheio de flores silvestres.

Enquanto o cruzavam, Jocelyn pensou que Ramsey tinha algo importante que lhe dizer, mas que não queria fazê-lo em um lugar público como seu escritório ou um restaurante. Esperava que não fora nada que a fizesse chorar.

—Que lugar tão bonito! —disse-lhe quando ele a olhou por cima do ombro, dissimulando o que pensava.

—Um dia feio na Virginia segue sendo bom.

—Isso é uma observação científica?

—Sim. Completamente imparcial. —Caminhava de costas pelo prado, olhando-a, e o sol lhe dava no cabelo e a camisa azul—. Segue me olhando assim e não voltaremos nunca para despacho —se burlou.

—E isso por que, senhor McDowell?

Chegaram a uma fileira de árvores e ele avançou mais devagar caminhando entre eles, esperando a que o alcançasse.

—Estas árvores os plantou meu avô —lhe disse.

—Significa isso que estas terras são tuas?

—De minha irmã e minhas. Ela e seu marido construíram uma casa ao outro lado do prado.

—Planeja construir algo aqui?

—É possível —disse Ramsey. Tinham chegado a um regato com salgueiros cujos ramos pendiam sobre a água—. Você gosta do sítio?

—Muito. Onde levantará sua casa?

Brocou-a com o olhar.

—Teme que construa uma monstruosidade de cimento no centro do prado, verdade? —Estendeu a colcha à sombra, em uma parte de terra plano.

—É algo que me passou pela cabeça.

—Mais acima há um lugar onde se queimou uma velha casa. É um terreno espaçoso de árvores. Construirei-a ali e conservarei tudo isto exatamente igual. —Foi para o regato, deixou a cesta na colcha e a abriu—. Não tenho nem idéia do que contém. Tess... —calou-se.

—Tess a preparou —disse Jocelyn—. Sei. Faça-me uma idéia. Suponho que te inteiraste que o que fizemos com a comida de bem-vinda que deixaram em minha casa.

—Sim. —Ramsey sorria—. Assim é Tess. Pensa nos que são menos afortunados que ela.

Enquanto o olhava, Jocelyn voltou a perguntá-lo que havia realmente entre ele e Tess.

—Não você comece também —lhe disse Ramsey, tirando uma fatia de pão da cesta, e Jocelyn soube que se referia ao de especular a respeito dele e Tess—. Se isto for da loja da tia Ellie, pode apostar a que a metade é fibra e um quarto casca.

—Você não gosta?

—eu adoro! —exclamou ele. Logo acrescentou baixando a voz—: Mas, às vezes, quando estou fora do povo peço um sanduíche de atum com o pão branco; nada de farinha integral: pão branco. Cada vez que o faço temo que a tia Ellie entre pela porta e me solte um sermão sobre o sistema digestivo.

—Lhe diga que o pão branco está bom com tequila.

Ramsey soltou uma gargalhada.

—Inteiraste-te que muitas coisas sobre os do povo, verdade?

—De um par. —ficou de joelhos, esfregou-se as mãos e começou a esvaziar a cesta. Estava cheia de coisas que adorava: queijo brie, tostaditas, azeitonas, três classes de frutos silvestres, o que parecia patê caseiro, salada de couve e sucos—. Que maravilha!

—Suponho que Tess se fixou no que comeu ontem e o incluiu na cesta.

—Muito cientista —disse Jocelyn, pondo o conteúdo da cesta na colcha.

Tirou os pratos que encontrou no fundo. Abriu uma garrafa de suco e se dispôs a encher um copo de papel, mas lhe agarrou a garrafa. Olhou como a levava aos lábios. Gostou que unicamente apoiasse o gargalo no lábio inferior para beber.

—vais dizer me de uma vez o que morre por me dizer? —perguntou-lhe, olhando o riacho.

Ramsey a olhou incrédulo e sacudiu a cabeça.

—Me recorde que não jogue pôquer contigo jamais. O que teria que fazer para não me delatar?

—Nem idéia. O que sei é que hoje tem o olhar sério e, conforme me hão dito, que haja me trazido aqui na segunda entrevista é anômalo.

—Inconvenientes de viver em um povo no que todo mundo te conhece —repôs ele, sem sorrir—. passei meia noite em vela. Ficamos levantados meu pai e eu, e me contou o que cheguei a considerar o Grande Segredo Familiar.

—Segreto que agora vais compartilhar comigo... Tão mau é?

—Pode... —Ramsey apartou os olhos—. Depende de como lhe tome.

—Solta-o.

Ele se encheu um prato de comida e demorou o seu em lhe responder.

—A senhorita Edi e meu avô eram grandes amigos. blefaram-se até que o avô morreu. Quando eu era menino, ele me lia as cartas e, quando ele era já muito maior, as lia eu. A senhorita Edi estava acostumado a escrever muito a respeito de ti.

Estava orgulhosa de sua inteligência, mas nunca mencionou o talento que tem para julgar às pessoas.

Joce o observava atentamente. Se tinha lido as cartas do Edi, então tinha que saber um montão de coisas dela, do Jocelyn. Que soubesse tanto sobre ela a impressionou. Tentou apaziguar os batimentos do coração de seu coração. ia dizer lhe um pouco verdadeiramente espantoso?

—Tem-me feito falta ser virtualmente clarividente para sobreviver às Astras.

Ramsey sorriu.

—Com meu pai seguimos sua carreira profissional —disse—, desde seu primeiro catálogo até a passarela de Melam. São tão horríveis como dizia a senhorita Edi?

—Muito pior —repôs Joce com impaciência—. Tão mau é o que vais dizer me que não encontra o modo?

—Não há dinheiro —soltou ele rapidamente.

—Não há dinheiro?

—Ontem à noite meu pai me disse que herda a casa mas nem um céntimo.

—Não o entendo. Quero dizer que... não esperava uma millonada, mas Edi vivia amplamente. Sou auto-suficiente, mas esta casa terá que mantê-la.

—Já sei —disse Ramsey com um suspiro—. Eu... bom, minha família... ajudaremos-lhe nisso. Mas não há dinheiro. Quanto aos gastos da senhorita Edi... —encolheu-se de ombros.

—Desde quando carecia de ganhos?

—Foi auto-suficiente até que se mudou a Florida. A partir de então, da casa do Edilean e tudo o que fez pelo povo se ocuparam outros. Da manutenção do Bertrand também.

—Quem mantinha a casa da Florida e lhe pagava por seu trabalho benéfico ali?

—Meu avô.

—E seu avô era...?

—Alexander McDowell.

Jocelyn ficou olhando o regato, pensando nas coisas das que se inteirou durante os últimos dias.

—O marido do Lissie? —perguntou por fim, com um fio de voz.

—Falou-te dele a senhorita Edi?

—Não me disse nenhuma palavra. Se não me falou do Edilean, muito menos de seus habitantes. Não sabia que fora proprietária de uma casa enorme, não sabia... —Teve que respirar profundamente duas vezes para acalmar-se—. Edi mencionava ao Alex e Lissie McDowell na carta que me deixou com o testamento, e

Sara se referiu a uma Lissie que se casou com o «homem mais rico do povo», assim ateí cabos.

—Era sua tia avó —disse Ramsey com uma voz apenas audível.

—O que?

—Lissie era tia avó da Sara. casou-se com meu avô ao começo da Segunda guerra mundial e, por isso deduzi, foi então quando começou tudo.

—O que começou? —Olhou-o e notou que tinha uma expressão tensa. Odiava ter que lhe dizer aquilo.

—Vamos —disse sorridente—, te relaxe. Ontem era pobre e ainda sigo sendo-o. Que mais dá? Não esperava que Edi me recompensasse economicamente, assim não estou decepcionada.

Ramsey pareceu tão aliviado que lhe serve um copo de suco e o ofereceu.

—Preferiria que fora veio.

—Eu também. —Levantou o copo em um brinde—. Por ti, Jocelyn, a dama mais nobre que tenha existido.

Jocelyn soltou uma gargalhada.

—O que esperava, que me enchesse o saco ou que me enfurecesse com uma mulher porque não me deixou dinheiro?

—O que teriam feito as Astras?

—O que fizeram, mas bem —disse Jocelyn, e lhe contou o dos carvões que Edi fazia esculpir como pedras preciosas—. Eu já tinha voltado para trabalho quando se inteiraram e não respondi a suas chamadas telefônicas, mas me deixaram umas mensagens incendiárias na secretária eletrônica. Escutei-os muitas vezes. Acredito que não desfrutei tanto em toda minha vida.

Ramsey a olhava e notou que seguia preocupado pela notícia que acabava de lhe dar e que ele considerava espantosa.

—Conta-me o todo —lhe pediu—. por que mantinha seu avô a uma mulher com a que não lhe unia nenhuma relação de parentesco?

—Não sei, nem meu pai tampouco. Quão único sabemos é que a família da senhorita Edi era a mais prestigiosa do povo, mas que a do Alex McDowell era a mais enriquecida. Sabemos que passou algo desagradável... espantoso, em 1941, e que a senhorita Edi ajudou a meu avô Alex, mas desconhecemos os detalhes. A senhorita Edi trabalhou quase toda a vida...

—Com queimados —completou a frase Jocelyn.

—Exato. ocupou-se de seu irmão e pagou a conservação do Edilean Manor. Quando se aposentou, mudou-se a Boca Camundongo.

—A uma casa vizinha da nossa. —Jocelyn se abraçava os joelhos, escutando-o atentamente—. Uma casa cujo proprietário era seu avô.

—Sim. Entre a manutenção de seu irmão e a conservação da casa, além de todo o dinheiro que dava aos necessitados, a senhorita Edí ficou sem um centímo. Meu avô comprou essa casa, em que ela viveu gratuitamente.

—por que não voltou para o Edilean?

—Isso forma parte do Grande Mistério. Segundo meu pai, Bertrand queria ir-se viver com ela a Florida, mas lhe disse que devia ficar aqui para ocupar-se do Edilean Manor. Devia conservá-la intacta para o futuro. Entretanto, nenhum dos dois se casou, assim não houve herdeiros.

—Assim Bertrand não se jogou a fortuna familiar.

—Não. Diz meu pai que ao Bertrand gostava que a gente acreditasse que era um ludópata que o apostava tudo aos cavalos. Pelo visto dizia que era muito melhor isso que o fato de que se inteirassem de que estavam na ruína.

—Assim Edí me deixou um legado envenenado.

—Temo-me que sim. A boa notícia é que a casa é teu e está livre de cargas, assim pode vendê-la se quiser. Poderá tirar por ela um milhão ou mais.

—Um milhão ou mais? —ficou ali sentada, com o queixo apoiado nos joelhos, olhando a água—. O que me diz do Luke? Há dito que lhe pagam o salário. Não íeis recuperar o gasto quando eu recebesse o dinheiro?

Ramsey se encolheu de ombros.

—Não ganha muito, assim que o pago de...

—De seu bolso —disse Joce com desânimo.

—Olhe, não se preocupe pelo Luke. Não é absolutamente pobre. Tem outras... fontes de ingresso.

—A que te refere?

—Não me corresponde falar a respeito dos negócios de minha primo. Simplesmente te digo que não teve uma vida fácil mas que não tem problemas econômicos.

Jocelyn compreendeu que não lhe tiraria nada mais sobre o tema.

—O que não entendo é como as arrumava Edí para viver se carecia de dinheiro. Íamos à ópera. Assistia a reuniões benéficas e sei que realizava contribuições porque todo isso o fazíamos juntas. Como podia se não tinha ganhos?

—Era seu trabalho. Meu pai criou uma fundação e a senhorita Edí a administrava. Sabia que seu filho, meu pai, teria detestado ter que ir a todas essas reuniões, assim que o encarregou a ela.

—De uma casa em Boca Camundongo? Não te parece estranho?

—Sim e não. Parece-me que o avô confiava mais na senhorita Edí que em ninguém e, como ela não queria voltar para o Edilean, onde a gente seguia considerando-a uma velha solteirona, o trato resultava conveniente. Papai diz que ela não queria conviver com seu irmão.

—Além disso, o frio não era bom para suas pernas.

—Estou seguro de que haveria um centenar de motivos. Parece-me que meu avô e a senhorita Edi o arrumaram tudo para ser felizes ambos. Segundo meu pai, ela fez um trabalho magnífico administrando a fundação.

—Gastava-se muito dinheiro em mim —disse Jocelyn com um fio de voz.

—Ontem à noite meu pai me contou que o avô e seus avós eram amigos. Acredito que por isso comprou a casa, para que vivesse perto deles.

Jocelyn suspirou.

—Outra mentira mais, ou outra omissão. Edi nunca me contou que meus avós fossem amigos de seu amigo. —Inspirou profundamente—. Quantos segretos! —Olhou-o—. Sabe todo o povo que a família Harcourt estava na miséria?

—Não. —Ramsey fez uma careta—. Era um segredo tão bem guardado que até ontem à noite nem sequer eu estava à corrente. Diz meu pai que visitava o Bertrand duas vezes ao ano e que se tomavam um conhaque de cinqüenta anos rendo-se da miséria da família Harcourt. Jocelyn, tem que compreender que eu não tinha nem idéia disto. Acreditava o que dizem os documentos que vi e que você fosse herdar uns três milhões de dólares além da casa. antes de vir, perguntou-me por telefone de quanto dinheiro se tratava e te respondi o que acreditava que era certo. Nunca haveria...

Jocelyn notou a súplica, que temia que pensasse mal dele. Não o fazia, mas quis salvar o da humilhação.

—por que motivo se ocupou seu avô dela e do irmão durante tantos anos?

—Não sei. Tampouco sabe meu pai. Ontem à noite me contou que, quando seu pai lhe ensinou a contabilidade dos Harcourt, perguntou-lhe exatamente isso, mas que o avô não o disse. Diz papai que o perguntou mais de uma vez ao longo dos anos mas que o avô sempre se negou a lhe confiar o segredo. Tudo o que dizia era que Edi tinha crédulo nele quando ninguém mais o tinha feito e que, de não ter sido assim, sua vida teria sido um inferno. Dizia que o devia tudo à senhorita Edi.

—A que se referia? Tinha-lhe avisado para que comprasse aço americano a dez centavos a ação, o preço subiu e se fez rico da noite para o dia? Talvez foi algo assim.

—Não. Não pode ter sido algo tão singelo. Em tal caso o avô teria instituído a fundação abertamente. Edi se teria convertido em uma lenda do povo e todos teriam estado de acordo em que o avô estava em dívida com ela. Mas todo se levou a cabo em segredo. Fora o que fosse que Edi fez por meu pai, foi sem que os do povo se inteirassem.

—Neste povo! Dois homens visitaram o Tess na sábado de noite e à manhã seguinte todos estavam à corrente.

—Exatamente. Mas algo passou, algo importante, e por causa disso, quando a senhorita Edi se aposentou, meu pai se ocupou dela e de seu irmão.

—Começo a acreditar que tudo o que me contou era mentira.

—Não mentia quando dizia que te queria. Escreveu-lhe ao avô que foi um presente de Deus em sua velhice, Jocelyn —disse Ramsey, inclinando-se para ela e pondo uma mão sobre a sua—. Te ajudarei. Seriamente que o farei.

—Quer dizer que fará caridade comigo como fez seu pai? É sua família a verdadeira proprietária do Edilean Manor.

—Então, Luke trabalha para mim? —disse Ramsey, com tanto regozijo que ao Jocelyn lhe escapou uma gargalhada.

—O que diria se se inteirasse de que é você quem lhe paga o salário?

—Certamente me daria um murro na cara. Tem o gancho de esquerda mais potente que vi nunca. De pequenos me pôs os olhos morados mais de uma vez.

—Como saía ele das brigas?

—Ileso —disse Ramsey—. Eu lhe ensinava a outra bochecha.

Jocelyn voltou a rir e a olhar o regato.

—Vale, terei que encontrar trabalho, pois. Né! Já sei. por que não te despede do Tess e trabalho para ti? —Quando Ramsey a olhou horrorizado, fez uma careta—. por que não? Porei-me vestidos, com a saia por debaixo do joelho, e não levarei jamais expulsa jeamas.

—Se não deixar de dizer estas coisas terei que contar-lhe ao Tess.

Jocelyn se protegeu a cara com os braços, para evitar um golpe.

—Contou-te o que me disse quando a conheci?

—Não —lhe confessou ele—, mas ouvi o que você lhe respondeu. Algo a respeito de que o mel apanha mais moscas que uma cara bonita.

—Um resumo muito acertado. —ficou a guardar as coisas na cesta, mas Ramsey não se moveu.

—Há outra coisa que tenho que te dizer.

Jocelyn voltou a sentar-se.

—Que mais? Que tenho dívidas? Por favor, não me diga que herdei dívidas e que tenho que as saldar ou os credores me levarão ao cárcere.

Ramsey a olhou assombrado.

—Os mesmos livros que Sara?

—Basicamente. Que mais tem que me dizer?

—ia guardar o segredo. —Inspirou profundamente—. A verdade é que foi minha coisa e não lhe queria dizer isso mas ontem à noite, quando me inteirei das mentiras que lhe haviam dito... Bom, não posso acrescentar nem a mentira mais inofensiva ao resto.

—Isso me convém —disse Joce, sem sorrir.

—Olhe, esta tarde te espera um retiro.

—Já sei.

—Sabe?

—Luke me contou isso. Recolherá às duas... ou ao menos se supunha que recolheria a essa hora. Disse que sempre leva às mulheres ao The Trellis para a segunda entrevista, assim íamos encontrar nos ali.

Ramsey soltou um bufido.

—Tenta que cria que sou um tipo rotineiro e que sempre me atengo ao estabelecido com «minhas garotas». A verdade é que não tenho nenhuma rotina nem muitas entrevistas. Mas não é do Luke de quem queria te falar. O retiro tem que ver com pastelitos.

—Pastelitos? Isso é um término em um jargão que desconheço?

—Não. Fui um bocazas. Quando te deixei, na sábado, fui ao apartamento do Tess.

—E lhe falou de mim. Já me há isso dito.

Ramsey a olhou de esguelha, tentando encontrar o modo de dizer-lhe

—Justo.

—Disse-lhe... —Fez um gesto de rechaço com a mão—. Dá igual por que, mas lhe disse que tinha mencionado que sabia preparar confeitaria. Assim que me disse que me convinha criar uma «necessidade imperiosa» de confeitaria.

—Uma necessidade imperiosa de confeitaria? Que demônios é isso?

—Referia-se a que podia fazer que alguém fingisse que necessitava imperiosamente dispor de confeitaria e te dissesse que você foi a única capaz de tirá-la do atoleiro.

Joce o olhou consternada.

—Parece-me que me perdi. Quem vai necessitar me a mim precisamente para preparar pastelitos?

—Digo-te a verdade?

—Não estaria mau.

—ia ser uma desculpa para que você e eu chegássemos a nos conhecer melhor, para passar mais tempo juntos. depois de nossa primeira entrevista, pareceu-me que nós...

—Tínhamo-nos ficado sem tema de conversação?

—Justo.

—Assim, quando te partiu, foi a casa do Tess para lhe pedir sua opinião como mulher a respeito do que te convinha fazer para que nos enrolássemos.

—Sim —admitiu ele mansamente—. O sinto, eu...

Jocelyn o interrompeu com um beijo nos lábios. Não foi um beijo muito apaixonado, mas sim um que lhe indicou que não estava descontente com seu modo de atuar.

—Caray. Isto foi por...? foi por te dizer a verdade?

Não queria lhe dizer por que o tinha beijado. Talvez tinha sido de alívio ao inteirar-se de que, se tinha ido ver o Tess, tinha sido unicamente para lhe falar dela. Sabia que era uma estupidez, mas, segundo Edi, Ramsey era o homem perfeito para ela e, em certo sentido, considerava-o dele.

Tendeu-se na colcha e ficou a olhar as folhas da árvore sob o que estavam.

—Me fale dessa «necessidade imperiosa de confeitaria».

Ramsey lhe aproximou.

—Preferiria falar de beijos.

—Agora não. —Olhou-o com a extremidade do olho—. Me parece que devo resolver várias coisas antes de me beijar a sério com ninguém.

Ramsey suspirou teatralmente e se tendeu na colcha, ao outro lado da cesta.

—Tess se ocupou que tudo. Do da confeitaria, quero dizer.

—Assim já antes de me conhecer sabia que me faria falta uma ocupação.

—Sim. —Ramsey apoiou a nuca nas mãos e olhou a taça da árvore—. Mas não sabia o do dinheiro. Joce, sei que certamente todos lhe hão dito que Tess é...

—Melhor dava que me advertiram que Tess é...

—Vale, lhe advertiram que Tess governa minha vida, mas não é certo. É verdade que aprendi a me fazer o parvo e assim ela faz o trabalho, porque trabalha como uma mula, asseguro-lhe isso, mas em muitos aspectos o ignora tudo a respeito de mim. Você encabeça a lista dos aspectos que desconhece.

»Estou seguro de que tem que ver com o fato de ter ouvido falar de ti desde que era um pirralho e sei que é prematuro, mas... Jocelyn, eu gosto de muito. É inteligente e divertida, e eu adoro estar contigo. Faz-me sentir bem. Basta isso para que iniciemos uma relação?

—Sim. —sentia-se melhor com cada palavra que ele dizia. Não gostava que pensasse que estava ciumenta do Tess, mas era agradável que lhe assegurasse que não havia razão para que o estivesse.

Sentou-se e olhou dentro da cesta.

—Comeste-te todo o patê?

—limpei o prato. —ficou de lado, com a cabeça apoiada em uma mão, olhando-a com doçura e calidez.

Joce teve que fazer um esforço para apartar os olhos dele.

«É muito logo —pensou—. Muito prematuro.»

Edi dizia que as mulheres que se afeiçoam com um homem de entrada se passavam a vida lamentando que não as tivessem cortejado. Dizia que David a

tinha cortejado «apaixonadamente». «Demorei muito antes de consentir em... em ser sua noiva», dizia, e sempre que o fazia se ruborizava.

Jocelyn não queria nem pensar no «apaixonado» que se tornou o noivado. Edi havia tornado da Segunda guerra mundial e se encontrou com seu querido David casado com outra.

—Me conte o da confeitaria —insistiu Jocelyn, lubrificando de queijo uma torrada.

—Desconheço os detalhes. Receberá uma chamada de alguém, certamente de minha irmã e certamente esta noite. Perguntará-te se sabe preparar confeitaria.

—vão ser para essa festa infantil a que me há convidado?

—Sim. —Ramsey aceitou a torrada que lhe oferecia.

—Viu minha cozinha?

—Claro —disse ele, com a boca enche—. Está... —Olhou-a—. Está cortada. Assim, como vais preparar confeitaria sem... sem os utensílios que fazem falta, sejam quais sejam?

—Eu acreditava que você sabia cozinhar.

—Minha irmã me ensinou a preparar a massa dessa maneira. É o único que sei cozinhar.

Jocelyn se preparou uma torrada com queijo e a comeu enquanto refletia.

—Suponho que sua irmã está fazendo isto para que seu pobre irmão solteiro se case com uma mulher a que crie rica e que vive na casa maior e antiga do povo.

—Claro. Minha mãe perdeu a esperança de que me casasse, e parece que minha irmã está a ponto de render-se também.

—Assim sou sua última oportunidade.

—A ultimísima. —Estava cada vez mais sorridente—. Me dá que está maquinando algo.

—Sabe o que se acrescenta à comida dos meninos agora?

—Tintura violeta?

—Isso está acontecido de moda. Não. acrescenta-se nata de espinafres ao chocolate. —Ramsey a olhou tão horrorizado que soltou uma gargalhada—. Soa mau, mas de fato sabe bem. Coloca abobrinha nos macarrão gratinados com queijo, cabaça nos perritos quentes... Claro que os meninos crescem se ter comido brócolis tal qual, mas tampouco importa. O caso é que sejam altos e fortes e que cheguem feitos e direitos à universidade.

—Uma geração inteira vai crescer sem saber a que sabe realmente o chocolate —disse Ramsey, a quem seguia lhe parecendo a pior ideia do mundo.

—Tem dinheiro sua irmã? Se for de sua família, tem que ser rica.

—O que? —perguntou-lhe Ramsey, incrédulo.

—Se sua irmã me tivesse chamado esta manhã e me tivesse pedido que cozinhasse umas quantas dúzias de pastelitos para uma festa infantil o teria feito grátis. Mas me tinham induzido a acreditar que acabava de herdar uma fortuna com a casa, não só esse poço sem fundo no que terei que investir tudo que possuo sozinho para manter as térmites a raia. O que me interessa saber é se sua irmã me pode permitir-se pagar isso —Vale. Tengo una oportunidad de demostrarle al mundo, y cuando digo el mundo me refiero a Edilean y sus alrededores, de qué soy capaz. Si hago un buen trabajo, a lo mejor conseguiré ganar los suficiente para mantenerme hasta... hasta...

—Sim que pode. Seu marido trabalha no Busch e vontade bastante dinheiro.

—E além disso está a fundação de seu avô.

—E está a fundação de meu avô. —Ramsey sorria—. O que está tramando essa linda tua cabecita?

—Parece-me que não quero me passar a vida preparando confeitaria, mas de momento não me ocorre que mais fazer. Sara me há dito que não há nenhum trabalho que valha a pena no Edilean.

—Não que eu saiba. A gente trabalha fora do povo ou tem seu próprio negócio. Ao melhor Sara e você poderia pôr algo juntas.

—Abrir uma loja de roupas e servir confeitaria aos clientes? Não acredito. Além disso, se me puser a sério com o dos pastelitos e ganho dinheiro...

—Terá a um inspetor de sanidade em sua porta imediatamente —disse Ramsey.

—Exato. Às vezes me esquece que é advogado.

—É um completo?

Jocelyn estava concentrada olhando a água.

—Vale. Tenho uma oportunidade de lhe demonstrar ao mundo, e quando digo o mundo refiro ao Edilean e seus arredores, do que sou capaz. Se fizer um bom trabalho, talvez conseguirei ganhar os suficiente para me manter até... até...

—Sinto-me fatal —disse Ramsey—. Fui eu quem te animou a deixar seu trabalho e te vir. Disse-te que além da casa receberia uma soma de dinheiro.

—Por favor, deixa de te sentir culpado. Posso pedir um empréstimo se fizer falta. —OuvIU uma buzina ao longe—. Que horas são?

Ramsey fez uma careta.

—Não me faz falta relógio para saber que são dois em ponto. Aonde vai com o Luke?

Jocelyn estava colocando as coisas na cesta.

—Novelo. Temos que comprar lavanda.

—Para que? —Agarrou a colcha por um extremo e Jocelyn pelo outro.

—Para fazer bolachas. Também sei as fazer.

—Certamente não parece que inteirar-se de que está sem branca te tenha alterado.

—Prefiro tomar o como um incentivo. —Quando a buzina voltou a soar, olhou-o.

—Vamos —disse ele—. Já me ocupo eu disto.

—Obrigado. —Foi para o atalho e logo se voltou a olhá-lo—. Três com vinte e cinco.

—O que?

—Isso é o que cobram em Nova Iorque por uma madalena grande. Três dólares com vinte e cinco centavos por peça.

—Pois claro —disse ele, com cara de surpresa pelo preço—. Está bem. Direi a meu cunhado que aceite. Serei seu protetor, mas se a confeitaria é um espanto me fará ficar como um parvo. E não encontrará trabalho no povo.

—Estará orgulhoso de mim —lhe assegurou enquanto voltava a soar a buzina—. As chaves de meu carro estão na cesta.

Ramsey assentiu e Jocelyn partiu correndo.

Capítulo 9

Jocelyn correu pelo prado para a caminhonete do Luke, que este tinha estacionado ao pé do carvalho, junto a seu carro. Não se apeou nem lhe abriu a porta, limitou-se a esperar com o motor em marcha. Ela pôs um pé no estribo e se sentou a seu lado. antes de que tivesse fechado a porta Luke já tinha arrancado.

—Está zangado porque estava equivocado...? —perguntou-lhe.

—Não estou zangado nem tampouco equivocado, assim por que estaria zangado se o estivesse?

—Porque Ramsey não me levou ao Williamsburg como disse que faria.

Luke se encolheu de ombros.

—Suponho que Tess lhe mandou que fora a outra parte.

Jocelyn não disse nada porque aquilo se aproximava muito à verdade. Mas Ramsey tinha querido lhe dizer coisas muito importantes e estava contente de que tivessem estado sozinhos quando o tinha feito. Em termos gerais, acreditava que tinha feito bem lhe ocultando a comoção que lhe tinha causado a notícia. Não ter dinheiro para ocupar-se da velha casa era mau, mas não algo que não pudesse confrontar. Certamente havia planos governamentais de ajuda para a conservação de um edifício tão antigo.

Estava alterada pelo que lhe tinha contado Ramsey do Edi. Pelo visto cada hora que passava se ia inteirando de alguma mentira mais. Desde menina tinha

passado tanto tempo como tinha podido com aquela mulher, que lhe tinha ensinado todo o importante da vida. Jocelyn, que considerava o Edi a pessoa mais sábia do mundo, estava descobrindo que não tinha sido honesta com ela. Embora se dizia que Edi estava em seu perfeito direito de manter em segredo algumas parte de sua vida privada, doía-lhe que o tivesse feito.

—Né! —disse Luke com doçura—. por que está tão carrancuda? discutistes Rans e você?

—Não. —Jocelyn apoiou a cabeça no guichê e ficou a olhar a estrada—. Alguma vez confiaste em alguém cegamente e logo te inteiraste que essa pessoa não era nem de longe como acreditava?

—Sim. Inteiraste-te que algo sobre o Ramsey?

—Não. Quero dizer... sim. preocupa-se com a gente, verdade?

Luke a olhou de esguelha enquanto tomava a curva.

—Suponho. Do que se preocupa?

—De tudo. De todos. —ergueu-se no assento—. Aonde vamos?

—A comprar novelo, não te lembra?

—Não me posso permitir isso lhe respondeu irreflexivamente.

Imediatamente seguinte Luke estava dando a volta em redondo para voltar por onde tinham vindo.

—O que faz?

—Levo-te a casa. Logo nos sentaremos e me explicará isso que acaba de me dizer.

Ramsey não lhe havia dito que o que lhe tinha contado fora um segredo, mas ao Jocelyn parecia que simplesmente tinha sido um descuido por sua parte não fazê-lo. Fora o que fosse que tinha acontecido entre o Edi e seu avô, não tinha saído à luz em muitos anos e não acreditava que fora boa idéia arejá-lo.

—São assuntos legais —disse—. Se trata de, né... a autenticação do testamento. vou demorar muito em ter o dinheiro que me deixou Edi para me ocupar da casa, assim terei que esperar. Enquanto isso não tenho mais que minhas economias, o que não é muito. Mas Ramsey me conseguiu um trabalho em casa de sua irmã amanhã. vou preparar confeitaria, embora me parece que não tenho sequer moldes para assar. Se consigo prepará-la, tudo irá bem. Acredito... espero.

Luke estacionou no caminho de entrada do Edilean Manor, apagou o motor e deu a volta à caminhonete para lhe abrir a porta.

—Sal —lhe disse, porque ela não se movia—. A menos que queira que te leve a rastros, sal da caminhonete.

Quando obedeceu, foram até a porta de entrada e Jocelyn pinçou no bolso para tirar a chave.

—As chaves estão no chaveiro do carro, e o tem Ramsey.

Luke abriu a porta.

—Quem fecha com chave neste povo?

—Mas você disse... —Nem sequer se incomodou em terminar a frase.

Foram até a cozinha e ele correu uma cadeira da grande mesa de pinheiro e esperou a que ela se sentasse. Logo pôs uma vasilha no fogão a esquentar.

—De onde saiu? —perguntou-lhe Jocelyn.

—É de minha mãe. Hei-lhe dito que você gostava do chá e me deu uma caixa para ti. Venha, desembucha.

—A autenticação do testamento... Ramsey diz...

—Ramsey não diz nada disso, e se não deixar de me mentir gritarei. Posso gritar muito forte se me propuser isso. pratiquei esporte muitos anos.

—Não grite. —Apoiou a frente em uma mão—. por que me faz isto? Acreditava que íamos ao viveiro Y... —Foi perdendo fole até emudecer.

—Parece como se te tivesse atropelado um trem de mercadorias. — Apartou a vasilha do fogo e verteu a água quente em uma bule preciosa que Jocelyn não tinha visto nunca—. Quero saber o que te há dito minha primo para te deixar assim.

—Nada para o que mereça encaixar um gancho de direita.

—De esquerda.

—O que?

—Um gancho de esquerda. Não vou nocautear ao Ramsey, mas lhe vou cantar as quarenta. No que estaria pensando para te deixar assim? Está tão pálida como se te tivesse chupado o sangue um vampiro.

—Exagerado... Solo me falou que aspectos legais Y... —calou-se quando viu como a olhava Luke—. Está bem. Não queria que visse o muito que me tinham afetado suas palavras. De fato, deixei que acreditasse que estava contente, cheia de vida. Nada pode afundar ao Jocelyn.

—E logo subiste a minha caminhonete e parecia que...

—Já sei. Parecia que me tinha enrolado um trem, exangue. Sabe conseguir que uma garota se sinta bem, certamente.

Luke lhe pôs diante a bule, uma taça com seu pires e foi à geladeira a procurar leite.

—Agora que o deixamos claro, me conte o que passou.

—Não posso. É... é um assunto privado.

—Todo mundo sabe que vais herdar perto de três milhões de dólares. É isso o que se preocupa? Aflige-te o dinheiro?

—O que vai! —disse, e tomou um sorvo de chá—. Está bom. Deveria tomar um pouco.

—Não, obrigado. —Tirou uma cerveja da geladeira e se sentou a seu lado—. Se não estava afligida pelo dinheiro, estava-o porque não é tanto como pensava?

—Não há nem um céntimo! —exclamou Jocelyn, virtualmente gritando—. Nem cinco! —tampou-se a boca. Não pretendia dizer aquilo.

—Bem. —Luke se arrellanó na cadeira—. Não há dinheiro.

—Olhe, não quero falar mais disto. Solo necessito um pouco de tempo para pensar e te peço que por favor não conte a ninguém o que acabo de te dizer.

—Crie que irei correndo a dizer-lhe a todo mundo? —Tinha o cenho tão franzido que lhe juntavam as sobrancelhas.

De repente, Jocelyn não pôde conter-se mais. tampou-se a cara com as mãos e pôs-se a chorar.

—Tranqüila —lhe disse Luke, abraçando-a para que apoiasse a cabeça em seu ombro—. Não queria te desgostar.

—Não me desgostaste. Choro pelo que me há dito Ramsey.

—Porque não há dinheiro... É isso o que te há dito?

—Sim... não. —Seguia soluçando—. Todo era mentira. Intei-rei-me que tudo o que sabia a respeito da mulher a que queria era mentira: quem era, de onde vinha, inclusive a quem amava... todo mentira. Cada palavra. por que me mentiu tanto? Não confiava em mim? Não o entendo.

Luke tirou um guardanapo de papel do servilletero que havia na mesa e a ofereceu. Ela se levantou e se soou.

—Importa-te se me preparo um sanduíche? Não me deu tempo a comer...

—Sinto muito. Estou-te monopolizando. Não o pretendia. Quando deixei ao Ramsey sentia estupendamente, mas...

—Assim que me viu te vieste abaixo —disse ele, em tom alegre.

—Não é verdade. Ramsey é... já sabe, assim não quero me desmoronar em sua presença.

—Não tenho nem idéia do que significa isso de que «já sabe». O que é Ramsey?

—Um homem que me interessa. Que me interessa de verdade.

—Já vejo. Assim quando está com ele mantém a cabeça bem alta, os olhos secos e não permite que te veja com o nariz cheia de mucos.

—Sim —disse Jocelyn, e voltou a soar-se—. Não sabia que me sentia tão mal até que me afastei que ele. É sempre muito amável comigo. Traz comida e me faz cumpridos. Diz-me que sou inteligente e divertida e que ele... —soou-se sonoramente—. Perdoa. Do que é o sanduíche?

—De presunto e queijo. Quer um?

—Tem pepinos japoneses em vinagre?

—Não sei. A geladeira é tua.

—É uma geladeira mágica, porque ainda não fui uma só vez à loja e sempre está enche.

—Isso não durará mais que esta semana, estou seguro. Todos os do povo se acostumaram a ti e nem sequer se tomarão a moléstia de te conhecer. Sobre tudo se se inteiram de que não tem dinheiro.

—Ja, ja. Não o contará, verdade?

Ele não disse nada enquanto lubrificava de mostarda quatro fatias de pão.

—se preocupa não lhe gostar da ninguém se não ser rica?

—Não quero que se inteirem de que sua querida Edi não tinha um céntimo! Não quero que pensem mal dela.

—Assim não te importa que saibam que é pobre. —Dava-lhe as costas, mas Jocelyn soube que estava sorrindo.

—Não, claro que não. —Agarrou o prato com Isto sanduíche tem uma pinta estupenda.

—Se acabar de comer com o Ramsey, como pode ter fome?

—Não podia comer a duas bochechas estando com ele, não te parece?

—Como Scarlett Ou'Hara —balbuciou ele entre dentes.

—A que te refere?

—Ao andaime. Ao Ashley gosta que tenha bom apetite.

—Ah, sim. Já me lembro. Esta mostarda está boa. De que marca é?

—Não sei. Pregúntaselo à tia Ellie. Parece-me que deveria me dizer o que Ramsey te contou e, se pensar que vou dizer uma só palavra, castigarei-te como solo sabe fazê-lo um jardineiro.

Ela sorriu por sua alusão a uma de suas primeiras conversações.

—Por onde começo, por antes ou por depois da Segunda guerra mundial?

Luke pôs uns olhos como pratos.

—Interessante. Começa por antes.

—Ramsey me contou que aconteceu algo terrível em 1941, justo antes de que entrássemos em guerra, algo que fez que Alexander McDowell lhe estivesse tão agradecido ao Edi que quando esta se aposentou a instalou em uma casa cara de Boca Camundongo e lhe encarregou que administrasse um montão de dinheiro dele. Não sou um gênio das finanças, mas inclusive eu vejo que isso não é uma coisa normal. além de obras benéficas, ela usava o dinheiro para complementar minha educação na escola pública e para ajudar ao folgazão de seu irmão. assim, o que aconteceu ele obrasse assim?

—por que me pergunta isso ?É a primeira vez que ouço tudo isto. Rans não te contou o que fez a senhorita Edi por seu avô?

—Não sabe, nem seu pai tampouco. Parece-me que a história se foi à tumba com seus protagonistas.

—O que tem essa história que ver com o dinheiro?

—Acontecesse o que acontecesse, Alex McDowell gastou muitíssimo dinheiro. Não entendo por que tanto. Faria-o por própria vontade?

—Não pretenderá dizer que a senhorita Edi o chantageava, verdade?

—Me passou pela cabeça —disse Jocelyn com um fio de voz.

—Bom, pois te tire essa idéia dessa cabecita retorcida tua —lhe recomendou Luke agarrando ambos os pratos, já vazios, e levando-os a pia—. Você não conhecia o Alex McDowell, mas eu sim. Dava-nos um medo de morte a todos de meninos, e a muitos adultos também. Dizer que era brusco é ficar curto. Gritava a seus empregados e atava curto a qualquer em quem se gastou um centavo. Se alguém tivesse tentado lhe fazer chantagem o tivesse agarrado pelo pescoço e arrojado à outra ponta da habitação.

—Entretanto, estava casado com uma mulher de aspecto tão angélico como Sara.

—Ela era tão doce como ele azedo. Ninguém compreendeu nunca que esses dois... bom, além de pelo fato de que o velho Alex adorava a sua mulher. Idolatrava-a. Venerava-a.

—Pode que fora por isso —disse Jocelyn, servindo-se outra taça de chá. Já estava frio, mas seguia sendo bom—. Se um homem me adorasse, isso contribuiria muito a que eu ignorasse seus defeitos.

—Então, te case com o Ramsey. —Luke estava junto à pia, lhe dando as costas.

—Não te parece que é um pouco logo para que me exponha isso? Não faz nem três dias que lhe conheço.

—Mentiste-lhe a respeito do que sente, a respeito do que se preocupa, inclusive a respeito de quanto come. Isso me parece um princípio de amor.

—Não lhe menti!

Luke se voltou para olhá-la.

—Vale —admitiu Jocelyn—, talvez ponho cara de valente quando estou com ele, mas isso não é mentir. Eu gosto. Tem tudo o que posso desejar de um homem.

—Te case com ele, então. É rico. Deixa que te mantenha e que mantenha esta casa. Seus problemas estarão resolvidos.

—Para que saiba, Ramsey não me pediu que me case com ele nem remotamente. Além disso, se me casasse com sempre lhe estaria agradecida. Quando me zangasse com ele por algo, não o diria porque me saberia obrigada de por vida com ele por me haver salvado, assim desenvolveria uma úlcera de estômago e certamente morreria jovem.

Luke se tomou seu tempo para digerir aquilo.

—Me alegro de que a idéia de te casar com minha primo não te tenha passado sequer pela cabeça.

—Não tive muito tempo para pensar em nada. Sabe o mais irônico de tudo? Eu não esperava que Edi me deixasse nada ao morrer. Talvez uma lembrança, mas nada mais. Participava de muitas obras benéficas, assim estava convencida de que tudo iria parar a elas. por que me tem feito isto?

—É a pergunta mais interessante que me expuseste. Sabia que não tinha dinheiro, mas te deixou uma velha casa que, confia em mim quando lhe digo isso, derrubará-se sem uma injeção de capital cada seis meses.

—Parece-me que agora mesmo não sou capaz de pensar nisto. Em qualquer momento a irmã do Ramsey me chamará por telefone para me dizer que necessita confeitaria e tenho que encontrar o modo de preparar-lhe Parece-te que esse forno funciona? —Fez um gesto com a cabeça para a espantosa cozinha.

Luke demorou um pouco em dar-se conta de que não ia falar mais daquele assunto. Não lhe importou, porque ele mesmo tinha algumas pergunta que lhe fazer a alguém e o fazia falta tempo para poder as expor adequadamente.

—Não tenho nem a mais mínima idéia —disse, girando o grande botão do aceso—. O que te propõe fazer?

—Chocolate com espinafres e, antes de que diga nada, Ramsey já me há dito o má idéia que é. Mas conseguirei que tenha sabor de glória, não se preocupe.

—Deixou-te a senhorita Edi uma varinha mágica?

—Oxalá! Hei-lhe dito a Rans que pagamento três com vinte e cinco por cada madalena, assim tenho que sair com bem desta, mas me fazem falta algumas costure que não tenho. Há uma casa de móveis por aqui perto?

Luke abriu a porta do forno e colocou dentro a mão.

—De momento segue frio. por que não pede emprestado o necessário?

—Quem vai deixar me uma pesada amasadora e uma manga pastelera?

—A igreja é Baptista, não te lembra? Aos baptistas adoram comer. Encontrará tudo que necessite nas cozinhas das mulheres deste povo. me faça uma lista e pedirei a minha mãe que lhe consiga isso tudo. Terá a cozinha bem equipada dentro de uma hora e meia.

Jocelyn se sentou à mesa, olhando-o assombrada.

—Mas se nem sequer me chamaram ainda.

Luke tirou o móvel da capa do cinturão e pulsou um botão.

—Mamãe? —perguntou—. Crie que papai estará disposto a ajudar ao Joce com um turno de pastelitos? —Fez uma pausa—. Sim, suponho. Claro, posso falar com ela. por que não os pergunta você ao Viv? —Sorria enquanto escutava a resposta—. Me parece que gostará de fazê-lo, mas tinha que lhe encarregar isso a ti. —Sorriu de brincadeira a orelha—. Porque um plano como esse poderia te tirar a papai

de cima uma semana inteira, por isso. Vale, mas direi a ela que o há dito. Quer dizer-lhe você a papai ou o faço eu? Covarde! Estarei aí dentro de quinze minutos. — Escutou um pouco mais e deixou de sorrir—. Sim, estou-me comportando. Pregúntaselo se não me crie. —Aproximou- o telefone ao Jocelyn—. Minha mãe quer saber se me ultrapassei contigo.

—Nenhum homem deste povo se ultrapassou comigo —disse ela muito forte—. Ninguém me sugeriu nada. Cevaram-me, mas não deram o menor passo.

Luke a olhou um segundo e logo voltou a ficar ao telefone.

—Não sei —disse—. Pregúntaselo a Rans. Vale, em seguida estou aí, mas não diga nenhuma palavra a papai. Eu o contarei tudo. —Pendurou e olhou ao Jocelyn—. Do que ia isso?

—Coisas de garotas. O que te há dito sua mãe?

—Já sabia o dos três dólares com vinte e cinco. Suponho que Rans o terá contado a alguém do despacho porque já se inteirou todo o povo. Mamãe há dito que é absurdo celebrar uma festa infantil a metade de semana e servir confeitaria dessa. Quer que meu pai coloque vaza, organize uma festa por todo o alto e convide ao meio Williamsburg.

—Ao meio Williams... —Estava atônita—. O que tenho que fazer, pôr uma confeitaria?

—Se quer inteirar-se da vida da senhorita Edi e obter as respostas às perguntas que lhe têm pó feita, tem que conhecer umas quantas pessoas da zona. Assegurarei-me de que minha mãe convide a quão velhos a conheciam. Parece-te uma boa idéia?

—A melhor. —Olhou-o agradecida.

—Voltarei a te perguntar se te parecer boa idéia quando levar suportando a meu pai uma semana.

—Tão mau é? —perguntou-lhe baixinho, disposta a lhe fazer de terapeuta.

—Espantoso! Está aposentado.

—O que quer dizer?

—Já o verá. Sugere-lhe um projeto e se crie o rei do mambo. Vai dar ordens a ti e às senhoras que ponham a tiro até que lhes amotinem.

—Às senhoras? Quem mais preparará confeitaria?

—Bem-vinda ao Edilean. —Luke lhe dedicou uma careta—. Tenho que ir. —Voltou a comprovar o estado do forno. —Está mais frio que uma gruta.

—Não posso me permitir um novo...

Luke levantou uma mão para fazê-la calar.

—Deixa que meu pai se ocupe disso. Este projeto lhe vai encantar. —Foi para a porta mas se parou e se voltou a olhá-la. —Para que saiba, Ramsey quer te fazer uma proposição. Solo leva às mulheres com as que quer casar-se ao terreno

onde pretende levantar sua casa. —Luke jogou uma olhada ao vestíbulo da casa do Joce—. Ou a passar um fim de semana.

—E quantas foram as afortunadas?

Luke lhe sorriu.

—Eu gostaria de dizer que dúzias, mas solo houve uma.

—por que não se casou com ela, então?

—Não me corresponde lhe dizer isso —Haré que Luke plante ese huerto de hierbas aromáticas sin cargo alguno.

—Isso mesmo me disse Ramsey a respeito de ti.

—Y... o que lhe perguntou a respeito de mim?

Joce ia já a dizer-lhe mas fechou a boca. Se Luke não sabia que Ramsey era quem lhe pagava o salário, não seria ela quem o contasse.

—Nada.

—Bem. —Luke a repassou dos pés à cabeça—. Vê te dar uma ducha e te troque de roupa. Parece-me que te vais passar uns quantos dias preparando bolos.

Jocelyn o olhou afastar-se na caminhonete antes de fechar a porta e, por um momento, recostou-se contra ela e pensou nos últimos dias. Tinham-lhe acontecido tantas coisas que sentia um torvelinho interior. Ao cabo de um minuto correu escada acima, para o banho. olhou-se no espelho e viu que lhe tinha deslocado a sombra de olhos. Tinha tido aquela pinta a maior parte do tempo que tinha passado com o Luke. Sonriendo, meteu-se sob a ducha e pensou no que lhe havia dito à mãe deste. De ter sido a do Ramsey se teria comportado como uma dama, mas com a do Luke podia brincar.

Uma vez tomada banho ficou uns texanos e uma camiseta. Acabava de vestir-se quando um carro chegou pelo caminho de entrada. Olhou pela janela e viu que se apeava um homem. Inclusive desde aquela distância não lhe coube dúvida que era uma versão de mais idade do Luke: bonito, com o cabelo cinza, alto, e com pinta de estar disposto a fazer negócios. Correu escada abaixo tão depressa que abriu a porta antes de lhe dar tempo a chamar.

—Assim vieste a me governar —lhe disse, muito séria.

Ele não sorriu.

—Salte do caminho esboçado e gritarei —lhe respondeu.

—E se me comporto?

—Farei que Luke plante esse horta de ervas aromáticas sem cargo algum.

Jocelyn lhe fez uma estudada reverência.

—Seus desejos são ordens para mim, OH, professor!

O homem abriu uns olhos como pratos.

—Toda minha vida tinha querido ouvir uma mulher dizer isso. Quer te casar comigo?

—Acrescentarei-te à lista —disse ela, sorrindo, já caminho da cozinha —. Vêem ver meu forno. É tão antigo que vou vender o no EBay por um milhão de dólares.

—Não é tão antigo, porque o vendi ao irmão da senhorita Edi faz quarenta anos mais ou menos.

Jocelyn se deteve.

—Vende eletrodomésticos?

—Isso fazia até faz três anos. Posso te conseguir uns descontos muito suculentos em quase tudo o que possa desejar.

—Em troca de sexo ou de dinheiro? —perguntou-lhe Joce com solenidade.

—Deixa que o pergunte a minha mulher. —Seguiu-a até a cozinha sem deixar de sorrir.

Capítulo 10

Luke demorou duas horas em conseguir que seus pais o tivessem tudo sob controle. Sua mãe se ocupou das linhas telefônicas, chamando gente de dois condados para lhes falar da festa do sábado. Conseguia que parecesse que Jocelyn acabava de chegar de Bruxelas e era uma pastelera de renome internacional.

A seu pai disse meia dúzia de palavras e o homem já estava na porta disposto a organizá-lo tudo, a todas as horas e onde fora. Estava realmente perdido sem um trabalho que fazer cinqüenta horas semanais. Luke teve bastante lhe dizendo que o velho forno do Jocelyn estava quebrado e que Jim Connor se ficou sem móvel. perguntava-se se Joce conseguiria uma da gama Wolf ou da Viking nas próximas vinte e quatro horas.

Quando partia, recordou a sua mãe que tinha que chamar o Viv, a irmã de Rans, para lhe dizer o da festa, dado que ia celebrar se em sua casa. Posto que Viv nem sequer tinha chamado ao Jocelyn, seria uma surpresa para ela inteirar-se de que aquele sábado acolheria uma festa para solo sabia Deus quantos convidados.

Foi a sua casa, ficou uma camisa recém engomada e umas calças cáqui, e logo tirou o BMW da garagem. ia ver seu avô David, e sabia que lhe tiraria mais informação ao homem se se vestia com algo que não fossem uns jeans e uma camiseta suja.

Ao avô Dave adorava lhe dizer ao Luke que não entendia por que motivo, tendo tantos estudos, não ficava roupa decente.

—Se for ser jardineiro, ao menos tenta parecer paisagista —lhe havia dito mais de um centenar de vezes.

A avó Mary Alice já podia lhe dizer a seu marido que se calasse, mas a ele dava igual. O avô Dave era da velha escola, e acreditava que alguém devia ter sempre o melhor aspecto possível.

Luke sempre se levou estupendamente com seu outro avô, o pai de seu pai, um homem do que outra gente preferia manter-se a distância. Seu eterno mau humor afastava a outros, mas não ao Luke. Sempre tinha sido do mais feliz com o avô, pescando juntos, olhando os esportes na televisão ou simplesmente indo na caminhonete. Tinha sido o avô Joe o que o tinha salvado dos castigos quando Luke se metia em confusões no instituto. O moço tinha sido sempre brioso, e detestava que lhe dissessem o que devia fazer e como fazê-lo. Seus professores queriam que obedecesse incondicionalmente, mas Luke tinha suas próprias idéias a respeito de como deviam fazê-las coisas.

Uma vez se tinha brigado com o treinador de futebol, que ameaçava expulsando-o da equipe. Seu pai se zangou tanto que o tinha mandado a sua habitação às dez da manhã e lhe havia dito que ficasse ali até que decidisse o que fazer com ele. A meio-dia, o avô Joe tinha aparecido na janela do quarto, que estava no segundo piso, subido a uma escada de mão. Sem dizer uma palavra, tinha-lhe tendido uma mão ao Luke e tinham baixado os dois para ir-se ao lago a passar o resto do dia pescando. Essa tarde, às seis, Luke voltava a estar em sua habitação. Quando seu pai retornou, não se inteirou de que seu próprio pai tinha tirado o Luke.

Sempre tinha sido igual com o avô Joe, mas não com o pai de sua mãe. além de ser médico, o avô Dave era diácono da igreja, maçom e querido por todos, mas Luke nunca tinha estado tão apegado a ele como a seu outro avô.

Tomou pela auto-estrada Cinco para o Williamsburg, logo para o Governor's Land e Two Rivers. Era um clube de campo exclusivo, com sessenta por cento do terreno aberto ao uso dos residentes. O melhor de tudo era que tinha um campo de golfe enorme no que seu pai jogava virtualmente todos os dias. Como sabia o que faria, Luke encontrou a seu avô no campo de golfe, no fossa cinco.

—Perguntava-me quando viria para ver-me —lhe disse David Aldredge olhando o Green—. Como está?

—Quem? Refere a sua filha? A minha mãe?

David golpeou a bola, que saiu voando exatamente para onde pretendia.

—Se quer jogar, isto vai alargar se muito. Podemos ir ao grão? Como é?

Quando seu avô ficou a caminhar, Luke lhe levou a bolsa de golfe. Seu avô não queria saber nada de carros elétricos nem de caddies, mas sim de jovens e saudáveis netos, para conduzir sua bolsa.

—Suponho que refere ao Jocelyn —disse.

—ouvi que assim se chama, mas como já não vivo no Edilean não me inteiro de todas as intrigas como antes. Entretanto, inteirei-me que passas muito tempo com ela. Há quem diz que inclusive passa as noites.

—A gente fala muito e diz muitas mentiras.

—Então, é Ramsey o que se deita com ela?

—Não! Rans só há... —interrompeu-se—. Me parece que alguém disse que aos avós não está permitido ridicularizar a seus netos.

—Contarei-te um segredo. O dia em que nasce o primeiro neto, dão-nos um livro de bolso no que diz que podemos lhe fazer o que nos venha em vontade só para torturar a nossos filhos.

—Não vejo a hora de lê-lo.

—A sua idade pode que já seja muito velho para ter filhos, não digamos para chegar a ter netos.

—Avô, consegue que me sinta muito melhor.

—Sempre me alegro de te fazer um favor —disse David, parando-se onde tinha aterrissado a bola—. assim, o que te pôs tão triste hoje?

Luke se meteu as mãos nos bolsos.

—Nada. Ninguém. Simplesmente me ocorreu me acontecer por aqui para verte.

David golpeou a bola com energia, mandou-a pelos ares e logo pôs-se a andar olhando a seu neto.

—Vale. me diga como é.

—Refere ao Jocelyn?

—Sim, à noiva de Rans. Como é?

—Não é... —Luke inspirou profundamente uma vez mais—. me Recorde que te dê de presente outra gravata em Natal, uma realmente espantosa. Jocelyn é agradável.

—Isso é tudo? É «agradável»? Onde está a paixão? Não lhe quer atirar isso —Eso es lo que le ha dicho a Ramsey su padre. Rams llevaba el papeleo, pero no sabía que no hubiera dinero.

—Os avós vulgares me dão desgosto.

—OH, vale! Sua geração sabe todo do sexo, mas não a minha. Para que saiba, sua avó e eu...

Luke o fez calar com um gesto.

—Nem te ocorra voltar a me contar o que fizeram você e Mary Alice Welsch. Leva contando essa mesma história cinqüenta anos.

—Quarenta —lhe corrigiu David.

—Sessenta e três.

David se apoiou no pau de golfe e olhou a seu neto.

—Vale, está bem, de acordo. O que te está reconcomiendo tanto como para que tenha deixado de cavar e vindo até o Williamsburg?

—Solo está a quinze quilômetros.

—A quinze quilômetros que não percorre muito freqüentemente — disse David golpeando a bola com precisão. Logo acrescentou em voz fica—: Já perguntou por mim?

—Não, não ainda, mas hoje estava bastante transtornada. Parece que a senhorita Edi não lhe deixou nem um céntimo.

—Sei. Mantinha-a Alex. Ou, mas bem, subsidiava ao Bertrand e ao Edi dava dinheiro para dar de presente.

—Isso é o que há dito ao Ramsey seu pai. Rans levava a papelada, mas não sabia que não houvesse dinheiro.

—Sim, bom, todos convimos em lhe mentir à segunda geração. Ben poderia haver-se informado da verdade por seu pai antes de que este morrera.

—Acredito que o tentou mas que o tio Alex não a disse. —Luke olhou a seu avô insistentemente enquanto caminhavam—. Assim que qual é a verdade?

—Há algumas costure sobre as que não estou disposto a falar. Algumas costure é melhor as deixar como estão. —Levantou uma mão quando Luke tentou falar—. O que passou então não tem nada que ver com o presente.

—Além de que Jocelyn não tem um céntimo.

—E? Qual de nós o tinha a sua idade?

—Tem uma casa enorme da que ocupar-se. É um poço sem fundo.

—Porque se case com o Ramsey. É rico.

—Mas... —Luke não terminou a frase.

—Mas, o que? —perguntou-lhe seu avô—. Não crie que façam bom casal? O dinheiro do Ramsey com a casa Harcourt. Não pode ser melhor.

—Não estou seguro de que a ela e Ramsey vá bem juntos.

—Por isso ouvi, parecem o um para o outro. As pérolas dela fazem jogo com as gravatas dele. Converterão essa casa em um lugar digno de ver-se. Rivalizará em perfeição com o melhor do Williamsburg.

—Perfeição. Quem quer perfeição? —Luke se meteu as mãos nos bolsos enquanto seu avô golpeava outra bola—. Certamente porão uma piscina e não deixarão que os meninos joguem nunca no lago.

—Esse lago foi sempre um foco de porcaria imunda —disse David pondo-se a andar—. Seu metro de profundidade é provavelmente de mierda de pato.

—Sim? Ao melhor o drago para usá-la como abono.

—Justo o que eu digo. Quem vai querer que seus filhos nadem em esterco?

—Nunca me prejudicou —disse Luke, carrancudo.

—Foi um inseto estranho, meu querido menino. você adorava andar por aí.

—Ao Ramsey também, de menino.

—Não. Ele simplesmente o tolerava. Ramsey ia sempre limpo e penteado. Quando você jogava no barro, saltava e te derrubava. Ramsey...

—Fazia bolos com primor.

—O que te dizia. Ele e Jocelyn são perfeitos para estar juntos. Viverão em uma formosa casa e seus filhos irão limpos e terão bons maneiras.

—por que me parece tão espantosa a perspectiva? —murmurou Luke.

—Não tenho nem idéia.

Luke olhou atentamente a seu avô.

—Está-te rendo de mim?

—A gargalhada limpa... Estou-me partindo para sua costa. Não estou seguro do tempo que faz que não me tinha divertido tanto.

—Obrigado, avô, é um grande tipo. Alegraste-me o dia.

—De nada. Sempre que querer rir de ti mesmo, diga-me isso Colocou o pau na bolsa que sustentava Luke—. Se acabou. vamos comer e teremos um bate-papo.

—Um bate-papo? Se me disser algo mais terá que me receitar antidepressivos. Além disso são mais das quatro, é muito tarde para comer.

David o olhou entrecerrando os olhos.

—Se não trocar de atitude te levarei a casa e direi a Mary Alice que está deprimido. Acssará a perguntas até que lhe conte seus traumas infantis e lhe fale do Ingrid.

Para ouvir aquele nome, Luke empalideceu e retrocedeu um passo.

Ao cabo de um minuto David tinha conseguido que os levasse de carro um amigo golfista e voltavam para clube. Luke não disse nem mu até que estiveram sentados a uma mesa, em um rincão, e seu avô teve pedido chá, um prato de sanduíches e um par do Jack Daniel'S.

—Está bem —disse—. Agora me conte o que vieste em realidade a me perguntar.

—Parece que há grandes diferencia entre o que a gente acredita que é certo a respeito da senhorita Edi e a realidade.

—Está-te refirindo à falta de dinheiro ou ao feito de que ela e eu rompêssemos nosso compromisso antes de ir à Segunda guerra mundial?

Luke olhou a seu avô com a boca aberta.

—Romperam seu compromisso? —sussurrou.

—por que se surpreendem tanto os jovens de ouvir que a gente maior também tem segretos? esqueceste que eu era o médico do povo? Nos anos sessenta

houve um broto de gonorréia e eu sabia quem a tinha contagiado a quem. Nunca disse nenhuma palavra. E houve...

—Como era realmente a senhorita Edi? —perguntou-lhe Luke, interrompendo-o. Não queria saber mais a respeito da vida privada da gente do que já sabia.

—Perfeita —disse David—. Nunca levava um cabelo fora de seu sítio. Nunca dizia nada do que pudesse arrepender-se. Era forte, tinha caráter e sabia o que queria.

—Não parece que você gostasse de muito.

—Adorava-a. Quando fomos pequenitos, Alex McDowell me tirava os brinquedos até que Edi lhe deu uma porrada na cabeça com um bloco de madeira. Nunca voltou a me incomodar. Sempre foi toda uma senhora. Já sabe que dedicou a vida a ajudar aos queimados?

—Algo ouvi.

—Era mais do que imagina. juntou-se com o doutor Nigel Brenner e viajaram os dois por todo mundo. Edi se ocupava de tudo. Por duas vezes os tirou de países que se converteram da noite para o dia em zona de guerra. Em ambas as ocasiões as enfermeiras do Nigel estavam histéricas, mas Edi nunca perdeu o valor. Nunca lhe faltou tampouco o engenho, e os pôs a salvo a todos.

—Mas te casou com a avó Mary Alice —lhe disse Luke.

David sorriu.

—Com a lutadora, divertida e sexy Mary Alice Welsch. Até que Edi se foi do país, nem sequer me tinha dado conta de sua existência. Quando voltei da guerra com uma ferida no ombro pela que teria podido perder o braço, aí estava ela. Sabe qual foi sua melhor medicina?

—Se for me falar de sexo acredito vou... —advertiu-lhe Luke.

—A risada. Me fazia rir, sobre tudo conseguia que me riera de mim mesmo.

—Inclusive agora, os velhos seguem acreditando...

—Que Mary Alice me enfeitiçou e que era pouco menos que uma rameira por me haver seduzido e afastado do Edi? A ela isso adora. Eu queria contar a todo mundo a verdade, mas Mary Alice disse que adorava que a considerassem uma rouba noivos. Dizia que assim se sentia tão sexy como uma estrela de cinema.

Luke não pôde menos que rir porque dizer aquilo era muito próprio de sua avó. Era uma mulher caseira, sempre disposta a ajudar a qualquer que o necessitasse, sem nada que ver com uma rouba noivos. Sim, imaginava contente pelo fato de que a considerassem um bombom sexy.

—vais dizer me que demônios tem que ver contigo o passado do Edi ou tenho que pedir mais sanduíches?

—Trata-se dessa garota... —Luke olhou sua taça. Apenas a havia meio doido.

—Você gosta, verdade? —perguntou-lhe David, e já não se estava burlando.

—Sim, eu gosto. ficou a trabalhar em uma universidade sem nenhum prestígio só para estar perto da senhorita Edi. Tess me ensinou o currículo do Joce e com seu títulos poderia ter ido aonde tivesse querido, mas não o fez.

—Ao final de sua vida, Edi não tinha a ninguém —disse David—. Seu irmão tinha morrido, embora nunca tenham estado muito unidos, assim não tinha a ninguém.

—por que vivia em Boca Camundongo? por que não voltou para o Edilean?

—Não estou seguro, mas suponho que a gente daqui sabia muitas coisas dela. Vinha freqüentemente e fez muito pelo povo, como estou seguro que sabe. Mas preferia viver na Florida.

Luke olhou a seu avô.

—O que aconteceu 1941?

David se arrellanó no assento com uma expressão impenetrável.

—Há coisas sobre as que é melhor não falar. Dá igual quantas vezes me peça isso. Não vou contar te essa história.

—Pois acredito que tem algo que ver com a atualidade. A senhorita Edi mentiu ao Jocelyn, ou ao menos lhe ocultou um montão de coisas. me daria igual, mas Joce está destrozada. Por isso eu sei, teve uma vida de porcaria. Não sei muito, mas me parece que a senhorita Edi era a única coisa boa nela. E agora resulta que a mulher lhe tem feito a tarefa de lhe deixar esta velha casa e nem um centímo para mantê-la. A senhorita Edi poderia ter investido parte do dinheiro da fundação do Alex McDowell para criar um legado para uma casa histórica, mas não o fez. E se se esforçou tanto para que Joce não se inteirasse da existência do Edilean, por que lhe deixou a casa? Nada disto tem sentido.

David demorou para responder.

—A Edi que eu conhecia tinha um bom motivo para tudo o que fazia, e me parece que queria que seu Jocelyn descobrisse que razão a induziu a fazer o que fez.

—Não comece outra vez a te colocar comigo. Não é «meu» Jocelyn.

David ignorou o aborrecimento de seu neto.

—Tem lido as cartas do Edi ao Alex?

—Cartas? —perguntou Luke, em um tom que deixava claro que nunca tinha ouvido falar delas.

—Sim, cartas. Alex e Edi se blefaram durante a guerra e depois. Ramsey tem que as ter.

Luke pensou naquilo um momento. Se havia cartas do Edi e Alex, então Luke estava seguro de que Ramsey as tinha lido... e tinha guardado o segredo. Não era estranho que andasse detrás do Jocelyn com tanto entusiasmo. Cestas de pícnic, fresa com chocolate, chateando ao Tess para lhe pedir conselho... De repente algumas costure cobravam sentido. A mãe do Luke estava acostumado a visitar freqüentemente ao Alex McDowell. Teria lido ela as cartas? Teriam maquinado os dois um plano para que Jocelyn e Rans acabassem juntos?

Olhou a seu avô.

—E você, o que?

David lhe fez um gesto à garçonete para pedir a conta.

—E eu, quanto o que?

—Cartas —lhe disse Luke—. Lhes blefavam você e a senhorita Edi?

—Fizemo-lo durante uma temporada —disse David em um tom apenas audível.

Luke olhou fixamente a seu avô enquanto assinava a nota e se levantava para ir-se. Ele ficou sentado.

A contra gosto, David voltou a sentar-se.

—Vale, está bem. Sim, escrevemo-nos várias vezes mas...

Luke estudou a cara de seu avô.

—A avó Mary Alice não sabe, verdade?

—OH, sabe perfeitamente, mas me fez jurar que as queimaria e isso fiz.

Luke pôs cara larga.

—Por acaso não queimaria outras cartas, verdade?

—Não. Sua avó perdoava algumas costure, mas a punha doente que a comparassem com o Edi. ficou a meu lado enquanto eu jogava uma a uma as cartas às chamas.

Luke olhou o prato. David guardou silêncio.

—Entretanto... —disse David.

—Entretanto, o que?

—A verdade é que essas cartas do Edi não eram muito interessantes. Solo contava onde estava e o que fazia durante a guerra. Eram mais superficiais que esclarecedoras. Mas as histórias que mandava ao Alex... bom, eram farinha de outro costal.

—Refere às cartas que tem Ramsey?

—Não, não a essas. Falo-te das histórias que escrevia enquanto se recuperava das queimaduras. Contou ao Alex a verdade a respeito do que tinha feito durante a guerra e tudo sobre o tal David de quem se apaixonou.

—Tem-nas? —Ao Luke brilhavam os olhos.

—Sim e não. —David fez uma pausa—. Já sabe como era Alex nos últimos tempos. Eu as li acidentalmente e acredito que é possível que algumas fossem destruídas. Guardei todas as que encontrei.

—Onde estão?

—Em um caixa de segurança que minha mulher não sabe que tenho.

—Quando podemos as tirar?

David olhou a seu neto.

—Te reúna comigo manhã às dez. Iremos ao Richmond.

—Tem a caixa de segurança nada menos que no Richmond?

—Dá as obrigado que não a contratei em Nevada. Veremo-nos aqui e iremos juntos.

—Não vejo a hora.

—Não vamos pescar, mas talvez podemos ir juntos em carro — comentou David, e Luke soube que aquilo era uma alusão a seu avô Joe. Nunca lhe tinha ocorrido que seu avô Dave pudesse estar ciumento.

—Pois talvez pode me dar algum conselho a respeito de como conseguir que uma garota lutadora me considere algo mais que seu melhor amigo.

Naquele preciso instante duas garotas muito macacas se aproximaram e, quando viram o Luke, riram bobamente, puseram-lhe ojitos.

—por que tenho a impressão de que não terá nenhum problema para conseguir isso sem minha ajuda? Venha, acompanho-te à caminhonete.

—vim no carro.

—Se chegar ou seja que estava tão interessado em me tirar informação te teria feito pagar a ti a conta. me diga, no que anda seu pai?

Luke soltou uma gargalhada.

—Está resolvendo um problema de bolos. —ia seguir mas seu avô lhe fez calar com um gesto.

—Já me contará isso amanhã pelo caminho. Esta noite a intriga não me deixará dormir.

—E você pode me contar por que romperam seu compromisso você e a senhorita Edi.

Estavam no estacionamento e, de repente, Luke olhou a seu avô com carinho. Sabia por experiência o repentinamente que a gente pode morrer.

—Não me olhe assim. Vete! —ordenou-lhe David—. Até manhã.

—Obrigado —lhe disse Luke subindo ao carro, mas antes lhe apertou o ombro a seu avô.

—Não quero ver outra madalena em toda minha vida —disse Sara lhe dando voltas a uma e tentando adorná-la com uma rosa de açúcar glasé.

—E eu que houvesse dito que você gostaria de fazer isto —comentou Tess, que estava fazendo uma grande margarida em cima da sua.

—você gosta porque isto é melhor que trabalhar com advogados —lhe disse Sara—. Me desagrada a desordem. Desagrada-me este aroma e nem sequer eu gosto do açúcar.

—Não tem por que ficar —lhe disse Jocelyn. Estava junto à grande e bonita cozinha que Jim, o pai do Luke, tinha-lhe instalado uns dias antes. Já a tinham usado tanto que tinha deixado de ser nova.

—Vete! —disse Jim a Sara entrando do vestíbulo, carregado de bolsas do loja de comestíveis—. Vete a costurar esses vestidos para senhoras que comem de mais.

Sara deu a madalena ao Tess e saiu da cozinha virtualmente à carreira.

Jim fiscalizou os pastelitos da mesa e das encimeras como se fora um inspetor governamental.

—Passado o exame? —perguntou Joce.

—Têm boa pinta, mas me parece que Luke é quem pode pôr objeções porque sabe mais que eu de flores.

Tess deixou a grande surripia pastelera que sustentava e sacudiu os braços. Poucos eram os que sabiam a força que fazia falta para espremer a manga pastelera cheia de polido pelas finas boquilhas para criar desenhos.

—vou escrever uma novela negra. A assassina será uma decoradora profissional de bolos. Ninguém suspeitará dela porque o assassinato terá requerido uma grande força física. Quem vai pensar que uma dama que decora bolos tem a força de dez homens nos braços? —disse.

Jim agarrou um bolo com aspecto de joaninha. O corpo era vermelho com topitos negros e a cara também negra. Tess lhe tinha acrescentado uns ojitos brancos, uma naricita vermelha e um grande sorriso. Tinha criado deste modo uma tartaruga verde com as patas e a cabeça de caramelo de chocolate. Entretanto, sua obra professora era um simpático pintinho amarelo e sorridente com os olhos fechados e as alitas desdobradas, que parecia disposto a levantar o vôo.

—Deveria te dedicar a este negócio —sugeriu Jim, enquanto agarrava um bolo com florecitas rosa e amarelas com o centro branco.

—Não —disse Tess, alargando a sílaba—. Só valho para estar rodeada de homens mandões. —Agarrou um pastelito e o olhou—. O que te parece? Intento que seja um besouro?

—Parece-me que tente o que tente te sairá bem —lhe respondeu o homem olhando ao Jocelyn, que estava penetrando um turno de espinafres

troceadas. Já levavam dias fazendo bolos e a surpresa tinha sido quão boa era Tess decorando-os.

O primeiro dia, Jim se tinha posto ao mando. Nem ele nem Joce tinham encontrado ao Luke no jardim, assim tinham ido de carro a sua casa para tomar emprestada sua caminhonete. Jocelyn sentia curiosidade por ver onde vivia, mas solo tinha visto o exterior da moradia. Não era uma casa grande, mas tinha um amplo alpendre na parte dianteira e era bonita. Não sabia como esperava que fora, mas não fazia falta ser um perito para ver que aquela casa valia muito dinheiro. As janelas, de madeira de muita qualidade, tinham cristais dobre. O telhado era de piçarra. Olhou por um lado e viu que detrás havia um fabuloso jardim.

Quando olhou ao Jim, ele a estava observando.

—Por isso vejo não tinha estado aqui nunca —lhe disse pulsando as teclas numéricas para abrir a porta da garagem.

—Não. Dizem no povo que estive?

—Neste povo se diz de tudo. —Quando a porta se abriu, acrescentou—: Se levou o carro.

—Luke tem uma caminhonete e, além disso, um carro?

Jim a brocou com os olhos, mas não lhe respondeu.

—Foi-se ao Williamsburg a ver seu avô.

—Tinha entendido que seu avô morreu.

—Isso te disse, verdade?

—Sim —disse com cautela Joce enquanto subia à caminhonete. Havia algum secreto sobre o avô do Luke?

—Suponho que foi a ver o outro avô, ao pai de minha mulher.

—Ah. —Joce não acrescentou nenhum comentário. Como suspeitava, diante da caminhonete havia três motos: uma Funda cheia de barro, uma velha Indian e uma Kawasaki vermelha de estrada.

Queria inteirar-se de mais costure sobre o Luke, mas Jim não parecia disposto a lhe dizer nada de seu filho. De fato, o homem não parecia disposto a dizer nada de nada, assim estiveram um momento calados.

—Não quer me dizer do que vai tudo isto dos bolos, verdade?

—Não tenho nem idéia —disse Jim—. Luke me disse que queria organizar uma festa por todo o alto para na sábado em que venderia confeitaria a vinte e cinco dólares a peça... ou por aí. Pareceu-me bem. Que classe de equipamento te faz falta?

—Da classe que não custa um duro —respondeu impulsivamente.

—Que tal se lhe vendo prazos e não começa a pagar até dentro de um ano e meio?

—Para poder me fazer uma oferta assim tem que ter vendido a alma ao diabo.

Jim soltou uma risita.

—Pior: a devo aos armazéns.

—O que outra costure esperas quando carrega dezesseis toneladas?2 —
Ihe perguntou Jocelyn, mais séria que uma batata.

Jim tirou a caminhonete da garagem sorrindo de orelha a orelha.

—Qualquer capaz de citar ao Tennessee Ernie Ford é meu amigo da alma. O que me diz de uma cozinha de seis fogões com engoma de assar e dois fornos?

—De quantas BTUs?3

—Seiscentas como mínimo.

—Não sente saudades que fosse bom em seu trabalho. Isto é como o porno para as mulheres.

Levou-a a um armazém dos subúrbios do Richmond e a apresentou a um centenar de homens. A todos tinha ensinado o ofício e todos seguiam em dívida com ele. Jim tinha sido o gerente regional de todo o sudeste dos Estados Unidos e sempre tinha aumentado sua cota anual de vendas pelo menos quatro por cento.

O que podia Ihe conseguir ao Jocelyn eram eletrodomésticos com alguma tara. Todos tinham alguma amolgadura inapreciável, mas nenhum cliente teria querido pagar por eles o que valiam. Conseguiu-Ihe deste modo uma geladeira enorme amarelo pálido com um ligeiro defeito de cor.

—Parece de manteiga —foi o comentário do Jocelyn.

—Esse é o problema —disse Jim—. Hoje em dia a gente não quer nem ouvir falar de manteiga. Solo pensam em alface. —Disse-o de um modo que Ihe fez graça.

Quando chegaram ao Edilean Manor havia carros no atalho de entrada.

—Minha mulher está fazendo todo o possível para livrar-se de mim —disse Jim—. Ao melhor você e eu podemos pôr um negócio juntos.

—Um negócio de que tipo?

—Ainda não sei, mas se me ocorre algo Ihe direi isso.

—O que tem que o Luke? Os dois poderiam...

—Mataríamos-nos a primeira semana. Gosta de trabalhar sozinho.

—Mas não pode tirar muito dinheiro da jardinagem. Não sou agente imobiliária mas essa casa que tem vale o seu.

—Solo necessita tempo para lamberas feridas. —Jim desembarcou da caminhonete—. Estará bem. Gosta de muito, sei. Faz muito que não o via tão animado.

Jocelyn ficou na caminhonete vendo como Jim entrava em sua casa. Luke desanimado? O que o fazia desgraçado? Nunca Ihe tinha parecido que estivesse «desanimado».

Ao cabo de um momento a mulher do cabelo vermelho que a tinha visitado no dia anterior saiu, abriu o porta-malas de seu carro e tirou uma amasadora enorme. Joce saiu correndo da caminhonete do Luke.

—Deixa que te ajude a levá-la. —Agarrou-a por debaixo e logo agarrou outra caixa que a mulher lhe tendia.

—Conhecemo-nos na igreja, mas não estou segura de que me recorde. Sou Mavis...

—A mãe do Ken.

—Isso. —Pareceu agradada de que soubesse—. Onde estivestes Jim e você?

—De compras. Trarão-o todo manhã.

—Ja! Se conhecer o Jim Connor as coisas chegarão em qualquer momento. Já há um homem dentro desconectando o tubos do gás. É verdade que vais abrir uma confeitaria no Edilean e a vender por correio a todo os Estados Unidos?

Jocelyn demorou um momento em assimilar o que acabava de lhe dizer.

—Não. Nada eu gostaria menos que preparar confeitaria o resto de minha vida. De fato, estou pensando em escrever a história do Edilean. ouvi tantos segredos suculentos que acredito que deveria compartilhá-los com o mundo.

Mavis lhe dedicou um pálido sorriso e foi para a casa a toda pressa.

—Eu em seu lugar não o diria a ninguém, a não ser que queira que alguém jogue arsênico no bolo que vás comer lhe —disse isso por cima do ombro.

Jocelyn a seguiu e entraram na casa. «Interessante», pensou. Era evidente que seu comentário tinha feito branco em um ponto sensível.

Mavis tinha razão. Os eletrodomésticos chegaram ao cabo de duas horas, e Jim já estava carrancudo e perguntando como podiam demorar tanto em fazer um simples trabalho.

—Não se alegraram quando se aposentou? —sussurrou- Joce ao Tess.

—A verdade é que choravam. Tirava o melhor deles.

—Como você de seus advogados.

Tess se encolheu de ombros e empurrou uma bandeja giratória.

—Importa-lhes que lhes ajude? Às vezes estou até o coque de papelada. Seria interessante fazer algo distinto.

—Não sei a envergadura que vai ter a tarefa, mas me parece que vou necessitar toda a ajuda possível.

Mais tarde pensou que oxalá nunca houvesse dito aquilo. Ao princípio, algumas feligresas se passaram para ver o que faziam, e alguma que outra tinha tentado decorar um pastelito, mas com o Tess e Jim dando ordens, não tinham demorado para ir-se.

—Já vê o que tenho que suportar —lhe ouviu dizer Jocelyn à mãe do Luke a uma daquelas mulheres enquanto se foram as duas.

Ao final, os únicos na cozinha eram Tess, Jim e Jocelyn. Esta última assava os bolos e os metia na geladeira. Logo Tess os decorava. Jim se assegurava de que as duas tivessem todo o necessário e se ocupava de lavar os utensílios. Tess viu em seguida que não gostava das bolsas de papel encerado, assim Jim lhe buscou em Internet bolsas de tecido. Também encarregaram mangas pasteleras, boquilhas, glasé de cores e pregos para fazer flores, todo o qual chegou em uma caixa enorme que continha também um DVD explicativo a respeito de como usar todo aquele material. Tess o olhou em seu reprodutor portátil e em seguida foi como se o tivesse feito toda a vida. Ao cabo de pouco havia rosas de glasé por toda parte.

Tarde, o segundo dia, Ramsey se apresentou com uma maleta cheia de papéis e uma lista de perguntas para o Tess. A maioria começavam por: «Onde está...?»

Tess estava criando asas de mariposa sobre papel encerado. Quando se endureceram as separou do papel, juntou-as e as colocou em cima dos pastelitos.

—Não sei —disse ao Ramsey—. Pede a uma das garotas que procure o que não encontra. Já terminaram o curso para aprender a ler?

—Tess... isto não tem graça. Tenho que estar no tribunal amanhã às nove e não sei o que foi que a declaração.

—Ninguém a gravou? —perguntou levantando a cabeça.

—Claro que a gravaram. Quando a transcreveram a... —interrompeu-se—. Por favor, me diga que não segue na cinta.

—Eu não lhes hei dito às garotas que a transcrevessem, assim, a menos que o fizesse você, a declaração segue na cinta. E é provável que inclusive na grabadora. Espero que comprovasse as pilhas. Assegurou-te de que as ruedecitas estivessem girando?

—Tenho que ir —disse Ramsey. Pelo tom, estava a ponto de lhe dar um desmaio. Quando passou junto ao Jocelyn se deteve, como se pensasse que devia fazê-lo e lhe dizer algo.

—Vete! —disse-lhe ela—. Comprova a grabadora. Faz o que tenha que fazer.

Correndo já pelo vestíbulo gritou:

—Amanhã, Tess. Quero-te no despacho amanhã pela manhã. Quero que me acompanhe ao tribunal.

Ouviram fechá-la porta principal.

Joce, que revolia algo em uma chaleira, voltou-se para dirigir seu olhar ao Tess.

—Chateia-me te perder, mas se lhe necessitam no trabalho...

—Não tenho intenção de voltar para esse despacho até que Ramsey McDowell e seus sócios me ofereçam um aumento de salário.

—E um choche —disse Jim da porta.

—E uma cozinha nova —rematou Jocelyn, e logo olhou ao Tess—. Vale, nada de cozinha nova. O que me diz de um cartão de crédito da assinatura e quatro semanas pagas de férias?

—Isso eu gosto. —Tess sorria enquanto contemplava um precioso pastelito em forma de besouro—. Embora ao melhor o deixo e dedico a isto.

Dizia-o em brincadeira, mas Jim e Jocelyn se olharam de um modo significativo.

Eram as quatro em ponto da véspera da festa e Jocelyn estava tão cansada que não se tinha em pé.

—O que vão comer os adultos? —perguntou então Jim.

—Acreditava que haveria comida para eles.

—Sim, a há. Viv contratou um catering. Mas o que tem que os bolos? Ou das bolachas. Suponho que preferirão algo que não leve um dedo de açúcar.

—Que tal flores comestíveis?

Os três se voltaram e viram o Luke na porta, com uma grande caixa de madeira cheia de flores.

—Onde estiveste? —espetou-lhe Joce—. Levamos dias sem verte o cabelo. O que estiveste fazendo?

Os outros dois a olharam porque parecia zangada.

—Me alegro de saber que me sentiu falta de —disse tranqüilamente, deixando a caixa em um extremo da mesa.

—Perdoa. Eu, né... —Jocelyn não sabia o que dizer, mas estava envergonhada de ter tido aquele logo—. É que nos teria vindo bem sua ajuda, isso é tudo.

—Por isso ouvi, as três estão fazendo um trabalho estupendo. Assim... Papai, quais decoraste você?

—Que lhe dêem! O meu é dirigir. Onde estiveste? Com meu sogro nessa luxuosa casa, em sua luxuosa urbanização jogando em seu luxuoso campo de golfe?

Luke olhou ao Jocelyn.

—Você não adora a família?

—A tua sim, a minha não —disse ela rapidamente, lhe arrancando uma gargalhada.

—Poderia apartar essa suja caixa dos bolos? —o djo Tess.

—Não está suja. De fato... —Agarrou uma preciosa capuchina e a comeu—. Estas flores não só estão podas mas sim são comestíveis.

Jocelyn o olhou com uns olhos como pratos.

—Flores —sussurrou—. Como as flores de abobrinha fritas.

—Exato —lhe disse Luke sorridente.

—Isso é uma coisa ianque? Flores fritas? —perguntou Jim—. E nos acusam os sulistas de fritá-lo tudo.

—Não as fritaremos —particularizou Luke—. Só adornaremos com elas os bolos dos adultos. —Olhava ao Jocelyn intensamente, como se tratasse de lhe transmitir algum pensamento.

—Não as tem!

—Sim que as tenho. Na caminhonete.

—Temos que adivinhar o que têm nessa caminhonete? —perguntou Tess, mas Jocelyn já tinha saído correndo e Luke a seguia.

Os quatro se amontoaram na traseira da caminhonete enquanto Luke desatava uma lona. Debaixo havia duas cestas de vime cheias de bolsas de celofane cheias de ramitas seca de cor lilás.

Jocelyn ficou um momento sem fala.

—Fará-me falta um... —disse por fim.

Luke apartou mais a lona para desentupir um morteiro de mármore de uns trinta e cinco centímetros de diâmetro, com uma grande emano.

Joce soltou um grito e jogou os braços ao pescoço espontaneamente.

—Trouxeste-o! É fantástico! Obrigado, obrigado, obrigado!

Tess e Jim ficaram olhando-os aos dois.

—Será melhor que vá fazendo a lista de convidados para as bodas —lhe sussurrou Tess, mas Jim não respondeu. De fato, tinha o cenho franzido.

—Está bem —disse por fim—. Querem me dizer vós dois o que é isto? Parece um instrumento do Merlín. ides converter isso em ouro?

De repente Joce se sentiu incômoda e se separou do Luke.

—conseguiu lavanda, e isto é um morteiro com sua maça para amassá-la. Poderei preparar bolachas de lavanda. São perfeitas para os chás.

—Estupendo! —exclamou entusiasmada Tess—. Quando vamos A... —O modo em que Luke a olhou a fez calar—. Sonha muito bem, mas acredito que será melhor que vá ver que problema tem Rans. Se não encontrar essa cinta vai perder o caso. Verei o que posso fazer para ajudá-lo.

—E eu pareço pó —disse Jim—. Sou muito velho para isto. Estarei aqui amanhã a primeira hora para lhes ajudar a levá-lo tudo a casa do Viv, assim não lhes deitem tarde. —Olhou com carinho a seu filho.

Tirou-se as chaves do carro do bolso, subiu ao veículo e se foi. Tess partiu a seu apartamento.

—Isto foi por algo que hei dito? Talvez teria que haver tomado banho —perguntou Luke quando estiveram sozinhos.

—Renunciei a entender às pessoas deste povo na hora de ter chegado. Entra e conta-me o tudo. E, de passagem, vais semear as ervas aromáticas gratuitamente. Ou talvez pagará o trabalho seu pai.

—Esse miserável? O que vai! O que te disse para que tenha que fazer meu trabalho grátis?

—Levei-me muito bem. Embora seu pai adora que lhe digam «sim».

—Não o haverá dito, verdade? —gemeu Luke—. Quando tinha seis meses, mamãe e eu fizemos o trato de que nunca, nunca lhe diríamos que sim, e cumprimos o juramento. Por favor, me diga que não o estragaste.

—Seis meses... —repetiu Joce sorrindo e entrando de novo na cozinha. Não havia nem um centímetro que não estivesse talher dos pastelitos mais formosos imagináveis: flores, insetos e bichinhos. Perto de uma dúzia tinham desenhos de sapatos de salto e vestidos.

—Vejamos... são estes da Sara?

—Bingo. Queria que preparasse uns quantos bolos em forma de sapatos de salto, mas teria sido muito chato.

—E estes? Tem-nos feito você? —Levantou um pastelito em forma de cara de perrito, marrom e branco.

—foi coisa do Tess.

—Do Tess! Da mesma Tess que trabalha para o Ramsey? Da Tess que desdenha todo o brega e o sentimental?

—Quão mesma viu e meia. Parece-me que seu pai quer montar um negócio com ela.

Luke se sentou em uma cadeira, olhando-a fixamente.

—Meu pai e Tess... Se os dois forem uns mandões! adoram lhe dizer a todo mundo o que deve fazer e como fazê-lo. Meu pai nunca se leva bem com ninguém a quem não possa lhe dar ordens. E Tess mais ou menos igual. Dirige o despacho do Ramsey como um almirante da Armada.

Joce se encolheu de ombros.

—Não tenho nem idéia de como podem trabalhar juntos, mas o fazem. Teria que vê-los colaborar. São como uma maquinaria bem engordurada. Se ao Tess lhe termina o glasé azul não diz nem pio, mas quando volta a estirar o braço para agarrar a manga pastelera está outra vez enche.

—Meu pai? Lhe prepara o glasé?

—E lhe preenche as mangas. Ao segundo dia, ele e Tess se passaram duas horas navegando por Internet e encarregaram um montão de mangas pasteleras e bolsas Y... bom, de tudo.

—Oxalá tivesse estado aqui para vê-lo.

—E onde estava? —perguntou-lhe Joce, lubrificando de manteiga uns moldes de papel.

—Me deixe fazê-lo —lhe disse Luke—. Não quero que meu pai me ponha em evidência.

Enquanto se lavava as mãos, contemplou o desdobramento de confeitaria. Era realmente bonita e com um aspecto muito profissional.

—Estou esperando —lhe disse Joce.

—Perdoa. É que me fiquei embevecido olhando-o tudo.

—Não, o que quero dizer é que estou esperando a que me conte onde estiveste.

—Bom, mamãe... —disse, como se se estivesse dirigindo a sua imaginária progenitora.

Joce não o Rio a brincadeira.

—Vale. Como faço isto? —perguntou-lhe ele.

Lhe ensinou a usar a espátula para encher os moldes e a colocar a bandeja no forno e pôr o temporizador.

—Temos que colocar tudo isto nas caixas que seu pai encarregou, assim pode falar enquanto o fazemos.

—por que crie que a senhorita Edi não te falou alguma vez do Edilean?

—Não sei —disse Joce, e notou a dor com que o dizia—. Me contou muitas coisas sobre sua vida. Poderia escrever um livro sobre os anos que passou com o doutor Brenner, mas não me disse nenhuma só palavra sobre o povo no que se criou.

—Alguma vez te falou de sua infância?

—Contou-me que tinha crescido em um pueblecito do Sul, nada mais. Dizia que sua vida não tinha começado até conhecer o David. E, até que cheguei, acreditava que David tinha perdido a vida na Segunda guerra mundial. Foi Sara quem me disse que ele a enganou. Edi voltou da guerra com as pernas destroçadas e o homem ao que amava se casou com uma qualquer a que tinha deixado grávida.

—É um modo de vê-lo —disse Luke, colocando uma dúzia de pastelitos em uma caixa.

—O que quer dizer? É como se pensasse que hei dito uma coisa horrível. Solo repito o que me contaram.

—As intrigas do Edilean! Onde o ponho? —Levantou a caixa de bolos.

—Parece-me que as deixaremos no vestíbulo. Necesito espaço para trabalhar com o morteiro.

—Suponho que sabe que há máquinas para isso.

—Claro, mas quem quer uma? Eu não.

Viu que ao Luke tinha gostado daquela resposta, porque saiu ao vestíbulo com a caixa, voltou com o morteiro e logo trouxe as cestas de lavanda.

—Parece-me que tem algo que me dizer mas que não te atreve —disse Joce—. Venha, solta-o.

—Se pudesse te dedicar ao trabalho que quisesse, qual seria?

—Biógrafa.

Luke a olhou, surpreso.

—Quando ia ao instituto, Edi dizia que seu amigo queria escrever a biografia de uma tia avó sufragista, mas que não tinha nem idéia de como realizar a investigação. Não sabia acessar às fontes.

—Às fontes —disse Luke, sem deixar de empacotar bolos—. Cartas, documentos inéditos... essa classe de coisas?

—Exatamente. Passei-me as férias de Páscoa com a mulher e foi uma semana estupenda. Pinçamos nos baús e revolvemos nos mezaninos de alguns familiares.

—Escreveu o livro?

—Sim mas não —disse Joce. Soou o temporizador do forno e tirou os bolos—. O escreveu, mas não encontrou quem o publicasse, assim solo o leu a família. Mas isso é o de menos. O fantástico foi investigar e pinçar e inteirar-se de coisas da vida daquela pessoa. Nesse caso, a mulher descobriu que quão único tinha feito sua avó tinha sido convidar às sufragistas a tomar o chá em sua casa, porque quando seu marido se inteirou se acabou tudo. Mesmo assim, eu adorei.

»Logo Edi me animou a escrever a uns quantos editores e pude fazer trabalhos de investigação para outros livros. Não me pagavam muito, mas me apaixonava.

—Sobre quem você gostaria de escrever?

—Bom... —Jocelyn duvidou, fazendo provisão de valor para dizer o pensei em escrever sobre o trabalho do Edi com o doutor Brenner. Morreu faz alguns anos, mas sua mulher tem todas as cartas que escreveu ao Edi, e me disse que estaria encantada de me emprestar isso Entretanto, acredita que quero escrever a respeito de seu marido, não de seu ajudante. Isso pode ser problemático.

—E se eu te dissesse que tenho o ponto de partida de uma história que a senhorita Edi escreveu a respeito de suas aventuras de guerra e que me deu isso o David que você crie que a deixou plantada?

—O que? —Jocelyn levantou a cabeça do morteiro—. O muito imbecil lhe escrevia enquanto ela estava no hospital com as pernas em carne viva?

Luke tragou e esperou um momento antes de responder.

—Está bem. vamos deixar as coisas claras. vais ter que deixar de repetir as mentiras que neste povo dão por certas. O David que você crie que deixou plantada ao Edilean Harcourt é meu avô, e a «qualquer» a que deixou grávida é minha avó... com o que o bebê resultante é minha mãe.

—OH! —disse Jocelyn, deixando cair em uma cadeira—. Seu avô a cortejou «apaixonadamente» e logo...

—antes de que diga nada mais, parece-me que deveria saber que havia outro David, ao que mataram durante a Segunda guerra mundial.

—Outro David? —sussurrou Jocelyn—. Edi estava apaixonada por dois homens que se chamavam igual?

—passei dois dias com meu avô Y...

—Vive? O David do Edi vive ainda?

—E tanto! Segue casado com a Mary Alice, e continuam enamoradíssimos. Ele me contou a primeira parte da história que a senhorita Edi mandou a um amigo. Não a tenho lido, mas o avô diz que conta o que lhe aconteceu.

Jocelyn não podia apartar os olhos dele.

—Se não te der pressa amassando essa lavanda nos passaremos aqui toda a noite e nunca terminaremos as bolachas.

—Quero ver essa história agora mesmo —sussurrou Jocelyn.

—Não. —Luke foi contundente—. Se eu posso esperar para lê-la, você também. vamos terminar tudo isto, a lhe tirar um benefício e logo me lerá isso enquanto semeio esse jardim.

Devagar, Jocelyn se levantou e seguiu socando.

—Quero que me conte absolutamente tudo o que sabe, sem te deixar nem um só detalhe.

—Não é muito, e tive que jogar golfe com o avô Dave para me inteirar do que acabo de te dizer. Aborreço o golfe.

—Mas você adora pescar.

—Não comece outra vez a te colocar comigo! —exclamou Luke, gritando quase. Logo disse—: Perdão. Levo dois dias agüentando o ciúmes de meu avô.

—Do que te inteiraste?

Luke ficou silencioso um momento.

—por que é tão importante para ti?

—Não sei. Às vezes me parece que toda minha vida foste uma mentira. Mas embora tenha sido verdade, não o entendo. Até que conheci o Edi tinha a meus avós e o avô estava acostumado a passar-se horas me falando de minha mãe. Não era partidário de adoçar os fatos. A avó o brigava porque me falava como se fora uma pessoa adulta.

»Seja como for, minha mãe se passou a vida em escolas privadas. Tocava o piano o bastante bem para dar concertos. Era bonita, inteligente e popular. Tinha dúzias de admiradores, mas rechaçou todas as proposições de matrimônio. A avó dizia que chegou a acreditar que não se casaria alguma vez. E sabe o que fez?

—Nem idéia.

—Apaixonou-se perdidamente do encarregado de manutenção do clube de campo do que meu avô era sócio. Ele tinha deixado os estudos e não havia

tornado a abrir um livro jamais. Vivia em um barracão de uma só habitação e gastava até o último centímo que tinha em suas motos. Meus avós fizeram quanto lhes ocorreu para que o deixasse, mas minha mãe lhes disse que partiria de casa se não lhe davam sua bênção... e um lugar onde viver.

Jocelyn fez uma pausa enquanto vertia o pó de lavanda na mesa e media os ingredientes para as bolachas.

—Naquela época minha mãe tinha já quase trinta e três anos e os avós sabiam que não a fariam trocar de idéia. renderam-se e fingiram estar encantados de que sua formosa filha se casasse com o de manutenção. Inclusive atuaram como se não lhes importasse que os recém casados se mudassem com eles. Meu avô conseguiu a meu pai um trabalho na companhia de seguros e ele ia trabalhar todos os dias, mas era um desastre. Isso sim, não cabia dúvida de que amava a minha mãe.

—E isso era o importante —disse Luke.

—Sim, mas... Meus avós não criticavam nunca a meu pai, mas sei o que opinavam dele. Em qualquer caso, quatro anos depois de que meus pais se casassem nasci eu e, cinco anos mais tarde, minha mãe morreu de um aneurisma. Quando tinha nove anos os avós faleceram em um acidente de carro Y...

—Solo ficou seu pai.

—Sim —disse, olhando as bolachas—. E voltava a ser como antes. Nada de gravata. Nada de tentar trabalhar de nove a cinco. Os avós me deixaram a casa e o pouco dinheiro que havia o administrava o advogado da família. Quando cumpri os doze não ficava nem um centímo. —Jocelyn sorriu—. Então conheci o Edi e minha vida deixou de ser tão solitária.

—Vale —disse Luke—. É capaz de cozinhar enquanto escutas?

—Está-me perguntando se posso fazer bolachas e escutar ao mesmo tempo a história do Edi? Trouxeste-a?

—Tenho o primeiro capítulo.

—Está narrada em capítulos como uma novela?

—Isso parece. —Luke suspirou—. Não brincava quando te hei dito que o avô está ciumento. O avô Dave era o médico do povo, assim conhecia todos e estava sempre rodeado de gente. Se íamos a uma festa de Natal, a metade do povo fazia penetra para lhe ensinar um furúnculo ou uma verruga, com a esperança de obter conselho médico grátis.

—E como você foi um solitário te mantinha afastado da multidão —disse Jocelyn.

—Exatamente. Assim, agora que o avô Joe morreu e o avô Dave está aposentado, quer...

—Que passe mais tempo com ele.

—Isso. Assim por isso estive uns dias fora. A avó Mary Alice queria me dizer umas quantas coisas, também, portanto...

—Chantagearam-lhe para que ficasse em sua casa. Quanto engordaste?

—Nem um grama. Passei-me o santo dia caminhando pelo maldito campo de golfe com a bolsa do avô nas costas. Pesa uma tonelada.

—O que lhe tiraste?

Luke se levantou, foi agarrar a jaqueta que tinha deixado em uma cadeira e tirou um maço de papéis dobrado em dois do bolso. Eram folhas de papel velhas e amareladas, com os borde gastos.

Jocelyn se sentou diante dele, com uma terrina grande de massa tinta de lavanda nos braços.

—É a história?

—O primeiro capítulo. Pelo visto quando a senhorita Edi estava no hospital recuperando-se das queimaduras escreveu isto e o mandou a seu amigo Alex McDowell.

—O homem cujo dinheiro administrava ela. O homem que lhe fez um juramento que ninguém quer nos dizer em que consistiu. Têm lido estes papéis muitas pessoas?

—Não acredito. O tio Alex os entregou a meu avô faz muitos anos. O avô os leu e permaneceram após em uma caixa de segurança, no Richmond.

Joce olhou as folhas que tinha Luke sem deixar de amassar.

—Onde está o resto?

—Meu avô me entregará capítulo por capítulo. Temo-me que vou ter que jogar mais ao golfe com ele.

—Leve-lhe isso a pescar, ou a dar um passeio em uma de suas motos.

—Como sabe...? Ah! Você e papai agarrastes emprestada minha caminhonete. Quando gostar de dar um passeio de moto, diz-me isso.

—Claro.

Luke não pareceu dar-se conta do reacia que era a ir de moto.

—Você lê que eu preparo as bolachas. —Quando ele abriu a boca, ordenou-lhe—: Espera um minuto! tive uma idéia terrível e quero te pedir sua opinião.

—Já eu gosto.

—Uma vez preparei uns bolos para um dos eventos benéficos do Edi: chamam-se Margarida porque a massa está aromatizada com tequila e o polido é de suco de lima e tequila. Parece-te que deveria me atrever com eles para a festa do Viv?

—Tem os ingredientes?

Joce abriu uma despensa e apartou um montão de bolsas de papel. Detrás havia duas garrafas de tequila e um montão de limas.

—Não sabia como tomaria seu pai, assim que pedi ao Tess que me trouxesse isso às escondidas.

—Não o diremos. Podemos chamá-los bolos de lima e já está. Podemos tomar um traguito?

Sorridente, Joce serve dois chupitos de tequila e lhe ofereceu um.

—Lista?

—Acredito que sim.

Luke começou a ler.

Capítulo 12

Londres, Inglaterra, 1944

—Clare! —O capitão Owens chamou a seu sargento, que estava apoiado no jipe com o olhar perdido. Ao não obter resposta, agitou a mão diante de sua cara sem conseguir tampouco reação alguma.

—Que demônios ocorre a este homem? —perguntou-lhe ao cabo, que estava de pé ao outro lado do veículo.

—É por ela —disse o cabo Smith, lhe tirando o cigarro dos lábios ao David Clare. estava-se consumindo e ameaçava chamuscando-o.

—Por quem? —perguntou o capitão com impaciência—. Às vezes estes homens parecem não dar-se conta de que estamos em guerra.

O cabo lhe deu uma última imersão ao cigarro do Clare e depois assinalou com a cabeça para o grande edifício que tinham em frente. Era formoso, mas uma quarta parte tinha ficado reduzida a escombros. De pé, nos degraus, estava o general Austin, uma espécie de bulldog que pelo visto opinava que terei que falar tão depressa, de um modo tão sucinto e em voz tão alta como fora possível. Era conhecido por fazer aflorar as lágrimas aos olhos de homens feitos e direitos com suas ordens. Os soldados jogavam a um jogo que chamavam «Pior que Austin». O que prefere, primeira linha de fogo ou quinze minutos com Austin? Tortura ou

Austin? O último ano tinham cunhado um eslogan: «Melhor que Austin.» Lançavam a ordem quando foram iniciar uma carga. «Isto é melhor que Austin», diziam antes de pôr a baioneta.

O baixo e robusto general estava vociferando a três jovens oficiais, e o sargento Clare o olhava fixamente, como em transe.

—Por Austin? —disse o capitão com desagrado—. Está paralisado por culpa de Austin? OH, demônios! Terá que procurar a outro para conduzir o carro do bastardo. Clare! Vêem comigo.

O sargento Clare não se moveu.

—Não é por culpa do general —disse o cabo Smith— É por culpa dela!

O capitão Owens se voltou justo quando «ela» saía de detrás de uma coluna e sorriu. Ah, sim. Ela, a senhorita Edilean Harcourt, a secretária do general. A Intocável. A mulher que despertava a luxúria de todo o exército mas a que nenhum homem tinha tido o valor de aproximar-se. Corria o rumor de que suas pernas mediam um metro e se comentava muito o que faria um homem com umas pernas como essas.

Fossem quais fossem suas fantasias, nenhum tinha sido objeto de outra coisa que não fora um sorriso do Edilean Harcourt... não por falta de empenho. Tinham provado todos seus truques para conquistá-la: do cavalheiro inglês de elegante acento que lhe tinha sussurrado que era da realeza, até um soldado americano dos subúrbios de Los Anjos; todos o tinham tentado.

Flores, doces, poemas de amor, inclusive tinham pendurado uma noite na fachada uma pancarta que rezava: «Senhorita Edi, quero-te.» Tudo inútil.

Tinha sido um jogo muito divertido para os homens que levavam algum tempo naquele destino ver os recém chegados cair rendidos quando viam pela primeira vez ao Edilean Harcourt. Um palmo mais alta que o general, de uma beleza Patricia, os homens não podiam lhe tirar os olhos de cima. A frase mais comum pronunciada pelos novatos era: «É uma deusa.»

Quando um novato tinha tido essa «visão», o dinheiro começava a trocar de mãos. Apostavam sobre o número de dias que transcorreriam até que recebesse o «olhar mortal» da senhorita Edi, e sobre o que faria o pobre para conquistá-la. Sabiam que o general ficava com os bombons que lhe enviavam e arrojava as flores pela janela porque padecia febre do feno. Quanto às médias, todo mundo sabia que todas as garotas do escritório do general levavam meias perfeitas.

Assim que o capitão Owens sacudiu a cabeça e fechou os olhos um momento. Outro homem tinha cansado sob seu feitiço.

—Quanto tempo leva assim? —perguntou-lhe ao cabo.

—Desde ontem, acredito que não dormiu esta noite, que esteve deitado olhando o teto.

—Bem —disse o capitão com sarcasmo—. Justo o que necessito. enviaram ao Clare aqui especialmente para que conduza o carro de Austin. Conduziu a outro general através do fogo inimigo sem uma vacilação. foi proposto para uma medalha e Austin quer a ele.

O cabo olhou ao David Clare. Era um homem jovem, alto, de cabelo loiro escuro e olhos azuis, e seguia de pé em estado comatoso desde que tinha visto a mulher no alpendre.

—Parece capaz de correr sob as bombas por ela.

—Já, bom, nós também o faríamos, embora essa possivelmente se limitaria a passar por cima de nossos cadáveres.

—Já vejo, senhor, que decidiu você considerá-la-a Rainha de Gelo.

—Melhor isso que recordar as rosas que roubei de uma casa incendiada e que me lançou à cabeça Coração de Pedra Austin.

—Entendo, senhor.

—E você o que? —perguntou o capitão, apoiando-se no jipe, tirando um cigarro e lhe oferecendo outro ao cabo.

—Seda de pára-quadras —disse, acendendo o cigarro do capitão e depois o seu—. O roubei de intendência, me arriscando a um conselho de guerra —acrescentou. Depois olhou de esguelha ao capitão.

—Não se preocupe. Ninguém informa dos delitos que se cometem em nome da senhorita Harcourt.

Fumaram em silêncio, apoiados no jipe, com o silencioso e pasmado sargento Clare entre ambos. Ao cabo de um momento o general Austin pareceu cansar-se de lhes gritar aos pobres oficiais e baixou as escadas. como sempre, seguia a curta distância a senhorita Harcourt. Formavam um casal chocante: ela alta, magra, elegante; ele baixo, grosso e vulgar. dizia-se que quando Austin tinha dezesseis anos um juiz lhe tinha dado a escolher entre o cárcere ou o Exército. Também se dizia que o general havia dito que o Exército era exatamente igual a uma guerra entre bandas, mas com melhor comida, e que tinha pisoteado a todos os que se haviam interposto em seu caminho para o topo. Fizesse o que tivesse feito para chegar a sua posição, era um verdadeiro ás para a guerra.

O cabo e o capitão ficaram firmes quando viram que o general lhes aproximava. Owens desejou haver-se levado a sargento Clare dali. Austin lhe jogaria a culpa da incapacidade do Clare ao que tivesse mais perto, e isso significava que a jogaria a ele.

Mas subestimava ao sargento Clare. Quando viu aproximar-se do general, voltou em si e lhe abriu a porta do passageiro.

Por muito que o general se queixasse, era cortês com a senhorita Harcourt. antes de que ela chegasse tinha estado trocando de secretária cada três

meses. A dois as tinham mandado a casa ao bordo da crise nervosa. Os homens diziam: «As bombas não as assustam, mas Austin as manda ao hospital.»

Tinham-lhe atribuído à senhorita Harcourt fazia um ano. Circulava uma história, uma que contavam aos novatos recém fracassados com suas flores e seus doces, a respeito da primeira vez que o general lhe tinha gritado à senhorita Edi. Ninguém conhecia os detalhes, mas diziam que se ergueu em toda sua estatura, cuidadoso ao general e dito que queria falar com ele em privado. Quando se fechou a porta todo mundo pegou a orelha, mas a senhorita Harcourt falou em voz baixa. Solo alcançaram para ouvir coisas como «abuso», «nunca mais se atreva» e «respeito».

Durante o último ano tinham ido adornando o sucesso até convertê-lo em lenda. Se rumoreaba que, quando a senhora Austin conheceu a senhorita Harcourt, abraçou-a com mais força que a seu marido e esteve mais pendente da comodidade de quão jovem da sua própria ou a dele.

Fora qual fora a verdade, o general Austin tratava à senhorita Harcourt com a máxima cortesia. sentou-se no assento traseiro e esperou pacientemente a que ela ocupasse o dianteiro. Enquanto o sargento subia ao carro, lhe entregou uma pasta.

—Deveria você ler isto —disse.

O capitão e o cabo olharam como o general agarrava a pasta e a abria.

—Escuta —disse o capitão ao Clare, de forma que solo lhe ouvisse—, é melhor que a esqueça, não pode conquistá-la.

O sargento Clare lhe lançou ao capitão um olhar que ele já havia visto muitas vezes antes e que significava que ninguém a tinha conquistado porque ninguém o tinha tentado.

O sargento Clare arrancou o jipe e manobrou entre os numerosos veículos e pessoas que o rodeavam.

—De onde é você? —perguntou-lhe à senhorita Harcourt.

—Acredito que deveria estar atento à estrada.

David deu um par de volantazos para evitar um buraco, passando entre um homem com muletas e duas preciosas garotas, quase por cima dos pés do homem e roçando com o jipe as saias das mulheres, tão largo. O homem levantou uma muleta e lhe insultou, e as duas garotas chiaram. No assento traseiro, o general Austin levantou a vista dos papéis que tentava ler e sorriu com malícia. Não havia nada que gostasse mais que ver um homem fazer uma loucura por sua secretária.

—Do Sul —disse David—, noto por seu acento que é do Sul.

Edi não se incomodou em lhe responder.

—E de onde do Sul? —insistiu David— Da Lousiana? Não, isso fica muito ao sul. —Olhou-a de cima abaixo, sorteando um buraco—. Não, não a vejo

compartilhando uma mesa cheia de caranguejos fervidos. É mais de prata e porcelana a China.

Edi assinalou a estrada, depois teve que agarrar-se ao salpicadero para evitar sair disparada por cima deste quando David pisou bruscamente o freio. No assento posterior, o general cravou os talões no chão do carro, mas não disse nada.

David esperou enquanto um caminhão cruzava a estrada por diante deles.

—Da Georgia —sugeriu—, talvez Savannah. —Olhou ao Edi esperando uma resposta, mas ela permaneceu em silêncio—. Eu sou de Nova Iorque. —Pisou no acelerador, deixando apenas uns centímetros entre o jipe e a traseira do caminhão—. Ali conduzo um táxi e tenho uma pequena oficina. Posso reparar virtualmente qualquer peça de um motor. —Como a estava olhando, quase chocou com outro veículo do qual baixavam quatro oficiais britânicos. Salpicou-os ao pisar em um atoleiro e lhe gritaram obscenidades.

—Sargento —disse Edi com a mandíbula apertada—. Devo insistir em que deixe de falar e olhe por onde vai. Leva você a um passageiro muito importante.

—Eu a cuido, não se preocupe.

—Não é para mim a quem deve cuidar! —exclamou—. É ao general. Leva você ao general a bordo.

—Ele? —disse David, olhando pelo retrovisor ao general, que levantou a pasta para ocultar seu rosto—. É de Nova Iorque. Em Manhattan o tráfico é pior que aqui. Mas você parece nervosa.

—Não o estou —lhe espetou ela lhe assinalando um grande caminhão que tinham diante e outro que vinha de frente pela direita.

—Já o vejo, estou nisso —disse David, dando um acelerón para adiantar o caminhão que ia diante. Durante vários segundos foram diretos para o caminhão que vinha de frente pelo outro sulco. Edi se aferrou à porta e ao bordo do cristal do guichê. David se desviou bruscamente um segundo antes de estelar se contra o caminhão, que ia cheio de soldados que aclamaram seu arrojo. David fez soar a buzina, saudando com a mão ao passar.

—Viu?, comigo está a salvo —lhe disse.

Edi lhe dedicou um olhar de desprezo. Ouviu um som afogado do general, sospechosamente parecido a uma gargalhada. Mas quando se voltou para ele, tinha a pasta aberta diante da cara.

—Da Virginia —disse David—. É você da Virginia, a velha pátria do T. J., isso.

—Sei quem é T. J. —disse ela—. É Thomas Jefferson.

—É você professora?

—Não, cultivo taxistas de Nova Iorque no pátio traseiro —se burlou ela.

—Tem um mau dia, não?

—Não, não o tinha até que lhe conheci.

—A mim? Assim é você uma dessas virginianas presunçosas, verdade? Muito orgulhosa por ser da terra dos Pais Fundadores⁴ e essa classe de coisas. Bem, não a culpo por orgulhar-se de sua terra, mas acredito que não deveria nos olhar com desdém a nós, pobres ianques.

—O fato de que seja da Virginia não tem nada que ver com o desgosto que você me provoca. É você o pior condutor que conheci.

—Mau condutor? —perguntou ele incrédulo—. Jamais tive um acidente. Algum pára-lama amolgado e possivelmente um ou dois radiadores destroçados, mas nada que possa considerar um autêntico acidente.

No assento traseiro do jipe, o general Austin deixou a pasta e começou a observar a sua secretária e a sua novo chofer como se se encontrasse em um autocine.

—Quase enrola a um homem com muletas, quase choca com um caminhão, quase se estrela contra um carro com quatro oficiais britânicos e quase provoca que dois caminhões carregados de soldados choquem —lhe espetou ela zangada.

—Abusa você da palavra «quase», não lhe parece? Sabe ou não sabe que «de um quase não morreu ninguém»? Assim é você da Virginia. Eu tinha razão!

—Desde onde eu seja não é assunto dele. Seu trabalho é olhar a estrada!

—Prefiro olhá-la a você. Tem noivo?

—Sim! —exclamou ela— Estou casada e tenho dois meninos.

—Talvez eu conduza um pouco rápido, mas você não diz a verdade. Falaram-me de você quando me disseram que o general Austin queria que trabalhasse para ele. Quer saber o que me disseram?

Edi se aferrou ao jipe olhando à frente, sem dizer nada.

David se inclinou tanto para ela que pôs a cara a escassos centímetros. Inclusive naquela postura, manobrou com o jipe entre dois caminhões e uma motocicleta com sidecar.

—Disseram-me que bastava com uma dúzia de rosas e uma grande caixa de bombons para que um homem consiga algo de você.

Apoderou-se do Edi tal cólera que foi lhe dar um bofetão. David, sujeitando o volante com a mão esquerda, agarrou-a com a direita e lhe beijou a palma.

Ela se soltou de um puxão e lhe olhou como se queria matá-lo.

—O que vai! —disse ele—, não disseram isso. Mas não é agradável que lhe mintam, a que não? As mentiras podem ferir.

Edi voltou a cabeça para ele um momento, logo olhou novamente a estrada.

—Sim, sou da Virginia e não tenho noivo.

—Obrigado, senhora. —Jogou uma olhada ao general pelo retrovisor. Não estava seguro, mas ao David pareceu que o velho bulldog sorria.

Capítulo 13

—Bem —disse Jocelyn cortando o sándwich do Luke em diagonal, como lhe gostava. Tinha tirado do forno a última bandeja de bolachas de lavanda. Era uma da madrugada e estava nervosa e cansada, mas não podia sentar-se. Sabia sem necessidade de que Luke o dissesse que tinha fome, assim que lhe tinha preparado um sándwich de presunto e queijo, servido uns nachos azuis e servido uma cerveja.

Ele murmurou as obrigado quando lhe pôs diante o prato.

—Que generosa para ser meu avô um monstro! Ela estava apaixonada pelo David Clare.

—Ela não o suportava.

—Já —disse Luke com a boca enche—. Faz uns sándwiches muito maus, sabia?

—A esta hora da madrugada todo me sai mau.

—Certo. —Luke se escondeu o resto do sándwich e apurou a cerveja—. É melhor que vá. Precisa dormir um pouco. Amanhã é o grande dia.

Como Jocelyn não dizia nada, olhou-a.

—Está bem?

—Não, a verdade é que não. Tudo acontece muito rápido.

Luke deixou o prato e lhe pôs as mãos nos ombros para sentá-la em uma cadeira.

—Me diga o que se preocupa.

—Acredito que a gente quer que seja como Edi: uma grande dama, a senhora da mansão. Acredito que têm umas expectativas de futuro para mim que não me vejo capaz de satisfazer.

—Provavelmente esteja no certo.

Lhe olhou.

—Não deveria me dizer que são minhas imaginações e que ninguém espera nada de mim?

—Prefiro te dizer a verdade. Amanhã todo Edilean estará em casa do Viv e todos lhe estarão observando e comparando com...

—Consegue que me sinta pior ainda.

—Sentiria-se melhor se te dissesse que está fazendo um grande trabalho?

—Quem pode assegurar isso?

—Sabe o preocupada que estava esta cidade quando se soube que a senhorita Edi tinha legado Edilean Manor a uma desconhecida, que tinha deixado esta antiga casona a uma mulher solteira, sem filhos. Tínhamos medo de que te apresentasse com... —Fez um gesto evasivo com a mão.

—Com tatuagens e piercings?

—Pior. Com idéias para fazer «melhoras».

—Que quisesse cromo e fontes de cristal...

—Sim. —Torceu a cara em uma careta—. Cromo e fontes de cristal. —Tomou as mãos do Edi entre as suas—. É fantástica. Ponha seu vestido da Alicia com uma cinta no cabelo e todos lhe encontrarão maravilhosa.

Luke lhe sorria de modo que a induziu a aproximar-se o Desejava que a abraçasse. Mas ele se apartou e Jocelyn se ergueu imediatamente.

—À cama! —disse-lhe—. Tem que dormir para estar fresca amanhã.

—Sim, claro —duvidou ela—. Sozinho falta que se esfriem as bolachas e já estará.

—Estou seguro de que papai virá cedo para te ajudar.

Joce se levantou bocejando.

—Você virá, verdade?

—Brinca? Tenho que ir de carro ao Williamsburg para recolher a meus avós e levá-los a festa. morrem por te conhecer.

—por que?

—É a mulher que vai ocupar o lugar da senhorita Edi. É obvio que querem te acontecer revista.

Jocelyn gemeu.

—Fará-o bem, agora vete à cama.

—Mas tenho que... —Olhou a cozinha.

—A cozinha está bem como está. vou fechar a casa. O que precisa é dormir.

Ela não se dava conta de quão cansada estava até que subiu o primeiro degrau. Quando chegou ao piso de acima, sorriu ao Luke, saudou-o levemente com a mão e entrou no dormitório.

Apesar do exausta que estava, tomou banho, lavou-se o cabelo e ficou uma camisola limpa. Quando se meteu na cama, pensamentos e imagens giravam em sua mente como em um caleidoscópio. Quase podia ver o Edi de jovem, perseguida por todo o exército. Mas ao parecer um só homem tinha podido atravessar sua geada couraça: o sargento David Clare. O David ao que amava mais que a si mesmo.

Jocelyn ouviu um ruído abaixo e supôs que Luke seguia fechando portas, talvez empacotando bolachas.

«Dois homens estupendos», pensou. Havia dois homens bonitos em sua vida e nenhum dos dois tinha tentado beijá-la sequer. Se tinha beijado ao Ramsey tinha sido por iniciativa própria. Certamente não lhe tinham pendurado uma pancarta na fachada com uma declaração de amor.

Capítulo 14

O «pátio traseiro» da irmã do Ramsey consistia em perto de vinte mil metros quadrados de cuidado jardim, atendido diariamente por quatro jardineiros dos quais só um falava inglês. Havia mesas sob as árvores, todas com néveas toalhas e servidas por pessoal de uniforme. Os convidados pareciam tirados diretamente de um catálogo do Talbots: os homens com flamejantes americanas e calças. As mulheres com blusa e saia de linho e chapéu com a asa levantada; os meninos tão limpos como seus pais e as meninas com vestidos de algodão. O lugar emprestava a dinheiro e etiqueta do Velho Moderado.

—Diverte-te? —sussurrou- Sara ao Jocelyn

—Em comparação com o que? naufragando ou caindo por uma greta do gelo? —disse-lhe disimuladamente.

—Ao menos suas bolachas me darão muito trabalho. Amanhã me chamarão para alargar uma dúzia de vestidos.

Sonriendo, Jocelyn entregou a um homem de cabelo cinza uma bolacha adornada com três capuchinas.

—Ficam bolos de lima? —perguntou ele.

—Sinto muito, terminaram-se.

—Acreditava que ninguém cartório o sabor do licor? —sussurrou-lhe Sara, fazendo sorrir ao Jocelyn—. vamos descansar um pouco. Viu a casa do Viv?

—Não vi nada nem me deixaram falar com ninguém —se queixou Joce—. De fato, cada vez que um homem de aparência agradável me aproxima, um de suas milhares de primos me separa dele. Ramsey está tão ocupado falando com os peixes gordos do Williamsburg que não cruzei nenhuma palavra com ele, e pelo visto Luke está roubando as novelas do jardim. Além disso, as feligresas têm algo que me consultar cada vez que um homem de menos de cinquenta anos me aproxima mínimamente.

—Vamos dentro e falaremos —disse Sara, tomando a da mão e afastando a das mesas.

Cruzaram a grama, o pátio e as cristaleiras de um comprido e estreito estufa mobiliado com uma mesa e cadeiras de vime branco. A tapeçaria dos almofadões era vários estampados de cor branca e azul.

—Bonito —disse Jocelyn.

—Isto é o que se pode obter com bom gosto e tanto dinheiro como faço falta. Sabe que hoje levaste ao Viv ao sétimo céu, verdade? Todo mundo está entusiasmado com a festa.

—Apresentaram-me isso entre um centenar mais de pessoas. Se não estivesse tão grávida, não estou segura de que pudesse reconhecê-la se voltar a vê-la.

—Não se preocupe. Ela te conhece e conhece sua confeitaria. Essas bolachas moradas deixaram às senhoras das obras benéficas tão impressionadas que lhe pedirão que te encarregue do bufe de outra festa que se celebra a semana que vem.

—Eu não quero me dedicar ao catering —disse Joce categórica.

—Já sei, mas eles não. Vamos acima a ver os dormitórios.

—Não deveríamos pedir permissão antes de bisbilhotar?

Sara apareceu pela janela.

—Quatro anciões vêm para aqui e acredito que lhe buscam.

—Vamos! —disse Jocelyn e saiu correndo. Seguiu a Sara pelas escadas traseiras e percorreram o corredor.

—Menino, menino, menino —foi dizendo Sara à medida que passavam por diante as habitações—. O cabeça de família. —Abriu uma porta—. A habitação de convidados. Sente-se.

Agradecida, Jocelyn se sentou em uma grande poltrona de couro enquanto que Sara se tombou na cama.

—Bem, o que há entre você e Rans? —perguntou-lhe.

—Tem-me feito subir para inteirar-se da última fofoca?

—É obvio. Pensava que queria sua receita das bolachas bêbadas de bourbon?

—São de tequila.

—Dá igual. Então o que? O que há entre vós?

—Não sei. Hei-te dito que lhe vi hoje, mas não falamos. É algo assim como um político, não?

—Conhece todo mundo e todo mundo lhe conhece ele. É sua forma de fazer negócios. Então, até que hora ficou Luke em sua casa ontem à noite?

—Não sei, fui à cama —disse Joce, olhando a Sara para ver o que diria, mas permaneceu em silêncio—. me Diga, já me consideram atada com um dos dois?

—Acredito que Rans é o principal candidato a pretendente.

—Que interessante! —exclamou Joce com frieza.

—Você não gosta da idéia?

—Tenho curiosidade por saber se o século XXI chegou a esta cidade. pode-se saber o que passou com a paixão, com o noivado, com os homens que se esforçavam por te conquistar? O que foi que os presentes, das pancartas, da condução perigosa solo para chamar a atenção de uma?

—Não sei que livro estiveste lendo, mas quero que me o Prestes.

—Nenhum —disse Jocelyn, que não queria contar o que Luke lhe tinha lido—. Com quem sai Luke?

—Com ninguém —disse Sara, lacônica—. Vive sozinho e não sai com ninguém.

Jocelyn esperou a que Sara continuasse, mas não o fez.

—Isso é tudo? por que cada vez que menciono ao Luke todo mundo se fecha em banda? É um fugitivo da justiça?

—Em certo modo —disse Sara, olhando ao chão.

—Tem algo que me contar, não é assim?

—Nada importante, sozinho... —Sara não terminou a frase.

—conheceste a um homem.

—Sim! —disse Sara—. Joanne Langley nos apresentou.

—E ela quem é?

—É a agente imobiliária local. Às vezes me custa recordar que você não viveste sempre aqui.

—Acredito que é o melhor completo que me têm feito nunca —disse Jocelyn secamente—. Bem, me fale dele.

—É alto, loiro e rico. É obvio que o de rico não tem importância, mas...

—Não vais desprezar o por isso. Conta-me o tudo.

—Chama-se Greg Anders. Recentemente comprou uma casa situada nos subúrbios do povo. Em realidade a parte antiga dessa casa era a moradia do capataz do Edilean Manor.

—Um capataz... Vá panorama! E não te atreva a me tachar de ianque!

—De acordo —disse Sara com um sorriso.

—Como é?

—até agora solo saímos uma vez, mas é encantador e inteligente Y... e a solidão que emana dele me fez desejar...

—Adotá-lo?

—Em realidade, me casar com ele e ter três filhos. Ontem comprei um exemplar de La Noiva Moderna.

—Meu deus! Não vai muito depressa?

—Sim, acredito que sim. Sabe por que? Acredito que é o destino.

—Como é isso?

—Já conhece o Joanne... Não, não a conhece. É a celestina do povo. Se estiver solteira e vai a ela para encontrar piso fica para te buscar casal. Sua cunhada se dedica a organizar bodas, assim...

—Então, onde intervém o destino em seu caso?

—Greg me escolheu. Joanne e ele comeram juntos e falaram comprido momento. Lhe falou das muitas mulheres solteiras que há por aqui Y...

—E me incluiu?

—Não —disse Sara. Depois se deu conta e retificou—: Seguro que o fez. Jocelyn decidiu ignorar aquele deslize.

—Então, no que se apoiou Greg para te escolher? Em fotos? Se for assim o entendo. —Sara levava flores na juba loira e um vestido de suave algodão em tons bolo com capullitos de rosa bordados no corpete.

—Não, Joanne não tinha fotos, somente lhe falou de algumas mulheres. Como Greg é um homem de negócios, primeiro sugeriu ao Tess, mas Greg disse que acreditava que não gostaria de andar com uma mulher que se passa a vida rodeada de advogados.

—Ao melhor Joanne contou a verdade sobre o Tess. Que tem... Como diríamos? Uma personalidade algo difícil.

Sara sorriu.

—Pode que tenha razão. Seja o que seja o que lhe disse, o agradeço, porque lhe pediu meu telefone e me chamou. Passamo-lo realmente bem. Falamos interminavelmente de tudo. Não te ria, mas se interessou inclusive por meus trabalhos de costura. Diz que deveria abrir uma loja. —Sara fez uma pausa—. Sei que é logo, mas realmente acredito que talvez seja o adequado.

—Fantástico. —Jocelyn suspirou—. Beija bem?

—É inmejorable. —Sara olhou ao Joce—. Já sei que Ramsey é minha primo, mas como o faz?

—OH, estupendamente —disse Joce—. Beija realmente bem e não pode apartar suas mãos de mim.

As palavras do Joce pareceram gostar de muitíssimo a Sara, que começou outra vez a falar. Um ruído proveniente da planta baixa as distraiu, entretanto. Parecia que tinha passado algo, porque os meninos gritavam.

—Que demônios foi isso? —perguntou Joce levantando-se de um salto e correndo para a janela para olhar ao jardim.

Se se tivesse despertado essa manhã e tivesse pensado o que era quão pior podia lhe passar, a resposta teria sido: «Que se pressentem as Astras.» Abaixo, rodeada por todos os convidados da festa, como uma rainha a que todos tivessem estado esperando, estava uma das Astras. como sempre, seguiam-na meia dúzia de parasitas falando por telefone e também uma mulher alta, esquelética, com os maços do rosto muito marcados e o pescoço de girafa, que estava de pé junto a ela.

—Aí estão —sussurrou Sara—, ou uma delas, ao menos.

—É Bell —disse Jocelyn apoiando-se na parede e golpeando-se repetidamente a cabeça contra esta—. Teria que haver insistido a Rans para que lhes escrevesse lhes explicando que não tenho dinheiro, somente uma casa velha que cai a pedaços. Teria...

—Quem é toda essa gente que a rodeia? —perguntou Sara.

—Seu séquito. Gastam seu dinheiro antes de que ela ganhe.

—Alguém parece... —Sara pôs uns olhos como pratos, observando mais atentamente a cena que se desenvolvia abaixo—. Que o céu nos atira! É-o! —disse sem fôlego. Logo olhou ao Jocelyn—. O sinto. —Posou sua mão no braço de seu amiga—. por que não vamos daqui sem que nos vejam? Escapulimo-nos pela porta da garagem, agarramos o carro e nos largamos. Assim não terá que vê-la.

—eu adoro a idéia. Guíame, sigo-te —disse Joce, correndo detrás da Sara—. Como se inteirou desta festa?

—Edilean tem uma página Web. Não a viu?

—Suponho que a seção de eventos me passou. Além disso, acredito que eu sozinho me inteiro do que a gente quer que me inteire.

Jocelyn seguiu a Sara escada abaixo tão rápido que deu um tropeção.

—Vamos! —disse Sara, agachando-se. As duas deram a volta a grande ilha da cozinha para chegar à porta.

Jocelyn nunca tinha visto reagir daquela maneira ante a idéia de conhecer as Astras. Normalmente a gente brigava por aproximar-se das modelos. Mas Sara lhe estava evitando ao Joce um encontro que seria indubitavelmente desagradável. Que boa amiga era!

Ainda agachada, Sara alcançou e girou o pomo da porta da garagem... e se topou de frente com um menino de uns cinco anos que lhe sorriu com insolência.

—Mamãe! Encontrei-a! —gritou a viva voz.

—Espera a ver seu próximo presente de aniversário Jamie Barnes, pequeno delator! —disse Sara.

—Mamãe!, a tia Sara me chamou...

Sara lhe tampou a boca com a mão.

—Se o disser te arrependerá —lhe sussurrou ao ouvido.

—Aqui está! —disse Vivian, a alta e grávida irmana do Ramsey.

—Mamãe! A tia Sara há dito...

—Sim, sei, carinho. Você não parava de tagarelar e ela te ameaçou. Já que na sábado que vem Sara lhes vai fazer de babá a ti e a seu irmão, lhe deveria pensar isso duas vezes antes de acusá-la.

O menino ficou pálido.

—Tia Sara, comi duas de suas bolachas e eram os melhores. —Dito isto, saiu da garagem correndo e se perdeu de vista.

—Jocelyn —disse Viv—. Você e eu logo que tivemos tempo para falar e não pude te agradecer esta festa tão estupenda. Que surpresa tão agradável foi me inteirar de que sua irmã é...!

—Meio-irmã —disseram Jocelyn e Sara ao uníssonos.

—Perdão. me inteirar de que sua meio-irmã é uma das famosas gêmeas. Pedi-nos que lhe busquemos porque não se pode ficar muito momento. —Viv sorriu assinalando para trás com o braço para lhes indicar o caminho através da cozinha até o jardim. Não tinha intenção das deixar escapar.

—E, Sara —disse Viv quando saíam da casa—, Ingrid veio com ela. Estou tão contente! Possivelmente agora as coisas se arrumem.

Jocelyn era capaz de andar unicamente porque Sara e Viv foram detrás dela. A gente se apartou sonriendo carinhosamente, comparando com o olhar à alta, muito magro e extremamente maquilada Bell e ao Jocelyn. Bell levava um par de grandes triângulos de pele que deixavam ao descoberto a parte esquerda de sua cintura e a perna direita nua desde o meio coxa. Seu cabelo era uma entupida massa de extensões e um menino poderia ter usado seus pendentes para jogar aos aros.

Em comparação com a gente que a rodeava, vestida de forma tão conservadora, era como um anúncio de néon em uma noite escura. Algumas das mulheres tentavam parecer escandalizadas, mas Bell estava tão radiante que seu aborrecimento não era autêntico.

—Querida —disse Bell quando teve ao Jocelyn a seu lado. Depois se inclinou exageradamente, como se Joce fora meio metro mais baixa que ela, e a beijou em ambas as bochechas. Quando se ergueu, disse—: Que aspecto tão doce tem! Parece uma menina de quatorze anos. eu adoro sua cara lavada, sem maquiagem.

Joce sabia que aos extasiados observadores Bell lhes parecia uma irmã que a adorava. Aí estava ela, uma superestrella, voando desde quem sabe onde solo para assistir a fiestecita de sua irmã. Joce não se atrevia a abrir a boca porque sabia que o que lhe sairia seria: «O que quer?»

Mas nem Bell nem Ash se ficaram nunca sem palavras.

—Imagina que surpresa quando Ingrid mencionou que seu marido trabalhava no Edilean Manor? Que pequeno é o mundo!, verdade? E quando vi uma

foto dela, pensei que verdadeiramente pareciam o um para o outro. Sou assim de romântica. Quando Ingrid disse que havia uma grande festa no Edilean este fim de semana e vi que você te encarregava do catering com essas bolachas moradas tuas, soube que tinha que vir a te dar meu apoio. me diga. —Bell agitou suas artificialmente espessas pestanas—. Suponho que já não põe infusão de maconha nas bolachas de chocolate, ou sim?

Três pessoas deixaram a bolacha. Uma mulher lhe tirou o bolo a seu filho.

Ao Jocelyn não lhe ocorria nada que dizer além de insultá-la ou chegar às mãos.

—Bem, querida Cindy —disse Bell—. Tenho que ir, mas Ingrid ficará uns dias para estar com seu marido. Espero que possa dispensá-lo do trabalho em seu jardim. Ah, por certo, Ash e eu lhe trouxemos um presente.

Tirou uma cajita de veludo azul, mas Jocelyn sabia o que continha, assim não o agarrou. Foi Sara quem agarrou a caixa e a abriu. As Astras tinham engastado os carvões esculpidos do Edi em latão para fazer um colar e uns pendants. Eram uma obra professora da breague.

—Espero que os desfrute tanto como o temos feito Ash e eu. —Bell lançou ao Jocelyn dois beijos no ar e se foi fluando para uma multidão de jovencitas que eram apenas capazes de controlar seus chiados.

Quando a multidão se afastou detrás do Bell, Sara olhou as jóias que sustentava e lhe perguntou:

—É carvão?

Mas Jocelyn só emprestava atenção à mulher que Bell tinha detrás, a sua esquerda, a que tinha visto de cima. Não era tão alta como Ash e Bell, nem se dava tantos ares, mas solo pela postura de seus ombros se deduzia que era modelo. la maquiada de forma que parecesse que não levava maquiagem e vestia com simplicidade, embora provavelmente sua roupa custava o que Jocelyn ganhava em um ano.

—Você deve ser Ingrid —acertou a dizer por fim, e a mulher lhe sorriu.

—Peço-te desculpas pela apresentação. Bell pode às vezes não ser a pessoa mais amável do mundo, mas o arrumou para que eu pudesse estar aqui hoje. Sua festa é encantadora. —Olhou ao Vivian, que estava ao lado do Jocelyn—. Olá Viv. Está aqui?

—Se lhe romper de novo o coração, eu... —advertiu-lhe Viv, mas seu marido lhe aconteceu o braço pelos ombros e assinalou com a cabeça para a cerca posterior.

—Isto é assunto deles dois —disse—. Deixa que Luke se arrume com sua esposa. Vamos, guardei-te algumas dessas bolachas moradas.

Quando se foram, Sara, Jocelyn e Ingrid estavam sozinhas.

—Vejo-lhe —disse Ingrid, e lhe iluminou o rosto com um sorriso. Foi correndo para as árvores floridos da parte posterior da propriedade.

Jocelyn se deu a volta e viu o Luke olhando ao Ingrid, imóvel, com o rosto inexpressivo. Quando o alcançou, rodeou-lhe o pescoço com seus largos braços e o beijou na boca.

Jocelyn demorou um momento em reagir, mas depois se voltou para a Sara.

—Agora o entendo tudo. Mantiveram-me ocupada com o Luke, que está casado, para que não visse outro homem mais que ao que escolheram para mim: Ramsey. —voltou-se e foi para a parte dianteira da casa, onde estava seu carro.

—Joce! —chamou-a Sara indo atrás dela—. me lhe Deixe explicar isso —¿Se ha terminado media?

—Não há nada que explicar —disse Jocelyn quando Sara a alcançou—. Os do povo me emparelharam com o Ramsey e sua primo casado Luke me manteve ocupada enquanto ele se dedicava a seus negócios. funcionou perfeitamente. Nunca tinha visto um plano melhor. escolheram seus meninos também meu vestido de noiva?

—Jocelyn, por favor —a chamou Sara, mas Joce não se deteve.

Demorou dez minutos em chegar a casa. Quando teve entrado fechou a porta, foi até a parte traseira e fechou também as duas portas. Comprovou inclusive que as janelas estivessem fechadas com fecho. Não queria que ninguém entrasse sem sua permissão.

Seu impulso era fazer a mala e ir-se, mas sabia que devia acalmar-se e pensar o que ia fazer a partir de então. Uma coisa era receber uma carta de uma querida amiga lhe dizendo que conhecia homem perfeito para ela e outra muito distinta encontrar-se em uma cidade rodeada de desconhecidos que tinham estado planejando seu futuro.

Jocelyn não levava em casa mais de vinte minutos quando chamaram educadamente à porta. apareceu pela janela lateral e não lhe surpreendeu ver o Ramsey e Luke.

Seu primeiro impulso foi lhes dizer que se fossem e não voltassem mais, mas em lugar de fazê-lo abriu a porta.

—Nós gostaríamos de nos explicar —disse Ramsey.

—Não há nada que explicar —respondeu Jocelyn.

—Podemos entrar?

—É obvio —disse ela, apartando-se e deixando-os passar à sala de estar.

Sentaram-se um ao lado do outro no sofá amarelo da senhorita Edi. Jocelyn colocou uma cadeira em frente deles. Ramsey levava seu perfeito traje com o que pretendia demonstrar que era um jovem e prometedor homem de negócios, enquanto que Luke ia em jeans e camiseta.

—Como está sua esposa? —perguntou-lhe Jocelyn a este último.

—Muito bem —disse ele sorrindo—. Lhe gostaram de suas bolachas moradas.

—Terminou-se meia?

—Mas bem um quarto.

—Querem deixá-lo já? —exclamou Ramsey—. Jocelyn, minha primo e eu viemos para te explicar algumas costure que acredito que interpretaste mal.

—Como quais?

—Nossas intenções.

—Intenções? —perguntou Jocelyn—. Não tenho nem idéia do que quer dizer.

—Já te hei dito que estaria furiosa —disse Luke, apoiando-se no respaldo do sofá.

—que minha primo se apresentou como o que não é não quer dizer que eu o tenha feito —disse Ramsey, e era o advogado quem falava—. Eu sempre fui honesto e claro a respeito de minhas intenções para ti.

—O que seriam...?

—O que quer dizer? —perguntou Ramsey, que não tinha entendido a pergunta.

—Ela quer saber o que pretende fazer —disse Luke—. Se tiver intenção de te casar com ela ou de lhe pôr uma loja, como pretende fazer com a Sara seu novo noivo.

Ramsey se voltou para olhar a sua primo.

—Tudo isto é tua culpa. por que não lhe disse que estava casado?

—Alguma vez saiu o tema —disse Luke, depois olhou ao Jocelyn—. Tem cerveja?

—Para ti não —lhe respondeu Jocelyn com fingida doçura—. por que não a pede a sua esposa? Ou somente te envia cheques para que possa viver a todo trapo realizando um trabalho de pouca subida?

Luke ficou vermelho de raiva, mas Ramsey tratou de dissimular um sorriso.

—Joce tem seu telefone. por que não nos esperas fora? Melhor ainda, por que não vai a casa e nos deixa sozinhos?

Luke, sem dizer uma palavra, foi levantar se.

—Me diga Ramsey, o que é o que tanto desejava? A mim ou minha casa?

Luke a olhou, piscou várias vezes e voltou a sentar-se.

—Como pode dizer algo assim? Eu gosto desde inclusive antes de te conhecer,

—E que casal tão perfeito fazemos! O dinheiro dos McDowell com a terra dos Harcourt. Eu não levo o sobrenome mas possuo a casa. Vi a toda essa gente a que fazia a bola hoje. Pensa com quanto estilo poderia recebê-los aqui. Não pensa te apresentar às eleições, ou sim?

Luke deixou escapar uma risita afogada.

—Aí te pilhou.

Jocelyn se voltou para ele jogando faíscas.

—E você me mantiveste ocupada para que não pudesse conhecer outro homem enquanto Ramsey estava trabalhando. foi tudo muito inteligente, muito bem feito.

—Joce, não foi assim —começou Ramsey.

—Não? No segundo pícnic me falou das cartas de seu avô que tinha lido. Que história tão comovedora! Fez-me acreditar que estava apaixonado por mim desde que era uma menina. Mas, é obvio, depois dessa revelação não te voltei a ver durante vários dias.

—Acredito que lhes vou deixar sozinhos —disse Luke.

—OH não, não o fará! —espetou-lhe Joce, assim que se sentou de novo.

—Olhe, eu nunca me tenho feito passar pelo que não sou. Sou seu jardineiro, isso é tudo. O tema de minha vida privada nunca surgiu entre nós.

—Não vou incomodar me em responder a isso. Os jardineiros não... não se interessam tanto por seus patronas como você o tem feito por mim. É como meu pai, com sua lábia, seus Harleys e sua afeição pelas garotas que não sabem nem abrir um livro.

—Como você...? —Luke estava escandalizado—. Crie que sou como seu pai?

—Uma fotocópia, E, por certo, é sua primo quem te paga o salário.

—Sei —disse Luke. Ainda lhe notava na cara a impressão que lhe tinham causado as palavras do Jocelyn—. Todas as semanas lhe inflo a fatura.

—por que...? —começou a dizer Ramsey.

—Fora! —gritou-lhes Jocelyn—. Fora de minha casa os dois agora mesmo. Não quero voltar a lhes ver... nunca mais.

—Jocelyn —disse Luke, enquanto ela tentava serenar-se—, peço-te perdão pelo que seja que pense que te tenho feito, mas o jardim necessita...

—Fora de meu jardim —disse ela—. Não te aproxime nem a ele nem a mim.

—Mas precisa cuidados, necessita...

—Estou segura de que encontrarei a um menino de secundária que queira cortar a grama.

—Jocelyn... —disse Ramsey, suplicante—. Não está sendo justa comigo. Sei que sua meio-irmã foi uma autêntica serpente hoje, e estou seguro de que está

desgostada por tudo isto, mas eu não tenho feito nada para merecer que me jogue de sua vida. O que tenha feito Luke para te induzir a acreditar que estava... —Olhou a sua primo—. Que demônios estiveste fazendo para que se zangou tanto ao descobrir que está casado? Se a houver meio doido, vou A...

—Eu não sou propriedade de ninguém! —gritou Jocelyn, levantando-se e olhando-os a ambas—. Não sou uma parte de terra pelo que possam lutar e talvez ganhá-lo. Ou, neste caso, que um possa mantê-lo para o outro. Eu sou...

—Joce, por favor —disse Ramsey—. Se Luke se tomou muitas confianças não é minha culpa, não tome comigo.

—por que não vais ver o Tess e conta a ela seus problemas?

Luke soltou uma risita e Jocelyn o fulminou com o olhar.

—E você pode ir com sua mulher. Agora, fora os dois!

Capítulo 15

Jocelyn levantou a cabeça para olhar pela janela. Terei que cortar outra vez a grama e parecia que algum coelho se estava comendo os... o que fossem os arbustos que cresciam no lateral da casa. Uma manhã teria jurado que ouvia as térmitas comendo-a parede, mas tinha resultado que eram Sara e seu noivo fazendo-o... outra vez.

Voltou a olhar a mesa de desenho com o tabuleiro inclinado que tinha comprado e seus papéis. Não era precisamente o que poria na casa o dia que pudesse, mas de momento não podia permitir-se outra coisa.

Fazia muito em seis semanas, desde que jogasse ao Ramsey e ao Luke de sua vida. Primeiro tinha ido a um banco do Williamsburg e tinha pedido um empréstimo hipotecário de cinqüenta mil dólares. A seu entender ia necessitar essa quantidade para viver enquanto se esforçava ao máximo por escrever uma biografia que pudesse lhe interessar a alguma editorial. Esteve tentada de escrever algo a respeito do Thomas Jefferson, já que as obras sobre aquele tema se vendiam bem, mas seu coração não lhe pedia isso. Queria escrever sobre o Edi.

Jocelyn sabia por experiência que nenhuma editorial lhe daria um adiantamento a uma escritora que não tinha publicado nada, assim tinha que encontrar outras formas de manter-se enquanto escrevia. Para pagar a hipoteca, passava as manhãs no Williamsburg recolhendo informação do século XVIII para um novelista muito famoso que preparava uma trilogia ambientada na Guerra da Independência dos Estados Unidos.

Pelas tardes e de noite trabalhava no livro do Edi. Tess lhe havia dito que não sabia que Luke estivesse casado. De fato, tinha-lhe contado que ela e Ramsey

tinham tido uma briga colossal sobre o tema, porque lhe havia dito que tudo o que ocorria em sua família era sozinho assunto dele.

Tess jurava que, de havê-lo, sabido o haveria dito ao Joce.

—Detesto a maneira que têm neste povo de esconder seus sujos secretitos. Alguém deveria me haver dito ou haver dito a ti que estava casado.

Tess estava tão furiosa que Joce sentiu desejos de afastar-se dela, mas logo lhe deu a chave do apartamento de cobertura e se passou dias revisando cada caixa e cada baú. Até onde ela podia afirmar, levaram-se todas as coisas de valor e só ficavam milhares de livros de contabilidade. Possivelmente algum dia pudesse fazer algo com eles, mas o que tinha esperado encontrar era um jornal no que alguém confessasse ter matado a alguém, de modo que depois da biografia pudesse escrever sobre isso e fazer-se milionária.

—Então cria sua própria história —disse Tess—. Expõe um assassinato e logo inventa quem o cometeu e por que.

Parecia fácil, mas Joce já o tinha tentado e não tinha sido capaz. Lhe gostava de ler sobre acontecimentos reais e pessoas reais. Sobre isso queria escrever.

—A senhorita Edi —disse Tess, tampando-os ouvidos com as mãos—. ouvi tantas coisas a respeito dessa mulher que, se visse seu fantasma de pé na entrada, simplesmente lhe diria que se fora.

—Se a vir, por favor lhe peça que me diga o que tenho que fazer —disse Joce com pessimismo.

Era uma noite mais das que Tess passava na cozinha do Joce preparando confeitaria. depois da festa em casa do Viv, (o Desastre, como a chamava Joce), Tess tinha aceito outros dois caterings. O pai do Luke, Jim, dizia que era a melhor negociante que tinha visto nunca. Não tinha deixado a ninguém nem sequer sugerir o que ia se servir em sua própria festa. Expôs sua proposta de um modo tão autoritário que se limitaram a assentir a tudo o que disse.

Após, com a ajuda do Jim, Tess tinha servido a comida de uma dúzia de festas infantis e de reuniões de senhoras. E todo o tinha preparado na cozinha do Joce, que, enquanto trabalhava em seu livro via caixas de bolachas maravilhosamente decoradas e bolachas saindo pela porta de sua casa.

Quanto a Sara, o cem por cem de seu tempo o dedicava a seu novo noivo e seus planos para a loja de roupas. Sara somente falava do que Greg dizia, fazia ou pensava. «Greg diz que deveríamos...» era o princípio obrigado de todas suas frases.

Amanhã, tarde e noite, Joce e Tess ouviam o ruído que armavam com sua forma enérgica de fazer o amor. Ao princípio lhes resultava embaraçoso, depois se converteu em motivo de risada. Ao cabo de um par de semanas era tão habitual

que quão único faziam era olhar-se e adivinhar onde o estavam fazendo. Mas tudo acabou repentinamente uma noite.

—Na cozinha —disse Joce.

—Não, é na despensa —disse Tess.

Joce aguçou o ouvido.

—Tem razão... Vá, agora vão à sala de estar.

—Sara deveria esperar a que os arranhões do tapete nos joelhos lhe cicatrizassem antes de fazê-lo aí de novo. Ela... —Tess se interrompeu porque Jim estava de pé na entrada com uma caixa de provisões. Não disse nada, simplesmente deixou a caixa no chão e se foi.

Assombradas, as duas mulheres agarraram copos de cristal e os apoiaram contra a parede. Sabiam que Jim ia ao apartamento da Sara e queriam ouvir o que lhe diria. Mas, desgraçadamente, Jim falou em voz tão baixa que não se inteiraram de uma só palavra. Quando retornou à cozinha, Joce e Tess estavam ocupadas na mesa, com cara de inocência. Fora o que fora o que Jim havia dito a Sara, nunca mais ouviram ruídos de cópula através das paredes.

Mais tarde, Tess disse:

—Não sei se estiver contente pelo silêncio ou se me sentir uma miserável.

—Eu tampouco —conveio Joce.

Durante as primeiras duas semanas depois do Desastre, enquanto Tess assava, Joce escrevia cartas e correios eletrônicos e fazia chamadas. A viúva do doutor Brenner estava tão contente de que Joce fora a escrever uma biografia de seu marido (Joce tinha renunciado a lhe dizer a verdade) que enviou caixas de papéis suficientes para encher meio caminhão do UPS. Mas ao Joce custava manter-se acordada enquanto os lia. O doutor Brenner tinha que ter sido um grande médico, mas era um cronista espantoso. Talvez encontrava cotadas várias mortes em um dia mas sem explicação do como ou o porquê. Começou a enviar mais solicitações de informação. Escreveu às embaixadas americanas em países onde o doutor tinha trabalhado. Em duas ocasiões lhe responderam que a versão oficial era que nenhum médico americano tinha trabalhado nunca em seu país.

Enquanto esperava, Joce escrevia tudo o que recordava das histórias do Edi enquanto esteve com o Brenner. Levava sempre um bloco de papel de notas e escrevia quando se atravessava.

Enquanto investigava e escrevia, pensava no Luke. Não no que havia dito a ela a não ser na história que lhe tinha lido enquanto cozinhava. Ao Joce tinha encantado ouvir falar do Edi e seu David, o condutor do jipe a quem tinha menosprezado ao princípio e ao que tinha acabado por amar tanto. Mas como tinha sido? O que os tinha unido para chegar a apaixonar-se? Joce esperava que não

somente a proximidade e as paixões desatadas pela guerra. Tinha a esperança de que tivessem chegado a conhecer-se para amar-se real e verdadeiramente.

Desejava fervientemente ficar em contato com o avô do Luke e lhe perguntar pelo resto da história, mas não tinha ânimos para fazê-lo. Não acreditava que fora a lhe contar a ela, uma desconhecida, aquela história; sobre tudo depois de ter jogado a seu neto.

Pensar na história a induziu a procurar o general Austin em Internet. Viu que tinha sido condecorado muitas vezes e se mencionava a um filho que tinha recebido uma condecoração póstuma em nome de seu pai. Joice não confiava muito em que sua família recordasse a uma secretária da época da guerra, mas lhe escreveu perguntando se tinham ouvido falar da senhorita Edilean Harcourt.

Quatro dias depois, Joice recebeu um entusiasta correio eletrônico do William Bill Austin, o neto do general Austin. Em lhe dizia que estava escrevendo uma biografia de seu avô e que sim, que conhecia a senhorita Harcourt, embora não muito. «Ensinarei-te o meu se você me ensinar o teu», escreveu.

O problema era que o que ela sabia do general Austin estava tirado de um relato escrito pelo Edi, no que fazia uma descrição do general tão pouco favorecedora que duvidava de que a seu neto gostasse de ouvi-la. Assim que lhe respondeu que o que ela tinha a respeito da senhorita Edi se referia a sua vida depois da guerra e que ia ser lhe de pouca ajuda para sua biografia. Entretanto, pediu-lhe por favor que lhe deixasse ver o que ele tinha a respeito do Edi.

Bill lhe respondeu que em algumas cartas se mencionava à senhorita Harcourt, mas que ainda não as havia transcrito, assim seguiam metidas em caixas e não lhe ia entregar os originais. «Meu transcritora era minha ex-noiva. Terei que contratar a uma, o que não me posso permitir, ou me buscar uma nova noiva que saiba escrever a máquina, ou lhe pedir a meu ex que se case comigo. Se tivesse uma moeda de três caras a lançaria.»

Joice comprou cola e pegou três moedas de vinte e cinco centavos, cada uma de um estado distinto, formando uma pirâmide. A enviou sem sequer uma nota. Dois dias mais tarde recebeu um correio do Bill. Ele e sua ex-noiva teriam podido comprar uma casa com o dinheiro que a família dela estava soltando para as bodas. «As bodas me entreterá durante semanas, e logo está a lua de mel. Meu trabalho na biografia fica posposto indefinidamente. Não sei se lhe agradecer isso ou te odiar.»

—Eu tampouco —murmurou Joice.

Voltou a centrar-se no que podia encontrar sobre o doutor Brenner. Duas vezes teve um golpe de sorte com gente que os recordava a ele e ao Edi. Quando encontrou a uma babá que tinha trabalhado para ele, conduziu até Ohio e se passou três dias tomando notas do que a mulher recordava. Mas solo tinha trabalhado seis meses para o Brenner e recordava à senhorita Edi como alguém

«terrorífico». «Era a mulher mais fria do mundo. Não tinha coração», disse, e Joce teve que fazer um esforço para não lhe jogar a bronca à anciã.

Agora, ao levantar a vista da mesa de trabalho que tinha instalado na salita, não sabia se render-se ou dar-se cabaçadas contra a parede.

—Pode-te a saudade, verdade?

Rapidamente, Joce baixou a vista a seus papéis.

—Pelo Edi? —perguntou ao Tess, que estava de pé na entrada—. Sim, jogo muito de menos. Eu gostaria que a gente tivesse podido vê-la como eu a via.

—Não refiro a ela a não ser a ele.

—OH, refere ao Ramsey. Está em Boston. ouvi que é devido a que perdeu um caso importante aqui. Acredito que o caso Berner ou um pouco parecido. Assim tinha que ocupar-se de alguns assuntos. Mas não, não posso dizer que lhe sinta falta de. Em realidade não passamos juntos muito tempo. Talvez quando retornar... —disse Jocelyn encolhendo-se de ombros.

—Pode te enganar, adiante, mas não me engana. E não siga deixando a porta aberta com a esperança de que apareça —disse, fechando-a.

Joce apoiou a cabeça nas mãos. Sim, sentia falta da o Luke cada minuto do dia. Fazia o possível para demonstrar que trabalhava muito para sentir falta da ninguém, mas não era certo.

Sentia falta de sua risada, a forma que tinha de escutá-la, a maneira que tinha de compreender algo que lhe dissesse. O primeiro que fazia pela manhã e quão último fazia de noite era olhar pela janela. Queria ver seu caminhão, suas ferramentas, queria lhe ver ele.

—Esse homem não te convém —murmurava. Não ia ser como sua mãe e escapar com um homem ao que tivesse que acabar mantendo. Queria a um homem como Ramsey, capaz de cuidar dela.

Mas o sentido comum não conseguia que tivesse saudades menos ao Luke. Apesar de tudo o que Sara lhe tinha contado a respeito dele e seu... seu... Logo que podia pensar no término e muito menos dizer «esposa». Luke estava com sua esposa. Ingrid levava no Edilean quase seis semanas e Jocelyn supunha que eram um casal feliz. Provavelmente estavam vivendo uma segunda lua de mel.

Mas, apesar de suas boas intenções, cada vez que Joce subia ao carro, seus pensamentos voavam para o Luke e Ingrid. Tentava obrigar-se a pensar em seu livro, mas sua mente voltava por seus roteiros.

Obviamente, Luke e sua mulher tinham estado separados por culpa do trabalho do Ingrid. Mediante algumas discretas indagações, Joce averiguou que, por isso se sabia, Luke levava sem ver sua esposa perto de um ano quando se apresentou naquela espantosa festa.

Fora qual fora a causa da separação e o tempo que tivesse durado, não era assunto do Joce. Luke Connor era somente um homem ao que tinha tratado uns

quantos dias e com o que tinha mantido várias conversações. Isso era tudo. Havia tornado com sua esposa e certamente era completamente feliz. Duvidava que se lembrasse dela sequer.

Um ruído a sua direita fez olhar para a porta. Alguém tinha deslizado uma sobre de cor nata por debaixo desta. levantou-se, recolheu o sobre e viu que levava seu nome escrito. Continha um convite a comer do doutor David Aldredge.

—David Aldredge —disse em voz alta—. O primeiro amor do Edi.

Era provavelmente o homem ao que mais desejava conhecer do mundo. O tinham famoso na festa do Viv, mas não tinham tido ocasião de falar. Da festa não tinha tido valor para ficar em contato com ele. O certo era que tinha feito um esforço por se manter-se separada da gente do Edilean. Perguntavam muito. Queriam saber o que tinha passado entre ela e Ramsey, e inclusive perguntavam sobre o Joce e Luke.

—Pareciam bons amigos —diziam, e logo esperavam a que Jocelyn lhes contasse todos os detalhes de sua vida privada. Ela se limitava a sorrir e se afastava.

Mas agora David Aldredge queria encontrar-se com ela. Sua direção de correio eletrônico constava na nota e, cinco minutos depois, ela tinha aceito.

Ao dia seguinte, no Williamsburg, quando chegou a casa do doutor Aldredge, ao princípio lhe surpreendeu que fora pequena e estivesse muito perto da moradia contígua. Possivelmente, ao ter acontecido tanto tempo no Edilean e no Williamsburg, esperava algo mais antigo, com mais historia.

Chamou o timbre e tentou acalmar-se enquanto esperava a que abrissem a porta. Estaria zangado com ela por jogar a seu neto de casa? Ou estava mais interessado no passado longínquo? Teria que escutar alguma espantosa história sobre o que Edi lhe tinha feito e pelo que se colocou na cama de outra mulher? Tinha perto de noventa anos. Iria em cadeira de rodas, com um tubo de oxigênio no nariz?

Quando abriu a porta apareceu um arrumado homem de cabelo cinza, Jocelyn esteve a ponto de lhe dizer que tinha ido ver seu pai.

—É você o David... do Edi? —perguntou-lhe, sem dissimular quão surpreendida estava por seu aspecto.

Lhe dedicou um deslumbrante sorriso e disse:

—Acaba de me alegrar o dia. Não, mas bem a semana. Estou impaciente por lhe falar de ti ao Jim.

Jocelyn Rio.

—Tinham-me falado do ciúmes do avô, doutor Aldredge, mas não sabia que se transmitiam de geração em geração.

—OH sim. transmitem-se aos descendentes... e aos ascendentes. Não quero nem pensar o que aconteceria Luke tivesse um filho. —E ao dizê-lo-a olhou de cima abaixo.

—Devo tomar esse olhar como um test de fertilidade? —espetou-lhe Jocelyn.

David piscou um momento e depois sorriu.

—Jim me disse que tinha você um fino senso de humor, mas acredito que ficou curto. Não quer entrar? Minha mulher se esfumou toda a tarde, assim temos intimidade para falar. Por certo, me chame Dave ou, como os do povo, doutor Dave.

Logo que Joce pôs um pé dentro da casa soube por que a tinha comprado David. Toda a parte frontal era de cristaleiras e dava a um pequeno porto precioso, que parecia saído de um conto, com navios de pesca, barcos a motor e os embarcaderos que entravam no rio James.

—Caray! —foi o único que pôde dizer.

—nós gostamos de —disse o doutor Dave, obviamente agradado de que ela o encontrasse formoso.

A planta baixa da casa era uma habitação diáfana, com zona de estar, de café da manhã e cozinha sem divisões. A um lado havia um comilão transformado em salita para ver a televisão e biblioteca. O alpendre dianteiro, acristalado e com cômodos móveis de vime, era pelo que parecia a zona a que mais uso davam.

Soube que não tinha errado em sua hipótese quando viu uma mesa preparada para dois no alpendre. O pratos faziam jogo com os guardanapos e as toalhas individuais, assim deduziu que alguém se tomou algumas moléstias,

—Teria que ter perguntado que comida prefere mas...

—Luke lhe contou isso tudo de mim —disse ela.

—Não. —O médico a olhou surpreso—. Meu neto certamente me aticaria na cabeça com um de meus paus de golfe se soubesse que te convidei a vir. Está convencido de que pode resolver todos seus problemas por si mesmo.

—E você não o crie?

—Eu não acredito que ninguém possa resolver seus problemas sozinho. E você que pensa?

—Eu não sei —respondeu com cautela—. Nunca me tinha exposto isso até agora, mas suponho que não. Cresci muito unida à senhorita Edi e ela me ajudou a resolver todos os problemas que tive.

—Ah, claro. Agora, vamos a isso —disse o doutor Dave levantando a tampa de uma grande sopeira que havia no centro da mesa—. Você gosta da vichyssoise?

—Eu gosto, mas solo a que está feita com batatas de cultivo ecológico. Ao médico lhe escapou uma risita.

—passaste uma temporadita com o Ellie...

—Não, com sua filha e o resto de parental. —Ao pensar na Sara, não pôde evitar ficar tinta.

—Assim Sara tem um novo noivo, né? São um poquito ruidosos, não?

Jocelyn tomou uma colherada de sopa. Estava deliciosa.

—Jim lhe pôs fim.

—Minha mulher me contou isso e me jogou da habitação quando comecei a rir. Jim sempre foi um pouco dissimulado. Não compreendo por que minha filha se casou com ele.

Joce sabia que estava brincando, mas não gostou do comentário. Jim Connor tinha sido muito bom com ela.

—Talvez porque é um homem que se preocupa com a gente e a cuida e sempre está disponível para ajudar onde lhe necessite.

—Já vejo —disse o médico, sentando-se e tomando uma colherada de sopa—. De tal pau, tal lasca.

—O que significa isso?

—Que Luke e seu pai são muito parecidos. Por isso meu neto se levava tão bem com seu outro avô. Eu oferecia uma viagem ao Disney World e Joe passar dois dias em um navio fedorento. Eu sempre perdia.

—Decepcionou-lhe que Luke não estudasse medicina? —perguntou ela.

—por que? Não —disse Dave, como se nunca lhe tivesse ocorrido essa idéia. levantou-se para ir tirar uns pãozinhos do forno—. Mary Alice me arrancará a pele a tiras se me esquece isto. Solo Henry, o pai da Sara, quis ser médico. O resto fez o que quis.

Jocelyn partiu um pãozinho, lubrificou-o de manteiga e provou um bocado.

—Então, que ocorreu entre você e a senhorita Edi?

—A gente não sabe, mas rompemos antes de ir à guerra.

Jocelyn o olhou perplexa.

—Mas eu acreditava...

—Todo mundo acreditava que nos casaríamos, inclusive nós. O pedi, disse que sim e lhe pus o anel no dedo. Mas umas semanas mais tarde bombardearam Pearl Harbor e tudo trocou.

—Ou talvez as coisas trocassem pelo que ocorreu antes, aquele mesmo ano.

Esta vez foi David quem se surpreendeu.

—Vejo que indagaste.

—Sei que Alexander McDowell manteve ao Edi quando se aposentou, e suponho que seu dinheiro pagou meus estudos universitários. por que ia fazer algo assim?

—Quer um pouco mais de sopa?

—eu adoraria.

—Também tenho sanduíches. Pepino, atum, salada de frango e salada de ovo. te sirva você mesma —disse, deixando uma bandeja grande na mesa.

—De acordo. —Jocelyn lhe fincou o dente a um sanduíche de atum—. Ocorreu algo no Edilean na época do ataque ao Pearl Harbor, em sete de dezembro de 1941, e, por essa causa, um montão de coisas trocaram.

—Por favor me diga que não vais escavar até descobrir o que aconteceu.

—Sinto-o mas o farei.

O médico suspirou.

—Os jovens sempre querem inteirar-se dos segredos de família.

—Querem que os conte a gente que já sabe —disse Jocelyn.

—O doutor Dave Rio entre dentes.

—Sabia que fazia bem lhe pedindo a Mary Alice que nos trouxesse um bolo de chocolate do The Trellis.

—Quer dizer uma bomba dessas de nove capas de chocolate? Não são um mito urbano?

—São reais, e tenho um. Agora me diga, o que é o que mais te interessa saber?

—Neste momento estou intrigada por 1944.

—A história do Edi. —O doutor Dave retirou as terrinas vazias da mesa, lhe indicando ao Jocelyn com um gesto que não se movesse de onde estava—. Assim leíste a história que dava ao Luke.

—Algo assim. Em realidade, Luke me leu isso.

Dave deixou os pratos na ilhota da cozinha e se voltou devagar para ela.

—O que quer dizer com isso de que lhe leu isso?

Joce se levantou e se passeou olhando os quadros das pareces. A menos que se equivocasse, eram obras originais procedentes de diversas partes dos Estados Unidos.

—Porque estava assando os pastelitos para essa... essa festa, e ele me leu isso. —Custou-lhe tanto pronunciar a palavra que teve que tomar ar um par de vezes. Desde onde tinha pirado Bell? Desde Melam, de Londres, de Paris? Solo para lhe arruinar ao Jocelyn a primeira incursão social na comunidade que agora era a sua. Entre a carga de trabalho da festa e a odiosa cena do Bell, Joce não tinha podido falar com ninguém sobre o Edi aquele dia, apesar de que tinha sido seu principal objetivo. Esse e ganhar dinheiro.

—Quem mais havia com vós? —perguntou o doutor Dave.

—Estávamos sozinhos os dois —disse Joce. Depois lhe olhou carrancuda—. Não terá estado a gente dizendo que Luke e eu...

—Não, não ouvi nada, e isso que graças ao correio eletrônico, as mensagens de texto e o telefone, minha mulher e eu nos inteiramos de tudo o que ocorre nesta cidade. Assim que você e meu neto estavam sozinhos em sua casa, você assando bolachas e ele te lendo.

—Sim —disse ela, perplexa—. Há algo que me escapa? vulnerarei algum tabu do Sul? Sara continua me chamando ianque, e Tess... Bem, quem sabe o que pensa Tess?

—Não —lhe disse com doçura Dave—. Não fez nada incorreto. É que é um aspecto de meu neto que desconhecia. É um solitário.

—Um solitário? —disse Joce—. Está casado. Esqueceste-o?

O doutor Dave se tomou seu tempo para levantar a tampa do pé para bolos. Debaixo estava o fantástico bolo de chocolate.

—Você não gostaria de inteirar-se da verdade sobre o matrimônio do Luke?

—Não é meu assunto —repôs Joce com tensão—. Sei que reagi de uma forma exagerada quando me inteirei e, dado o estado de meu jardim nestes momentos, deveria ter mantido a boca fechada. Mas houve mais traia nos últimos meses do que posso suportar. Inclusive se não lhes interessa mais que como amiga, os homens casados não revistam sentar-se em sua cozinha uma noite atrás de outra Y... —Inspirou profundamente—. O que seja. Por acaso não te faz falta trabalho como cortador de grama, verdade? Pagamos com pastelitos.

—Não —disse o doutor Dave sorrindo—. Noite detrás noite, né? —Deu-lhe um prato com uma parte de bolo de sete centímetros e meio de grossura—. Talvez te dure o que demorei para te explicar o matrimônio de meu neto.

—Sabe ele que lhe diz estas coisas às pessoas?

—Luke não sabe nenhuma palavra do que vou contar te.

—Ah, então vale —disse ela, e se meteu na boca a primeira colherada do delicioso bolo—. Sou toda ouvidos.

—Luke vivia e trabalhava em... —Dave fez um gesto com a mão—. No Norte, dá igual onde. O que importa é que conheceu uma alta, flacucha e bonita garçonete e uma coisa levou a outra. Seis semanas depois, lhe disse que estava grávida. A história não tem nada de novo, verdade?

—É a mais velha do mundo —conveio Jocelyn.

—A diferença é que meu neto se implicou. Luke o Bom. Luke o Honorável. casou-se com ela. Disse-me que a garota gostava e que o amor chegaria. E, o mais importante, disse que não ia abandonar ao menino que ela esperava. —Olhou sua ração de bolo—. Eu fui o único que teve o valor de lhe sugerir que esperasse e que se fizesse uma prova de paternidade. —Olhou de novo ao Jocelyn—. Luke esteve a ponto de não querer voltar para ver-me. Eu o digo brincando, mas me dói. —Fez uma pausa—. De todos os modos, depois das bodas passaram a lua de

mel em Nova Iorque. Ali queria ir Ingrid, e Luke fizesse algo pela mulher que estava grávida de seu filho. Solo levavam ali um dia quando um fotógrafo deu ao Ingrid seu cartão e lhe pediu que fora a fazer-se algumas fotos. Ingrid pensou que era uma brincadeira, mas Luke tomou a sério e a animou a ir. É obvio a acompanhou à sessão fotográfica. —Fez uma pausa para tomar um bocado de bolo—. As fotos saíram tão bem que o fotógrafo lhes pediu permissão para as ensinar. Total, que Luke e Ingrid acabaram ficando em Nova Iorque duas semanas. Em resumo, Ingrid se tinha feito famosa da noite para o dia. Já sabe como vai isto. Querem a garotas o mais jovens possível.

—Sei mais do que quisesse do mundo da moda —disse Jocelyn.

—Luke tinha que voltar para seu trabalho, mas Ingrid lhe rogava que ficasse com ela. Acredito que Luke pensou que todo aquilo não ia realmente a sério, que algum dia ela ensinaria as fotos de modelo a seus filhos.

—E ela não quis voltar com ele?

O doutor Dave cravou o garfo no bolo.

—Não, oxalá. Pode que seja estúpida mas, quando lhe convém, é muito lista. Fez as malas e disse que se ia com ele, que lhe queria o suficiente para renunciar a tudo por ele. Somente queria fazer um último trabalho. Luke, é obvio, consentiu. Como ia negar se? Assim que ela foi sozinha à última sessão de fotos enquanto Luke ficava no hotel e trocava os bilhetes de volta.

»Quando voltou a vê-la foi no hospital. Tinha perdido o bebê e dizia que era tão desgraçada que queria matar-se. É obvio, Luke não podia deixá-la sozinha, e estava tão mal que não a podia subir a um avião.

—O que aconteceu? —perguntou Joce.

—Ao final, Luke ficou em Nova Iorque com ela. Vivia e trabalhava na cidade.

—Fazia de jardineiro em Nova Iorque?

—Meu neto sabe fazer um montão de coisas mas, faça o que faça, detesta fazê-lo em uma cidade. Viveram juntos uns dezoito meses. Depois, um dia, por acaso, Luke se inteirou de que Ingrid não tinha abortado espontaneamente. Seu último «trabalho» em Nova Iorque tinha sido ir abortar.

—Luke teve que sentir-se... —Joce não tinha palavras para expressá-lo.

—Estava desolado pelo bebê, pela perda de... de tudo em sua vida. Retornou ao Edilean e começou a agarrar trabalhos de jardinagem. Seu avô paterno lhe tinha deixado uma velha casa e a reformou. Depois se dedicou ao Edilean Manor. —Olhou ao Jocelyn—. Até onde eu sei, meu neto levava sem saber nada do Ingrid quase dois anos.

—por que não se divorciam?

—Se ela preenchesse os papéis, estou seguro de que Luke seria feliz de assiná-los, mas não é o tipo de homem que apresenta a uma mulher os papéis do divórcio.

—Mas agora estão juntos outra vez.

—Posso confiar em ti?

—Quer saber se contarei a toda a cidade o que me diga?

—Exatamente, isso quero saber. Às vezes é bom estar rodeado de gente que conhece de toda a vida, mas outras é espantoso. Desde o começo Luke evitou falar com ninguém de seu desastroso matrimônio. Acredito que ficou simplesmente mudo por haver-se apaixonado por uma pessoa tão... —encolheu-se de ombros.

—Desalmada? Egoísta? Sei como é. convivi com dois dessas.

—O que não sabe é como sou eu.

—Refere a sua relação com a Mary Alice Welsch?

Dave sorriu e lhe pareceu ver o Luke com quarenta anos mais.

—Não, não refiro a isso. Refiro-me a que contratei a um detetive privado para que investigasse o tão oportuno aborto do Ingrid. Levou-lhe meses encontrar a clínica aonde abortou e logo me assegurei de que meu neto encontrasse os papéis «por acaso».

—Se Luke se inteira de que fez isso... —Joce suspirou.

—Suponho que te dá conta da confiança que estou depositando em ti.

Ela se apoiou no respaldo da cadeira.

—Está-me contando isto porque encontraste algo mais, não é assim?

—Sim. —levantou-se, abriu uma gaveta de uma mesa, extraiu uma grossa pasta e tirou dela um grande sobre—. Ontem recebi isto do mesmo detetive que averiguou o do aborto. Explica por que tornou Ingrid.

Ela agarrou o sobre, mas não o abriu.

—Espero que não me esteja pedindo que lhe diga o que seja que ponha aqui.

—Não, não. Tudo sairá nos periódicos bastante logo. O que quero dizer é que o tempo que passou Luke contigo... —Levantou a mão quando ela foi falar—. Sim, sei que solo foram uns dias, mas não lhe tinha visto tão feliz em anos. Inclusive jogou comigo ao golfe.

—Você sabe que aborrece o golfe, verdade?

—Sim. —Dave soltou uma risita—. E joga fatal.

—Então, por que...?

—É que Luke acostumava a passar muito tempo com seu outro avô, assim que minha pequena vingança... OH, dá no mesmo, vejamos. —Tirou um montão de papéis amarelados da pasta e ao Joce lhe iluminaram os olhos—. Sabe o que é?

Como uma cobra hipnotizada pelo som de uma flauta, ela se inclinou para os papéis, disposta a agarrá-los.

O doutor Dave os apartou e voltou a colocá-los na pasta.

—Se conseguir que meu neto volte a sorrir, dou-te a segunda parte.

—Tem-nos lido? —Sua voz era um sussurro.

—Ah, sim! Eu gosto sobre tudo quando derrapam e o carro, de barriga para baixo, cai em um rio. Edi tem que... OH, bom, não acredito que te interesse.

—Sim que me interessa, mas...

—Mas o que?

—Ramsey. Joguei-os aos dois, a ele e ao Luke.

—É curioso que mencione ao Ramsey, porque há novos casos em Massachusetts e parece que vão durar semanas.

—Meu deus! —Estava horrorizada—. Você lhe enviou ali, não é certo? Realmente estou sendo utilizada como um objeto. Quer-me para seu neto, verdade?

—Sou muito velho para pensar em um futuro tão longínquo. Agora mesmo quero fazer quanto esteja em minha mão para apartar a meu neto dessa ambiciosa pequena buscadora de ouro com a que se casou. E quero que acrescente estas histórias ao livro que está escrevendo sobre o Edi.

—Como sabe...? Dá igual.

—O mensageiro de Correios —disse ele—. Os remetentes, uma busca em Internet e foi fácil deduzir o que estava fazendo.

—Juro que não entendo por que Edi queria ir-se desta cidade —disse ela com sarcasmo.

—Por isso ouvi, encaixa bem nela. Você gosta que a gente saiba quem é e viver na Grande Casa.

—Que classe de médico é? Psiquiatra?

—Médico de cabeceira —disse ele, procurando na pasta.

—Por favor, me diga que não tem nada mais para ler. Uns novos Cilindros do mar Morto, possivelmente?

—Melhor ainda. Ah, aqui está! É a receita do guisado de frango de minha filha.

—Guisado de frango?

—Isso. Prepara-o, congela-o e ten a ponto. Quando conseguir que Luke se sinta tão desgraçado que volte a cavar fossas em seu jardim, poderá alimentá-lo.

—O que faz é arejar o terreno... por que me olha assim?

—Lhe sente falta de, verdade?

—Em realidade, estive tão ocupada que não tive tempo sequer... — Calou ao ver que ele estava sorrindo—. Sabe uma coisa? É tão incordioso como ele.

—Me tomo como um completo. Recorda: congela o guisado e ten a ponto.

Capítulo 16

Jocelyn despertou tarde à manhã seguinte. Entre as histórias do doutor Dave e o bolo de chocolate, tinha estado amodorrada o resto do dia e a tinha vencido o sonho logo.

Opunha-se a algumas costure que havia dito o médico apesar de saber que tinha razão. Sentia falta da o Luke...e se alegrava tanto de saber que era desventurado!

tomou banho, vestiu-se e logo olhou o sobre que o doutor Dave lhe tinha dado no dia anterior. Tinha lido seu conteúdo a noite anterior, na cama, e nenhuma só palavra a tinha surpreso o mais mínimo. Ingrid tinha tido uma aventura com um rico mestre casado de Nova Iorque e alguns jornalistas se inteiraram. Se a esposa o descobria e pedia o divórcio, ele o perderia tudo, porque o dinheiro era da mulher e tinha assinado um contrato prematrimonial que não era muco de peru.

Ingrid havia tornado com seu marido com a esperança de que o rico amante de Nova Iorque acalmasse a sua rica e zangada esposa.

—Pobre Luke —disse Jocelyn, recolhendo o cabelo em uma rabo-de-cavalo, sem poder apagar o sorriso de sua cara. Dizia-o mas não sentia que Luke fora um pobre homem absolutamente. Talvez a visitasse, talvez pudesse...

ficou quieta porque lhe pareceu ouvir algo fora, possivelmente um caminhão. Mas quando olhou pela janela, viu que se tratava do Greg, o noivo da Sara. Não cabia dúvida de que foram trabalhar na loja de roupas. Por isso Sara lhes havia dito dele, parecia ter uma conta bancária sem limite, porque tinha comprado a loja de móveis usados da esquina do McDowell com o Lairdton.

Joce olhou a Sara e Greg da janela de sua habitação, e teve que fazer um esforço para não invejá-los. Não tinha sido uma idiota? A sua chegada ao povo dois homens tinham entrado em sua vida. Tinha-os jogado aos dois e não tinham feito nenhum esforço para recuperar seu favor.

—Muito para um «noivado apaixonado» —comentou em voz alta.

Abaixo, a cozinha estava vazia. Era segunda-feira pela manhã e Tess não estava preparando o catering de nenhuma festa. Joce não sabia como as arrumava para trabalhar a jornada completa e servir a comida de até quatro festas os fins de semana. É obvio, Jim a ajudava; mas apesar de tudo era muito trabalho.

Joce tomou um pouco de leite com uma madalena integral e logo ficou a trabalhar, apesar de que seu trabalho era cada vez mais lhe frustrar. Esteve tentada de escrever um correio eletrónico ao Bill Austin para lhe pedir se podia

visitá-lo e fazer fotocópias das cartas nas que seu avô falava da senhorita Edi. Levaria uma dessas fotocopadoras pequenas, para não ter que mover de lugar cartas. Prometeria-lhe que... Como lhe ocorria freqüentemente ultimamente, divagou sobre o que podia fazer, ou o que desejava, e constatou o fato de que o que fazia era dar-se contra um muro em sua biografia do Edi.

Recordou a história que o doutor Dave lhe tinha esfregado pelos narizes: um carro derrubado, um resgate. O que tinha ocorrido?

Voltou a subir ao piso de acima e agarrou a pequena fotografia emoldurada que tinha sido a posse mais apreciada do Edi. O dia de sua morte, Jocelyn a tinha pego disimuladamente da mesita de noite e a tinha metido debaixo da blusa. Naquele momento supunha que tudo que Edi possuía iria parar a obras de caridade, assim queria conservar aquela lembrança de seu amiga.

Recordava perfeitamente a primeira vez que lhe tinha perguntado ao Edi sobre o cabelo trancado. Tinha ao redor de dez anos e toda a curiosidade do mundo.

—Agora custa lhe entendê-lo havia dito Edi—. Hoje em dia há homens com o cabelo comprido até a cintura, mas então levavam os lados da cabeça barbeados a navalha. Entretanto, David não se cortou o cabelo desde fazia semanas, de modo que pude lhe agarrar uma mecha e trançá-lo com o meu.

—De que cor tinha os olhos? —tinha perguntado Joce, olhando a fotografia em branco e negro.

—Tão azuis como os teus —lhe tinha respondido Edi, sorrindo—. E tinha uma covinha no queixo, como você.

—Como o de minha mãe —havia dito Jocelyn.

—Os queixos como a teu som um rasgo hereditário.

—Meu avô dizia que seu queixo era como o nosso mas que seus outros quatro queixos o cobriam.

Edi tinha sorrido.

—Tivesse-me gostado de estar aqui então, e ter conhecido a sua mãe e a seus pais.

—Me alegro de que viesse a me resgatar. Sou como um desses pacientes teus queimados, solo que minhas cicatrizes são internas.

Edi tinha cuidadoso assombrada ao Jocelyn.

—Às vezes diz coisas tremendamente soube.

Como faziam freqüentemente, sorriram-se em perfeita sintonia.

Jocelyn levantou a vista da foto e se afastou de suas lembranças para olhar pela janela. Deixou a foto e se aproximou mais ao cristal. Viu o que lhe pareceu a parte traseira da caixa de uma caminhonete: a caminhonete do Luke. Tinha-a estacionado onde estava acostumado a trabalhar, no horta de ervas aromáticas.

Levantou-se devagar e olhou o que levava. Edi se tivesse horrorizado, mas os jeans eram novos. Os tinha vendido Sara, que os tinha conseguido em grandes quantidades. Também levava uma camisa rosa escuro. Era muito formal? Devia trocar-se? O que podia ficar? Um Top atado ao pescoço? Algo com lentejoulas e borlas?

Rendo-se de si mesmo, correu escada abaixo e foi à cozinha para sair pela porta traseira. antes de fazê-lo, entretanto, correu ao congelador, agarrou uma ração de guisado de frango e a meteu no microondas. «Assim estará a ponto», disse-se enquanto saía.

—Olá —saudou o Luke, que movia a terra a paletadas.

—Isto parece um desastre —lhe comentou ele—. Olhe os hierbajos que crescem aqui. Estão tão arraigados que terei que queimá-los.

—Com seu mau humor? —perguntou ela, muito séria.

—Com um lança-chamas —disse ele, ainda com o cenho franzido. Logo deixou a pá no chão e a olhou—. Estou casado, sinto não te haver perguntado se te parecia bem. Por alguma estúpida razão acreditava que era seu jardineiro, não seu noivo. Toda a cidade acreditava que tinha vindo aqui a te casar com o Ramsey. foram unir se finalmente as famílias McDowell e Harcourt.

»Não sabia que não pudesse falar contigo pelo fato de estar casado. Se necessitar que lhe recorde isso, isso é tudo o que fiz. Sinto muito, vivo só e algumas vezes me parece que todo mundo nesta cidade é de minha família. Assim do que podíamos falar? De nossa infância? De como nos banhávamos nus em seu lago?

»Assim podem me executar por falar com uma mulher que não era minha esposa. Alguma a que, por certo, fazia tanto tempo que não tinha visto que apenas a reconheci.

»E agora todos estão zangados comigo. Meu pai está meio apaixonado por ti, minha mãe tão furiosa que não quis me convidar para jantar em toda a semana... assim estou a mercê do Ingrid e o microondas! A congregação enviou ao pastor a me dar um bate-papo sobre a infidelidade e a corrupção de menores: ao melhor se referia ao Ingrid, porque graças a quantidades enormes de botox, parece que tenha quatorze anos.

»Assim vim a cavar. Ninguém no povo me deixa me aproximar de seu jardim, mas eu preciso trabalhar a terra. Você molesta?

—Você gosta do guisado de frango?

—Guisado de frango? —perguntou-lhe ele, atônito.

—Com cenouras e molho Worcestershire. Tenho a receita de sua mãe.

—Joce levantou a mão—. Se começar a gritar, não comerá.

Luke tirou a pá da terra e a deixou na traseira da caminhonete.

—por que tenho a sensação de estar sendo vítima de um complô?

—Bem-vindo ao clube —disse Joce—. Seu avô me está utilizando para te afastar de... quero citá-lo com exatidão... «essa ambiciosa pequena buscadora de ouro com a que se casou». Sim, isso disse!

—Não deveria guardar o segredo do que te haja dito o avô?

—É possível ter segredos nesta cidade? —perguntou ela enquanto se aproximavam da casa—. Acreditava que havia uma lei que os proibia. Guardas um segredo e lhe metem no cárcere. Por outra parte, suas primos guardaram o segredo de que estava casado tão bem que nem sequer Tess sabia. ouvi que esteve lhe gritando tanto e tão alto ao Ramsey que tiveram que voltar a pintar o despacho.

Ele a olhou perplexo.

—Parece-me que leva vivendo muito tempo no Edilean.

—Mas você retornou de onde estivesse fazendo o que estivesse fazendo... —Joce olhou a seu redor, se por acaso havia alguém perto. Depois baixou a voz—. No Norte.

—De que diabos está falando?

—Sabia que quando memorar tem um tic na sobrancelha direita?

—Não, é de fome.

—Seja do que seja, você e todos outros ocultastes um grande segredo sobre ti. E refiro a outro segredo, não ao feito de que esteja casado.

—Ao de que sou solteiro —disse ele abrindo a porta e sustentando-a para que passasse.

—Não me diga que por fim tiveste o valor de lhe pedir o divórcio.

—A anulação. Não passamos suficiente tempo juntos para chamá-lo matrimônio.

—E ela te enganou —lhe disse Joce com suavidade—. Pensava que te casava com uma classe de mulher e resultou ser outra coisa. —Evitou educadamente dizer a verdade: que tinha usado seu embaraço para obrigá-lo a casar-se com ela e logo tinha abortado.

—Sim —disse Luke—. Mas talvez deveria havê-lo tentado com mais afinco, talvez...

—Assim que ela retornou para ver se podiam voltar a tentá-lo?

—Mais ou menos.

Joce lhe ofereceu uma cerveja.

—E como vai?

Luke torceu a boca.

—Não muito bem. por que já não está furiosa comigo?

—Seu avô me disse que, se falava contigo, daria-nos a segunda parte da história do Edí.

—Essa é a única razão?

—A única. Como estou segura de que sabe, intento escrever um livro sobre o Edi, mas não encontro muita informação. Necessito essas histórias.

—Então, é sozinho por trabalho?

—Solo por trabalho —disse ela, mas estava sorrindo.

—Suponho que a história que quer ler deve ser muito romântica.

—É obvio. Quero me inteirar do que fez Edi. Sempre supus que era virgem.

—por que? Feriram seu David em suas partes?

—Não podia lhe perguntar isso. Lavaste-te as mãos?

—Não. É realmente o guisado de frango de minha mãe? —perguntou-lhe, lavando-lhe Luke estava apoyado en el fregadero con la cerveza en la mano. La dejó y se le acercó sin decir palabra.

—É-o se realmente segue esta receita, mas talvez omitiu algum ingrediente secreto. Talvez teria que lhe haver posto algumas floresça de borraja.

—Está-te fartando dos pastelitos?

Joce pôs os olhos em branco.

—Seu pai e Tess estão falando de abrir uma confeitaria no povo. Entre a loja de roupas exclusiva da Sara e a confeitaria do Tess, Edilean, vai se converter no Soho.

—É uma piada muita pouco graciosa.

—Talvez as Astras e Ingrid poderiam fazer algumas faça a sessão fotográficas aqui, posando lânguidamente na traseira de sua caminhonete com um Armani. Seria um grande cenário. por que me olha assim?

—Pode deixar ao Ingrid em paz? acabou-se.

—Não, não se acabou. Ainda está casado até que tenha um papel que diga o contrário.

—Importa-te? —perguntou ele.

—Não, é obvio que não. —Tirou o guisado de frango do microondas com uma manopla e o serve em um prato.

—Beijou alguma vez ao Ramsey?

—Diria que isso não é teu assunto —disse Joce.

—Tenho meus motivos para perguntá-lo.

—Sim, lhe beijei pelo menos um milhar de vezes e foi uma magnífica experiência.

Luke estava apoiado na pia com a cerveja na mão. Deixou-a e lhe aproximou sem dizer uma palavra.

—Deixa que agarre uns pratos Y...

Luke lhe levantou o queixo e a beijou. Foi um beijo doce e suave, mas ao Jocelyn fraquejaram as pernas e, quando ele se apartou, tinha o coração desbocado e desejava lhe rodear o pescoço e continuar beijando-o.

—Entende-o agora? —perguntou-lhe ele, afastando-se.

—Se entender o que?

—O que há entre você e eu. por que meu avô te convidou a comer a sua casa. por que enviaram ao Ramsey fora da cidade. por que Ingrid retornou a minha vida.

—Quer estar com ela?

—Preciso me separar legalmente dela. Que continue com suas próprias batalhas com o peixe gordo de Nova Iorque.

—Sabe algo dele?

—Acreditava que pensava que ela havia tornado comigo por um desamor? Casei-me com ela porque estava grávida de meu filho e ela... —Tinha o olhar perdido—. Não quero reviver isso. logo que no MAW arrumem a papelada, anulará-se o matrimônio e vou iniciar um «apaixonado noivado».

—Apaixonado, né? —perguntou ela, rendo—. E como vai começar? —disse caminhando para ele.

—Começaremos por não nos tocar até que já não esteja casado. E até que não te assegure de que não sou como seu pai.

—O que?

—Você disse que era como seu pai.

—Sei —disse Joce, apartando-se dele—. Mas...

—Não há mas que valha. Começaremos de novo. Que arteiro plano urdiram você e meu avô para me obrigar a fazer o que ele quer que faça?

—Primeiro, tem que tomar classes de golfe —disse ela lhe servindo uma enorme ração de guisado de frango e verduras em um prato.

—Como? —perguntou Luke, horrorizado.

—Solo umas quantas, vinte ou assim. Logo nos entregará a segunda parte da história.

—E o que tem que fazer você?

—Passar a inspeção de todos seus parentes. Convencer ao povo de que sou digna da casa que crie dela. Estar à altura da senhorita Edi. Ser...

—De acordo, o safado. E como pensa fazê-lo?

—Você o que crie?

Olhou-a com tanto desejo que Jocelyn notou um sufoco.

—O que está passando? —perguntou Tess da entrada—. Pretendem fazer a competência a Sara? Tomem cuidado com os arranhões dos tapetes e com as lascas.

—Está falando do que acredito que está falando? —perguntou Luke, muito dissimulado.

—Imagine o que queira —disse Tess, sonriéndole ao Jocelyn.

—Necessita a cozinha? —perguntou-lhe Joce. Luke se tinha comido sozinho meia ração.

—Não —disse Tess— Venho a lhes dar um presente.

—E quem sabe que estamos juntos na cozinha? —perguntou Joce.

—Sabem todos os que viram ao Luke em sua caminhonete dirigindo-se para aqui.

—O que significa que sabe todo o povo —disse Luke, que pelo visto já o supunha.

—E que presente é? —perguntou Joce.

—Ah... sim. —Tess saiu ao vestíbulo um momento e retornou com uma grande cesta de pícnic com um laço na asa.

—É tua coisa e do Jim? —perguntou Joce sorrindo.

—por que ia ser nossa coisa? —perguntou Tess.

—Porque os dois usam sua cozinha, ela corre com todos os gastos e você e o agarrado de meu pai ficam com os benefícios —sentenciou Luke.

—Ah, por isso! —Tess se encolheu de ombros—. Mas não, é do doutor Dave. —Pôs a mão no respaldo da cadeira do Luke—. Como é que Jim e seu sogro não se suportam? Se Jim for um encanto. Não o entendo... —Fez uma pausa e deu um tapinha ao Luke nas costas—. Está bem?

—Ninguém tinha chamado nunca a seu pai «encanto» —disse Jocelyn—. Luke e sua mãe se aliam contra o pobre homem.

Luke grunhiu e seguiu comendo.

—Meu avô...

Um segundo depois, Luke e Jocelyn se olharam. Acabavam de cair na conta de quem tinha enviado a cesta de pícnic. Imediatamente se equilibraram sobre o Tess. Luke se levantou tão rápido que derrubou a cadeira.

A pobre Tess abriu uns olhos como pratos e foi correndo para a porta de entrada.

—A cesta! —gritou-lhe Jocelyn—. Deixa-a!

Tess se agachou para deixá-la no chão e, sem deixar de correr, saiu dando uma portada.

Joce e Luke esvaziaram a cesta a duas mãos. Tiraram pacotes de queijo, uma barra de pão francês, recipientes de salada e um recipiente térmico. No fundo, dentro de uma bolsa de plástico, estavam as amareladas folhas que Joce tinha visto em casa do doutor Dave.

Ela e Luke as agarraram ao mesmo tempo e logo se olharam.

—Temos que ser sensatos com isto —disse Luke.

—Estou de acordo —disse Joce, sacudindo a cabeça afirmativamente mas sem soltar as páginas.

—A comida fora. Você os, eu cavo.

—Perfeito —disse ela, sujeitando as páginas com uma mão e colocando de novo a comida na cesta com a outra.

Quando tudo esteve em seu sítio, Luke a olhou entreabrindo as pálpebras.

—Tem que as soltar —disse.

—Não, você tem que as soltar.

—Vejamos, quando vais terminar seu livro? —perguntou-lhe Luke, lhe dando conversação, como se tivesse intenção de ficar ali todo o dia sem soltar o manuscrito.

—Assim que me solte e possamos ler isto!

Luke não pôde reprimir um sorriso.

—De acordo, mas não te afaste de minha vista —lhe disse, soltando as folhas.

—Acredito que poderei suportá-lo —disse ela lhe sugiram.

Luke sorriu de brinca a orelha, agarrou a cesta, cruzou a cozinha e se fez com o prato de guisado de sua mãe que não se terminou.

Dez minutos depois estavam fora, com a comida pulverizada a seu redor. Luke se sentou em uma ponta da toalha vermelha e branca que seu avô tinha incluído no pícnic e comeu enquanto Joce abria reverentemente as velhas páginas.

—Está preparado? —perguntou-lhe.

Ele afirmou com a cabeça.

—Deixa de falar e lê!

Jocelyn baixou a vista para as páginas e começou.

Capítulo 17

Londres, 1944

—Senhor, com todos os respeitos, declino esta missão —disse Edi, com o olhar à frente e as costas reta, de pé, diante do escritório do general Austin.

—Harcourt —disse ele com paciente intolerância—, isto é uma guerra e você vai fazer o que lhe mande, como todos. Se mando dois soldados a casa do doutor Jellicoe, a gente os verá e suspeitarão dele. portanto, quero que você, uma mulher, vá com minha chofer e entregue esta revista ao doutor Jellie. Expliquei-me com suficiente clareza?

—Perfeitamente —disse Edi—. Mas não estou de acordo com a pessoa a que envia. Uma das outras mulheres, Delores talvez, levaria a cabo esta tarefa melhor que eu.

—Delores é tola. Bastaria com que cravassem uma roda para que ficasse histérica. Preciso de alguém que não perca os nervos em uma situação de estresse.

—Poderia lhe enviar a revista por correio.

O general Austin se arreliou e juntou as mãos.

—por que se opõe exatamente a esta missão em particular? Tem medo? É você muito covarde para fazer algo que nossos moços fazem diariamente?

Edi não respondeu. Tinha demonstrado sua valentia em cada bombardeio. Sempre era a última em ir ao refúgio porque antes se assegurava de que todas as outras mulheres do escritório estivessem a salvo.

—Qual é o motivo? —ladrou o general Austin.

—Possivelmente, senhor, poderia me enviar com outro chofer, ou poderia ir por minha conta. Você sabe que freqüentemente viajo sozinha pela campina inglesa.

—Outro chofer? Está-me dizendo que põe reparos a esta missão porque não gosta do sargento Clare?

Edi calou de novo.

O general Austin se levantou, foi até a janela e logo se voltou e a olhou como se não pudesse acreditar o que ela acabava de dizer.

—Não gosta, Harcourt? você crie que a todos esses homens daí fora que se enfrentam ao fogo inimigo gritando «Melhor que Austin» gostam de eu? Maldita seja! Não gosta nem a minha mulher! Não acredito que gostar ou desgostar tenha capacidade em uma guerra. —Gritava tanto que era um milagre que os cristais não se rompessem.

—Não, senhor —disse Edi.

—De acordo, Harcourt. Faça a bagagem para uma noite e fique um vestido bonito. É você uma garota que sai ao campo com seu noivo soldado. Parará a ver um velho amigo de um amigo, o doutor Sebastian Jellicoe, e lhe dará uma revista. Esta não será a história que correrá por aqui, mas é o que vai você a fazer. Tem alguma pergunta? Há algo que não lhe agrade desta missão?

Edi não ia deixar se intimidar. Seguiu em postura de firmes mas, quando falou, foi dizer:

—Sim, senhor, tenho uma pergunta. Do que se trata em realidade?

O general Austin se tomou um momento para responder.

—Em circunstâncias normais não o diria, mas o doutor Jellicoe é um professor retirado, de Oxford acredito, e sabe mais que ninguém neste mundo de vocabulário. Enviamo-lhe documentos secretos que precisamos decifrar. O problema é que acreditam que pode ter sido descoberto. O professor é bom interpretando o papel de ancião avoadado muito senil inclusive para dar-se conta de que estamos em guerra, mas alguém tem descoberto o engano e tememos por sua vida. A revista leva uma mensagem cifrada. Ele saberá que é meu. Diz que se vá com você e Clare.

logo que vocês dois o tragam aqui, enviaremos ao Jellie aos Estados Unidos. Responde isto a sua pergunta? Acredita que Delores poderia fazê-lo?

—Sim, o entendo senhor, e Delores não seria de utilidade.

—Muito bem, agora vá. Clare a recolherá amanhã pela manhã às nove. Esteja aqui às sete e lhe darei mais instruções.

Quinze minutos mais tarde, Edi estava em seu diminuto apartamento fazendo a mala. Ao dia seguinte planejava levar um vestido de corte tão sério que, em comparação, o uniforme pareceria desenvolto. As outras mulheres falavam constantemente de tirá-los rígidos uniformize e ficar vestidos bonitos, mas Edi opinava que os homens não necessitavam que os animassem, assim ia bem tampada.

Tinha alguns vestidos bonitos, mas não pensava ficar os até que ela e o odioso sargento Clare estivessem fora da vista dos soldados.

depois de colocar os vestidos e a roupa interior em uma pequena mala já estava lista para ir-se. Se passava por cima o fato de que ia compartilhar a missão com o detestável David Clare, Edi tinha que admitir que lhe resultava... bom, excitante. Sair desse escritório cheia de fumaça, longe do eterno mau humor do general... Ir-se ao campo, ver árvores. Quase o estava desejando.

Em seus escassos dias livres não fazia como as outras garotas, que corriam ao sítio mais próximo onde vendessem bebidas e houvesse música alta. Não, Edi procurava alguém que a levasse e se ia à campina inglesa a passar o dia. Ou, se tinha a sorte de livrar do general, ficava vários dias fora. Passeava, sentava-se sob as árvores e contemplava as vacas pastar. Ver aquilo que tentavam preservar a ajudava a compreender por que liberavam uma guerra.

Tinha passado a noite em uma granja de vez em quando. Não tinha demorado para aprender a mentir dizendo que era viúva de guerra e que seu marido tinha sido inglês. A gente era suspicaz com uma formosa mulher americana que viajava sozinha; mas sendo uma viúva que queria ver o país de seu defunto marido, abria-lhe as portas e lhe brindava amigos. Quando retornava ao escritório do general Austin depois de passar um fim de semana fora, trazia uma lista de nomes que a gente lhe tinha dado. Queriam saber o paradeiro de seus filhos e filhas. Embora era ilegal, Edi utilizava sem sentir-se culpado os contatos do general Austin e seus créditos para fazer averiguações a respeito dos nomes de sua lista. A primeira vez que se aproveitou irregularmente de sua proximidade a ele, o general Austin soube ao cabo de apenas uma hora o que estava fazendo. Nada lhe escapava. Mas se limitou a soprar, seu particular gesto de aprovação, e depois a carregou com mais trabalho. Era um pequeno preço em troca da possibilidade de ajudar a gente que tinha sido tão amável com ela. Em duas ocasiões que foi incapaz de encontrar aos filhos de seus conhecidos lhe deu os nomes ao general. Em ambos os casos ele

averiguou seu paradeiro. A um jovem o tinham matado na Itália e o outro estava ferido em um hospital francês.

Quando acabou de fazer a mala, Edi ferveu um ovo, esquentou umas torradas no fogão elétrico de sua habitação e tentou ler os documentos que havia trazido do escritório. Mas seu pensamento voltava para a missão. Se o general Austin queria que fora com um homem, isso significava que o perigo era muito maior do que confessava.

—O que lhe tem feito ao resmungão de Austin para que o obrigue a levar isto? —perguntou- o médico ao David Clare apertando os parafusos de inserção na larga fêrula que lhe estava colocando na perna.

David estava sentado em uma mesa de operações, em camiseta e cueca, enquanto o médico lhe colocava uma espantosa braçadeira de aço em torno da perna esquerda.

—Não se inteirou que vou com o Harcourt?

O médico ficou com a boca aberta de assombro, depois a fechou.

—Não funcionará, nunca a conseguirá, sobre tudo levando isto.

David olhou as tiras de aço que envolviam sua perna e fez uma careta. Haviam-lhe dito que Austin era um bastardo, mas não se precaveu de até que ponto até essa manhã cedo. A noite anterior, um assistente lhe havia dito que tinha que levar ao Edilean Harcourt à campina inglesa. ia visitar a esposa de um amigo do general. Tinham matado a seu marido e o general queria lhe apresentar à viúva suas condolências pessoalmente... «Pessoalmente» mandando para isso a sua secretária.

—OH, espere! Hão-me dito que lhe entregue isto. —O ajudante lhe tinha tendido um sobre dos que revistam conter um convite.

—O que é? —tinha perguntado David.

—Não estou seguro, mas acredito que um convite para o baile de oficiais do mês que vem. Se retornar com vida, pode assistir. O ano passado a senhorita Harcourt levava um vestido azul elétrico que... —O homem tinha sacudido a cabeça para expressar-se—. Eu em seu lugar a guardaria bem; não poderá entrar sem convite.

—Guardarei-a como um tesouro —tinha assegurado David metendo-lhe debaixo da camisa.

David e Edi foram passar a noite fora e voltar para dia seguinte. David solo lhe pedia ao céu que aqueles dois dias fossem tão bons como a idéia que deles se feito.

Mas essa manhã um ajudante listillo lhe havia dito que tinha que apresentar-se ante o capitão Gilman, um médico, imediatamente. É obvio a essas

alturas todo mundo em Londres e provavelmente meia a França sabia que o sargento Clare ia estar a sós com a senhorita Harcourt durante dois dias completos.

David teria que ter suposto que havia gato encerrado. O médico lhe havia dito que o general opinava que um soldado em perfeito estado físico viajando pelo país levantaria suspeitas. por que não estava no fronte?

—Poderia estar de licença —disse David—. Não lhe ocorreu isso ao general?

O médico o olhou incrédulo.

—Pretende você que lhe explique os segredos do pensamento de Austin o Bulldog?

O capitão tinha contínuo dizendo que o general Austin pensava que seria melhor que o sargento Clare parecesse incapacitado para lutar, assim tinha que lhe colocar na perna uma férula de aço, da parte superior da coxa até o tornozelo. No joelho levava uma dobradiça redonda de uns dez centímetros com uns estranhos parafusos que se podiam afrouxar ou apertar com uma chave Allen.

Dez minutos depois, David estava sobre a mesa de operações e o médico lhe estava ajustando a férula na perna.

—Não perca isto —lhe disse, lhe mostrando a pequena ferramenta em forma de «L»—. Se a perder, a única maneira de lhe tirar isto será com uma serra para metais.

Levava umas almofadinhas entre a pele e o aço, gastas e desfiadas, com a manta de algodão que me sobressaía em algumas partes.

—Não encontrou uma pior? —perguntou David—. Uma um pouco mais velha, um pouco mais feita pó.

—Não. —O médico sorriu torcidamente—. É quão pior tínhamos, da passada guerra.

—Da Guerra Civil ou da dos franceses e os índios?

—Da Guerra das Duas Rosas —disse um soldado inglês que passava por ali—. Provavelmente a forjaram à mão. Arrumado a que há cota de malha aí debaixo.

—Doarei-a a um de seus museus! —gritou-lhe David ao homem que se afastava—. Um desses que salvamos para vós!

Ouviu-se a risada do inglês ao longe.

—Bem —disse o médico—. Vejamos que tal caminha você com isto.

David se deu a volta na mesa e, com cuidado, pôs um pé no chão e logo o outro. Assim que deu um par de passos com a férula se deu conta de que era pior do que tinha pensado. Pesava, apertava-lhe e a dobradiça se dobrava sozinho a metade do que o fazia seu joelho.

—Que diabos...! —disse David levantando a perna rígida. Não podia dobrar o joelho mais que uns centímetros.

—Sinto-o —se desculpou o médico, mas estava sorrindo. Nenhum soldado se compadecia do homem que ia passar dois dias com a senhorita Harcourt. Inseriu a chave Allen nos três parafusos da dobradiça e os girou aproximadamente o meio centímetro, afrouxando-a. David pôde flexionar o joelho.

—Isto é um asco —disse David, tentando caminhar.

—Dê obrigado de que não a necessita realmente —disse uma voz a suas costas.

—Deus me libere dos santarrões! Quer ficar esta você costure? OH, perdão, reverendo! Não pretendia... —Não sabia como desculpar-se.

O reverendo sorria.

—Hão-me dito costure piores que «santarrão». Acredito que há um carro lhe esperando fora e uma jovem a que tem que ir recolher.

—Sim —resmungou David.

Amaldiçoava a férula e especialmente ao general Austin por obrigá-lo a levar aquele maldito artefato. Um dos homens disse que era como um cinturão de castidade: David tinha que levá-la para que o general estivesse seguro de que não tocaria a sua apreciada secretária.

Todos esperavam uma réplica mordaz do David, algo como que a perna não era a parte de seu corpo que planejava usar, mas não disse nada. Não queria dizer alguma inconveniência e que chegasse para ouvidos da senhorita Harcourt.

Foi impossível embutir-se nas calças de sua uniforme, assim que o médico lhe deu umas calças duas talhas maiores. Sujeitos com o cinturão, ficavam muito franzidos na cintura. «O ideal para causar boa impressão à mulher mais bonita do mundo», pensou.

David esteve a ponto de deprimir-se quando viu o carro que lhes tinha enviado o general. Era um velho Chrysler e, pelo som do motor, muito velho. perguntou-se se não o teriam fabricado o mesmo ano que a férula.

Custou-lhe vários intentos arrancá-lo. Desejou ter tido meio-dia para trabalhar no motor, mas não o tinha. Quando conseguiu arrancá-lo, comprovou que inclusive a direção estava mau. Para cúmulo, o carro era inglês, com o volante à direita, com o que tudo estava ao reverso de como ele estava acostumado. Em resumo, conduzir aquele carro era um perigo.

Lhe estava esperando de pé no meio-fio e pôde sentir os olhares dos homens sobre eles.

A senhorita Harcourt tinha um aspecto mais estirado que de costume incluso. recolheu-se o cabelo escuro e o levava tão tirante que quase parecia pintado. O traje de lã era tão rígido que parecia de madeira. A seus pés havia uma maletita marrom e agarrava a carteira de pele negra que levava a ombro como se de uma caixa forte cheia de jóias se tratasse.

—Bonito dia, não lhe parece, senhorita Harcourt? —disse ele, lhe abrindo a porta dianteira do passageiro.

Quando ela abriu a porta traseira e subiu ao carro, David ouviu uma gargalhada que parecia saída da garganta de cem homens, mas não olhou.

Era difícil conduzir com a larga férula na perna. Engrenar para trocar de marcha lhe doía. As almofadinhas já lhe tinham deslocado para um lado e o aço lhe roçava a pele. Se tivesse tido sentido comum, teria estacionado a um lado da estrada para colocar-lhe Mas olhou à senhorita Harcourt pelo espelho retrovisor. Pela expressão daquela bonita cara, parecia pensar que ele ia fazer algo espantoso, assim apertou os dentes e tentou ignorar a dor.

—Hão-me dito que conhece o caminho —lhe disse, olhando-a pelo retrovisor.

Ela assentiu levemente com a cabeça e esse foi o único signo de que o tinha ouvido.

—Parece-lhe que poderia me dar indicações?

—Quando for necessário, farei-o.

No assento traseiro do carro, Edi ia sentada muito erguida. Essa mesma manhã lhe tinha sugerido novamente ao general Austin o de ir por sua conta a casa do doutor Jellicoe. Podia simular como sempre ser uma viúva de guerra e viajar sozinha. Mas a resposta do general não podia ter sido mais direta: «Não.» Não tinha gritado nem dado explicações. Pelo modo em que o disse compreendeu que certamente naquela missão havia mais em jogo do que lhe tinha contado. E se reafirmou na idéia de que, se queria que a acompanhasse um homem, isso significava que havia perigo. O general lhe havia dito como de passada que debaixo do assento traseiro do velho carro havia meia dúzia de fuzis M1 e suficiente munição para acabar com um batalhão.

Depois Austin lhe tinha dado a revista: o número de 15 de maio de 1944 da revista Teme, com um retrato do Alexander Fleming na capa. Era de fazia várias semanas, mas ela não o tinha lido.

—Dê-lhe ao Jellie.

O general Austin lhe deu um maço de dinheiro inglês e um mapa. Para encontrar ao doutor Jellicoe era essencial um mapa. As estradas inglesas seguiam as rotas medievais de carros e animais. Se na rota havia uma árvore ou uma colina ou a casa de alguém, o carro dava um rodeio para sortear o obstáculo. Confine-as se apoiavam em riachos ou rochas ou algo que uma pessoa pudesse identificar. Assim que as estradas se desviavam, giravam e rodeavam pontos de referência que fazia tempo que tinham desaparecido. Em tempos de paz, havia indicadores por toda parte. Se alguém chegava a um cruzamento de oito caminhos, os sinais eram a única forma de saber por qual tomar. Mas em tempos de guerra, como medida de

precaução, tinham eliminado a maior parte dos indicadores. Sem um mapa ou um guia experiente, ninguém encontrava nada.

Edi estudava o mapa para manter a mente se separada da forma de conduzir do Clare. Entretanto, aquele dia conduzia com mais cautela. Não corria, não se incorporava ao tráfico como uma flecha e, o melhor, não fazia comentários sarcásticos sobre tudo.

Passou uma hora com o mapa, fazendo um esboço mental. Se se perdiam queria saber por onde ir.

Em quando à revista, tinha quase medo de abri-la. Com a mesma reverência que se se tivesse tratado de uma bíblia do Gutenberg, foi passando as páginas. Leu que a penicilina do doutor Fleming logo estaria disponível para a população em geral e que uma americana, Kathleen Kennedy, casou-se com o futuro duque do Devonshire.

O que mais lhe interessava era ver se havia alguma marca na revista, algo no texto ou nos márgenes. Mas até onde ela alcançava a ver, não havia nada.

—É interessante a revista? —perguntou-lhe David, olhando-a pelo espelho retrovisor.

Edi continuou em silêncio.

—Será uma viagem muita comprido se ninguém fala —disse o sargento Clare do assento dianteiro.

—Não vejo a necessidade de manter uma conversação intrascendente —repôs Edi. Via o perfil do David e tinha o cenho franzido. «Deixa-o —pensou—, que se zangue tudo o que queira.» Solo tinha que entregar a revista ao Jellicoe. Depois, na viagem de volta, o doutor iria com eles. Isso levantaria uma barreira mais entre ela e o odioso David Clare.

Continuaram em silêncio e, ao redor da uma do meio-dia, começou a garoar. O sargento Clare tirou o carro da estrada e tomou por um caminho de cascalho.

—O que faz? —perguntou Edi, alarmada—. Algo vai mau?

Ele deteve o carro diante de uma casa com um pôster que rezava: «Comida caseira e chás.» David apoiou o braço no respaldo do assento e se voltou a olhá-la.

—Senhorita Harcourt, deve você ser tão disciplinada que se treinou para não comer, mas eu sou humano e necessito comida.

—Sim, é obvio —disse ela, evitando olhá-lo aos olhos. Segundo seus cálculos, chegariam a casa do doutor Jellicoe por volta das oito da noite. O general Austin havia dito que o doutor não sabia que foram.

—Se se inteira, esconderá-se —havia dito o general—. O elemento surpresa é importante.

Embora Edi o tinha perguntado, não lhe havia dito como persuadir ao doutor Jellicoe para que fora com ela e o sargento Clare... Embora, não se supunha que a revista se encarregaria de convencê-lo?

Quando saíram do carro, Edi viu que ao sargento Clare lhe acontecia algo, mas não tinha intenção de lhe perguntar por que coxeava e parecia dolorido. Se lhe tivessem ferido em ação, ela o teria sabido através do escritório do general, ou seja que se estava ferido era porque tinha tropeçado com algo ou, mais provavelmente, estrelado um veículo contra algo.

Ela levava a mala e a carteira quando entraram no restaurante, que era em realidade a sala de estar de uma casa de campo grafite de rosa que se usava como salão de chá.

—OH, querido! —exclamou uma mulher gordinha de aspecto agradável logo que viu o sargento Clare coxeando—. Lhe feriram. Sinta-se aqui e me deixe que lhe traga o que necessite. Aqui está o menu e eu sou a senhora Pettigrew. Tomar tempo para decidir o que querem. —Saiu da habitação, deixando ao Edi e David sentados a uma das quatro mesas. Eram os únicos clientes.

Edi se sentiu momentaneamente culpado. Talvez a razão pela que o general Austin tinha enviado ao sargento Clare com ela era porque o tinham ferido.

—Feriram-lhe? —perguntou, parapetada depois do menu.

—Sim, me feriu seu condenado geral —resmungou David—. Acredita que as batatas estarão boas?

Dado que o menu consistia basicamente em pratos a base de batata, Edi não se incomodou em lhe responder. Procurou com os olhos à mulher para que tomasse nota, mas não a via por nenhuma parte.

—Acredito que vou... —Edi se calou porque não queria dizer que ia ao serviço.

—Vá, pedirei por você —disse ele, carrancudo—. A menos que queira alguma coisa que não sejam batatas.

Edi tinha passado suficiente tempo com o general Austin para saber quando um homem procura guerra e, se o sargento Clare não parava de lhe falar naquele tom, ia dar. Já tinha suficiente com a responsabilidade de assegurar-se de que chegavam a seu destino e entregavam a revista sem ter que discutir além com um mal educado. Por isso tinha podido observar, o sargento Clare oscilava entre dois estados: perigosamente fanfarrão ou zangado. Quando retornasse, explicaria-lhe detalladamente ao general Austin o que opinava do homem com o que a tinha enviado.

Levantou-se da cadeira, agarrou a bolsa e fez ameaça de agarrar a carteira, mas pensou que se ia com ela ao serviço chamaria muito a atenção. Não acreditava que ao sargento Clare lhe houvessem dito nada e queria que continuasse em sua ignorância.

Esteve um momento no serviço. Era o quarto de banho de uma casa normal, com cortinas rosa estampadas e jaboncitos decorativos em um bote de cristal. Aquela habitação tão encantada era a razão pela que se afastava tão freqüentemente como podia de Londres e dos soldados e de tudo o que lhe recordasse a guerra. tomou seu tempo lavando-a cara, pintando-os lábios, soltando o cabelo para escovar-lhe e voltar a recolher-lhe El coche dio un bandazo debido a un bache y patinó.

Quando retornou à mesa, a comida já estava servida. Era deliciosa. Umas batatas enormes com manteiga caseira, vitela muito tenra, guisada durante horas, e feijões verdes que certamente provinham do horta e que tinham recolhido aquela mesma manhã.

Nem ela nem o sargento falaram muito. Solo fizeram um par de comentários sobre a chuva, que parecia a ponto de parar.

depois de comer, David foi coxeando até o carro, e enquanto mantinha aberta a porta dianteira do acompanhante para ela, disse-lhe:

—Viria-me bem que se sentasse diante para me indicar o caminho.

Ela o ignorou novamente, abriu a porta traseira e subiu ao carro.

—Uma coisa que posso dizer de você é que não se dá por vencida facilmente, a que não? —comentou ele subindo ao carro, lutando com a perna esquerda dura.

—Quer retornar à estrada por favor? Temos que girar uns cinco quilômetros mais adiante.

—Está já disposta a me dizer aonde vamos e o que estamos fazendo?

—O general Austin quer que o presente minhas condolências à viúva de um amigo dele.

—Sim, isso ouvi —disse ele. Justo nesse instante foi como se o céu se abrisse. Chovia muito. David pôs em marcha os limpador de pára-brisas, mas não funcionavam bem. O estrondo da chuva era tão forte que tinham que gritar para ouvir-se.

—Conhece a estrada pela que temos que girar?

Ela ia dizer que não, mas não quis lhe dar essa satisfação.

—Tenho um mapa —disse.

—Assim não sabe você nada —gritou ele, limpando o bafo da lua dianteira com a manga da camisa—. Deveríamos parar e esperar a que descampe. Este carro não é o mais adequado para estas estradas.

—Não —disse Edi do assento traseiro—. Temos que chegar sem falta A... —Quase escapou «a casa do doutor Jellicoe», mas se mordeu a língua.

O carro deu um inclinação brusca devido a um buraco e patinou.

—Insisto em que deveríamos parar —disse David—. Não vejo por onde vou.

—Então caminharemos se for preciso —disse Edi bruscamente.

O que ocorria a aquele homem? Tanto lhe preocupava um pouco de chuva? Agarrou a mala de pele do assento e a abriu para assegurar-se de que levava a revista. Passasse o que acontecesse, não queria que se molhasse. O que fora que contivera tinha que ser preservado a toda costa.

Mas, quando abriu a maleta, dentro solo encontrou seu bloco de papel de notas, dois lápis, uma pluma e o mapa. Incrédula, tirou-o tudo. A revista não estava. Voltou-o a colocar tudo e procurou no assento. teria se cansado fora a revista? ficou engatinhando e olhou sob o assento dianteiro, no chão, no bagageiro.

—O que está fazendo? —gritou-lhe o sargento Clare por cima do ruído da chuva.

Ela se inclinou para diante, aproximando a boca a sua orelha.

—Onde está a revista?

—Que revista?

—A revista Teme! —gritou-lhe—. Onde está?

—O que lhe ocorre? —respondeu-lhe também a voz em grito, com a mão sobre a orelha—. Não sei o que foi que sua revista. Demorava tanto em voltar do banho que me aborrecia, assim que me pus a lê-la. Ao melhor me deixei isso na cadeira, não sei. Comprarei-lhe outra.

Nunca em sua vida Edi se deixou levar pelo pânico, mas naquele momento o pânico a atendeu.

—Temos que voltar! —uivou—. Agora! Já! Dê a volta e retorne! Temos que recuperar essa revista!

—Acalme-se... —David viu a cara do Edi e soltou uma imprecisão—. por que não me há dito que era importante?

—Não é seu trabalho saber nada! —gritou-lhe. Se não tivesse estado conduzindo lhe tivesse estrangulado com suas próprias mãos—. Sabia que era você um incompetente. Roguei-lhe ao general que me acompanhasse outra pessoa. Mas não, tinha-me que enviar com você! Assim me crie: quando sairmos desta, se é que saímos, vou solicitar que o submetam a um conselho de guerra.

—Quer fazer o favor de voltar a sentar-se e agarrar-se bem? —disse David em um tom que lhe deixou bem claro que estava tão zangado como ela. Logo girou em redondo, a tal velocidade que derraparam pela escorregadia e enlameada estrada. O velho carro esteve a ponto de impregnar-se, mas o motor tossiu um par de vezes e continuou avançando. David acelerou, dando inclinações bruscas pela estrada, até que conseguiu controlar o veículo.

Na parte traseira, Edi se viu lançada a um lado do carro, logo ao outro. Tentou agarrar-se aos braços dos assentos mas, quando se aproximava de um, o carro se inclinava para o lado oposto e o perdia. golpeou-se a cabeça duas vezes

contra a porta, e a metade das forquilhae lhe soltaram. Alguém esteve a ponto de lhe dar em um olho.

Levantando o cascalho, David parou o carro diante da casa de campo onde tinham comido.

—Espere aqui. Eu...

—Vá-se ao inferno! —disse ela, saindo do carro sob a intensa chuva.

Havia um pôster de «Fechado» na janela e a porta estava trancada. Edi ficou a esmurrá-la e a gritar sob a chuva. David tentou lhe dizer algo e se foi coxeando à parte posterior da casa procurando outra porta. Voltou ao cabo de um momento.

—encontrou algo? —gritou ela, com a chuva escorregando por sua cara, a roupa empapada e o cabelo caindo em grenhas ao redor do rosto.

—Nada, está fechado.

—Tem que haver algo que possamos fazer. Rompa a janela.

—O que?

—Que rompa a janela, entre e procure a puñetera revista!

—Supõe-se que é uma missão secreta! —gritou ele.

—Tem uma idéia melhor? —vociferou ela.

—Sim. Poderíamos... —David não disse nada mais porque a porta principal se abriu e a senhora Pettigrew apareceu.

—Entrem —disse—. Estão empapados.

Edi virtualmente empurrou ao David para apartá-lo assim que entraram no restaurante.

—Viu uma revista? —espetou-lhe à mulher.

—OH sim!, Teme. Não a vemos muito freqüentemente por aqui. Eu gostei o dos Cavendish e os...

—Onde está? —perguntou-lhe Edi sem olhares.

David interveio.

—É que lhe prometeu a revista a seu tio e por minha culpa nos deixamos isso. Tem-na você?

—Não, o sinto, mas não a tenho. —A senhora Pettigrew sorria—. Tenho alguns números do Country Life. Talvez seu tio queira um par.

—Não —disse David antes de que Edi tivesse tempo de abrir a boca—. Nessa revista há um artigo sobre sua primo e a necessita.

—Bom, então acredito que o senhor Farquar tem alguns números atrasados de Teme. Talvez tenha esse.

—Nós queremos nossa exemplar —disse Edi com os dentes apertados—. O que passou com ele?

—Agarrou-o Aggie.

—Agarrou-o Aggie —disse Edi em apenas um sussurro.

—Aggie Trumbull. Trabalha para mim dois dias à semana. Não me alcança para lhe pagar muito, mas lhe permito ficar com coisas que os clientes esquecem. —Olhou ao Edi com recriminação—. Como velhas revistas. Normalmente às pessoas não lhe importa.

David se preparou a impedir que Edi atacasse a mulher.

—Onde podemos encontrar a tal Aggie?

—Foi-se a casa. Vive com seu avô. Se voltarem dentro de três dias, estará aqui e poderemos lhe perguntar pela revista. Estou segura de que a agarrou para seu avô. adora ler.

—Três dias —disse Edi—. Três dias?

—Podemos ir a casa de seu avô a procurar a revista —disse David—. Pode nos dizer onde vive?

—A três povos —disse a senhora Pettigrew—, mas com esta chuva nunca chegarão de carro. A ponte está semianegado com toda esta chuva, e nesta época do ano o rio baixa crescido. Não, é melhor que fiquem aqui um par de noites e esperem. Eu posso lhes hospedar. Querem uma habitação ou dois?

De novo, David se interpôs entre o Edi e a mulher.

—Não, não necessitaremos nenhuma habitação. Talvez você possa nos desenhar um mapa para chegar a casa do avô do Aggie. E, se não ser muita moléstia, poderia nos preparar um pouco de comida para levar?

—Já aconteceu a hora da comida —disse ela, e não parecia disposta a mover um dedo.

—Pois chá, jantar e algo para tomar o café da manhã —disse Edi com frieza—. Lhe compraremos toda a comida que tenha. Desenha-nos o mapa?

—Estarei encantada —disse a senhora Pettigrew—. Em um minuto lhes trago vários pratos preparados. —Saiu da habitação.

Edi dirigiu ao Dave um olhar assassino.

—Não me olhe assim. foi culpa dela, por não me dizer do que ia isto —protestou ele em voz baixa para que não o ouvisse a senhora Pettigrew—. Se me houvesse dito que essa ditosa revista continha algum tipo de secreto, eu haveria...

—Que, sargento Clare? Não teria bisbilhotado em minha carteira? Não me teria roubado a revista nem a teria deixado em uma cadeira onde qualquer pudesse agarrá-la? Se a segurança de nossos países dependesse de você, teríamos perdido esta guerra faz anos.

—Se você não fora uma esnobe estirada que pensa que sabe tudo e que ninguém mais no mundo tem cérebro, não estaríamos nesta situação.

—Esnobe? Chama você esnobismo a proteger um alto secreto? Assim o considera?

—Alto secreto? Desde quando uma secretária se faz cargo da segurança de um alto secreto?

—Quando é necessário.

—Para consolar a uma viúva? Atualmente há milhares de viúvas Y... — calou-se e a olhou—. Não há nenhuma viúva, verdade? Isto é algo completamente diferente e nem você nem esse vocinglero geral seu ao que lhe faz a bola me hão dito nada. Maldita seja! —disse David—. Se trata de algo perigoso, não é certo?

—Não é de sua incumbência. Você é sozinho o chofer.

—E você é sozinho a secretária! —exclamou ele a um milímetro de sua cara.

—OH, queridos! —ouve-se a voz da mulher da entrada—. Me temo que provoquei uma pequena discussão entre os dois. Serão dez libras com seis — acrescentou.

—Dez libras? —Edi estava escandalizada. Era uma fortuna—. Acredito que não...

—Parece-me bem —disse David, tirando sua carteira—. Me pode dar o mapa agora?

—É obvio, querido —repôs ela sem olhar ao Edi. Deu- um papel ao David, que ele agarrou sem olhá-lo.

—Ajudaria-lhes com os pacotes mas há um pouco de umidade aí fora assim... —foi dizendo cada vez em voz mais baixa, até que finalmente saiu da habitação.

Em uma das mesas havia seis grandes caixas brancas, cada uma maça com barbante formando uma asa.

—Acredito que o tem feito a propósito —disse Edi—. Acredito que tinha estas caixas preparadas e esperava a que voltassem os americanos bobos e pagassem uma fortuna por elas. Deme o mapa.

—Não nesta vida —disse David, agarrando quatro caixas. ia agarrar as outras dois, mas Edi lhe adiantou.

—Agora quero o mapa.

—Não —disse ele enquanto abria a porta e saía correndo. Deixou as caixas no assento traseiro do carro e sustentou aberta a porta do acompanhante para o Edi. Chovia tanto que logo que via o carro, assim não quis perder tempo discutindo com ele. Além disso, queria o mapa

Sentou-se no assento de diante, pôs as caixas atrás e esperou a que ele subisse ao carro. David colocou a perna rígida dentro e logo teve que retorcer todo o corpo para colocar a outra.

Ela tirou um lenço da bolsa e se secou a cara.

—O que lhe passou na perna? disparou-se você mesmo?

—Se não fora você uma mulher eu...

—O que me faria? —perguntou ela, entreabrindo as pálpebras.

—Não use esse tom comigo e não me tente. —Deu uma portada e passou vários minutos tentando arrancar o velho carro.

—Pensava que era você capaz de arrumar qualquer motor.

—Deram-me este traste esta manhã. Nem sequer vi o motor. —Quando arrancou, suspirou aliviado e saiu do estacionamento.

—Me deixe ver o mapa —disse Edi.

David colocou a mão debaixo da camisa e o tirou. Estava empapado, mas a tinta não se correu.

—Dez libras por isso —balbuciou ela, indignada—. Vá até a igreja, gire à direita e logo continue até a granja Trumbull. Parece suficientemente fácil como para que inclusive você possa chegar.

David lhe dirigiu um olhar que lhe indicou que pisava em terreno pantanoso e que era melhor que tomasse cuidado.

Capítulo 18

—Bem —disse Jocelyn quando acabou de ler. comeram-se quase todo o conteúdo da cesta. Luke se tinha escondido além disso uma grande ração de guisado de frango—. Não é um grande começo para o amor, verdade?

—eu gosto... —disse Luke. Estava convexo sobre a toalha com as mãos debaixo da cabeça—. Que mais quer?

—Não sei, uma conexão mental. Suponho que acreditava que Edi e seu David tinham cuidadoso para o outro extremo de uma habitação, seus olhos se encontraram e se apaixonaram de repente e sem remissão. Pensava que teriam ido jantar e que teriam falado e descoberto que eram exatamente iguais em tudo. Mas esse homem...

—O que acontece esse homem?

—Não parece como ela... Não sei como dizê-lo para não parecer uma esnobe. Não parece de sua classe. Ela é educada, provém de uma antiga linhagem de, bom, da alta sociedade, mas esse homem é...

—O que? São como o jardineiro e a senhora da mansão?

—vais começar outra vez com isso?

—Eu gostaria de —disse ele com doçura, olhando-a de cima abaixo

Ela não pôde controlar-se e lhe aproximou. Então ele rodou sobre si mesmo e ficou de pé.

—Há algo nesta história que não me quadra —disse, agarrando a pá.

—O que é?

—Não sei, mas há algo em todo este assunto que me desconcerta. O tio Alex e a senhorita Edi, o fato de que você conhecesse a senhorita Edi, tudo. Algo me ronda a cabeça. Tenho a sensação de que nos escapa algo.

—Eu não lhe vejo o mistério —disse Joce—. Meus avós e Alexander McDowell eram amigos; por isso ele comprou a casa de Boca Camundongo e por isso Edi se mudou ali.

—Suponho que sim. Mas há algo estranho. Alex McDowell não tinha amigos. Era um resmungão viciado no trabalho. E você sabe como é Edilean. Todo mundo se inteira de tudo. A última vez que tive que jogar golfe com meu avô lhe perguntei quando e onde se feito amigo de seus avós o tio Alex. Sua resposta foi que, por isso ele sabia, Alex raramente saía da cidade.

—E durante a Segunda guerra mundial? —perguntou Joce—. Meu avô fabricava cascos e viajou a Europa várias vezes. Talvez se conhecessem então.

—O tio Alex não foi à guerra. Tinha uma minusvalia que o manteve afastado dela, assim que ficou nos Estados Unidos e se dedicou a mover dinheiro.

—Era banqueiro? —perguntou-lhe Joce.

Luke não lhe respondeu; estava concentrado cavando. Assim começou a recolher o piquê e pôs a apreciada história em cima da cesta.

—vou datilografar isto.

—O computador tem bateria?

—Pois claro —disse ela sorrindo—. Vale, tirarei-o aqui fora.

Quando se levantou viu que havia algumas novelas em uma caixa de cartão na traseira do caminhão do Luke.

—O que tem aí?

—Algumas novelas que encontro pelos arredores. Estava acostumado a haver jardins pela zona e algumas novelas sobreviveram.

—Lhe pareciam más ervas.

—Assim se vai andando por aí e vê uma planta, reconhece o que é e sabe arrancá-la sem matá-la.

—Sim —disse ele. Parecia divertido.

—Volto em seguida —disse ela sorrindo.

Assim que teve entrado na casa e fechado a porta, Luke agarrou o móvel e chamou a seu avô.

—Olá, Luke! —disse o doutor Dave—. Acabo de fazer um fossa em um.

—Parabéns —disse Luke rapidamente—. Te importa se for esta noite? Quero falar contigo de uma coisa.

—Da mentira que contei ao Jocelyn sobre que no segundo capítulo havia um acidente de carro?

—Não —disse Luke, alargando a sílaba—. Essa mentira em particular não me mencionou isso. É sobre outro assunto. Quem sabe melhor em que assuntos andava metido o tio Alex?

—Eu diria que era sua mulher.

—Alguém vivo.

—Suponho que eu.

—Deixou algum jornal o tio Alex?

—Os jornais são de papel e o papel é caro —disse o doutor Dave—. por que não vem agora e jogamos alguns fossas enquanto falamos?

—Eu gostaria de muito, mas Joce vai tirar seu ordenador e escreverá enquanto eu trabalho.

—Bem, me alegre.

—Eu também —disse Luke—. Tenho que te deixar, já vem.

—Assim não quer que se inteire do que quer me contar esta noite?

—Acréscenta-o aos segredos que lhe contou de mim e terá um carregamento completo.

Dave se estava rendo quando Luke pendurou.

—Está carrancudo —disse Joce—. Não falava com um amigo?

—Era meu avô. Sempre discutimos.

—O avô com o que ninguém se levava bem era seu melhor amigo e o doutor Dave, ao que todo mundo quer, fica frenético.

—Pilhaste-o.

—Crie que é tua culpa ou dela?

—Dela.

—por que será que já sabia a resposta antes de perguntar? —sentou-se na erva e abriu o portátil.

—Escreve muito rápido?

—Muito rápido, e depois me passo duas horas com o corretor ortográfico porque todas as palavras têm enganos. E você o que? Sabe escrever a máquina?

Lhe dedicou um de seus olhares que significavam que a encontrava graciosa; depois voltou a olhar a terra.

—E do que falaste com seu avô?

—De nada importante. Quer que vá esta noite para jantar a sua casa.

—Isso está bem —disse Joce, e depois o olhou com atenção, mas ele estava inclinado sobre a pá e não o viu—. Não conheço sua avó.

—Não? —Foi ao caminhão para agarrar um restelo.

—É simpática?

—Muito.

—Parece-me que é muito diferente do Edi, a que sim?

—me pareceu isso, mas solo coincidi com a senhorita Edi uma vez.

—Sério? Haveria dito que a tinha tratado mais. Como seu avô escolheu a outra mulher em lugar da ela, supunha que teria tido muita curiosidade por conhecê-la. Eu em seu lugar tivesse querido ver...

Luke deixou de cavar.

—Não posso te convidar a vir comigo —disse exasperado—. Tenho... assuntos que tratar com meu avô e não posso te levar.

—Entendo-o —disse Jocelyn—, e te asseguro que não te estava insinuando que me levasse. Na vida me ocorreria me convidar a casa de alguém. Estava simplesmente te perguntando por seus avós. Conheço muito a seu pai e passei tempo com sua mãe, que foi muito amável comigo, e seu avô foi fantástico. Hei-te dito que o dia que me convidou a comer foi ao The Trellis e comprou bolo de chocolate para a sobremesa? Ele...

—Às sete! —exclamou Luke—. Recolherei às sete. vais escrever e deixará de me dar a lata?

—Com muito gosto —disse Jocelyn inclinando a cabeça para que não a visse sorrir. Como o tinha sentido falta de!

—No que crie que andarão colocados os homens? —perguntou-lhe Mary Alice depois da sobremesa. Luke e seu avô se colocaram no estudo e seguiam ali.

Desde que tinham chegado, Jocelyn se havia sentido fascinada pela mulher que se casou com o homem com o que Edi tinha estado prometida. Ninguém era tão extraordinário como Edi, em opinião dela, mas saltava à vista a atração entre o doutor Dave e Mary Alice. Ela era doce e encantadora, e parecia que sua única meta na vida fora agradar a seu marido e a seu neto. Durante tudo o jantar esteve daqui para lá, indo a três por quatro à cozinha para assegurar-se de que todos tinham o melhor que podia lhes oferecer.

Fisicamente não se parecia absolutamente ao Edi. Mary Alice era baixa, llenita e afável. Edi tinha sido alta, magra e elegante. Se a uma ficava o colar de pérolas incluso para estar em casa, a outra ia cômoda com um pulôver de lã.

—Não tenho nem idéia —disse Jocelyn—. Luke está estranho desde... — Calou antes de dizer que Luke se comportou de um modo estranho desde que lhe tinha lido a segunda parte da história do Edi.

Sabia por experiência que no Edilean nada perdia intensidade com o passado do tempo. A gente podia envelhecer, mas as histórias e os segredos seguiam tão afrescos como cinqüenta anos atrás. Com isto em mente, decidiu que era melhor não mencionar ao Edi e ficou a falar da obra de jardinagem do Luke.

Entretanto, quando Mary Alice apartou o olhar, Jocelyn abandonou também o tema. Haveria algum segredo no Edilean sobre isso também?

Mais tarde, quando voltavam para casa na caminhonete, Joce perguntou ao Luke do que tinha estado falando tanto momento com seu avô.

—Perdoa que te tenha deixado sozinha, mas tínhamos coisas das que falar.

—Isso é o que acabo de dizer. Quero saber do que falastes.

—De novelo —disse Luke rapidamente—. Quer plantar um jardim e me pediu que o eu faça.

—Claro, por isso tão secreto. Como eu não sei nada de novelo, tem que me ocultar isso tudo.

—Não queríamos preocupar-se. O que te pareceu minha avó?

—Não tínhamos absolutamente nada que nos dizer e está levantando a sobrancelha.

Luke a tocou.

—De acordo. —Suspirou— Queria falar com o avô de minhas dúvidas sobre tudo isto. Por razões que pode imaginar, não menciono à senhorita Edi diante da avó. E antes de que me diga que poderia falar com ele em outro momento, tenho que te recordar que estive trabalhando e não quero me passar o santo dia conduzindo uma bolsa de golfe.

Jocelyn observou que o extremo de sua sobrancelha seguia levantado. Embora estivesse dizendo a verdade, não estava dizendo toda a verdade.

Luke e Jocelyn foram por um atalho da reserva natural que rodeava Edilean. Ele ia diante e ela o seguia, ambos carregados com as mochilas nas que Luke tinha metido tudo o que poderiam necessitar em caso de que, por exemplo, estalasse uma tormenta.

Fazia dois dias que tinham estado em casa dos avós do Luke, e tinham acontecido a maior parte do tempo juntos.

O primeiro dia Joce tinha repassado todo o fato da biografia e lhe tinha contado ao Luke quão decepcionada estava dos aborrecidos escritos do doutor Brenner.

—Não poderei lhes tirar muito. Inclusive os dias em que sei a ciência certa que lhes dispararam não anotou mais que o caminho percorrido, sem mencionar nenhum perigo.

—E como sabe que lhes dispararam?

—Pelos dados históricos e o que a senhorita Edi me contou —disse Joce—, e cotejando as datas com o país no que estavam nesse momento.

—Tem que investigar mais a fundo —disse Luke—. Alguém em alguma parte tem que saber algo. verificaste os nomes das outras pessoas citadas nas cartas?

Joce tinha tirado uma parte de papel do montão que tinha no escritório para lhe ensinar os nomes que mencionava em seus jornais o doutor Brenner.

—Levavam um guia?

—Não sei —disse Joce—. Acredito que Edi mencionou um guia alguma vez. Charles algo.

—por aí vai bem —disse Luke—. Encontra-o, ou encontra algum familiar dele. Alguém saberá quem som.

O dia seguinte o passou ela no jardim.

Finalmente tinham ido à estufa a comprar as novelo e Luke dizia que mandaria a fatura ao Ramsey.

—Não se preocupe, vai deduzir cada penique de seus impostos porque é um jardim histórico.

—Como vai você? —perguntou Jocelyn.

—A quem?

—A meu prometido, já que você está «pilhado».

—Não por muito tempo —disse Luke, sorridente.

Ela teria querido lhe fazer perguntas sobre o Ingrid e a anulação e sobre um montão de coisas pessoais, mas se agüentou. limitou-se a lhe devolver o sorriso.

—Esta é bonita, vamos agarrar umas quantas —disse.

—São híbridos modernos. O que queremos está aí.

As novelo que gostavam ao Luke pareciam más ervas e logo que tinham flores.

—Cheira isto —disse ele, sustentando uma planta com pelusilla cinza esverdeada sob seu nariz.

—Cheira de maravilha.

—Seus híbridos modernos não cheiram. Solo se podem olhar e quase nenhum é comestível.

—As rosas se podem cheirar e comer —disse Jocelyn, orgulhosa se soubesse.

—Isso me recorda que necessitamos algumas rosas silvestres.

Ela não sabia a que planta se referia, mas estava aprendendo que, se era uma que gostava ao Luke, seguro que tinha mais folhas que flores.

—Rosas silvestres...

—Sim, dão uns bagos grandes em outono com as que se pode fazer geléia.

—OH, estupendo! —murmurou Joce—. Farei geléia. Já estou impaciente.

Agora estavam na reserva, caminhando pelos atalhos que Luke parecia conhecer muito bem. Ela tinha querido levar um mapa das rotas de excursionismo, mas lhe havia dito que as tinha percorrido tantas vezes que podia lhe desenhar o mapa. Levava-a a um sítio que gostava de muito. Ali comeriam e leriam a terceira parte da história do Edi.

Durante os dois dias anteriores, Luke tinha falado freqüentemente pelo móvel, sem lhe dizer quase nunca com quem. Desde que tinham acontecido a tarde em casa de seus avós, parecia decidido a não lhe contar nada mais, por muito que queria lhe tirar informação. Joce se dava conta de que algo o tinha preocupado e queria saber o que.

—Não sei o que é, mas algo me tem mosca —lhe confessou ele—. Há algo em tudo isto que soa a falso, isso é tudo.

—Não entendo a que te refere. Edi se apaixonou por um homem ao que mataram na Segunda guerra mundial. O que tem isso de estranho?

—Não é isso o estranho —disse Luke—, a não ser o que passou muitos anos depois. Alex McDowell dizia que estava em dívida com o Edi por algo e que queria saldar essa dívida.

—Em dívida por que? —perguntou Joce.

—É inútil que tente me tirar este segredo porque o desconheço, e ninguém me quer contar isso. A outra noite tentei de novo que o avô me contasse isso mas não quis. Disse que o único que me faz falta saber é que Alex se considerava em dívida com ela.

—Assim, quando se retirou com solo uma pequena pensão para viver, proporcionou-lhe uma casa em um clima quente e um trabalho para o que era muito competente. Parece que era um homem de honra e pagou sua dívida.

—Mas por que em Boca Camundongo? —perguntou Luke—. por que não em Miami? Ou em Muito bicha? Ou em algum lugar do Arizona?

—por que não no Weeki Wachee para que pudesse ver as sereias cada dia? por que não ia ser em Boca Camundongo? É um lugar fantástico e Alex tinha amigos ali.

—Sim, seus avós. Chamei o Ramsey e disse que nunca tinha ouvido seu avô mencionar a ninguém chamado Scovill, mas tampouco lhe tinha ouvido mencionar à senhorita Edi, assim não foi de nenhuma ajuda.

—Perguntou por mim?

Luke soltou uma risita.

—Acredito que sim. Também mencionou a meu avô. Depois disse que nos perseguiria com uma arma se... Bom, não posso repetir o que disse diante de uma dama.

—Uma vez mais, me trata como a um objeto. Pela forma de atuar da gente se diria que tinha que me casar com o Ramsey para que se cumprisse algum tipo de profecia.

—Talvez solo para reparar o que alguns consideram uma injustiça. Todo mundo pensou sempre que a família mais rica deve unir-se com a linhagem mais antiga.

—Mas eu não estou aparentada com o Edi. Herdei a casa porque não tinha a ninguém mais a quem deixar-lhe —Que preferirías vivir en la calle a hacer eso.

Como Luke não dizia nada, Joce o olhou fixamente.

—Ronda-te alguma idéia, verdade?

—Quero ver as cartas do general Austin a sua esposa.

—Bill Austin está de lua de mel ou possivelmente nem sequer se casou ainda, não sei. O que sei é que não nos deixarão tirar as de onde estão.

Luke se voltou e começou a caminhar de retorno pelo atalho.

—Mas não as tem o neto?

—claro que sim. Ele... —disse Joce lhe olhando—. Não, não as tem. A esposa do general Austin ainda vive, assim que as tem ela. Crie que poderia lhe pedir que nos enviasse isso?

—Não, eu não, mas meu avô sim que poderia. Poderia lhe expor o assunto a sua maneira e conquistá-la para consegui-lo.

—Seria muito interessante ver o que põem —disse Joce—. Possivelmente não haja nada, mas a melhor fala nelas de quando Edi voltou depois de sua relação com o David Clare. Né, isso que ouço é água?

—Sim, uma cascata e um lago, gelado e formoso. —Luke continuou caminhando.

—Conhece muito bem este sítio, verdade?

—Caminhava muito por aqui quando era menino. Acredito que isto foi o que despertou meu interesse pelas novelo. Estava acostumado a passear pelos atalhos com uma guia de flora silvestre na mão, tentando memorizar todos os nomes.

—Como se chama esta? —perguntou-lhe ela, inclinando-se sobre um arbusto de flores vermelhas.

—Uma Penstemon... e não me pergunte por nenhuma mais, não sou um guia turístico.

—Não. É um jardineiro do que me hão dito que não tem por que preocupar-se com o dinheiro. Não obtinha os ganhos de sua esposa modelo, verdade?

—Você o que crie?

—Que preferiria viver na rua a fazer isso.

—Conhece-me um pouco, né?

—Vou conhecendo —disse ela.

—E o que sabe de mim até agora?

O perguntou como se não lhe desse importância, mas Joce notou que enrijecia os ombros.

—Sei que se alguém quer saber algo de ti tem que lhe tirar isso com tenazes. Não te abre facilmente.

—E isso é bom ou mau? —perguntou ele.

—Eu o considero bom —disse ela—, porque estou aprendendo a te dirigir para que me conte seus segredos.

Ele parou de caminhar e se voltou a olhá-la.

—Isso crie?

—Ah, sim! Já sei tudo o que terá que saber de ti, exceto alguns detalhes, como por exemplo por que nunca me deixa entrar em sua casa, por que você e Ramsey são tão competitivos, por que não me disse que estava casado e o que estão tramando você e seu avô em realidade. Além disso, sei tudo.

—E eu sei que é capaz de dar a lata a um homem até um extremo inconcebível para inteirar-se do que quer saber —disse ele.

Jocelyn esteve segura de que o dizia sorrindo.

Quando Luke saiu do caminho, seguiu-o. Chegaram a uma pequena cascata que caía em um riacho que desembocava a sua vez em um lago. Era formoso e plácido e dava a sensação de que ninguém tivesse estado ali jamais. Luke sabia exatamente onde deixar as mochilas: em um pequeno oco detrás de umas rochas.

—estiveste aqui muitas vezes, verdade?

—Um milhão —disse Luke—. Quando era menino vinha aqui para me afastar das expectativas de meu pai e da vigilância constante de minha mãe.

—Veio com o Ingrid?

—Nunca —disse ele.

—Não encontrou calçado de montanha de desenho?

—Não encontrou a ninguém que queria estar a sós com ela em um atalho de um parque natural. —Olhava ao Jocelyn com doçura.

Tornou-se a seus braços e se beijaram. A boca do Luke se posou brandamente na sua, vacilante ao princípio, mas depois com paixão. Por sua forma de abraçá-la e apertá-la contra si, soube que a desejava. Se pelo Jocelyn tivesse sido, fariam o amor naquele formoso lugar, mas ele a apartou.

—Não posso.

—Isso não é o que diz seu corpo —disse ela com a voz rouca.

—Não, quero dizer que não acredito que tenha direito. Este assunto sobre o... do matrimônio. Tenho que solucioná-lo primeiro. E, quanto a nós, quero que nos conheçamos bem, quero...

—Não quer te equivocar de novo —disse Jocelyn. Ele não respondeu, mas ela soube que isso era o que queria dizer.

Uns minutos depois estavam tombados na erva, à borda da água. Luke tirou de sua mochila a seguinte parte da história da senhorita Edi. Seu avô a tinha dado a noite anterior.

—Quer ler você ou o faço eu? —perguntou.

—Lê você —disse Jocelyn, enlaçando os dedos detrás da cabeça e preparando-se para escutar.

Capítulo 19

Inglaterra, 1944

Chovia tanto que era difícil inclusive ver a ponte. Quando o fizeram, ambos contiveram a respiração. O rio, muito crescido, estava a ponto de transbordar uma ponte que não parecia capaz de suportar o peso de uma bicicleta, muito menos o de um pesado carro.

—É arte precolombino —disse Dave, freando e limpando o pára-brisa para olhar à frente.

—Da Alta Idade Média —disse Edi—. Olhe os pilares de pedra que há em ambos os extremos. São...

—Faça o favor de me ajudar. Se for me dar uma classe de história, joga-a do carro.

Ela pensou que era um farol, mas como não estava completamente segura se calou.

David apoiou o braço no respaldo do assento e avançou marcha atrás com o velho carro.

—vou cruzar a ponte à carreira, pode que o cruzemos ou que derrapemos e caíamos por um lado, provavelmente derrubando. Está preparada?

Edi se abraçou e assentiu.

—Ou, pensando-o melhor... por que não se baixa e me espera?

—Se alguém mais puser em dúvida meu valor, tirarei um dos fuzis que levamos atrás e lhe dispararei.

David lhe piscou os olhos o olho.

—Os fuzis que levamos atrás... —sussurrou—. Conduzo um antigo tanque. Arrumado a que este traste foi usado no Sarajevo.

Apesar da situação, Edi sorriu levemente. A Primeira guerra mundial tinha estalado em 1914, quando o arquiduque Francisco Fernando da Austria e sua

esposa foram assassinados no Sarajevo. Parecia que, apesar de sua aparente estupidez, o sargento Clare sabia um pouco de história.

Jocelyn conteve o fôlego enquanto ele subia até o topo de uma pequena colina. Apertou o acelerador, colocou a primeira, levantou a embreagem sem soltar o freio e a seguir se lançaram para a velha ponte dentro de uma nuvem de barro e água. Edi não via nada. O pára-brisa ficou talher em poucos segundos e o limpador de pára-brisas se negava a tentar apartar o barro.

Soube que tinham alcançado a ponte quando ouviu os baixos do carro golpear a madeira. Era um som apagado que, de um modo absurdo, recordou-lhe o conto As três cabras macho Gruff.⁵

Quando pisaram de novo a estrada, deixando a ponte atrás, ambos soltaram um grito de triunfo.

E então viram a vaca. A chuva tinha limpo o barro do pára-brisa o bastante para que pudessem ver algo. Cruzando perezosamente a estrada, como se tivesse todo o tempo do mundo, havia uma enorme vaga branca e negra.

—Sujeite-se! —gritou David, tentando esquivá-la com uma manobra arriscada. Até esse momento lhe tinha dado igual amolgar aquele traste, mas se se estrelavam contra uma vaca desse tamanho podiam sair feridos.

O carro golpeou o sebo do bordo da estrada e girou sobre si mesmo duas vezes antes de ficar encarado para a ponte. David lutava com o grande volante, mas a férula lhe impedia de mover o joelho. Quando o girava, tinha que inclinar-se para o Edi, lutando por manter a embreagem pisada para tentar frear o carro. Finalmente, a embreagem, o freio e o barro juntos foram muito tanto para ele como para o velho carro, que deu uma volta de sino. Edi caiu de cabeça e o veículo patinou sobre o teto e caiu ao rio, debaixo da ponte que acabavam de cruzar com êxito.

Ambos ficaram aturdidos, incapazes de assimilar o que acabava de passar. David tinha sangue em um lado da cabeça e Edi o braço direito ferido.

—Tem que sair —lhe disse ele.

Ela estava no teto do carro derrubado, mas David seguia ao volante, cabeça abaixo. Jocelyn seguiu seu olhar e viu que a água estava subindo a seu redor. Quão único a continha eram os guichês do carro, que estavam subidas... mas isso não duraria muito.

—Sim —acertou a dizer. Estava atordoada e não sabia muito bem o que acontecia—. Abrirei o guichê e sairemos nadando. —Estava satisfeita de ser capaz de dar-se conta do que terei que fazer.

—Sabe nadar? —perguntou-lhe ele.

—Sim, bastante bem —respondeu. Já pensava com mais clareza—. E você?

—Era da equipe de natação do instituto —disse ele, e lhe dedicou a sorrisita que ela já tinha visto várias vezes.

—Bem, então. Preparado? Temos que sair assim que eu baixe o guichê.

—Ouça Harcourt —lhe disse ele docemente—. Me pode fazer um favor? Dará-me um beijo antes de ir-se?

—Um beijo? Parece-lhe com você que este é momento para...? —calou-se de repente quando se deu conta do que ele havia dito: quando «ela» se fora; não ele, solo ela—. O que lhe ocorre?

—É esta ditosa férula. Má sorte. É de aço e se entupiu, não posso sair.

Edi olhou a água que os rodeava e a chuva que seguia caindo com força. Em poucos minutos estariam completamente inundados, a pressão arrebentaria os guichês e se afogariam.

Custou-lhe dar a volta para ficar de barriga para cima e chegar às pernas do Luke, mas o fez. Tinha o pé entupido sob os pedais esmagados do carro, e havia outra peça de metal enganchada em sua pantorrilha.

—Mova a perna, dobro o joelho e tire-a. Tem-na rota?

—Não, mas levo uma férula de aço. Tem você que ir-se, não há tempo que perder. Tem que...

—Cale—lhe ordenou ela—. Como posso lhe tirar este traste?

—Não pode, não tem força suficiente. Tenho a perna sujeita com aço Y...

—Por uma vez em sua vida, deixe de falar! —gritou-lhe—. Como o Quito a férula?

—No bolso levo uma chave Allen. É...

—Já sei o que é uma chave Allen... —Pela primeira vez se deu conta de que ao Luke sangrava o braço direito e não podia metê-la mão no bolso. Lhe colocou em cima e tratou de encontrar a chave. No fundo do bolso encontrou a pequena ferramenta.

Acabava de agarrá-la quando o guichê traseiro arrebentou e o carro começou a encher-se de água.

—Há três parafusos na dobradiça do joelho —disse David—. Deveria ir-se. Deme a chave e saia daqui.

Como o carro estava de barriga para baixo, o último espaço que ia se encher era aquele onde tinha o pé apanhado David, cuja cabeça entretanto estava ao mesmo nível teto. Inclusive se conseguia liberá-lo, afogaria-se antes de poder sair do carro.

Edi, semiarrodillada no teto para alcançar a perna da calça da calça do David, o arregaçou e tentou encontrar os parafusos da dobradiça para afrouxá-los. Encontrou um, girou-o e cedeu. A água lhe lambia as pernas.

Olhou para baixo e a cabeça do David estava quase inundada. Ele se inclinava quanto podia, mas não podia mover-se muito por culpa do enorme volante que tinha diante.

Edi respirou profundamente, meteu-se debaixo da água, olhou ao David e se tocou os lábios. Ele demorou um momento em dar-se conta do que tentava fazer. Insuflou-lhe ar na boca e voltou a subir para a férula.

Afrouxou o segundo parafuso, voltou a enchê-los pulmões e baixou a dar ire ao David.

O terceiro parafuso resistia e acreditou que não poderia afrouxá-lo. Já ficavam escassos centímetros de ar no carro. inundou-se novamente para dar mais oxigênio ao Luke e este a insistiu por gestos a que saísse do veículo. Ela negou com a cabeça sem perder um momento.

Teve que apoiar a cabeça no teto, tomar ar e logo baixar para afrouxar o último parafuso. Quando a dobradiça cedeu, empurrou a perna do Luke e esta se moveu. Estava livre.

Edi desceu para a cara do David para lhe dizer que a ajudasse a tirá-lo, mas tinha os olhos fechados e estava sem sentido. impulsionou-se com as pernas para alcançar o teto e respirar, mas o carro estava cheio de água, não ficava ar.

Os pulmões lhe doíam. Alcançou por cima do David a manivela do guichê e a girou. Custava-lhe movê-la. Notava o esgotamento em seus braços e como ia a cabeça. Mas a baixou o que lhe pareceu suficiente para tirá-lo.

Como flutuava na água, pôde empurrá-lo para o guichê até que a corrente do rio o arrastou. Edi esteve a ponto de deixar-se levar pelo pânico quando o corpo do David desapareceu, mas a corrente também a arrastou a ela também para cima.

Quando chegou à superfície respirou profundamente e a água voltou a tragar-lhe A seguinte vez que ascendeu, procurou o David e o viu enredado nas raízes de uma árvore, a escassos metros dela. Tinha os olhos fechados, mas pelo menos sua cabeça estava fora da água.

Tentou nadar para ele, mas a corrente a empurrava em direção oposta.

—Agarre-se a isso! —ouviu que lhe dizia uma voz. voltou-se e viu uma viga metálica a poucos centímetros de sua cabeça, sujeita a algo, embora não via que nem tampouco quem lhe falava. Fizeram-lhe falta três intentos para agarrar-se à viga com ambas as mãos.

—Lhe ajude a ele! —gritou-lhe à pessoa invisível que a tinha salvado—. Ali!

Edi se apoiou na barra metálica com ambos os braços, passou-se a mão pela cara para apartar a água dos olhos e viu alguém com um casaco verde na borda. Por sua postura, com as costas encurvada, parecia um velho, mas fez uma demonstração de força arrastando ao David pelo pescoço da camisa e pescando-o como a um grande peixe.

Edi lutava com o cabelo e a chuva para ver o que acontecia, mas não se atrevia a soltar-se da viga. voltou-se para a esquerda e viu que formava parte da

ponte; possivelmente a usavam as barcas para cruzar o rio. Devagar, começou a bracejar para impulsionar-se e tentar alcançar o extremo da ponte e a terra firme.

Enquanto avançava se perguntava o que estaria fazendo o homem com o sargento Clare. Acreditaria o ancião que estava morto e não faria nada para salvá-lo? Se conseguia chegar a seu lado poderia usar com ele algumas técnicas modernas de salvamento e talvez lhe tirar a água dos pulmões para que não morrera.

—Vamos! —gritou um homem—. Outro pequeno esforço e estará em casa.

A dor nos braços a estava matando, tremia de frio e cansaço, mas olhou para cima e viu o sargento Clare ali de pé. A chuva era tão intensa e a névoa tão espessa que pensou que talvez estava vendo um fantasma. Tinha morrido e seu espírito retornava para ajudá-la a cruzar o enfurecido rio?

—Vamos Harcourt! —gritou ele—. Pode consegui-lo! Atiraria-me a salvá-la mas estou muito ferido. Terá que fazer algo por você mesma esta vez. Não pode depender sempre de mim para salvá-la!

—Você? —acertou ela a dizer—. Que você...! —Possuiu-a tal fúria que começou a agitar as largas pernas com mais força. Mas apesar da raiva e da renovada energia se estava rendendo. Em lugar de aproximar-se, a ponte parecia afastar-se.

Piscou para limpá-los olhos, mas lhe nublava a vista.

A seguir sentiu um forte braço que a rodeava.

—Já a tenho —lhe disseram ao ouvido—. Está a salvo, solte isso e venha comigo.

Ela obedeceu. Separou os braços do metal, rodeou-lhe o pescoço e apoiou a cabeça contra ele. Sentiu como a arrastava fora da água e logo outro par de mãos sobre ela.

—Está morta? —ouviu perguntar a um homem.

—Não —disse o sargento Clare. Levava-a em braços, arrastando a perna por culpa da fêrula que ainda levava sujeita. Lhe tinha afrouxado a dobradiça do joelho, mas não a tinha tirado.

—Como tem o braço? —acertou a sussurrar ao recordar que lhe tinha estado sangrando.

—Não sei se me dói mais o braço ou a perna. O dilema me impede de me deprimir.

—Bem —disse ela, acurrucándose contra ele. Fechou os olhos e dormiu.

Quando despertou, Edi estava em uma cama, sobre um fofo colchão, e entrava o sol pela janela. Doía-lhe a cabeça e tinha o braço dolorido, mas não se encontrava muito mal. Olhou a seu redor. A habitação era pequena, com papel pintado de flores e duas camas. A outra cama estava sem desfazer, coberta com um velho edredom e grossas almofadas. Havia um velho armário grande encostado a

uma parede e um penteadeira na oposta. Na de em frente se abria uma janela com cortinas de encaixe.

Quando tentou sentarse enjoou um pouco, mas em seguida lhe passou. Ouviu que chamavam brandamente à porta e depois entrou o sargento Clare com uma bandeja na mão esquerda. Levava o braço direito em tipóia.

—Está acordada —lhe disse, sorrindo, e teve que fazer um esforço para que a bandeja não lhe caísse.

—Me deixe... —disse Edi, com intenção de levantar-se da cama. Então se precaveu de que solo levava posta a combinação de raíom cor pêssago e voltou a tampar-se rapidamente—. Onde está minha roupa?

—Na cozinha, seca e esperando-a —disse David, deixando a bandeja ao pé da cama. Depois se ergueu e flexionou o braço—. Pode deixar de me olhar como se estivesse a ponto de atacá-la. É muito tarde para o recato.

Edi seguia com os lençóis até o pescoço.

—O que quer dizer com isso?

Ele se sentou na outra cama, tomou uma torrada e começou a comer-lhe Edi grunó.

—Se não querer a comida, levarei-me isso.

—Necessito algo que me pôr —disse ela.

David se levantou a contra gosto, foi ao armário e tirou uma camisa de homem. Era enorme e estava muito velha, mas Edi a agarrou e colocou os braços nas mangas. Quando esteve tampada, inclinou-se para a bandeja e se serve uma taça de chá.

—Me conte o que aconteceu —disse—. Onde estamos? Quando podemos ir daqui a procurar a revista?

—Que resposta quer que lhe dê primeiro?

—Todas —disse ela.

—Tivemos o acidente ontem e agora estamos em casa do Hamish Trumbull.

Edi ficou com uma parte de torrada na boca, sem mastigar.

—Pelo visto a senhora Pettigrew estava tão segura de que não conseguiríamos cruzar a ponte que chamou um vizinho para que dissesse ao Hamish que baixasse ao rio a nos salvar.

—Mas se você cruzou o rio —disse Edi, ofendida—. Se não tivesse sido por essa vaca...

—Que, por certo, é do Hamish.

—Se não tivesse sido por sua vaca o teríamos conseguido.

—Obrigado —disse David—. Isso mesmo disse ao Hamish mas não me acreditou. Diz que nos passamos a ponte e caímos ao rio cabeça abaixo. Diz que sou o pior condutor que viu nunca.

—Teria que ter atropelado sua vaca —disse Edi com a boca enche.

—O mesmo penso eu. me deixe que lhe sirva o chá. —David usou o braço esquerdo e a mão direita para dirigir a bule, com a perna rígida.

—E o que passa com a revista? —perguntou Edi.

—Aggie, a neta, tem-na, e ninguém sabe onde está.

Edi grunhiu.

—Que idade tem que anda por aí sem supervisão?

—Tem dezesseis anos e a vai carregar. Disse-lhe à senhora Pettigrew que se ia a casa do avô e ao avô que tinha que trabalhar. Quando aparecer se pode preparar.

—E quanto tempo teremos que esperar a que volte de onde seja que esteja?

—«Teremos» —repetiu David levantando-se da cama e indo para a janela—. Sabe?, Hamish é um pouco antiquado e tive que lhe dizer algumas mentirijillas sobre nós.

Como não disse mais e seguia olhando pela janela, Edi começou a atar cabos.

—Há-lhe dito que estamos casados, não é assim?

—Era isso ou ter que dormir no celeiro. Sinto muito, mas entre um colchão fofo e a palha...

Ela se lembrou de como a tinha tirado da água no dia anterior e não lhe pareceu justo que não dormisse em uma cama.

—De acordo, então estamos casados. Y...?

David se voltou para ela com chispitas nos olhos.

—Nem o sonhe, soldado.

—que não chora... —David cruzou a habitação arrastando a perna e se sentou na outra cama—. Parece que Aggie a Desaparecida estará de volta depois de amanhã. Esperemos que se presente com a revista.

—Não há dito ao Hamish...?

—Não lhe hei dito nada a esse ancião. A senhora Pettigrew inventou uma mentira sobre a revista, que assegura que é uma espécie de veículo de espionagem e que o resultado da guerra depende de que a recuperemos. Ela... por que me olhe assim? me diga por favor que isso não é certo.

—Não sei —murmurou ela, e se terminou a torrada.

—Quero que me conte até a última palavra do que sabe, e nem lhe ocorra não me contar isso absolutamente tudo.

Ela demorou uns quatro minutos em lhe contar o que sabia, que não era muito.

—Assim tem que lhe entregar a revista a esse homem...

—Ao doutor Sebastian Jellicoe.

—E logo temos que levá-lo a Londres para que possam enviar o de volta à segurança de Minnesota... ou de algum outro lugar dos Estados Unidos. Correto? —perguntou David.

—Isso é o que me disseram.

—Mas o mapa para chegar ao lugar onde vive está no carro que agora mesmo se encontra no fundo de um rio transbordado.

Edi se apoiou no cabecero.

—Memorizei o mapa.

—Fez o que?

—Enquanto você conduzia o carro, queixando de que ninguém queria falar com você, eu ia atrás memorizando o mapa. Queria encontrar as marcas na revista e as memorizar também, mas não encontrei nada.

—Me queixando? —disse David, recalcando a palavra—. Se você tivesse estado sofrendo tanto como eu, também se tivesse queixado.

—O que lhe passou na perna? —perguntou-lhe Edi, recordando como se inundou sob a água para afrouxar os parafusos e como o tinha beijado para lhe dar ire.

Por um momento seus olhares se encontraram e ele parecia estar pensando no mesmo, mas logo subiu a perna da calça da calça.

—Seu general, esse Satã para o que trabalha, decidiu que um homem ileso viajando pela Inglaterra levantaria muitas suspeitas, assim que me deixou inválido.

Edi olhou a parte central da fêrula e a dobradiça que conhecia tão bem e, sem poder evitá-lo, pôs-se a rir.

—Não lhe vejo a graça —disse David—. Tenho ampolas em toda a perna onde me roça Y... Quer parar de rir?

—Acredito que o fez para me proteger —disse Edi, renda-se ainda—. É como um velho sultão. Considera-nos, as mulheres que trabalhamos para ele, seu harém.

David deixou a um lado seu aborrecimento.

—Sim, tem às mulheres mais formosas.

—A metade são idiotas —disse Edi—. Contratei a uma que escrevia cem palavras por minuto sem enganos, mas o velho Bulldog a jogou porque era feia. Disse que não sobreviveria às bombas e às mulheres feias.

David soltou uma gargalhada.

—Não será uma que trabalha para o coronel Osborne, verdade?

Edi assentiu.

—Pode tirar mais trabalho que três das garotas de Austin.

—Exceto você.

—Exceto eu— conveyo Edi—. Mas me atraso tentando me ocupar de todas elas. Um dia quase me caiu em cima um telhado porque alguém voltou correndo a procurar o pintalábios. Disse-lhe que a pólvora era a melhor sombra de olhos que havia e que teria para dar e tomar se não se apressava. E sabe o que? Tomou com convicção!

—Não o diz a sério.

—Muito a sério. Conhece o Lenny...?

—Varrer? —David abriu uns olhos como pratos—. O vi tirando pólvora de alguns projéteis. Não seria para...?

—Era-o.

Rendo, David se deslocou para trás na cama e apoiou a perna em cima.

—Vale. Assim que quão único podemos fazer é esperar a que Aggie apareça e confiar em que tenha a revista. Enquanto isso, acredito que Hamish quer nos ter ocupados.

—E isso o que significa?

—Esta manhã me teve no celeiro... —Apartou a cara e ao Edi pareceu que se ruborizou.

—No celeiro, fazendo o que?

—Recorda a vaca?

—Irei à tumba recordando a essa vaca —disse Edi—. O que passa com ela?

—É toda uma fêmea.

—OH —disse Edi sorrindo—. Lhe teve ordenhando.

—E tirando o esterco com um forquilha.

Ela o olhou.

—Como pôde, com um braço em tipóia e a perna assim? Pode movê-la?

—Não. Acredito que a dobradiça se oxidou.

—Teremos que tirar a disse Edi—. Ao melhor este homem tem uma chave Allen.

—Não —disse David com tristeza—. Nenhuma chave Allen encaixa, nada encaixa. Estava no celeiro às quatro da manhã porque parece ser que é quando as vacas necessitam que as ordenhem e terá que limpar o chão aos cavalos. provei com todas as ferramentas que tem o velho, e nenhuma serviu. Os parafusos estão colocados profundamente no aço e oxidados. Nada pode com eles. Não teria você por acaso...? Sabe...?

—Se souber o que.

—Sabe se guardou a pequena chave Allen depois de...

—Salvar sua vida? Não —disse Edi—. Não me ocorreu guardá-la. Suponho que estava muito ocupada com a janela e a água e todo isso.

—Supunha-o, mas tinha que perguntar-lhe —A menos que sepa ordeñar uma vaca y limpiar establos, creo que no hay nada que pueda hacer.

Do exterior da habitação chegou uma potente voz:

—Clare! Está você aí?

David pôs os olhos em branco.

—Acredito que prefiro voltar para frente e não tratar com este velho. Austin é um céu comparado com ele.

—Levantarei-me e verei o que posso fazer para ajudar —disse Edi.

—É melhor que lhe advirta que acredito que espera que você cozinhe.

Edi ficou pálida e se tampou de novo.

—Não sei cozinhar.

—Não sabe cozinhar?

—Não me venha com essas! —disse ela bruscamente—. Me criei em uma casa com cozinheira, não sei preparar nada. Serviam-me a comida em bandeja, não sei nem preparar um chá.

—De verdade? —disse David, com um sorriso cada vez mais radiante.

—O que lhe resulta tão divertido, sargento Clare?

—Que eu sim que sei cozinhar.

—Sabe cozinhar? —disse ela, assombrada.

—E agora quem cai nos estereótipos? Minha mãe é italiana. Eu sei cozinhar. Olhe, por que não lhe dizemos que você está ferida e tem que ficar em cama assim que eu cozinharei?

—E quem ordenhará a vaca?

—Esqueça-o! Hamish o fará; faz-o quando não estamos nós.

—Assim serei uma pobre e débil mulher que logo que pode se ter em pé, é assim? Tenho que ficar na cama sem fazer nada?

—A menos que saiba ordenhar uma vaca e limpar estábulos, acredito que não há nada que possa fazer.

—Pois resulta que cresci montando a cavalo.

—É obvio —disse David—. A cozinha é pouco para você mas é empregada de quadras.

—Certamente, é você o homem mais insuportável que conheci em minha vida —disse Edi.

Ele se levantou e a olhou indo para a porta.

—E você, senhorita Edilean Harcourt, é a mulher mais formosa, inteligente, resolvida e valente que conheci jamais. E, por certo, quero me casar com você. —Saiu da habitação deixando ao Edi com a boca aberta.

—É você uma calamidade, sabia? —disse David, examinando as ampolas das Palmas do Edi—. Como lhe ocorreu fazer todo esse trabalho?

—Não sei —disse ela encolhendo-se de ombros—. Me sentava bem fazê-lo. Estou tão cansada de estar encerrada ouvindo as máquinas de escrever todo o dia! Eu gosto de estar ao ar livre.

Estavam na cozinha da casa do Hamish Trumbull e havia uma diferença como da noite ao dia entre o aspecto que tinha e o que tinha tido pela manhã. Apesar de queixar-se de que Edi tinha trabalhado muito, David se tinha passado o dia limpando a cozinha, esfregando todos os armários por dentro e todos os cacharros. Tinha cheio a cesta de lenha e mantido acesa a velha estufa todo o dia enquanto cozinhava. A habitação estava esquentada e cheirava estupendamente.

—Não é que você tenha estado sentado precisamente —disse ela, com uma careta de dor enquanto lhe examinava as mãos.

—Não, mas tive ajuda —disse ele muito sério, e o absurdo da situação os fez estalar em gargalhadas.

—Onde está ele? —perguntou Edi, refiriéndose ao Hamish, quando se acalmaram.

—Deixei-o rendido batendo manteiga —disse David, tomando um pouco e estendendo-a sobre suas ampolas.

—Manteiga? Sabe você fazer manteiga?

—É obvio. Como acredita que se faz?

—Bombeando a cauda da vaca acima e abaixo —disse ela.

David se Rio.

—Vale, não sou granjeiro, mas sei o que terá que fazer uma vez que os ingredientes estão na cozinha. Prove isto. —Colocou uma colher de madeira em uma caçarola que estava fervendo sobre um fogão e a aproximou dos lábios ao Edi. Quando ela foi agarrar a, apartou-a.

—Delicioso —disse ela—. Nunca tinha provado nada igual. O que é?

—Molho Alfredo para a massa.

—Para ao que?

—Os espagete —disse ele—. Vocês os americanos chamam a toda a massa espagete. Lista para comer?

Ela se levantou devagar. Essa manhã tinha registrado o armário da habitação que compartilhavam e tinha encontrado umas calças de homem que quase foram bem. Foram bem de comprimento mas eram tão largos de cintura que teve que fazer um buraco mais em um velho cinturão para que não lhe caíssem. Ela e David se riram um momento de levar ambas as calças muito grandes.

Edi tinha passado o dia fora e David dentro. Os dois se deram conta em seguida do péssimo estado em que se encontrava a granja. Com todos os homens jovens e fortes no fronte, a maioria das granjas estavam descuidadas, mas aquela o estava mais do habitual.

Aquela manhã Edi tinha visto o Hamish pela primeira vez, e em lugar do velho resmungão que David lhe havia descrito, encontrou-o triste.

—Não lhe pergunte nada —lhe tinha sussurrado ao David—. Não poderei suportar a resposta. —Havia tanta gente com histórias espantosas a respeito da perda de seus seres queridos que Edi já não queria ouvir nenhuma mais.

—De acordo —disse David.

Edi encontrou o velho abrigo que caía a pedaços e servia como galinheiro e agarrou alguns ovos. depois de tomar o café da manhã, começou a limpar o exterior. Como dizia David, quando era menina não tinha pisado na cozinha mas gostava dos estábulos e todo aquilo que tinha feito ao Edilean Manor virtualmente auto-suficiente.

Quando entrou na casa para comer, a cozinha estava reluzente e David acabava de tirar o pão do forno. Sorriu agradecida de que tivesse feito todo aquilo com um braço em tipóia e a perna rígida.

depois de comer a empreendeu com o galinheiro. Um dos postes da cerca que rodeava o jardim se cansado arrastando consigo parte da cancela. Se alguma raposa queria entrar, nada o impediria. O vento soprava e Edi queria levantar o poste antes de que começasse a chover de novo.

Estava cavando o buraco e tratando de agüentar o poste quando chegou David correndo a sua estranha maneira e se apoderou dele e o sujeitou enquanto ela o cravava. Logo, juntos, puseram pedras ao redor para fixá-lo.

—Tenho que voltar —disse ele, levantando a voz por cima do vento, que era cada vez mais forte—. Não fique muito tempo aqui fora.

—Não o farei —lhe respondeu ela. Entretanto uma vez que teve entrado, agarrou uma forquilha e começou a limpar o galinheiro. Por seu aspecto, não o tinham limpo em um par de anos. Aquilo não era bom para as galinhas nem para a gente que as comia.

Não se deu conta de que tinha as mãos ulceradas até que teve terminado. Tinha amontoado o esterco fora do galinheiro e miserável duas balas de palha fresca do celeiro até ali. Procurou umas luvas no celeiro mas não encontrou, assim continuou trabalhando com as mãos nuas. Quando o sol começou a baixar, tinha avançado muito no celeiro, tanto reparando como limpando esterco.

Não era consciente de quão cansada estava até que entrou na casa e se sentou. David lhe lançou um olhar e foi ocupar se dela. Abriu-lhe as mãos, as lavou e depois as lubrificou com manteiga para lhe aliviar a dor das ampolas.

—Né, não... Não durma —ordenou quando ela quase ficou dormida na cadeira—. Antes tem que comer.

—Parece minha mãe.

—Me tomarei como um completo. —David lhe pôs diante um enorme prato de massa caseira com molho de nata—. Quero que o coma tudo e que se beba o leite. Precisa repor forças.

—Sim, senhor. —Estava tão cansada que nem sequer podia manter-se erguida na cadeira. Fez-lhe graça pensar no que sua mãe diria se visse sua filha nesse momento.

—Que tal se compartilhar o motivo desse sorriso? —sugeriu-lhe David enquanto se servia um prato.

—Estava pensando em minha família.

—Me fale disso. Granjeiros ricos, equivoco-me?

—Eram-no. Mas a riqueza se esfumou. Possuíamos um povo inteiro, mas...

—Mas o que?

—Não importa, parece que fizesse um século. Isto está realmente bom. pensou alguma vez em abrir um restaurante?

—E você pensou em visitar Nova Iorque? Há um restaurante italiano em cada esquina.

—Acredita que se encontra bem? —sussurrou Edí, fazendo um gesto com a cabeça para a porta fechada do dormitório do Hamish.

—Pelos roncos, acredito que esteve dormindo todo o dia. Ou pode que alguém tenha estado lançando amadurecidas dentro dessa habitação.

—É você muito mau —disse Edí sonriendo—. O pobre homem está esgotado. Não esqueça que nos salvou a vida a ambos.

—Já! —disse David—. Sabe como me reanimou?

—Vi-o tirá-lo da água e me lembro que tinha a esperança de que não tivesse morrido.

—Deu-me um pisão no estômago.

—O que?

—Assim —disse David, e golpeou o chão com sua perna boa—. Pom! Quase me afoguei porque comecei a vomitar água e a comida da senhora Pettigrew.

Edí tentava não rir, mas não o podia evitar.

—E nos perguntávamos por que Aggie não quer estar em casa...

—Se vivesse com ele, alistaria-me no Exército... embora fora uma garota de dezesseis anos.

—Vamos, não é tão mau.

—Não se aconteceu o dia aqui dentro com ele. Deveria lhe haver ouvido queixar-se da forma como trabalhava você no abrigo das galinhas.

—No galinheiro.

—Como?

—Não importa. O que dizia de mim?

David negou com a cabeça, incrédulo.

—Disse... —Baixou a voz—. Há dito que se tivesse uma esposa com umas pernas como as suas não estaria em casa esfregando o chão... ao menos não com uma faxineira.

—Não há dito isso.

—Juro-o —disse David com a mão sobre o coração—. Pretendia sair a ajudá-la, mas o tirei que a cabeça.

—E como?

—Ensinei-lhe o punho olhando-o a sua descarnada e velha cara.

Edi se partia, tampando-a boca para amortecer as gargalhadas.

—Então quem é pior, você ou ele?

—Espero que eu, mas ele teve mais anos para aprender.

Quando David viu que ao Edi os olhos lhe fechavam, agarrou-a das mãos e a levantou. Estiveram um instante muito perto um do outro. A atitude relaxada desapareceu de repente; ambos estavam em guarda.

—Tenho água quente para você —disse David voltando-se para a pia, rompendo a tensão—. Lave-se até onde possa, ou dispa-se e eu lhe sustentarei uma toalha.

Edi Rio de novo, a tensão tinha desaparecido.

—Não obrigado, acredito que solo me lavarei a cara e as mãos e deixarei o resto para quando tiver uma banheira. Estou muito cansada para me preocupar de quão suja estou.

—Eu gosto das mulheres com sabor a terra.

—Acredito, David Clare, que lhe gostam de todas mulheres.

—Isso crie? Pois nisso se equivoca por completo. De acordo, você lave-se e eu revisarei o varal. Não tenha pressa.

Edi não demorou muito em lavar-se. Dizia a verdade quando afirmava que não lhe importava ir suja. deu-se um pouco de água em cara, pescoço e axilas, foi ao dormitório e fechou a porta.

Quando se despia, olhou as duas camas. Era extraordinário o que dez horas de duro trabalho físico podiam lhe fazer a uma pessoa. Se fazia dois dias lhe houvessem dito que tinha que passar a noite na mesma habitação que um soldado, haveria dito que preferia dormir em uma pedra sob a chuva. Mas naquele momento lhe parecia natural que David, não o sargento Clare a não ser «David», dormisse na mesma habitação.

Na cadeira, ao pé da cama, havia uma camisola limpa. Edi soube que David o tinha posto aí para ela. Certamente era do Aggie. Estava tão limpo e Edi tão suja que esteve a ponto de não ficar o embora acabou por fazê-lo. Retirou os lençóis e as mantas da cama mais próxima à porta e ficou dormida em um instante.

Quando despertou, a habitação estava às escuras e algo tinha sacudido a cama. Ao princípio lhe entrou o pânico. Tinha que ir ao refúgio anti-aéreo! Devia encontrar às garotas e as levar ali!

—Tranqüila —lhe disse David—. Sou eu, volte a dormir.

Ela se apoiou nos cotovelos, tentando ver na escuridão.

—Acenda a luz.

—Não há luz. Recorda? Não há eletricidade.

—OH, vale...! —deitou-se de novo—. A granja do Hamish.

—Isso é —disse ele com doçura—. Volte a dormir.

Isso fez, mas se desvelou novamente porque algo voltou a golpear a cama. sentou-se.

—Perdão —se desculpou David—. É esta maldita férula e que as camas estão muito juntas. Quando conseguir me dar a volta deixarei de golpear sua cama. Agora volte a dormir.

Esta vez ela estava completamente acordada.

—Poderia trazer um quinquê?

—Para que?

—Quero ver sua perna.

Houve um momento de silêncio até que David falou.

—Que tentador. A perna está bem.

—Acredito que amanhã eu cozinharei e você ordenhará a vaca e recolherá os ovos.

—Você ganha.

Um momento mais tarde voltava para a habitação com um quinquê. Ia sem camisa e sem sapatos; solo levava aquelas calças que lhe vinham grandes.

Deixou o quinquê no chão, entre as duas camas.

—E agora o que? —disse.

—Tire-lhe lhe ordenou Edi. levantou-se da cama, foi ao armário e tirou a velha camisa que se pôs pela manhã em cima da roupa interior. A julgar pela talha, Aggie era mais baixa e estava mais cheia que Edi, com o que a camisola ficava excessivamente curto e os suspensórios lhe caíam quando se movia.

—Eu gosto desta camisola —comentou David, desabotoando-os calças.

—Cale-se ou contarei ao Hamish a verdade sobre nós e terá que dormir no chão da cozinha.

—Está-me ameaçando com um castigo tão severo se não me Quito as calças estando sozinha em uma habitação com a mulher mais formosa do mundo? A mulher com a que tenho intenção de...

—Pare —disse ela, mas sorria.

Como David lutava para baixá-los calças por cima da pesada férula, ela os agarrou pelos baixos e atirou deles. Ele tentou brincar, mas ela estava muito

horrorizada pelo que via para sorrir. O aço lhe tinha aberto feridas na perna. As velhas almofadinhas se cansado quase todas; as correias que sujeitavam o artefato se deslocaram até converter sua perna em uma massa de ampolas e úlceras sangrantes.

—Amo ao general Austin —disse David.

—Mo ouvirá por ter feito isto, pode estar seguro —disse ela, com a boca apertada em um gesto de raiva—. Fique aqui, vou ver o que posso fazer para lhe limpar isto.

—Sou todo dele, neném —disse ele. apoiou-se nos almofadões e ficou dormido imediatamente.

Quando despertou, Edi estava sentada em uma cadeira da cozinha, com uma bacia de água quente na mesinha de noite, tentando lhe lavar as feridas e enfaixar-lhe —No está mal, pero he oído cosas peores.

—Isto dói, verdade? —perguntou-lhe com doçura.

—Não muito.

Edi sabia que mentia. E ela que acreditava que tinha as mãos mau! Não podia imaginar sequer pelo que tinha passado ele esse dia com aqueles bordos afiados cravando-se o na carne.

Foi ao armário, tirou outra camisa velha e a cortou em tiras.

—As ampolas e esses cortes se pegaram ao aço, assim que isto lhe vai doer, mas vou envolver o metal com estas tiras para que não se o chave tanto. Acredita que poderá agüentá-lo?

—Farei o possível.

Edi começou e, ao ver como apertava a mandíbula, compreendeu o muito que lhe doía e quis lhe distrair.

—Me conte algo de sua família. Tem algum irmão ou irmã?

—Tenho oito. Eu sou o segundo, mas... —Inspirou para lutar contra a dor—. Bannerman, que tem um ano mais que eu, cuida-nos de todos. É o melhor, ele... —David se interrompeu quando o aço se levou uma tira de pele.

Edi pensou que seria melhor que falasse ela.

—Meu irmão Bertrand é a pessoa mais preguiçosa do mundo —disse.

—Ah, sim? até que ponto?

—Quando tinha três anos e viu seus presentes sob a árvore de Natal, disse: «Quem me vai abrir isso?»

David soltou uma gargalhada.

—ouvi coisas piores.

—Quando tinha seis anos, meu pai lhe comprou uma bicicleta e o tirou para lhe ensinar a montar.

—E?

—Bertrand o fazia muito bem. Meu pai correu detrás dele, agüentando-o, e meu irmão mantinha perfeitamente o equilíbrio. Mas quando o soltou, a bicicleta se parou. Bertrand perguntou por que. Quando meu pai lhe disse que tinha que pedalar, deixou a bicicleta atirada na rua e nunca mais voltou a montar.

David fez uma careta de dor quando lhe limpou um dos cortes, mas não estava tão tenso.

—Não está mau, mas ouvi coisas piores.

—Quando tinha doze anos, meus pais nos levaram a um restaurante. Era a primeira vez que íamos a um e meu pai pediu bifes para nós. Quando trouxeram o de meu irmão, olhou-o e perguntou como ia comer se o Meu pai lhe ensinou a cortar o bife e logo a mastigá-lo. Meu irmão chamou o garçom e lhe pediu um prato de purê de batatas.

—De acordo —disse Isso David está melhor, mas ouvi coisas um pouco piores.

—Quando tinha dezesseis anos, minha mãe o arrumou para que seu amado filho fora a um baile com uma garota muito bonita. Tinha que recolhê-la a seis da tarde. Às seis e meia Bertrand estava sentado na sala de estar e meu pai lhe perguntou por que não tinha ido a sua entrevista. Meu irmão disse:

—Porque ela ainda não me veio a recolher.

David se Rio.

—Todo isso é mentira, a que sim?

—É a pura verdade.

—E como sobrevive? O que faz? Como conseguiu passar na escola?

—Meu irmão é um jovem brilhante. Na escola alguém lhe dizia de que livro falavam e aos cinco minutos podia debater amplamente sobre ele. Gosta de estar sentado e falar. —Escorreu uma tira de tecido—. E mexericar. Conhece todo o povo e todos lhe contam seus segredos.

—Suponho que não foi à guerra.

—Não apto, pés planos. —Quando Edi empurrou com cuidado outra tira de tecido, David gemeu de dor—. Quer ouvir mais?

—Sim —disse ele, com os dentes apertados—. Sabe um pouco de Austin? Algo mesquinho e suculento?

—Não, só lhe contarei coisas do Bertrand. Quer ouvir como faltou a suas próprias bodas?

David a olhou com os olhos como pratos.

—Me conte.

—Minha mãe o arrumou tudo. Bertrand viu a garota, disse que era adequada e isso foi suficiente para as duas, tanto para minha mãe como para a garota.

—Casavam-se fortuna e sobrenome, não é assim?

—Já lhe hei dito que não havia dinheiro; mas sim, estava a linhagem — disse Edi—. Minha mãe estava iludida e passou meses planejando as bodas mais perfeita que o povo tivesse visto. Meu pai teve que hipotecar nossa velha casa. Na tarde anterior à celebração, meu pai foi à habitação de seu filho para ter um bate-papo sobre a noite de bodas.

—A noite de bodas... —David suspirou—. Esta anedota é a que mais eu gosto das que me contou. Possivelmente seja quão melhor ouvi em toda minha vida.

—Ninguém sabe exatamente o que lhe disse meu pai, mas todo mundo ouviu o Bertrand gritar por única vez em sua vida. Exclamou: «Tenho que fazer o que?»

David se pôs-se a rir.

—Agora sim que tira o sarro. É a pior historia que ouvi jamais. O que aconteceu?

—Bertrand ficou em casa ao dia seguinte e nada nem ninguém conseguiu que se movesse.

—E sua prometida?

—ficou plantada no altar, pobrecita. Sua família se sentiu tão humilhada que seis meses depois se transladaram a Atlanta.

—O que disse seu irmão para explicá-lo?

—Nada. Por isso eu sei, nunca mencionou esse dia. O que façam outros jamais lhe importou.

—E sua mãe?

—depois daquilo desistiu de tentar controlar a vida de seu filho, e meu pai disse que isso quase compensava o gasto das bodas.

A essas alturas David já se estava rendo e Edi tinha terminado com as vendagens. Soube por seu olhar que já estava o suficientemente cômodo para dormir. Tampou-o com um edredom e se meteu em sua própria cama.

—boa noite —lhe disse ele com um suspiro.

Edi sorriu e voltou a dormir.

Capítulo 20

Jocelyn se estava rendo quando Luke acabou de ler.

—ouvi tantas coisas do Bertrand que oxalá o tivesse conhecido.

—Teria-lhe encantado.

—Sério? —sentia-se adulada.

—Deixa a porta aberta e a gente entra e sai de sua casa todo o dia. Dá de comer a tudo o que se deixa cair e sempre tem tempo para escutar a todo

mundo. Sim, acredito que você e Bertrand tivessem sido uns grandes companheiros de piso.

—Eu não sou assim —disse Jocelyn—. Sou...

—É como? Mais como a senhorita Edi? Como a descreve aquela enfermeira, tão fria e sem coração?

—Tenho que lhe mandar a essa mulher uma cópia desta história e ver se segue pensando que Edi não tinha coração. —Por um momento, Joce ficou calada, sentada com as costas muito reta, abraçando-as joelhos com os olhos fixos na água—. Pensar que Edi teve que perdê-lo... Ali estava ela, na guerra, rodeada de homens que faziam loucuras por ela, e ela esperando o Verdadeiro Amor, e quando o encontrou...

—Mataram-no. E depois a feriram ela gravemente. Pergunto-me se esse acidente foi a causa de que não se casasse e tivesse filhos.

—Quer dizer que crie que não podia os ter?

—Não sei. Eram muito graves as queimaduras?

—Para o final, eu a ajudava a vestir-se. As cicatrizes foram dos joelhos para baixo. Não acredito que o fogo a alcançasse mais acima. Disse-me que fazia muito frio esse dia, assim que todo mundo ia muito abrigado e dois soldados se atiraram em cima dela com seus grossos casacos. Se não tivessem feito isso, o fogo se teria espargido, porque estava empapada de gasolina.

—Atiraram-se em cima dela... —Luke sacudiu a cabeça—. E David já tinha morrido por então.

—Sim. Ela contava que gritava seu nome no hospital. Estiveram-na trasladando de hospital em hospital enquanto esperavam sua morte.

—Não acreditavam que fora a viver?

—Não —disse Joce—. A gasolina e o fogo, inclusive a lâ dos casacos dos homens, causaram-lhe uma grave infecção. Teve febre alta durante semanas. Acredito que o general Austin interveio para que a trasladassem aos Estados Unidos apesar de que já não trabalhava para ele.

—Deixou-o? Crie que lhe disse que já não agüentava mais seu mau caráter?

—Não sei. Não o perguntei porque ela nunca insinuou que fora um homem difícil. Solo dizia que quando sofreu as queimaduras seguia na Inglaterra mas já não trabalhava para Austin. Não sei o que estaria fazendo. Suponho que estava no Exército ou tivesse voltado para casa, ao Edilean.

—Teria tornado? —perguntou Luke.

—por que o pergunta?

—por que ia querer voltar para o Edilean? O que lhe esperava aqui? Uma velha casa que custa um montão manter e um irmão que bate recordes de preguiça?

—E seu muito feliz avô —disse Joce.

—Sim, meu feliz avô que rompeu com o Edi o dia depois de que Pearl Harbor fora atacado.

—Contou-te seu avô alguma vez por que romperam seu compromisso?

—Sim. Quando fomos ao Richmond contou que foi porque se deram conta de que não tinham nada que descobrir um do outro —disse Luke—. O avô assegura que, quando tanto ele como Edi viram que morriam de vontades de ir à guerra, souberam que suas vidas perfeitas não eram tão perfeitas depois de tudo. A senhorita Edi lhe disse ao avô que teriam que ter estado desolados porque o futuro que sempre tinham esperado ia trocar, mas que entretanto não o estavam. Diz o avô que lhe devolveu o anel, deram-se a mão e riram juntos, contentes ambos de ter acabado com o compromisso.

—Mas nunca o contaram a ninguém.

—Toda a cidade se entristeceu. A guerra era suficiente motivo de tristeza. Edi e David tinham estado juntos toda sua vida.

Joce se voltou a olhar ao Luke, convexo na manta, com as mãos detrás da cabeça.

—Me alegro de não te conhecer de toda a vida —lhe disse.

Luke pareceu a ponto de lhe agarrar a mão mas não o fez.

—Jocelyn, acredito... —interrompeu-se e se deitou de novo na manta—. Ainda pensa que sou como seu pai?

—por que se preocupa tanto que dissesse isso?

—Quem quer ser como o pai de sua noiva?

O antiquado da expressão «sua noiva» a fez estremecer.

—O que mais me chama a atenção da história do Edi, no que acredito que mais nos parecemos ela e eu, e também minha mãe, é em que pelo visto-nos atren os homens que... —Não soube que mais dizer,

—Que não são advogados? —sugeriu-lhe Luke—. Sua mãe se apaixonou por um manitas, a senhorita Edi de um mecânico de carros, e agora você gosta do jardineiro.

Ela percebeu sua irritação.

—Luke... Não pretendia dizer isso.

—Lista para ir ? —levantou-se.

Ela o imitou.

—Está zangado comigo?

—Por me dizer que eu... o que? Que você gosta apesar do que sou? E se fosse médico como meu avô? Você gostaria mais então?

—Não, mas poderia me permitir comprar móveis para essa casa tão enorme —lhe respondeu sorrindo.

Luke não sorria.

—Assim que se trata de dinheiro. logo que Rans retorne à cidade jogará em seus braços porque é rico.

—Não era mais que uma brincadeira —disse Joce—. Nunca me casaria com um homem só pelo dinheiro.

—Está segura? Talvez quer a minha primo pela vida que pensa que pode te dar. Férias, babá para seus filhos, talheres de prata. É isso o que considera importante?

Quando se voltou para ir-se, lhe pôs a mão no braço e disse:

—Nada disso me interessa. Se por mim fora, viveria em um rancho de duas habitações e escreveria enquanto os meninos dormem a sesta. Mas Edi me deixou esta casa, assim que eu...

—A senhorita Edi! Não pensa em outra coisa? Solo te interessa sua vida, não a nossa?

—Claro que não! Penso em minha própria vida, mas, segundo Edi, Ramsey era perfeito para mim. —Imediatamente depois de dizer aquilo, tampou-se a boca com a mão.

—Ela disse... o que?

Joce agarrou a mochila e começou a colocar coisas dentro.

Luke a agarrou por braço e a obrigou a olhá-lo.

—Me diga agora mesmo do que está falando. Quando te falou ela do Ramsey?

—Na carta que me deixou com suas últimas vontades. Você não a conhecia, mas era muito boa formando casais. Segundo ela havia um homem no Edilean perfeito para mim.

Luke lhe soltou o braço e deu um passo atrás.

—Minha primo Ramsey.

—Sim. Mas não te conhecia. Ela...

—E juraria que tampouco conhecia o Ramsey —quase gritou Luke—. Quão único sabia dele era que tem dinheiro e os quais eram seus antepassados. Não te ocorreu alguma vez que foi parte do trato entre o Alexander McDowell e a senhorita Edi? Talvez tentava lhe dar as graças ao tio Alex lhe entregando a seu descendente a velha mansão que ele tinha cobiçado toda sua vida.

—Isso é uma estupidez.

—Agora que leva vivendo aqui algum tempo, realmente não o crie possível?

—Não sei. —Joce se tampou os ouvidos com as mãos—. Não quero ouvir nada mais.

Ante seu mutismo, ela baixou as mãos e o olhou. Luke parecia esperar que ela dissesse algo, mas não lhe ocorria nada que lhe responder.

—Tem intenção de dedicar por completo sua vida à senhorita Edi? — perguntou-lhe Luke—. Vive em sua casa e te dedica a escrever sobre ela e a ler sobre ela. Parece que solo pensa nela. Te vais casar com um homem ao que não ama somente porque ela te disse que devia fazê-lo?

—Não —disse Joce—. O está tergiversando tudo. Além disso, não me pediu que me case com ele.

—Mas vai fazer o —disse Luke—, e sabe. Vamos?

—Sim —disse ela. Mas não desejava ir-se. Queria ficar e discutir o assunto com o Luke. Tinha sido um dia maravilhoso, no que a maior parte da história de amor se desvelou, mas tudo tinha terminado em uma briga, e nem sequer estava segura de como tinha começado.

ia retificar, a lhe dizer que não, que não queria ir-se, mas estalou um raio e retumbou um trovão e lhes caiu em cima um toró. Instintivamente, Jocelyn olhou o refúgio, mas Luke tirou os impermeáveis das mochilas e ajudou ao Joce a ficar o sua com uma mão enquanto se protegia a cabeça com o outro.

—Temos que ir daqui —disse—. Pode andar?

—Claro.

—Não te separe de mim.

Suas largas pernas lhe imprimiam um ritmo que lhe custava seguir, mas o fazia. Quando chegaram à caminhonete, Luke lhe abriu a porta para que subisse e correu até o outro lado.

—Quer me escutar? —disse-lhe Joce enquanto ele arrancava o motor—. Não vou casar me com ninguém. Sinto falar tanto do Edi e oxalá não te tivesse contado o que me escreveu.

Ele não a olhava, mas assentiu com a cabeça; depois tirou o carro do estacionamento e uns minutos depois estacionava no caminho de entrada do Edilean Manor.

—Quanto tempo pensa seguir zangado comigo? —Jocelyn estava ao bordo das lágrimas.

de repente, Luke apoiou o braço no respaldo do assento, sujeitou-a pela nuca e a beijou profunda e longamente, com mais paixão da que Jocelyn houvesse jamais experiente.

Quando a soltou, apoiou a cabeça no guichê, com os olhos fechados.

—Esquece ao Ramsey —disse Luke—. Se parece muito a ti e acabarão lhes odiando.

Quando ela sentiu que ele lhe aproximava de novo, abriu os olhos, preparada para voltar a beijá-lo, mas ele abriu a porta e lhe disse:

—Entra e date um banho quente. Tenho que me ausentar da cidade uns dias, mas quando voltar conseguiremos que o avô nos dê a continuação da história.

—De acordo. —desembarcou da caminhonete e entrou na casa.

Capítulo 21

A manhã seguinte era sexta-feira e Jocelyn estava sentada na cozinha tomando um chá quando entrou Tess.

—O que faz aqui? —disse Tess, indo para a geladeira—. Miúdo susto me deste.

—Que eu saiba, vivo aqui.

—OH, vá! Miúdo humor! Brigaste-lhes Luke e você?

—Não, claro que não —disse Joce, mas lhe doía a cabeça.

Tinha dormido mau. As palavras do Luke, sua raiva, inclusive seu inexplicada parte do povo a preocupavam.

—Ramsey volta hoje —disse Tess—. Seu avião aterrissa no Richmond às dez da manhã, assim suponho que aparecerá por aqui na hora de comer. Ontem à noite me chamou e me perguntou por ti e pelo Luke

—por que não me chamou? Se quer saber coisas de mim teria que me perguntar isso diretamente.

—Está de um humor de cães esta manhã. por que discutiram Luke e você?

—Provavelmente por culpa do Ramsey —disse Sara da entrada—. Luke e Ramsey se estiveram brigando desde que nasceram. Agora têm ao Joce para brigar por ela.

—Não sou uma... —Jocelyn tinha pronunciado aquelas palavras tantas vezes que não podia voltar a fazê-lo.

—Me vou fazer uns ovos mexidos. Alguém quer? —disse Sara enquanto tirava da geladeira um cartão de ovos da granja de sua família.

—Sim, claro —disse Tess—. Melhor que faça muitos porque Jim virá em seguida. Sabe o muito que come.

Jocelyn se sentou no centro da cozinha, olhando às outras duas mulheres transportar, e se lembrou do que havia dito Luke a respeito de que sua casa sempre estava aberta para todos. O que tinha isso de mau? Que ele tivesse sua casa fechada a cal e canto não significava que a sua tivesse que está-lo.

—por que está tão triste? —perguntou-lhe Sara—. E onde está Luke?

—por que será que do primeiro momento em que pus um pé neste povo me relaciona com o Ramsey ou com o Luke? por que não posso ser eu e ponto?

Tess e Sara intercambiaram um olhar de mútua compreensão.

—por que não vem comigo ao povo a ver minha loja? —perguntou-lhe Sara—. estiveste tão ocupada com o livro que nem sequer a viu ainda.

—Você também estiveste bastante ocupada —disse Jocelyn—. Com o homem ao que amas, o novo negócio e todas as coisas maravilhosas que lhe estão passando, deve ser muito feliz.

—Vêem e passa um momento com o Greg e comigo hoje —insistiu Sara—. Em realidade não lhe conhece e é um menino estupendo.

—A culpa não é do Joce —disse Tess—. Vós dois lhes passam todo o tempo na cama ou na loja. Nenhum dos dois tem tempo para algo ou alguém mais.

—Parece-me que está ciumenta. —Sara olhou ao Tess de reajo.

—Ja! Não estou ciumenta de ninguém. É simplesmente que vós dois...

—Garotas! —ouve-se uma voz na porta e Jim entrou carregado de bolsas de comida.

Aquilo era muito para o Jocelyn: muita companhia, muito de tudo. Deixou a taça e subiu a sua habitação. Pelo menos no piso de acima estava fora do alcance da gente que entrava e saía.

Sentou-se ao bordo da cama e agarrou o porta-retratos dobro: David a um lado, uma jovem e formosa Edilean Harcourt ao outro. Invejava-a por ter sabido a que homem amava.

Quando deram uns golpecitos suaves na porta aberta, levantou os olhos e viu a Sara.

—Olá. Posso passar?

—Sim, solo estava... —Não lhe ocorria nada para explicar o que estava fazendo.

—Precisa falar com alguém?

—Sim. Não. Não sei —disse Joce—. É que...

—Homens —disse Sara—. Sempre foi assim e assim será sempre. Homens.

—Conheceu um homem e te apaixonou perdidamente dele imediatamente. O que sabe você dos problemas com os homens?

—mais do que crie e, apesar do que diz Tess, entre o Greg e eu há algo mais que sexo e negócios.

—Eu me conformaria com isso.

Sara apoiou os cotovelos na cama.

—Me conte o que lhe têm feito minhas horríveis primos e eu te darei soluções. Se a alguém conheço é a minhas primos.

—Não me disse que Luke era maior que você e que apenas o conhecia?

—É o que digo aos desconhecidos —disse Sara—. Mas acredito que agora já somos amigas. Aquele dia em casa do Viv ficou provado.

Jocelyn gemeu.

—Não me recorde isso. Bell aparecendo médio em couros e você e eu escapando pela cozinha à carreira como ladronas e a...

—Sim —disse Sara—. A você-sabe-quanto Luke. Espero que te tenha contado que se acabou. estive trabalhando com o Ken no MAW para conseguir a anulação de seu matrimônio.

—Me contou —disse isso Joce.

—Logo voltará a ser solteiro. Legalmente, nunca terá estado casado. Qual é o problema?

Jocelyn se levou a mão à frente.

—Eu sou o problema. Quão único sei é que tenho que escolher entre dois homens fabulosos mas não estou segura de si me querem ou se trata somente de uma competição masculina.

—E qual te acelera os batimentos do coração do coração ao vê-lo?

—Luke.

—Com qual deseja passar cada minuto do dia?

—Com o Luke.

—A qual vê quando imagina um lar com meninos?

—Ao Ramsey.

—OH, caramba! —disse Sara—. Tem um problema. Acredito que tem que te esclarecer e te decidir por um dos dois. Não pode seguir duvidando.

—É que nenhum me pediu... como o diria? Ir a sério.

—Luke não quer te dizer nada até que tenha a anulação.

—E Ramsey?

—Ele possivelmente retorne com um anel de compromisso. É muito teatral.

—Mas apenas o conheço!

—Interessante —disse Sara—. Me pergunto o que tivesse respondido se te houvesse dito que Luke voltava com um presente para ti.

—Onde está? Aonde foi? foi-se da cidade e nem sequer sei onde está.

Sara se sentou na cama e olhou ao Jocelyn.

—Crie que não pode decidir entre os dois homens, mas me parece que já decidiste Te levou Luke a fazer senderismo?

—Sim.

—A algum lago?

—Sim, estivemos aí acima e comemos sanduíches enquanto nos alternávamos para ler a história do Edi. Sara, deveria lê-la! É a coisa mais romântica que tenho lido em minha vida.

Sara se levantou.

—Sabe o que é romântico? A forma em que tem feito sorrir a minha primo. Luke se comporta como se nunca nada lhe afetasse, mas no fundo tem uma alma muito sensível. casou-se com uma mulher a que não amava porque estava

grávida de seu filho. Não é isso doce? Ajudou-a a começar no mundo da moda e lhe pagou... —Sara se calou.

—Sei —disse Jocelyn—. Com um aborto.

—Quem lhe contou isso?

—O doutor Dave.

—Meu deus, vai muito depressa! O doutor Dave te conta os problemas pessoais de seu neto?

—Sim. Que problema há?

Sara ficou olhando-a um momento.

—Sabe o que acredito? Acredito que é possível que esteja tão apaixonada pelo Luke que quando se foi, embora seja sozinho uns quantos dias, deprimiste-te.

—Não estou apaixonada por nenhum homem do mundo. Quanto faz que conheço o Luke? Dois meses?

—Quanto tempo passou sua preciosa Edi com o homem ao que amava?

—Dias.

—Aí o tem. Quero que te maquie um pouco, que te penteie e te recolha o cabelo com uma dessas cintas que use e que passe o dia com o Greg e comigo na nova loja. Precisa sair desta casa, da história em que te implicaste tanto, e precisa falar com alguém que não sejam minhas primos.

—É isso possível neste povo?

—Muito graciosa —disse Sara—, mas as brincadeiras não lhe servirão.

—Agarrou ao Joce das mãos e atirou dela para levantá-la—. te Arrume e vamos. Tenho tanto trabalho que não sei por onde começar.

—Não, por aí não —disse Greg Anders a Sara—. Eu iria por aqui, não por ali.

Jocelyn estava sentada no chão com as pernas cruzadas, pintando a parte inferior de uma das paredes da loja. Tinha passado horas com a Sara e Greg, olhando-os, e o único que podia dizer era que Greg o fazia desejar encontrar-se com o Luke e ir correndo para ele com os braços abertos. Como era possível que a doce Sara gostasse de semelhante mandão. Era algo que superava sua capacidade de compreensão.

A loja que estavam reformando ia ser bonita. Tinha estado cheia de móveis velhos durante muitos anos e Sara dizia que o dono era tão velho que a abria raramente e que, quando o fazia, ficava dormido.

—A gente deixava um cheque ou o dinheiro sobre o mostrador e se levava o que queriam comprar. Quando minha mãe via turistas entrar na loja, enviava a um dos dependentes a vigiar para assegurar-se de que não roubavam nada.

—E a compraste —disse Jocelyn olhando a seu redor. Era bastante grande e, uma vez grafite e com os chãos restaurados, seria deliciosa.

Quando acabavam de chegar, Greg entrou, agarrou a Sara pela cintura e a inclinou para lhe dar um beijo que Jocelyn pensou que deveria lhe haver dado em privado. Mas a Sara não parecia lhe importar.

—Jocelyn veio a ajudar —disse quando por fim acabaram de beijar-se.

Greg, enquanto mantinha a Sara agarrada estreitamente pela cintura como se quisesse que a gente soubesse que «lhe pertencia», olhou ao Joce dos pés à cabeça, avaliando-a com tanta rabugice que ela teve que fazer um esforço por não franzir o cenho.

—Assim que você é a proprietária da mansão do povo —lhe disse—. Você gostaria de vendê-la?

—Cala —lhe disse Sara sorrindo—. Acreditará que o diz a sério.

—E o digo a sério —disse Greg, olhando ao Jocelyn—. me Venda isso e a converterei em uma atração turística.

—Quer deixá-lo já? —disse Sara com uma risita tola, como se encontrasse o que dizia Greg muito divertido.

—Acredito que ficarei com a casa —disse Joce com um sorriso forçado.

—Bem, Jocelyn. —Greg soltou a Sara—. O que te pareceria pintar um pouco? Claro está, se por ser a senhora da grande mansão não é muito importante para pintar uma parede.

—Greg! —disse Sara.

—Vale, Jocelyn sabe que solo estou brincando, Verdade Joce, neném?

—Sim, claro —murmurou Joce—. Umas brincadeiras muito divertidas.

Levava perto de três horas na nova loja e Greg as tinha feito trabalhar a ambas, a ela e a Sara, até a extenuação, enquanto que ele desaparecia freqüentemente. Entrava e saía da loja a suas largas, sem lhe dizer a ninguém aonde ia nem quando ia voltar, e sem pegar golpe.

Durante seu segundo desaparecimento, Sara se aproximou do Joce, que estava pintando. Levava uma furadeira elétrica com o que montava uns grandes Marcos de carvalho que Greg tinha encarregado. Joce opinava que, se Greg era tão rico como aparentava, poderia ter contratado um carpinteiro em lugar de carregar todo o trabalho a Sara.

—Já sei que é um pouco bruto —disse Sara olhando ao Joce—, mas me faz sentir muito viva. passei a maior parte de minha vida com uma agulha na mão ou com a máquina de costurar, e minha única emoção era o que tivesse no DVD. Mas Greg está cheio de idéias e quer as pôr em prática em seguida. Se lhe tivesse proposto a um de minhas primos abrir uma loja de roupas, passou-se meses pensando se era ou não uma boa idéia. Ao Greg o comentei uma noite jantando e ao dia seguinte me disse que tinha comprado a velha loja de móveis.

—Foi muito rápido —disse Joce—. Mas talvez tivesse sido conveniente pensá-lo um pouco. vais ter clientes que venham aqui?

—Greg o tem tudo planejado. contratou uma empresa de publicidade para fazer saber a todo Richmond que estamos aqui.

—Caramba! —disse Joce—. E o que me diz do Williamsburg?

—Greg diz que Williamsburg é muito pequeno para nós. Faz falta ter amplitude de miras. Quer que vamos a Nova Iorque um par de vezes ao ano para comprar vestidos exclusivos, trazê-los e vendê-los ao dobro do que nos hajam flanco. É realmente um grande homem de negócios.

«Ou um sonhador», pensou Joce, mas não disse nada.

—Uy, aí está. Será melhor que voltemos para trabalho.

—Vi a duas senhoritas vadiando assim que me dei a volta? —disse Greg quando entrou na loja—. Lhes vou ter que baixar o salário.

—Não sabia que nos pagasse —disse Jocelyn, com mais animosidade da que pretendia.

—Vá, vá... As senhoras deveriam controlar seu mau gênio. Ouça Joce, possivelmente te interesse trabalhar aqui. Ajudaria-te a manter essa grande casa tua.

Jocelyn notou que empalidecia. Parecia que as notícias de que Edi não lhe tinha deixado dinheiro para a manutenção da casa já ia de boca em boca.

—Greg! —disse Sara, exasperada—. Era uma confidência!

—OH, de acordo! Perdoa, Joce.

Jocelyn se levantou.

—Escutem, é quase hora de comer, tenho que ir. Tess há dito que Ramsey voltava hoje e preciso lhe ver para resolver alguns assuntos legais.

—Claro —disse Greg—. ouvi que tem dois noivos e não te esclarece sobre qual prefere.

—Vale. Melhor que vá, eu... —Olhou o pincel sujo e pensou que deveria limpá-lo mas não queria seguir ali nem um minuto mais—. Te verei logo, Sara, e sua loja será muito bonita.

—Até esta noite —lhe gritou Sara, quando já saía pela porta.

—O que tenho feito? —ouviu Joce que Greg dizia—. Sozinho estava brincando.

Já na rua, Joce suspirou aliviada e virtualmente foi correndo ao despacho do Ramsey.

—Figurava-me que te veria hoje —lhe disse Tess quando entrou—. vieste para ver o Ramsey ou para fugir do odioso Greg?

—Para fugir —disse Joce—. Tenho vontades de tomar um tequila. Miúdo gilipollas! Como pode lhe gostar da Sara?

—Não acredito que ninguém tenha vivido o suficiente para responder à pergunta de por que alguém gosta a alguém. Lhe ri as piadas e seus grandiosos planos lhe parecem magníficos.

—Você crie que a gente do Richmond virá de carro até o Edilean para ir às compras?

—Não. por que não entra em meu escritório?

Joce olhou a seu redor. Nunca tinha entrado no despacho do Ramsey. Tinha passado muitas vezes por diante, mas nunca tinha estado dentro. Era uma casa antiga, possivelmente de princípios de 1900, reformada para convertê-la em uns escritórios cômodas e elegantes. A sala de espera estava mobiliada com reproduções de peças do século dezoito.

—Do Williamsburg colonial? —perguntou Joce.

—É obvio —disse Tess, indo para o fundo do edifício. Passaram por diante de dois escritórios ocupados por mulheres que levantaram a cabeça com curiosidade para ver o Joce.

—Eles estranha que tenha uma amiga —disse Tess, fechando a porta de seu escritório. Era bonito, mas de uma austeridade que Joce não tivesse podido manter muito tempo. Não havia fotos no escritório, nada pessoal em nenhuma parte. Igual a seu apartamento. Era como se não quisesse que ninguém soubesse nada de sua vida.

—E no que anda hoje metido? —perguntou Tess, sentando-se atrás do escritório e lhe oferecendo ao Joce uma das cadeiras que tinha em frente.

Ao Joce não gostava de ter o escritório de por meio, mas não o comentou.

—Refere ao Greg?

—Sim, é obvio. estive tão ocupada com o catering e você tão enfrascada em seu livro que nenhuma das duas lhe tinha emprestado atenção ao novo noivo da Sara. Agora será mais difícil.

—É verdade —disse Joce com cautela—. Está sugiriendo que façamos algo? Por isso sei, a Sara gosta. Não quererá que façamos nada.

—Quando o conheci, falei com ela para que deixasse que no MAW levássemos os aspectos legais da loja.

—O que quer dizer?

—Que lhe recordei que não tem dinheiro e que não devia assinar nada. Que deixasse a ele pagá-lo tudo e fazer-se carregado das coisas quando falhassem.

—Está segura de que a loja fracassará? —perguntou Joce.

—Acredito que se Sara abrisse um local pequeno com suas próprias criações e se relacionasse muito para selecionar a clientela, iria bem. Sara é boa no trato pessoal, mas não a vejo na Semana da Moda de Nova Iorque E você?

Jocelyn olhou ao Tess entreabrindo as pálpebras.

—O que me parece é que nem você nem eu sabemos o que é melhor para a Sara e deveríamos deixá-la viver sua própria vida.

—É uma forma de pensar —disse Tess, e apareceu à janela que havia junto à porta—. Rans tornou.

Jocelyn ficou sentada olhando ao Tess. Foi uma chama, apenas uma décima de segundo, mas tinha visto um brilho nos olhos do Tess quando viu o Ramsey que... Joce não estava segura do que significava, mas estava segura de que Tess se alegrava de vê-lo.

Voltando-se em seu assento, viu o Ramsey cruzar os escritórios a grandes pernadas diretamente para o despacho do Tess. Não se incomodou em deixar a mala nem em corresponder às saudações. Ignorou os recados telefônicos que as duas secretárias tentaram lhe dar. Em lugar disso, abriu a porta do despacho do Tess com tal ímpeto que quase golpeou ao Joce, mas não se deu nem conta.

—O que passou em minha ausência? —perguntou-lhe Ramsey.

Joce estava sentada em sua cadeira, semioculta pela porta. Olhou-os alternativamente e se deu conta de que solo tinham olhos o um para o outro. Lhe deu vontade de dançar de alegria. Era quase como se ouvisse música de gaitas de fole em sua cabeça e tivesse levantado os braços para dançar uma dança escocesa.

Com um sorriso de orelha a orelha, disse:

—Olá, Ramsey, aconteceu-lhe isso bem em Boston?

Ele se voltou a olhá-la e por um instante não soube quem era.

—Jocelyn! —exclamou logo como se fora a pessoa a que mais desejava ver neste mundo, e seguidamente a abraçou e a cobriu de beijos.

—Me sentiste falta de? tentou minha horrível primo escapar contigo?

—A qual de suas primos te refere? Tem tantos!

—Ao Luke —disse Ramsey, lhe aproximando a cara ao pescoço disposto a beijá-la.

Joce lançou um olhar fugaz ao Tess e viu que havia tornado a sentar-se depois do escritório e estava estudando com atenção uns papéis. Empurrou ao Ramsey, apartando o de si.

—Como vai ninguém a escapar comigo se estou atada a essa casa? Estava a ponto de lhe contar ao Tess que Greg Anders se ofereceu a comprar a Sabe que não tenho dinheiro para mantê-la, assim quer tirar-me a das mãos.

—Quem demônios é Greg Anders? —perguntou- Ramsey ao Tess.

—O novo noivo da Sara. comprou uma casa aqui, tem muito dinheiro e os dois vão abrir um loja de roupas de marca na velha loja de móveis.

Ramsey abriu uns olhos como pratos.

—E tudo isto passou no pouco tempo que estive fora?

—Bom... —disse Joce—. aconteceram muitas coisas desde que foi.

Olhou-a muito sério.

—Como por exemplo...

—Acredito que deixarei que Tess lhe conte —disse isso Joce, procurando agüentá-la risada com não muita fortuna—. Tenho que ir.

—vais seguir pintando? —perguntou Tess.

—Está pintando Edilean Manor? —Ramsey parecia horrorizado.

—De cor lavanda —disse Joce—. Minha cor favorita. Pensa no sol da manhã iluminando uma casa cor lavanda. Alucinante, não te parece?

—Não pode... —disse Ramsey enquanto Jocelyn fechava a porta.

Alcançou ouvir o Tess dizer:

—Estava brincando. Tenta ter um pouco de senso de humor e não faça o ridículo.

Jocelyn saiu do despacho renda-se. As secretárias a olharam com incredulidade. Provavelmente era a única pessoa que tinha saído dali renda-se.

Capítulo 22

Luke esteve fora quase duas semanas. Durante esse tempo, não a chamou nem ficou em contato com ela não. Mas Jocelyn estava bem. Sabia aonde queria ir e o que queria fazer. Pensou que aquilo tinha tido muito que ver com a forma que tinha Sara de olhar ao Greg e o brilho dos olhos do Tess ao ver o Ramsey. No amor não havia lugar para o dever. Ela teria que haver-se interessado pelo Ramsey porque Edi lhe havia dito que era o homem perfeito para ela e com essa grande casa que cuidar «devia» compartilhá-la com o Ramsey, que saberia decorá-la e mantê-la. Luke provavelmente semearia novelo em botes de maionese vazios e lhe pareceria que ficavam fantásticos.

Mas nada disso importava já. Jocelyn sabia o que lhe dizia seu coração e isso lhe dava paz.

Passou no Williamsburg a maior parte do tempo que Luke esteve fora, investigando. Um dia procurou o nome do Angus Harcourt e resultou que tinha participado da fundação do país. Não tinha sido um político, mas tinha estado aí, com muito que dizer a respeito da independência da Inglaterra.

Joce não tinha pensado muito naquele homem. Simplesmente, tinha-lhe feito graça a história que Edi tinha incluído em suas últimas vontades. Que um jovem escocês raptasse à filha do latifundiário e escapasse com ela e um carro cheio de ouro era uma história romântica, mas não se expôs o que teriam feito depois. Ela não falava a sério a respeito de escrever a história do Edilean, mas quando encontrou o nome do Angus Harcourt junto ao do Thomas Jeffersson viu as possibilidades de um livro assim.

Ordenou tudo que tinha sido capaz de encontrar sobre a época que Edi tinha passado com o doutor Brenner, passou-o a limpo e depois repassou as histórias mais recentes escritas pelo Edi. De novo se Rio com as coisas do Bertrand, assombrou-se pelo amor entre o Edi e David e, como sempre, chorou ao pensar na morte deste. «Se ao menos tivessem podido viver juntos!», pensou.

Capítulo 23

Quando o telefone soou e era Luke, Joice ficou a mão sobre o coração para aquietar seus batimentos do coração.

—Me sentiste falta de —lhe perguntou ele sem preâmbulos—, ou nem sequer te inteiraste que me tinha ido?

O que ela queria lhe perguntar era se já tinha a anulação, se era livre. Queria lhe dizer que lhe queria.

—Sim e não —lhe respondeu—. estive muito ocupada. Também conheci ao noivo da Sara e lhes ajudei a pintar a loja.

—Um menino encantador, né?

Jocelyn perdeu o controle.

—falaste com alguém antes de me chamar! —quase lhe gritou.

A gargalhada do Luke lhe deixou claro que ele tinha notado seu ciúmes.

—Não é o que pensa. A avó conheceu noivo e o contou ao avô que me contou isso. Parece-te melhor assim?

—Não muito. Falou com seu avô enquanto estava fora? —dava-se conta de que se estava comportando como um menina zangada, mas não podia evitá-lo.

—Em certo modo —disse Luke, e ela se deu conta do muito que estava desfrutando com aquilo—. Fez comigo parte da viagem, depois eu agarrei um avião. Foi enquanto viajávamos juntos que falou com a avó e esta o disse.

—Supõe-se que tenho que me sentir melhor? Onde estiveste? E não atreva a me dizer que pareço sua mãe.

—Estive em New Hampshire, logo em Londres. Deixei ao avô em New Hampshire e voei a Londres. Eis voltado faz sozinho uma hora.

—Londres? Fez algo que tem que ver com o Edi, a que sim?

—Sim. Ah! E passei por Nova Iorque também. O avô tem alguns amigos ali. Responde isto a todas suas perguntas?

—Sim, agora estou completamente satisfeita. Quando vais vir por aqui a me explicar o que estivestes fazendo você e o peralta de seu avô?

—É travesso, verdade? Boa observação.

—por que não nos vemos em sua casa? Para variar. Eu gostaria de ver como a decoraste. Cultiva orquídeas na ducha?

—Somente se levar duas semanas sem me dar um banho. Então me arranco isso da orelha esquerda. Não sei por que sempre é a esquerda e não a direita. E do umbigo...

—Basta! te economize as piadas más comigo. Quero saber o que estivestes fazendo você e seu avô duas últimas semanas.

—estivemos farejando e espiando. E de que maneira!

—Luke —disse ela em um tom metade advertência metade súplica.

—O avô foi a New Hampshire a visitar a viúva do general Austin e lhe falar docemente das cartas.

Jocelyn conteve o fôlego.

—E as conseguiu?

—Sim... —disse Luke sem muito aprumo—. Escuta, Joce, encontramos algumas costure que...

—O que?

—Que pode que lhe desgostem um pouco.

—OH, meu Deus, o que será agora!

—Não é nada mau, solo que... Jurei-lhe ao avô que não lhe contaria isso, assim tenho que manter a boca fechada. Se por mim fora, estaria aí agora mesmo com um montão de papéis...

—Que classe de papéis?

—Históricos —disse Luke rapidamente—. O avô tem que descansar hoje. Não pode levar tanto trajín. Que tal se recolho às quatro e vamos a sua casa?

—E ele estará presente quando eu veja esses papéis?

—Forma parte do trato que fizemos. Além disso, é médico.

—O que quer dizer?

—Nada —disse Luke rapidamente—, esquece que o hei dito. Vai bem às quatro ou tem que fazer de pulseira para o noivo da Sara na nova loja?

—Ramsey e eu temos uma entrevista para tirar uma licença de matrimônio à uma, assim suponho que vai bem.

—Joce? Tenho curiosidade por saber se alguma vez tem feito alguma destas brincadeiras sobre te casar com o Ramsey em presença do Tess.

—Me deixe ver... Ainda conservo a cabeça sobre os ombros, tenho ambos os braços em inclusive os pés. Não, acredito que não.

—Por fim te deste conta.

—Me poderia haver isso dito.

—O há dito você ao Ramsey e Tess? Não, deixa que o descubram por si mesmos.

—Poderia vir antes das quatro, porque seu jardim está bastante mal e necessita um repasse.

—Não tente me seduzir. Se passo dez minutos contigo, tirará-me isso tudo e o avô disse que, se lhe dizia isso sem estar ele presente, faria-me jogar golfe com ele cada dia durante um mês. Inclusive ameaçou com o sabido «não fica muito tempo de vida» com o que sempre me convence.

—Espero que não tenha herdado sua crueldade.

—Provavelmente sim, já que não te deixei ver minha casa por dentro.

Isso desconcertou ao Joce. Tirava o sarro com o de que não lhe deixasse ver sua casa, mas nem lhe tinha ocorrido que contivera nada sinistro. Ou talvez não sinistro mas estranho.

—O que... o que há em sua casa?

—Fotos de outras garotas. Tenho que te deixar, necessito um par de horas de sonho e logo tenho algumas costure que fazer. Recolherei às quatro. Por certo, a avó se escaquea, assim seremos sozinho nós três.

depois de dizer-se adeus, Jocelyn ficou com o telefone na mão pensando no que Luke lhe havia dito. o das cartas do general Austin, logo que tinha ido a Londres A... A que? Havia algo nas cartas que o tinha empurrado a ir a Londres?

Joce chamou o Tess.

—Quero me pentear... não sei como. me fazer algo que fique bem. Aonde vou?

—Assim Luke tornou. me deixe fazer uma chamada e te volto a chamar.

Dez minutos depois, Joce estava em seu carro caminho do Williamsburg para ir ao que Tess chamava uma «entrevista de emergência». «Tampouco vou feita um desastre», tinha murmurado Joce; mas não lhe importava, quão único queria era estar bonita essa tarde.

Quando Luke foi recolher a em seu carro, um BMW sedan, apeou-se e o rodeou para lhe abrir a porta.

—Caray! É fantástico! —comentou ela acomodando-se no assento de couro—. Há dito que queria que seu avô estivesse presente porque é médico. Está sendo tão amável porque vais dizer me que solo ficam seis meses de vida?

Como ele não respondia, olhou-o com dureza.

—Luke?

—A vida da gente troca —disse ele muito solene—, algumas vezes para bem e outras para mau.

—Está-me assustando.

Ele a tirou da mão.

—Perdoa por tudo este mistério, mas o prometi ao avô. Neste momento acredito que é a pessoa mais feliz do mundo. Falamos no avião e me disse quanto amava verdadeiramente à senhorita Edi. Nunca pode dizê-lo estando a avó presente, é obvio, mas a amava. Contou-me que ele e a senhorita Edi passaram toda sua

infância juntos e que se fez médico por ela. Quando viu suas pernas, retomou os estudos com o programa para os soldados americanos Y... —Luke apertou mais forte a mão do Joce—. Está distinta.

—Tess me recomendou um salão de beleza. Depilaram-me as sobrancelhas, tingiram-me e me pintaram as unhas. demoraram horas e estava tão nervosa que logo que podia agüentar sentada na cadeira.

—Não, não é isso, embora eu gosto do esmalte rosa. Vi peonias exatamente dessa cor.

Soltou-lhe a mão e a pôs de novo no volante.

—Há alguma outra diferença.

—Eu, bom, decidi que prefiro ao Ramsey.

—Ah, sim? —disse Luke como se tal coisa, mas ela viu que o extremo de sua sobrancelha se levantava. Ou seja que não era somente quando mentia que lhe ocorria aquilo, também quando experimentava uma emoção forte.

—Também eu gosto mais você que Ramsey —disse ele docemente.

—Lhe peçamos que seja nosso padrinho.

Luke Rio.

—De acordo, mas solo se ficar uma jaqueta de veludo azul celeste.

Jocelyn sentia pulsar seu coração no peito com tanta força que quase não podia respirar. Não estava segura, mas quase o tinha pedido. Ou tinha sido ela quem o tinha pedido a ele. Fora como fora, nunca tinha sido tão feliz.

Quando chegaram a casa do doutor Dave todas as luzes estavam acesas mas o que mais brilhava era sua cara. Parecia como se tivesse encontrado o Segredo da Vida.

—Realmente estou desejando que me contem os dois o que acontece.

—Acredito que primeiro deveríamos tomar um chá —disse o doutor David.

—Não o dirá a sério! —exclamaram Luke e Joce ao uníssonos, e depois se tornaram a reir.

—Dá-me vergonha lhes perguntar onde estivestes vós duas toda a tarde...

—Na barbearia —disse Joce.

—Dormindo uma sesta —disse Luke.

O doutor Dave os olhou alternativamente.

—Bem, algo passou. —Levantou a mão—. Não me contem isso, meu velho cérebro não admite mais informação. —voltou-se para o Jocelyn—. Meu neto e eu sabemos a maior parte do que vamos contar te, mas há algumas costure das que não podemos nos inteirar até que saiba quão mesmo nós. Se não querer esperar até depois do chá, sugiro que tomemos enquanto meu neto nos lê a última parte da história da senhorita Edie. Está preparada Jocelyn?

—Está quente o chá?
—Fumegante.
—Então estou preparada.

Capítulo 24

Inglaterra, 1944

—Tenho um pouco de fome —disse Hamish à hora do café da manhã, e Edi e David tiveram que dissimular um sorriso. Porque se havia algo que o homem fizesse era comer.

Ao princípio insinuou ao David que era um traidor porque preparava comida italiana estando a Itália do lado alemão.

—Se não a quiser... —disse-lhe David lhe retirando o prato, mas Hamish o tinha retido.

—Parece-me que não vou prejudicar ao mundo por me comer um prato de espaguete.

—Isto é... —David se interrompeu. Para que lhe explicar ao homem a diferença entre pizza e espagete e massa em geral? alegrou-se quando o velho se encerrou em sua habitação imediatamente depois do café da manhã.

Aquela manhã Edi tinha encontrado um estufa ruído na parte traseira da granja. Estava virtualmente talher de parra e, quando a eliminou a machetazos, encontrou o edifício acristalado. Dentro tinham maturado os tomates. A parra tinha mantido a terra quente durante o inverno e os ramos sem folhas tinham permitido que entrasse o sol.

—Beijaria-a por estes tomates —disse David, agarrando uma das preciosas bolas vermelhas da cestita que lhe tendia Edi—. A verdade é que a beijaria por algo.

Ela retrocedeu apesar de que a mesa os separava, mas estava sorrindo.

—Não sabe que sou a Intocável?

—Isso ouvi —disse David com a voz rouca, aproximando-se o Esta vez Edi não se afastou.

Mas a perna rígida do David se enganchou na esquina de uma cadeira e esteve a ponto de cair. agarrou-se ao canto da mesa e se sentou pesadamente.

—Espero que Austin se apodreça no inferno —murmurou massageando-a perna ulcerada—. Como pode um homem ligar com isto?

Como Edi não dizia nada, voltou-se. Tinha um estranho olhar.

—O que lhe ronda por essa cabecita?

Ela se arranhou a cabeça. Não se tinha incomodado em tentar arrumar o cabelo. Simplesmente o tinha deixado solto sobre os ombros e o tinha sujeito aos lados com um par de passadores do Aggie. Com a camisa muito larga, as calças muito grandes sujeitos com um cinturão e a juba escura sobre os ombros, ao David parecia que estava magnífica. Se não tivesse sido por sua perna lhe tivesse aproximado antes.

—Necessito um banho —disse Edi—. Acredito que me pegaram piolhos dos frangos.

—Vi querosene na granja Quer que o usemos?

—Não —disse Edi sorrindo—. Me banharei no rio.

—Não é uma boa idéia. Ainda está crescendo e a corrente é...

Não disse nada mais porque ouviu a porta fechando-se. Quando olhou pela janela, viu o Edi correndo. Obviamente tinha um plano e se perguntava qual seria. Quando saiu do estábulo uns minutos mais tarde, com dois cilindros de corda, soube exatamente o que pensava fazer.

—Não —disse David quando ela entrou na cozinha—. Não, não e mil vezes não. Se o tenta sairei a caminhar até que encontre um telefone e direi a Austin o que planeja fazer.

—Sabe fazer bons nós?

—Não —disse David categórico, sentando-se em uma cadeira.

—De acordo, então teremos que nos arrumar com meus. —atou-se o extremo de uma das cordas ao redor da cintura—. Bonito e forte, verdade?

David agarrou um extremo do nó e atirou. soltou-se com facilidade.

—Talvez deveria atá-la com três nós —disse Edi.

—Por favor, não o faça. —David estava ao bordo das lágrimas—. Não vale a pena. Fica um dia mais. Aggie haverá tornado, agarraremos a revista Y...

—Que tal este nó?

David atirou dos dois extremos e estava apertado.

—Perfeito —disse ela—. Usaremos este.

—E o que passa se fica apanhada aí abaixo e quer sair? —perguntou-lhe—. Leva uma faca e cortará a corda?

—Pois você sujeite-a! E não quero nenhum sermão sobre que não deveria fazê-lo. Sou uma nadadora excelente.

—Edi —disse ele, resistente a levantar-se da cadeira—, é muito nobre por sua parte, mas não quero que faça isto.

Ela se inclinou e o beijou na boca.

—Fica muito pouco tempo. E como vais fazer me o amor com essa costure na perna? vou fazer isto diga o que diga, mas agradeceria muito sua ajuda.

David estava tão assombrado pelo que ela acabava de dizer que demorou um momento em reagir. Quando se ia, agarrou-a pela boneca e a atraiu para si de forma que aterrissou em seu regaço.

Beijou-a. Primeiro com suavidade, logo com mais paixão e beijos mais profundos.

—Apaixonei-me por assim que te vi —lhe sussurrou—. Era como se te conhecesse de algum sítio, do céu talvez. Soube que foi minha e sempre o seria.

Lhe acariciou a bochecha.

—Eu te detestava.

David soltou uma risita.

—Sabe como amar a um homem.

—Perdoa, mas não sei nada disso, embora me hão dito que aprendo rápido.

O a beijou de novo, lhe acariciando o cabelo.

Então o encanto se rompeu, porque Edi se apartou para arranhar o couro cabeludo.

—Tenho algo que me corre pelo cabelo, assim vou saltar ao rio para me lavar isso e espero também agarrar a chave Allen. Está preparado?

Como ele franzia o sobrecenho e parecia que ia pedir lhe de novo que não fora, pô-lhe um dedo sobre os lábios.

—Pensa nas possíveis vantagens. Se não a encontro, porque a estas alturas poderia estar no Támesis, terá que levar essa férula o que fica de guerra.

David se apoiou na mesa da cozinha e se levantou.

—Sigo-te. —Tentava parecer jovial, mas ela percebeu o medo em sua voz.

—Vamos —brincou Edi—, já tenho o cochecito preparado.

—O cochecito —disse ele sorrindo, e saiu atrás dela.

Possivelmente o velho Hamish tivesse um carro enterrado baixo aquela desordem da granja e Edi o tinha encontrado. Possivelmente...

Todas suas esperanças se esfumaram assim que viu o Edi sair do estábulo às rédeas de um trambolho que parecia fabricado em 1890. Era uma carruagem com grandes roda detrás e as dianteiras mais pequenas, um boléia acolchoado na parte frontal e uma espécie de plataforma para ir de pé detrás. O velho cavalo do Hamish estava enganchado a ele com muitas correias de couro e o próprio Hamish estava tão agradado que quase sorria.

—Sabe dirigi-lo, verdade? —perguntou ao Edi, que parecia como se tivesse nascido sentada em uma calesa.

Levara um látigo comprido na mão e o fez estalar por cima da cabeça do cavalo, logo lhe deu vários golpecitos e o animal se moveu rapidamente em um círculo perfeito.

—Ah, sim —disse Hamish—; sabe conduzir.

—Tenho um centenar de troféus em casa —disse ela—. OH, olhe como gosta!

Referia-se ao cavalo, não ao David que já estava voltando para a casa.

—Sim que gosta de —disse Hamish, acariciando amorosamente o focinho do animal—. Ganhou muitas carreiras em sua época, e se lembra. Segundo os militares é muito velho para ser útil, mas ainda tem muito que oferecer.

—Não demoraremos —disse Edi—. David me atará à ponte e eu mergulharei até o carro para recolher algumas costure. Talvez podemos lhe tirar esse horrível artefato da perna.

—Não o necessita, verdade? —disse Hamish.

Edi sorriu. Aquele homem era velho, mas não tolo.

—Vamos —chamou o David—. Hamish ajudará a subir atrás. Terá que te sujeitar quando formos costa abaixo, mas acredito que estará bem.

—Acredita que deveríamos atá-lo? —perguntou Hamish.

—Não, não faz falta que me atem —disse David, e Edi e Hamish sorriram. Era fácil dar-se conta de que para o David o carro bem poderia ter sido um mastodonte. A seus olhos era velho e perigoso.

Posto que o velho cavalo não parava de mover-se, recordando os dias em que era jovem e rápido, foi necessária a ajuda do Hamish para subir ao David ao carro. A parte traseira era plaina e aberta, assim não servia para transportar coisas. Havia um par de asas, mas ao David custava sentar-se com a perna rígida e as agarrar.

—Para que serve este traste? Não para o transporte.

—E para que serve um carro de carreiras? —perguntou-lhe Edi enquanto Hamish assentia.

—De acordo, moça, adiante. Mas tome cuidado com o cavalo, desvia-se para a direita.

—Não se preocupe, não deixarei que o faça —disse ela. Depois estalou o látego e o cavalo saiu disparado como se tivesse divulgado um pistoletazo de saída.

Na traseira, David se pendurou dos dois braços. A sacudida fez que o aço lhe cravasse na pele e os dentes o entrechocaron.

—Tem que ir tão rápido? —gritou ao Edi, mas solo ouviu suas gargalhadas.

Ao pobre lhe pareceu que demoravam três horas em chegar ao rio, mas solo foram uns minutos. Poderiam ter ido caminhando pelo bosque, mas para o David, com a perna naquelas condições, tivesse sido uma tortura.

Viu que a água tinha baixado e já não cobria a ponte. Os pneumáticos do carro se sobressaíam. Se a água continuava baixando, ao cabo de um dia ou dois, a metade das rodas estariam ao descoberto.

Enquanto ele descia da carruagem, Edi já se estava atando uma corda ao redor da cintura. Lhe apartou as mãos e refez o nó.

—Me escute —lhe disse com doçura—. Se algo for mau e quer que te tire, tira da corda duas vezes. Se a corda se enredar e lhe precisa tirar isso tira deste cabo, vê-o? —deu-lhe um firme puxão e a corda se soltou—. Vou contar e, se está inundada mais de cinquenta e oito segundos, vou por ti. Entendido?

—Perfeitamente —disse ela, tirando-as velhas botas que tinha levado os últimos dois dias. Depois atirou da corda e a deixou cair para a ponte. A água tinha baixado e a madeira estava seca, mas seguia sem parecer seguro.

—O que está fazendo? —perguntou-lhe David.

—Não posso nadar com tanta roupa. Importa-te se me nu?

—Não sei o que responder a isso —disse ele em um sussurro, depois retrocedeu para vê-la desabotoá-la camisa e tirar-lhe Levava a mesma combinação cor pêssego que a primeira noite, quando ele a tinha despido, e nunca tinha visto nada mais formoso.

Edi deixou a velha camisa na ponte e foi tirar se o cinturão, mas o cavalo relinchou e quis ir tranquilizar o.

—Te cale! —disse David ao animal, que se acalmou imediatamente.

Sonriendo, Edi se desabotoou o cinturão e deixou cair as calças na ponte.

—Estavam equivocados —sussurrou David.

—Sobre o que? —perguntou Edi.

—Sobre suas pernas. Acredito que medem um palmo mais do que diziam.

—Não sei, nunca me medi isso. Ata-me a corda?

—Sim —disse ele, mas se aproximou com calma, percorrendo com o olhar cada centímetro do Edi.

Passou-lhe a corda pela cintura, atou o extremo ao bordo da ponte e foi procurar a outra corda à traseira da carruagem.

—Para que é?

—Se ainda fica algo no carro, tirarei-o.

—Como por exemplo sua mala?

—Sim, meus vestidos —disse, olhando as enormes calças que levava ele—. Trouxe algo que seja de sua talha sem a férula?

—Sim, mas não quero que te incomode em encontrá-lo. Se encontrar a chave Allen, estupendo; se não, todo o resto carece de importância. Entendeste-me?

—vais ser um pai magnífico —lhe comentou ela—, mas ainda tenho o meu. Se o carro estiver tão submerso tem que haver a profundidade suficiente para que me atire de cabeça, não te parece?

—Não! —quase gritou David—. Vamos à borda e entra caminhando. Não sabe... —Já não disse mais, porque ela se encarapitou ao corrimão e se mergulhou de cabeça com perfeição no rio. David agüentou a respiração esperando que emergisse e o assaltaram todo tipo de temores. teria se golpeado contra o fundo? Estaria inconsciente? estava-se subindo ao corrimão quando ela saiu.

—Está fria —disse.

—E como acreditava que estaria, como no Trópico? —disse ele, procurando dissimular quão assustado estava—. Está bem?

—Perfeitamente. Isto sinta bem, me vou lavar o cabelo. me atire esse sabão que há no assento Quer?

—Sabão! —resmungou ele. Quão único queria era acabar com aquilo e partir. Com a perna rígida, foi médio correndo médio coxeando até o carro para agarrar uma pastilha de sabão do assento. Depois a lançou. — Boa parada —disse, quando ela a apanhou ao vôo.

—Era a melhor rebatedora da equipe de beisebol de minha escola. Podia lançar a bola a três metros e mesmo assim completar uma carreira. —estava-se ensaboando o cabelo enquanto flutuava na água. deu-se a volta, olhou o carro, nadou para ele e subiu em cima.

—Me olhe —gritou.

—Sim, já te vejo.

Levara a combinação pega ao corpo, molhada e transparente, e estava de pé sobre um carro derrubado que não aparecia por cima da água. Parecia que estivesse de pé na superfície.

—Meu reino por uma câmara de fotos —sussurrou David, mas não tinha nenhuma.

—Tome cuidado, os baixos de um carro não são tão brandos como um colchão.

Ela continuou esfregando o cabelo com o sabão e logo o devolveu. Para sua vergonha, lhe caiu e teve que ir atrás dele pela ponte. Quando olhou atrás, ela tinha desaparecido e por um momento seu coração deixou de pulsar.

Esperou o que lhe pareceram minutos sem que houvesse rastro dela. Deu-lhe um puxão à corda, mas ela não o devolveu e não a tinha solto.

—Sabia que era uma má idéia —disse David—. Sabia, teria que haver o impedido, teria que havê-la obrigado A...

—A que? —disse Edi, que estava debaixo dele com uma mão em um pilar da ponte.

—Obrigado a não fazer isto.

—Tivesse-me gostado de ver como o tentava —disse ela sugestivamente—. Alcança minha mão?

David se tombou de barriga para baixo e estirou o braço até que alcançou sua mão. Edi lhe aconteceu a chave Allen, que agarrou com força. Depois se deu a volta e de barriga para cima no chão, sustentou-a um instante sobre seu peito. Uma coisa tão pequena e tão importante!

—Tenho-a, agora sobe.

Mas quando olhou, ela se tinha ido. A toda pressa, David se desabotoou as calças e os tirou, depois jogou um último olhar de ódio à férula de aço e ficou a afrouxar parafusos. Em altares do conforto, todos estavam encastrados de forma que não houvesse cabeças protuberantes que pudessem irritar a pele, mas isso era necessário utilizar uma ferramenta pouco habitual para retirar a férula.

A metade dos parafusos estavam muito fortes por culpa da água e o óxido, e um se rompeu quando o girou. Mas com sua determinação e sua raiva, por não falar de seu desejo pela senhorita Edilean Harcourt, continuou trabalhando.

Rompeu as correias e se fez alguns cortes mais ao arrancar o traste da perna, mas conseguiu separar-se o de e o lançou para o final da ponte.

Uma vez livre lhe custou manter-se de pé. Teve que dobrar o joelho uma dúzia de vezes para recuperar a mobilidade. Tinha a perna feita um desastre, com ampolas, erosões e partes de tecido pegos às feridas, mas lhe parecia fantástica.

—Livrei-me que ela! —gritou olhando ao rio, mas Edi não lhe respondeu.

Desabotoou-se a camisa, atirou-a ao chão, subiu ao corrimão e se mergulhou.

—por que demoraste tanto? —perguntou-lhe ela nadando para seus braços.

Capítulo 25

—E já está —disse David Aldredge.

—O que quer dizer com que já está? —perguntou Joce.

—É toda a história que Edi escreveu, ou ao menos tudo o que eu tenho. Alex McDowell me deixou os papéis em seu testamento, e não sei se for tudo o que tinha ou se Edi escreveu mais e se perdeu. Ao final, Alex estava bastante mal.

—Mau? —perguntou Jocelyn—. Em que sentido?

—Tinha Alzheimer. Não recordava quem era, e muito menos nada a respeito de uma história que lhe tinham enviado muitos anos antes. Entretanto... — O doutor Dave fez uma pausa enfática—. Encontrei algo interessante faz alguns anos. Já sabe como é isto. Um dia estava aborrecido, navegando por Internet, e escrevi o nome do doutor Jellie. Pois bem: isto é um extrato de uma série de livros

sobre a Segunda guerra mundial. Por isso eu sei, é o único sítio onde se menciona o nome do doutor Jellicoe Querem que lhes leia isso?

—Sim, por favor —disseram Luke e Jocelyn.

«A contribuição do doutor Sebastian Jellicoe à Segunda guerra mundial nunca foi reconhecida em vida e nem sequer depois de sua morte. Ninguém que lhe conhecesse falava de seu grande cérebro ou de como podia ver um montão de palavras desordenadas e descobrir de uma olhada o significado da mensagem. O que a gente recordava dele era seu dom para contar histórias. Podia ir à loja de comestíveis e retornar com uma história digna de ser publicada.

»Quanto a mim, que por então era um jovem e entusiasta estudante que queria aprender de um professor, a história que melhor lembrança é a de um jovem casal que provavelmente lhe salvou a vida. Corria 1944 e estava próximo o dia D. O doutor Jellie me contou que estava sentado frente à chaminé em uma fria e chuvosa noite, amodorrado em sua cadeira, quando ouviu um cavalo e a um homem destrambelhando. ficou tão desconcertado que por um momento acreditou que era Papai Noel e que o gorducho tinha se chocado com o teto de sua casa.

»Mas se tratava de dois americanos altos e bonitos que tinham percorrido a campina inglesa em plena noite na antiga carruagem de carreiras de seu velho e mal-humorado vizinho Hamish. Segundo o doutor Jellie, aquele homem não era capaz de conviver com ninguém, de modo que o tinham deixado sozinho. No povo se dizia que tinha sido em outro tempo condutor de carruagens de carreiras e que tinha ganho quase tudo até que um acidente o obrigou a deixá-lo. retirou-se à granja de seu pai e passou o resto de sua vida queixando a sua sofrida esposa e filhos.

»Mas aquela fria e chuvosa noite aparecia uma das carruagens do Hamish atirado por um cavalo quase tão velho como seu dono e conduzido por uma garota tão alta e formosa que o doutor Jellie disse que acreditou ter morrido e estar às portas do céu. Parecia Boudica cavalgando para a batalha.

»Na traseira da carruagem havia um jovem mais alto que ela mas igualmente bonito, que evidentemente detestava ir naquele carromato tanto como adorava a jovem.

»—Certamente te vingaste —lhe disse quando baixou e depois de vomitar o jantar nos arbustos.

»—Eu não gosto como conduz você e você não gosta como o faço eu. Estamos em paz —disse ela, sonriéndole ao doutor Jellie.

»Apresentou-se como Eddie e apresentou ao David. Com os anos o doutor Jellie tinha esquecido seus sobrenomes e freqüentemente me perguntei quem seriam e o que lhes ocorreu.

»Jellie lhes convidou a tomar um chá. O jovem David o seguiu ao interior da casa, mas Eddie, como boa amazona que era, antes levou o cavalo e a carruagem ao estábulo. Quando entrou, tinha o escuro cabelo úmido e a roupa pega ao corpo. Os dois homens ficaram olhando sem fala um momento.

»Ela foi primeira em romper o silêncio.

»—Trago isto para você. —Entregou-lhe um exemplar da revista Teme de fazia duas semanas.

»—E o que tenho eu que fazer com isto? —perguntou Jellie.

»—Contém uma mensagem do general Austin. Eu sou sua secretária.

»—O velho bulldog Austin. meu deus, faz uma eternidade que não o vejo! Quer dizer que ainda não lhe disparou ninguém?

»—Todo mundo tem vontades de fazê-lo —disse David—, mas ninguém se atreveu ainda.

»—Acredito que deveria ler a mensagem —o animou Eddie—. Me parece que é importante. Tem que voltar para Londres conosco.

»—Tenho que fazê-lo?

»—Parece ser que alguém se inteirou do que está fazendo por ajudar na guerra —disse David.

»—OH, todo mundo sabe! A senhora Pettigrew utiliza os envelopes para me envolver o almoço. Todos levam o selo de “Alto Secreto”.

»David e Eddie se olharam com a boca aberta.

»—Mas... —balbuciou David

»—Eu acreditava...

»O doutor Jellie olhou a revista Teme.

»—Já vi este exemplar. É o que trouxe Aggie? E vós são quão americanos a estavam procurando?

»—Não tínhamos nem idéia de que estivesse tão perto —disse Eddie—. Mas de todas formas não tivéssemos podido vir antes porque não tínhamos a revista e a necessitávamos. Tenho que insistir em que a leoa. Acredito que o que contém é vital.

»—Tolices! —disse ele—. Nunca classificam nada valioso como secreto. Esses envelopes que põem “Alto Secreto” som catálogos de sementes. Os segredos estão nas cartas de minha filha.

—Sua filha trabalha em Londres? —perguntou David.

»—Não tenho nenhuma filha.

»—Ah —disse Eddie.

»E imediatamente depois, o doutor Jellie lançou a revista ao fogo.

»David e Eddie saltaram dos assentos.

»—É para quão único serve —disse— Estou seguro de que a estas horas já a tem lido todo o povo. Vós dois causastes um grande revão lhes saindo da ponte e afundando o carro no rio.

»—Nós não... —começou a dizer David, mas se interrompeu ao ver que a revista ardia—. Me parece que viemos para nada —disse, enquanto olhava à formosa e jovem Edi de um modo que quase prendeu fogo à casa.

»—Deu-lhe Austin algo mais? —perguntou o doutor Jessie.

»—A mim não —disse Eddie—. Me entregou um mapa, que acredito que não era exato, e um maço de dinheiro. Deixei-o tudo na granja do Hamish. Tenho que ir buscá-lo?

»Justo nesse momento retumbou um trovão e o doutor Jessie disse:

»—Não, querida, acredito que isso pode esperar. —Olhou ao David e lhe perguntou—: E você o que? Deram-lhe algum papel?

»—Não. Austin obrigou a ponerne uma fôrula de aço na perna que era como um instrumento de tortura medieval Y...

»—Nenhum papel?

»David se deu uma palmada na frente.

»—Exceto o convite, nada mais.

»—Me deixe vê-la.

»—Que convite? —perguntou-lhe Eddie.

»—Um convite a um baile no que você foste levar um vestido de festa azul elétrico.

»—O baile dos oficiais. Mas não tem nada que ver com isto. Esses convites se enviam a muita gente diretamente da imprensa. —Olhou ao David tirá-la carteira do bolso traseiro e extrair o sobre. Não parecia haver-se molhado, apesar de que ela sabia que tinha estado sob a água.

»—Como demônios o manteve seco? —perguntou-lhe.

»—A gente cuida as coisas que considera importantes —disse o doutor Jessie, sonriéndole ao David.

»—Sim, senhor, faz-o.

»—Levava-o em um sobre impermeabilizado?

»—Sim —disse David, sonriéndole—. Pescamos as malas do interior do carro, no rio, e isto estava dentro da minha, tão seco como quando o pus aí.

»—Bom menino —disse o doutor Jessie levantando-se.

»Pôs o convite sobre uma mesa e abriu uma caixa que continha frascos de cristal, aparentemente bebidas alcoólicas.

»—Poderia dar boa conta de alguma dessas —disse David, indo agarrar um frasco.

»—Beba o conteúdo de um desses e sua língua se dissolverá em um borbulho muito pouco agradável.

»—David apartou a mão.

»—Agora vejamos... —argumentou Jessie—. Com qual deveria provar?

»David pôs a mão no braço do Eddie e a levou para o fogo para que Jessie tivesse um pouco de intimidade. Uma par de aromas asquerosos chegaram de onde estava o doutor.

»—Já o tenho —disse por fim—. Tenho que ir com vós dois a Londres e Austin enviará aos Estados Unidos.

»David foi o primeiro em recuperar-se.

»—Isso é tudo? Mas se nós já sabíamos! O havemos dito!

»—Os espiões têm o costume de desaparecer com bastante frequência, assim é melhor que tudo conste por escrito.

»—Mas esse papel acabou no fundo de um rio.

»—Ah, mas apesar disso estava protegido. Minha hipótese é que Austin sabia que seria tão valioso para você que cuidaria muito bem dele.

»—Sim —disse David, olhando ao Eddie e sorrindo—. Muito valioso.

»—Bom, agora já está. Sugiro que durmamos bem esta noite e saíamos para Londres amanhã. Querem uma habitação ou dois?

»—Alguém —disse Eddie rapidamente, e levantou a mão esquerda para lhe ensinar o anel que levava em suas viagens pelo campo—. Estamos casados.

»—Estão-o —disse o doutor Jessie sorrindo.

»Contou-me que, à manhã seguinte, a formosa Boudica partiu na carruagem para devolver-lhe ao Hamish e uma hora depois retornou correndo colina abaixo; que nunca em sua vida tinha visto algo tão formoso como essa garota alta correndo colina abaixo para seu amado. O doutor Jessie sempre se perguntou quão diferente tivesse sido sua vida se tivesse havido uma mulher que o olhasse daquele modo, mas, olhe por onde, nunca a houve.

»Contou-me que os três tomaram o trem de volta a Londres e que nunca tinha visto duas pessoas mais apaixonadas. Solo tinham olhos o um para o outro e só queriam estar o um com o outro. Havia alguém esperando ao doutor Jessie quando chegaram a Londres e a formosa Eddie e seu amor desapareceram de sua vida e nunca mais soube deles.»

Capítulo 26

Joce estava sentada em silêncio no estudo do doutor Dave, pensando no Edi e seu amado David. Sabia o que tinha passado depois. O tinham matado e ela tinha sofrido graves queimaduras.

—Isso é sozinho o princípio da história —disse Luke docemente.

—O princípio? Isso é o final.

—Não —lhe assegurou o doutor Dave—. Quando me falou do general Austin, decidi ir a New Hampshire a ver se podia conseguir as cartas.

Joce olhou ao Luke.

—Disso era do que estavam falando vós duas aquela noite no jantar?

—Sim, e por isso não queria que me acompanhasse, mas me deu tanto a lata que te deixei fazê-lo e logo resulta que feri seus sentimentos porque...

—Vós dois já parecem um matrimônio... —disse o doutor Dave—. Deixem suas diferenças para mais tarde e insígnia o as cartas.

Luke tirou uma única folha de papel da maleta de seu avô e a entregou ao Joce, que temia lê-la porque estava segura de quealaria do acidente e do que lhe tinha ocorrido ao Edi durante os dois anos que lhe custou recuperar-se.

6 de outubro de 1944

Lembra-se do Harcourt, a melhor secretaria que tive? Enviei-a a uma missão com minha chofer e acredito que fizeram mais do que lhes tinha pedido. Está grávida de quatro meses. Pu-me tão furioso que os tivesse obrigado a casar-se, mas o destinaram a outra unidade e ainda não pude encontrá-lo. Harcourt queria o traslado, mas não o darei.

18 de dezembro de 1944

Recorda ao Harcourt? Ao menino com o que se casou o mataram. Espera o bebê para a primavera, assim terei que trasladá-la depois de Natal. Graças a Deus não lhe pôs muita barriga e ainda não se deu conta ninguém. Sem ela meu escritório se virá abaixo.

21 de abril de 1945

Lembra-se do Harcourt? Acabo de me inteirar de que teve um horrível acidente onde resultou gravemente queimada. Não têm esperanças de que sobreviva. A enfermeira com a que falei disse que o menino tinha nascido morto. Não acredito que nenhuma outra perda desta guerra me tenha ferido tanto como esta. Fiz que a trasladem aos Estados Unidos para que possa morrer em casa.

Jocelyn leu os parágrafos três vezes antes de levantar a vista para o Luke e o doutor Dave.

—Um bebê...? —murmurou. E as lágrimas afluíram a seus olhos sem poder as conter—. Essa pobre mulher perdeu mais do que jamais pensei.

—Não —disse o doutor Dave tomando as mãos do Jocelyn entre as suas—, tem que agradecer-lhe a meu neto. Ele foi o único que suspeitou.

—O que foi o que suspeitou? —perguntou ela enquanto Luke lhe tendia um lenço.

—Que nada era verdade —disse Luke—. Se tivesse conhecido ao tio Alex, teria-o entendido. Dizia que devia ao Edilean Harcourt toda sua vida e queria compensá-la: lhe dar trabalho, deixá-la viver grátis em uma casa. Isso não significava nada para ele; tinha-o feito para várias pessoas que tinham trabalhado para ele toda sua vida.

—Luke... o que está tentando me dizer?

—Com a ajuda do avô, contratei a uma equipe completa de investigadores na Inglaterra e repassamos um montão de arquivos da Segunda guerra mundial.

—Para encontrar onde foi enterrado o bebê? —perguntou Joce, com um fio de voz.

—Sim e não. —sentou-se em uma turca, frente a ela—. Foi o sobrenome Clare o que me pôs sobre a pista. Recordo a passagem em que a senhorita Edi dizia que continuou chamando o David quando todo mundo pensava que ia morrer?

—Sim.

—Ao David Clare.

Joce olhou ao doutor Dave.

—Não o safado. O que é o que me escapa?

—A quem mais conhece que se chame Clare?

—Não conheço ninguém com esse sobrenome.

—Os dois homens ficaram olhando-a.

—Minha mãe se chamava Claire.

O doutor Dave e Luke se sorriram mutuamente.

—Um momento! —disse Joce—. Não estarão tentando me dizer que minha mãe...?

—Era filha do Edilean Harcourt e David Clare. Sim, era-o. Enséñaselo —disse Luke.

O doutor Dave tendeu ao Joce uns gráficos como os que ela tinha visto freqüentemente na televisão, análise de DNA. Olhou-os inexpressiva.

—Perdoa pelo secretismo, mas se o que suspeitávamos tivesse resultado não ser certo, não queríamos que sofresse —disse Dave—. Resultou fácil conseguir teu DNA e não muito difícil conseguir o do Edi. Era muito aficionada a escrever cartas e fechava umedecendo-os com saliva grande número de envelopes.

—A senhorita Edi era minha avó? —perguntou Joce com um débil sussurro.

—Ela não sabia —disse o doutor Dave—. De havê-lo sabido estou seguro de que lhe haveria isso dito. Acredito que Alex se inteirou de que estava grávida, mas ninguém mais o fez. ficou em Londres, onde ninguém a conhecia, e não

teve que responder perguntas incômodas. queimou-se sozinho um par de semanas antes de dar a luz.

—Mas o general disse que o menino tinha nascido morto.

—Figuramo-nos que isso foi o que lhe disseram. Não temos provas escritas, mas parece que Alfred Scovill estava na Europa nessa época, assinando contratos para cascos, e havia uma mulher moribunda que acabava de dar a luz um bebê. Por isso pudemos averiguar, no certidão de nascimento figuram Alfred e Frances Scovill como pais, o que é obvio não era certo, porque sua esposa estava nos Estados Unidos. Mas estávamos em guerra e havia muitos órfãos e muitas tragédias. Ninguém fazia muitas perguntas. Acredito que o senhor Scovill se levou a bebê a casa, aos Estados Unidos. Com sua mulher se mudaram a Boca Camundongo, onde ninguém os conhecia e nunca contaram a ninguém a verdade. Sua única concessão foi chamar à menina Claire pelo que dizia a moribunda.

Quando Jocelyn tentou ficar em pé, fraquejaram-lhe as pernas. Luke a abraçou para sustentá-la e a sujeitou contra si uns minutos. Mas Joce o apartou e o olhou.

—É por isso que disse que talvez me fizesse falta um médico? —Tentava brincar, mas ninguém sorria.

—Está bem? —perguntou-lhe Luke.

—Estou conmocionada, isso é tudo. Como eu gostaria que o tivesse sabido! Eu gostaria de havê-lo sabido eu quando ela estava viva para compartilhar este vínculo!

—Fez-o —disse o doutor Dave, lhe agarrando a mão—. Alex investigou a respeito de sua mãe e a gente que a adotou, e comprou uma casa perto da sua. Montou-o tudo para que ela administrasse a fundação, mas logo começou a perder a memória.

—Pelo Alzheimer —disse Jocelyn.

—Sim, o dispôs tudo através do MAW e inventou aquela historia sobre como tinha conhecido às pessoas que a adotou. Supomos que Alex tinha a intenção de deixar que Edi passasse algum tempo contigo para te conhecer e logo lhe houvesse dito a verdade. Mas Alex...simplesmente o esqueceu.

Luke se aproximou de uma mesa auxiliar e lhe preparou uma taça.

—Acredito que o necessita —lhe disse, olhando a seu avô.

Jocelyn agarrou a taça e tomou um sorvo.

—Intuo que vós dois têm algo mais que me contar. Soltem antes de que me deprima pelo que me contastes já.

—Encontramos à família do David Clare.

Ela olhou aos dois homens. Altos, inclinados sobre ela, olhavam-na como se fora a desabar-se de um momento a outro. Mas suas palavras a fizeram sentir mais longe de desfalecer que qualquer outra coisa que tivessem podido lhe

dizer. Levaria-lhe muito tempo assimilar o fato de que Edi nunca tivesse sabido a relação que as unia, mas a idéia dos familiares era assombrosa.

—Querem dizer que pode que tenha parentes com um quociente intelectual por cima de setenta, que não vivem para me menosprezar e me fazer sentir mau?

—Em realidade, acredito que isso o fazem todos os parentes —disse Luke—. Minhas primos... Ai! —queixou-se quando seu avô lhe golpeou o braço.

—Tem o número de telefone? —perguntou- o doutor Dave ao Luke.

—Pois claro, tenho-o aqui. Acredito que chamarei e logo Joce pode...

Lhe arrancou o papel das mãos.

—É minha família. Chamo eu. —Foi para o grande telefone que havia sobre o escritório do doutor Dave—. Ponho o mãos livres?

Ambos os homens assentiram.

Joce respirou profundamente duas vezes e marcou o número de Nova Iorque. Imediatamente respondeu uma voz masculina.

—Sinto incomodá-lo, senhor, mas estou procurando a qualquer relacionado com um homem chamado David Clare, que morreu durante a Segunda guerra mundial.

—À fala.

Jocelyn olhou aos dois homens encolhendo-se de ombros, perplexa.

—É você parente dele?

—Suponho que sim —disse o homem, rendo.

—Sabe algo do sargento David Clare, que serve com o general Austin, desse David Clare?

—Senhorita, não sei como lhe dizer que eu sou David Clare, e que eu servi com o velho bulldog Austin.

—Você... —disse Jocelyn, mas sua voz se apagou—. Mas se o mataram!

—Deram-me por morto, mas em realidade estive prisioneiro até o final da guerra. Posso-lhe assegurar que estou vivo, não especialmente são, mas vivo.

—Conheceu o Edilean Harcourt?

Houve uma larga pausa.

—Sim. A... mataram em 1944.

—Não, a senhorita Edi morreu o ano passado.

O homem gritou, furioso:

—Isto não me faz graça! Edilean Harcourt morreu em um incêndio quando um jipe explorou.

—Não era ela —disse Jocelyn, ao bordo das lágrimas. Estava realmente falando com o David do Edi... com seu próprio avô?—. Ela sobreviveu, sofreu umas queimaduras terríveis nas pernas, mas sobreviveu. Conheci-a quando tinha dez anos

e foi meu guia, minha mãe de acolhida... Não sei como a chamam vocês. Quando morreu, deixou-me sua antiga casa...

—Edilean Manor —murmurou ele.

—Sim, a senhorita Edi nunca se casou. Passou a maior parte de sua vida viajando pelo mundo com o doutor Brenner, ajudando-o nas catástrofes. Eles... — Joce se interrompeu e olhou ao Luke—. Acredito que está chorando —lhe disse, mas então tampouco ela pôde conter as lágrimas.

Luke lhe tirou o telefone e ouviu um homem que gritava.

—Não sei quem diabos é você para fazer chorar ao tio Dave, mas... por detrás, Luke ouviu:

—Não, não, não. É sobre o Edi; conheciam o Edi.

O zangado jovem deixou de gritar.

—Sabem algo da senhorita Edi?

—ouviu falar dela? —perguntou-lhe Luke.

—Está de brincadeira? Cresci ouvindo esse nome. O amor perdido, a única mulher a que o tio Dave amou sempre. Sabem algo dela, como por exemplo onde está enterrada? Um momento, o tio Dave quer que lhe devolva o telefone.

Luke voltou a pulsar o mãos livres para que todos pudessem ouvir.

—Quem é? —perguntou David Clare.

—Acredito que sou sua neta —disse Joce, antes de romper novamente a chorar.

Então David deu rédea solta a suas lágrimas.

O jovem ficou outra vez ao telefone.

—OH, demônios! O que acontece com todos?

Ao fundo, ouvia-se o David dizendo:

—Vêem aqui, agora, hoje. Quero verte agora mesmo.

O jovem disse:

—Parece ser que quer que venha. Se o fizer, convém que tenha um desfibrilador preparado?

—O vão necessitar os dois... —disse Luke. Depois desconectou ao alto-falante do telefone e lhe contou rapidamente a história de como Edi ficou grávida e deu a luz, mas que ninguém acreditou que fora a viver e um homem chamado Scovill adotou ao bebê.

—Está-me dizendo que o tio David teve um filho?

—Uma filha chamada Claire.

—Claire Clare —disse o jovem, divertido.

—Já vê —disse Luke, olhando ao Joce, que estava soluçando—. Claire Clare. Podemos lhe fazer uma visita? Parece-lhe bem?

—O que me pergunto é por que demônios está ainda ao telefone. Pode tomar um vôo matutino?

—Não sei —disse Luke, olhando ao Joce—. Podemos estar ali amanhã?
Ela assentiu.

—Escuta, uh... —Não sabia como se chamava.

—Eddie —disse ele, e logo fez uma pausa—. Me chamo Edward Harcourt Clare. Sou o pequeno de meus irmãos e lhe deixaram ao tio Dave escolher meu nome. Se tivesse sido uma menina me teria chamado Edilean.

Luke olhou ao Jocelyn.

—Chama-se Edward Harcourt Clare.

Joce ria e chorava ao mesmo tempo.

—De acordo —disse Luke—. me Deixe olhar os vôos e te chamo dentro de uma hora para te dizer quando vamos.

—Quando estiverem aqui não obteremos que parem de chorar —disse Edward e, depois de uma pausa, baixou a voz—. Quero te dizer que o que fazem é fenomenal. O tio Dave foi como um segundo pai para mim e todos meus irmãos. Não posso te contar agora tudo o que tem feito em nossa pequena cidade. Não está bem e não fica muito, mas ver sua própria neta... Bom, obrigado, tudo o que posso dizer é muitíssimas obrigado.

Capítulo 27

Ao final e atrás de muito discutir, David Clare decidiu que era melhor que ele fora ao Edilean em lugar de que eles fossem ver lhe ele.

—Não fica muito tempo e quero ver por fim sua casa —disse.

Pelo visto no passado o tinha proposto numerosas vezes, inclusive uma delas tinha chegado a comprar os bilhetes de avião, mas não se atreveu. Sabia que recordaria ao Edi com muita intensidade e a dor seria major do que poderia suportar.

Luke e Jocelyn passaram dois dias frenéticos preparando a casa. As mulheres da Igreja Baptista do Edilean lhes emprestaram camas, lençóis e inclusive móveis, e a mãe do Luke se encarregou do transporte. Tinha trabalhado para seu pai de modo intermitente a maior parte de sua vida e conhecia o transporte médico. Levaram ao David Clare do aeroporto do Richmond ao Edilean em ambulância. Fez rir durante toda a viagem aos dois enfermeiros de urgências que foram detrás com ele.

—Sua neta é como você —lhe disse Luke—. Conta as piores piadas do mundo à mínima ocasião.

—Vete —disse o doutor Dave—, ou conseguirá que fiquem a chorar outra vez.

O primeiro encontro entre o Joce e seu avô foi tão emotivo que nenhum dos dois pôde dizer uma palavra. Somente se olharam e se agarraram as mãos quando baixaram ao David da ambulância e o entraram no Edilean Manor.

Na sala de estar da planta baixa, onde Joce tinha realizado suas investigações, tinham disposto um dormitório para o sargento Clare. depois de descansar vinte e quatro horas pôde andar com duas fortificações... como fazia Edi ao final. E o primeiro que quis ver foi o lugar onde ela repousava.

—antes de que vamos —disse—. Haverá um sítio junto a ela para mim?

—Sim —lhe disse Jocelyn, enquanto ele se agarrava de seu braço com sua anciã emano.

Todo mundo, quer dizer, todo o povo, maravilhou-se do muito que se pareciam Joce e David. O queixo quadrado com uma covinha, a pele branca e os olhos azul escuro estavam cortados com o mesmo padrão.

—Parece-te mais a mim que ao Edi —dizia David, olhando amorosamente a sua neta—. Por desgraça, não herdaste suas pernas.

—É certo —disse Luke—. De todos os modos, eu gosto mais ossudas.

—Luke! —exclamou Joce, e David se Rio tanto que quase se engasgou.

—É como minha mãe, e a meu pai também gostava assim, tanto que tive oito irmãos e irmãs.

—O leímos —disse Joce com os olhos muito abertos—. Isso significa que tenho primos.

—Centenas deles —disse David.

—Ou seja que tenho mais que ele —disse olhando ao Luke.

—São um verdadeiro matrimônio —disse David.

A lápide da tumba da senhorita Edi era pequena.

—vamos gravar a —disse David. Logo olhou ao Luke—. Arrumado a que você, universitário, sabe onde posso encontrar um escultor.

—Saberei encontrar um.

—Universitário? —disse Joce sorrindo—. Luke trabalha para mim. Não posso lhe pagar, mas é meu jardineiro. Trabalha também para outra gente.

David olhou ao Luke, sacudindo a cabeça.

—Pode que seja velho, mas a cabeça ainda me funciona. Uma de minhas sobrinhas netas fez fila para conseguir teu livro autografado e voltou para casa mais apaixonada por ti que do livro. baixou-se tua foto e a pendurou sobre seu escritório. Quando te vi, reconheci-te imediatamente.

Jocelyn se parou, olhou ao Luke, soltou-se do braço de seu avô e começou a caminhar de volta para a casa.

—OH, OH... —disse David—. coloquei a pata? —voltou-se com ajuda dos fortificações quando Luke foi detrás o Joce.

—É um bastardo! —disse ela, quando a alcançou.

—Não pretendia te mentir, mas...

—por que não? Todo outros o têm feito. É que não fica ninguém honesto no mundo?

—Queria que me visse como sou —disse Luke—. Sinto não te haver dito que sou escritor, e que estava casado, mas o principal interesse do Ingrid por mim eram meus cheques de direitos de autor.

—Todo o povo sabia que estava casado e a que te dedicava mas ninguém me há isso dito.

—Pedi-lhes que não o fizessem.

—Assim de fácil? Simplesmente lhes disse que não mencionassem que escreve e obedeceram?

—Sim —se limitou a responder Luke.

—Bem, é maravilhoso que tenha gente que te quer tanto. A mim pessoalmente, nunca me passou. —dirigiu-se para a casa.

—Sim que a tem —disse Luke—. Eu te quero. Amei-te desde aquela primeira noite quando te derramei a mostarda em cima.

—Isso foi um acidente —disse ela, olhando-o por cima do ombro.

Luke se colocou frente a ela.

—Sim, foi, e eu gostei que fosse honesta e dissesse a verdade ao Ramsey.

—Honestas? Conhece o significado desta palavra?

—Estou-o aprendendo —disse ele—. Mas tive alguns professores que me ensinaram a ocultar a verdade. Você, Ingrid, minha família, Ramsey, inclusive a senhorita Edi.

Edi tentou esquivá-lo, mas ele continuou lhe fechando o passo. Finalmente, ela cruzou os braços sobre o peito.

—De acordo E sobre o que escreve?

—Sobre o Thomas Canon —disse ele.

Joce ficou com a boca aberta. Thomas Canon era o protagonista de uma série de livros muito populares. Estavam ambientados no século dezoito, justo antes da Revolução americana. Thomas tinha estado apaixonado por uma jovem chamada Bathsheba desde que eram meninos, mas seus pais a tinham obrigado a contrair matrimônio com um homem rico ao que não amava. Com o coração quebrado, Thomas passava livro detrás livro viajando pelo país em florações, conhecendo gente e metendo-se em uma confusão atrás de outro.

—Luke Adams —disse Joce, citando o nome do autor.

—Esse sou eu.

—Então a jardinagem...

—Sou botânico, e depois do do Ingrid estava... —encolheu-se de ombros.

—A quem lhe ocorre licenciar-se em botânica? —acrescentou Joce—. Como se pode viver da botânica? Teria que haver... —interrompeu-se, porque ele a atraiu para si e a beijou.

—Jocelyn, te quero. Sinto ter demorado tanto em dizê-lo e te haver oculto tantas coisas, mas tinha que estar seguro. Crie que poderá me perdoar alguma vez?

—Claro que pode! —disse David Clare atrás deles—. Se Edi pôde me perdoar ser um vândalo ignorante, ela pode te perdoar por fingir sê-lo.

Luke e Jocelyn lhe sorriram porque se inteiraram de que, depois da guerra, tinha convertido sua pequena garagem em uma franquía que estava presente em todo o Nordeste. Era multimilionário. E tinha posto a todos seus negócios o nome de seu querido irmão, Bannerman, morto na guerra. A mudança de nome era a causa de que Edi não se inteirou nunca de que seu David seguia com vida.

—Pode me perdoar? —perguntou Luke.

«Como não ia poder?», pensou ela, mas não o ia pôr tão fácil.

—Com uma condição. Tem que me dizer se Thomas Canon conseguirá algum dia a Bathsheba.

—Não, você também não —grunhiu Luke—. Em casa tenho uma caixa enorme cheia de cartas de meus leitores com a mesma ditosa pergunta. Não sei.

—Como que não sabe? Você criou aos personagens e você os controla.

—Algo assim.

—O que quer dizer?

David se estava rendo.

—É melhor que o deixe —disse ao Luke—. Se parece comigo, mas é exatamente igual a Edi.

—Não me pareço em nada a ela —disse Joce.

—É idêntica —disse David—. Te contou aquela vez que...?

—Espera aqui —disse Joce—. vou procurar uma grabadora. A diferença de outros, eu não acredito em meus personagens.

Quando Luke e David ficaram sozinhos, o ancião ainda ria.

—Deixa-o cru, filho.

—Sim, sei —disse Luke sorrindo.

Mais tarde, depois de jantar, quando David já se deitou, Luke e Joce se sentaram na cozinha a falar. Ela seguia um pouco distante por lhe haver oculto sua ocupação, mas Luke a estava ganhando.

—A outra noite minha mãe me contou uma história do mais estranha —lhe disse, e viu que Joce emprestava toda sua atenção à palavra história—. Foi a casa da senhorita Edi uns seis meses antes de sua morte.

—por que? —perguntou Joce.

—Não estou seguro —disse Luke—. Minha mãe nunca foi uma boa mentirosa, mas...

—A diferença de ti.

—Sim —disse Luke com um sorriso—. Disse algo sobre um segredo que necessitava uma reparação.

—Um segredo sobre o que?

—Não sei. Não me quis dizer isso mas suponho que minha mãe sabe por que Alex McDowell se sentiu em dívida com a senhorita Edi toda sua vida.

—Esse segredo? —perguntou Joce—. E sua mãe o conhece?

—Talvez. por que não o pergunta?

—Acredito que o farei.

—De qualquer modo, contou-me que ela e a senhorita Edi falaram muito sobre mim, sobre meus livros, o fracasso de meu matrimônio, o muito tempo que passo a sós com seu mal-humorado sogro. Sabe o que? Aquela vez que me escapuli de casa com o avô para ir pescar, mamãe sabia. Disse que sempre me levei melhor com a gente maior.

—Eu também... —disse Jocelyn—. Meus avós. —Jocelyn se deu conta de que não tinha tido tempo para pensar na gente a que tanto tinha amado e que nunca lhe tinha falado da adoção—. Bom, esses avós. Logo Edi. —Olhou ao Luke—. E o que me diz do Ramsey?

—Todo mundo sabe que ele e Tess...

—Não! Refiro às últimas vontades do Edi. —Joce, surpreendida, levou-se as mãos à cabeça—. Agora o entendo. Edi sabia que eu detesto que me digam com quem devo sair. Apresentou a uns quantos homens agradáveis, mas eu saía com eles odiando-os. Era antipática, não lhes ria as piadas. Algo que fizessem ou dissessem me desagradava... —Olhou de novo ao Luke—. Acredito é possível que Edi me dissesse que Ramsey era o homem que me convinha porque não queria que acabasse com ele.

Luke a olhou surpreso.

—E minha mãe me disse que me mantivera afastado de ti. Sabe que não agüento as proibições.

—Crie que ficaram de acordo? É possível que tenhamos sido manipulados?

Olharam-se.

—Não —disse Luke.

—Muito retorcido.

—Parece-me uma confabulação excessiva...

—Isso.

—Não pode ser —conveio Luke, e logo acrescentou—: Pode ficar com o Ramsey se quiser.

—Não —disse ela sorrindo; tendeu o braço por cima da mesa e pôs sua mão sobre a dele—. decidi que seguirei a tradição de minhas antepassadas e me juntarei com um homem que trabalha com as mãos.

Luke a olhou com o fogo da paixão.

—por que não vem aqui, sinta-se em meu regaço e deixa que te ensine quão bem sei trabalhar com as mãos?

—Sim, por favor —disse Jocelyn, levantando-se, e se tornou em seus braços.

* * *

Título original: Lavender Morning

Tradução: Paula Vicens

1.^a edição: junho 2012

© 2009 by Deveraux, Inc.

© Edições B, S. A., 2012 para o selo Vergara

Consell do Cent 425-427 - 08009 Barcelona (Espanha)

www.edicionesb.com

Depósito Legal: B.19318-2012

ISBN EPUB: 978-84-9019-158-3

1 Home Box Office. Um dos canais de televisão por cabo com mais audiência dos Estados Unidos. (N. da T.)

2 A autora se refere ao estribilho de uma das canções mais populares do Tennessee Ernie Ford: You louvem sixteen tons, what dou you get / Another day older and deeper in debt / Saint Peter dom't you call me 'cause I cão't go / I owe my soul to the company store. (N. da T.)

3 La?BTU?es a abreviatura de uma unidade inglesa de energia: British Thermal Unit. Equivale a 252 calorias e se usa principalmente nos Estados Unidos. (N. da T.)

4 Os Pais Fundadores dos Estados Unidos foram os líderes políticos que assinaram a Declaração de Independência e participaram da revolução ou na redação da Constituição uns anos mais tarde. Entre eles destacam por sua relevância histórica Benjamin Franklin, George Washington, John Adams, Thomas Jefferson, John Jay, James Madison, Thomas Paine e Alexander Hamilton. (N. da T.)

5 As três cabras macho Gruff, é um conto de fadas norueguesa no que três cabras cruzam uma ponte, sob o qual há um aterrorador trol que quer comer-lhe N. da T.)

O aroma da lavanda

JUDE DEVERAUX

~ 2 ~